

LESLEY PEARSE

SENHORA DO MEU DESTINO

Podemos ser
verdadeiramente
livres?

ASA



Ficha Técnica

Título: SENHORA DO MEU DESTINO

Título original: TARA

Autor: Lesley Pearse

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da capa: © Elisabeth Ansley / Trevillion Images

Fotografia da autora: 2014, Charlotte Murphy

Tradução: Ana Saldanha

Revisão: Ana Marta Ramos

ISBN: 9789892354279

Edições ASA II, S.A.

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 1994, Lesley Pearse

© 2022, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.pt

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Agradecimientos](#)

Lesley Pearse
SENHORA
DO MEU DESTINO

Tradução
Ana Saldanha

Em memória de Ralph Pearse, o meu sogro, um dos genuínos cavalheiros da Natureza. Foi Ralph quem me inspirou a usar Chew Magna, no Somerset, como cenário para parte da história. Foi lá que ele nasceu e cresceu, e para todos os que o amavam sempre lá estará.

CAPÍTULO 1

Whitechapel, Londres, 1960

— Diz’ó teu pai que quero a renda esta noite. Se não...!

Anne estacou, com a vergonha a manchar o seu rosto pálido. A sua boca abriu-se como a dos bacalhaus na banca do peixe, os seus braços a aguentarem o peso de dois sacos de rede cheios de carne e vegetais baratos, do fim do dia.

— O meu pai deve-se ter esquecido — murmurou.

Sid Bullock lançou a cabeça para trás e soltou uma risada irónica. A luz dourada dos candeeiros de querosene da banca incidia debaixo do seu queixo, dando-lhe ao rosto comprido e ossudo um ar sinistro.

— Esqueceu-se! — rugiu, fazendo com que as pessoas virassem a cabeça para ver o que se estava a passar. — A única coisa de que o Bill MacDonald se lembra nos dias que correm é como despejar a bebida pelas goelas abaixo!

Whitechapel Road estava sempre movimentada, mas às cinco da tarde de um sábado gélido de janeiro ostentava um ar maníaco, desesperado. Nas bancas, os vendedores ansiosos por se livrarem dos seus produtos perecíveis berravam incentivos para comprar a quem passava. Os autocarros despejavam passageiros, a aumentar ainda mais a já enorme multidão de pessoas às compras de última hora. O fumo dos tubos de escape, acre e a fazer arder a garganta, misturava-se com os cheiros a fruta, carne crua, hambúrgueres e cebolas fritas. No entanto, mesmo por entre todo este ruído e toda esta confusão, o remoque cruel de Bullock conseguiu fazer virar pelo menos uma dúzia de cabeças.

Foi como se tivesse anunciado aquilo na BBC. Quando as bancas estivessem arrumadas e o lixo varrido, seria do domínio comum que os

MacDonalds estavam de novo com problemas.

Em tempos, ela chamava a este homem alto e magricela Tio Sid. Ele dava-lhe batatas fritas de graça da loja e uns tostões para doçarias como se fosse um seu parente. Agora, só falava quando queria atacar o pai dela.

– Eu lembro-lhe mal ele chegue a casa. – Anne queria poder desaparecer por entre o varão com vestidos que estava por trás dela.

– Vá lá, Sid! Não tens vergonha nessa cara de pegar com uma miúda? – A voz rosnada de George precedeu o seu rosto vermelhusco e o seu corpo gorducho quando ele irrompeu por entre um varão cheio de casacos. – Se tens alguma desavença com o MacDonald, trata disso com ele, não com a Annie.

Ela andava nos doze anos, a caminho dos treze, uma garota magricela com um casaco verde no fio que já há muito não lhe servia. O seu cabelo de um louro arruivado pendia-lhe em tranças, os seus olhos enormes cor de âmbar encheram-se de lágrimas e os seus lábios estavam gretados por causa do vento cortante, uma ferida vermelha a riscar um rosto branco e tenso.

Sid compreendeu a ameaça velada por trás daquelas palavras joviais e recuou.

– Diz-lhe que a quero antes que ele dê cabo do dinheiro esta noite – atirou-lhe por cima do ombro, e esgueirou-se por entre a multidão.

– O raio do fuinha! – George passou um braço à volta dos ombros de Anne e puxou-a para o seu casaco grosso de pele de carneiro. – Tem demasiado medo p’ra s’amandar ‘ó teu pai, mas não se importa de atacar uma miúda!

Anne não se via como uma miúda. A sua infância fora pelo cano abaixo mal se apercebera de que o seu pai era um bêbedo que batia na mulher, um gatuno e um patife. Mas apreciava que George a tivesse defendido.

– Tens as compras todas? – George inclinou-se, envolvendo-a no seu odor reconfortante de charutos King George, sanduíches de *bacon* e um ténue cheiro a *brandy*. Tomou as suas mãos frias entre as dele e esfregou-lhas. – Precisas de ajuda nalguma coisa?

Anne adorava George, não só pela sua bondade e generosidade, mas também pelo seu aspeto extravagante. Com a sua cabeça calva, o seu nariz bulboso da cor de vinho do Porto e a sua barriga a tremelicar, parecia cómico mesmo com roupas convencionais, mas ele nunca fazia nada pela metade. Um gorro de peles à moda russa, um vislumbre de um colete de brocado por baixo do casaco de pele de carneiro e um laço vermelho e amarelo às bolinhas constituíam a sua usual indumentária de trabalho.

George Collins era o homem mais destacado no mercado; cheio de lábia, era capaz de vender qualquer coisa a qualquer pessoa e mantê-la entretida enquanto, encantada, lhe passava para as mãos o seu dinheiro. Mágico de primeira, malabarista e palhaço, conseguia atirar pratos para o ar e de alguma maneira fazer com que aterrassem ordenadamente em cestos forrados a palha sem partir um só. Era capaz de encontrar uma moeda por trás da orelha de uma criança, cantar uma canção, dançar o sapateado, insultar a sua assistência e depois, daí a dois minutos, fazê-la chorar a rir. Mas George não era simplesmente um vendedor exímio. Polvilhava a vida das pessoas com pó de ouro, levantava-lhes o ânimo e aquecia-lhes o coração, e Anne desejara mais do que uma vez que ele fosse seu pai, não um mero tio emprestado.

*

– Já tenho tudo. – Gostaria de ficar no círculo dos seus braços, mas recordou-se de que a mãe e Paul estavam à espera. – É melhor eu ir indo, Tio George, a minha mãe não está lá muito bem.

– ‘Inda aquela tosse? – Não havia sinal de troça agora, só preocupação nos seus olhos azul-aguados.

Anne acenou com a cabeça.

– Não está a melhorar, e ela também está muito magra.

George deu uma palmadinha no ombro de Anne e pigarreou como se houvesse alguma coisa que quisesse dizer, mas não pudesse.

– Vai p’ra casa, minha doçura, faz-lhe sumo de limão com mel e deita um cheirinho do uísque do teu papá.

Anne olhou por cima do ombro quando chegou à última banca do mercado e passou as compras para uma mão. Ergueu a outra num aceno e depois soprou-lhe um beijo antes de se esgueirar na escuridão.

Foi o beijo soprado que fez George sentir uns picos nos olhos. De algum modo, resumia a relação entre eles, o afeto entre os dois e a necessidade de o manter oculto.

Anne não era bonita. A combinação de cabelo louro arruivado, pele branca e enormes olhos cor de âmbar era suficientemente fascinante para atrair olhares, mas as suas roupas andrajosas e o ar de desleixo óbvio eram o que a maior parte das pessoas via – uma saia azul-marinho do uniforme da escola a passar por baixo do casaco, meias cinzentas enrodilhadas à volta de uns tornozelos magros como palitos, e frieiras nos pulsos e nos joelhos à mostra.

No entanto, George conseguia ver para além do ar desajeitado de pré-adolescente o que ela poderia vir a ser. Aqueles olhos como seixos polidos continham um anseio por uma vida melhor. Agora, a sua boca rasgada era demasiado grande no seu rosto pálido e tenso, mas daí a uns dois ou três anos poderia contar uma história diferente!

George virou-se para a sua banca, onde estavam empilhados louças e adornos, subitamente enregelado ao vislumbrar o futuro. Reparou na imundície no chão, nas roupas baratas espalhafatosas à venda e no fedor a pobreza no ar.

Devia ter sido mais insistente com Amy MacDonald há aqueles anos todos. Porque é que não a convencera de que um padrasto seria melhor para Anne e Paul do que o seu pai biológico? Não se resumia tudo a cobardia, bem feitas as contas, fossem quais fossem as desculpas que ele dera a si mesmo na altura?

Bill MacDonald esmagara Amy tal e qual estas folhas de couve na lama da rua. Transformara Paul numa sombra amedrontada, e quem poderia culpar Anne se ela se tornasse mulher com a ideia de que todos os homens eram uns bêbedos agressivos? Agora, estava a fermentar uma tragédia na família, e ele já não podia aproximar-se o suficiente para a evitar.

Duas raparigas com lenços na cabeça a cobrirem-lhes os rolos estavam a ver o seu caixote de copos, a tagarelar e a rir sobre uma festa planeada para mais tarde. Do outro lado da coxia, estavam três *Teddy boys* parados na banca dos discos. Acenavam com as suas cabeças oleosas ao ritmo de *Jail House Rock*, batiam com a ponta dos seus sapatos de camurça com solas de borracha e davam longas passas no cigarro enquanto miravam as clientes de George.

– Taças de champanhe, é isso, meninas? – George recuperou a sua compostura. – Convidem-me e eu asseguro-me de que a vossa festa é um sucesso!

– É velho de mais para nós, Georgie Porgie. – A morena mais pequena fez-lhe uma festa debaixo do queixo. – Mas pode-nos mandar o seu ‘Arry!

*

Anne reparou no ambiente de expectativa quando se dirigia para casa ao longo da Whitechapel Road. A noite de sábado era sempre especial, havia uma excitação no ar, uma sensação de que o lado mais sombrio da vida no East End de Londres ficaria em suspenso por algumas horas.

Viam-se raparigas a sair de salões de cabeleireiro com sacos de lojas de roupa na mão, cabelo fixado com laca para o baile dessa noite. As mulheres jovens com carrinhos de bebé carregados, as mais velhas a cambalearem com o peso das compras para a família, todas pareciam menos desanimadas do que o costume. Os homens estavam a vir para casa do trabalho, com o rosto enfarruscado bem-disposto perante a perspectiva da noite de sábado no *pub* e um dia livre no domingo. Homens novos corriam atrás de autocarros apinhados e atreviam-se a saltar para a plataforma aberta na parte de trás, com o cigarro a pender descontraidamente dos lábios, enquanto pensavam se nessa noite poderiam conhecer a rapariga dos seus sonhos.

Até mesmo o London Hospital, do outro lado da rua, parecia estar à espera do influxo de acidentados nessa noite. Todas as suas muitas janelas enviavam um feixe de luz de boas-vindas para a escuridão. Daí a pouco tempo, o mercado estaria desmontado, os candeeiros a petróleo tirados dos seus ganchos. Viria um homem varrer os tomates esmagados, as folhas de couve e as pratas das doçarias. Embora Whitechapel tivesse a fuligem demasiado entranhada e fosse demasiado degradada para alguma vez ser considerada uma zona bonita, quando estava iluminada pelos faróis dos carros e pelas montras das lojas havia nela uma excitação nua e crua que Anne adorava.

Shakin' all over, de Johnny Kidd and the Pirates, ouviu-se alto e bom som de uma porta de um café quando uma rapariga saiu, com a sua saia vermelha rodada a rodopiar sobre uma nuvem de saíotes de rede.

– Vemo-nos no Empire – berrou para dentro do café, e a seguir, pondo um

lenço sobre o seu penteado tufado, dirigiu-se a custo, com os seus sapatos de salto de dez centímetros, para a paragem do autocarro.

Anne parou por um momento, a fingir que endireitava as alças dos seus sacos das compras, para poder espreitar pela montra embaciada.

Uns *Teddy boys* com casacos de três quartos estavam a jogar nas máquinas de *flippers*, e umas raparigas só um par de anos mais velhas do que ela bebiam café e namoriscavam com eles. Anne reparou nas suas saias travadas, camisolas justas e rostos cuidadosamente maquilhados, e sentiu uma pontada de inveja da sua alegria, liberdade e consciência de quem e o que eram.

Ela não era uma criança. Como poderia sê-lo, quando já sabia que o romantismo e os casamentos felizes para sempre só existiam em filmes? No entanto, também não conseguia pensar em si mesma como uma adulta, não quando não era capaz de encontrar uma maneira de proteger a sua mãe e o seu irmão.

A sensação de isolamento era maior a cada semana que passava. A dependência que a mãe e Paul tinham dela aumentava de cada vez que o pai lhes batia. Ela não tinha amigas, a escola só servia para se expor ao ridículo por causa das suas roupas andrajosas. Agora, até mesmo ir às compras implicava sujeitar-se a preconceitos e hostilidade.

*

Puxou mais para os ombros os dois sacos das compras para passar a toda a pressa pela loja de peixe frito com batatas fritas de Sid. Uma luz dourada derramava-se para o passeio, acompanhada por uns aromas tentadores que faziam o seu estômago contrair-se com fome. O chão de ladrilhos pretos e brancos, a fritadeira de aço brilhante, até mesmo os frascos de cebolas em

picles e as garrafas de refrigerantes dispostos em filas ordenadas evocavam vivamente aquilo a que a sua mãe chamava «de primeira».

Quando abrisse a porta ao lado da loja, o fedor a fritos e a mofo iria envolvê-la e tirar-lhe o apetite. Se os clientes de Sid sentissem este cheiro, se vissem a imundície na sua cozinha ou os caixotes do lixo cheios de larvas no pátio nas traseiras, não se sentiriam tão entusiasmados com o cação que ele servia.

Anne desandou a chave na fechadura e entrou rapidamente. Não acendeu a luz, porque era preferível não ver as escadas de madeira nuas, o papel de parede manchado e esfolado pelos ombros do seu pai. Os salpicos de sangue seco aqui e ali testemunhavam o seu temperamento explosivo, o desleixo provava o pouco valor que ele dava à sua família.

A luz do patamar acendeu-se quando Anne chegou a meio das escadas e a sua mãe olhou ansiosamente para baixo.

– Conseguiu arranjar tudo?

A voz de Amy era tão franzina e delicada quanto ela. Vistas à distância, mãe e filha poderiam ser irmãs só com um ou dois anos de diferença. Tinham a mesma estatura delgada, a mesma altura e as mesmas feições finas, embora o cabelo de Amy fosse de um louro puro em comparação com o ouro avermelhado do de Anne. Ao perto, porém, revelavam-se os estragos não só do tempo, mas também das provações e deceções.

As cores da pele, do cabelo e dos olhos de Anne atraíam o olhar, e havia uma audácia na sua postura e na sua expressão que não podia ter vindo da mãe. Os olhos azul-claros de Amy pareciam refletir os seus sentimentos de impotência, e o rosto tenso, ombros descaídos e cabelo sem lustro não só

denunciavam falta de saúde, mas também uma mulher que desistira de se considerar importante.

Anne mal sentia os dedos dos pés e das mãos, e os seus lábios estavam gretados por causa do vento cortante, mas conseguiu esboçar um sorriso animado para assegurar à sua mãe que não se importara de ir aproveitar os restos à hora do fecho do mercado.

– Consegui meia pá de borrego, algum *bacon*, salsichas e os vegetais todos. A Queenie também nos deu algumas bananas, disse para as pormos em leite-creme imediatamente.

Amy estendeu as mãos para pegar nos sacos, mas estremeceu com o esforço.

– Não vale a pena, Mãezinha. – Anne rejeitou a sua ajuda e subiu rapidamente os últimos degraus. – Sente-se e descanse. Eu faço o jantar.

Anne aprendera com a sua mãe a tirar o melhor partido das coisas. Porém, ao contrário dela, dominava-a um ressentimento por haver essa necessidade.

Não se sentia revoltada por serem pobres ou viverem em três pequenas divisões sem casa de banho – conhecia bastantes outras famílias em condições muito piores. O que realmente a magoava era saber que o seu pai era responsável por os envergonhar.

Beber, jogar, até mesmo roubar poderia ser perdoado se ele fosse um homem carinhoso e bem-disposto quando estava em casa. Mas Bill MacDonald estava a matar lentamente a sua mãe e o seu irmão Paul e não havia nada que ela pudesse fazer para o evitar.

– És um amorzinho. – Amy passou a mão numa carícia sobre a face fria da sua filha enquanto Anne tirava as compras dos sacos e as pousava em cima da mesa. – Quem me dera não ter de depender tanto de ti.

– Ela esteve outra vez doente com a tosse!

Anne virou-se ao ouvir a voz estridente do seu irmão. Ele estava sentado na beira de uma cadeira, como um coelho atento a possíveis predadores. Tinha oito anos, mas era tão pequeno e magro que mais parecia ter cinco, com grandes olhos escuros desesperados que fizeram o estômago de Anne dar uma volta com a ansiedade e o afeto por ele.

– Tem de ir ao médico outra vez. – Anne passou a mão pelo cabelo fraco da sua mãe, a reconfortá-la. – Quer uma aspirina?

– Não, tomei um pouco mais daquele xarope para a tosse. – Amy agarrou a mão da filha e encostou-a à sua face ossuda. – Não é nada, meu amor, não te preocupes tanto.

Anne sabia que havia muito com que se preocupar. A sua mãe só tinha trinta anos, mas parecia ter quase cinquenta. Na prateleira por cima do fogão de sala havia uma fotografia tirada no dia do seu casamento que mostrava uma beldade curvilínea e com faces rechonchudas, cabelo brilhante e olhos cintilantes. Agora estava tão magra que as suas costelas se destacavam através da velha camisola azul. Abraçá-la era sentir um saco de ossos.

As sovas sem conta tinham deixado a sua pele amarela com equimoses, dois dentes partidos e uma cicatriz permanente acima do olho direito, que abria com cada murro sucessivo. A tosse convulsiva que tinha agora estava a enfraquecê-la mais a cada dia que passava. Anne sabia que ela se levantava durante a noite por receio de acordar o marido. Por vezes, não conseguia comer mais do que um par de colheradas sem vomitar. O pior, contudo, era ouvi-la chorar de desespero.

– Está frio aqui. – Anne tremia enquanto descascava batatas à pressa, com um olho no relógio a prever a chegada do seu pai.

Uma pessoa delicada que visitasse o apartamento descrevê-lo-ia como acolhedor, mas uma divisão que tinha de servir para quatro pessoas como cozinha, sala de jantar e de estar só podia considerar-se demasiado pequena. Amy tentava compensar a falta de espaço arrumando, limpando e puxando o lustro constantemente, e camuflava os trastes velhos com os seus bordados maravilhosos.

A mesa feia estava escondida sob uma toalha bordada com papoilas e centáureas-azuis. Nos sofás castanhos ostentavam-se encostos de renda e almofadas de cetim com folhos que não destoariam numa montra de uma loja em Mayfair. Até mesmo a hediondez do fogão de sala com a sua imitação de mármore estava atenuada por um pano vermelho recortado ao longo da prateleira.

Durante os longos serões de inverno, Amy ensinava a Anne estes trabalhos manuais. Estava uma blusa de um amarelo-limão pálido nas costas do sofá, à espera do momento em que elas pudessem fazer as casas dos botões juntas.

Contudo, por muito que Amy se esforçasse por tornar a casa acolhedora, não havia nada que pudesse fazer quanto ao ruído. Da frente vinha constantemente o rugido do trânsito, das traseiras o ribombar do metropolitano. As vidraças ficavam incrustadas com fuligem e sujidade horas depois de serem limpas, um pó preto insinuava-se na casa como uma doença insidiosa.

– O lume parece que não quer pegar hoje. – Amy estendeu a mão para o atizador e remexeu-o debilmente. – Talvez esteja com muita cinza, não tive forças para o limpar em condições hoje de manhã.

– Eu vou pôr as batatas a cozer e depois trato disso. – Anne lançou um olhar à mãe e ao irmão. A ansiedade chispava entre eles; Amy preocupada

com o estado de espírito com que o seu marido chegaria a casa, Paul a receber a mensagem como se fosse um rádio, a sintonizá-lo para terror.

Anne compreendera há algum tempo que era este ambiente que levava Bill MacDonald à violência, um círculo que nenhum deles conseguia quebrar. Bill escapava para o *pub* porque sentia o medo deles. Mais tarde, encharcado em cerveja e com metade do salário gasto, desatinava, muitas vezes magoando-os tanto que se sentia compelido a correr para fora de casa outra vez.

Ela tinha algumas boas recordações do seu pai. Um dia em Southend, um piquenique na floresta de Epping e passeios junto às docas, quando ele lhe dava a mão e tentava explicar o que correra mal. Poucas pessoas se recordavam agora de que ele fora um herói durante a Guerra. As suas medalhas estavam tão manchadas como a sua reputação, os recortes de jornais tão envelhecidos e amarelados como a pele de Amy.

Só restavam imagens hediondas, a polícia a correr pelas escadas acima, a tirarem-na a ela e a Paul da cama para procurarem bens roubados. Bill deitado lá em baixo no hall numa poça do seu próprio vômito e da sua própria urina, demasiado bêbedo para sequer ir até à latrina a uns passos dali. Paul despido, atado ao corrimão, e Bill a bater-lhe com o cinto só por ele ter feito xixi na cama. Tantas vezes que ele espancara a mãe até ela perder os sentidos – costelas partidas, olhos pisados, equimoses, cortes e até queimaduras.

– Ponho a mesa? – A voz estridente de Paul interrompeu o devaneio de Anne.

Tudo em Paul era aguçado. As suas feições miúdas, as orelhas espetadas como abanadores, até mesmo a voz, guinchada e aguda. Herdara o cabelo e os olhos escuros do pai, mas não a sua estatura forte e altura. Paul MacDonald era um ratinho humano, constantemente alerta a problemas.

Se gostasse de futebol, de nadar, de carros ou até mesmo de andar pelas ruas com outros garotos, talvez Bill o tivesse deixado em paz. Mas Paul andava sempre agarrado às saias da mãe e da irmã, e preferia livros a pessoas. Neste momento, os seus olhos escuros aveludados estavam a pedir a garantia de não ser agredido nessa noite, mas ninguém lhe podia dar.

– Pomo-la os dois – sugeriu Anne, dando-lhe um abraço rápido. – Não fiques assim, Paul, se o pai estiver maldisposto vamos para o quarto até ele sair.

De todas as coisas que Anne odiava no seu pai, a atitude dele para com Paul era a única para a qual não conseguia arranjar desculpas. Implicar com uma criança, ridicularizá-la continuamente e encontrar-lhe defeitos até ela gaguejar, fazer xixi na cama e ter pesadelos, depois bater-lhe também por isso – era uma barbaridade.

Anne tinha a sua própria maneira de escapar. Recortava rostos de modelos e atrizes de revistas e depois desenhava roupas para elas. Com um lápis de cor na mão, conseguia mergulhar em sonhos luxuosos que escondiam a fealdade do seu mundo. O pobre do Paul não tinha um esconderijo como esse.

Eram seis e meia quando ouviram os passos de Bill nas escadas. Paul correu para o seu lugar à mesa, Amy aproximou-se rapidamente do fogão para verter o molho para um jarro.

Anne acrescentou mais carvão ao lume e, deixando o atizador como alavanca para trazer mais ar de baixo, endireitou-se, limpando as mãos sujas de fuligem à saia.

– Olá, Paizinho. – Deu um passo na direção dele para pegar no seu casacão, afivelando um sorriso falso de boas-vindas. – O jantar está pronto, deve estar

enregelado.

Bill MacDonald era descrito pela maioria das pessoas como «um diabo bem parecido», embora a bebida e a perda de autorrespeito lhe tivessem estragado o rosto que em tempos fora comparado ao de Clark Gable.

Quando Amy o conheceu, em 1945, ele estava de uniforme, acabado de regressar do Extremo Oriente. O seu cabelo preto brilhava como a asa de um corvo, um sorriso rasgado revelava dentes perfeitos, os seus olhos eram de um castanho de derreter o coração, e o seu corpo, duro como o aço.

Agora faltavam-lhe dentes, a barriga pendia-lhe sobre o cinto e uma expressão carrancuda era mais comum do que um sorriso. Apesar de tudo isso, ainda tinha algo que os homens invejavam e as mulheres desejavam.

Anne não viu nada no seu rosto nessa noite para se sentir alarmada. Não estava carrancudo, não cheirava a álcool, de facto só parecia enregelado e um pouco cansado.

Pendurou o casaco do pai no patamar e pediu interiormente à mãe que não mencionasse a lama nas botas dele. Dantes, ele costumava deixá-las junto à porta da rua e subir as escadas de meias, mas também costumava lavar-se e mudar de roupa antes de jantar nesses tempos.

– O que é que se passa? – perguntou ele, franzindo a testa ao olhar para o outro lado da pequena divisão e ver Paul de cabeça baixa sobre a mesa, e a sua mulher aparentemente embrenhada na tarefa de encher o saleiro. – Morreu alguém?

Aquela corrente de ansiedade crepitava, e Anne sentiu o coração cair-lhe aos pés.

– A Mãezinha esteve outra vez mal hoje. – Pousou a mão no seu antebraço forte. – Acho que o Paul também apanhou qualquer coisa.

– Oh, merda – exclamou ele, esfregando com a sua mão imunda a barba, por fazer há vários dias. – Há sempre alguma coisa mal com eles. O que é o jantar?

Amy virou-se para o olhar de frente, a esforçar-se por fazer um sorriso débil.

– Salsichas – disse em voz arquejante, e teve imediatamente um acesso de tosse.

Bill sentou-se à mesa enquanto a sua mulher tentava controlar a tosse. Beber água pareceu agravá-la ainda mais. Finalmente, com lágrimas a assomarem-lhe aos olhos, saiu a correr da divisão com um lenço a cobrir a boca.

Ele não mostrou preocupação, limitando-se a baixar os suspensórios e a desapertar o botão do colarinho da sua camisa de flanela aos quadrados. Um cheiro a suor requentado espalhou-se no ar quando ele estendeu a mão suja para uma fatia de pão.

Anne queria aproveitar aquela oportunidade para insistir que o pai levasse a mãe ao médico, mas a sua expressão sombria deteve-a. Em vez disso, serviu-lhe uma chávena de chá e a comida e tentou distraí-lo.

– Houve cá uma cena no mercado hoje à tarde! – disse com uma risadinha nervosa. – Um rapaz qualquer atirou um tomate a Mr. Singh, e ele correu atrás dele pela rua abaixo. Enquanto isso, a Queenie tirou-lhe o saco do dinheiro de debaixo do balcão para lhe pregar uma partida. Quando ele voltou e descobriu que o saco tinha desaparecido, quase teve um ataque de coração.

O mercado era o elemento central de Whitechapel. Personagens como George com o seu gorro russo, Mr. Singh com o seu turbante, e a loura voluptuosa Queenie na banca dos frutos e vegetais eram tão caras aos

residentes da zona como os *pubs* cheios de fumo e os representantes da organização de caridade Pearly King and Queen.

Anne embelezou a história com uma imitação de Mr. Singh a pôr as mãos sobre o coração e da sua pronúncia indiana.

– Oh, valha-me Deus. O que hei de fazer? Estes rapazes são muito maus.

Bill sorriu, mas o sorriso desvaneceu-se quando viu o filho a olhá-lo fixamente.

– P’ra que é que ‘tás a olhar? Tenho um macaco pendurado do nariz?

Paul piscou os olhos várias vezes e debruçou-se sobre o prato. Da latrina lá em baixo, ouviam Amy tossir com força e depois um arranco violento.

– É mesmo do que um homem precisa quando teve o dia todo c’os tomates gelados – explodiu Bill, afastando o prato. – Esta casa é com’ó raio dum jardim zoológico. Um zombie idiota a olhar p’ra mim fixamente e a mulher a vomitar.

Paul começou a tremer com medo e ao espetar o garfo na salsicha ela saltou do prato para a toalha, salpicando-a com o molho.

Anne deixou tombar a faca e o garfo quando o pai se levantou de um salto, de mão erguida, mas, antes de ela ter tempo de intervir, já ele pregara um murro na cabeça de Paul com tanta força que ele caiu de lado para o chão.

– Seu animal dum raio – berrou ele e pegando no prato de Paul atirou o jantar por cima dele. – Se te portas como a porra dum animal, podes comer como tal.

O prato escorregou do ombro de Paul e partiu-se em pedaços no chão.

– Não, por favor, Paizinho. – Anne estendeu a mão e agarrou o braço do pai. – Ele não conseguiu evitar!

O temperamento de Bill MacDonald era instável. Por vezes, bastava uma chávena de chá ou uma piada para o acalmar. Desta vez, porém, os seus olhos castanhos estavam cheios de animosidade e os seus lábios arreganharam-se a mostrar a falta de dentes.

– Ele não consegue evitar nada, esse é qu’ é o problema. – Bill afastou-lhe a mão com uma palmada. – O rapaz tem um parafuso a menos.

Paul agravou a situação ao não se levantar do chão. Enroscou-se por entre a comida, a gemer, e, para sua consternação, Anne viu uma mancha húmida a alastrar pelas suas calças. Antes que tivesse tempo de dar uns passos para ocultar aquilo do pai, Bill já estava em cima dele. Agarrou Paul pela gola da camisola e pregou-lhe um pontapé que o projetou para o outro lado da divisão e o fez bater com força contra o fogão.

– Seu cabrãozinho imundo – berrou. – Tenho o sítio perfeito para um verme merdoso como tu!

– Não, Paizinho – gritou Anne, escudando o irmão com o seu corpo. Bill já ameaçara várias vezes fechar Paul no barraco do carvão no pátio e esta noite, de algum modo, ela sabia que ele tencionava fazê-lo.

– Sai-me da frente. – Agarrou Anne pelos ombros e atirou-a para cima do sofá.

– Não te atrevas a tocar-lhe!

Tanto Anne como Bill se viraram ao ouvirem a voz baixa, mas firme. Amy estava à porta, com o rosto branco e a tremer.

– Se puseres um dedo nele, é a última gota! – Mesmo zangada, Amy não guinchava nem berrava, mas as suas palavras eram um aviso suficientemente claro.

– E o qu’ é que tu vais fazer quanto a isso? – Bill semicerrou os olhos.

O ar da divisão estava ainda com fumo da fritura das salsichas e empestado com o cheiro a cebolas fritas, mas mesmo assim Anne sentiu o cheiro do medo, seu, de Paul e da sua mãe.

Nesse segundo, enquanto Bill esperava pela resposta da sua mulher, Anne reparou no globo de vidro do candeeiro a estremecer nas suas correntes acima da cabeça dela, e lembrou-se mais uma vez de como a sua mãe era frágil.

– Já aguentei tanto quanto estava disposta a aguentar. Se fizeres mal aos meus filhos, chamo a polícia. – O instinto maternal de Amy era mais forte do que o seu medo.

– Os *teus* filhos! – Bill aproximou-se dela. Anne só conseguiu olhar para aquilo com horror enquanto se levantava a toda a pressa do sofá. – Eu sempre soube que aquele verme não era meu, mas estás a dizer que a Anne também não me pertence?

– Quem me dera poder dizer isso. – Amy espetou o queixo em desafio. – Porque me envergonho de ti.

Em muitas ocasiões, Anne desejara que a mãe fizesse frente ao pai, mas sabia com uma certeza absoluta que esta era a errada.

Bill baixou a cabeça e arremeteu na direção de Amy como um touro, dando-lhe um murro no estômago com o punho direito e com o esquerdo a ribombar no maxilar dela. O seu ataque foi demasiado rápido para ser possível impedi-lo. Ainda antes de Anne conseguir chegar junto ao pai, já ele estava a espancar a mãe num frenesim.

– Não, não! – Anne puxou-lhe os suspensórios por trás, mas ele estava a desfechar murros na mãe como se ela fosse um saco de pancada. Por um momento, Anne deixou-se ficar, impotente. O pai estava a bloquear a porta e os punhos dela por si só não teriam nenhum impacto no seu corpo duro. Em

desespero, varreu a divisão com os olhos à procura de uma arma. Estendeu a mão para um candelabro de latão que estava em cima da prateleira do fogão de sala, mas, quando estava a pôr os dedos à volta dele, viu o atizador ainda espetado por baixo dos carvões em brasa e ouviu o pai a dar murros à mãe outra vez.

– Sua galdéria! – rosnou ele, erguendo Amy por um ombro e enfiando-lhe o punho no rosto. – ‘Tou farto da tua cena de mártir de falinhas mansas. Eu sei o que tu és realmente.

De súbito, não havia alternativa. Anne agarrou o atizador e tirou-o do lume. A ponta brilhava vermelha e até a pega estava tão quente que ela mal conseguia segurá-la.

– Deixe-a em paz, seu sacana – berrou, e arremeteu com o atizador, desferindo-o contra as costas do seu pai.

O grito de dor dele fê-la dar um salto para trás, mas, quando ele se virou para ela, voltou a arremeter com o atizador.

– Eu cego-o – disse num tom sibilante. – Ponha-se na rua!

Amy tombou no chão quando Bill a largou. Ele saltava de um pé para o outro, com um esgar de dor, a tentar em vão palpar a carne queimada.

– Agora já sabe a sensação que dá – gritou ela. – Vá lá, tente impedir-me! Eu enfio-lhe isto nos olhos sem pensar duas vezes.

– Pousa isso – berrou ele, mas havia indecisão nos seus olhos.

O atizador quente nas suas mãos dava-lhe uma sensação boa. Bill podia ter um metro e oitenta e quase noventa quilos, mas noventa centímetros de ferro quente tornavam-nos iguais.

– Quero que tente tirar-mo – disse ela por entre os dentes cerrados. – Quero enfiar-lho na cara e marcá-lo para o resto da vida.

Havia mais silêncio agora; até Paul parara de chorar. Lá fora, o trânsito ribombava, batiam portas de carros, uma música ténue vogava da *juke box* do café ao fundo da rua, mas dentro de casa não se ouvia nada a não ser a respiração ofegante do pai e o gotejar da torneira.

– Saia! – Espetou o atizador na direção dele outra vez, mas só tocou na frente da sua camisa, queimando-lhe um pequeno buraco. Odiava o seu rosto vermelhusco e rude, desprezava aquela barriga balofa, e o seu cheiro a suor dava-lhe vontade de vomitar. – Vá mas é para o *pub* e beba até cair para o lado. É só para o que serve.

Ele recuou na direção da porta, passando por Amy, caída como uma boneca de trapos. Anne sabia que o fizera perder a vontade de lutar, pelo menos temporariamente.

– Vá lá, Anne, nós sempre fomos compinchas – disse ele, numa voz arfante e insegura. Tinha aquele ar de imploração e marotice que explicava por que as mulheres ainda o achavam atraente, com os seus olhos castanhos melancólicos e interrogativos.

– Vá. – Agitou de novo o atizador. – Agora.

Quando ele estava a recuar para o patamar, o som de um comboio fez tilintar a janela do quarto. Ela fechou-lhe a porta na cara com um pontapé e encostou-se contra ela.

– Vá lá, ponha-se a andar – berrou através da porta. – Se voltar para cá eu estarei pronta para si.

Aguardou, a tremer tanto que o atizador se agitava para cima e para baixo como a varinha de um vedor. Amy continuava imóvel aos seus pés, com o

sangue a gotejar no tapete puído. Anne sabia que o seu pai estava ainda ali, talvez a sopesar as suas probabilidades de voltar a entrar de roldão. Depois, quando os seus braços começavam a ficar cansados de segurar no atiçador, ouviu-o tirar o casaco do gancho e dirigir-se às escadas.

– Paul, vai à janela! – ordenou. – Diz-me se ele sai!

Contou cada um dos treze degraus, ouviu a porta da rua abrir-se e depois fechar-se com força.

– Ele já saiu?

– Não consigo vê-lo – gemeu Paul.

Bill era suficientemente astucioso para fingir que saíra, e Anne não estava disposta a correr nenhuns riscos. Enchendo-se de coragem, abriu a porta da sala e espreitou para fora.

A lâmpada estava a balouçar na brisa acima das escadas, mas isso não queria dizer nada. Ele podia estar escondido na latrina junto à porta da rua ou até mesmo no pátio das traseiras.

– Consigo vê-lo agora – disse Paul em voz alta. – Vai a descer a rua na direção do Black Bull.

Ainda com o atiçador na mão, ela desceu as escadas a correr e aferrolhou a porta da rua e a que dava para o pátio. Quando voltou para a sala, sentiu que quase já não se segurava nas pernas.

O rosto de Amy era uma massa em carne viva rodeada por cabelo louro ensopado em sangue. Estava desmaiada, uma boneca partida, sem vida. Paul tinha o lábio rachado, um olho inchado e um pedaço de puré de batata agarrado ao cabelo.

– O que é que vamos fazer quando ele voltar esta noite? – A voz de Paul era um guincho de terror.

Anne ajoelhou-se junto à mãe, com o corpo todo a tremer, receando por um momento que estivesse morta. Aquela não fora uma sova comum; o maxilar de Amy estava torcido para um lado, como se estivesse fraturado ou deslocado. O seu braço direito posicionava-se num ângulo pouco natural, mas, quando Anne aproximou a cabeça do peito da sua mãe, ouviu o som ténue do seu coração ainda a bater.

– Tenho de chamar uma ambulância. – Virou-se para Paul, a tentar controlar o seu próprio pânico crescente. – Veste umas calças secas enquanto eu telefono a chamá-la. Não me demoro.

Ao descer as escadas, pensou que uma ambulância só levaria a sua mãe para o hospital do outro lado da rua, e esse seria o primeiro lugar onde o seu pai iria procurá-la. Viria buscá-los, levá-los-ia para casa e continuaria o que começara.

George veio-lhe à ideia. Uma e outra vez oferecera auxílio, e há um mês, quando Amy andava com um olho pisado, dera a Anne o seu número de telefone. Isso significaria que queria realmente ajudar, ou teria sido mera delicadeza?

Não havia tempo para hesitações. Voltou para cima a correr, encontrou o número de George e umas moedas e depois saiu pela porta das traseiras e desceu a travessa até à cabina telefónica na rua ao lado.

*

– Eu vou imediatamente, minha doçura.

Foi tudo o que George disse. Sem hesitação, sem perguntas. Todas aquelas outras pessoas a quem Amy implorara por auxílio no passado, médicos,

assistentes sociais, e até mesmo a polícia, tinham encolhido os ombros e desviado os olhos. No entanto, George, que nem sequer era um parente, disse que viria.

Ela não reconheceu imediatamente o homem alto e moreno com um elegante fato italiano às riscas como sendo o filho de George. Há três anos que não via Harry, e nessa altura ele era um rapaz esgalgado de dezasseis anos com um casaco vermelho demasiado grande para ele e uma terrível quantidade de borbulhas. Este homem que vinha a subir as escadas duas a duas tinha uns olhos azuis brilhantes, maçãs do rosto bem definidas e cabelo preto perfeitamente penteado.

– Não te preocupes, minha doçura. – George abraçou-a por um momento. – Eu e aqui o ‘Arry vamos tirar-vos todos daqui p’ra fora não tarda nada.

Não houve tempo para quaisquer embargos, Harry simplesmente entrou e assumiu o controlo da situação.

– Jesus! – exclamou ao ladear a porta da sala e ver Amy tombada por trás dela. – Que tipo de animal faz isto a uma mulher?

Mais tarde, Anne achou estranho que se recordasse de tantos pormenores sobre Harry nessa noite e praticamente de nada do papel desempenhado por George. O perfume *Old Spice*, os botões de punho como pequenas pistolas e os atacadores de lado nos seus botins bicudos – como pudera reparar em tudo isso quando a sua mãe se encontrava tão gravemente ferida?

O pai de Anne condicionara-a a pensar que os homens não eram capazes de ter outras emoções a não ser raiva, mas Harry, com o seu corte de cabelo à estudante e o seu fato de mohair à moda, tomou Amy ternamente nos braços e os seus olhos azuis brilhantes estavam cheios de compaixão.

– Vou fazer o cabrão pagar por isto – jurou-lhe em voz rouca enquanto olhava para o rosto maltratado de Amy. – Que Deus me ajude, Anne, sou capaz de ir para a forca para não deixar que ele volte a tocar em nenhum de vocês outra vez!

Ocorreu a Anne a caminho do hospital Middlesex que havia uma relação triangular entre George, Harry e Amy sobre a qual ela não sabia nada. Com Paul agarrado a ela no assento da frente, lançou um olhar por cima do ombro a Harry, que estava a segurar Amy no banco de trás, e interrogou-se. Não compreendia aquilo. Harry nem parecia reparar nas manchas de sangue na sua camisa branca e no seu fato caro enquanto tentava proteger a mãe dela de mais solavancos.

Houve bastante tempo para continuar a observar Harry enquanto esperavam no hospital e sentir um certo conforto em recordar que ele fora em tempos um miúdo maltrapilho e magricela como ela. Este era o garoto com o rosto sujo que disparara a sua catapulta contra o traseiro da velha e gorda Mrs. Maloney e a fizera tropeçar e mostrar as suas grandes calças interiores cor-de-rosa. Uma vez entreteve os miúdos na rua a fazer o pino em cima da bicicleta, e era conhecido como o melhor corredor no East End.

Tornara-se um homem bem parecido sem perder as qualidades que tinha em criança. O seu rosto angular, que podia parecer agressivo e inflexível, abria-se num sorriso caloroso sem esforço. Desenvolvera os músculos, mas mantivera intacta aquela agilidade graciosa. Porém, de todas as coisas que Anne encontrou para gostar em Harry, foi a sensibilidade que ele demonstrou a Paul que mais a comoveu. Não só levou Paul para procurarem uma casa de banho, lhe lavou as mãos e o rosto e tirou o puré de batata do cabelo, mas também se sentou com ele ao seu lado, a lerem juntos uma revista num silêncio de camaradagem.

Cada hora parecia uma semana enquanto aguardavam no pequeno cubículo envidraçado que passava por sala de espera. O ar estava carregado de ansiedade, não só a deles, mas também a de um número incontável de parentes tensos que ao longo do tempo tinham gravado permanentemente os seus traseiros nas cadeiras de plástico abauladas, esfolado a alcatifa e deixado manchas de chá na tinta branca das paredes. Ninguém tinha de lembrar que o estado de Amy era grave; o número de médicos e de enfermeiras com um ar sério a entrarem e saírem da enfermaria mais adiante no corredor deixava-o bem claro.

– Não te preocupes, minha florzinha – disse George depois de ouvirem uma das enfermeiras mencionar pneumonia quase casualmente. – Ela vai ficar bem, sei que vai, e o Tio George vai olhar por vocês até a tua mamã ficar melhor.

Anne sabia que George não os abandonaria por vontade própria, mas também sabia que talvez não tivesse outra opção se acontecesse o pior e a sua mãe morresse. George foi chamado várias vezes para lhe fazerem perguntas, tanto pelas enfermeiras como pela polícia. Pelo vidro quadriculado, ela via-o gesticular desvairadamente e em várias ocasiões erguer a voz furioso.

– Não dou ajuda nenhuma para encontrar esse animal. Porqu’é que julgam que eu a trouxe pr’aqui em vez de pr’ó hospital em Whitechapel? – ouviu-o gritar. – Acham realmente que ela ficava reconfortada por ver a cara dele? Sei que é o pai deles, por azar, mas eles já sofreram que chegue!

Há anos que Anne sonhava acordada com a possibilidade de escaparem ao pai. Eram sonhos infantis, tontos, de encontrar uma mala cheia de dinheiro, ou pensamentos maus, como ter a esperança de que Bill fosse atropelado e morresse. Mas nem uma vez imaginara a vida sem a sua mãe.

Havia um cheiro horrível, George disse que era desinfetante, mas parecia meter-se-lhe bem fundo até aos pulmões, de tal maneira que ela sentia o seu cheiro com cada respiração. Havia também ruídos assustadores – sons metálicos, rodas de borracha no chão de linóleo, súbitos gritos de dor e passos apressados.

Paul encostou-se a Harry e por fim deslizou até ficar com a cabeça pousada no joelho dele e o seu pequeno corpo cheio de equimoses enroscado na cadeira. Anne reparou no buraco na sola do seu sapato, nas suas pernas ossudas cobertas com cicatrizes e nódoas negras, e na maneira como estava a ficar com o olho negro onde Bill o atingira. Ao fundo do corredor, um homem berrou.

– Está tudo bem. – George abraçou-a com força. – Não é o Bill, são só os bêbedos de sábado à noite do costume. Ele não vai aparecer aqui, qu’rida, se aparecesse era logo preso, e tu tens de acreditar que estás em segurança comigo e com o ‘Arry.

Por fim, Anne desabafou.

– Ela vai morrer, não vai?

George não respondeu imediatamente, limitando-se a apertá-la ao peito com mais força ainda.

– Ela tem-se conseguido aguentar este tempo todo – disse por fim. – Isso é bom sinal. E não vai querer deixar-vos aos dois.

A pergunta não formulada sobre o futuro dela ficou a pairar na sala de espera juntamente com o fumo de cigarros. Harry estava quase a dormir, mas abriu os olhos e olhou Anne nos olhos.

– Vocês vêm co’a gente p’ra casa aconteça o que acontecer – disse carinhosamente. – Não é grande coisa, Anne, mas nós olhamos por vocês os

dois.

*

Já era de dia quando uma enfermeira entrou na sala de espera. Anne sentiu um nó no estômago de medo e instintivamente tapou as orelhas para não ouvir o que receava que viesse aí.

– Está tudo bem, Anne. – A enfermeira de cabelo escuro ajoelhou-se em frente a ela e tirou-lhe as mãos das orelhas. – A tua Mamã está a recuperar. Tem estado muito mal, mas vai ficar melhor. Podes ir vê-la só um momento, e depois quero que vás para casa dormir um pouco. – Olhou para George e sorriu. – O senhor também, Mr. Collins, não pode olhar por duas crianças se estiver exausto.

*

Anne estava demasiado sonolenta para reparar em grande coisa quando chegaram à casa de George em Bethnal Green. Teve noção de que chegara a Paradise Row, uma banda de casas altas e estreitas recuadas em relação a Cambridge Heath Road cujas traseiras davam para uma linha dos comboios, mas não apreendeu mais pormenores a não ser um súbito calor e muitas escadas. Num momento estava a cambalear, a olhar para um edredão de cetim cor-de-rosa, e no seguinte já estava enfiada na cama ao lado de Paul.

Era a cama de George, ela sentia o cheiro dele nos lençóis, e a última coisa de que se lembrou foi de esperar que Paul não os deixasse ficar mal fazendo xixi na cama.

*

– Bem, minha doçura, como te sentes?

O sol fraco de janeiro jorrava pela janela da sala e iluminava a alcatifa de um cor de laranja vivo com o seu padrão de folhas de outono. Anne só

conseguia fitá-la, com um receio terrível de desatar a chorar.

– Esquisita – segredou. Queria agradecer a George as roupas novas que tinham milagrosamente aparecido junto à cama e a sensação de segurança quando acordou. Mas não conseguia encontrar as palavras adequadas.

Quando as coisas estavam mal em Whitechapel, Anne recorria frequentemente a sonhar acordada como uma forma de se reconfortar. Quando ela e Paul foram acordados por George por volta das duas da tarde, foi como entrar num desses sonhos. O aroma de borrego assado a vir pelas escadas acima, alcatifa fofa por baixo dos seus pés descalços e aquela tensão com que vivera durante tanto tempo a desvanecer-se.

Como poderia explicar a sensação que dava estar numa casa de banho com azulejos azuis e toalhas quentes e macias penduradas num toalheiro aquecido, quando tudo o que ela conhecera alguma vez na vida eram os balneários públicos? Lavar todos os centímetros da sua pele sabendo que o odiado cheiro a peixe frito e batatas fritas ou a mofo ia desaparecer de vez. Ficar deitada submersa na água depois de ter lavado o cabelo a ouvir o eco da torneira a gotejar e a saber que hoje não ouviria o seu pai berrar com Paul, que a sua mãe estava em segurança no hospital.

George poderia alguma vez saber a sensação que dava polvilhar pó de talco sedoso «Soir de Paris» na sua pele? Como é que um viúvo só com um filho soubera comprar-lhe roupa interior branca e macia com enfeites de renda?

Quando vestiu o novo *kilt* Black Watch com uma camisola verde a condizer, apeteceu-lhe dançar de alegria. No entanto, ao mesmo tempo sentia-se culpada. Com certeza era incorreto deleitar-se com tais luxos quando a sua mãe estava tão doente? E não devia ter um pouco mais de orgulho e não aceitar todas estas coisas bonitas tão sofregamente?

Conseguiu fazer um sorriso incerto.

– Eu e o Paul nunca estivemos num sítio tão chique como este, Tio George.

– Chique! – O riso fez a sua barriga estremecer, e ele desabou sobre o sofá coberto com uma pele branca, a acenar com a mão à volta da sala. – Chique, minha doçura? Olha para a desarrumação. É como o raio de um tugúrio!

Paradise Row era uma banda de casas ao estilo georgiano construídas originalmente para a classe média, com quatro andares e uma cave; tendo degenerado no período entre as duas Guerras, quando os negociantes abastados se mudaram para os arredores de Londres e cada divisão se tornou o lar de uma família inteira, mesmo assim as casas mantinham o seu encanto antiquado.

Com uma faixa estreita de relvado entre o passeio e a rua principal movimentada, o antigo gradeamento reposto, os degraus até às portas da rua de novo bem esfregados, os promotores imobiliários, ansiosos por arrasar as casas e construir prédios camarários, estavam a ser impedidos por movimentos a favor da sua conservação.

Anne não sabia nada sobre arquitetura, mas apercebia-se das proporções graciosas da casa. Enorme pelos seus padrões, os tetos altos, as rosas de estuque à volta dos candeeiros nos tetos e a impressão de elegância despertavam a sua imaginação.

Pela alcatifa, as cortinas e o mobiliário novos, conseguia ver o efeito que George estava a tentar obter, mas a casa dele tinha também um ar de desleixo, revelando a ausência de um toque feminino. Havia pilhas de roupa lavada em cima de cadeiras. O motor de um carro estava no chão da sala só com uma folha fina de jornal por baixo a proteger a alcatifa de cores vivas. Os quadros

estavam encostados às paredes e havia por todo o lado caixotes com louça da sua banca no mercado, com a palha a despontar.

A cozinha não brilhava sob uma película de gordura, havia tachos com comida queimada deixados de molho, e o chão já não devia ser lavado há semanas. Mas era encantadora e quente. Havia aquecimento central, o que só as pessoas ricas tinham, e eletrodomésticos fabulosos que ela nunca vira ao perto – uma torradeira e um frigorífico, até mesmo uma máquina de lavar da marca Bendix como as que havia na lavandaria.

– Tinha grandes esperanças quando comprei esta casa há um par de anos. – George sorriu bem-disposto a olhar à volta para a desarrumação. – Eu e o ‘Arry tínhamos planos para transformar isto num palácio, talvez alugar uns quartos. Metemos o aquecimento e fizemos a casa de banho, pintámos tudo, mas faltou-nos o fôlego.

Anne sabia que a esposa de George morrera de tuberculose quando Harry tinha uns dois anos e que ele criara o filho sozinho. Também sabia que trabalhava muitas horas por dia.

– Eu posso limpar-lhe a casa. – Anne sentia-se agora mais audaz e sentou-se ao lado dele. Harry estava na cozinha a tratar do jantar e levava Paul consigo. – Isso pagava a nossa comida?

George pareceu espantado por um momento e depois desatou a rir.

– Tu és uma miúda cismática. O dinheiro não ‘tá em questão quando se trata de velhos amigos. Esta é a tua casa agora, até a tua mamã decidir outra coisa.

– Mas a escola... – protestou ela. – E o Paul faz xixi na cama às vezes, Tio George.

– Nem tu nem ele tão em condições p’ra voltar já para a escola. – George pôs o braço à volta dos ombros dela. – O ‘Arry também costumava fazer xixi na cama, depois de a mãe dele falecer. Eu sei tudo sobre rapazinhos tristes.

Anne sentiu-se como se em toda a sua vida até àquele momento tivesse andado a rastejar por um caminho estreito e escuro ao longo de um precipício. Isolada das outras pessoas, mas consciente de que não tinham o mesmo tipo de vida desgraçada que ela. Agora, no entanto, pela porta aberta da cozinha, ouvia Harry falar com Paul sobre prepararem um dos quartos livres para os dois, e as palavras dele mostraram-lhe um mundo cheio de sol onde ela e o seu irmão teriam uma oportunidade.

– Sei que vais sentir a falta da tua mamã – dizia Harry –, mas eu levo os dois a visitá-la todos os dias, Paul, e entretanto vocês vão ser como o meu mano e a minha mana mais novos e, tipo, dividimos as tarefas todas.

*

Havia muitas coisas que ela queria compreender.

– Porque é que o Harry ficou tão incomodado com o que aconteceu à minha mãe? – perguntou.

– Ela foi muito bondosa p’ra ele quando ele era pequeno. – George sorriu e deu uma palmadinha com a sua mão gorducha no joelho dela. – Vou-te falar sem papas na língua, Anne. Nós os dois víamo-la como mais do que uma cliente. Nada de duvidoso, é bom que se note! Talvez só uma fantasia.

Anne sentiu uma vaga de prazer crescer dentro de si.

– Como eu costumava desejar que o Tio George fosse meu pai?

– Exatamente assim, Anne. – George sorriu-lhe, o seu nariz vermelho bulboso e o seu rosto gordo e bem-disposto subitamente bonitos. – E agora

temos uma oportunidade, não é? Portanto, é melhor a gente dar de comer a vocês os dois e pôr esta casa em ordem para a Amy quando ela tiver alta!

CAPÍTULO 2

O som da campainha acordou Anne. Soergueu-se nos cotovelos no escuro e pôs-se à escuta.

Tinha dificuldade em distinguir o toque do telefone do da campainha da porta da rua, porque ambos eram luxos que só ficara a conhecer depois de vir para a casa de George, mas o som contínuo indicava que devia ser o telefone.

– Isto são horas p’ra telefonar, com um raio? – resmungou George enquanto descia as escadas descalço.

*

George e Harry diziam muitas piadas sobre serem pais de acolhimento, mas Anne sabia que o humor deles se destinava a ocultar o quanto se sentiam nervosos. Não a deixavam a ela nem a Paul sós em casa, nem sequer por um momento, e verificavam quem batia à porta antes de a abrirem. George pensava que ela não reparava no rigor com que aferrolhavam a porta antes de irem para a cama, ou no facto de ele ter tapado a fresta da caixa do correio.

Quando Harry os levava de carro a visitarem a mãe no hospital Middlesex, estava sempre alerta. Eram metidos no carro a toda a pressa, depois de a rua ser inspecionada, as compras eram feitas a milhas de distância, e George estava sempre a dizer-lhes que ainda não tinham recuperado suficientemente as forças para irem para a escola. Mas era a ausência de qualquer menção ao pai de Anne que a convencia de que eles estavam a esconder alguma coisa. Bill MacDonald era um homem de quem se andava sempre a falar, mesmo que só para dizer que estava perdido de bêbedo ou quem agredira. Harry e George sabiam alguma coisa, e não estavam a contá-la!

Apesar desta ansiedade que a preocupava, as três semanas que passaram em Bethnal Green com George foram as mais felizes de que Anne se

recordava na sua curta vida.

Boa comida, calor e o ambiente seguro e calmo eram uma grande parte disso. Não se passava um dia sem que Anne reparasse nas melhorias espantosas em Paul. Engordara, as nódoas negras tinham-se desvanecido, andava menos nervoso, por vezes conseguia até fazer uma pergunta ou um comentário sobre algo por iniciativa própria.

Por muito que a felicidade de Paul lhe agradasse, o que mais encantava Anne era dar subitamente consigo a poder antever o que se passaria. Sempre fora boa nas tarefas domésticas; limpar o fogão, esfregar o chão e limpar o pó eram como uma sua segunda natureza. Mas o desafio de transformar a casa de George num lar apelava ao seu lado criativo.

A mercadoria da banca do mercado estava agora num quarto livre no último andar, o motor do automóvel no pátio das traseiras e as pilhas de camisas engomadas e arrumadas nos armários. Contudo, embora Harry e George se sentissem impressionados com os seus dotes domésticos, elogiavam ainda mais o seu talento no desenho e na costura.

Harry comprou-lhe um estojo de tintas caras e George trazia para casa restos de tecidos e até mesmo uma maravilhosa boneca adolescente com cabelo louro comprido para ela poder fazer-lhe roupas. Sentada à mesa na sala e munida de tesouras, linhas de algodão e pedaços de rendas, ela podia embrenhar-se num mundo de fantasia de alta costura.

Havia ruído aqui como em Whitechapel, trânsito na frente da casa, comboios nas traseiras, mas era moderado, só um zunido confortável em pano de fundo. Para lá das cortinas de renda, ela via as árvores, a faixa de relva onde por vezes se sentavam homens de idade ao sol para conversar. Do outro lado da rua movimentada havia o parque a que George chamava

«Parque Maluco», um nome que lhe advinha de a biblioteca ter sido em tempos um manicómio. A igreja de St John à esquina da Roman Road fazia-a pensar nos palácios que costumava construir para Paul com blocos de construção, uma igreja grande, simples e quadrada, só com uma pequena cúpula em cima para lhe conferir um pouco de dignidade.

– Podias ser estilista – disse Harry um dia ao pegar na sua boneca, agora vestida de noiva. – Aquelas roupas elegantes todas em Regent Street é assim que começam.

O pai de Tara nunca demonstrara nenhum interesse pelo seu passatempo. Mais do que uma vez varrera as suas coisas da mesa e lhe dissera que fizesse algo de útil, como ir buscar o carvão ou preparar-lhe uma sanduíche. Tanto Harry como George adoravam roupas, e aplaudiam as tentativas talentosas de Anne de vestir a sua boneca.

– A tua mamã costumava fazer uns vestidos fabulosos antes de tu seres nascida – disse-lhe George. – Lembro-me de a ver na montra da Modern Modes, lá em cima em Aldgate, logo a seguir ao fim da Guerra. Ela só tinha uns dezasseis anos nessa altura, era tão bonita como uma flor, e estava a vestir um manequim. Era um vestido de cerimónia vermelho, cheio de lantejoulas e coisas; disse-me que era ela que fazia todo o trabalho mais complicado.

– Pois era, ela costumava fazê-lo em casa também – atalhou Harry. – Fui vê-la um dia, quando o teu pai ‘tava dentro. Ela ‘tava a bordar centenas de coisas brilhantes num vestido. Eu nunca tinha visto nada tão lindo.

Anne sabia que a sua mãe era uma costureira de primeira; Amy contava-lhe muitas vezes histórias sobre os seus tempos no ateliê de costura. Mas até

àquele momento Anne nunca pensara que ela própria poderia de facto fazer carreira de algo que adorava.

– Como é que uma pessoa se torna estilista? – perguntou a Harry.

– Não sei ao certo. – Ele sorriu-lhe, com os seus olhos azuis a brilharem. – Acho que é preciso estudar nas Belas Artes ou talvez arranjar um estágio numa das lojas mais chiques. Continua a desenhar e a costurar, Anne, e lembra-te de pensar em grande.

George e Harry pensavam em grande em relação a tudo. Não tinham receio de expandir o seu *stock* com novas linhas na banca do mercado, adoravam desafios, negócios, e viver um pouco à beira do precipício. A vida para eles era uma série de jogos de póquer. Ganhavam alguns, perdiam outros, mas a habilidade e manter a calma asseguravam que a probabilidade estava a seu favor na maior parte das vezes.

Agora, contudo, este misterioso telefonema a meio da noite recordou a Anne que a sua felicidade recentemente encontrada só poderia ser precária enquanto o seu pai andasse à solta.

– Era sobre a minha mãe? – Anne saiu do quarto e acendeu a luz do patamar ao ouvir George voltar a subir as escadas.

George olhou para Anne e sentiu um nó na garganta. Na maior parte do tempo via-a como uma jovem, por causa da sua natureza prática e da sua compostura de adulta, mas agora, com o rosto rosado do sono, o cabelo despenteado, era uma menina pequena.

– Não, não era por causa da tua mamã. – Tentou soar despreocupado e ocultar o seu pânico crescente. – Era só um problema no armazém. Tenho de ir lá agora.

– O que é que aconteceu? – Anne via a tensão no rosto de George e soube que ele estava a esconder alguma coisa. – Quem é que telefonou?

– Pronto, pronto – disse George, e virou-a na direção do seu quarto. – Não é nada de sério, só uns malandrecos a fazerem umas marotices, acho eu.

– É o meu pai?

George sentiu o estômago a dar uma volta. Anne estava empoleirada na cama agora, e os seus olhos eram como dois grandes caramelos. Embora não lhe agradasse mentir-lhe, sabia que desta vez teria de o fazer.

– É claro que não. – Forçou-se a soltar uma risada. – Agora volta a dormir, o Arry ‘tá aqui p’ra olhar por ti, e eu volto não tarda nada.

Anne obedeceu, mas espetou as orelhas quando George saiu do quarto dele de novo, agora vestido. Como ela esperava, foi direto ao quarto de Harry no andar acima. Não conseguindo ouvir mais do que um sussurro baixo de vozes, levantou-se outra vez. Os sons eram facilmente audíveis na casa alta e estreita, e, com a porta do quarto de Harry aberta, a voz de George ouvia-se pelas escadas estreitas abaixo.

– Fica na sala – ouviu-o dizer. – Pode ser um truque para nos tirar da casa. Mantém os olhos e os ouvidos abertos!

Anne espreitou pela porta quando os dois homens desceram as escadas. George ia à frente, rotundo no seu casaco de pele de carneiro e gorro de lã. Harry enfiara umas calças de ganga; trazia a camisa na mão direita. Mas quando dobrou a escada, ela viu que havia algo escondido por baixo da camisa, algo comprido e fino.

Um arrepio percorreu-lhe a coluna. Sabia que aquela forma só podia ser a de uma espingarda!

Não a surpreendia propriamente descobrir que George e Harry possuíam tal coisa, havia armas aos pontapés no East End. Mas o facto de Harry se estar a armar com ela significava que não estava a prever que o pai dela aparecesse bêbedo e a atirar pedrinhas às janelas.

Anne não se atreveu a descer as escadas, porque sabia que as mulheres não faziam perguntas, não metiam o nariz onde não eram chamadas; o seu pai não o deixara bem claro bastantes vezes? Em vez disso, meteu-se na cama com Paul, curvou o corpo à volta dele, de modo que ficaram deitados como duas bananas, e esforçou-se por arredar as imagens de George para um beco escuro e morto à pancada, ou de Harry a tentar sozinho evitar que uma dúzia dos camaradas de Bill invadissem a casa para ele recuperar os seus filhos.

*

George estacionou a carrinha ao fundo de Winthrop Street e olhou na direção do incêndio em total desespero. Havia mais de cinco mil libras de mercadoria no antigo salão das missões e era óbvio pela intensidade das chamas que nada poderia ser salvo.

Winthrop Street era uma rua estreita e mal iluminada, com modestas casas pequenas num dos lados, e, no outro, terrenos onde tinham explodido bombas durante a Segunda Guerra, agora autênticas lixeiras, serralharias e um sucateiro. Em tempos normais, seria difícil distinguir alguma coisa a esta hora da noite, mas agora o incêndio iluminava a rua como holofotes.

Erguiam-se chamas vermelhas das janelas estreitas, lambendo o telhado como se a prová-lo. Vinha o som de estouros lá de dentro, da louça a partir-se com o calor, e depois sons soprados quando as chamas encontraram um alvo mais fácil nas toalhas e nos lençóis embrulhados em papel de celofane.

Contudo, misturado com o cheiro a fumo sentia-se o odor distintivo a petróleo.

George quase conseguia ver o avanço do fogo, de tão bem que conhecia a planta do seu armazém. A sua secretária coberta de papéis já estaria engolfada pelas chamas; daí a pouco tempo elas chegariam aos vinte e cinco litros de parafina guardados ao lado do fogão, que incendiariam a velha escada de madeira que conduzia à pequena arrecadação no andar de cima. Era aí que estavam armazenados os ornamentos de louça, e o chão encontrava-se coberto com a palha que os acondicionava e aquele raio daquele tambor cheio de querosene para os candeeiros.

Combatiam as chamas quatro carros dos bombeiros e dúzias de bombeiros, com os músculos contraídos enquanto seguravam mangueiras de alta potência, os seus capacetes amarelos a destacarem-se como globos de lampiões nos cruzamentos.

Uma multidão de pessoas que viviam nas ruas Winthrop e Brady, ao dobrar da esquina, apinhava-se ali, com casacos por cima dos pijamas, os rostos cor de laranja na luz refletida, alguns ansiosos por causa das suas casas, outros excitados com o drama inesperado.

*

– Sou o Collins, o proprietário. – George bateu no braço de um dos bombeiros. – A polícia telefonou-me.

Nunca se sentira tão impotente. Se alguém lhe metesse um balde de água nas mãos talvez ele conseguisse acalmar o medo e a náusea que sentia. Não era só ver o trabalho de uma vida a ser destruído à sua frente, mas também a consciência nauseante de que se tratava de um ato de vingança.

*

Daí a três horas, as chamas estavam já reduzidas a fumo que se erguia no ar frio e a um fedor acre; os mirones tinham ido para casa, para as suas camas. Quando os primeiros raios da luz do dia apareceram, uns bombeiros estavam a enrolar as suas mangueiras e outros a percorrer os escombros queimados. Contra o pano de fundo de um céu cinzento com tons de rosa, as paredes e as madeiras do telhado enegrecidas do velho salão das missões destacavam-se num relevo sombrio.

– E pensar que escapou às bombas todas da Guerra. – A velha Mrs. Graham arrastou-se para fora do número oito com um roupão velho de uma cor parda e passou uma caneca de chá para as mãos de George. – Como é que pode ter acontecido?

– Foi fogo-posto. – O marido por trás dela fungou com uma expressão sabida, a agarrar um cobertor à volta dos ombros. – Cheirou-me logo a gasolina, até havia uns charcos dela no pátio, porque o fogo lambeu-a toda, não foi? Não fizeste isso p’ra receber o dinheiro do seguro, ora não, George?

A polícia e um par de bombeiros tinham feito comentários semelhantes e em qualquer outra altura George talvez tivesse visto o lado cómico daquilo. Perdera o seu armazém valioso e a sua mercadoria e de facto o seu negócio sofreria um tombo. Com um seguro contra todos os riscos, estar-se-ia a rir, provavelmente com dinheiro suficiente para se aposentar se quisesse.

Mas não tinha seguro. Expirara o prazo logo a seguir ao Natal e ele adiara a sua renovação, porque tinha outras coisas a ocupar-lhe o pensamento. Isto era algo que ele devia ter previsto, e era mais uma coisa a recordar que MacDonald não era só um bêbedo que aterrorizava a família, mas também um homem matreiro e perigoso.

Desde a noite em que levou Amy ao hospital Middlesex e pediu que a tratassem sob um nome falso, tomara precauções. E quando Bill não apareceu aos murros à sua porta, pensou que tinha resultado. A sua amiga e colega do mercado Queenie era a única pessoa a quem ele confidenciara o que se passara, e ela era tão fiável como o Papa. Foi Queenie quem trouxe as roupas das crianças, a comida extra, os livros e os brinquedos. Mantivera-se atenta ao que constava, e alertava-o para as andanças de Bill, os boatos e as especulações.

Contudo, embora George esperasse que Bill o apanhasse de surpresa uma noite num beco escuro, que a sua banca no mercado fosse arrasada ou a sua carrinha destruída, os acontecimentos desta noite provavam que MacDonald não perdera nenhuma da sua astúcia, da sua capacidade de planear; o seu ódio por George ardia com tanta força como o incêndio do armazém que ele provocara.

George não foi diretamente para casa, tinha muito em que pensar antes de conseguir encarar as crianças. Ao passar pela loja de peixe frito e batatas fritas de Sid e a casa dos MacDonalds por cima, reparou que as vidraças das janelas do primeiro andar estavam partidas e a porta da rua entaipada.

Não era nenhuma surpresa. Dois salões de bilhares, um clube onde se bebia e um *pub* já tinham sido alvo do temperamento explosivo de MacDonald. Sem dúvida os danos ali eram devidos ao facto de Sid lhe ter apresentado ordem de despejo.

– A Amy não vai conseguir lidar com isto – murmurou ao sair de Bethnal Green.

Ela estivera à beira da morte. As melhoras eram muito lentas e estava a ser alimentada por um tubo por ter o maxilar partido e a ser enchida com ferro,

vitaminas e antibióticos. Se lesse a notícia do incêndio num jornal, ficaria aterrada com o receio de que Bill pegasse fogo à casa a seguir.

– Não há outra solução, pá. – Parou de andar às voltas e virou o carro na direção de casa. – Ou metes pés ao caminho e acabas com o MacDonald ou encontras um sítio seguro para onde mandar os miúdos.

Ao chegar a Paradise Row, olhou pensativamente para a sua casa. Adorava os efeitos dos tijolos à volta da porta e das janelas, o gradeamento preto e os degraus largos. Embora em tempos houvesse muitas bandas de casas como esta em Bethnal Green, entre Hitler e idiotas com boas intenções a maior parte tinha desaparecido.

Foi por impulso que comprou a casa, impelido pelas palavras da canção que a sua mulher costumava cantar.

«On Mother Kelly's doorstep, down Paradise Row». Trauteou a melodia baixinho. Comprara-a por dez vinténs, porque estava quase em ruínas, e tirara mais prazer de a renovar com Harry do que de qualquer outra coisa que alguma vez tinha feito. Sim, talvez as casas vizinhas estivessem degradadas, mas duas tinham sido vendidas recentemente por muito mais dinheiro do que ele pagara pela sua. Outras pessoas se deixariam encantar pelo velho lampião a gás, a rua empedrada e as linhas graciosas de um período mais delicado, tal como ele se deixara encantar. Um dia, poderia vir a revelar-se o seu melhor investimento de sempre.

– Isso se consegues livrar-te do MacDonald – disse baixinho para consigo.

*

– Arruma isso. – Mal entrou em casa, George apontou para a arma que estava posta em cima do sofá. – Se os miúdos a virem ficam assustados.

Harry correu ao andar de cima a esconder a arma e voltou daí a segundos a vestir uma camisola por cima de uma camisa de flanela de xadrez.

– É muito mau? – perguntou, depois de entrarem na cozinha e fecharem a porta.

– Ficou arrasado – respondeu George sucintamente, pondo a chaleira ao lume. – Foi-se tudo. Foi obra do MacDonald, embora seja discutível se há provas suficientes para o pôr atrás das grades. Mas não quero que saias porta fora meio desatinado, ‘Arry. Temos de pensar bem nas coisas.

George sentou-se numa cadeira. Estava exausto e sujo e fedia a fumo. Harry lançou um olhar por cima do ombro ao seu pai enquanto fazia o chá e ficou chocado com a súbita mudança que viu nele. Parecia agora a idade que tinha, cinquenta e cinco anos; o seu rosto perdera o brilho corado habitual e tinha os ombros encolhidos em desespero.

– Não int’ressa, Paizinho. – Pousou as mãos nos ombros do pai e pôs-se a massajá-los, a reconfortá-lo. Sentiu uma pontada de culpa por nem sempre ter trabalhado tão no duro quanto devia, por nem sempre se lembrar que o seu pai já não era o mais forte dos dois. – Podemos vender o terreno em que estava o armazém e comprar a fiado nova mercadoria até nos recompormos. Além disso, aposto que tem uma bela maquia escondida algures.

George sempre fora uma constante na vida de Harry, uma rocha a que se encostar, uma fonte de sabedoria e compreensão. Na sua maioria, os amigos de Harry não tinham nenhum respeito pelos pais, mas George não era só um pai para ele, era o seu amigo mais íntimo.

– Não é com o dinheiro que ‘tou preocupado. – A voz de George estava trémula. Tinha de facto uns dinheiritos guardados fora da vista das Finanças, e depois de uma boa noite de sono voltaria a recuperar o otimismo. – É co’a

Amy e os miúdos. O MacDonald é doido varrido e não se vai ficar por pegar fogo ao armazém. Esta casa pode bem ser a seguir.

– Mas porquê? Ele detesta-os, de qualquer maneira.

George olhou para Harry e esboçou um meio sorriso. Era um moço muito bem-parecido; aquela combinação de cabelo preto e olhos azuis bastava para fazer palpar o coração de qualquer moça. No entanto, embora metade das moças em Whitechapel andasse atrás dele, George sabia que o seu filho ainda não descobrira o que o amor pode fazer a um homem.

– Ainda tens muito pr'aprender, filho. – Abanou a cabeça e limpou os seus olhos húmidos. – Ele não detesta a Amy, ela é capaz de ser a única coisa que alguma vez amou na vida inteira. Pode-se ter vingado de todas as decepções e de todos os fracassos nela, mas não deixou de a amar.

– Ele é o raio de um merdas!

George suspirou profundamente.

– Agora é, mas nem sempre foi assim, 'Arry. Devia de ter ficado no Exército, esse é o lugar p'ra homens como ele. Mas o fraco dele era a Amy e foi por isso que saiu.

Harry ergueu uma sobrancelha.

– O Bill MacDonald voltou da Guerra como a porra de um herói – disse George com um sorriso irónico. – Até tinha ar disso. Os jornais estavam cheios do qu'ele tinha feito. Foi capturado pelos japoneses, mas escapou pela selva levando os homens dele. Todos olhávamos p'ra ele com admiração, acho que é por isso que quinze anos depois 'inda há tipos que querem beber com ele e mulheres que ainda gostam dele. A Mabel Marada, a mãe da Amy, foi a única que achou que havia alguma coisa duvidosa nele.

Harry sorriu.

– A Bruxa de Durwood Street!

Recordava-se da velhota esquisita a persegui-lo pela rua abaixo com uma faca do pão quando ele era pequeno. Tinha uma qualquer mania religiosa e costumava pôr-se no mercado a disparatar sobre o inferno e o fim do mundo. Usava sempre um casaco preto comprido e um chapéu preto brilhante, e era um teste de coragem ir bater-lhe à porta na brincadeira.

Mabel desaparecera de Durwood Street há alguns anos e, tanto quanto George sabia, poderia até já estar morta.

– Ela nunca foi tão marada como vocês os miúdos gostavam de pensar que era – disse ele num tom de reprovação. – Teve uma espécie de colapso nervoso quando o marido dela, o Arthur, foi morto em Dunquerque. Até essa altura era uma verdadeira beldade. A Amy era a única filha deles, e quando a Mabel se foi abaixo foi ela quem mais sofreu. Seja como for, a religião foi o que fez a Mabel recompor-se um par de anos mais tarde. Conheceu uns evangélicos duvidosos e deixou-se ir na onda.

Harry arregalou os olhos perante este vislumbre da história.

– E depois a Amy ficou caída pelo Bill?

– Infelizmente. A Amy não tinha liberdade nenhuma. Não podia brincar na rua, tinha de ir à igreja com a mãe, usava roupas escuras, tudo o que seria de esperar. Aos catorze anos foi trabalhar para a Modern Modes, um autêntico burro de carga que a mãe tinha feito dela. Devia de ter uns quinze ou dezasseis anos quando o Bill voltou do Oriente, Deus sabe adonde é que o conheceu, ‘tava fechada a sete chaves quando não ‘tava a trabalhar. Mas eles apaixonaram-se e a Mabel pô-la fora de casa. Ela foi p’ra Limehouse viver com a família dele. Uma trupe de rufias, era o que eram.

– Continue. Então, casaram, foi? A Amy já ia de esperanças?

George abanou a cabeça.

– Acho que sim, mas era um amor verdadeiro, sem dúvida. Eles eram o casal mais bem parecido em milhas ao redor. Ficámos todos contentes por eles.

Fechou os olhos por um momento, a deixar a mente voltar àquele verão de 1947. Eram cinco ou seis da tarde, e ele estava a arrumar a banca no mercado debaixo de uma chuva torrencial quando avistou Bill e Amy a atravessarem a correr Whitechapel Road de mãos dadas, a tentarem abrigar-se debaixo de um guarda-chuva.

Era óbvio que acabavam de vir do seu casamento. O elegante fato azul-marinho e o chapéu de abas moles de Bill estavam salpicados com confettis. Amy vestia uma indumentária de renda branca e trazia um chapéu delicado posto de lado e um ramalhete de flores cor-de-rosa ao peito.

O amor brilhava nos dois, e só tinham olhos um para o outro. O rosto másculo de Bill, os seus ombros largos e o seu corpo enxuto faziam destacar na perfeição a pura feminilidade de Amy.

Iam a caminho do apartamento por cima da loja de peixe frito e batatas fritas de Sid; toda a gente sabia que Bill andava a pintá-lo e a aplicar o papel de parede há semanas. Quando chegaram à porta, Bill pegou em Amy ao colo. Vieram as lágrimas aos olhos a George ao vê-los. Os seus rostos estavam encostados e as risadas flutuaram até ele, ali de pé à chuva.

Amy estava a tentar manter o guarda-chuva bem alto e tinha-lhe caído o chapéu. Bill beijou-a então, e Amy deixou cair o guarda-chuva. Ali à chuva, com os seus trajes finos de casamento, um beijo fora mais importante do que o guarda-chuva escapar e o chapéu estar tombado no passeio sujo.

Os carros buzonavam, as pessoas contornavam-nos com sorrisos no rosto, mas Bill e Amy estavam num mundo só seu.

*

– Devia ter durado para sempre. – George suspirou. – Eles eram tão felizes juntos. Nenhum homem alguma vez se sentiu mais orgulhoso da sua senhora grávida. Quando a Anne nasceu, o Bill ficou como um cão com três caudas. Via-o na rua a empurrar o carrinho, só ele, e não há muitos tipos que ‘tejam dispostos p’ra isso, especialmente tipos durões como ele.

– Então, o que é que correu mal?

– Ele foi incriminado por um roubo no Sussex. – George encolheu os ombros. – Foi acusado de ter dado na cabeça dum velhote qualquer com uma barra de ferro. Acho que não foi ele. Mas já tinha estado naquela vila do Sussex, de facto tinha até comprado um velho abrigo da guerra ‘ó velhote. Seja como for, foi apanhado e atirado para a choldra. Não tinha álibi! A carrinha dele tinha sido avistada mais à frente no caminho onde se deu o roubo. Não fez nenhuma diferença que alguém lha tivesse pedido emprestada naquela noite. Ele foi p’rá cadeia.

– Suponho que o tipo que pediu a carrinha emprestada nunca confessou?

George abanou a cabeça.

– O Bill vingou-se lá de dentro. Partiram os joelhos ao tipo, e ele ainda anda por aí a mancar. Mas isso não ajudou o Bill. Entretanto, a Amy estava a passar por dificuldades, sozinha com a bebé. Teve de arranjar uns trabalhos de costura para comerem.

– Mas porque é que ele se virou contra ela? – Harry continuava a não compreender bem como um homem podia mudar tanto.

George abriu as mãos.

– Os sonhos dele tinham ido p’lo cano abaixo, a reputação dele ‘tava arruinada por uma coisa que ele não tinha feito. A bebé dele tinha agora dois anos, já andava e falava. Ele não conseguia arranjar trabalho a não ser nas obras e não tinha massa para arranjar uma casa melhor. Perder o orgulho faz coisas esquisitas às pessoas. Com a bebida e o jogo, as coisas não tardaram a azedar, por isso ele bateu-lhe uma ou duas vezes.

– E depois voltou p’ra trás das grades? – Harry só conhecia esta faceta de Bill; dentro e fora da prisão, em brigas de bêbedo no *pub* Black Bull.

George fez um meio sorriso.

– Eu tinha a esp’rança que ela o deixasse. Mas não havia nada entre nós, filho, só amizade. Mas depois lembras-te de como ela foi boazinha para ti?

Harry sorriu ao recordar calorosamente a bondade de Amy para com um menino pequeno sem mãe e solitário.

– Passaste bastante tempo com ela naquele inverno. – George sorriu com ternura. – Vou-te dizer, filho, eu tinha inveja de ti! Mas quando o Bill saiu da cadeia ela deixou de poder olhar por ti. Com ele tão melindroso e tudo. Depois o Paul nasceu e foi aí que as coisas deram mesmo pr’ó torto.

George não gostava de pensar na noite em que Bill o pusera KO e o acusara de ser o pai de Paul. Não sentia vergonha por ter ficado KO – afinal, Bill era mais novo e estava mais em forma. Mas até hoje sentia-se arrependido por não ter voltado a falar com Bill para o convencer de que nunca houvera mais nada a não ser amizade entre ele e Amy, e lhe dizer claramente que ela não tinha olhos para mais ninguém a não ser o seu marido.

*

Eram agora oito e meia da manhã, mas o muro da linha do comboio tão perto das traseiras da casa e o céu de chumbo faziam com que a cozinha

estivesse sombria e escura, mesmo pintada de amarelo. George sabia que devia ir para o mercado pôr os seus assuntos em ordem. Contudo, pela primeira vez desde que se recordava, queria ficar em casa.

– Sinto vontade de o matar!

As palavras de Harry sobressaltaram George.

– Não, filho. – Os olhos azuis aguados de George chisparam. – Sei como te sentes, mas a violência não é solução.

O que Harry estava a sugerir era usual na zona deles. Podiam chamar alguns homens, fazer uma espera a Bill e levá-lo para um dos armazéns velhos à beira-rio. George nunca participara numa coisa dessas, mas sabia tudo sobre pregar as mãos de um homem às traves do soalho, queimá-lo com um maçarico, quebrar-lhe os ossos um a um até a vítima gritar por misericórdia.

Contudo, Bill não era um homem qualquer, e, a não ser que o matassem de facto, voltaria à carga e alguém inocente seria capaz de ser apanhado no fogo cruzado.

– Ia dar origem a uma guerra de gangues – disse ele firmemente. – O Bill ainda tem camaradas, não te esqueças, basta uma faísca para a desencadear. Temos de pensar na Amy e nas crianças.

A porta abriu-se de repente, sobressaltando os dois homens.

– O que é que aconteceu, Tio George?

Anne estava ainda com a sua camisa de noite comprida de flanela branca, de pés descalços, cabelo desgrenhado e olhos de sono.

– Foi um incêndio, minha querida. – George sentiu-se agoniado ao ver a ansiedade nos olhos dela. – Eu devia ter mandado substituir a instalação

elétrica. Uma das tomadas estava sobrecarregada.

Ela sabia que ele estava a mentir. Sentia a tensão no ambiente e viu um nervo a tremer na face de George. Harry tinha desviado o olhar.

– Foi muito grave? – perguntou ela. O cheiro a fumo nas roupas dele era muito forte, e ela via o mesmo tipo de derrota nos olhos dele que vira mil vezes nos da sua mãe.

– Ardeu tudo – respondeu ele com uma risada jovial. – Mas há males que vêm por bem, minha querida. Vou receber o seguro e vender o terreno, e a maior parte da mercadoria já não se ia vender, de qualquer maneira.

Ela sabia que não ouviria a verdade, mas a intenção das mentiras dele era caridosa.

– Lamento muito, Tio George.

– Correu para ele e pôs os braços à volta do seu corpo. – Vou-lhe preparar um banho.

– Não a enganou nem um bocadinho – disse Harry com um ar sombrio quando ela voltou a correr para o andar de cima. – Aquela miúda consegue vê-lo como se tivesse raios X nos olhos!

*

– Olá, minha qu'rida! Que tal vai isso? – George inclinou-se sobre a cama de Amy e depositou-lhe um beijo na testa. – Passei por aqui para vir buscar uma mercadoria e pensei dar cá uma saltada p'ra te ver. O 'Arry vem mais tarde c'os miúdos.

Pousou um enorme ramo de flores e um saco com fruta. Estava agora como sempre, depois de tomar banho e de se barbear. O seu nariz bulboso brilhava vermelhusco e ele trazia o seu fato preferido aos quadrados pretos e brancos.

Amy ergueu o braço são para esconder a falta de dentes ao sorrir. George parecia um verdadeiro *gangster* hoje, e ela sabia que ele se vestira a preceito porque pensava que isso a enganaria.

Estava a sentir-se muito melhor. Com um braço engessado, pontos acima do olho direito, sem dentes na parte de cima à frente e a pele amarela com equimoses a desvanecerem-se, não ganharia nenhum concurso de beleza. Mas o maxilar estalado e as costelas partidas estavam a sarar, e a infeção pulmonar já quase tinha desaparecido. Começara até a ansiar por comida em condições em vez das papas que lhe traziam.

– Onde é que vais pôr essa nova mercadoria, sem armazém? – disse, numa provocação delicada, pegando-lhe na mão e apertando-a.

George engoliu em seco.

Lançou um olhar à volta da enfermaria e acenou às outras sete mulheres enquanto dava tempo a si mesmo para pensar. Tencionara contar-lhe a mesma história que contara a Anne, mas claramente ela já vira um jornal.

– Encafuo tudo dentro de casa. – Disparou-lhe um sorriso brilhante. – Como disse à Anne, foi uma dádiva de Deus, na realidade. Era tudo mercadoria que já não se vendia, e recebo o seguro.

O jornal da manhã lamentara a perda do antigo salão das missões, não a mercadoria de George. Ele lera-o com atenção e não vira nenhuma alusão a fogo posto.

– Nem tentes contar-me nenhuma mentiras. – Amy abanou a cabeça, com uma expressão sabida nos seus olhos azuis. – Sei que queres poupar-me e tenho a certeza de que contaste às crianças uma boa história. Mas eu sei que foi o Bill.

George encolheu os ombros sem confirmar nem desmentir e mudou de assunto com perícia.

– Ouve. Passou-me um pensamento pela cabeça quando vinha a caminho, sobre a tua mãe. O que é que lhe aconteceu?

Em tempos, aquela figura de rosto severo e casaco preto a distribuir panfletos religiosos junto ao *pub* Black Bull era parte da vida quotidiana no mercado. Mudara-se para Durwood Street com o marido nos idos de 1929. Em jovem, George muitas vezes namoriscava com a linda ruiva voluptuosa, antes de a morte de Arthur a ter transformado numa velha mal-encarada. O seu desaparecimento não foi comentado durante algum tempo; mas devia ter acontecido há uns seis ou sete anos.

– Não sei para onde ela foi. – Amy suspirou e o seu rosto anuviou-se. – Sabes que ela nunca mais falou comigo depois de eu ir viver com o Bill?

George acenou com a cabeça.

– Eu costumava andar para cima e para baixo na Durwood Street com a Anne no carrinho de bebé, na esperança de dar com ela. Escrevi-lhe imensas vezes, mas ela nunca se deixou demover. Deve ter ouvido falar de como as coisas estavam entre mim e o Bill, e fiquei surpreendida por nunca me ter vindo dizer que bem me tinha avisado. Perguntei à vizinha dela para onde ela tinha ido quando desapareceu, mas só me soube dizer que a minha mãe tinha ido trabalhar para um padre como governanta.

– Achas que éramos capazes de a encontrar? – perguntou George, apertando a mão de Amy. – Estavas disposta a fazer as pazes?

Amy fechou os olhos por um momento. Recuando ao passado, antes da notícia da morte do seu pai ter desequilibrado a sua mãe, tinha recordações maravilhosas, mas as mais recentes estavam todas tingidas pelo azedume.

– Não sei – respondeu em voz baixa. – Não consigo esquecer o inferno por que ela me fez passar durante o Blitz, ou a vida desgraçada mais tarde. Gostava de pensar que seria capaz de pôr essas coisas de lado, mas não sei se sou.

George viu uma necessidade nos seus olhos, fosse o que fosse que estivesse a dizer com os lábios, mas mudou de assunto e passou a falar dos mexericos do mercado para a fazer sorrir.

– Tu e a Queenie deviam-se juntar – disse Amy a provocá-lo quando ele estava a contar-lhe uma história hilariante em que Queenie tinha apanhado uma mulher com uma couve roubada enfiada dentro da camisola. – Ela já é viúva há dez anos e vocês os dois dão-se tão bem.

Queenie viera visitar Amy na noite anterior. Era uma personagem tão vincada como George, com o seu cabelo louro tufado, as suas garras pintadas de vermelho e as suas joias cintilantes. Embora andasse pelos cinquenta anos e tivesse excesso de peso, ainda era uma senhora atraente e sentia-se só.

– Vou pensar nisso – disse George quando se levantou para ir embora. – O problema, minha joia, é que eu e ela sempre fomos colegas. Ela ia pensar que eu ‘tava tolo se tentasse fazer-lhe a corte agora.

– Bem, eu sou capaz de dar uma mãozinha. – Amy sorriu, oferecendo a face a um beijo. – É praticamente a única coisa útil que posso fazer desta cama!

– Podes-te apressar a pores-te boa. – George envolveu-a num abraço desajeitado. – E não te esqueças de que foi uma falha na instalação elétrica que provocou o incêndio! Mantemos essa história para os miúdos.

CAPÍTULO 3

Foi um puro impulso que levou George à casa paroquial da igreja de St John. Já não se aproximava daquele lugar desde o falecimento da sua esposa Irene, mas recordava-se da bondade e da compreensão que o padre Glynn lhe demonstrara nessa ocasião.

A velha casa de estilo neo-gótico não mudara muito. Continuava tão fantasmagórica como antes, com as suas janelas estreitas, tijolo vermelho-escuro e porta de carvalho com tachas num pórtico ornamentado. Mas faziam-lhe agora sombra uns prédios camarários, criando a impressão de que só ficara ali por favor.

Cresciam ervas daninhas por entre as lajes partidas do caminho e os bancos no pórtico onde ele se sentara em pequeno estavam partidos, mas as vidraças brilhavam e ele viu uma taça de jacintos de um rosa vivo no peitoril.

– Ora, ora, ora. – O padre Glynn sorriu com prazer e surpresa ao abrir a porta. – É uma surpresa e não há que enganar. Que tal vai isso?

O pequeno irlandês encarquilhado partira da sua nativa Cork aos dezoito anos e em cinquenta anos nunca regressara, mas a sua pronúncia irlandesa continuava tão cerrada como se tivesse acabado de sair do barco em Holyhead. Adotara o East End de Londres desde o dia em que foi enviado para lá como jovem cura. Mantinha-se a par da vida em Bethnal Green desde então e tomava a peito conhecer todas as pessoas da sua paróquia.

George fazia o padre parecer um anão, e a mão que ele estendeu era tão pequena quanto a de Anne, mas o aperto firme e os seus olhos azuis penetrantes contradiziam o corpo vergado e o rosto enrugado.

– Não mal de todo. – George sorriu. – Quer dizer, se não pensar no armazém que ardeu.

– Pois, eu li sobre isso no jornal esta manhã. – O padre Glynn convidou George a entrar. – Foi um azar terrível, meu amigo.

A casa cheirava a velho e havia uma camada de poeira sobre o chão de ladrilhos pretos e brancos do átrio. O padre Glynn levou George para o seu escritório e serviu-lhe uma dose generosa de uísque irlandês. Também esta divisão parecia mais desleixada do que George recordava, mas continuava igualmente acolhedora, com duas poltronas de orelhas cobertas com mantas para ocultar o estofado rasgado, paredes cheias de livros encadernados a carneira e um tapete no fio em frente a um fogão de sala onde ardia um lume de carvão.

George sentara-se numa daquelas poltronas há uns vinte e três anos e Irene sentara-se num pequeno banco, uma moça de vinte anos com cabelo preto comprido e olhos tão brilhantes como os de Harry, enquanto o padre Glynn lhes falava sobre os votos do casamento. Sentiam-se tão felizes, sem terem consciência de que mesmo então a tuberculose já estava a insinuar-se nos pulmões dela. O padre Glynn também batizara Harry, e daí a um par de anos conduziu o serviço do funeral de Irene.

Beberam o uísque e falaram sobre amigos mútuos, Harry e o boxe, como se fosse muito natural que George tivesse vindo visitá-lo.

– Ouvi dizer que comprou uma casa em Paradise Row. – O velho senhor lançou-lhe um olhar penetrante, como se a recordar-lhe que a sua igreja ficava ali mesmo, do outro lado da rua. – Suponho que sabe que aquele pugilista judeu, o Daniel Mendoza, vivia no número três?

– Ai sim? – George sentia-se impressionado por um homem da igreja saber tanto sobre desporto e os seus heróis.

– Mas não veio cá para termos uma conversinha sobre boxe. – O padre Glynn sorriu, com os seus pequenos olhos a observarem George atentamente.

– E vejo que traz ao ombro o peso de problemas, se me falasse disso?

– Promete que não conta a ninguém?

O velho senhor disparou um olhar de reprovação a George.

– Precisa de me perguntar isso? – disse num tom delicado.

Envergonhado, George contou-lhe rapidamente tudo sobre Amy e as crianças, e sobre Bill.

– Estou a ver. – O padre acenou com a cabeça. – E crê que ele pode fazer mais alguma coisa à família?

– É isso. – George encolheu os ombros. – Tenho de levar a Amy para um sítio seguro. O senhor padre conhecia a Mabel Randall; faz alguma ideia de para onde ela foi quando saiu de Durwood Street?

– Foi para aqui que ela veio!

George piscou os olhos, surpreendido. A religião de Mabel fora alimentada por uma qualquer seita. A última coisa que ele esperaria seria dar com ela a procurar refúgio aqui.

– Para aqui!

– Bem, mas já se foi embora. – O padre Glynn sorriu ao ver a surpresa de George. – Era uma mulher muito perturbada, ficou algum tempo mas depois foi para o Somerset.

– Como, porquê? – gaguejou George. Mal sabia o que dizer.

– Viu um anúncio na secção pessoal do jornal *Telegraph*, da mãe dela, que estava a viver no Somerset, a pedir-lhe que a contactasse. Ao que parece, o pai da Mabel tinha-a posto fora de casa quando ela começou a andar com o

Arthur Randall e ela tinha jurado que nunca mais voltava para a quinta onde se criou até ele morrer.

– Então a Mabel também foi posta fora de casa! – George soltou uma risada perante aquela ironia. – Bem dizem que a história se repete!

– A Mabel contou-me muita coisa sobre a vida dela enquanto esteve aqui comigo – disse o padre Glynn pensativamente. – É claro que não posso repetir o que ela me contou, mas digamos só que as experiências dela com o Arthur a ensinaram a desconfiar de sedutores bonitos como o Bill MacDonald.

– Acha que ela ajudaria a filha agora? – perguntou George.

O padre Glynn não respondeu imediatamente; estava a recordar-se da noite em que Mabel o deixara, há uns seis anos.

*

Mabel tinha a mala no átrio e, apesar da sua usual abstinência do álcool, bebeu um copo de uísque com o padre Glynn, ambos sentados no escritório dele.

O padre ouvira falar de Mabel quando ela chegou a Whitechapel com Arthur, mas nessa altura ela era o tipo de mulher que ninguém ignorava.

Em 1929, Mabel era linda, e o seu cabelo de um louro arruivado, os seus olhos castanho-claros e um corpo de deusa eram o suficiente para que reparassem nela. Mas as pessoas não tardaram a descobrir que ela tinha sido bem criada e tinha muito talento para a música e a pintura. Não sabiam grande coisa sobre Mabel, embora o seu marido fosse um rapaz da zona. O casal estava em princípio de vida, Durwood Street nessa época encontrava-se só um passo acima da pobreza absoluta. A rua ficava por trás de Whitechapel Road, uma das muitas ruas sombrias e estreitas nas quais a luz do sol nunca

entrava. Porque viera para ali um casal tão bem parecido era um mistério, o facto de ficarem era ainda mais estranho.

A Mabel ali sentada em frente a ele vinte e cinco anos mais tarde não aparentava nenhuma semelhança com aquela beldade cheia de viço. O seu cabelo era de um cinzento metálico, afastado de um rosto que se esquecera de como sorrir; o seu corpo estava ocultado por um vestido preto sem forma.

– Então, como se sente em relação a voltar para casa? – perguntou-lhe o padre. Ela era uma mulher teimosa e orgulhosa, mas ele não deixava de sentir pena de perder uma governanta tão eficiente como ela.

– Assustada!

– A senhora? Não, com certeza! – Riu-se ao dizer aquilo, sabendo que ela infundia terror em metade das pessoas que o visitavam. – Vai para casa ver a sua mãe, que está ansiosa por a ver!

– Não tenho medo da minha mãe. – Baixou os olhos para o regaço. – Receio as emoções que enterrei há tanto tempo. O meu fracasso.

– O fracasso?

– Sim. – Ergueu os olhos em desafio e ele teve um vislumbre da Mabel mais jovem. – Tencionava ir a casa um dia em triunfo, pelo braço do meu Arthur, com belas roupas.

– A sua mãe vai ficar contente só por a ver – assegurou-lhe ele.

– Mas não tenho nada para lhe levar – segredou ela em resposta. – Não passo de uma concha vazia.

*

– Penso que talvez ela possa ser persuadida a ajudar a Amy – disse o padre Glynn pensativamente, voltando ao presente. – Tive notícias dela quando lhe

morreu a mãe há quatro anos, e a carta era a de uma mulher solitária e infeliz. Podia tentar servir de mediador.

O rosto bem-disposto de George anuviou-se.

– Não quero que ela receba a Amy e os miúdos a contragosto. Diga-me o que é pior, Senhor Padre, uma mãe chanfrada e fria ou um marido violento?

O padre estendeu a sua mão pequena e ossuda e pousou-a na manápula de George.

– Gosta da Amy e agora sente-se impotente para a proteger a ela e aos filhos. Mas não se sinta tentado a condenar a Mabel à partida, e resista à tentação de se vingar do MacDonald. – O padre Glynn ergueu uma sobrancelha e sorriu. – Continue por agora a olhar pelas crianças e entretanto eu escrevo à Mabel.

Foi só quando voltava de carro para casa que George se deu conta de que o padre Glynn não sugerira contactar a polícia ou recorrer aos tribunais para manter Bill afastado.

– Ele conhece o rebanho dele. – George sorriu para consigo, apesar do grande peso de responsabilidade nos seus ombros.

Poucos homens no East End se deixariam manietar por uma medida cautelar, e a polícia não gostava de intervir em questões familiares. Poderiam tentar encontrar provas de que MacDonald fora o responsável pelo incêndio, provavelmente desprezavam-no tanto quanto George. Mas ao fim e ao cabo, não poriam nem um agente à porta da sua casa para proteger Amy e os miúdos.

CAPÍTULO 4

— **A**nda daí, rapariga, não te deixes ficar aí sentada embasbacada. — George abriu a porta do carro com um gesto floreado.

— Eu não esperava... — Amy parou de falar abruptamente. Talvez fosse indelicado dizer «algo tão bom»?

As suas recordações de Paradise Row estavam afetadas pelo desastre de Bethnal Green em 1943, quando vintenas de pessoas tinham morrido esmagadas no pânico de um ataque aéreo. Alguém em Paradise Row lançara um apelo a favor das famílias enlutadas, e a sua mãe enviara-a lá com dois xelins. Só se recordava claramente de multidões de pessoas em sofrimento na rua empedrada, ramos de flores a murcharem pousados na relva, e de entrar numa sala sombria numa das casas que fedia a corpos sujos.

— Do que é que estavas à espera? De um tugúrio? — retorquiu George enquanto a ajudava a sair do carro. Ela ainda tinha o braço engessado, mas já não o trazia ao peito.

Agora via que Paradise Row era de facto uma banda de casas ao estilo georgiano construída para a classe média quando Bethnal Green era ainda um subúrbio de Londres. As grandes árvores no parque estavam a desabrochar e havia um ambiente de tranquilidade refinada.

— Oh, George, nem podes imaginar como é bom sair finalmente do hospital. — Reparou nas cortinas de renda de um branco de neve, nas janelas cintilantes e nos degraus da frente bem esfregados, e supôs que aquela limpeza de primavera teria sido feita em sua honra.

— E tu nem imaginas como ‘tamos encantados por te trazer p’ra casa — respondeu ele, tirando a chave do bolso.

A porta abriu-se de repente antes de ele ter tempo de aproximar a chave e Anne saltou para fora para envolver a sua mãe num abraço apertado.

Paul deixou-se ficar indeciso no capacho. Trazia um chapéu de papel crepe vermelho pousado nas suas orelhas de abano, com um dedo a impedir que lhe tombasse sobre os olhos. Sentia-se embaraçado por estar com o seu primeiro par de calças compridas e ainda mais por causa da gravata às riscas vermelhas e azuis. O puro deleite por ver a sua mãe revelava-se nos seus olhos de um castanho de chocolate.

– Paul! – Amy olhou por cima do ombro para o seu filho, com os olhos cheios de lágrimas. – Esse chapéu é em minha honra?

– Ele tem-no posto desde que se levantou. – Anne soltou-se do abraço para deixar que Paul se aproximasse.

– O meu menino grande! – exclamou Amy, pegando na mão do filho e olhando-o de alto a baixo. – Estás com um aspeto esplêndido!

Paul aproximou-se um passo e passou os braços à volta da cintura da mãe e enterrou a cabeça no seu peito.

– Sinto-me tão contente por a Mãezinha estar em casa – segredou.

– Espere até vermos as outras coisas que nós fizemos! – disse Anne toda contente.

Amy compreendia agora por que os filhos se sentiam tão impressionados com a casa de George; só o hall de entrada parecia sumptuoso pelos seus padrões. Mas foi no calor que reparou mais, e no aroma delicioso de rosbife.

– Não é maravilhoso? – estava a dizer Anne. – Mal posso esperar para lhe mostrar a casa de banho e o seu quarto. Está sempre assim quente. Nunca tivemos frio uma única vez.

– Uma coisa de cada vez – disse George por trás dela. – Lembra-te de que a Mamã ‘inda não ‘tá completamente boa.

Ver os seus filhos numa situação normal levou Amy a tomar consciência do quanto George fizera por eles. Anne vestia mais uma indumentária nova. Trazia o cabelo preso num rabo-de-cavalo e o seu rosto estava corado com a excitação. O cabelo escuro de Paul fora cortado na perfeição, não rapado implacavelmente como Bill costumava insistir que fosse, e as suas feições miúdas pareciam menos aguçadas.

Harry apareceu no *hall* quando George finalmente conseguiu fechar a porta da rua atrás deles.

– Bem-vinda a casa! – Não conseguiu olhá-la bem nos olhos e corou com uma timidez inesperada. – Como se sente hoje?

– Maravilhosamente bem. – Amy sorriu, mas mais uma vez tapou a boca com a mão. – Sei que via os meus filhos todos os dias, mas não é o mesmo que viver com eles, pois não?

– Não há dúvida que não é. – Harry fez de conta que torcia a orelha a Paul. – Este nunca para de falar, mói o juízo a uma pessoa!

Paul soltou uma risadinha. Continuava a só falar raramente a não ser que lhe fizessem uma pergunta direta, mas gostava que Harry dissesse aquelas piadas.

– Venha daí, entre, Mãezinha. – Anne puxou Amy para dentro da sala da frente, pondo-lhe uma mão sobre os olhos. – Agora já pode olhar!

Uma faixa com «bem-vinda a casa» estava pendurada ao longo da chaminé do fogão de sala, enormes grupos de balões pendiam em cada canto da sala e havia um ramo de flores em cima da mesa de apoio aos sofás.

– Fomos com o Harry escolher as flores. – Os olhos da cor de âmbar de Anne brilhavam e a excitação borbulhava nela como numa garrafa de limonada agitada. – A florista era mesmo chique, e a senhora deixou-nos escolher todas as nossas flores preferidas. Nunca teve um ramo de flores, pois não, Mãezinha?

As flores lindas envoltas em papel de celofane e com um enorme laço cor-de-rosa não eram a única coisa aqui que Amy nunca tinha tido, e por um segundo sentiu-se sufocada com a emoção. Nunca houvera uma ocasião em que ela fosse objeto da atenção de todas as pessoas. Nunca os seus filhos tinham parecido tão felizes e saudáveis. Aqui estava ela, na casa quente e confortável de George, e sabia com toda a certeza que ele nunca lhes sonegaria o seu afeto.

A personalidade dele estava indelevelmente estampada na sala, da alcatifa berrante com o padrão de folhas de outono ao ostentador terno de sofás com estofos de peles sintéticas e ao fogão de sala elétrico com toros de imitação. Era espampanante como ele, talvez um pouco de mau gosto, mas era um verdadeiro lar, mobilado com amor.

– Devo-te tanto, George – disse num impulso, receando comover-se e estragar o prazer dos filhos. – Como posso alguma vez agradecer-te o suficiente?

– Simplesmente pondo-te melhor. – George olhou para os pés e ficou corado. – Além disso, a Anne é a nossa pequena governanta!

– Eles têm os eletrodomésticos todos, Mãezinha. – Anne ajudou Amy a ir até ao sofá e fê-la sentar-se. – Um aspirador, uma máquina de lavar a roupa como há na lavandaria, e uma varinha mágica.

– Que nós nunca usámos – atalhou Harry. Parecia ainda mais atraente do que o usual, com umas calças cinzentas-claras e uma camisa de um azul-pálido. – Mas a Anne usou-a, p’ra fazer um bolo p’ra si. É boa a cozinhar, não é?

– A Anne é boa em tudo, Mãezinha – disse Paul numa voz que era pouco mais do que um murmúrio. – Mas eu enchi os balões quase todos para si!

Amy passou o braço são à volta dos ombros de Paul e puxou-o a si, consciente de que ele sentia que não fizera tanto como todos os outros.

– Os balões são a melhor parte – disse enquanto beijava a sua testa ossuda. – Eu não seria capaz de encher assim tantos, duvido que até o Tio George conseguisse.

– Tudo vai correr bem para a senhora agora. – Harry fez um sorriso inocente, com os seus olhos azuis a brilharem. – A Anne decidiu que vai ser uma estilista famosa e o Paul está a planear ser médico, portanto vão olhar por si na sua velhice.

– E eu vou mudar o meu nome para Tara Manning.

Amy olhou para a filha com espanto. No hospital tinham falado de manter o apelido Manning, que fora atribuído a Amy por precaução de segurança, mas ela não esperara que Anne levasse aquilo tão a sério.

– Vou mesmo. – Anne espetou o queixo numa atitude de desafio. – Não quero levar nada do pai comigo.

Aqueles dois meses na casa de George tinham tornado Anne consciente de muitas coisas. Uma delas era que outra mudança seria inevitável, e, embora isso a entristecesse, compreendia que seria uma oportunidade para começar do zero. Uma nova identidade era o primeiro passo, o segundo era pensar no futuro e planear uma carreira. Não tinha a mínima intenção de acabar a

trabalhar numa loja barata como a Woolworth's ou numa fabriqueta de roupas do East End onde seria explorada. Ela ia ser um sucesso.

– Está bem, ficamos «Manning» – concordou Amy, adivinhando o que estava por trás da determinação nos olhos de Anne. – Acostumei-me a ele durante estas semanas todas, de qualquer maneira. Mas porquê Tara?

– As *designers* de moda têm nomes assim. – Anne baixou os olhos, com a certeza de que todos iam rir-se dela. – Anne soa a professora ou uma coisa assim antiquada.

– É um bom nome – disse Paul. – Ela tirou-o de «E Tudo o Vento Levou». Ao princípio pensou em Scarlett.

Amy riu-se.

– Eu sugeri que te déssemos esse nome. Vi o filme três vezes, mas quando o teu pai viu o teu cabelo ruivo disse que seria cruel. Nunca pensei em Tara.

– Ela também me quer chamar Ashley. – Paul lançou um olhar furioso à irmã. – Mas eu não vou mudar. Gosto de Paul.

– É tão boa altura para mudar como qualquer outra – disse George cautelosamente, piscando o olho a Amy. – É claro que não posso prometer que me vou lembrar de lhe chamar Tara, embora ela não pare de falar nisso há dias. Mas vai ajudar, Amy.

Queria dizer que ajudaria a que os seus filhos fossem mais difíceis de encontrar; talvez até lhes desse uma nova confiança, perder um nome que lhes trouxera tanta vergonha.

Amy estendeu os braços a Anne.

– Está bem, Tara Manning – riu-se. – É bom que te assegures de que vamos ver o teu nome nas etiquetas dos vestidos um dia. E é melhor que inventemos

um passado interessante para nós!

Amy já estava na casa de George há uma semana quando a ansiedade voltou a insinuar-se.

Era uma tarde de domingo, e ela subira ao seu quarto para a sesta da tarde em que George insistia. O seu quarto era o mais pequeno e o mais quente, no segundo andar e com vistas para a linha do comboio nas traseiras. Segundo os seus filhos, era para onde se atiravam as mercadorias antes de Harry o pintar especialmente para ela.

Enfiou-se ainda mais por baixo do edredão de cetim. A luz pálida do sol estava a brincar numa família de pequenos gatos de louça que George dispusera na prateleira de uma pequena estante, e lá de baixo ouvia Harry, Tara e Paul a lavarem a louça. George, ela sabia, devia estar a dormir em frente à televisão.

Era tão fácil viver aqui. Acordava com o aroma de *bacon* a fritar e logo de seguida George entrava pela porta do seu quarto com comida suficiente para três pessoas. Lentamente, estava a recuperar o peso perdido e o bom aspeto.

A filosofia de vida de George era muito simples. Acreditava que a felicidade pessoal era a pedra basilar do sucesso e portanto tudo o que desse prazer era bom. Comer, beber, conversar com amigos, fazer dinheiro, gastá-lo, rir e amar, estes eram os ingredientes que ele considerava importantes. Não tardara a encontrar três discípulos prontos no que dizia respeito à comida, e não se passava um dia em que não chegasse a casa com algum petisco para eles.

Paul já quase deixara de gaguejar e raramente estremecia quando alguém se aproximava dele. Tara disse que ele só tinha feito xixi na cama um par de vezes, e engordara quase sete quilos. O corpo de Tara começara a

desenvolver-se, com uns seios como botões de rosa a crescerem no seu peito que no Natal era quase côncavo. O seu cabelo tinha brilho, a sua pele um tom rosado. Estava a tornar-se muito bonita.

Todo este luxo era perigosamente sedutor.

If you were the only girl in the world subia por entre as traves do soalho. Tara e Harry estavam a cantar essa canção juntos, e, a fazer fê no riso de Paul, acompanhavam-na com gestos cómicos. A voz doce e ameninada de Tara misturava-se com a voz grossa de Harry, e as palavras traziam a Amy a recordação de Bill a cantar-lhe essa mesma cantiga.

Sabia que Tara já estava a desenvolver um fraquinho por Harry. Era inteiramente compreensível, ela estava quase com treze anos e ele era tão bondoso e atencioso como bonito.

Havia muito de que Amy gostava no filho de George – mente ágil, generosidade de espírito, coragem e riso pronto. No entanto, de cada vez que a sua filha se ria para Harry, a fitá-lo com um ar de adoração naqueles seus grandes olhos cor de âmbar, um calafrio percorria a espinha de Amy. Harry tinha o carisma, a audácia e o encanto de Bill. Mas tinha também a mesma fome de dinheiro e de um lugar mais elevado na escala social.

– Quero ser dono de um clube noturno – admitira a Amy num devaneio numa dessas noites. – Não posso passar a minha vida ao frio como o meu pai, a trabalhar para ganhar uns trocos. Quero ser alguém.

– Não vás por atalhos – instara ela. – Partias o coração ao teu pai se acabasses por te meter em trabalhos. Arranja outro emprego se quiseses, afasta-te do mercado, mas não te sintas tentado a roubar para obter o que queres.

Era Harry quem trazia constantemente recordações do passado. As suas conversas estavam polvilhadas com frases como as que Bill usava, adorava falar sobre os gangsters e os malfeitores com quem Bill se dera. Sem se aperceber, estava a influenciar tanto Tara como Paul. A não ser que Amy conseguisse tirar os seus filhos do East End agora, receava que se criassem a aceitar os seus padrões dúplices. Tara indubitavelmente apaixonar-se-ia por Harry. Paul cresceria a tê-lo como seu herói.

Harry tinha bons princípios agora, tal como Bill quando se casaram, mas o instinto dizia a Amy que a corrupção estava ali ao dobrar da esquina.

E havia ainda o problema de Bill.

Ele não desistiria, Amy tinha a certeza disso. Estava à espera do momento oportuno. George era corajoso e bondoso, mas não tomava em consideração a astúcia de Bill. Amy sabia que tinha de se ir embora, mas para onde poderia ir? Como alimentaria os filhos e pagaria a renda? Talvez acabasse por conseguir ganhar o suficiente costurando para fora, mas como viveria até ter uma clientela fixa?

*

– Olhe para a minha mãe, Tio George! – Paul sentia-se tão empolgado que estava aos saltos no mesmo sítio. – Ela tem dentes verdadeiros e um novo penteado!

Harry deu uma palmadinha na cabeça de Paul e sorriu.

– Parece uma estrela de cinema agora, não parece?

Por insistência de George, Harry fora o motorista dela durante esse dia, primeiro para a última fase do tratamento dentário e depois para um salão de cabeleireiro na zona oeste da cidade.

Amy corou, mas não conseguiu deixar de sorrir ao ver-se no espelho do *hall*. Pensara que a única solução para si seria uma dentadura, mas George tinha encontrado um dentista que lhe fizera uma ponte espantosa, e agora ela estava quase com o aspeto que tinha no dia do seu casamento.

O seu cabelo louro tinha sido cortado curto, num penteado à pajem que fazia sobressair as suas feições finas e os seus grandes olhos azuis. Boa comida, descanso e cuidados afetuosos tinham trazido de volta as rosas às suas faces, carne aos seus ossos e vivacidade aos seus passos.

– Eu pago-te quando arranjar trabalho – insistiu ela. – Deus sabe quando é que alguma vez vou deixar de estar em dívida para contigo, George, o que é que eu teria feito sem ti?

– É paga suficiente ver a tua cara bonita. – George pegou no casaco dela e pendurou-o no bengaleiro do *hall*. – É verdade, veio uma carta para ti enquanto estiveste fora.

*

George sentia-se seriamente preocupado. Quatro vezes nas duas últimas semanas vira o mesmo automóvel estacionado mais acima na Cambridge Heath Road, a vigiar a sua casa. Reynolds, o talhante do mercado, tinha sido interrogado por um homem que dissera ser um velho camarada de George do exército, e no clube de *snooker* outra pessoa tinha andado a fazer perguntas sobre o motivo por que Harry e George nunca bebiam juntos nos últimos tempos. Constava que MacDonald estava ausente a trabalhar numa equipa de construção de estradas, mas obviamente recrutara auxílio.

Harry estava ansioso por dar luta. Queria entrar a matar, encontrar MacDonald, dar-lhe uma bela sova e pô-lo a milhas, para poderem voltar ao estilo de vida que tinham antes de Amy vir para a casa deles, e neste

momento George estava a começar a pensar que esta era a única solução que lhes restava.

*

– Uma carta! – Amy ficou aflita. – Ninguém sabe que eu estou aqui!

– O padre Glynn da igreja de St John sabe. – A voz roufenha de George tornou-se rouca. – Talvez seja obra dele.

O pânico e a esperança lutavam por ocupar o rosto de Amy.

– Uma nova casa para nós? – perguntou ela.

– Abre e lê – sugeriu George.

A carta encontrava-se em cima da mesa de apoio aos sofás. Tara e Paul estavam a ver *Rin Tin Tin* na televisão. Harry tinha ido para a cozinha.

– É da minha mãe. – Amy falou tão baixo que George mal conseguiu ouvi-la. Ela olhou para baixo, para o envelope branco, em choque. – Reconheço a letra.

– Bem, abre-a, então – instou George.

– Não consigo. – Encolheu-se, com toda a cor a esvair-se do seu rosto. – Estou com medo. Abre-a tu. Se for uma carta horrível não me digas.

George rasgou o envelope e tirou uma só folha. Leu a carta rapidamente e soltou um suspiro profundo.

– É mau, não é? – segredou Amy.

– Não. – George abanou a cabeça. Pigarreou e sentou-se no sofá para ler a carta em voz alta.

– A morada é Quinta Bridge, Chew Magna, Somerset. – Lançou um olhar a Amy, que se fora sentar no braço do sofá onde estavam os seus filhos. – «Minha querida Amy, fiquei aflita ao saber pelo Senhor Padre Glynn que

foste gravemente ferida. Embora o MacDonald me tenha provado que eu tinha razão quanto a ele, não tiro daí nenhum prazer. Vem para cá imediatamente, esta é a tua casa e onde tu pertences, e temos de salvar os teus filhos da angústia que ambas vivemos em Londres. Não tenho dinheiro para te mandar, mas com certeza o Senhor Padre Glynn pode ajudar-te para comprares os bilhetes de comboio. Mabel, a tua mãe.»

Amy fitou George por um momento, com cem imagens diferentes da sua mãe a passarem-lhe pela mente.

Mabel, a beldade ruiva da sua primeira infância, a mulher que pintava, tocava piano, ria e cantava. Mais tarde, a mulher enxovalhada e de olhar treloucado que se recusava a levar Amy para o abrigo durante os ataques aéreos, que seria capaz de se deixar morrer à fome, a ela e à sua filha. Mas a imagem que Amy recordava mais claramente era a da pessoa de rosto severo e coração frio que lia a Bíblia em voz alta, que via até mesmo uma fita cor-de-rosa nova num vestido como um dos cascos do Diabo a entrar pela porta. A mulher que nem sequer pusera de lado os preconceitos quando nasceram os seus netos.

– Bem? – George ergueu uma sobrancelha, a questioná-la. – Mandamo-la para aquela parte ou damos-lhe uma hipótese?

Amy pegou na carta e leu-a outra vez, demorando-se em palavras como «aflita» e «angústia».

– Ela deve ter uns sessenta anos agora. – Sentia-se abalada pelo acesso de emoções há muito enterradas. – Mas não compreendo porque é que está na quinta.

George explicou tudo o que sabia.

– Ela nunca falou sobre isso quando eras pequena? – perguntou.

– Não. – Amy franziu a testa a tentar recordar-se. – O meu pai costumava contar coisas sobre a infância dele e o colégio interno para onde foi mandado, mas a minha mãe nunca contava nada. Porque é que seria, na tua opinião?

– O padre Glynn acha que ela jurou que não voltava até o velho dela estar debaixo de sete palmos de terra. – Abanou lentamente a cabeça. – Essa carta é alguma coisa, Amy, mas não é bem o que eu tinha em mente.

– Estavas a contar com o regresso da filha pródiga.

– Não tens de ir – assegurou George, com a testa enrugada. – Só pensei que talvez te fizesse sentir mais descansada saberes onde ela está.

*

– Proque é que ela não gosta da gente? – perguntou Tara quando Amy estava a aconchegar-lhes a roupa da cama, a ela e a Paul. – O que é que nós lhe fizemos?

– É «porque», não «proque» – emendou Amy.

Não tinham falado de mais nada a não ser de Mabel durante todo o serão. George fê-los rir com histórias engraçadas de antes da Guerra, e Harry contribuiu com as suas recordações. Mas Amy manteve-se em silêncio.

Nesta fase, não queria influenciar os filhos. Queria que quisessem ver a sua avó, mas ao mesmo tempo que não ficassem demasiado chocados se ela viesse a revelar-se ainda mais estranha do que Amy recordava. Pôr os filhos a par dos anos em falta seria como andar na corda bamba, mas ela sabia que devia dar os primeiros passos tímidos.

– Nem um nem o outro fizeram nada, ela nunca chegou sequer a ver-vos. – Amy sentou-se na cama e meteu um ursinho de peluche ao lado da filha. Paul saltou da cama para o colo da mãe e pôs os braços à volta do pescoço dela.

– Fala-nos sobre ela!

– Há tanto para contar. – Amy sorriu ao filho e apertou-o ao peito. – Mas não tenho a certeza se é correto contar histórias sobre alguém que talvez vejamos em breve.

– Nós não lhe dizemos que nos contou nada. – Tara sentou-se na cama, encolheu os joelhos contra o peito e pôs os braços à volta deles. – Diga-nos como é que ela ficou chanfrada.

Amy abanou a cabeça, sem ter a certeza se deveria repreender Tara, mas ao mesmo tempo sabendo que não poderia evitar o assunto para sempre.

– Ficar *chanfrada*, como lhe chamas – disse num tom suave –, é com frequência a maneira natural de bloquear a dor. Não uma dor como a de quando partimos uma perna ou nos ferimos, mas uma dor no coração. Até ao dia em que a minha mãe recebeu aquele telegrama sobre o meu pai, era uma senhora feliz e cheia de vida. Tinha o tipo de personalidade que fazia com que toda a gente gostasse dela. Era uma artista, pintava umas aguarelas lindíssimas, tocava piano muito bem e era muito bonita.

– Como a Mãezinha? – perguntou Paul.

– Na verdade, não, mais como a Tara. Tinha os mesmos olhos e o mesmo cabelo. É claro que como eu só tinha nove anos quando tudo deu para o torto, não sabia muito sobre nada a não ser o que se passava na nossa rua, mas lembro-me de as pessoas a olharem com admiração. Uma das nossas vizinhas chamava-lhe «a Duquesa de Durwood Street». Estão a ver, ela falava bem, como uma senhora, tinha boas maneiras e assegurava-se de que eu também as tinha. Em criança, nunca questioneei porque é que alguém como ela tinha vindo parar a Whitechapel, afinal eu não conhecia mais nada.

– Parece que ela foi posta fora de casa por casar com o vovô – disse Tara.

– Talvez, mas eu sei que eles já estavam casados há pelo menos dez anos antes de eu nascer, talvez ainda há mais tempo. Ela disse-me uma vez que tinham perdido a esperança de ter filhos, tinha trinta anos quando eu nasci e o teu vovô alistou-se no exército porque estávamos na Depressão e não havia trabalho.

Paul franziu a testa.

– Quer dizer que ele não conseguia arranjar mais nenhum trabalho a não ser como soldado?

– É isso mesmo, e deve ter sido difícil estarem separados quando eram tão felizes juntos. O que é estranho é que só me recordo das temporadas em que ele estava em casa. Costumávamos ir a Southend no barco a vapor Tower Belle. Por vezes íamos numa carruagem com outras famílias e fazíamos piqueniques no campo. Outras vezes éramos só nós três a ir ao parque Victoria ou a festas de rua. Tivemos uma para celebrar a coroação do rei Jorge VI em 1937, e durou dois dias! O meu pai levou o piano para a rua e havia um senhor de idade que tocou acordeão. Foi maravilhoso, faixas coloridas, bandeiras, chapéus de papel. Todos os adultos dançaram e ficaram um pouco tocados, nós as crianças brincámos à dança das cadeiras e despachámos a comida toda.

– O vovô foi morto por um alemão? – perguntou Paul.

– Suponho que sim, mas até essa altura a Guerra não parecia real. Lembro-me que fomos despedir-nos dele ao comboio, a estação estava apinhada com soldados, as mochilas deles, mulheres e crianças. Ele pegou em mim para me abraçar e disse-me que olhasse pela minha mãe.

*

Mesmo agora, Amy recordava-se de tudo muito claramente. Devia haver milhares de pessoas a encher a estação de Charing Cross, e a cena, vista dos ombros do seu pai, era empolgante.

As suas mãozinhas acariciavam o cabelo louro do seu pai distraidamente enquanto observava as pessoas à sua volta. Havia manchas de cores vivas – o fato verde-esmeralda da sua mãe e o seu cabelo dourado aos caracóis nos ombros; uma senhora de idade de chapéu cor-de-rosa com uma rosa artificial nele. Mas viam-se principalmente uniformes caqui, estendendo-se até onde a vista alcançava. Sopravam baforadas de fumo das máquinas dos comboios, os cheiros a gasolina, cigarros e cerveja enchiam o ar.

Foi do seu poleiro lá no alto que ela reparou que a tristeza não era exclusiva da sua mãe e do seu pai. Havia soldados a abraçarem as suas esposas, muitas mulheres a enxugarem com lenços as lágrimas dos olhos.

– Vai voltar, não vai, Paizinho? – Amy virou a cabeça do seu pai para cima com as suas mãozinhas para poder vê-lo melhor, subitamente consciente de que esta vez era diferente de todas as outras em que se tinham despedido dele.

Ele estendeu as mãos e segurou-a por baixo dos braços, erguendo-a bem acima da sua cabeça e baixando-a à sua frente.

– Não pensas realmente que eu ia deixar as minhas duas melhores meninas durante muito tempo? – Olhou para ela e sorriu.

Um arrepio gélido percorreu-lhe a espinha, não porque não acreditasse nele, mas porque pela primeira vez viu medo no seu rosto. Virou-se para a mãe e surpreendeu-a a limpar uma lágrima.

Os seus pais eram um casal bonito, Amy ouvia dizer isso desde que era muito pequena. O cabelo louro de Arthur, os seus olhos azuis cintilantes e a

sua pele de pêssego sugeriam uma inocência de garoto, mas a cicatriz fina que lhe ia da orelha ao maxilar, os seus ombros largos e músculos desenvolvidos indicavam uma dureza subjacente. Mabel, com o seu cabelo cor de fogo, as suas formas de ampulheta e o seu rosto lindo, atraía um segundo olhar. Se se fizesse um concurso em Whitechapel para decidir qual era o casal mais invejado, os Randalls teriam vencido.

Amy encostou o rosto à sarja áspera do uniforme do seu pai e inspirou aquele cheiro a graxa Blanco, cigarros e sabonete Lifebuoy que lhe era próprio.

– Princesa! – As mãos dele agarraram os lados do seu corpo e ergueram-na para um abraço apertado. – Olha pela tua mãe na minha vez e sê uma boa menina.

Ela não se recordava de ver o comboio sair da estação, só da imagem do último abraço dos pais.

*

– Mãezinha! Ia falar-nos sobre a vovó!

A voz de Tara trouxe Amy de volta ao presente.

– Desculpem, estava a recordar-me de nos irmos despedir do meu pai à estação. Isso foi em 1939, e poucos dias depois fui evacuada para o Kent com o resto da minha escola.

Paul ficou com os olhos muito arregalados.

– Isso foi assustador?

– Um bocadinho. – Amy sorriu ao ver a expressão espantada de horror de Tara. – Mas não fiquei lá mais do que um mês. Não caíram bombas nem nada, por isso a maior parte das crianças voltou para casa. A minha mãe

estava preocupada porque o meu pai estava algures em França, mas passou aquele inverno a pintar postais ilustrados e a falar sobre como quando o meu pai viesse para casa íamos sair de Londres de vez. Em maio, a Holanda e a Bélgica foram invadidas. Lembro-me de a ver sentada no braço de um cadeirão na sala, com a orelha praticamente colada ao aparelho de rádio a ouvir as notícias, mas recebeu notícias do meu pai daí a pouco tempo.

Paul bocejou, enroscando-se no colo de Amy e a fechar os olhos.

– Já para a cama, meu menino. – Amy pôs-se de pé, ergueu-o nos braços e meteu-o ao lado da sua irmã.

– Não pare, Mãezinha – implorou Tara. – Conte-me o que aconteceu quando chegou o telegrama.

– Foi num dia lindo e quente de verão, em junho – disse Amy pensativamente, voltando a sentar-se na cama. – Eu estava sentada no chão na sala a ler uma história da Dorite Fairly Bruce. A minha mãe estava na cozinha a fazer uma tarte de ruibarbo.

A pequena sala estava ainda tão nítida na sua mente que conseguia sentir até o cheiro da cera. O sol raramente penetrava em Durwood Street – para além de ser uma rua muito estreita, em frente havia um grande e velho armazém –, mas naquele dia os raios incidiam no topo da janela num certo ângulo e filtravam-se pelas cortinas de renda, fazendo um padrão na mesa de jantar redonda. A porta da rua estava aberta, travada com um ferro, para deixar entrar a brisa, e a sua mãe estava a cantar *Barbara Allen* enquanto estendia a massa da tarte.

Andavam a ouvir as notícias da evacuação de Dunquerque na rádio há dias e a sua mãe estava ansiosa, à espera de notícias de Arthur. Mas só uma hora ou duas antes se mostrara otimista como dantes.

– Ele deve estar bem. Eu já teria sabido se ele tivesse sido ferido – ouvira-a Amy dizer a Mrs. Penny junto ao muro do pátio. – Aposto que me entra pela casa dentro no momento em que eu puser rolos no cabelo!

Amy podia sentir-se orgulhosa da sua mãe. Não eram para ela o lenço na cabeça ou o avental de peito. O cabelo lustroso de Mabel caía-lhe sobre os ombros, as suas roupas, embora tão baratas como as das outras pessoas todas, tinham um certo estilo. Mas não era só que fosse mais bonita e mais senhoril do que qualquer outra mulher, era mais que tinha jeito para obter o que queria aparentemente sem esforço. Enquanto outras mães trabalhavam em fábricas de munições, Mabel pintava postais ilustrados. Algumas mulheres ficavam horas na fila para comprar carne; a Mabel bastava sorrir para o talhante lhe meter um embrulho nas mãos.

Havia frequentemente brigas na rua entre mulheres, mas Mabel sabia evitá-las. Tinha um sorriso para toda a gente, uma saudação bem-disposta, mas mantinha a distância, nunca permitindo que as pessoas a tratassem com demasiada familiaridade.

Amy nunca soube naqueles tempos que viviam numa zona considerada degradada. Nunca entrara numa casa que tivesse latrina ou casa de banho. Em termos de Whitechapel, havia sítios muito piores do que aquele onde eles viviam. Constava que em Cable Street e Limehouse havia bebés a serem mordidos por ratazanas e duas famílias a viverem num só quarto.

*

– O tempo altera a maior parte das coisas. – Amy fez uma festa na face de Tara. – Olha-se para trás e descobre-se que os pormenores se esfumaram; nem sequer se consegue recordar exatamente quem disse o quê ou até por que

ordem aconteceram as coisas. No entanto, consigo ver os momentos antes de o rapaz do telegrama chegar à nossa casa como se tivessem sido ontem.

Paul estava a combater o sono e a perder a batalha. As suas pálpebras fechavam-se e ele forçava-se a abri-las, só para se fecharem de novo.

– Consigo identificar o preciso momento em que o meu pequeno mundo aconchegado se desmoronou – disse Amy num tom pensativo. – Estava sentada no *hall* da casa a ver a poeira voar num raio de luz do sol, porque gostava de imaginar que eram fadas. Depois, de repente, viu-se uma sombra preta. Podia ser um vizinho, o homem da renda ou outra pessoa qualquer, mas eu soube que era *algo* horrível.

– O que é que fez a Vovó Mabel? – perguntou Tara.

– Parou de cantar. Saiu da cozinha e chegou à porta de casa ainda antes de eu ter tempo de me levantar do chão. Ficou ali parada com o telegrama na mão. Até me lembro do vestido dela, era verde, com umas preguinhas no corpete.

*

Amy não podia contar a Tara a história completa. Mesmo vinte anos mais tarde, depois de suportar um número incontável de cenas horríficas, a maneira como a sua mãe se fora abaixo naquele dia ainda a assustava. Mabel ficou no *hall*, ligeiramente curvada como se estivesse a sentir uma pontada, com uma mão no estômago e a outra a apoiar-se na parede. Toda a cor se esvaíra do seu rosto e mordida o lábio inferior com tanta força que Amy viu umas pintas de sangue.

Olhando para trás, Amy compreendia agora que o espírito da mãe abandonara o seu corpo com a última nota de *Barbara Allen*. O que restava não reconhecia a sua filha, não parecia ouvir nem ver.

Ela sacudiu a mão de Amy, foi a cambalear até à sala e tombou de joelhos junto ao sofá. A sua filha apenas conseguia fitá-la, horrorizada, quando Mabel começou a desfechar murros no sofá. A poeira esvoaçou pela sala, misturada com os gritos de angústia.

*

– Eu não sabia o que fazer. – Amy encolheu os ombros enquanto contava a Tara a versão censurada da história. – Corri para a casa da vizinha do lado, Mrs. Penny, e pedi-lhe auxílio.

*

De facto, não houve necessidade de correr a pedir auxílio. Metade da rua vira o rapaz do telegrama, e quando Amy chegou à porta, já estavam a convergir para a casa, com uma expressão de pena e compreensão estampada nos rostos, o que deviam ser umas vinte mulheres, com aventais de peito por cima dos vestidos modestos que usavam todos os dias; lenços na cabeça atados à frente ao estilo de um turbante.

– É o teu paizinho? – Mrs. Penny arrastara-se na direção de Amy, apoiada à sua bengala.

– A minha mãe ficou esquisita – foi tudo o que ela conseguiu dizer, mas os gritos de agonia nas suas costas fizeram-na tapar as orelhas com as mãos. – Faça-a parar, Mrs. Penny, não consigo suportar isto.

*

– Ela ficou logo esquisita? – Nos olhos de Tara havia uma expressão de astúcia e desconfiança; adivinhava que a sua mãe estava a deixar muitos pormenores de fora.

– Ficou muito, muito perturbada – disse Amy delicadamente. – Eu fiquei com os vizinhos, porque era uma menina pequena, lembra-te, não sabia

realmente o que estava a acontecer à minha mãe. Quando voltei para casa, ela estava triste, na cama todo o dia, sem querer comer nem arranjar-se. Mas agora os meninos têm de dormir, esta história não é nada agradável para a hora de deitar.

Amy foi direta para o seu quarto depois de aconchegar os filhos. Afundou-se na cama e esforçou-se mentalmente por fechar a velha ferida que abrira sem querer.

*

Estava perdida num torvelinho de mulheres – uma menina pequena com um bibe azul, ignorada pelas pessoas que abriam caminho para prestar as suas condolências. Megeras a dar estalidos com a língua, a beber chá e a fumar, que cheiravam a suor e a perfume barato. Falavam sobre parentes distantes que tinham morrido inesperadamente, sobre mulheres falecidas no parto e até sobre pessoas atropeladas por elétricos, mas nem uma reparou que Mabel estava a retrair-se cada vez mais a um canto, com um silêncio vácuo a tomar o lugar dos seus gritos descontrolados.

Alguém meteu no forno a tarte de ruibarbo que a mãe preparara, mas ficou esquecida na confusão até um cheiro a queimado encher a minúscula casa. Pareciam também esquecer-se de que Amy estava sentada nas escadas quando se lançaram em sugestões explícitas de como o pai dela poderia ter sido morto em Dunquerque.

– Muitos deles foram pelos ares com as minas – disse uma mulher de cigarro a pender-lhe do canto da boca. – Espero que não tenha sido isso no caso do Arthur, ele era um tipo tão bonito.

– No jornal diz que foram matados quando iam a correr p’rós barcos – atalhou outra voz. – Diz que parecia um inferno, gajos c’as pernas

arrebentadas e coisas a flutuarem no mar.

Amy não sabia então que o seu pai fora um herói, que se encarregara de uma metralhadora para dar cobertura à fuga do resto do seu pelotão para os barcos. Poderia ter ajudado nesse dia saber que com a sua morte salvara centenas de vidas e que fora morto por uma só bala, instantaneamente. Mas tudo o que Amy soube naquele dia foi que o seu paizinho maravilhoso e caloroso nunca mais voltaria para casa e que, muito provavelmente, partes do seu corpo se tinham espalhado aos quatro ventos.

Alguém a levou para casa dos Muckles, no número vinte e quatro, mais tarde nesse dia. Ninguém lhe perguntou se queria ir ou lhe explicou porque pensavam que devia fazê-lo. De facto, isso só consolidou em Amy a ideia de como as coisas estavam más, porque a sua mãe sempre olhara de alto para os Muckles. Amy supunha que era porque os filhos mais novos costumavam andar descalços e ter piolhos; o certo era que a casa deles estava muito suja e sobrelotada.

Deram-lhe um pouco de pão com banha e meteram-na na cama entre Doris e Sadie Muckle, duas adolescentes que cheiravam a peixe. Johnny, Alf e Colin estavam num colchão no chão, e do outro lado do minúsculo patamar dormiam os outros oito filhos com os seus pais.

No dia seguinte, sentada na soleira da porta, Amy viu mulheres a entrarem e a saírem da sua casa. As cortinas estavam corridas e Amy pensou que a sua mãe também estava a morrer quando viu o doutor Graham chegar. Só sentada em silêncio na soleira da porta com as orelhas espetadas para ouvir os mexericos na rua é que conseguiu obter alguma informação.

– Ela passou-se completamente dos carretos, a pobrezinha, rasgou um retrato dele, a dizer que nunca se devia de ter alistado.

– Rasgou a camisa de noite e praguejou ‘ó senhor doutor quando ele tentou dar-lhe um remédio.

– Um comportamento vergonhoso, se querem saber a minha opinião. Ela não é a primeira mulher a perder o maridinho, e também não vai ser a última antes desta coisa acabar. Devia de se controlar e lembrar-se que tem uma filha.

O som de tachos e panelas a serem atirados para a rua alertou Amy daí a uns dias. Eram quase nove da noite e fazia tanto calor como ao meio-dia, com o sol como uma enorme laranja prestes a descer por trás da fábrica de vestuário.

Aos tachos e às panelas seguiu-se louça, e por entre os estrondos de pratos, chávenas e pires a estilhaçarem-se nas pedras da calçada, Amy ouviu a sua mãe a berrar insultos.

– Saíam daqui, suas cabras – dizia, desvairada. – Deixem-me em paz, pode ser? Eu quero o Arthur, não pessoas que só querem vir meter o nariz nas minhas coisas.

Mr. Muckle estava a beber cerveja, sentado na soleira da porta das traseiras sem camisa. Era muito gordo e a sua barriga transbordava sobre o cinto das calças. Mrs. Muckle estava a mudar a fralda ao bebé na mesa da cozinha e os outros filhos mais novos andavam aos tombos no chão sujo da cozinha, só vestidos com roupa interior velha.

– Ouve-me só aquilo! – Mr. Muckle olhou para trás para a mulher e fez um sorriso sarcástico. – Há gente que não tem gratidão nenhuma!

Amy saiu disparada pela porta da frente da casa dos Muckles a tempo de ver Mrs. Hanley, a vizinha do número catorze, ser expulsa à força pela sua mãe.

– Como é que se atreve a pedir-me as roupas do Arthur? Eu não deixava um homem como o seu aproximar-se a uma milha delas.

Amy abriu caminho por entre a multidão que se juntara a assistir embasbacada e entrou em casa segundos antes de a porta ser fechada novamente com força.

– Não quer que eu também me vá embora, pois não?

Mabel virou-se e fitou-a, quase como se não a conhecesse, e nesse segundo Amy compreendeu por que a tinham mantido afastada da mãe.

Parecia uma bruxa; cabelo cheio de riças e desgrenhado, a pele da cor de lama, os olhos injetados e a camisa de noite coberta de manchas. Mesmo a uma distância de três ou quatro passos, cheirava mal.

– Ficavas melhor sem mim – foi tudo o que disse Mabel, e voltou a subir as escadas a toda a pressa.

*

«A Duquesa» era um título que a vizinhança não tardou a deixar de usar. Em tempos, significara os talentos artísticos de Mabel, as suas boas maneiras e o seu modo de falar. Ela tinha sido a pessoa a quem todos pediam ajuda para escrever cartas, e conselhos sobre questões de roupa, etiqueta, educação e até mesmo saúde. Aceitavam-na porque estava casada com Arthur e ele era um deles.

Arthur Randall fora o tipo de homem que fazia o coração das mulheres bater um pouco mais acelerado. Olhos azuis com laivos de marotice, um homem suficientemente duro para derrubar outro com um só murro, mas generoso e compreensivo com quem fosse menos afortunado do que ele. Nascera em Whitechapel, e quando o seu pai morrera nas docas a sua mãe tornara-se governanta de um médico. Arthur tivera uma boa educação, viajara

para a Índia antes de conhecer Mabel, mas não deixava de ter sido um dos rapazes lá do bairro. Um azar trouxera-o de volta às ruas escuras da sua infância com a sua esposa, mas trazia a luz do sol consigo. Agora estava morto, e as acusações e birras de Mabel estavam a contaminar o ar e a tornar mentira tudo aquilo em que Arthur acreditara.

– Passaram a chamar-lhe «Mabel Marada» depois disso – murmurou Amy para si mesma.

Desejava conseguir esquecer como a minúscula casa se transformara no pior tipo de tugúrio, com a sua mãe deitada no andar de cima em lençóis imundos enquanto Amy se via forçada a procurar o que comer.

Aquelas terríveis noites de terror no Blitz, quando ela se acorava sozinha por baixo da chapa de metal do abrigo antiaéreo Morrison, a ver as cortinas do *blackout* serem retalhadas por vidros partidos quando o armazém do outro lado da rua foi diretamente atingido. Ainda conseguia sentir o cheiro dos fragmentos da bomba a arderem no pátio das traseiras, ver o céu noturno iluminado por um horrífico espetáculo de fogo de artifício, e o ribombar e o estrondo a aproximarem-se cada vez mais.

Como poderia agora procurar refúgio com uma mulher que tão totalmente negligenciara a sua filha de nove anos?

*

Foram os evangelistas que trouxeram a sua mãe de volta a uma espécie de realidade daí a cerca de um ano e meio. No entanto, embora Mabel tivesse voltado a cozinhar e a limpar a casa, nunca chegou a recuperar a sua antiga personalidade. A partir desse momento, eram encontros para estudar os Evangelhos, orar e ler a Bíblia, e a humilhação de saber que toda a gente em Whitechapel se ria de Mabel e sentia pena da sua filha.

No entanto, sentada agora no seu quarto na casa de George, ao ler a carta novamente Amy não encontrou nenhuma menção da vontade de Deus ou mesmo do Diabo. Talvez regressar ao Somerset e ver a sua própria mãe de novo tivesse trazido a verdadeira Mabel Randall de volta? Talvez esta fosse uma última oportunidade de se aproximarem uma da outra?

– Eu estou mais forte agora – segredou Amy para consigo. – Posso fazer-lhe frente. Não tenho de a deixar controlar-me.

– Estás bem, Amy? – A voz de George ergueu-se lá de baixo. – A Queenie veio cá ver-te.

– Demorou muito tempo a deitá-los hoje – disse Harry quando Amy desceu as escadas daí a uns momentos. – Ou tem estado a admirar as novas dentuças?

Ia sair. Estava com o fato italiano às riscas que vestia na noite em que a levou ao hospital, e encharcado em loção *after-shave Old Spice*.

– Estive a falar com os miúdos – disse ela, a vê-lo passar um pente pelo seu cabelo já perfeito. – Vais namorar?

– Não, vou beber. – Sorriu. – O meu amigo Needles safou-se hoje no tribunal, temos de comemorar.

Um raio de luz incidiu no lado do seu rosto, destacando as maçãs do rosto angulares e dando-lhe um ar ligeiramente furtivo. Subitamente, Amy tomou a decisão.

Parou à entrada da sala a olhar para Queenie e George, sentados no sofá a ver umas fotografias antigas. Pareciam um casal – duas personagens extravagantes com idade, tamanho e mentalidade semelhantes.

O cabelo de Queenie era como algodão doce amarelo, penteado para trás numa auréola à volta do seu rosto gorducho e rosado. Arranjada para ir ao

pub, com um vestido preto de um tecido com um brilho metálico, destilava sensualidade, calor e boa disposição.

– Olá, minha joia. – Olhou para cima e sorriu, com os seus olhos azuis quase a desaparecerem com a camada de sombra dos olhos de um verde berrante. – Ena, ‘tás mesmo gira!

George começou a levantar-se a custo para servir uma bebida a Amy, mas ela empurrou-o para que se voltasse a sentar.

– Deixa-te ficar – ordenou. – Eu sirvo uma bebida a nós os três, temos motivos para comemorar.

– Decidiste ficar? – O rosto vermelhusco de George abriu-se num sorriso.

Amy deitou uísque em três copos.

– Não, vou-me embora. – Sorriu ao passar as bebidas para as mãos deles. – É o melhor para todos, George. Penso que sabes isso, realmente.

Viu emoções em conflito perpassar-lhe no rosto. Alívio por ela e as crianças irem ficar em segurança, mas também tristeza.

– Vou sentir saudades de vocês – murmurou.

– Nós também vamos sentir saudades tuas. – Sentou-se num cadeirão em frente a ele. Sentia vontade de lhe pegar na mão, acariciar aquele rosto grande e bondoso e dizer-lhe que ele era um homem como havia poucos, mas não com Queenie ali. – Vamos-nos manter em contacto, e há sempre as férias.

– Estás a fazer a coisa certa, querida – disse Queenie, com a sua voz alta num tom agora suave, porque também ela conhecia Amy e os filhos desde sempre. – E tam’ém não é como se fosse para sempre, os miúdos que acabem a escola, naquele ar limpo e bom, e talvez possam voltar um dia.

Amy via que George estava a esforçar-se por encontrar as palavras certas.

– Não fiques triste. – Sorriu, a ocultar os seus próprios sentimentos. – Pensa só em nós todos lá numa quinta, George, e na satisfação que a minha mãe vai sentir por se provar que tinha razão quanto ao Bill!

– Se não resultar – disse ele lentamente, enchendo o peito com ar –, se ela vos tratar mal ou coisa do género, eu vou-vos buscar.

– Bem, um brinde a um novo começo. – Queenie ergueu o seu copo. – Cá p’ra mim, vocês vão ficar bem lá em baixo.

– Tens de me olhar pelo George. – Amy ergueu o seu copo. – A um novo futuro para todos nós!

CAPÍTULO 5

— Bem, é esta a vila. — Harry parou o automóvel no cruzamento. — Agora só temos de encontrar a quinta!

Era uma escolha simples: continuar a subir a rua principal ou virar à esquerda. Tara e Paul inclinaram-se para a frente no assento traseiro, com o queixo quase em cima dos ombros de Harry e de Amy, para verem melhor.

A viagem tinha-os feito atravessar dúzias de vilórias pacatas, mas a sua reação ao avistarem Chew Magna foi de ligeiro alívio.

Não só porque a interminável viagem tinha terminado, mas também porque havia lojas. Não do tipo grande e espalhafatoso a que estavam acostumados, claro, mas lojas antiquadas e discretas como as que tinham visto em livros ilustrados. Uma loja de arreios para cavalos, um ferreiro, uma farmácia com quatro grandes garrafas de água colorida na montra, padarias, talhos e frutarias, até mesmo um supermercado Coop.

— É bonita — disse Tara sem grande convicção. Sentia-se cada vez mais desanimada à medida que se afastavam de Londres. Queria ficar com o tio George e Harry, não ir viver no meio de lado nenhum com uma avó tresloucada. No entanto, embora não quisesse estar ali, tinha de admitir que aquela vila era melhor do que esperara.

Do lado direito da rua as lojas ficavam num nível elevado em relação à estrada, a que se chegava subindo uns degraus. O passadiço tinha um gradeamento, como se as pessoas em tempos tivessem amarrado os seus cavalos ali. Embora as lojas fossem em banda, não havia uniformidade de estilo ou de tamanho, o que conferia àquele lugar um ar encantadoramente pitoresco. O sol do fim da tarde da primavera incidia nas pedras de um cinzento-claro e refletia-se nas montras.

Tinham parado junto a uma pequena loja de doçarias a uma esquina. Havia frascos com chupa-chupas grandes, bolas de anis, rebuçados e alcaçuz dispostos em filas por trás da montra em semicírculo, e desse ponto conseguiam ver a rua para onde poderiam virar. Também nela se via um passeio elevado, com casinhas bonitas e um pequeno quartel dos bombeiros ao fundo; a seguir parecia ser o campo.

– Pergunto no banco? – Harry acenou com a mão na direção de um imponente edifício do Westminster Bank, recuado em relação à estrada e com um passeio largo que dava para uma igreja antiga quase ocultada por grandes árvores. – Ou tentamos no *pub* Pelican?

– O *pub* e o banco estão fechados, tontinho – disse Paul com uma risada.

– Só estava a pôr à prova os teus poderes de observação – disse Harry.

– A loja das doçarias ainda está aberta, Harry. Vou lá perguntar?

– Eu vou. – Harry saltou para fora do carro e depois enfiou a cabeça pela janela da parte de trás. – Não se ponham a falar com estranhos!

Amy riu-se baixinho. Harry tinha vindo a dizer piadas sobre a vida no campo durante toda a viagem. Era a sua maneira de preparar as crianças para aquilo que considerava ser «enterrado vivo». Amy sentira alguma ansiedade, mas agora que vira a vila tinha uma visão diferente das coisas. Devia haver bastantes pessoas a entrarem e saírem daqui, se havia um banco e tantas lojas. Além disso, tudo parecia tão bonito e limpo.

*

Harry sentia-se preocupado. Tinham partido de Londres às dez horas. Paul já vomitara quatro vezes, e ele adivinhava que era devido aos nervos, não à viagem. Tinha de admitir que Somerset era uma região linda, mas ficava a uma grande distância de Londres e era muito diferente.

– Sabe o caminho para a Quinta Bridge? – perguntou à senhora de idade que estava por trás dos frascos com doçarias. Embora o sol brilhasse lá fora, dentro da loja estava escuro e havia um ténue cheiro a peixe a vir de algures.

– A Quinta Bridge? – A velha senhora pôs a mão atrás da orelha e inclinou-se sobre o balcão. – De quem está à procura?

– De Mrs. Mabel Randall.

O seu olhar iluminou-se, como o de um gato que tivesse avistado um pássaro ali perto.

– A Quinta Bridge, eh? – Olhou para Harry por cima dos óculos e mexeu a dentadura postiça para cima e para baixo. – Andei na escola com a Mabel! É da família?

– Eu não – disse Harry. – É melhor levar uma caixa de bombons, não é? De quais é que ela gosta?

– Vai ser preciso mais do que chocolates para a adoçar. – A senhora estendeu a mão para uma prateleira por trás dela e tirou uma caixa grande com um par de cachorrinhos no tampo. – Mas ela gosta destes.

Harry reconheceu o jeito para as vendas mais do que um verdadeiro interesse. Pagou os bombons e esperou pela direção para a quinta, pressentindo perguntas por fazer a pairar no ar.

– Vire aqui. – Apontou para a esquina entre a sua loja e o *pub*. – Passa a ponte e depois fica a uns metros mais adiante, à esquerda. Fica um pouco recuada da estrada e tem uma tabuleta a dizer «Vende-se Leite».

– Obrigado. – Harry sorriu e dirigiu-se rapidamente para a porta.

– Disseram-lhe que ela tem mau feitio? – Na voz da velha senhora havia um tom de alarme, e pousou os seus braços roliços no balcão. – Ela espera-o?

– Espera a filha e os netos. – Harry parou, com as mãos no trinco da porta – Porquê, há algo de errado?

A expressão chocada dela enregelou Harry até aos ossos. Sentiu que a velhota o observava por trás dos seus frascos de doçarias até ele entrar no carro. Porque é que Mabel Randall não dissera a ninguém que a sua família estava a chegar? Qualquer avó normal teria estado naquela loja a comprar doçarias e a gabar-se da visita prevista.

– Fica ao dobrar da esquina. – Sorriu ao atirar a caixa de bombons para o regaço de Amy. – Não seja lambareira, Amy, são para a sua mãe. Espero que não ‘tejam estragados, a mercadoria naquela loja parecia que ‘tava lá desde que acabou o racionamento.

*

Ao dobrarem a esquina junto à loja de doçarias, Harry viu a ponte mais à frente e sentiu-se mais animado ao descobrir que a quinta não ficava isolada.

– Deve ser ali! – disse. Entre o rio e um muro de pedra com uma tabuleta pregada nele a anunciar leite havia um prado amarelo com um milhão de botões-de-ouro. Para lá do muro podiam ver-se um celeiro e a parte lateral de uma casa de quinta.

Ninguém falou enquanto Harry se aproximava e estacionou em frente à casa. Quatro pares de olhos fitaram a cena, como se lhes custasse crer nas mensagens que os seus olhos estavam a enviar-lhes ao cérebro.

Até mesmo à luz brilhante do sol parecia fantasmagórica, uma casa de pedra comprida e baixa com as janelas do andar de cima encafuadas no beiral. O jardim da frente, murado, estava tão invadido por ervas daninhas que quase não se viam as janelas do rés do chão, muitas das quais tinham as vidraças partidas e estavam tapadas com cartão. A tinta verde da porta da rua

estava esfolada e o alpendre de madeira descaía qual bêbedo para o lado, tão podre que poderia ser arrasado puxando-o com a mão.

– Parece uma casa de uma bruxa má – segredou Paul. – Estou com medo!

– Não sejas tonto – disse Tara num tom animado. – Provavelmente, ela vive nas traseiras. Vamos subir o caminho. – Sentia-se abismada, mas ao mesmo tempo contente. Esta poderia ser a suspensão da sentença por que ela esperara. A sua mãe poderia insistir que Harry os levasse de volta para Londres.

Harry não disse nada e virou o carro para o caminho estreito e enlameado entre um muro e a casa. Os quatro ficaram a olhar fixamente sem palavras até chegarem ao terreiro.

Estava cercado em três lados – pela casa à direita, barracões e galinheiros em frente e um celeiro e estábulo à esquerda – e a imundície e o fedor eram inacreditáveis. Viram um mar de bosta de vaca. Aqui e ali havia palha suja, uma poça de profundidade indeterminada, um monte de bostas de vaca mais secas, mas não se via um caminho desimpedido até ao alpendre das traseiras. Uma velha banheira de lata estava cheia com água verde-escura. Havia por ali alfaias agrícolas enferrujadas, um trator velho meio dentro do celeiro, uma ferramenta assustadora com grandes ferrões por trás do carro. Uma bicicleta velha, pedaços de arados, ancinhos e pás estavam espalhados por ali, e cerca de uma dúzia de galinhas gordas abriam caminho com o seu andar delicado por entre aquela confusão fedorenta.

– Ela é uma senhora de idade, talvez não seja capaz de limpar isto – disse Tara em voz baixa.

Paul tapou o nariz e a boca com as mãos para evitar o fedor, e Harry sentia até dificuldade em respirar.

– As galinhas parecem bastante saudáveis. – Amy conseguiu fazer um sorriso forçado aos filhos. – Como dizes, talvez seja demasiado para ela. – Apetecia-lhe dar meia volta e desatar a fugir. A imundície numa casa podia ser curada com sabão e água, mas seria necessário um exército para ordenar aquele caos.

– Vem aí alguém. – A voz de Paul tremeu e todos se viraram para olhar pela janela das traseiras.

À primeira vista, era um velho desleixado, com um boné a ensombrar-lhe o rosto, a vir dos campos pelo caminho, mas quando se aproximou Amy reconheceu o rosto.

– É a minha mãe – murmurou, corando com vergonha por os seus filhos irem encontrar-se com a avó pela primeira vez vestida com botas de trabalhador, um casaco de *tweed* velho e calças mais adequados a um labrego.

– Lembrava-me dela diferente. – A voz de Harry refletia o seu choque.

– Também eu – murmurou Amy.

A última vez que Amy vira a sua mãe fora na véspera de Natal há pelo menos sete anos, e ela estava à porta do *pub* Black Bull toda vestida de preto, a instar os homens a deixar a iniquidade da bebida e irem para casa para junto das suas famílias. O seu rosto estava inflamado com as chamas da retidão. Olharam-se nos olhos quando Amy estava a chegar à esquina da Valance Road e frente ao lugar onde se encontrava a sua mãe. Mabel virou costas e afastou-se.

Agora, a sua mãe parecia ter encolhido. O pouco que Amy via do seu cabelo estava branco e ela ficara com rugas, as faces rechonchudas de que

Amy se recordava agora encovadas. Apesar de tudo isso, parecia tão enquadrada no que a rodeava como as galinhas a debicarem na palha.

Harry saltou para fora do carro deixando Amy e os filhos a olharem fixamente num fascínio horrorizado.

– Mrs. Randall? – Armou um sorriso cativante. – Sou o Harry Collins, estava agora mesmo a pensar se teria trazido a sua Amy para a quinta errada ou se devíamos ir bater à porta da frente.

– Ia ficar a bater lá a noite toda e eu não o ouvia – respondeu ela rispidamente. – Bem, de que é que eles estão à espera? Tire-os do carro e entrem em casa.

*

Amy não estava à espera de abraços ou beijos, embora tivesse a esperança de ser bem-vinda. Mas não houve nada. Nem uma mão estendida, uma face inclinada ou até mesmo um sorriso. A fazer fé no entusiasmo que Mabel demonstrou, eles bem poderiam ser um bando de ciganos ladrões. Chamou a atenção para o facto de que iam precisar de galochas, mandou-os raspar as solas dos sapatos num raspador de metal junto à porta das traseiras, ordenou a Harry que trouxesses as malas deles para dentro da casa imediatamente e avançou a toda a pressa à frente deles.

Depois de abrirem caminho por entre a imundície no terreiro, a sujidade na cozinha não foi uma grande surpresa. Uma galinha estava a debicar como se nada fosse em cima de uma mesa atravancada e o chão estava coberto de caca de galináceos.

O coração de Amy caiu-lhe aos pés. A divisão não só estava suja, mas também quente, mal-cheirosa e escura. Filtrava-se pouca luz pela janela suja

que dava para o caminho lateral, e o teto com vigas escuras acentuava a sensação opressiva.

O lava-louça, com água suja e montes de louça por lavar, fez recordar a Amy os últimos dias em Durwood Street. As aranhas tinham tecido teias sobre cada um dos tachos e cada uma das panelas enferrujados e cobertos de poeira que estavam pendurados das traves. Um papel mata-moscas agitava-se lentamente junto à janela, um cemitério de milhares de moscas, e um louceiro estava coberto com papéis, frascos de compota e o que parecia suspeitosamente ser um par de cuecas velhas. Nas paredes e no teto havia uma camada espessa de gordura, e as lajes do chão estavam pegajosas. Havia também um cheiro, mais do que simplesmente a estrume. Maças podres, mofo e um forte indício de xixi de gato.

Aquilo significaria que a sua mãe estava de novo com uma doença mental? Amy teria trazido os filhos até ali só para se sentir meio morta de medo como antes?

– O Harry comprou-lhe isto. – Amy estendeu a caixa de bombons. A mãe pegou nela sem um agradecimento e pousou-a em cima da mesa, enxotando a galinha com a mão.

– Bem, jovem, você trouxe-os até aqui. – Mabel olhou com desprezo para Harry e atirou com o boné para cima do louceiro. – É melhor que vá andando antes que escureça.

Amy avançou de um salto.

– Só um momento, Mãe! O Harry é um querido amigo, não um motorista de táxi. Está com fome e cansado, como nós todos.

– Não há problema. – Harry abanou a cabeça. – Eu arranjo um quarto naquele *pub* da esquina. Não vou voltar para Londres esta noite.

A mensagem nos seus olhos era clara. Não suportava deixá-los ali. Teriam até ao dia seguinte de manhã para tomar uma decisão, e esperava que voltassem com ele.

Fez-se silêncio. Mabel estava de pé, de costas para a janela, mãos nas ancas, a olhar para as crianças. Tara retribuía-lhe o olhar numa atitude de desafio, mas os olhos de Paul baixaram-se para o chão.

Harry passou o peso do corpo de um pé para o outro, sem saber se devia ir imediatamente embora. Amy varreu com os olhos a cozinha imunda. Não via sinal de comida preparada e sem dúvida as camas estariam por fazer, mas a sua mãe convidara-os a virem para ali.

– A mãe e eu temos de pôr a conversa em dia. – Aproximou-se de Harry e tocou-lhe no braço. – Volta amanhã de manhã antes de ires embora.

– Se tem a certeza! – O sorriso de Harry era pálido. Passou os dedos pelo seu cabelo escuro como se a querer dizer algo mais. – Portem-se bem com a vossa vovó, meninos, até amanhã!

O coração de Amy caiu-lhe aos pés quando Harry saiu do terreiro em marcha-atrás e ela viu o pânico nos olhos dos seus filhos.

– Não me agrada o aspeto dele – disse Mabel quando Amy voltou para a cozinha. – É um espertalhão, não há dúvida.

Era evidente que o temperamento de Mabel não se modificara muito desde o dia em que recusara falar com bons modos com o genro, Bill. O seu cabelo estava agora branco, apanhado num puxo mal penteado. A sua pele enrugada incrustada com sujidade e a falta de dentes de cima estavam em contradição com a beleza dos seus olhos cor de âmbar, tão parecidos com os de Tara. A sua rudeza, no entanto, espicçou Amy. Ela sabia que teria de tomar uma

posição firme naquele momento para não voltar a ver-se apanhada numa humildade servil como acontecia antes de ter fugido com Bill.

– Não lhe agrada o aspeto do Harry? – Amy usou a sua fúria para lhe dar forças. – Bem, digo-lhe desde já, Mãe, que não me agrada nem o seu aspeto nem o deste sítio! É um autêntico chiqueiro. Vou deixar passar por agora, mas não se atreva a dizer nada sobre o Harry e o George, porque eles são os melhores amigos que qualquer pessoa poderia ter. Por isso, cuidadinho!

– Bem, estás toda não-me-toques – ripostou Mabel. – Tornaste-te um bocado atrevida, para alguém que já apanhou das boas. E a culpa é toda tua, também. Eu avisei-te sobre o MacDonald!

– Pois avisou, Mãe. – Amy deu um passo na direção de Mabel e olhou-a nos seus olhos cor de âmbar. – OK, tinha razão, e espero que isso a tenha feito muito feliz. Mas, já que estamos a esclarecer as coisas, e se pensasse nas asneiras que fez a criar-me depois de o meu pai morrer! Talvez se tivesse feito um trabalho melhor como mãe eu nem me tivesse sentido atraída pelo Bill.

– Como é que te atreves? – Os lábios de Mabel tremeram.

Amy voltou para junto dos filhos e pôs um braço à volta de cada um.

– Eu não pedi para vir para cá, a Mãe é que nos convidou. Estou disposta a pôr de lado o passado e tentar construir uma vida consigo. Mas só se a Mãe estiver disposta a vir ao nosso encontro.

– Devias considerar-te uma mulher de sorte por eu vos ter oferecido um lar.

Mabel comprimiu os lábios.

– Sorte? Viver aqui? – Amy riu-se sem alegria. – Este sítio está um nojo. É uma casa muito mais degradada do que a de Durwood Street!

– Está um caos – concordou Mabel, lançando um olhar à volta da cozinha como se estivesse a vê-la claramente pela primeira vez. – Mas não está nas minhas mãos, há demasiado a fazer para uma pessoa só. – Havia uma expressão desanimada, quase desnorteada no seu rosto que sugeria que se sentia realmente assoberbada pelas coisas. Amy sentiu uma pontada de pena dela, apesar da sua indignação.

– Tanto mais razão para deixar de ser estúpida, então – ripostou Amy. – Tenho um acordo a propor-lhe.

– Que acordo? – A suspeita emanava de Mabel como odor corporal.

– Se nos tratar de uma maneira civilizada, demonstrar algum afeto pelos seus netos e partilhar a sua casa connosco, eu trabalho para si. Limpo esta casa, arranjo o jardim, varro aquele terreiro.

– O Bill MacDonald ensinou-te *mesmo* algumas coisas, então? – Mabel quase sorriu. – Dantes nem eras capaz de meter na ordem uma galinha!

– Sou capaz, quando a felicidade dos meus filhos está em jogo – disse Amy ríspidamente.

As duas fitaram-se, mas foi Mabel quem baixou os olhos primeiro.

– Um acordo – disse ela, com alguma relutância. – Mas não julgues que me vou baixar perante ti!

– Nem eu perante si, Mãe. – Amy sorriu. – Ora bem, apresento-lhe os seus netos?

– Eu sou a Tara. – Avançou uns centímetros. Na última hora ou duas estivera a sentir-se preocupada com o seu *kilt* engelhado, a mancha de molho de tomate na camisola verde e o cabelo despenteado, mas em comparação com a avó parecia impecável.

– Pensava que te chamavas Anne? – Mabel franziu a testa.

– Mudámos o nome quando mudámos todos o apelido para Manning – explicou Amy. – Ela quer ser estilista, e achámos todos que Tara Manning soava bem.

Mabel fungou, mas a sua boca moveu-se ligeiramente com divertimento.

– Este é o Paul. – Amy agarrou o ombro dele com firmeza, a tentar transmitir-lhe confiança. – O Paul quer ser médico, mas é muito tímido, Mãe, até conhecer as pessoas.

Para surpresa de Amy, Mabel inclinou-se para Paul.

– As quintas são sítios bons para pessoas tímidas – disse. – Os animais gostam de gente delicada, e podes praticar falar com um cavalo até teres mais coragem com as pessoas.

– Eu gosto de animais – disse Paul num tom hesitante. – Vou poder ajudar a dar-lhes de comer?

– É claro que sim – respondeu Mabel. – Eu levo-te logo para conheceres a minha égua velha, a *Betsy*, ela gosta de meninos pequenos.

Aquelas poucas palavras reconfortaram Amy. Recordava-se vagamente daquela voz terna, de antes da morte do seu pai. Era estranho que Paul a tivesse trazido de volta. Paul não era atraente como Tara, mas se Mabel lhe reagia assim as coisas estavam a parecer mais promissoras.

– Ora bem – disse. – Antes de podermos sequer pensar em comer, tenho de limpar esta cozinha. Há água quente?

– É claro que sim – ripostou Mabel. – O Aga aquece-a.

Amy olhou-a sem compreender.

– O fogão, tontinha! – Mabel virou-se para algo que estava atrás dela, levantou um tampo grande e aparentemente pesado com dobradiças e soltou-se calor. – Cozinhamos nele, mantém-nos quentes e aquece a água. Olha, tem quatro fornos, todos com temperaturas diferentes. Há um estufado de coelho num deles.

*

Já passava da meia-noite quando Amy se deitou na grande cama de casal com o seu colchão de penas. Dava a sensação de estar húmido e cheirava a mofo, mas ela sentia-se tão cansada que não quis saber.

Apesar das fatigantes horas de trabalho que já investira nessa noite, mal arranhara ainda a superfície. A casa inteira estava totalmente negligenciada e ela só conseguira limpar por alto a cozinha, fazer as camas e varrer um caminho limpo no terreiro. Só o chão precisara de cinco ou seis baldes de água antes de a tijoleira aparecer por baixo da sujidade.

Contudo, olhando objetivamente, Amy pôde ver que a sua mãe tinha estabelecido bem as suas prioridades. Os animais estavam bem tratados e os campos cultivados e havia vegetais na horta. O seu trabalho na vacaria era quase um emprego a tempo inteiro. Além de Stan, um homem da zona que vinha ajudar a mungir as vacas, ela debatia-se com dificuldade para manter a quinta sozinha.

Esta não seria uma opção fácil como viver com George. A sua mãe era irascível, dogmática e mesquinha. Fartar-se-ia de falar mal de Bill, e o mais provável era que Amy trabalhasse até cair para o lado sem nunca ouvir um agradecimento.

Não valia a pena pensar em todas as grandes tarefas que era necessário fazer – os buracos no telhado do celeiro, as janelas partidas, a porta da frente

que não abria. Criar um lar limpo e confortável era a prioridade máxima; arejar todas aquelas divisões bafientas, desfazer-se da tralha acumulada, lavar as janelas e as cortinas.

As reações dos filhos eram difíceis de avaliar. Mabel levou-os a visitar a quinta enquanto Amy lavava o chão, e quando voltaram chamavam-lhe Avozinha tão naturalmente como se a conhecessem desde sempre. Não fizeram nenhum comentário, nem mesmo quando Amy os foi aconchegar na cama, o que pareceu quase uma aprovação.

Quanto aos seus próprios sentimentos, Amy nem sequer conseguia começar a destrinchá-los. Agora, no entanto, com os olhos a fecharem-se e a sentir o sono a dominá-la, teve a sensação de que o destino a enviara aqui com uma finalidade.

*

– Tem a certeza, Amy? – Harry estava ao lado do seu automóvel, com os seus olhos de um azul brilhante perturbados. – Ela é pior do que Átila, o Huno! E os miúdos? Vão detestar isto.

– Dão-te a impressão de estarem a detestar? – Amy acenou na direção de Tara. Estava com uns calções azul-marinho e uma camisola velha e as suas pernas nuas estavam meio escondidas dentro de umas galochas enormes. Andava a lavar com a mangueira e a varrer o terreiro e soltava gritinhos de alegria à medida que as lajes lisas se iam revelando por baixo da sujidade.

Paul estava escondido no celeiro, mas ouviam-no a falar a dois vitelos novos como se fossem velhos amigos. Amy nunca o vira comer um pequeno-almoço assim tão grande – papas de aveia, *bacon* e ovos e pelo menos três fatias de pão com mel.

– Quando a novidade passar, eles vão querer estar de volta a Londres – argumentou Harry. – Podíamos ajudar-vos a encontrar um apartamento lá, e a Amy facilmente conseguia arranjar emprego.

Amy sacudiu a cabeça.

– Olha à tua volta, Harry. Esquece-te da sujidade no terreiro, das janelas engorduradas e do buraco no telhado do celeiro. Olha para o que me está a ser oferecido aqui e o que poderia significar a longo prazo.

O sol estava a incidir num arbusto de margaridas junto ao celeiro, e a velha égua, *Betsy*, estava a olhar para fora por cima da porta do estábulo. Os únicos sons eram os de Paul a falar baixo aos vitelos no celeiro, Tara a varrer e as galinhas a cacarejarem.

– Há prados a toda a volta que pertenciam aos meus antepassados. – Apontou para trás de si. – A minha mãe disse que se descermos o caminho vamos dar ao rio. A um par de milhas para ali – apontou para além da casa – há um enorme lago cheio de gansos selvagens, cisnes e outras aves. Diz-me lá onde é que eu encontraria isso em Londres.

Harry nunca vira Amy assim. Vestida com um par de calças de ganga e uma blusa de algodão, parecia ter vinte anos, não mais de trinta. O seu cabelo estava despenteado, as mãos já vermelhas de ter andado a esfregar, mas havia uma expressão determinada nos seus suaves olhos azuis.

– Bem, sabe onde nós estamos – disse Harry ao abrir a porta do carro. – Se não der certo, se tiver algum problema, seja o que for, basta telefonar e nós vimos cá abaixo resolver as coisas.

– Vais-te embora já, Harry? – gritou Tara, atravessando o terreiro a correr tão depressa quanto lho permitiam as enormes galochas.

– Paul! – chamou Amy. – O Harry vai-se embora.

De algum modo, Harry revelou bem o que valia quando Paul irrompeu do celeiro e veio a correr a toda a velocidade para os braços do rapaz mais velho, chegando antes da sua irmã. Harry levantou-o do chão e encostou a face à face do garoto.

– Tu vens ver-nos, não vens? – perguntou Paul, com as suas mãozinhas pequenas e sujas a ladear o rosto de Harry. – E ensinar-me boxe?

Harry abraçou Paul uma última vez antes de o pousar no chão.

– E espero ter um abraço assim tão bom de ti, Tara?

Tara parecia acanhada, mas pôs os braços à volta da cintura dele e enterrou a cabeça no seu peito.

– Nunca tive um amigo tão bom como tu – segredou. – Nunca te vou esquecer.

– Nem vais ter hipótese disso. – Harry soltou-a do seu peito e ergueu-lhe o queixo para lhe poder ver o rosto. – Eu vou estar de olho em ti, portanto não penses que podes casar-te com um moço de quinta qualquer cheio de borbulhas e esqueceres-te de que queres ser uma estilista famosa – disse ele. Beijou-a na face e depois estendeu os braços a Amy com uma expressão abalada.

Amy abraçou-o.

– Prometes-me que não segues por maus caminhos, Harry? – Limpou a mancha de sujidade que Paul deixara no rosto dele. Havia força e carácter naquele rosto angular, os seus olhos azuis eram compassivos. Se não se afastasse do caminho reto, a mulher que tivesse aqueles lábios sensuais para beijar e aquele corpo enxuto e forte nos seus braços seria uma mulher de sorte.

Ele abanou a cabeça, beijou-a na face e meteu-se no carro.

– Não sabem o quanto eu e o meu pai vamos sentir saudades vossas. Mantenham-se em contacto!

*

– Não te podes sentar por um minuto? – disse Mabel irritada quando Amy estava a arrumar a última peça de louça lavada no louceiro.

As crianças estavam na cama, exaustas depois de terem explorado a quinta e limpo o seu quarto. Na excitação de tantas novas experiências, nem sequer tinham reparado na ausência de um televisor.

– Eu paro já. – Amy pendurou o pano de cozinha no varão na frente do Aga para secar e recostou-se contra ele, a olhar à sua volta para a divisão limpa. – Está com muito melhor aspeto, Mãe, mas precisa de ser pintada.

Estivera a limpar a cozinha desde a partida de Harry nessa manhã – paredes e teto lavados, a mesa de pinho esfregada com lixívia, armários e gavetas esvaziados, todos os utensílios e cada peça de louça lavados. Alguns dos tachos velhos eram de cobre e brilhavam agora nas vigas do teto, livres de teias de aranha e de poeira. As peças de louça mais bonitas estavam em exibição no louceiro e as cortinas desbotadas aos quadrados tinham sido lavadas e voltadas a colocar nas janelas cintilantes.

A cozinha parecia agora muito mais airosa, já um espaço agradável para a família, mas a cabeça de Amy estava a zunir com ideias, um novo estofo para a cadeira de balouço da sua mãe, talvez um tapete por baixo, e almofadas de cores vivas no banco corrido de madeira.

– Não tenho posses para contratar pintores. – A cadeira de balouço de Mabel raspou na tijoleira.

– Eu posso pintar. – Amy examinou as suas mãos vermelhas do trabalho; não tinham este aspeto desde que deixara Bill. – Se vou viver aqui, temos de

tornar a casa agradável.

Mal tivera tempo para examinar as outras divisões, mas uma vista de olhos rápida deixara-a intimidada. Havia caixas de maçãs podres esquecidas na sala de jantar, o enchimento dos cadeirões na sala de estar estava à vista, e uns centímetros de poeira cobriam tudo. A casa de banho no andar de cima cheirava como se alguma coisa tivesse morrido ali, e Amy tinha encontrado caganitas de ratos no armário das roupas de casa. Havia armários e arcas cheios de roupas antigas, cartas e fotografias, estranhos utensílios velhos que deviam estar num museu, vislumbres de um passado de que Amy queria pôr-se a par. No entanto, pressentia uma profunda relutância da parte da sua mãe em falar sobre o passado.

– Há tinta lá fora no celeiro. – Mabel fungou. – Comprei-a toda antes de a minha mãe morrer. Eu era como tu nessa altura, mas perdê-la fez-me desanimar.

Amy puxou uma das cadeiras da mesa e sentou-se.

– Porque é que nunca me falou sobre este sítio quando eu era pequena? – perguntou. Aquela questão andara-lhe na mente todo o dia e agora, subitamente, parecia-lhe muito importante. – Também se zangou com a sua mãe?

Mabel não respondeu por um momento, limitando-se a ficar sentada e a balouçar-se, quase como se estivesse a adormecer.

– Não com a minha mãe – acabou por dizer. – Só com o meu pai.

– Conte-me isso agora. – Amy aproximou um pouco a cadeira. – Temos tanto tempo para recuperar, Mãe.

Mabel moveu a sua dentadura postiça e pareceu hesitante.

Amy sentira-se surpreendida nessa manhã ao ver que a sua mãe tinha tomado banho, lavado o cabelo e vestido roupas limpas. O seu cabelo branco estava agora macio, a tentar escapar do seu puxo, e com os dentes postiços parecia dez anos mais nova. Continuava a usar calças de homem e uma camisola, mas Amy descobrira por experiência própria que essa indumentária era muito mais adequada do que um vestido.

Ela não estava louca, nem sequer deprimida. Era excêntrica, certamente, mas estava de posse de todas as suas faculdades. A solidão e o azedume tinham-lhe gravado aquelas rugas permanentes no rosto, mas Amy ouvira-a rir com os seus filhos várias vezes nesse dia, e isso significava que a Mabel Randall dos anos anteriores à Guerra ainda estava ali algures.

– Nunca te falei sobre este sítio porque uma vez jurei que nunca mais voltaria a pôr os pés aqui enquanto o teu avô fosse vivo.

– Porquê?

– Porque o James Brady era o homem mais cruel que alguma vez conheci e eu odiava-o tanto que podia tê-lo matado. Só voltei para tratar da minha mãe, que estava doente.

– Ele já tinha morrido?

– Há uns dois anos – respondeu Mabel. – Caiu do cavalo numa trovoada ao voltar de Wells. Pensa-se que ficou ali caído a noite toda com a coluna partida até alguém o encontrar. Ri-me quando ouvi a notícia, tinha a esperança de que tivesse morrido em agonia.

– O padre Glynn disse ao George Collins que a sua mãe tinha posto um anúncio a procurá-la. Como é que foi quando voltou para cá?

Mabel fechou os olhos e recuou seis anos.

Tudo parecia tão desnorteante, familiar mas totalmente diferente. O comboio era muito mais rápido. A estação de Temple Meads em Bristol não parecia tão enorme nem tão grandiosa; depois, a viagem de autocarro a atravessar Bristol, casas onde em tempos só havia campos. Saiu do autocarro em Pensford Hill, julgando que seria uma curta distância pelo caminho até à casa, só para descobrir que ficava a milhas. A mala estava pesada, os sapatos demasiado apertados, e quando olhou para além dos campos na direção da quinta ficou perplexa ao ver um lago onde em tempos só havia terras de cultivo.

Contudo, quando chegou à vila o seu coração começou a bater com força com a excitação. A loja das doçarias à esquina ainda lá estava, embora desse a impressão de ter mudado de mãos. Pearse's, a padaria, chamava-se agora The Old Bakery e parecia muito mais chique. A rua principal parecia mais estreita do que ela recordava, mas talvez isso se devesse apenas aos carros estacionados. Ela lembrava-se de ver rapazes a jogarem críquete naquela rua, só com o ocasional cavalo ou charrete puxada a um pônei a interrompê-los. Porém, quando virou na direção da quinta, esqueceu-se dos sapatos apertados e da mala pesada, arredou as recordações amargas e pensou só em ver a sua mãe pela primeira vez ao fim de trinta e quatro anos.

Ela estava sentada numa cadeira de verga junto ao celeiro, quase adormecida, quando Mabel dobrou a esquina para o terreiro, uma velha senhora de oitenta anos com um vestido estampado azul-marinho e branco e gola de renda feita à mão, o seu cabelo branco preso num puxo. Mais pequena, mais magra, a sua pele em tempos delicada sulcada com rugas fundas e morena do sol. Abriu os olhos de repente ao ouvir os passos da sua filha nas lajes do terreiro.

– Oh, Mabel. – Levantou-se a custo da cadeira, avançando trôpega na direção da filha nas suas pernas arqueadas e atacadas pela artrite, de braços abertos num gesto de boas-vindas. – Não podes imaginar o quanto ansiei por este momento.

*

Mabel sentiu picadas de lágrimas inesperadas ao pensar naquele tempo agora.

– Foi bom vê-la outra vez – foi tudo o que conseguiu dizer, mas sentia-se envergonhada ao comparar o modo como recebera Amy e os netos com as boas-vindas jubilosas que lhe fizera Polly. – Ela estava de posse de todas as faculdades, mas sentia-se demasiado fraca para lidar com tudo. Tu saís a ela, também não suportava a desarrumação.

– Foi bom voltarem a estar juntas? – Amy queria saber o que causara o desentendimento, mas sabia que não valeria a pena apressar a sua mãe.

O rosto de Mabel suavizou-se. Recostou-se na cadeira e balouçou-se levemente, de olhos fechados.

– Havia tanto a dizer, tanto que precisava de ser explicado. Mas, de algum modo, nunca conseguimos exprimi-lo. A minha mãe costumava sentar-se nesta cadeira. – Mabel olhou para a sua filha e sorriu. – Eu costumava sentar-me onde tu estás e ler-lhe o jornal. Falávamos sobre as pessoas da vila, mas nunca sobre nós.

– Mas detestava o seu pai, falavam sobre isso?

– Tentei uma vez. A minha mãe mandou-me calar, disse-me que tinha casado com o meu pai porque o amava. Se ele não veio a revelar-se o tipo de homem de que ela estava à espera, a culpa não era dele, mas dela por ser má juíza do carácter das pessoas.

– Dá impressão de ter sido uma santa – disse Amy com um sorriso sarcástico. – Aceita isso?

– De modo nenhum. Ela devia ter-lhe espetado uma faca. – Mabel estava muito animada e corada agora, quase como se tivesse passado algum tempo a pensar em matar o seu pai.

– Que resposta é que ela deu a isso?

– «Tens de aprender a ser mais bondosa, Mabel. A aceitar as coisas como são e não tentar mudar as pessoas ou os acontecimentos para tua conveniência.»

– Soa encantadora, quem me dera tê-la conhecido – disse Amy.

– Há muito da Polly em ti. – Mabel viu a doce perfeição no rosto da sua filha. A linha direita do seu nariz pequeno, a limpidez da sua tez, mas também a sensualidade dos lábios que herdara dela própria. – O engraçado é que eu via-o em ti mesmo quando eras pequena. Irritava-me por vezes, porque sabia que tu ias aceitar as coisas tal como ela. Mas, pensando bem, quem me dera ter herdado mais da Polly e menos do James.

Amy compreendeu que a intenção era ser um elogio, mesmo que não tivesse saído dessa maneira.

– O meu avô?

Mabel acenou com a cabeça e comprimiu os lábios em sinal de reprovação.

– Ele era como um touro enraivecido. Era ruivo, tinha mau feitio, era arrogante e dogmático. Não tinha um único amigo, sabes? Tinha conhecidos, homens que se vergavam perante ele, porque era mais duro e mais mau do que eles, mas nem um verdadeiro amigo. Eu sou igual, quem é que vai sentir a minha falta quando morrer?

– Nós – disse Amy com convicção. – Além disso, teve aquele colapso nervoso, não era assim antes de o paizinho morrer.

– Era. – Mabel encolheu os ombros. Gostava de dançar e de festas nesses tempos, talvez me risse muito e parecesse popular, mas não fazia amigas íntimas. Não precisava de mais ninguém a não ser do Arthur. O meu colapso nervoso não resultou da dor do luto, sabes?

Amy arregalou os olhos. Com certeza não ia ouvir agora que Mabel nunca amara o marido?

– Foi a raiva!

– A raiva?

– A raiva e a fúria – disse Mabel com satisfação. – Antes de tu nasceres, a minha vida com ele era como estar numa montanha-russa. Aqui e ali estávamos lá no alto, mas na maior parte do tempo era uma queda a pique. Ele era viciado no jogo, sabes?

– No jogo? De que tipo? Cavalos, cartas?

– Principalmente cartas, o póquer era o jogo dele. Era conhecido em praticamente todos os casinos, clubes e bares duvidosos de Inglaterra.

De algum modo, aquilo explicava bastante do sucedido a Amy.

– Era por isso que estávamos a viver em Whitechapel?

Tantas vezes na idade adulta Amy matutara nessa questão. Então, tinham ficado presos ali, como ela e Bill!

Mabel acenou com a cabeça, abatida.

– Estávamos só a um passo da pobreza extrema em 1929. Não nos restava mais nada para vender, andávamos a ser perseguidos por causa das dívidas de

jogo do Arthur. Era janeiro, havia uma camada espessa de neve no chão e eu penhorei a minha aliança de casamento para pagar a renda daquela casa.

Amy ficou boquiaberta.

– Mas o paizinho parecia sempre tão... – Não conseguia pensar na palavra certa; «sensato» não parecia apropriado.

– O teu pai era um homem irresponsável, maravilhoso, estúpido. Um homem desonesto e um preguiçoso sem préstimo, mas eu amava-o com todas as fibras do meu ser. Mas no primeiro dia que passámos naquela zona imunda de Whitechapel jurei que o deixava se ele apostasse mais um tostão que fosse no jogo.

– E ele voltou a fazê-lo? – Amy mal se atrevia a perguntar.

– Não. – Mabel sorriu. – Não o fez, pelo menos que eu saiba. Não conseguia arranjar trabalho e depois eu descobri que estava grávida de ti e foi por isso que ele se alistou no exército. Por vezes, penso que devia ter feito vista grossa ao problema do jogo dele, assim ele teria sido chamado para a Guerra, mas não teria sido sargento e ninguém esperaria que se portasse como um herói. Mas em vez disso ele arranja maneira de ser morto e deixa-me sozinha.

Amy abanou a cabeça, espantada com o egoísmo da sua mãe.

– Vou para a cama – disse, levantando-se e dirigindo-se para a porta. Parou, com a mão no puxador, subitamente com vontade de magoar a sua mãe.

– Diga-me só uma coisa, Mãe, alguma vez pensou no que sentiria o meu pai se pudesse ver que durante o Blitz eu estava sozinha na cozinha com as janelas partidas e fragmentos de bombas a arder cravados no chão?

Mabel baixou o olhar para o regaço e por um momento ficou em silêncio.

– Já estava à espera disso há anos – disse em voz baixa. – Não esqueci nenhuma dessas coisas. Não da vez em que dei contigo a tentar varrer as ratazanas quando o esgoto rebentou e elas correram para dentro de casa. Ou de ti à procura de lenha para a lareira com aquele carrinho de bebé velho. Essas recordações também me estão gravadas na cabeça, Amy. Era como se eu estivesse presa por trás de um vidro naquela época, capaz de te ver, mas incapaz de fazer alguma coisa por ti.

Amy fechou os olhos. Todos estes anos se agarrara à ideia de que a mãe não soubera nada do seu sofrimento durante o Blitz.

Era como ter um foguete na mão, pronta a acendê-lo e a atirá-lo quando surgisse a oportunidade de criar caos. Mas Mabel já se torturara com essas recordações.

– Penso que devíamos ambas prestar atenção às palavras da minha avó – disse Amy.

– Que palavras?

– Aceitar as coisas como são e não tentar mudar as pessoas ou os acontecimentos – disse Amy lentamente.

– Os pedidos de desculpa são inúteis agora. – A voz de Mabel estava trémula, e ela levantou-se da cadeira e atravessou a cozinha até onde se encontrava Amy. – Um dia, vou descobrir uma maneira de me redimir aos teus olhos.

Amy sabia que devia estender os braços à mãe, mas não era capaz, ainda não. Em vez disso, saiu às arrecuas e depois virou-se e correu pelas escadas acima.

O tempo estava do lado delas. Um ou dois tijolos do muro entre elas tinham sido derrubados. Era um começo.

CAPÍTULO 6

Mabel

Mabel ficou na cozinha até muito depois de ter ouvido o estalido das molas da cama lá em cima. Sentia-se exausta, mas não queria subir, porque adivinhava que Amy estava a chorar. Até há dois dias, Mabel ia para a cama pouco depois de anoitecer e dormia a sono solto até ao amanhecer, mas agora esse tipo de paz estava estilhaçado.

Devia ter sabido que seria uma loucura contactar Amy. Mal ela saiu do carro com os dois filhos, a carapaça que Mabel construía cuidadosamente à sua volta estalou e abriu-se.

Essa carapaça começara a crescer à volta do seu coração quando conheceu os evangelistas em 1941. Eles prometiam a salvação, um objetivo para a sua vida, e no estado frágil e perturbado em que ela se encontrava, acreditou que tal significava que devia renunciar a tudo o que se passara antes. Queimou tudo o que estava relacionado com Arthur e com a sua vida anterior e lentamente, à medida que se ia embrenhando na oração e na tentativa de converter outras pessoas, a carapaça foi-se tornando mais espessa, excluindo até a sua própria filha.

As primeiras fendas na sua armadura apareceram quando voltou para a quinta. Sentir o calor do afeto da sua mãe, não diluído por todos os anos de separação, fê-la questionar pela primeira vez a legitimidade de esperar que as outras pessoas vivessem segundo as suas regras.

A carta do padre Glynn sobre Amy agitara ainda mais as águas turvas. Uma metade de si queria manter-se isolada, mas a outra metade queria uma oportunidade de se redimir. No entanto, nada poderia tê-la preparado para aquele momento em que viu a filha e os netos,

– Todos estes anos tens deitado a culpa de tudo o que correu mal na tua vida aos outros – murmurou para consigo. – Agora, a Amy quer saber toda a história e tu estás com medo.

Sabia que era correto que Amy ficasse a par do passado da sua mãe. Mas ela não podia saber o quanto a magoava desenterrar os esqueletos da família.

Sentada ali na cozinha só com o som do carvão quente a crepitar no Aga, Mabel não só sentia a presença de Polly, a sua mãe, mas também a de Hannah, a sua avó. Hannah pusera termo à vida deitando-se a afogar no rio depois da morte dos seus três filhos de difteria. Quem poderia criticá-la? O seu marido, Silas, fora um homem frio e cruel, e James, o único filho que sobrevivera, era exatamente como ele.

Mabel sentira já essas presenças muitas vezes, embora nunca admitisse tal coisa a ninguém. Reconfortavam-na, davam-lhe esperança e agora tinha a certeza de que estavam a instá-la a que abrisse o seu coração a Amy.

Havia tanto aqui na quinta a evocar James Brady. Os cascos de *Betsy* nas lajes recordavam-lhe o seu pai a galopar para o terreiro montado no *Duke*, o seu garanhão malhado. Levar uma sanduíche a Stan no prado lá em baixo fazia-a voltar aos momentos em que levava empadas e uma garrafa de sidra ao pai durante a recolha do feno, e, é claro, aquele quarto de dormir lá em cima!

James Brady podia estar debaixo de sete palmos de terra no cemitério da igreja, mas, até ela arranjar coragem para contar a Amy toda a história, a malevolência dele manter-se-ia, sufocando qualquer esperança de felicidade.

Mas como poderia ela explicar algo que começara com a sua própria vaidade, as suas mentiras e duplicidade?

Já nascera obstinada. Mesmo com um pai tão assustador como o seu, Mabel tinha um espírito que sovas sem conta não poderiam vergar. Foi por esse motivo que em agosto de 1919 Mabel Brady, aos dezanove anos, a moça mais bonita da vila, partiu para a sua primeira visita a Londres.

*

– Não te esqueças de escrever mal chegues. – Polly Brady encostou levemente a sua face à da filha.

Para um viajante mais tarimbado, a estação de Temple Meads em Bristol numa manhã quente de verão seria um lugar a evitar. Mas para Mabel tinha toda a magia e a excitação de uma feira popular. Tudo a encantava – as enormes locomotivas envoltas em vapor, as pessoas a berrar para se fazerem ouvir com o ruído estrondoso dos pistões, o silvo do assobio dos guardas, as portas a bater. Carregadores ajouçados sob o peso das malas e guinchinhos de encanto quando as pessoas a terminarem a sua viagem se encontravam com amigos e parentes.

– De certeza que tens um lenço de mão? – Os lábios de Polly tremiam, e levou aos olhos o seu lenço perfumado com lavanda.

Polly continuava a ter um ar de elegância senhoril apesar de uma vida inteira de trabalho duro e da morte de dois filhos na infância. Com o seu único vestido bom, de seda artificial azul com pregas finas no corpete e mangas tufadas, não parecia a mulher de um lavrador. Umas luvas escondiam as suas mãos estragadas pelo trabalho, um chapéu de palha cobria o seu cabelo ainda de um castanho-escuro e a sua figura esbelta era ainda bastante sedutora para atrair olhares de admiração.

– Sim, Mãe. – Mabel baixou os olhos e tentou ocultar a sua impaciência por entrar para o comboio. O seu novo vestido de um verde-maçã já estava a

ficar com faúlhas da locomotiva e ela começava a desejar ter seguido o conselho da mãe e ter usado uma roupa velha para viajar.

Mas o vestido era um triunfo! Adorava o corpete justo e as mangas compridas apertadas, com minúsculos botões de madrepérula do pulso ao cotovelo. A saia era travada à frente, mas apanhada atrás a fazer um pouco de roda. O tecido fora dado por uma amiga da sua mãe, o modelo por uma vizinha e a gola de renda branca por outra. Com uma fita do mesmo tecido no seu alegre chapéu de palha, com certeza ninguém adivinharia que ela era uma moça do campo.

Gostaria também de não ter de ser acompanhada por Mrs. Grey. O nome assentava bem à esposa do pastor da igreja, tudo nela era cinzento, da roupa à pele e à conversa. Já estava instalada na carruagem com o seu cesto de piquenique, os saís de cheiro e o bordado.

– É melhor ires entrando. – Polly meteu a mão numa pequena bolsa com atilhos e tirou duas meias coroas. – Compra um miminho para ti, mas não deixes que o teu pai saiba. Ora bem, não te esqueças de te comportares como uma senhora! Não tires as luvas e não te ponhas a olhar para as pessoas.

Por um momento, Mabel sentiu-se envergonhada de si mesma. A mãe tinha de prestar contas ao pai de todos os tostões, e teria de vender muita manteiga e muitos ovos extra para cobrir aquela quantia. Na ausência de Mabel, teria todas as tarefas da filha em cima da sua carga de trabalho já extenuante, mas mesmo assim o seu sorriso estava cheio de afeto e orgulho.

– Obrigada, Mãe. – Mabel abraçou-a impulsivamente, com verdadeiro carinho. – Não tente fazer tudo. Eu recupero o tempo perdido quando voltar para casa.

Polly estava ainda na plataforma quando o comboio encetou a sua marcha lentamente. Ao serpentear dobrando uma curva, Mabel avistou-a de novo, uma figura pequena e delgada com um vestido de um azul desbotado, uma mão ainda erguida a despedir-se, a outra a levar um lenço aos olhos.

Foi uma sorte que Mrs. Grey adormecesse pouco depois de passarem por Bath, porque não apetecia nada a Mabel falar sobre trabalhos de agulha, hinos religiosos preferidos ou o mais recente sermão do reverendo Grey sobre a avareza. O que realmente lhe apetecia era abrir a janela até baixo, livrar-se do chapéu, soltar o cabelo e dar gritos de alegria.

Uma semana inteira com a sua amiga Lucy em Londres! Festas, jantares e todo um novo círculo de pessoas a quem encantar. E se ela se apaixonasse por um dos amigos médicos de Ralph?

«A esperta da Lucy», pensou Mabel ao tirar a carta da amiga para a ler mais uma vez.

«Queridíssima Mabel, Seria uma imposição terrível perguntar-te se podias ajudar-nos? Tenho andado bastante mal desde que tive o bebé, simplesmente pareço não conseguir recompor-me. O Ralph sugeriu que te convidasse a ficares connosco por uma semana para eu ter um pouco de descanso. Londres é horrível durante os meses de verão e eu sei que tu ias fazer-me sentir muito melhor!»

Mabel dobrou a carta e voltou a metê-la na mala de mão, sem se dar ao trabalho de ler os pormenores mais maçadores sobre o peso de Edward e a sua boa disposição. O pai dela torceu o nariz quando ela lhe mostrou a carta e disse algo indelicado sobre como «com certeza um médico teria posses para contratar uma ama», mas a mãe ficou encantada com aquela mensagem tão simpática.

Que difícil foi manter a compostura enquanto a mãe enchia um saco com compotas caseiras, mel, fruta de conserva, queijo e manteiga para a sua amiga adoentada. Parecia ter esquecido que em tempos considerava Lucy Meredith «um pouco destravada». Mas o facto de ela ter casado com um médico, especialmente um homem tão empertigado e desinteressante como Ralph Soames, parecia ter-lhe varrido da mente a recordação de Lucy a namoriscar descaradamente com um caixeiro-viajante na loja dos correios dos pais dela.

«Se a Mãe soubesse», pensou Mabel toda alegre, estendendo as pernas para poder admirar os seus botins elegantes com botões a despontarem da saia. «Só espero que o meu vestido branco de organza não pareça demasiado campónio lá em cima com aquelas modas tão chiques.»

O vestido branco que trazia no saco de viagem fora feito em segredo, longe do olhar aguçado do pai. Ele não aprovava bailes ou festas e com certeza não aprovaria um vestido que deixava à mostra os ombros da sua filha!

*

Mabel Brady tinha dez anos quando descobriu um mundo para além da Quinta Bridge, a quinta dos seus pais. A mãe levava-a a visitar uma velha amiga que trabalhava em Chew Court, uma mansão por trás de uns enormes portões de ferro. Nessa tarde ela soube que ia ser uma senhora ou morreria a tentar sê-lo.

Não seria para ela levantar-se ao amanhecer para mungir as vacas, ver as mãos vermelhas de esfregar o soalho ou com bolhas de cortar o feno. Outra pessoa poderia limpar o estrume do estábulo, dar de comer às galinhas e sachar à volta das couves. Mabel Brady estava destinada a usar lindos vestidos, tomar chá no relvado e andar na sua própria carruagem.

Ver como os ricos viviam dera-lhe todo um novo sentido de direção. Tinha a sorte de a mãe a ter encorajado, a ela e à sua irmã mais nova, Emily, a pintar, tocar piano e bordar, e pudera andar a cavalo desde que tinha idade para se sentar em cima de um. Mas coisas como dançar e jogar ténis eram malvistas pelo pai, portanto teve de as aprender em segredo, longe da quinta, com Lucy como sua mestra.

Lucy tivera sempre muita sorte. Filha única de pais extremosos, aprendera a dançar e a jogar ténis só porque essas coisas eram divertidas. Nos dias em que o pai de Mabel ia para a feira de Winford, ela e Lucy passavam horas no armazém da loja com o gramofone de manivela a praticar os passos para o dia em que o par certo aparecesse. Em tardes soalheiras iam para o campo do críquete jogar ténis, na esperança de em breve poderem jogar num *court* a sério.

Mabel sabia que o seu aspeto a destacava das outras raparigas. Passara de criança a mulher a saber que era linda. O cabelo cor de fogo do seu pai estava atenuado com o cabelo castanho da sua mãe, criando um louro arruivado que se assemelhava a moedas novas. A pele da cor do leite e os olhos como âmbar polido combinavam-se com um peito cheio invejável e uma cintura de vespa.

Contudo, por mais linda que fosse, Mabel sabia que nunca poderia entrar na alta sociedade na vila. Tinha de trabalhar no duro quase todos os minutos do dia e as únicas pessoas com quem convivia encontravam-se ao mesmo nível social que ela ou mais baixo.

Na igreja aos domingos, via as carruagens dos nobres rolar pela estrada e despejar os seus passageiros. Havia os Plowrights, o pai com uma cartola de seda, a mãe e as filhas com as modas mais recentes de Londres. Lady Constance Harringer, que constava que tinha milhões, mas usava sempre

vestidos de crepe preto com um tom enferrujado. Os Osbournes, uma fortuna «do chá». Os Averys, acabados de regressar da Índia.

Contudo, a sua maior desvantagem era o seu pai. James Brady podia ser proprietário da maior parte da terra agrícola de Chew Magna e intimidar a maior parte dos habitantes locais levando-os a fazer o que queria, mas, desde muito pequena, Mabel sabia que a reputação de homem violento do seu pai impediria que qualquer cavalheiro lhe fizesse a corte, embora ela viesse um dia a herdar a quinta.

Lucy tinha conhecido Ralph Soames quando ele andava a estudar Medicina em Bristol, através de uma amiga da família. Tiveram um namoro-relâmpago e casaram imediatamente antes de ele montar consultório em King's Cross. Mabel só se lembrava claramente de um homem magro e pálido com óculos, bastante tímido, com uma expressão séria. Por outro lado, todos os médicos eram românticos.

*

Mabel sentia-se exausta quando chegaram a Londres ao fim da tarde. O seu vestido estava engelhado, o rosto salpicado com fuligem e Mrs. Grey passara as duas últimas horas da viagem a falar sobre crianças.

Ralph aproximou-se em grandes passadas pela plataforma. Embora tivesse engordado desde o casamento e tivesse deixado crescer o bigode e desenvolvido um ar mais autoconfiante, Mabel sentiu-se chocada ao ver o seu aspeto enxovalhado.

– Que bondade a tua teres vindo, Mabel – disse ele num tom animado, tirando o chapéu e depositando um beijo na face dela.

O seu fato escuro estava coçado de velho, no queixo despontava-lhe a barba e por trás dos óculos viam-se-lhe os olhos injetados.

– Ora bem, Mrs. Grey. – Virou-se para a senhora mais velha, ignorando Mabel. – Como estão os seus filhos e onde vai encontrar-se com os seus parentes?

Mabel sentiu-se abespinhada ao ver a preocupação óbvia dele com a senhora mais velha. Pegou nas malas de Mrs. Grey e deixou que Mabel os seguisse a carregar a sua. Foi só quando se despediu de Mrs. Grey, já numa carruagem com o irmão, que se virou para Mabel e pegou na mala dela.

– Pensei que só vinhas passar uma semana! – Fez um esgar ao sentir o peso. – Não vais precisar de muito mais do que um avental para ficares connosco.

Mabel ficou desolada. Com certeza era uma piada de mau gosto? Mas Ralph não se riu; em vez disso, o seu rosto pálido parecia abatido e ansioso.

– Sinto-me tão grato que possas dispensar uma semana para estares com a Lucy. – Suspirou profundamente. – Ela não tem estado em si desde que o Edward nasceu. Por minha vontade, tinha-a mandado para casa dos pais no Somerset, mas, muito francamente, não penso que ela aguentasse uma viagem assim tão longa.

– Então ela está mesmo doente? – Mabel susteve a respiração. – Julguei que... – Parou de falar, incapaz de admitir a Ralph que pensara que a carta com queixumes era uma artimanha bem pensada para trazer a sua velha amiga para Londres para se divertirem à grande.

Enquanto a carruagem deles atravessava Londres, Mabel ia-se sentindo cada vez mais desolada. Estava demasiado escuro para ver bem, mas as lojas, os *pubs* e os hotéis não eram nada parecidos com a Londres dos seus sonhos. Talvez as pessoas elegantes estivessem todas nas outras carruagens que passavam pelas ruas estreitas e mal iluminadas, mas as pessoas que avistava

sentadas nas soleiras das portas, às esquinas das ruas e a apinharem os passeios estavam todas mal vestidas, pior do que os labregos no Somerset.

O ar quente estava espesso com fumos acres e cheiros desagradáveis. Mabel levou delicadamente ao nariz o seu lenço perfumado com lavanda enquanto escutava Ralph, mas tudo o que ele dizia a deprimia ainda mais. Ao que parecia, ele não tinha um automóvel ou sequer uma carruagem, como ela esperara. Falou de elétricos, dos pobres que eram seus pacientes e, o que era pior ainda, dava a ideia de que vivia por cima do consultório.

Imaginara Lucy numa zona como Clifton em Bristol – casas elegantes com portas brilhantes pintadas, e criadas para polir o batente de latão e esfregar os degraus. No entanto, embora a carruagem os estivesse a levar por uma zona dessas, a que Ralph chamou Regent's Park, logo a seguir voltaram a mergulhar em ruas modestas.

Os cascos dos cavalos passaram de meio galope para trote e a seguir para uma marcha lenta, e de repente viram-se rodeados por luz e ruído.

– O que é que se está a passar? – Mabel deitou a cabeça de fora da janela aberta e viu um lugar apinhado com pessoas.

– É King's Cross. – Ralph sorriu ao ver a surpresa dela. – Aquela ali ao lado é a estação de St Pancras. Parece um palácio, não parece?

Mabel limitou-se a lançar um olhar ao enorme edifício com janelas de estilo neo-gótico, entalhes complicados e pináculos, com a sua atenção desviada para a cena em frente a ele.

Era como uma enorme feira, com uma atmosfera de Carnaval. Táxis, autocarros, elétricos e automóveis circulavam nos cruzamentos congestionados no que parecia uma total confusão. Ao longo dos passeios havia bancas a venderem de tudo, de botas a maçãs caramelizadas, com os

seus candeeiros de querosene a suplementar a iluminação a gás. Viam-se pessoas a passear calmamente, como se fosse de tarde e não dez da noite.

A excitação fervilhou dentro dela. O mais perto que estivera de uma cena como aquela fora na feira de Winford na véspera de Natal, mas este não era um local de encontro de famílias e amigos. Tinha um distinto ar de perigo.

Crianças pequenas com roupas esfarrapadas misturavam-se com senhoras idosas todas vestidas de preto; raparigas mais novas do que ela com o rosto pintado passavam de braço dado com soldados fardados. Homens com cartolas e fatos de cerimónia acotovelavam outros com bonés de pano e roupas de trabalho. Vendedores de rua anunciavam aos berros a sua mercadoria, sinetas de elétricos, cascos de cavalos, música e gargalhadas erguiam-se juntos numa cacofonia de sons alegres.

Mabel sentia os cheiros a fruta, cerveja e cebolas fritas misturados com estrume de cavalo. A música vinha de várias direções, um realejo, um acordeão e alguém a tocar uma polca animada num piano.

Um grupo de soldados estava sentado em cima das suas mochilas. Havia marinheiros claramente já bem toldados pela bebida, e um polícia estava a tentar em vão dirigir o trânsito.

Até mesmo o *pub* não era como nada que ela alguma vez tivesse visto. Era uma enorme taberna, iluminada como uma árvore de Natal, e de cada vez que as portas se abriam saíam mais música e risadas para se misturarem com a atividade na rua.

– Nunca vi nada assim – disse ela, maravilhada.

– Mas há tanta tristeza nesta folia toda. – Ralph franziu a testa, o seu rosto pálido amarelado à luz do lampião a gás. Apontou para um homem sentado numa caixa com rodas, sem pernas e com uma fileira de medalhas no peito.

Havia um outro apoiado em canadianas com uma das pernas das calças dobrada e presa com alfinetes. – Combateram com tanta coragem pela sua pátria e agora têm de mendigar para comer.

A Guerra mal fora sentida por Mabel no Somerset. Além de ler os jornais e tricotar meias e cachecóis para os soldados, era um problema distante que não afetara a quinta deles. Mabel assistira ao serviço religioso em memória dos homens da vila que tinham morrido, verteu umas lágrimas como todas as outras raparigas e pôs flores debaixo da placa com os nomes deles. Contudo, mesmo quando ia com a sua mãe levar oferendas de alimentos às famílias enlutadas, nunca considerara as implicações mais alargadas da guerra.

– Tantas mulheres enviuvadas, crianças forçadas a trabalhar porque os seus pais estão a sofrer os efeitos do gás de mostarda e do choque. Todos pensámos que era a guerra para pôr fim a todas as guerras, mas agora, um ano depois, é que estamos a pagar o verdadeiro preço.

A testa lisa de Mabel enrugou-se.

– Não compreendo. Que preço?

– A economia está de rastos, as casas destruídas pelos ataques de Zeppelins. – Ralph abanou a cabeça tristemente. – No dia do Armistício, rejubilámos, olhámos para a frente e acreditámos num novo futuro radioso. Mas aqui estamos um ano mais tarde ainda com casas sobrelotadas e sem condições de higiene, pessoas a morrerem por falta de cuidados médicos. A estrutura de classes está tão forte como sempre. As fábricas estão a ter lucros enormes ao mesmo tempo que continuam a pagar uma miséria aos trabalhadores. É para admirar que as pessoas se virem para as tabernas ou que moças novas vendam o corpo nas ruas?

O entusiasmo de Mabel perante o espetáculo da vida noturna de Londres começou a dissipar-se, não só devido às palavras sombrias de Ralph, mas também por a carruagem dobrar uma esquina para uma rua estreita e mal iluminada ensombrada por uma ponte dos caminhos de ferro. Mulheres vestidas espalhafatosamente rondavam a zona por baixo dos arcos da ponte, muitas delas exibindo a maior parte dos seios.

Deu graças pela escuridão agora para esconder como corava; mesmo na sua inocência, adivinhava o que elas eram. Um cheiro insuportável de lixo a apodrecer fê-la sentir uma náusea, e uma sensação de ameaça no ar cheio de fuligem arrepiou-lhe a pele.

Esta não era a Londres com que ela sonhara, mas uma visão de pesadelo.

*

Os seus piores receios concretizaram-se quando a carruagem parou na esquina de uma travessa sombria. Viu uma lojinha suja, com as montras pintadas de verde-escuro e «Surgery»¹ em letras brancas.

– É aqui? – perguntou numa voz débil. Sentia o cheiro a esgotos e uma baforada de cerveja vinda de uma taberna na esquina em frente, que proporcionava a única luz na rua. Enquanto Ralph estava a pagar ao condutor, as portas da taberna abriram-se de repente e saíram dois homens a lutar e a berrar.

– Não é bem o que esperavas? – Ralph pegou no saco de viagem dela e acompanhou-a até à porta. Havia na sua voz um ligeiro tom de sarcasmo, como se sentisse divertido com a reação dela. – Estas pessoas precisam muito mais da minha ajuda do que os ricos.

Um só pensamento a dominava quando seguiu Ralph por umas escadas velhas iluminadas por um candeeiro a gás. Nunca teria uma oportunidade

para usar o seu vestido branco de organza aqui!

*

Lucy estava sentada na cama, encostada a uma montanha de almofadas brancas debruadas a rendas, mas a amiga animada que Mabel esperava ver aparentava agora estar mais perto dos quarenta do que dos vinte e um anos. Havia gotas de suor na sua testa pálida e os seus olhos com olheiras pareciam tristes. Perdera peso e, quando Mabel se debruçou para a beijar, cheirou-lhe a suor e a leite azedado.

– Muito obrigada por teres vindo – disse numa voz sibilante, mantendo a mão de Mabel agarrada na sua. – Não julguei que viesses, nunca foste de visitar pessoas doentes.

– Como poderia recusar uma amiga a necessitar de mim? – Mabel engoliu em seco com força para ocultar a sua decepção. Contudo, antes de ter tempo de acrescentar mais alguma coisa, uma choradeira ensurdecadora assaltou-lhe os ouvidos.

– Podes-mo ir buscar? – Lucy soergueu-se sem forças contra as almofadas.
– É hora de mamar.

Seria difícil dizer o que foi pior, pegar num bebé aos berros e todo molhado ou ver Lucy desabotoar a sua camisa de noite branca e mostrar um seio inchado.

– Serias capaz de lhe mudar a fralda? – pediu Lucy num gemido. – As fraldas estão ali.

Mabel não fazia ideia de por onde começar; segurou nos braços o desgraçado do bebé molhado e ruidoso, a saber que o seu vestido de seda artificial ficaria estragado.

– Tens mais experiência com vitelos do que com bebés humanos? – Ralph riu-se alegremente ao ver o seu rosto aflito, tirando-lhe o filho dos braços e despindo-lhe a peça de roupa comprida com mãos hábeis. – Há alturas em que de boa vontade o trocaria por um animal que pudesse sobreviver sozinho.

Até mesmo Mabel teve de admitir que havia algo bastante calmante em ver o bebé limpo ligado à sua fonte de alimento e escutar o som suave de sucção. Ralph trouxe-lhe chá e bolo enquanto ela punha Lucy a par de todos os mexericos da vila. Agradou-lhe sentir-se como uma senhora generosa ao tirar toda a comida do saco, embora a manteiga tivesse derretido e escorrido do papel vegetal.

– A tua mãe é tão querida. – Lucy enfiou o dedo no mel. – O teu pai sabe que ela mandou isto tudo?

– Esse foi o contributo dele. – Mabel corou um pouco, embaraçada por Mabel ainda se lembrar da sovinice do seu pai. – A minha mãe meteu o resto no saco quando ele não estava a ver.

– Ele continua a ser severo? – Lucy inclinou-se para a frente na cama e estendeu a mão para a de Mabel. – Deixa-te andar com alguém?

Mabel lançou o cabelo para trás com impaciência.

– Não há ninguém na vila com quem eu queira andar, mas ele continua tão desconfiado e resmungão como sempre. Não imaginas como fiquei contente por escapar por uns tempos.

Não conseguia confessar que o seu pai estava decidido a casá-la com Sydney Luckwell, um agricultor da vila vizinha de Stanton Drew. Ele tinha pelo menos trinta e cinco anos, dentes cariados e barriga, e só pensar nele já dava volta à sua própria barriga.

– Pareces exausta, Mabel. – O rosto estreito de Ralph mostrava preocupação. – Talvez queiras ir para a cama agora, a viagem deve ter sido cansativa e eu não quero mais uma paciente nas minhas mãos.

– O que querem que eu faça amanhã? – perguntou Mabel, sem saber ao certo se Lucy se tinha ido deitar cedo ou estava de facto acamada.

– Se conseguisses levar o Edward a dar um passeio durante o dia – disse Ralph num tom animado, deitando por terra a sua esperança de ir às compras no West End. – Talvez dar uns pontos numa roupa e passar a ferro e fazer-nos o almoço? Vai dar tempo à Lucy para recuperar as forças.

– Não têm uma ama? – perguntou Mabel antes de se retirar para o quartinho ao lado. Já se conformara com o apartamento pequeno e atravancado, que estava limpo e era acolhedor, embora insuportavelmente abafado, e Ralph era muito mais simpático do que ela recordava.

– Não temos posses para isso – disse Lucy sem vestígio de embaraço. – Temos uma mulher que vem fazer o trabalho mais pesado, mas na sua maior parte os pacientes do Ralph são muito pobres. Normalmente, temos de esperar meses para receber, e por vezes nem chegamos a ser pagos. Vai tudo ficar bem quando eu recuperar as forças. Somos muito felizes aqui.

*

A opinião de Mabel sobre a nova vida de Lucy oscilou ao longo dos dois dias seguintes entre o horror e a inveja. Ouvia as vozes grosseiras com pronúncia *cockney* que vinham da sala de espera no andar de baixo, vislumbrava os desgraçados maltrapilhos que aguardavam pacientemente a sua vez de verem o doutor Soames, e contraía-se enojada com os cheiros que se evolavam pelas escadas. Contudo, apesar de toda a miséria lá em baixo, Lucy e Ralph tinham algo especial.

As divisões acanhadas no andar de cima eram um oásis de tranquilidade. A mobília velha dada pelas suas famílias brilhava bem encerada; as cortinas de renda branca atenuavam a desgraça para além das janelas. Mas era amor o que Mabel pressentia – a maneira cuidadosa como Ralph punha os pés de Lucy num tamborete; os olhos escuros de Lucy suavizados com orgulho ao falar do consultório de Ralph, e Edward, gorducho e feliz, deitado no seu berço a gorgolejar e a sorrir, adorado pelo pai e pela mãe.

Mabel nunca tivera essa experiência de afeto. A sua mãe apressava-se a servir as refeições ao pai como um ratinho assustado mal ele entrava a passos largos na cozinha. Ele criticava tudo ou afundava-se na poltrona ao lado do fogão num silêncio amuado. Tanto Mabel como Emily tinham aprendido a manter-se caladas até lhes ser dirigida a palavra, aprenderam a prever todas as necessidades do pai e nem uma vez o ouviram perguntar a opinião sobre nada à sua mulher.

– É agradável aqui – disse Mabel sem querer depois de voltar com uns vegetais para o almoço. Como convidada do doutor Soames, fora tratada como uma senhora fina na loja do bairro, e começava a compreender o valor do trabalho de Ralph.

– As pessoas são bondosas e interessam-se pelos outros, embora sejam pobres – disse Lucy, encostando Edward ao ombro e olhando pela janela. – Eu sei que não é bem a vida animada que tínhamos planeado quando jogávamos ténis no campo de críquete, mas sou feliz aqui.

– Não acho que alguma vez me vá apaixonar – disse Mabel melancólica. – Como é que alguma vez poderei conhecer alguém se estou metida em casa o dia todo?

– Talvez não devesse pensar que um marido é a única saída – disse Lucy em voz baixa. – Se eu soubesse desenhar e pintar como tu, penso que tentaria encontrar um emprego em que pudesse usar os meus talentos.

– O meu pai não ia querer ouvir falar disso. – Mabel suspirou.

– Não ia poder impedir-te se estivesse mesmo decidida. – Lucy sorriu. – A Guerra mudou as coisas para as mulheres, sabes, há milhares que agora têm de arranjar emprego.

– Ela tem razão – disse Ralph, que estava a entrar nesse momento para almoçar. – Não te deixes intimidar pelo teu pai, Mabel, a vida é tua.

*

A tarde estava quente e soalheira e, armada com um biberão com água açucarada e uma fralda limpa, Mabel levou Edward no seu carrinho de bebé na direção de Regent's Park. À medida que as ruas iam sendo mais largas e as bandas de casas escuras e esquálidas ficavam para trás, Mabel sentiu-se invadida por uma sensação jubilosa de expectativa. De repente, estava na Londres dos seus sonhos – elegantes praças em meia-lua com carruagens à espera à porta das casas, casais bem vestidos a andarem de braço dado, a empurrarem carrinhos de bebé, meninos pequenos com fatos à marinheiro armados com arcos e barquinhos de brincar, meninas pequenas com vestidos brancos aos folhos e toucas para se protegerem do sol.

Mabel entrou no parque, sentou-se num banco à sombra de uma árvore e pôs-se a ver passar o desfile de moda, embalando suavemente o carrinho de bebé com uma mão. Apercebeu-se de que um homem vinha na direção dela, só um vislumbre de ombros largos num fato cinzento de corte impecável, colete de fantasia, camisa formal e cartola. Naquele preciso momento, Edward começou a berrar.

Mabel acabara por se deixar encantar pelo bebé gorducho e plácido, que tinha os caracóis escuros de Lucy e feições de querubim, mas naquele momento detestou-o por chamar a atenção sobre ela. Embalar o carrinho não fez nenhuma diferença e quando o homem parou, ergueu a cartola e sorriu, ela corou e sentiu-se desesperadamente embaraçada.

Viu um clarão de cabelo louro e dentes brancos e regulares. Embora tentasse não o olhar nos olhos, apercebia-se dos seus olhos azul-escuros a examinarem-na. Ele era aquilo a que na sua terra chamavam um janota.

Esperava que se o ignorasse ele se fosse embora, mas ele ficou ali parado a ver as suas vãs tentativas de acalmar o bebé. Não havia nada a fazer a não ser tirar Edward do carrinho, embora ela estivesse agora a sentir-se bastante nervosa.

– Oh, para com isso – resmungou.

– Bela ama que a menina é – disse o homem. – Os pais dele sabem que fala assim com ele?

Ela devia ter-se afastado a empurrar o carrinho, de nariz empinado, mas em vez disso respondeu-lhe.

– Eu não sou ama. Ele é de uma amiga que está doente. Tinha a esperança de que ele não acordasse. – Pegou em Edward e sentou-se com ele no banco. Quase imediatamente, ele fez xixi, encharcando a frente do vestido dela e envergonhando-a ainda mais.

– De onde é? – O homem aproximou-se. – Conheço o sotaque, mas não consigo identificar de onde é.

– Do Somerset – respondeu ela contrafeita. – E quem me dera estar lá agora.

Edward parou de berrar e soltou um arroteo alto, bolsando, e depois fez um sorriso beatífico.

– São umas coisinhas sujas, os bebés – disse o homem. – Posso sentar-me?

Mabel sabia muito bem como namoriscar – fazer conversa animada e superficial era como uma sua segunda natureza –, mas não com um bebé nos braços e o vestido molhado.

– Surpreende-me que queira sentar-se – retorquiu.

– Bem, está um dia encantador. Você é a moça mais linda no parque e ele é um bebé bastante bonito.

A razão dizia-lhe que era uma loucura dar confiança a um perfeito estranho, particularmente um estranho tão jovem e bem parecido como ele. Porém, não conseguiu conter-se. Havia algo animado e de rapazinho nele, embora ela adivinhasse que ele devia ter pelo menos uns vinte e cinco anos. Sem ser impertinente, ele pôs-se a fazer-lhe perguntas e daí a pouco tempo ela já lhe tinha contado toda a sua história, admitindo até que pensara que vinha para Londres para se divertir.

– Então, está um pouco dececionada? – Os seus olhos azuis brilharam marotos ao ouvir a descrição que ela fez dos pacientes do consultório de Ralph e a sua opinião pouco favorável de Londres. – Suponhamos que a convidava para jantar, algures onde pudesse usar o seu vestido branco de organza. Aceitaria?

Mabel sentiu um súbito formigueiro, um acesso de sangue à cabeça e pele de galinha por todo o corpo. Baixou as pestanas modestamente e soltou uma risadinha.

– Como é que eu poderia? – perguntou. – Nem sequer sei o seu nome.

– Arthur Randall. – Pegou na mão dela e levou-a aos lábios. – Miss Brady, aceita jantar comigo?

Estava a brincar com ela, Mabel sentia o riso dentro dele, embora o seu rosto estivesse sério. Reparou nas suas pestanas compridas e no nariz com a ponta ligeiramente arrebitada, e a suavidade dos lábios dele na sua mão fê-la corar.

– Não sei. – Sentia-se agora dividida.

– Quer dizer que não sabe o que dizer aos seus amigos ou que não sabe se jantar comigo seria agradável? – Ergueu uma sobrancelha loura.

Edward adormecera nos braços de Mabel com o polegar firmemente enfiado na sua boquinha.

– Tenho de voltar para casa. – A voz de Mabel soava trémula. – É uma boa caminhada.

– Eu chamo-lhe um táxi – apressou-se ele a dizer. – Podia dizer aos seus amigos que sou alguém que conheceu lá na sua terra e que nos encontramos por acaso no parque. Eu podia ser um amigo da família, talvez?

– O Charles Plowright – disse Mabel. – Ele vive numa mansão perto de nós. A Lucy só o conhece de nome, ele está no ramo da navegação comercial. – Riu-se com excitação. – Ele é o tipo de homem que tem de facto muitos amigos, podíamos dizer que nos tínhamos conhecido num jogo de ténis.

*

Lucy ficou completamente encantada com Arthur quando ele pegou no pequeno Edward e lamentou o estado adoentado dela. As mentiras escorriam dos lábios dele com tanta facilidade que Mabel deu consigo a quase acreditar na história sobre o jogo de ténis no verão anterior.

– Já não vejo o Charles desde essa altura – disse ele convincentemente. – Estive em Bristol a fazer negócios com a empresa dele, mas infelizmente o meu trabalho raramente me leva para lá de Tilbury nos últimos tempos. Que surpresa que foi ver a Mabel sentada no parque! Já estávamos a conversar há algum tempo quando compreendi que o pequeno Edward não era dela.

Acertou na nota certa.

– Vou jantar esta noite com alguns parceiros de negócios e faltava-me alguém para me acompanhar. Poderiam dispensar a Mabel por esta noite?

– Desde que a traga a casa a uma hora decente – disse Ralph. – A Lucy está muito melhor desde que a Mabel chegou, devemos-lhe pelo menos uma noite em que possa vestir-se a preceito e conversar sem ser sobre bebés ou doença.

*

– Está linda – disse Arthur quando estavam de novo no táxi a caminho de Gray Inn's Road. – Reservei uma mesa no Café Royal.

Mabel já se deixara encantar por Arthur ainda antes de o empregado de mesa empurrar a cadeira dela para junto da mesa e lhe pôr o guardanapo no regaço. Não eram a grandiosidade do restaurante, as luzes suaves, o quarteto a tocar discretamente ou as pessoas elegantes. Era simplesmente ele. Aquele formigueiro que sentira no parque estava a tornar-se mais intenso; quando ele estendeu o braço por cima da mesa e cobriu a sua mão com a dele, dominou-a uma estranha sensação e deu consigo a olhar para a boca dele e a querer beijá-la. Uns lábios tão carnudos, suculentos, curvando-se de uma maneira que dava a impressão de um sorriso permanente.

Fosse o que fosse que Ralph dissesse sobre o triste estado do país, não havia indícios dele aqui esta noite. Para além das gargalhadas alegres, da comida requintada e do consumo notório de vinho e champanhe, as

indumentárias por si só diziam que Ralph estava a exagerar. As mulheres usavam vestidos de seda e de veludo, em estilos demasiado novos para Mabel conseguir reconhecê-los. Brilhavam diamantes em pescoços e dedos, lufadas de perfume francês chegavam-lhe às narinas.

Ralph dera a entender que metade dos homens em Londres sofrera ferimentos na Guerra, mas ela também não via sinal disso. Os homens de smoking, faixa de seda na cintura e laço que se debruçavam tão atenciosamente para as suas acompanhantes estavam todos escorreitos, em boa forma e saudáveis.

*

Talvez Mabel devesse ter sentido um impulso de cautela quando Arthur deixou escapar pequenos dados sobre o seu passado que não batiam certo, mas de cada vez que ela o fitava nos seus olhos azuis ou que a sua mão roçava a dela por cima da toalha de mesa branca como a neve, sentia-se a cair cada vez mais fundo.

– Como é que arranjou isso? – perguntou, tocando levemente numa cicatriz fina que partia da orelha e desaparecia por baixo do colarinho.

– Foi na Índia. – Sorriu tristemente, com a covinha no queixo a acentuar-se.
– Um ataque de cavalaria para reprimir os nativos. Tive sorte por escapar com tão pouco, a maior parte do meu regimento morreu.

Falou de caçadas ao tigre, do calor de Calcutá, de jogar polo e do seu *bungalow* nos Himalaias, tecendo-lhe uma imagem dos homens galantes que protegiam o Império Britânico.

– Eu praticamente nunca saí da minha vila – admitiu Mabel. – Não conseguia levar-se a dizer-lhe que nunca comera num restaurante ou que a única pessoa com quem dançara fora com Lucy no armazém nas traseiras da

loja dos correios. – Mas agora que vim para Londres sinto um desejo fortíssimo de ver mais do mundo. O meu pai quer-me casar com um agricultor. Penso que não conseguiria suportar isso.

– Mabel, é demasiado linda para se desperdiçar na província – disse Arthur, pegando-lhe na mão e beijando-lhe as pontas dos dedos. – As pessoas como a Mabel e eu, com imaginação e audácia, deviam viver em lugares como a América ou a África. A Inglaterra é demasiado pequena para nós.

Nenhum homem que ela alguma vez conhecera falava como Arthur. Ele pintava cenas tão brilhantes e vivas que ela conseguia vê-las tão claramente como se estivesse lá. Não havia silêncios embaraçados; ele passou sem dificuldade da Índia para a sua temporada nas trincheiras em França, sem dar grande relevo às condições e à carnificina. Fê-la rir com as personagens que conhecera. O sonho que Mabel tinha há muito tempo da grande mansão no campo, vastos relvados e criados estava a desvanecer-se. Em vez disso, ele estava a construir-lhe um novo sonho. Agora via-se numa casa elegante na cidade, a dar seletos jantares e *soirées*. Tornar-se-ia uma artista famosa, viajaria por todo o mundo e juntos seriam o casal que andaria nas bocas de todos.

O que havia à sua espera no Somerset? Lavar a roupa, esfregar as bilhas do leite, dar de comer às galinhas. O casamento lá não a libertaria do trabalho duro e monótono; um marido adequado aos olhos do seu pai seria um homem tão duro e sovina como ele.

Mais tarde, dançaram. Com os braços de Arthur à sua volta, esqueceu-se do seu pai. Tinha de arranjar maneira de ficar em Londres o tempo suficiente para Arthur se apaixonar por ela. Um homem que combatera contra nativos na Índia e estivera nas trincheiras em França não se deixaria intimidar perante James Brady.

Permitiu que a beijasse na viagem de regresso a casa sem o mais leve protesto. Se ele tivesse sugerido levá-la a outro lugar qualquer ela teria concordado sem pensar duas vezes. Mas ele não fez tal sugestão, levou-a a casa e prometeu contactá-la em breve.

*

Os planos e os esquemas à noite eram uma coisa, mas à luz do dia Mabel viu os problemas com que se defrontava. Lucy estava a sentir-se de tal maneira melhor que Ralph falou de a levar com Edward a Brighton no fim de semana. Não havia alternativa a não ser voltar para casa; mas como podia, quando o seu coração estava ainda à guarda de um homem de quem nem sequer sabia a morada?

Na segunda-feira à noite, já ela tinha a mala feita para regressar a casa, Arthur finalmente apareceu. Desta vez, Mabel não esperou que ele convencesse Ralph e encantasse Lucy, mas pôs um xaile leve aos ombros e saiu com ele a passear.

Tudo estava contra eles. Começou a chover pouco depois de saírem de casa, e Mabel sabia que Lucy se sentia magoada por ela não ter querido passar o último serão com eles. Sentiu-se envergonhada quando Arthur sugeriu que se abrigassem da chuva num *pub*. Beber num restaurante ou numa festa era uma coisa; sentar-se numa taberna cheia de fumo com homens rudes e mulheres de moral duvidosa era outra muito diferente.

– Não podemos ficar cá fora à chuva– disse Arthur ao se abrigarem debaixo do toldo de uma loja. – Temos de conversar, Mabel, se vais para casa. Vem comigo para o meu alojamento.

Levou-a numa carruagem, com a chuva a tombar com tanta força que mal conseguiam ouvir as rodas ou os cascos dos cavalos a bater na estrada.

Mabel reparou em pouca coisa da casa, ou onde ficava, para além de que era num prédio alto e estreito entre duas lojas numa rua movimentada. Uma mulher espreitou pela porta quando Arthur estava a conduzir Mabel pelas escadas. Tinha um rosto tenso e despeitado e faltava-lhe um dente.

– Nada de mulheres nesta casa, Mr. Randall – guinchou. – Disse-lhe isso quando veio para cá.

– Esta é a minha prima, Miss Brady – apressou-se a dizer Arthur. – Vai a caminho do West Country, e só queremos conversar abrigados da chuva.

– Desde que ela esteja daqui para fora até às dez – retorquiu a mulher. – Tenho de pensar na minha reputação.

– Peço desculpa. – Arthur tirou o xaile dos ombros a Mabel e pousou-o nas costas de uma cadeira para secar. – Devia ter planeado alguma coisa na outra noite, em vez de deixar tudo para tão tarde.

– Não importa – murmurou ela, surpreendida pelo aspeto modesto do quarto dele, mas consciente de que esta era a sua última oportunidade para causar uma impressão duradoura em Arthur.

– Oh, Mabel, mas importa. – Suspirou profundamente, encostado à prateleira do fogão de sala e fitando-a por muito tempo. – Para ser franco, não tencionava voltar a contactar-te, mas não podia deixar-te ir sem te contar a verdade.

O coração de Mabel caiu-lhe aos pés – ele ia confessar que era casado. Ela via o seu reflexo no espelho sujo por trás dele. Umas madeixas do seu cabelo tinham-se soltado; o chapeuzinho verde que julgara tão elegante revelava que ela era a moça do campo que realmente era. Agora ia parecer ainda mais patética se chorasse.

O fato cinzento dele era o mesmo que usara no dia em que se conheceram. O colarinho duro da camisa de cerimónia estava agora mais mole com a humidade, e os seus olhos azuis pareciam tristes.

– Apaixonei-me, Mabel.

Ela arfou, ficando corada com o embaraço. Dizer-lhe que era casado seria bastante mau, mas admitir que conhecera alguém de quem gostava mais era um insulto.

– Espero que sejas feliz com ela. – Reprimiu as lágrimas e espetou o queixo numa atitude de desafio. – Agora que fizeste a tua confissão, é melhor eu ir para casa. Faz-me o favor de me chamar uma carruagem.

O rosto dele abriu-se num sorriso rasgado.

– Não por outra moça, sua tolinha – riu-se ele. – Foi por ti que me apaixonei. Julguei que não poderia acontecer-me. Tentei lutar contra esse sentimento e esquecer-te.

Ela não conseguia falar, sentia um nó cada vez mais apertado na garganta e de repente as roupas molhadas e a reprovação de Lucy e dos seus pais já não importavam. Atirou-se para os braços dele e lançou-lhe uma chuva de beijos nos lábios, nas faces e no queixo.

– Eu também te amo, Arthur. Foi insuportável quando tu não apareceste. Quero ficar em Londres contigo.

Não ouviu nenhuns sinais de alarme na sua cabeça. Estava só, no quarto de um homem, mas sentia apenas os batimentos descompassados do seu coração, o calor do corpo dele e uma sensação deliciosa de estar a derreter-se.

Num momento ele estava a beijá-la, de pé no meio do pequeno quarto modesto, no seguinte estavam na cama, a tentarem ficar mais próximos.

Ela sabia que não devia permitir que ele lhe desabotoasse o corpete e tocasse nos seus seios, mas, de algum modo, não foi capaz de o impedir. As sensações maravilhosas inundavam-na e os seus lábios a roçarem e sugarem dissiparam-lhe os receios e levaram-na para um mundo onde nada importava a não ser aquele momento.

Só tinha uma noção muito vaga da anatomia masculina, a maior parte da qual fora aprendida a ver os touros na quinta e ao mudar a fralda de Edward, mas quando a mão de Arthur se enfiou debaixo da sua saia e, sem ela saber como, ele tirou as calças também, subitamente deu-se conta de que isto devia ser o que as pessoas casadas faziam.

– É agradável? – segredou ele enquanto explorava o corpo dela com os dedos.

– Oh, sim – respondeu ela num murmúrio, sabendo que devia mandá-lo parar, mas a gostar tanto que não conseguia. – Tu amas-me realmente, não amas?

– Esta é a maneira como um homem demonstra que ama uma mulher – disse ele, afastando-lhe mais as coxas e ajoelhando-se entre elas. – Eu quero-te, Mabel, para sempre.

Doeu quando ele a penetrou, mas os seus beijos prolongados e a maneira como enrolava o cabelo dela à volta dos seus dedos tranquilizaram-na. Movia-se com ele, passando os dedos pelas costas e as nádegas macias como seda dele, a esforçar-se por não pensar nas imagens do terreiro da quinta que estavam sempre a insinuar-se na sua cabeça.

De repente, Arthur ficou imóvel, deitado em cima dela a ofegar.

– Oh, Mabel – disse num tom meigo. – Que bruto que eu sou. Devias ter-me mandado parar. Eu queria-te tanto que me esqueci de tudo.

– Não faz mal. – Enlaçou-o, sem compreender o que ele queria dizer. – Eu amo-te.

*

As recordações agridoces daquela noite acossavam-na e simultaneamente consolavam-na quando voltou para a quinta. Era uma mulher agora, uma parte em tempos misteriosa da vida adulta fora-lhe revelada, e ela amava e era amada. Mas havia também receio de que talvez os sentimentos de Arthur não fossem tão profundos quanto os dela, e uma sensação de vergonha, porque permitira que os seus sentimentos levassem a melhor. No entanto, de cada vez que fechava os olhos conseguia sentir o corpo dele; sentir-lhe o cheiro, o sabor. Como podia algo tão forte assim ser errado?

Escrevia-lhe todos os dias, escondendo a carta nas suas gavetas até poder sair para a enviar. Esperar pelas respostas infrequentes dele era uma agonia. Tinha de se escapular para encontrar o carteiro antes de ele chegar à quinta, correndo o risco de ser vista pelo seu pai. Nos dias em que havia uma carta para ela, o seu encanto era contaminado pelo receio. Escondia-a na roupa, ansiosa todo o dia pela oportunidade de a ler longe de olhares curiosos. Por vezes, só à noite conseguia fazê-lo, e passara o dia inteiro a recluir que ele estivesse cansado de esperar por ela, que esta carta mais recente fosse a última.

– O que é que se passa contigo? – perguntou-lhe a mãe em várias ocasiões.
– Desde que voltaste de Londres estás outra rapariga!

Sentia vontade de confidenciar à sua mãe o que se passara, mas como poderia confessar-lho?

Arthur falava vagamente de vir ao Somerset, sem nenhum sentido de urgência. Quando viria? Como é que ela havia de preparar o terreno para ele?

Ele tinha alguma ideia do que estava a fazer-lhe?

A quinta nunca parecera tão desinteressante e enlameada; ressentia-se dos dias que passava a lavar, a passar a ferro e a remendar roupa quando todas as horas longe de Arthur eram uma verdadeira dor. Mesmo a recolha do feno em setembro e a ceia e o baile que se seguiram à colheita só confirmaram o pouco que tinha em comum com os vizinhos e até com a sua família.

Até à viagem a Londres, aceitara a docilidade apaziguadora da sua mãe e o mau feitio carrancudo do pai. Agora, encarava os pais com desprezo. O seu pai era um tirano sovina; havia bastante dinheiro, mas ele recusava-se a gastar um tostão que fosse para tornar mais agradável a vida da sua família. Nem uma vez elogiara alguém da sua família, só falava para as amesquinhar.

Quanto à sua mãe, como é que alguém podia ser tão fraca? A cada ano que passava parecia ficar mais pequena e mais magra, com as rugas a vincarem-se num rosto que em tempos fora lindo. Porque é que ela não fazia frente ao marido? Porque não pegar em algum do dinheiro que lhe dava a ganhar com o leite e gastá-lo num vestido novo?

*

A infelicidade de Mabel acentuou-se um par de semanas depois do seu regresso quando Emily começou a andar com Giles Anderson, o filho único na quinta vizinha. Emily só tinha dezasseis anos, mas estava a ser-lhe dada liberdade para namorar só porque James Brady considerava que formavam um par ideal.

– Não olhes assim para mim, rapariga! – rosnou-lhe o pai quando mais uma vez Emily se pôs a milhas e deixou a louça da ceia para Mabel lavar, assim como uma montanha de roupa para remendar. – Tenho sido demasiado mole contigo, já é hora de começares a trabalhar a sério aqui.

Mabel levantava-se às cinco todas as manhãs para ajudar a mungir as vacas e a seguir dava de comer às galinhas e aos porcos – tudo antes do pequeno-almoço. As manhãs eram passadas a lavar, a arrancar as ervas daninhas na horta ou a fazer pão. Quando tinha sorte, por vezes conseguia ler ou pintar durante um par de horas à tarde antes de ser de novo o momento de mungir as vacas, seguido por uma ou duas horas na vacaria a fazer manteiga e queijo até ficar demasiado escuro para ver. Se isso não era trabalho a sério, o que era?

– Deixa-me ir trabalhar para Bristol ou para Londres? – perguntou Mabel à mãe uma noite, quando o pai tinha ido ao *pub* Pelican.

– Não sejas tonta, querida. – A mãe fez um sorriso vago. – O que é que farias lá?

– Quero ser artista. – Mabel espetou o queixo em desafio. – Quando estive em Londres vi um anúncio a pedir ilustradores. Quero ganhar dinheiro para mim, ser independente.

– Só estás preparada para ser esposa e mãe.

Mabel sentiu vontade de berrar à mãe; de perguntar porque é que, quando o marido dela a tratava com menos respeito do que mostrava aos seus porcos, ela se sentia tão ansiosa por a sua filha casar com alguém tal e qual como ele.

Perdeu o apetite, até mesmo o interesse pela pintura. E quando lhe faltou o período, o medo veio juntar-se ao amor frustrado.

Mabel sabia pouco sobre como os bebés eram feitos, mas ouvira uma vizinha uma vez dizer à sua mãe que estava «atrasada» e lembrava-se que daí a pouco tempo a barriga dessa mesma mulher começara a crescer. Ter um bebé quando se era casada era motivo de celebração, mas fora do casamento era uma vergonha. Ela lembrava-se de uma rapariga que tinha sido expulsa da

vila com o cabelo cortado por esse crime. O que faria ela se isso lhe acontecesse?

*

Foi Lucy quem involuntariamente a traiu. Numa carta para os pais mencionou os pontos principais da visita de Mabel e o cavalheiro que a levava a jantar. Antes do fim do dia, a bisbilhoteira Mrs. Meredith já tinha abordado Charles Plowright para lhe perguntar pelo «seu amigo», e ao pôr do sol toda a vila sabia que Mabel Brady não só passara tempo a sós com um impostor, mas também mantinha uma correspondência secreta regular com ele.

Mabel estava a acender o candeeiro a petróleo na cozinha quando ouviu *Duke* relinchar por o pai estar a puxar as rédeas com demasiada força. Ouviu o estrondo da porta do estábulo e as pontas de metal das botas do pai a martelarem as lajes, e soube pela rapidez com que deixara o cavalo que estava de mau humor.

A mãe ainda se encontrava na vacaria, Emily no andar de cima a mudar da roupa de trabalho para uma melhor para se ir encontrar com Giles. A mesa da cozinha estava posta para o jantar, uma sopa de carne de vaca e vegetais a cozer em lume brando no fogão. Mabel voltou a pôr o globo de vidro no candeeiro a toda a pressa e estava a dirigir-se à despensa para tirar sidra da pipa para o pai quando ele apareceu à porta.

Um olhar bastou para saber que aquela não era a sua má disposição usual. Enchia a entrada da cozinha, inchado de raiva. O seu corpo brilhava vermelho, a condizer com o cabelo e a barba, os seus olhos de um azul-pálido reviravam-se como os de um louco.

– Quem é esse homem, sua galdéria? – disse numa voz atroadora.

Mabel não fazia ideia nesse momento como ou o que ele tinha descoberto, mas o seu tom corado e a ira nos seus olhos avisaram-na de que devia proceder com cautela. De repente, compreendeu por que a sua mãe nunca lhe fazia frente.

– Chama-se Arthur e eu amo-o – disse, esperando que ao admitir tudo conseguisse apaziguar a fúria dele. – Desculpe não lhe ter dito nada antes, Paizinho, mas estava com medo.

Não fazia ideia de que um homem tão grande como ele fosse capaz de se mover com tanta rapidez. Ele arredou a cadeira, enfiou Mabel debaixo do braço e subiu as escadas a toda a pressa.

Mabel gritava a plenos pulmões. A sua mãe veio a correr do terreiro, Emily veio ao encontro deles a meio das escadas, mas virou-se, levantou as saias e voltou a correr para cima. Quando o pai de Mabel chegou ao cimo das escadas, virou-se e fulminou Polly com um olhar.

– Nenhuma filha minha me vai envergonhar desta maneira – berrou. – Vai buscar a chibata!

Da sua posição debaixo do braço dele, Mabel viu a cor esvair-se do rosto da mãe e ouviu Emily gritar, mas o seu pai limitou-se a dar meia volta e marchar para dentro do quarto dela, atirando-a para cima da cama.

– Não, James – veio a voz da mãe da porta. Tinha a grande chibata de couro na mão, porque não se atrevera a desobedecer-lhe, mas mantinha-a apertada ao peito. – *Não*, James, não lhe podes bater por causa disto.

Mabel encolheu-se, demasiado assustada até mesmo para pensar, a desejar com força que o pai mudasse de ideias.

– Sai daqui – berrou ele, arrancando a chibata das mãos de Polly e empurrando-a para fora do quarto. – Se tu não tivesses sido tão fraca isto não

tinha acontecido.

Enrolou a chibata à volta do seu punho grosso e ergueu o braço.

– Vira-te, rapariga – ordenou.

O vestido de Mabel era de algodão fino, só com uma combinação por baixo, e quando a chibata estalou no ar ela soube que as roupas não lhe ofereceriam nenhuma proteção.

Fustigou-lhe as costas com tal força que a dor lhe cortou a respiração. De novo o estalido e desta vez ela gritou numa agonia. Ele continuou, imparável, chibatada atrás de chibatada, nas costas, nas nádegas e nas coxas até finalmente ela deixar de ter forças para gritar ou até mesmo estremecer.

Foi então que Mabel compreendeu que ele gostava de infligir dor. Isto não tinha realmente a ver com o que ela fizera, era antes um ato sádico que lhe dava prazer.

– Vais ficar aqui até eu ver arrependimento. – A voz dele tremia da maneira que a voz de outro homem poderia tremer depois de fazer amor. Mabel recordou-se então do moço da quinta que o pai espancara até quase à morte vários anos antes por um qualquer erro trivial. A mãe fora dar com ele desmaiado no celeiro e tratara-lhe as feridas. O silêncio que mantivera em relação ao incidente, a maneira como levou o moço para a casa da sua família assumiam agora todo um novo significado.

– Se aquele homem vier por aí farejar leva o mesmo – acrescentou o pai. – Tu és propriedade minha. Nunca te esqueças disso!

*

A porta fechou-se com força e a chave desandou na fechadura.

A dor que ela sentira durante a sova não era nada em comparação com a que se seguiu. Era como se um torturador demoníaco estivesse a aguilhoá-la lentamente com um ferro em brasa, fizesse uma pausa para o reaquecer e depois o passasse malévolo pela sua carne. O ódio era tudo quanto lhe restava – imaginar o seu pai a cair em cima do arado, a ser espezinhado pelo touro ou a arder lentamente num incêndio.

– A culpa é toda tua, mulher – ouviu-o rosnar à mãe na cozinha lá em baixo. – Encorajaste-lhe as ideias de grandeza. Se eu tivesse feito o que queria, tinha-a casado há um ano. Nenhum homem a vai querer agora.

Ouviu Emily fechar a porta do estábulo e a mãe enxotar as galinhas para o galinheiro, mas nem uma nem a outra vieram ter com ela. Um tilintar de pratos, um arrastar de cadeiras nas lajes e uma refeição comida em silêncio.

*

Já era muito mais tarde quando ouviu os passos dele nas escadas. O seu andar aos tropeções indicava que estivera a beber, e ela preparou-se para mais agressão, mas daí a um momento o ranger das molas da cama e o som das botas dele a tombarem no chão disseram-lhe que por esta noite pelo menos ele arredara-a da mente. O ressonar do outro lado do patamar não tardou a confirmá-lo.

– Mabel! – segredou Emily pelo buraco da fechadura. – Estás bem?

Mabel ergueu um pouco a cabeça. Era uma atitude ousada da sua irmã correr um tal risco, porque ambas sabiam que se o pai a apanhasse ali à porta também ela seria castigada.

Emily era como a mãe, tímida, delicada e bondosa, com cabelo louro brilhante e olhos castanhos meigos.

– Estou – forçou-se a responder. – Vai para a cama, Emily.

Não se ouviu nenhum som de movimento e Mabel adivinhou que a sua irmã estava ali acocorada no escuro, a sofrer com a sua impotência.

– Eu estou do teu lado – segredou Emily, e Mabel imaginou o seu rosto redondo e doce humedecido com lágrimas. – Odeio o Paizinho!

Mais tarde, a chave rodou na fechadura. Mabel ouviu um ténue arrastar de chinelos nas traves do soalho e viu o clarão dourado de uma vela entrar no quarto.

Sentia-se demasiado fraca e paralisada para virar a cabeça. Encontrava-se ainda na mesma posição em que o seu pai a deixara, de lado atravessada na cama. Estava com tanto frio que sentia que poderia morrer, batiam-lhe os dentes, mas tinha as costas em fogo e suor na testa.

– Minha querida. O que hei de fazer?

Mabel ergueu a cabeça o suficiente para ver a mãe. Estava com a sua camisa de noite comprida e branca e uma touca na cabeça. Tinha os olhos inchados de chorar durante muito tempo e parecia velha e extenuada à luz da vela.

– Fui realmente assim tão má para merecer isto?

– Nada é suficientemente mau para se bater assim numa filha – segredou Polly. – Deixa-me tratar-te!

O vestido de Mabel tinha-se rasgado com a força das vergastadas e o tecido estava com sangue seco das feridas. Delicadamente, a mãe amoleceu o sangue com água, descolando gradualmente o tecido e pondo à mostra as costas de Mabel. A forma como susteve a respiração provava que o que estava a ver era chocante.

– Levanta-te só um bocadinho – segredou. – Deixa-me tirar-te a combinação e as calcinhas. Tenho um unguento aqui para acalmar a dor.

Mabel via agora as duas refletidas no espelho. As suas costas magras e as nádegas pequenas e firmes estavam de um vermelho-escuro, a brilhar onde a pele se encontrava aberta. A mãe debruçou-se sobre ela e aplicou delicadamente o unguento, mal se atrevendo a tocar-lhe. Uma camisa de noite macia foi-lhe enfiada pela cabeça. Foi deslocada na cama de modo a que a sua cabeça pousasse no travesseiro, e coberta com um edredão quente.

– Vou só lá abaixo fazer-te uma bebida – segredou Polly.

Mabel reconheceu da sua infância o líquido com um sabor desagradável como uma tisana para fazer baixar a febre e atenuar a dor. Bebeu-a sofregamente, a não querer mais nada a não ser o esquecimento.

– Volto amanhã quando ele estiver nos campos. – Polly inclinou-se para a beijar na face. – Lamento muito.

– Está feito. – A voz de Mabel era um rouquejo débil. – Vou-me embora mal consiga andar outra vez.

– Não vás. – As palavras saíram com um soluço.

– Tenho de ir, Mãe. Acho que vou ter um bebé.

Esperou por um arquejo e depois pelas recriminações, mas, para sua surpresa, não houve nada a não ser uma mão fresca na sua face, uma carícia de profunda ternura.

– Não diga ao paizinho, por favor. Ele matava-me.

Polly não respondeu imediatamente e por um momento Mabel pensou se teria feito mal em confidenciar-lhe aquilo.

– Esse homem é bondoso?

– Mais bondoso do que o paizinho – foi tudo o que conseguiu dizer, e enterrou o rosto no travesseiro.

*

Só daí a três dias Mabel conseguiu levantar-se da cama sem ajuda e todas as horas cheias de dor estavam também cheias de ódio.

Nunca o perdoaria. Iria para Londres. Mesmo que Arthur não a quisesse, magoada e grávida, arranjaría um trabalho e um quarto algures. Enquanto James Brady fosse vivo ela nunca mais voltaria a entrar na quinta.

*

Ao fim de uma semana já se conseguia vestir e a porta estava destrancada, o que queria dizer que o seu pai esperava que ela saísse do quarto e fosse implorar-lhe o seu perdão. Ainda lhe doíam as costas, muitas das lacerações continuavam a supurar, mas ela sabia que não se atrevia a ficar mais tempo. Lentamente, recolheu as suas coisas num saco de viagem.

– Vais-te embora? – Os olhos da mãe baixaram-se para o saco já feito ao lado da cama quando veio trazer-lhe o jantar.

– Esta noite. Vou a pé até Bristol.

– Não podes fazer vinte e quatro quilómetros a pé. – A mão de Polly voou-lhe para a boca num gesto de horror. – Espera até amanhã, eu peço ao John Ames para te levar na carroça dele.

– Não, Mãe. – Mabel estava resoluta. – O John Ames ia dar com a língua nos dentes. Só lhe peço que me empreste algum dinheiro para o comboio para Londres. Mando-lho mal possa.

Polly viu uma determinação fria no rosto lindo da sua filha.

– Como vou saber que estás em segurança? – Estendeu o braço para lhe pegar na mão, com as lágrimas a rolar-lhe pelas faces.

– Mando recado pelo reverendo Grey – segredou Mabel. – Quem me dera que pudesse vir comigo, mas hei de voltar um dia para dançar em cima da campa dele, pode contar com isso.

– Não digas à Emily. – Polly reprimiu um soluço. – Ela está de coração partido por causa disto tudo, mas se souber que te vais embora é bem capaz de contar ao pai.

Mabel sabia o que a sua mãe queria dizer. Era provável que o pai castigasse Emily se ela fosse cúmplice, e, embora ansiasse por se despedir da irmã, era impossível.

*

Mabel ouviu o sino da igreja bater a uma hora ao sair e fechar a porta do seu quarto. Esperara até ouvir o pai rressonar, com a mãe deitada ao lado dele acordada e tensa. Lançou um último olhar a Emily, adormecida na sua cama, com um braço gorducho enroscado à volta do seu rosto doce e inocente.

A suster a respiração, desceu as escadas à socapa e saiu para a noite. As cinco libras poupadas pela sua mãe ao longo dos anos, destinadas ao casamento das filhas, estavam enfiadas no seu corpete. No saco de viagem levava uma muda de roupa e as poucas cartas de Arthur; nem uma fotografia, nem um livro ou qualquer outra coisa para recordar a família. As marcas das vergastadas nas costas eram tudo o que necessitava para se recordar do pai. A mãe e Emily permaneceriam no seu coração.

Ardiam-lhe insuportavelmente as costas. As feridas abriram-se de novo com a caminhada, e sentia a combinação colada ao corpo com o sangue a secar. Estava um frio gélido, escuro como o breu e cada milha ao longo dos campos nus parecia dez. A primeira luz do amanhecer estava a penetrar o céu

escuro como tinta quando chegou aos arredores de Bristol, e avistou ao fundo da encosta a estação de Temple Meads à distância.

Eram dez da noite quando por fim se afundou numa cama numa pensão barata em Paddington, demasiado exausta para se despir.

*

Uma pancada leve na porta acordou Mabel, e ela ficou surpreendida ao ver que estava de novo escuro lá fora. Nessa manhã tinha enviado pelo correio uma carta para Arthur com a sua morada e depois voltara para a cama.

Todos os ossos do corpo lhe doíam quando se levantou, e acendeu o candeeiro a gás e dirigiu-se para a porta. Os seus pés estavam com bolhas e inchados e sentia roncar o estômago.

Esperava ver a dona da pensão, porque só pagara uma noite adiantada. Mas era Arthur. Ele encostou-se casualmente à parede, com um ramo de rosas murchas na mão e o chapéu enfiado debaixo do braço.

– Arthur! – Sentiu a cabeça andar à roda e teve de se apoiar à porta para se segurar. – Vieste!

O sorriso dele desvaneceu-se. Aproximou-se um passo e depois estacou.

– O que se passa, Mabel? – Parecia preparado para se afastar. – Nem uma carta tua durante mais de uma semana e depois aquela mensagenzinha tão seca. E pareces doente.

– Não pude escrever – saiu-lhe, com lágrimas a picarem-lhe as pálpebras. Sabia que estava com um aspeto horrível. O seu rosto estava pálido, o cabelo sem vida e por lavar desde a sova, e a sua camisa de noite velha de flanela só serviria para panos do pó.

Durante toda aquela semana no seu quarto mantivera a sanidade mental pensando nele. Imaginando-o no parque com o seu fato cinzento e a sua cartola; no restaurante com o seu smoking; mas principalmente imaginando o seu ar quando a tivera nos braços, amante e terno. Agora parecia de algum modo mais alto, com ombros mais largos e o rosto moreno do sol. O nariz largo com a ponta ligeiramente arrebitada e a boca macia fizeram o seu coração saltar-lhe no peito, mas os seus olhos azuis pareciam frios agora, e desconfiados.

– Tenho uma coisa para te contar – segredou. – Quero que me ouças até ao fim. Depois dizes-me o que sentes.

Ele entrou no pequeno quarto, fechou a porta e sentou-se. A luz incidia nos ângulos das suas maçãs do rosto; os seus lábios curvaram-se num sorriso divertido.

– Não me vais beijar primeiro? – perguntou.

Ela abanou a cabeça, e até mesmo aquele pequeno movimento lhe provocou pontadas de dor nas costas.

– Vou ter um bebé, Arthur – disse em voz baixa, a olhar para o rosto dele para ver uma prova dos seus verdadeiros sentimentos. – Fugi de casa e tenho muito pouco dinheiro.

Não era assim que ela imaginara o reencontro deles. Esperara que houvesse primeiro uma carta a combinar o encontro. Ela teria tomado banho e lavado o cabelo, ter-se-ia vestido bem e namoriscado com ele até se sentir segura dele. Agora, tinha de lhe contar a verdade diretamente e correr o risco de ele dar uma desculpa e fugir.

Arthur pôs uma mão sobre os olhos e afundou-se na cadeira. De todas as raparigas que conhecera, Mabel era a única com quem sonhara

continuamente. Fizera os possíveis por a arredar da mente, chegara até a pensar em não abrir as cartas dela e mudar de casa. No entanto, respondera às cartas, e o seu coração deu um salto no peito quando encontrou a mensagem dela nessa noite. Mas agora aqui estava ela, com um ar doente e desleixado, a dizer que estava à espera de um filho dele. Devia correr porta fora, ir-se embora antes de se ver apanhado na ratoeira?

– Não tens de casar comigo – disse ela em voz baixa. – Eu arranjo um emprego e até um quarto só para mim. Tudo o que quero por agora é ajuda até conseguir recompor-me.

Mesmo pálida e exausta era linda, com as olheiras a destacarem a cor e o tamanho dos seus olhos. Mas foi a doce coragem na sua abordagem direta que o fez levantar-se de um salto e tomá-la nos braços.

– Oh, querida – disse. – Não me julgues um safado.

Sentiu-a estremecer quando tocou com as mãos nas suas costas e o instinto disse-lhe que era com dor, não com repugnância. Sem dizer uma palavra, virou-a e pegando na fimbria da sua camisa de noite, levantou-a.

Os vergões começavam a meio das barrigas das pernas e tornavam-se maiores quando os seus olhos varreram as nádegas e a cintura dela. Nas costas, tinham umas três polegadas, alguns ainda a supurarem. As suas minúsculas omoplatas destacavam-se como pequenas asas.

– Quem fez isto? – perguntou ele num tom arquejante.

– O meu pai – respondeu ela simplesmente. – Nem sequer sabia do bebé. Tinha-me matado se soubesse tudo.

Ele sentiu vontade de a abraçar mais do que tudo no mundo, mas os seus braços só lhe causariam mais dor.

– Eu amo-te, querida – segredou, pegando nas mãos dela e beijando-as. – Sua menina corajosa e doce. Era capaz de matar aquele bruto!

– Posso ficar na tua casa? – Olhou para ele com os lábios a tremerem e os olhos cor de âmbar cheios de dúvida.

– É claro que sim. – Ele soltou um suspiro profundo, a compreender subitamente que a queria ao seu lado para sempre, mesmo com o fardo de um filho. – O único problema é que não tenho muito dinheiro neste momento. Ando a tentar arranjar algum negócio. Não contava com isto.

– Não te vou custar muito. – Sentou-se na cama e olhou para ele. – Eu ajudo-te com as coisas. Não me importo de viver num quartinho para já. Se realmente me amas havemos de arranjar maneira.

*

Foi só mais tarde, quando ele já a tinha mudado para uma pensão melhor mais à frente em Praed Street e a aconchegou na cama, que Arthur soube que teria de admitir coisas sobre si mesmo a Mabel que normalmente ocultava.

Tirara o casaco, o colete e o colarinho duro, e com a camisa branca de decote redondo parecia um rapaz, e muito menos intimidativo. Deitou-se na cama ao lado dela apoiado no cotovelo.

– Eu não sou bem o que pareço, Mabel – sussurrou, baixando-se para a beijar na boca. – Sei que pensas que eu sou um cavalheiro, e talvez te tenha levado a julgar que estou no mundo dos negócios.

– Não estás?

Ele abanou a cabeça, baixando os olhos.

– Na Índia, os velhos coronéis costumavam chamar-me um salafrário. – Fez um meio sorriso ao ver o seu ar de surpresa. – Em termos gerais,

significa que vivo de expedientes. Para fazer isso, tive de enganar pessoas.

– Queres dizer que contas mentiras? – De algum modo, não se sentia inteiramente surpreendida.

– Não exatamente mentiras, só enfeito a verdade. Fui para a Índia quando era rapaz, como empregado de escritório de uma empresa de navegação. Não vou entrar em pormenores agora, digamos só que me deu ideias e me ensinou coisas que nunca teria aprendido aqui. Voltei e alistei-me no exército. Estive em França, claro, mas não como oficial.

Contou-lhe como a sua mãe viúva se tornara governanta de um médico no East End de Londres quando ele era pequeno. Mais tarde, o velho senhor, que se afeiçoara a ele, ensinou-o e arranjou-lhe uma bolsa de estudos para frequentar um colégio interno no Essex.

– Convivi com rapazes de boas famílias. – Sorriu. – Era bom nos desportos, bastante esperto, e não foi preciso muito para me convidarem para as casas deles. Foi o pai de um dos meus amigos que me arranjou o lugar em Calcutá.

Mabel escutava-o com crescente admiração. Não via nada de errado em se querer uma vida melhor do que aquela em que se tinha nascido, e mesmo quando ele confessou que o alegado corte de um sabre no pescoço resultara de facto de uma briga por causa de um jogo de cartas, ela só soltou uma risadinha.

– Mas como é que ganhas dinheiro? – Pensou no que devia ter custado aquele jantar no Café Royal, nos seus fatos, nas carruagens e até mesmo nesta pensão.

– Jogo.

Mabel sabia que havia homens velhos que jogavam dominó a dinheiro, apostas em cavalos e até jogos de *bridge* e *whist* onde o dinheiro trocava de

mãos, mas nunca ouvira falar de ninguém que ganhasse a vida assim.

Mais tarde, quando ele se meteu na cama e apagou a luz, contou-lhe mais. Queria fazer amor com ela, mas, dados os seus ferimentos, conversar era tudo o que podiam fazer. Ele falou de jogos de póquer, de roleta, de corridas de cavalo, até de lutas de cães e de boxe. Descreveu-lhe um mundo que parecia existir apenas depois do pôr do sol, cheio de cavalheiros e mulheres destravadas, roupas finas, hotéis grandiosos e champanhe.

*

Perder o bebé aos cinco meses foi o primeiro dos infortúnios, um sinal do que estava para vir.

Tinham casado algumas semanas depois de Mabel chegar a Londres, numa conservatória com um par de amigos de Arthur com um ar duvidoso como testemunhas. Não era o casamento com que ela sonhara, mas adorava Arthur, e quando se mudaram para um hotel elegante à beira-mar em Brighton ela sentiu que não poderia ser mais feliz. Porém, daí a pouco tempo tiveram de fazer aquilo a que Arthur chamava «dar à sola», depois de ele ter perdido a maior parte do seu dinheiro nas corridas, e mudaram-se para um quarto esqualido em Kentish Town.

– É só um contratempo momentâneo – dissera ele ao mesmo tempo que esmagava uma barata com o pé. Havia percevejos na cama, e Arthur mostrou-lhe como atirar para trás os cobertores e apanhar os percevejos com um pedaço de sabão humedecido. A latrina ficava no pátio e era partilhada por pelo menos uma dúzia de outros inquilinos, e tinham de acender o lume para aquecer água para se lavarem.

Daí a uma semana, Mabel tropeçou nas escadas velhas e caiu por um lanço abaixo. Perdeu o bebé nessa noite, e a única pessoa a ajudá-la foi uma mulher

do quarto no andar de baixo que tinha piolhos no cabelo.

Arthur prometeu, com lágrimas nos olhos, que deixaria o jogo e encontraria um trabalho a sério. Nesse dia, porém, um médico disse a Mabel que era improvável que ela alguma vez voltasse a ter outro filho, e Arthur não só se embriagou, mas também desapareceu durante quatro dias, até que ela pensou que ele a deixara de vez.

Mas ele voltou, como o proverbial filho pródigo, com os bolsos cheios de dinheiro e um táxi para a levar embora daquela casa terrível. Daí a pouco tempo, ela já andava a comprar roupas novas nos armazéns Marshall & Snelgrove; estavam alojados num hotel em Mayfair e ele parecia ter esquecido a sua promessa.

*

Na mó de cima ou na de baixo, ela amava-o. Ele enfurecia-a com a sua imprudência, entristecia-a com a sua indiferença pela necessidade que ela tinha de uma casa em condições, espantava-a com a sua natureza engenhosa e fazia-a rir mais do que deveria para seu bem.

Mas era o amor que a fazia ficar. Por vezes, sentia-se como uma galdéria de tanto que o desejava, mas bastava que ele a beijasse, que comprimisse o seu corpo contra o dela, para ela lhe perdoar tudo.

Ao longo da década de 1920, Mabel viu ambas as facetas dessa era. Numa semana estavam em clubes e em festas com gente jovem e fresca como eles, a dançar o Charleston, a ouvir *jazz* e a pensar que o amanhã nunca viria. Na semana seguinte, estavam de novo a dar à sola, a penhorar as joias dela, até mesmo a vender a roupa para pagar a renda num tugúrio qualquer.

Ele dizia que iriam para a América ou para o Canadá, mas o dinheiro das passagens era constantemente jogado e perdido. Numa ocasião, juntaram

dinheiro suficiente para comprar uma pequena pensão, mas três meses depois de se mudarem Mabel descobriu que Arthur tinha perdido o título da propriedade num jogo de póquer.

Uma e outra vez eram as suas pinturas que os salvavam da fome; uma aguarela delicada aqui, um desenho para um postal ilustrado ali. Embora lhe oferecessem vários trabalhos que poderiam tê-la encaminhado na via para o sucesso como artista, Arthur tinha sempre planos que envolviam mudarem-se de armas e bagagens.

*

Finalmente, chegaram à Durward Street.

Só tinham as roupas do corpo, naquele gélido dia de janeiro. Mabel com um casaco castanho em segunda mão, um chapéu de feltro amolgado a esconder cabelo demasiado brilhante para um lugar como aquele; Arthur com um boné de pano e um casaco de trabalhador, com um cachecol a fazer as vezes de gravata.

Quando atravessaram a ponte do caminho de ferro e viraram para a Durward Street, ela soube que tinham chegado ao último passo antes da sarjeta. Uma enorme fábrica de café com quatro andares e armazéns criava uma sensação permanente de anoitecer na estreita rua empedrada. Uma banda de casas minúsculas, todas com fuligem entranhada, parecia acobardar-se à sombra dos seus vizinhos mais altos. Muitas das vidraças encontravam-se partidas, tapadas com trapos velhos e cartão, e as sarjetas estavam bloqueadas com lixo.

Mais tarde, Mabel viria a saber que esta rua se chamara em tempos Buck's Row e que Jack, o *Estripador* matara ali uma das suas vítimas há uns trinta anos. Foi providencial não ter sabido isso na altura, nem que aquele seria o

seu lar nos vinte e cinco anos seguintes, porque talvez tivesse virado costas e fugido.

Penhorou a aliança de casamento para pagar a renda de um xelim, e tudo o que lhes restava eram algumas fotografias desvanecidas para recordar tempos mais felizes. Naquela primeira noite, tiveram de partir cadeiras velhas e caixotes de madeira das laranjas para acender o lume, enroscados um no outro em cima de um colchão imundo. Mabel disse a Arthur que estava à espera de outro bebé. Daí a oito meses, nasceu Amy.

¹ Consultório médico. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 7

— Hei, cabeça de toucinho!

Paul parou e olhou à sua volta no caminho estreito, mas não conseguia ver o dono daquela voz.

Algo molhado bateu-lhe no braço nu – uma grande quantidade de saliva.

– Tens de manter os olhos abertos!

Olhou para cima e para seu espanto um rapaz só um pouco mais velho do que ele estava deitado num ramo de uma árvore por cima de si, virtualmente invisível.

Paul limpou o braço aos fundilhos dos calções, decidindo que a palavras loucas orelhas moucas, e sorriu-lhe nervosamente.

– É um bom esconderijo – disse, com pena por não ter a coragem de trepar a qualquer árvore, muito menos para avançar por um ramo tão fino como aquele.

– Tu és o rapaz da Quinta Bridge, não és? – O rapaz mexeu-se, segurou o ramo com as duas mãos, baixou-se até ficar a pender a quase um metro do caminho e depois saltou tão silenciosamente como um gato. – Consegues fazer isto?

– Não sou lá muito bom a trepar – respondeu Paul num tom de desculpa. – Mas vivo na quinta e tu podes vir ver os vitelos, se quiseres.

Por um segundo, o rapaz limitou-se a fitá-lo. Estava vestido de modo quase idêntico a Paul, com calções de fazenda cinzenta e uma camisa, mas a camisola dele era verde-garrafa ao passo que a de Paul era azul-marinho. Era encorpado, mas bastante pequeno, com cabelo cor de rato a precisar de um corte e sardas no nariz pequeno com a ponta arrebitada. Mas tinha um rosto

aberto e inocente e os seus olhos cor de avelã registavam mais curiosidade do que malícia.

– A velhota é-te alguma coisa? – O rapaz parecia um pouco apreensivo.

– É a minha avó.

O rapaz emitiu uma espécie de assobio entre os dentes e a expressão do seu rosto mostrou que numa escala de choque de zero a dez Paul conseguira atingi-lo com um dez.

– A tua avó? Eh pá!

Estavam há uma semana na quinta e esta era a primeira criança que Paul via ao perto, com quem falava. Tanto ele como Tara iam começar nas suas respetivas escolas na segunda-feira, algo por que Paul se sentia muito nervoso.

– Porque é que dizes isso dessa maneira? – Paul sabia muito bem, mas queria desesperadamente que aquele rapaz gostasse dele.

– Ela é avariada do juízo, toda a gente diz isso.

Negar aquilo poderia resultar numa perda de prestígio.

– É fixe quando se conhecem os modos dela – disse Paul cautelosamente. – Vem lá a casa comigo agora e vais ver.

Pela primeira vez na sua vida, Paul sentia-se em segurança. Nem mesmo na casa do tio George deixara de saltar de medo com as sombras e de imaginar o pai a entrar de roldão pela porta. A sua avó era um bocado esquisita, mas apesar disso ele gostava dela e, o que era ainda melhor, ela gostava dele, ainda mais do que de Tara.

– Ela acena com um pau aos miúdos que entram no terreiro dela. – O rapaz parecia indeciso. – Atirou-me uma beterraba uma vez e fez-me um galo na

testa.

– Não tens problemas se estiveres comigo – insistiu Paul – Acho que ela até te vai dar limonada e bolachas de gengibre.

A avó fazia uma limonada maravilhosa. Dissera que já não a fazia desde que Amy era pequena, mas o certo é que não se tinha esquecido da receita. Punha-a numas garrafas de pedra na despensa e dizia que podiam servir-se quando quisessem.

– Como é que te chamas?

– Paul Manning – respondeu Paul. – Tenho oito anos e uns meses. A minha irmã chama-se Tara.

– Eu sou o Colin Smart, tenho dez anos. – O rapaz fez um sorriso maroto. – Já vi a tua irmã, estão-lhe a crescer as maminhas.

Paul não sabia bem como receber aquilo. Não só não reparara nesse fenómeno, mas também não pensava que fosse o tipo de coisa de que os irmãos deviam falar. Ignorou o comentário e desceu o caminho com Colin, de regresso à quinta.

*

Tara não gostava de estar ali. Torcia o nariz às lojas pequenas, não lhe agradavam os cheiros do terreiro da quinta nem o sabor do leite diretamente das vacas. Mas Paul, embora fosse novinho, sabia que ela estava contrariada porque já não tinha as rédeas na mão.

Em Londres, era ela quem tomava as decisões – o que comer ao jantar, onde comprar os alimentos, para onde ir para escapar ao pai. Nessa época, a mãe apoiava-se nela para quase tudo, especialmente quando o pai a tinha esbofeteado. E Tara levava sempre Paul à escola para evitar que se metessem com ele.

Tudo era diferente aqui. A mãe e a avó nem sempre se davam muito bem, e por vezes parecia que estavam a pontos de bater uma na outra, mas depois a mãe ficava muito calada e melancólica. Tara detestava aquilo, dizia que deviam parar de remoer o passado e recordar-se de que ela também estava ali.

Paul, contudo, adorava a sua nova vida. A velha casa da quinta com as suas vigas e cantos e recantos, a mobília antiga a que a mãe tinha puxado o lustro até brilhar como um espelho. Gostava de trepar pelos fardos de feno no celeiro, de fazer festas aos vitelos, de dar de comer aos leitões e recolher os ovos das galinhas. Tudo aqui era mágico, desde procurar lagostins no rio a ver a mó do velho moinho a girar e os homens a içarem enormes sacos de cereais num guincho.

*

– Sabes andar de bicicleta? – perguntou Colin enquanto iam a descer a encosta.

Paul abanou a cabeça, profundamente envergonhado.

– Sabes nadar?

Abanou de novo a cabeça.

Colin lançou-lhe um olhar de desaprovação.

– Mas aprendo se tu me ensinares – propôs Paul.

– OK. – Colin sorriu. – Vou ser o teu melhor amigo, se quiseres.

Daí a uma ou duas horas, Paul estava delirantemente feliz. A avó tinha tirado uma velha bicicleta do barracão. Stan, o vaqueiro, baixou o assento, oleou a bicicleta e encheu os pneus, e agora Colin estava a ensiná-lo a andar de bicicleta.

– Estou a segurar o selim – berrou enquanto desciam a toda a velocidade pelo caminho estreito cheio de sulcos ao lado do terreiro da quinta. – Só tens de manter o guiador direito e pedalar. Não te largo.

Já dissera que não o largaria uma dúzia de vezes, e Paul caíra em cima de urtigas por duas vezes e esfolara o joelho, mas estava decidido a aprender.

– Isso mesmo, continua – berrou Colin, demasiado atrás para estar a segurar o selim agora. – Conseguiste, cabeça de toucinho!

Paul chegou ao fundo do caminho, desequilibrou-se e caiu, mas o seu sorriso alastrou de orelha a orelha.

– Sei andar de bicicleta – guinchou. – Vamos dizer à minha avó!

Entrar de bicicleta no terreiro foi o momento de maior orgulho da sua vida. Ainda não se equilibrava muito bem, não sabia usar o travão e tinha de travar com os pés, mas já via novos horizontes a abrirem-se diante de si.

Colin correu pelo caminho acima, ofegante. A avó de Paul estava sentada num pequeno banco de madeira ao sol, a depenar uma galinha que tinha entre os joelhos, e a mãe dele estava a pendurar lençóis na corda da roupa.

– Já consigo – gritou Paul com orgulho. – Olhem para mim!

Amy riu-se, ali parada com as mãos nas ancas, mas a avó deixou cair a galinha para o chão e veio ter com ele.

– Seu menino esperto e corajoso – disse, prendendo o seu rostinho entre as mãos.

Ele não apreciou muito o beijo dela. Estava de novo sem a dentadura de cima e tinha uns pelos que picavam no buço, mas era bom sentir a sua admiração.

Entre eles, tinham limpado o terreiro e muitas das velhas alfaias agrícolas enferrujadas tinham sido atiradas para as traseiras do celeiro por Stan. Paul também gostava de Stan, ele tinha um rosto ainda mais vermelhusco do que o do tio George, que a avó dizia que era de beber sidra, e tinha pernas arqueadas que pareciam demasiado magras para o seu corpo grande. Paul julgara que Stan era ainda mais velho do que a avó, porque por vezes ele falava sobre o bisavô Brady, para quem viera trabalhar quando era ainda rapaz novo. Mas a avó disse que ele não tinha mais de cinquenta anos e chamou-lhe um «ganda preguiçoso com os miolos de uma beterraba».

– Sabe andar de bicicleta, Mãezinha? – perguntou ele, corado de excitação, de pé com a bicicleta antiga entre as pernas.

Amy afivelou uma expressão triste e abanou a cabeça. O sol tinha-lhe dado no nariz e nas faces e ela parecia tão bonita que ele sentiu vontade de a abraçar.

– Nunca tive oportunidade – disse ela. – Talvez tu me possas ensinar!

– Vais ter de ensinar a Tara primeiro – disse a avó em voz baixa, virando-se para a sua neta, que estava à porta da cozinha pálida e despeitada. – A escola fica longe, é muito melhor ir de bicicleta.

– Eu ensino-a agora – ofereceu Colin, ainda ofegante da corrida. – Levo o Paul como «pendura» até à minha casa para ir buscar a minha bicicleta e depois podemos andar à vez.

Tara não respondeu; limitou-se a cruzar os braços e desviar o olhar numa atitude de desafio. Sabia que deveria agradecer a Colin e elogiar Paul, sentia-se contente que ele estivesse tão feliz. Mas também se sentia terrivelmente só.

Nunca tivera nenhuns amigos a sério, mas em Londres não se sentira tão consciente desse facto. Havia crianças com quem ela falava na escola e com

quem brincava no parque, mas, devido à sua vida complicada em casa, era por aí que eles ficavam. Faria treze anos daí a pouco tempo, já demasiado grande para brincar, mas não suficientemente crescida para a companhia de adultos.

Contudo, a maior parte da sua infelicidade prendia-se com aquele lugar. Alguma vez viria a gostar dele?

Havia uma certa satisfação em limpar coisas realmente sujas. Adorara lavar o terreiro à mangueira e pô-lo muito limpinho, mas na manhã seguinte, quando as vacas vieram para serem mungidas, ficou tudo tão sujo como antes! Era o mesmo na vacaria e nos estábulos. Ela iria realmente ter de os limpar todos, todas as semanas, interminavelmente?

Não se importava de ajudar a mãe a limpar todas as divisões da casa, meter o nariz em caixas e armários e fazer perguntas à avó sobre as coisas. Sentia-se contente por a mãe ir arranjar o quarto mais pequeno no andar de cima para Paul e depois tratar do dela. Sentia-se empolgada por a avó ter uma máquina de costura que ela poderia usar e uma gaveta cheia de restos de tecidos, mas por vezes só lhe apetecia deitar-se em frente a uma televisão e distrair-se, não trabalhar todo o tempo como a sua mãe. Mas a avó não tinha televisor, dizia que não aprovava, só tinha um rádio velho esquisito.

Acima de tudo, sentia saudades de George, de Harry e do estilo de vida de Londres. George era um mãos-largas em relação a tudo, das quantidades de comida que servia aos elogios exagerados. A avó cortava o pão tão fino que as fatias eram como cortinas de renda. Andava sempre a dizer que só se devia acender uma lâmpada de cada vez, e os seus elogios eram escassos ao ponto de quase serem inexistentes. Tara sentia saudades das risadas atoadoras de George, do calor dos seus abraços e da sensação de que nada de mau poderia alguma vez acontecer enquanto ele estivesse por perto.

Na segunda-feira teria de ir para a escola secundária de Chew Valley. A avó tinha-lhe comprado um uniforme em segunda mão, e o *blazer* verde-escuro ficava-lhe bem, mas isso não compensava o facto de ela não conhecer ninguém.

– Estás zangada comigo? – A vozinha de Paul ali perto surpreendeu Tara.

– Não. Porque é que dizes isso? – Girou nos calcanhares e viu-o quase colado ao seu cotovelo, com uma expressão triste no rosto.

– Não pareces contente por eu ter aprendido a andar de bicicleta – segredou ele, com preocupação nos seus olhos escuros.

Tara sentiu-se imediatamente arrependida. Lançou um olhar a Colin, que estava à espera junto ao celeiro, e pressentiu que o rapaz estava a observá-los, pronto a ir contar aos outros como eram os miúdos da Quinta Bridge.

– Foste fantástico. – Estendeu a mão e beliscou-lhe a bochecha. – É, ensina-me também! – berrou a Colin, dando uma palmadinha sub-reptícia na mão do seu irmão. – Mas eu não aprendo tão depressa como o Paul!

*

Amy estava a observar a troca de palavras entre os seus dois filhos e, embora não conseguisse ouvir o que estava a ser dito, deduziu a ideia geral. Apercebia-se de que a sua filha se sentia infeliz, e compreendia as causas, mas não havia nada que pudesse fazer quanto a isso.

Mabel tornara-se a protetora de Paul. Quando estava a dar de comer às galinhas, a recolher os ovos ou a mungir as vacas, Paul ia com a avó. Ela mostrava-lhe como escovar *Betsy*, onde os verdilhões estavam a fazer o ninho numa sebe, e tinha posto a sela do seu pai por cima de um caixote no estábulo para Paul poder fazer de conta que era um cavalo. Não ignorava Tara, mas

mantinha uma certa distância, e Amy adivinhava porquê. Mabel estava a ver-se refletida na sua neta e isso perturbava-a.

Amy pegou no cesto da roupa vazio e voltou para dentro de casa quando os dois rapazes e Tara partiram com a bicicleta.

– Espero que ela aprenda tão depressa como o Paul – disse Mabel. Encontrava-se junto à janela e, presumivelmente, estivera a ver as crianças partirem.

– Está a sentir dificuldade em se adaptar. – Amy pousou o cesto da roupa e voltou para o lava-louça para torcer as roupas que deixara em água. – Suponho que estou a tentar devolver à Tara a infância que ela perdeu, mas ela já tem demasiada idade para isso.

– Aos treze anos ainda é uma criança – disse Mabel em voz baixa.

– E o que é que a Mãe saberia sobre isso? – disparou Amy de repente. – Segundo me lembro, quando eu tinha treze anos fez-me usar roupas pretas, cortou-me o cabelo e partiu os espelhos todos para eu não ficar toda convencida e pensar que era bonita. Forçava-me a ajoelhar-me num chão de pedra para rezar todas as noites, com um raio, e obrigou-me a bordar panos para o altar em vez de fazer roupas para as bonecas.

Mabel deixou-se cair numa cadeira à mesa.

– Oh, Amy! Alguma vez conseguiremos ultrapassar este azedume todo?

Tão subitamente como se desencadeara, a fúria de Amy desapareceu, deixando apenas uma dor no seu lugar.

– Não quero que a Tara seja como nós. – Deu um passo na direção de Mabel, mas não foi capaz de lhe estender a mão. – Há tanto veneno em nós as duas. Para o bem das crianças, temos de tentar cortar com o passado.

Durante os longos serões, Mabel revelara a história da sua família, e tornara-se claro que todas as mulheres da Quinta Bridge tinham sofrido tragédias. Emily, a irmã de Mabel, morrera no parto dois anos depois do casamento. A sua mãe, Polly, perdera dois filhos na infância, e a sua avó, Hannah, deitara-se a afogar no rio nas traseiras da quinta depois de perder dois dos filhos numa epidemia de difteria. Amy tinha visitado as sepulturas no cemitério, vira as fotografias antigas em tons sépia e, com o que a sua mãe lhe contou, formou uma imagem da família de mulheres lindas e tristes e homens insensíveis e violentos.

– As crianças já estão afetadas – disse Amy. – Mas é a Tara que me preocupa. Está quase a ser mulher e nunca viu uma relação normal e afetuosa entre um homem e uma mulher. Como é que vai conseguir distinguir entre um homem bom, um homem forte que a proteja, olhe por ela e a ame, e um falso com falinhas mansas que acabe por a magoar? Digo-lhe, Mãe, não vai ser capaz. E uma vez o padrão começado, ela vai aceitá-lo, como eu o aceitei, porque a história tem o hábito de se repetir.

Mabel levantou-se, aproximou-se do Aga e pôs a chaleira cheia de água em cima do disco. Umas pérolas minúsculas de água derramada correram pela superfície quente, a sibilarem antes de desaparecerem.

– Nós vamos arranjar uma maneira – disse em voz baixa. – Vamos fazer aquelas duas crianças rir, vamos mostrar-lhes amor e bondade. Vamos ensiná-las a serem duas pessoas inteiras e perfeitas. Não lhes vai acontecer.

– Como pode ter a certeza, Mãe?

– Não posso. – Mabel olhou a filha nos olhos. – Mas vou dar tudo por tudo para o evitar.

*

Tara subiu o caminho lateral, de ombros pesados com a carga de livros na sua mochila e o *blazer* verde no braço. Embora estivesse cheia de calor e cansada, apetecia-lhe dançar de alegria.

Estavam na quinta há dois meses, o dia em que fizera treze anos já passara, mas hoje era o primeiro dia em que sentia realmente que pertencia ali.

– Foi mesmo na hora. – Ao fogão, a avó lançou-lhe um olhar por cima do ombro quando ela entrou na cozinha, com um tabuleiro com scones na mão. – São melhores quando se comem quentes.

Tara pendurou o *blazer* nas costas da cadeira e sentou-se à mesa. Estava posta para a refeição da noite, com fatias de fiambre de cura caseira, salada e um grande prato de pão com manteiga.

Por vezes, Tara pensava que tinha sonhado que a quinta era horrível quando chegaram, porque era tudo tão diferente agora. A sua mãe tinha jeito para fazer com que os espaços parecessem agradáveis, como encontrar louça bonita para pôr no louceiro e pintar sozinha a cozinha. Agora nunca cheirava mal em casa, a não ser quando a avó cozinhava peixe para os gatos que viviam no celeiro. A mãe persuadira até Stan a arrancar as ervas daninhas no jardim da frente e plantou petúnias e calêndulas.

– Onde é que estão a mãe e o Paul?

– A Amy está a tratar de alguma coisa no celeiro e o Paul foi à mercearia buscar-me açúcar. É incrível a quantidade que gastamos desde que vocês vieram.

Não havia nenhum indício de reclamação naquele comentário, de facto a avó parecia muito satisfeita com alguma coisa.

– Que tal foram as aulas hoje? – perguntou.

– Bastante boas. – Tara sorriu, sem conseguir guardar para si a notícia nem mais um momento. – Sabe aquele bibe de bebé que eu andava a fazer em Lavoros?

– Sim. – A avó sentou-se para ouvir Tara. Ainda usava roupas de homem, uma velha camisa cinzenta e calças largas de sarja, mas Amy lavava e penteava o seu cabelo branco, que parecia bonito.

– Bem, Miss Ames pô-lo em exposição para a reunião de encarregados de educação amanhã à noite. Disse que era a melhor peça de costura que alguma vez tinha visto na escola. – Não havia maneira de conseguir explicar adequadamente a sensação que dava ser destacada para um tal elogio.

– E com toda a razão – disse a avó com veemência, apercebendo-se da alegria contida nos olhos cor de âmbar de Tara. Estava a ficar muito bonita, a sua pele parecia de pêssago, o seu cabelo em tranças era como duas meadas grossas de linha de bordar de um dourado brilhante, e a bata da escola aos quadrados verdes e brancos ficava-lhe maravilhosamente. – Herdaste o jeito para a costura da tua mãe.

No rosto de Tara apareceu um sorriso rasgado e os seus olhos bailavam com felicidade.

– Eu disse à professora que queria ser estilista e ela disse que não conseguia pensar numa ocupação mais adequada para mim ou em alguém com mais probabilidade de sucesso.

Não podia contar à avó como todas as outras raparigas se tinham juntado à volta dela, cheias de admiração, a perguntar-lhe se ela podia dar-lhes uma mão com os seus projetos. Como, de repente, o gelo se quebrar e ela se tornara uma delas. Beryl Jones convidara-a a lanchar em sua casa, e era a

rapariga mais popular da turma, e um rapaz chamado Clive Spear disse que ela tinha o cabelo mais lindo que ele jamais vira.

No caminho da escola para casa, viera acompanhada por Beryl e Carol, e elas tinham dito que se o tempo quente se mantivesse podiam ir todas nadar na lagoa em Dumpers Lane no sábado. Beryl até se tinha oferecido para lhe emprestar um fato de banho quando ela disse que não tinha nenhum.

– Temos muito a celebrar esta noite. – A avó fez um sorriso genuinamente caloroso.

– Porquê? O que é que aconteceu mais?

– Espera até a tua mãe e o Paul voltarem. – Mabel parecia misteriosa.

Paul entrou a correr daí a segundos.

– Vovó! Posso ir andar de bicicleta com o Colin depois do jantar? – pediu. Parecia um maltrapilho, com as fraldas da sua camisa cinzenta de fora dos calções da escola, a gravata atada algures à volta das orelhas, as mãos, os joelhos e o rosto sujíssimos.

– Quantas vezes é que te foi dito que mudasses de roupa antes de ires brincar? – Mabel deu-lhe uma palmada afetuosa na orelha e tirou-lhe umas palhas do cabelo. – Vai agora, e lava-te enquanto estiveres lá em cima!

– Mas, Vovó – o rosto de Paul franziu-se numa súplica –, posso sair mais tarde?

– Veremos. – Mabel apontou para a porta. – Vai-te mudar, e depressa, antes que a tua mãe veja o estado em que estás.

Tara pressentiu algo por trás daquilo. A avó estava mesmo contente, quase a rebentar de alegria por algum motivo. O que poderia ser?

Paul voltou a correr pelas escadas abaixo no momento em que Amy entrou em casa. Tara reparou nos sorrisos dissimulados entre ela e a avó, e adivinhou que as duas tinham andado a tramar alguma coisa.

– O que é que fizeste? – perguntou a avó a Paul. O rosto dele estava manchado, não limpo. – Só olhaste para a esponja?

– Chega aqui. – Amy levou-o até ao lava-louça, humedeceu a ponta de um pano e limpou-lhe o rosto. – Não te parece que um menino grande como tu podia aprender a lavar a cara em condições?

Paul não estava a ouvi-la, de olhos postos na mesa do jantar.

– A Tara tem boas notícias – disse Mabel. – Mas vamos primeiro ver a outra?

Tanto Paul como Tara espetaram as orelhas.

– O quê? – Paul pegou no braço da avó. – Qual outra, Vovó?

– É uma surpresa – disse ela, despenteando-lhe o cabelo.

– Andem daí, então – disse Amy. – Acho que estão prontos.

Quando a avó se encaminhou para o celeiro, Tara sentiu um acesso de decepção. Era só mais um vitelo novo. Contara com algo mais dramático, se era mais importante do que a boa notícia dela.

– A Flossie já teve o bebé? – Paul foi a correr à frente, erguendo a mão para a grande tranca para abrir o celeiro. A tranca baixou-se e a porta abriu-se para trás.

Ali em cima da palha limpa estavam duas bicicletas novas e brilhantes. Os olhos de Paul quase desapareceram na linha do cabelo; a boca de Tara abriu-se em choque.

– Oh, Vovó – murmurou, pasmada.

– Bem, vão lá então! – A avó empurrou-os. – Experimentem-nas para ver se são do tamanho certo.

A bicicleta de Paul era azul-celeste, num tamanho intermédio, nem de criança nem de homem crescido. Mas a de Tara era a «Pink Witch» que vira nas revistas – cor-de-rosa berrante, com o selim e os pneus brancos, um cesto na frente e até um sítio para pôr o batom. Era a bicicleta dos sonhos de todas as raparigas da sua idade. Não era só uma bicicleta para dar umas voltas, era um símbolo de estatuto.

Com um grito de pura alegria, Paul correu para dentro do celeiro, afastou a sua bicicleta do fardo de palha, passou a perna por cima do quadro e saiu a pedalar.

Tara aproximou-se da sua com a devida reverência, passou a mão pelo guiador brilhante e pelo selim e fez soar a campainha reluzente.

– Não consigo acreditar – disse. – Todas as raparigas na escola querem uma. Vão ficar verdes de inveja.

– Bem, não te esqueças de olhar bem por ela. – A avó descaiu para os seus modos cáusticos usuais. – Se não, esfolo-te viva.

Tara lançou um olhar à mãe ao tirar a sua bicicleta do descanso e saltou para cima dela.

Amy recuou, a vê-la. O seu cabelo louro brilhava no sol da tarde. Com as suas calças de ganga e uma camisa aos quadrados parecia poucos anos mais velha do que Tara, e a sua expressão era de tanto júbilo como a dos seus filhos.

– Vai lá então, uma volta rápida para a experimentares e depois jantamos – disse Amy, limpando uma lágrima tresmalhada da face com as costas da mão.

A sua mãe alegara pobreza, dissera que nem sequer tinha dinheiro para lhes enviar o preço dos bilhetes para a viagem, mas fora apenas uma cortina de fumo. De facto, admitiu na altura em que sugeriu que se comprassem as bicicletas que tinha várias centenas de libras depositadas no banco.

Não haveria quem contivesse Paul ou Tara agora enquanto pedalavam à volta do terreiro, a dispersarem as galinhas e a rirem às gargalhadas. Paul pôs-se de pé nos pedais, segurando o guiador só com uma mão para provar a sua perícia.

– Mal posso esperar para mostrar ao Colin – berrou. – Obrigado, obrigado, obrigado!

*

A hora de jantar foi uma festa. As duas crianças estavam esfuziantes de excitação, Amy soltava umas risadinhas e a avó presidia ao bule com um sorriso rasgado no rosto.

– Não me lembro de alguma vez haver tanto barulho aqui – disse. – O James Brady vai dar uma volta na cova!

Para Tara, uma grande parte do prazer resultava de descobrir que a sua mãe e a sua avó tinham combinado esta surpresa juntas há mais de uma semana. Ouviu contar como Amy recortou anúncios de revistas e depois apanhou o autocarro para Bristol para procurar as bicicletas.

– A vossa mãe achava que deviam esperar até ao Natal. – A expressão da avó era de ligeira superioridade, mas ao mesmo tempo de alegria. – Mas eu disse que vocês precisavam delas agora, durante o verão. Aquela bicicleta velha não é grande coisa, e não podemos ter-vos à bulha por ela.

– Qual era a tua boa notícia? – perguntou Amy a Tara, recordando-se subitamente de que havia mais alguma coisa.

– Em comparação com as bicicletas não é nada. – Tara serviu-se de mais um scone, barrando-o com uma camada espessa de compota. – Está a ser um dia mágico.

Contaria tudo à mãe à hora de deitar. Abraçá-la-ia e dir-lhe-ia como estava feliz por se terem mudado para ali e pediria desculpa por ter andado triste tanto tempo. Nessa noite, sentia que nunca iria querer viver em mais lado nenhum. Londres era mal cheirosa e suja. Chew Magna era onde ela pertencia.

*

Amy ficou a saber a notícia de Tara pela sua mãe, depois de as crianças saírem a correr a seguir ao jantar, deixando-as a arrumar a cozinha.

– Isso é maravilhoso. – Amy sorriu encantada, adivinhando que havia mais na história do que simplesmente um elogio por um bibe de bebé. – Tenho andado com tanto medo que ela nunca aceitasse a vida aqui.

– Ela é tão parecida comigo. – Mabel encolheu os ombros. – Um pouco egocêntrica, teimosa e demasiado orgulhosa para dar o primeiro passo. Eu sentia-me muitas vezes só, mesmo quando estava rodeada por pessoas.

– Bem, dá a impressão de que ela relaxou um pouco – disse Amy ao avistar Tara a voar pelo caminho abaixo, com o cabelo ao vento atrás dela como uma bandeira de ouro. – Todos os agradecimentos são poucos por isto, Mãe!

Mabel debruçou-se sobre o escorredor da louça para ver pela janela as crianças a fazerem uma corrida na subida do caminho. Os calções da ginástica de Tara tinham-lhe subido, deixando à mostra as suas pernas compridas e finas. Paul parecia tão encorpado como um pónei e tinha o rosto corado do esforço.

– Não há necessidade de agradeceres – disse Mabel ríspidamente. – Ver as caras deles é quanto basta.

CAPÍTULO 8

Maio de 1961

Amy estava sentada num banco no terreiro a descascar ervilhas e a desfrutar do sol de maio inesperadamente quente quando viu Paul olhar furtivamente da esquina da vacaria.

– Mas o que é que tu andaste a fazer, Paul?

Sabia a resposta mesmo sem o ver bem. Conseguia ouvir o som dos sapatos molhados dele, sentia o cheiro da água do rio e recordava-se perfeitamente de como a água era um íman para as crianças num dia quente. Foi difícil não se rir quando ele saiu do seu esconderijo, de cabeça baixa. Parecia um cão meio afogado, com o cabelo escuro colado ao rosto com manchas de lama e água a pingar das pernas dos seus calções cinzentos.

– Estávamos a brincar. Eu escorreguei – disse ele.

– Não estiveste na lagoa? – perguntou ela, erguendo uma sobrancelha. – É demasiado funda, tu não sabes nadar bem e tem muitas ervas daninhas e coisas assim que te podem puxar para baixo.

– Não estivemos lá, Mãezinha. – A sua voz era de lamúria. – Só estivemos lá em baixo no Dumpers a fazer uma barragem.

Dumpers Lane era um paraíso para as crianças. No inverno estava frequentemente inundado, e ostentava uma velha quinta assombrada, uma velha ponte de pedra e bosques cerrados. Quaisquer pais que dessem pela falta dos filhos só teriam de ir lá baixo para os encontrar.

– Então como é que ficaste assim tão molhado?

– Perdi o pé. – Os seus olhos escuros imploravam à mãe que não o obrigasse a ficar em casa durante o resto do dia, as suas orelhas espetadas

eram quase transparentes com o sol a dar-lhes por trás.

– Parece-me que te tens metido em muitas confusões desde que te tornaste amigo do Colin! Despe as roupas aqui fora e depois vai-te lavar e vestir uma roupa seca.

Paul despiu-se em tempo recorde, lançando um olhar à sua volta para se assegurar de que ninguém estava a vê-lo antes de tirar as cuecas encharcadas e as acrescentar à pilha no chão.

Amy olhou para ele, divertida. Ganhara tanto corpo no último ano que poderia ser uma criança diferente. A robustez acetinada de um tom moreno, tão parecida com a do seu pai, cobria-lhe agora as costelas e a espinha. As pernas e os braços estavam fortes, até o traseiro tinha aquilo a que a avó chamava a rir «um bocado de estofa». O ratinho desnutrido, o garoto de uma zona pobre de cidade, fora substituído por um garoto do campo, e Amy não duvidava de que Paul acabaria por ultrapassar o seu pai não só em inteligência, mas também em altura e força.

– Não fique zangada comigo, Mãezinha. – Paul aproximou-se e passou uma mão suja pelo ombro dela. – Eu lavo as minhas coisas.

Tara ainda falava com um ligeiro sotaque *cockney*, do East End de Londres, mas Paul adotara a pronúncia do Somerset como se tivesse nascido com ela.

– Não estou nada preocupada com as tuas roupas, podem-se lavar e secar – disse Amy num tom ameno, agarrando o seu corpinho despido e puxando-o para o seu colo. – Mas preocupo-me quando incomodas os nossos vizinhos. Desde que te dás com o Colin, já te meteste em trabalhos no supermercado por derrubares uns produtos em exposição. Já foste apanhado a atravessar campos cultivados, a tentar montar a cabra de Mr. Branston e a subir para o

telhado do salão da igreja. Já para não falar de atazanares os homens do moinho trepando para os sacos de cereais.

Os cantos da boca de Paul descaíram.

– Não é minha intenção ser mau.

– Tu não és mau – tranquilizou-o Amy. – És só um pouco irrefletido, é tudo. Portanto, quando voltares para Dumpers Lane, se fizeram uma barragem naquele rio de modo a ele inundar a terra de alguém, faz-me o favor de desfazer a barragem.

– A terra é nossa lá em baixo. – Os olhos de Paul brilharam ao se aperceber de que a mãe não estava zangada. – Sabe, Mãezinha, isso é o melhor de viver aqui, tanta da terra pertence-nos a nós. Eu posso correr pelos campos a berrar que são meus. – Fez uma pausa para recuperar o fôlego. – Bem, da vovó! Mas é mais ou menos a mesma coisa, não é?

– É, meu amor. – Amy apertou-o ao peito. Mesmo ao longo do inverno, quando o vento sacudia as janelas e a geada ficava nos ramos nus das árvores todo o dia, Paul encontrara novos prazeres aqui. Não parecia sentir o frio quando ia a saltitar recolher os ovos ou se dirigia cambaleante com o peso do balde da lavagem para o chiqueiro. – É nossa. Espero que um dia os teus filhos também andem a chapinhar no caminho. Agora vai lá lavar-te e vestir uma roupa, e desta vez leva as galochas, é para isso que elas são!

*

– Aquele rapaz dá cabo das calças como uma raposa dá cabo de galinhas num galinheiro. – Mabel tirou um par de calções cinzentos da escola do cesto da roupa para remendar e examinou o rasgão nos fundilhos. – Este é o par novo?

Amy estava a coser botões numa das camisas de Paul, arrancados porque ele raramente parava para os desabotoar.

– Sinto-me contente por ele estar a comportar-se como um verdadeiro rapazinho finalmente – disse ela. – Não julguei que alguma vez viesse a ter coragem para sair e conviver com outros miúdos, muito menos para ser maroto. Não me importo de remendar cem pares de calções.

Mabel resfolegou como se reprovasse aquilo, mas Amy sabia que não era verdade. A relação entre Paul e a sua avó baseava-se na aprovação mútua. Paul gostava que a sua avó fosse considerada esquisita, gostava das suas roupas de velhote, do facto de ela ser capaz de trepar a um escadote, conduzir um trator e ajudar no parto de um vitelo ou de uma ninhada de leitões. Deixava-se ficar sentado fascinado enquanto ela lhe desenhava imagens fantasiosas de dragões e monstros, ajudava-a a fazer pão e considerava-a a fonte de toda a sabedoria.

Por seu turno, Mabel adorava-o. Adorava a sua sensibilidade, a maneira como virava os seus olhos castanhos tristes para ela como um cão. Via como ele era esperto e reconhecia o seu amor pelos animais e a sua empatia natural por toda a humanidade. Parecia-se muito com Bill MacDonald, até ela concordava com isso, mas talvez fosse porque Bill nunca reconhecera Paul como seu filho que ela o queria para si.

Havia algo especial em Paul. Todos aqueles anos a tentar prever os estados de espírito do pai tinham-no deixado supersensível. Sabia intuitivamente quando as pessoas estavam tristes, doentes, ansiosas ou só de mau humor, e tinha jeito para as animar. Era um rapazinho muito sério, e por vezes isso por si só bastava para fazer as pessoas rirem e sentirem-se melhor.

– Olha para ele agora! – Mabel soltou uma risada. – E pensar que há um ano ele até tinha medo das galinhas!

Foram até à porta da cozinha e puseram-se a ver Tara e Paul subir o caminho montados na *Betsy*.

*

Tara estava sentada à sua secretária a roçar distraidamente a ponta de uma das suas grossas tranças douradas na face. Há dezasseis meses que a família deixara o pai de vez, e as mudanças em Tara eram dramáticas.

Tinha crescido cinco centímetros e o seu ar magricela e desengonçado desaparecera. Uns seios pequenos despontavam no corpete da bata aos quadrados da escola, as suas pernas compridas e finas que entrelaçara na cadeira eram bem feitas e estavam ligeiramente bronzeadas. As tranças, o vestido e as sandálias resistentes indicavam que ainda era uma criança, mas o seu rosto e o seu corpo eram os de uma bela jovem.

Umas delicadas sobrancelhas louras enquadravam os seus olhos rasgados cor de âmbar acima de um nariz pequeno e direito. A sua boca, em tempos demasiado grande para o rosto, era agora uma perfeição. Lábios cheios e carnudos com linhas bem definidas davam mais do que um indício da sua natureza generosa e afetuosa.

Deveria estar a escrever uma composição sobre as aves no lago de Chew Valley, mas em vez disso estava a sonhar com Harry.

A avó mostrara-se bastante melindrosa em relação a George e Harry, de facto ainda tinha reservas quanto a eles. Embora se mantivessem em contacto por carta, até àquele momento a avó não acedera a convidá-los para uma visita. Mas estava a amolecer agora, principalmente porque George escrevera a dizer-lhes que tinha pedido Queenie em casamento. Tara ficou encantada

com a notícia. Embora, ao contrário da avó, tivesse tido em tempos a esperança de que o Tio George casasse com Amy, aquilo convinha-lhe mais.

Todos eles gostavam de Queenie e todos sabiam que ela era a companheira perfeita para George, mas neste momento o prazer de Tara baseava-se inteiramente em pensamentos egoístas. Depois de se casar, o Tio George teria um lugar ideal para ela ir de férias sem a mãe. E então poderia ficar a sós com Harry.

O interesse pelos rapazes surgiu por volta da altura em que o seu corpo começou a desenvolver-se. Beryl tinha um namorado, chamado Tom, e estava sempre a sonhar com ele e a falar de beijos. Tara olhara à sua volta para os rapazes da zona e deu consigo a compará-los todos desfavoravelmente com Harry. Até mesmo os que andavam nos últimos anos do liceu pareciam uns campónios ao lado da sofisticação dele. Não tinham fatos elegantes, não sabiam conduzir e ela ainda não vira nenhum tão bonito como ele.

Um ano longe dele, com cartas como único contacto, tinha criado uma espécie de aura dourada à volta da recordação dele, uma série de imagens mentais em que ela gostava de pensar.

A imagem de Harry a levantar a sua mãe do chão naquele terrível dia ficara gravada na mente de Tara. Os seus traços fortes tinham mostrado fúria e indignação ao ver os ferimentos que o seu pai infligira à sua mãe, mas também uma enorme ternura. Uma vez, ela tinha-lhe levado uma chávena de chá e dera com ele a dormir, com o seu cabelo escuro tombado sobre aqueles olhos azuis brilhantes, e a barba por fazer no queixo. Mas o melhor de tudo era a recordação do último abraço no terreiro da quinta – a força dos braços dele à volta do seu corpo, o cheiro a *Old Spice* que emanava da sua pele, os lábios dele contra a orelha dela e as palavras que ele dissera para lhe dar

forças. «Não penses que podes casar-te com um moço de quinta qualquer cheio de borbulhas, eu vou estar de olho em ti.» Na realidade, ela sabia que ele quisera dizer que ela não devia desistir do seu sonho de ser estilista, mas agora preferia interpretar as suas palavras como uma confissão de amor nascente.

Amar Harry era um segredo que não partilhara com ninguém. Fazia-a sentir-se bem por dentro, como saber que as notas da escola eram excelentes ou marcar o maior número de golos no *netball*.

Sentia-se agora contente por estar a viver no campo. Tinha amigas na escola, conhecia a maior parte dos vizinhos e dos lojistas. Durante as longas noites de inverno, a sua habilidade para a costura melhorara dramaticamente, com a mãe a ensinar-lhe as partes difíceis dos colarinhos e das mangas. A avó deixara que usasse a velha máquina de costura e ela tinha progredido rapidamente de roupas para bonecas para roupas para si mesma.

A avó encorajava-a a pensar em grande. Não a dissuadia das ideias de ir para uma escola de belas-artes, de pintar em Paris ou de abrir a sua própria boutique. Dizia que qualquer pessoa poderia fazer tudo o que quisesse, desde que se mantivesse firme no seu propósito. Bem, ela iria chegar ao topo. Um dia, iria descer Park Lane de *Mercedes*, haveria imagens dela e das suas criações em todas as revistas de moda e, o melhor de tudo, Harry seria o seu homem.

*

Um grito de indignação lá fora fê-la dar um salto. Afastando a cadeira da secretária, pôs-se de pé e foi à janela.

Viu Paul a trepar por uma pilha de madeira na serração do outro lado do rio. Colin estava com ele e, mesmo a uma distância de quase quinhentos

metros, Tara sentia o pânico deles.

– Parem, seus palermas!

Riu-se ao ouvir a ordem ríspida vinda de um homem que não estava à vista e perguntou-se o que Paul e Colin teriam feito desta vez.

Passava pouco das sete da tarde. O sol estava empoleirado logo acima da torre quadrada da igreja e as sombras dos álamos altos estendiam-se como dedos sobre o prado. Quando Tara se debruçou da janela para ver melhor, o dono da voz alta apareceu à vista. Também ele estava a trepar pela pilha de madeira, um homem grande de cabelo escuro com uma camisola interior sem mangas e a brandir um pau.

Os dois rapazes desapareceram por um momento e daí a segundos ficaram à vista, a saltar para o rio de um muro baixo e a atravessá-lo. Olharam por cima do ombro com medo ao chegarem à margem do prado, mas, quando o som das botas do homem se ouviu na ponte de pedra, começaram a correr para a quinta.

Um outro grito de indignação fê-los parar por um segundo, mas, ao verem o homem saltar por cima da vedação do prado, desataram a fugir, com os braços e as pernas a moverem-se como pistões.

– Eu apanho-vos, não julguem que escapam desta! – O homem corria atrás deles a brandir o pau.

– O que é que está a acontecer? – perguntou a avó, do terreiro lá em baixo. Estava parada com uma das mãos na anca e a outra em pala sobre os olhos para os proteger do sol – Quem é que está a berrar?

– Há um homem a correr atrás do Paul e do Colin – respondeu Tara lá para baixo, dando-se conta de que a linha de visão da sua avó estava interrompida pelo muro de pedras entre ela e o prado. – Devem-no ter incomodado!

A avó franziu a testa, irritada.

– Também me vão ouvir das boas, se se tiverem portado mal.

O homem estava a alcançar os dois rapazes com cada longa passada.

– Voltarem p’rá vossa avó não vos vai salvar a pele! – berrou. – Parem já ou vai ser pior para vocês!

O ar estava tão parado que Tara conseguia ouvir os pés dos rapazes a pisarem o chão irregular e o som da sua respiração ofegante. Estava a rir-se, a sentir vontade de animar o seu irmão a continuar, quando, de lado nenhum, sentiu uma premonição de desastre. O medo cravou-se no seu estômago, paralisou-lhe o sorriso nos lábios e contraiu-lhe o coração e a garganta.

Paul estava agora a uns trezentos metros dela, corado com o esforço, com as bochechas infladas, os olhos esbugalhados e as suas pernas magras a galgarem o terreno acidentado a custo. Mas era um terror insano que o impelia, o tipo de pânico tresloucado que ela vira nas vacas quando foram levadas para o matadouro.

– A que vem este barulho todo? – Amy saiu do curral a secar as mãos ao avental.

Tara estava paralisada à janela, incapaz de mover um músculo. Viu Colin desistir de correr e tombar de joelhos ofegante na erva alta, mas Paul continuou a fugir sem parar na direção do muro entre ele e o terreiro da quinta.

Da posição em que Tara se encontrava viu tudo – a avó a dirigir-se em grandes passadas para o muro, com as costas hirtas de indignação; Amy parada, com o seu cabelo louro enfiado debaixo da touca branca que usava sempre para trabalhar na vacaria, a agitar as mãos como se pressentisse que estava prestes a acontecer alguma coisa. Paul estava a correr na direção do

muro a uma velocidade extraordinária. Ao erguer os braços a preparar-se para saltar o muro, subitamente Tara gritou:

– Para, Paul! A escavadora das batatas!

A velha alfaia agrícola enferrujada tinha duas grandes rodas com espigões na parte de trás e estava ocultada da vista dele, no lado de cá do muro. Quantas vezes é que a avó os avisara para não treparem por ela? Quantas vezes é que a mãe sugerira que se devia deitar fora?

Pareceu a Tara que tudo se passou em câmara lenta. Viu o homem debruçar-se sobre Colin e puxá-lo para cima pelo ombro. Viu a avó pousar as mãos no muro e espreitar para o outro lado. Mas, no mesmo instante, o corpo de Paul projetou-se por cima dele num perfeito arco gracioso e ela ouviu a mãe gritar.

*

Não se recordava de ter corrido do seu quarto, pelas escadas abaixo e para fora pela cozinha. Era só do grito que se lembrava, mas se provinha de Paul, da mãe, da avó ou até dela mesma não sabia.

A única imagem vívida era de Paul empalado naqueles espigões.

Poderia ser um espantalho pronto a ser queimado numa fogueira, uma figura parecida com um boneco atirada à sorte para cima de um arbusto de espinhos para secar. Mas uma das suas mãos ainda estremecia, manchada de um vermelho vivo com os morangos que andara a roubar. Os seus olhos escuros e a sua boca estavam muito abertos em choque.

Foi só quando a mãe tentou levantá-lo que Tara se consciencializou de todo o horror. Um espigão tinha-lhe perfurado o pescoço, o outro a espinha ao nível da cintura. Quando Amy tentou libertá-lo, o sangue esguichou, salpicando-lhe a roupa, e gotejou para o chão.

– Não tentes movê-lo. – A avó assumiu o comando da situação, puxando Amy para trás e berrando a Stan que telefonasse a chamar uma ambulância.

O homem que vinha do campo saltou o muro e nesse segundo Tara soube exatamente por que Paul ficara tão aterrorizado. Tinha uma forte semelhança com Bill MacDonald, o mesmo rosto tingido de roxo, cabelo escuro e uma estatura grande e musculosa.

– Eu nunca o teria perseguido se soubesse. – O rosto do homem empalideceu quando viu Paul. – Estava furioso porque eles andaram em cima dos meus morangueiros. Que Deus me perdoe!

A sequência dos acontecimentos a partir daí ficou muito confusa. Foi nessa altura que a avó cravou as unhas no rosto do homem ou mais tarde? A avó teria realmente esbofeteado Amy para a fazer parar de gritar? Ou ela teria ficado silenciada quando os homens da ambulância arrancaram Paul dos espigões?

Mas Tara recordava-se de ver a avó ao lado de Paul, com a mão toda ensanguentada no pescoço dele e a dizer que ele estava morto. Recordava-se de ver Amy a cobrir o rosto do filho com beijos e de querer poder ela própria tocar-lhe, mas parecia estar paralisada.

A cena não parecia real. Tara esperava que a qualquer minuto alguém a sacudisse e apontasse para Paul e Colin a descerem a estrada nas suas bicicletas.

Mas era real. As pessoas estavam a acorrer ao terreiro. Alguns vizinhos mais próximos, como Mrs. Hewitt e Mrs. Parsons, soluçavam abertamente. Outros limitavam-se a fitar a escavadora das batatas como Tara, a verem o sangue gotejar pelos seus espigões horrendos e formar uma poça nas lajes por baixo.

Colin vomitou a um canto, com as lágrimas a fazerem riscos limpos nas suas faces encardidas.

– Não tínhamos intenção de fazer mal nenhum – gemeu a um dos muitos polícias que chegaram. Só ‘távamos a comer uns morangos.

*

– É em alturas como esta que eu gostava de ser qualquer coisa menos médico.

Mabel Randall ergueu a cabeça e olhou para o homem com o rosto rosado e olhos castanhos bondosos e mordeu a língua para conter o seu sarcasmo habitual.

– Ela vai ficar bem? – O seu coração batia demasiado depressa, sentia-se estonteada e fraca com os acontecimentos do fim da tarde e não sabia como consolar a sua filha ou Tara.

Estava a conter a sua própria angústia; a esforçar-se muito por não pensar que nunca mais voltaria a sentir aquela mãozinha na sua nem daria uma palmadinha naquele traseiro firme. Amara-o tanto. Imaginara-o à frente da quinta um dia. Ele era o futuro dela. Agora tinha-se ido.

– Tenho a certeza que é só um estado temporário provocado pelo choque. – O doutor Masterton tocou no ombro de Mabel a tranquilizá-la. – É só a maneira da natureza de a proteger.

Por entre todo o drama, o ruído e as perguntas, ninguém a não ser Tara reparara que Amy se recolhera num mundo de silêncio. Mabel dera à polícia toda a informação possível e Tara conseguira subir ao seu quarto e apontar para o que vira. No entanto, mesmo quando já todas as pessoas tinham partido e o silêncio e o escuro se abateram de novo sobre a quinta, Amy

continuou sentada de olhos secos no velho banco corrido da cozinha a fitar o espaço sem se dar conta de nada.

– Não é o silêncio, isso é compreensível. – Mabel tirou a chaleira com água a ferver do Aga e encheu o bule. – Sinto que é algo mais perigoso, algo que pode dominá-la para sempre a não ser que cortemos rapidamente o mal pela raiz.

O médico lançou um olhar para a porta aberta do *hall*. Tara levava a mãe para o andar de cima depois de ela ser examinada, e ele ouvia-a murmurar alguma coisa a Amy enquanto a deitava.

Presenciara o forte laço entre Amy e os seus dois filhos quase logo que chegaram à vila. A relutância de falarem sobre o seu passado, um certo nervosismo desconfiado nos três, indicava-lhe que deviam ter sofrido provações e violência prolongadas.

– Talvez ela esteja só a conter-se até se sentir suficientemente forte para se deixar ir – disse ele cuidadosamente. – Tal como a senhora, eu sentir-me-ia mais descansado se ela estivesse a lidar com o choque e a dor do luto de uma maneira mais demonstrativa, mas todos nós temos maneiras diferentes de lidar com as tragédias.

*

Gregory Masterton andava pelos quarenta e muitos anos e era a terceira geração de Mastertons médicos na vila. Com a exceção dos anos na universidade, na escola médica e no serviço militar, sempre vivera em Chew Magna. Conhecia toda a gente, todas as crianças, todos os trabalhadores e proprietários agrícolas, e na sua profissão descobria com frequência segredos a que preferiria não ter tido acesso.

Fora chamado à Quinta Bridge talvez só umas quatro ou cinco vezes em vinte anos, mas de cada vez partira perturbado com o seu ambiente.

A Quinta Bridge tinha sempre um ar de mistério trágico. Ele sentia no coração que a morte de Paul era, muito possivelmente, apenas o início de mais tragédia para a pequena família. O que lhes aconteceria agora?

Mabel parecia muito controlada, mas há relativamente pouco tempo as crianças da vila ainda se desafiavam umas às outras a entrar à socapa no terreiro da quinta para espiarem a mulher que falava sozinha. Assustavam-se umas às outras dizendo que ela cortava o pescoço às crianças e dava os seus corpos a comer aos porcos. Perder o neto que acabara por adorar voltaria a empurrá-la nesse sentido?

E Tara? Ela dissera alguma coisa sobre Paul ter pensado que era o pai deles que vinha a persegui-lo; isso tornava a morte do menino ainda mais trágica. Como poderia uma adolescente passar por uma tal experiência como aquela e não ficar permanentemente traumatizada?

E depois havia Amy. Como poderia ficar ali e manter a sua sanidade mental? Devia ter trazido os filhos para ali por alguma boa razão, e agora, de cada vez que olhasse para o terreiro ou pela janela, veria Paul espetado naqueles espigões. O que poderia qualquer pessoa fazer ou dizer para a reconfortar?

Amy Manning era uma das mulheres mais encantadoras que ele alguma vez conhecera. Agora, os seus grandes olhos azuis estavam sem expressão, mas há apenas dois dias, quando ele lhe dirigira a palavra na rua principal da vila, tinham cintilado perante as tentativas atabalhoadas dele de namoriscar com ela.

Era o tipo de mulher por quem qualquer homem ansiaria, quanto mais um solteirão como ele que por vezes se sentia só. Admirava os seus modos discretos e delicados, a sua capacidade de escutar e de levar as pessoas a falar. Mãe, irmã e amiga de todos, era tida em grande estima por todas as pessoas da vila. Porque é que o destino haveria de ser tão cruel para com ela?

– Um chá parece inadequado, mas é tudo o que tenho. – Mabel arrastou-se para junto da mesa e pousou o bule e duas canecas.

– Vou só ver primeiro se a Amy precisa de alguma coisa – disse Gregory.

Mabel limitou-se a acenar com a cabeça e sentou-se pesadamente à mesa.

Estava a acontecer novamente! O que é que ela ou a sua família tinham feito para merecer outro pontapé no estômago? Se Deus quisesse um sacrifício, porque não a levava a ela?

Há dois anos, tinha-se sentado nesta mesma cozinha a pensar em se matar. Recordava-se de olhar para cima, para as vigas do teto, e de pensar se haveria altura suficiente para se enforcar ou se deveria cortar os pulsos com o seu cutelo.

Mabel voltou a erguer os olhos para as vigas. Nem uma teia de aranha pendia delas agora, só tachos e panelas de cobre polido e ramos de flores secas. Umas cortinas novas aos quadrados vermelhos e brancos estavam penduradas nas janelas e havia vasos com gerânios nos peitoris.

Tudo obra de Amy! Vítima de violência e abandonada como era, pusera-se de joelhos e polira a tijoleira, esfregara tudo até ficar limpo e tornara a casa um verdadeiro lar. Contudo, em vez de felicidade e prosperidade, a vida voltara a esbofeteá-la e tirara-lhe o filho.

O médico parou no patamar e olhou pela porta aberta do quarto, sem querer ir intrometer-se.

Tara tinha sentado a mãe, com uma camisa de noite cor-de-rosa vestida, na beira da cama de casal e estava a escovar-lhe o cabelo. Amy mantinha-se sentada tal como antes, com um olhar vazio a fitar em frente, os lábios ligeiramente entreabertos e as mãos pousadas nos joelhos.

Mas foi para Tara que os seus olhos se sentiram atraídos. À luz suave do candeeiro em cima da mesa de cabeceira, o seu cabelo era puro ouro. Ele recordava vagamente algo que lhe tinham dito sobre Mabel quando era nova – umas cores que prendiam o olhar e forçavam os homens a virarem a cabeça e fitarem-na maravilhados.

– Durma agora. – Tara empurrou delicadamente a mãe para ela pousar a cabeça no travesseiro e aconchegou-lhe a roupa de cama. – Eu fico consigo.

Deitou-se ao lado da mãe a acariciar-lhe a testa. Os cabelos louro e dourado misturaram-se no travesseiro, sob o olhar do médico. Ele não dispunha de um remédio tão forte como o afeto de uma filha. Era só um velho curandeiro com uma mala cheia de pílulas e alguns chavões gastos.

CAPÍTULO 9

A chuva tombava como farpas quando o pequeno caixão de carvalho de Paul foi baixado para a cova. Tara aproximou-se ainda mais da mãe, a tentar manter o guarda-chuva sobre a cabeça de Amy.

Tara chorara incessantemente desde o primeiro vislumbre do carro funerário. Só a ideia de Paul deitado naquele caixão coberto de flores já lhe dava voltas ao estômago, e mais uma vez culpou-se pela morte dele. Se pelo menos ela tivesse descido as escadas a correr naquele fim de tarde e tivesse trepado o muro! Sempre o protegera. Porque não fizera alguma coisa?

Já não estava a escutar o padre. Nem sequer sentia a chuva ou via a multidão de pessoas. A presença de Harry e de George também não ajudava, ela só conseguia pensar que este era um sítio onde Paul adorava brincar, embora a avó lhe ralhasse por ele ser tão irreverente.

*

– São horas de irmos. – O Tio George pegou-lhe no braço e afastou-a da sepultura, na direção da cancela do cemitério.

A sua mãe estava imóvel à beira da campa com a avó, ambas com a cabeça tombada para o peito. As suas figuras de preto pareciam encolhidas contra o pano de fundo do monte de terra coberto de flores e do enorme teixo. Atrás delas erguia-se a igreja de St Andrew, com a sua torre quadrada, e o estranho monumento partido com degraus à sua volta que as pessoas diziam ser uma cruz do mercado dos tempos medievais. A avó segurava o guarda-chuva a abrigar as duas, que tremia com os soluços dela.

Amy mantivera os olhos secos durante todo o serviço fúnebre, mas a expressão vazia dos seus olhos azuis era muito mais perturbadora do que

seriam as lágrimas. Não se apercebera das palavras de consolo do padre, de facto não parecia saber por que estava ali de pé à chuva.

Tara sentia o cheiro da terra, não das flores, e tudo o que ouvia eram os soluços da sua avó e o som da chuva a tamborilar o caixão.

– Vá lá, entra no carro. – A voz de George tremia e quando Tara olhou para ele viu os seus olhos debruados a vermelho e as lágrimas a misturarem-se com a chuva no seu rosto. – Quem me dera conseguir dizer alguma coisa para te consolar, minha doçura, mas não consigo.

O carro funerário estava à espera aos portões da igreja junto à escola velha. Tara sentou-se lá dentro sozinha, a tremer, enquanto Harry ajudava Amy e Mabel a virem do cemitério. Com um braço protetor e de apoio à volta de cada uma delas, parecia quase indecentemente forte e saudável.

Amy caminhava como uma marioneta, a olhar em frente pelo véu preto do seu chapéu, sem se aperceber de que todas as lojas e casas tinham as persianas ou as cortinas corridas em sinal de respeito e solidariedade.

Harry quase teve de pegar nela ao colo para a meter no carro, e a seguir entrou a avó. Tara encolheu-se de lado contra a porta, assustada agora com o silêncio da sua mãe. Harry fechou a porta, disse algo ao condutor, que ela não conseguiu ouvir através da divisória de vidro, e depois correu para a frente e saltou para dentro do carro do seu pai. Partiram à frente e ela adivinhou que iam apressar-se para chegar antes delas para pedir a Mrs. Hewitt que fizesse o chá e destapassem as sanduíches.

– Quantas pessoas é que virão? – disse a avó. Tara sabia que aquela pergunta não requeria resposta, era a única coisa em que ela conseguira pensar para quebrar o silêncio.

– As flores eram lindas – disse Tara, a pensar se o coveiro já estaria a deitar pazadas de terra para cima do caixão. Ela e Paul tinham espiado aquele homenzinho cómico uma vez depois de um funeral; ele sentou-se numa sepultura, serviu-se de chá de um termos e fumou um cigarro antes de começar.

*

– Tens de comer alguma coisa. – George pôs-se em frente a Tara, que estava encostada à parede da cozinha. Estendeu-lhe um prato com uma empada de camarão, um enroladinho de salsicha e um par de sanduíches.

Parecia incongruente no seu fato preto. Fazia-o parecer mais magro e mais velho. A luz incidia na sua coroa de calvície e o seu grande nariz bolboso projetava-lhe uma sombra estranha no queixo, quase como uma barba.

– Não consigo. – Tara suspirou. – Simplesmente não vai para baixo.

As pessoas estavam todas reunidas na cozinha, apesar de a comida estar disposta na sala de jantar. Mr. Atherton, o diretor da escola de Paul, estava presente, bem como a professora dele, Miss Candrew, juntamente com Gregory Masterton, Mr. Miles dos correios e a velha Mrs. Smart da loja de doçarias. Havia outras pessoas que Tara não conhecia, idosas na sua maioria, conhecidas da avó da sua juventude.

Colin e os seus pais tinham assistido ao serviço fúnebre, os três a chorarem abertamente. Tara quisera falar com Colin para tentar fazê-lo ver que não era culpa dele. Fazia-a sentir-se ainda pior ver o seu rostinho com sardas, usualmente com um sorriso estampado, assim pálido e abatido.

Mr. Hodges estava na parte de trás da igreja com a sua esposa, uma senhora pequena e loura. Quando saíram, ela viu que ele tinha os olhos vermelhos e ia

de cabeça baixa. Não se parecia nada com o pai dela quando visto ao perto, mas Tara continuava a querer odiá-lo, porque ele era responsável.

Uma chuva forte fustigava a janela, criando um ambiente de um cinzento embaciado que não era inteiramente dissipado nem mesmo com as luzes acesas. O calor do Aga combinado com as roupas húmidas provocava um ambiente como o de uns banhos turcos, com um cheiro intenso a lã molhada.

– Por mim, vá lá – insistiu George, estendendo-lhe uma colher de chá com um camarão. Trouxe estes especialmente p’ra ti. São dos bons de Whitechapel, nada da vossa porcária aqui do Somerset.

Ela queria poder rir-se da sua piadinha e dizer-lhe como ele era bondoso. George tinha vindo mal soube da morte de Paul, e foi ele quem se encarregou de todos os assuntos relativos ao funeral, deixando a avó livre para olhar por Amy. Harry viera esta manhã, com carradas de comida, incluindo aqueles camarões.

– O que é que vai acontecer à minha mãe? – perguntou ela. Amy estava sentada no banco corrido, a fitar o espaço com um olhar vazio, como desde o acidente. A avó tirara-lhe o casaco e o chapéu e calçara-lhe uns sapatos secos, mas ela não dava sinal de se aperceber de nada.

– Dá-lhe tempo, minha joia. – George fê-la abrir a boca e enfiou nela o camarão. – O médico diz que é a maneira dela de lidar co’ aquilo, que vai dar a volta.

– Eu suportava melhor se ela chorasse – segredou Tara. Todas as pessoas estavam a falar tão baixo que a sua voz pareceu demasiado alta. – Mas este silêncio é assustador.

*

George tinha avaliado a situação quando chegou e sentia-se muito mais preocupado do que dava a entender. Amy mostrava-se dócil, debicando a comida que lhe era posta à frente, fazendo obedientemente o que lhe mandavam, mas não tomava a iniciativa de nada. Mabel acompanhou-a à casa de banho, mandou que se lavasse e vestisse, mas todos pressentiam que se a deixassem só ela ficaria onde a tivessem posto. As suas falas limitavam-se a sim e não. Era como olhar por uma criança com danos cerebrais.

O doutor Masterton, um homem que George viera a respeitar pelos cuidados e pela preocupação que demonstrava, dissera que o comportamento dela se devia em parte aos calmantes que ele lhe dera. Mas nem mesmo ele podia garantir que aquele estado não se prolongasse indefinidamente.

– A tua vovó compreende o que se ‘tá a passar na mente da tua mamã. – George baixou a voz para um murmúrio. – Ela própria passou por algo semelhante. No modo de ver dela, a tua mamã vai dar a volta. Se isso não acontecer, então arranjam os que a ajude.

George surpreendera-se com Mabel. A paciência e os cuidados que ela demonstrava a Amy vinham-lhe do coração, e quando se comoveu durante o serviço fúnebre ele compreendeu o quanto ela adorava os dois netos.

– Ela vai melhorar. – Harry aproximou-se e passou o braço à volta dos ombros de Tara.

Tara estava a achar Harry desconcertante. Contava que a sua chegada nessa manhã atenuasse a dor que sentia dentro de si. Em vez disso, acrescentara o embaraço aos fardos que ela já carregava.

Parecia um *gangster* no seu fato caro e sapatos bicudos, dando demasiado nas vistas entre todos os rostos redondos e rosados e os fatos sem forma dos homens da província, que normalmente usavam *tweed*. Tara dava-se conta de

que os seus músculos se tinham desenvolvido num ginásio, não através de trabalho manual, e os botões de punho e bracelete com o nome em ouro eram demasiado espampanantes. O pior de tudo era que o seu encanto *cockney* recordava-lhe demasiado o seu pai.

Desembaraçou-se do braço dele e evitou olhá-lo nos olhos.

– Vamos ficar bem depois de isto tudo acabar – disse. – A avó tem sido muito boa com a minha mãe, e o doutor Masterton vem cá duas ou três vezes por dia.

Harry não respondeu imediatamente, acendeu um cigarro e puxou uma passa pensativa.

– Não tentes fechar-nos a porta – disse. – Nós queremos ajudar.

Tara sentiu uma nova série de lágrimas a formar-se dentro de si.

– Não era minha intenção – segredou. – É só que... – Parou de falar, sem conseguir explicar.

– Eu recordo-te coisas más? – sugeriu ele, pondo-se à sua frente e inclinando-lhe o rosto para o seu.

Quando ele a puxou para o seu peito, ela só conseguiu encostar-se ao seu casaco húmido e chorar. A cabeça dele baixou-se para a dela.

– Eu sei que não me enquadro cá baixo – segredou. – Não falo com’a deve de ser e a minha farpela não bate certo. Mas sempre fui com’um irmão mais velho p’ra ti, não posso desligar agora.

Tara ouviu George afastar-se para falar com outra pessoa; ouviu a avó pousar a chaleira com força no Aga e Gregory Masterton a falar com a professora de Paul, e sentiu vontade de que Harry a levasse para um lugar

tranquilo para simplesmente a abraçar e convencer de que ela poderia voltar a ser feliz.

– Eu odeio o meu pai – murmurou contra o ombro dele. – Só queria tê-lo matado naquela noite. Foi por isso que o Paul ficou tão assustado, pensou por um momento que era o pai que vinha atrás dele. Nunca mais quero ir para Londres.

– O teu pai foi para o Norte trabalhar – segredou Harry. – Sei de fonte limpa que não vai voltar. Daqui a um ou dois anos tu vais acabar a escola e Londres é onde tudo está a acontecer para quem seja do mundo da moda. Neste momento, queres-te esconder aqui em baixo com a tua vovó, e ‘tá bem, mas não te esqueças que és uma londrina, minha doçura. Vais querer voltar um dia.

*

Harry ficara pasmado com as mudanças na quinta. As suas recordações da imundície e do desleixo quase se desvaneceram quando viu o jardim da frente cheio de delfínios altos e campânulas. Embora o alpendre da frente ainda estivesse inclinado para um lado e o celeiro ainda cheio de buracos, o interior da casa brilhava acolhedor e o terreiro era um lugar agradável, mesmo alagado com a chuva.

– Eu nunca vou deixar a minha mãe – disse Tara, a fungar. – Sou tudo o que ela tem agora.

Harry suspirou. Adivinhava que Amy era responsável por todas as mudanças ali, que trabalhava como uma escrava para manter a casa em ordem, e agora Tara sentia que tinha de assumir o papel da mãe. Ele gostaria de, com George, poderem levá-la consigo e deixá-la crescer sem responsabilidades.

– Prometes-me que vens até Londres passar umas férias no verão? – perguntou.

Amy enviara a George umas fotografias dos dois filhos poucas semanas antes e ambos ficaram espantados com a beldade em que Tara se tornara. Mas hoje parecia de novo uma garotinha, com um vestido preto que era claramente emprestado e o cabelo apanhado num puxo. Queenie avisara-o na noite anterior que fazer o luto era importante e que não havia atalhos nesse processo. No entanto, embora ele soubesse instintivamente que isso era verdade, tinha de fazer alguma tentativa.

– Espera só até teres quinze ou dezasseis anos. – Levantou o rosto manchado de lágrimas de Tara e limpou-o com um lenço. – Eu levo-te a dançar c’os meus colegas p’ra exhibir a minha linda rapariga. Vamos ao West End olhar para as roupas todas. Levo-te a Southend e comemos enguias de conserva e caramujos até ficarmos enjoados.

Um sorriso débil aqueceu o rosto pálido de Tara.

– Nessa altura já vais estar casado – disse.

– Quem, eu? – Harry riu-se, com um clarão dos seus brilhantes dentes brancos. – Tenho de esperar que tu cresças primeiro!

*

– É simpático da sua parte oferecer-nos uma cama. – George disparou um olhar de lado a Mabel enquanto limpava cuidadosamente os pratos e os empilhava em cima da mesa. – Mas penso que é melhor a gente voltar para Londres.

Toda a gente tinha ido embora, com a exceção de Mrs. Hewitt, que estava a varrer a carpete da sala de estar. Amy, Harry e Tara também se encontravam

ali. Tara estava a mostrar a Harry algumas velhas fotografias; Amy estava sentada em silêncio no cadeirão, a fitar em frente com um olhar vazio.

Ainda chovia lá fora e o caminho ao lado da quinta era um lamaçal. Stan recrutara a ajuda de um rapaz novo para ajudar a mungir as vacas, e parecia a George que Mabel estava a pôr a sua casa em ordem.

– Enganei-me no juízo que fiz sobre si, George. – O rosto macilento e abatido de Mabel abriu-se em algo semelhante a um sorriso. – Não sei o que teria feito sem a sua ajuda.

– Se houver alguma coisa mais que eu possa fazer. Um médico particular, umas férias, o que seja. Basta-lhe pegar no telefone e pedir.

– Já fez mais do que o suficiente. – Mabel pousou a mão no seu braço. – Agradeça à Queenie por enviar o casaco para a Amy e aquela comida toda.

– Vamo-nos casar em agosto. – O rosto de George abriu-se no primeiro verdadeiro sorriso do dia. – ‘Tou a contar que venham todas! Não há tolo como um tolo velho, é o que dizem, todos estes anos temos sido amigos, mas até a Amy me chamar a atenção para umas coisas, nunca tinha visto a Queenie a essa luz.

Era um grande alívio para Mabel que George fosse casar-se, porque adivinhava o que ele sentia por Amy. Não se importava de que a sua filha tivesse um vendedor do mercado como amigo, mas de maneira nenhuma queria que casasse com um.

– Tenho a certeza de que vai ser muito feliz. – Mabel recordou-se de Queenie. Uma fulana cheia de lábia com uma preferência por roupas espampanantes, mas até ela se via obrigada a concordar que a mulher tinha um grande coração e era perfeita para George. – Isso deixa só o Harry para casar.

Harry perturbava-a. Recordara-lhe MacDonald na primeira vez que o vira e, embora não conseguisse deixar de gostar dele, parecia-lhe demasiado íntimo de Tara para seu sossego.

– Quem me dera casá-lo e arrumá-lo. – George suspirou profundamente e o seu rosto rosado anuviou-se.

– Anda a meter-se em trabalhos? – Tal como Amy, Mabel conhecia todas as tentações no East End. Essa zona de Londres regia-se pelas suas próprias leis; roubos e brigas formavam parte do estilo de vida.

– Anda em más companhias, é o que é. – George inspirou fundo e depois expeliu o ar ruidosamente.

– Ele é um bom moço, não lhe vai acontecer mal nenhum – disse Mabel a sossegá-lo. – É só da idade.

– Bem, a Mabel sabe como são as coisas lá na nossa zona. – George mordeu o lábio, pensativo. – Quem me dera agora ter insistido qu’ele tivesse aprendido um ofício, nas obras ou coisa do género. Gerir o negócio comigo não lhe preenche propriamente o tempo todo.

– Como eu teria dito nos velhos tempos, «O diabo arranja trabalho para mãos ociosas». – Mabel soltou uma risadinha.

George sorriu. Era bom ver que Mabel abandonara a sua obsessão com a religião e ainda melhor ouvi-la rir de si mesma.

– Exatamente. – Deu-lhe uma palmadinha no ombro. – Mas pregar-l’è sermões e fazer de pai tirano não ajuda nada, Mabel. Já rezei algumas vezes por isso. Mas quando vejo o ‘Arry a vir p’ra casa com um fato todo janota e botões de punho com diamantes e ele me diz que ganhou a massa nas corridas de cães, o que é que hei de pensar?

– Ele já é um bocado crescido para o George o pôr em cima dos joelhos e lhe dar umas palmadas. – Mabel ergueu uma sobrancelha.

– Ele era capaz de me deitar por terra com um murro. – George riu-se. – É só músculo, e é capaz de correr como o Roger Bannister. Mas é um rapaz sincero, Mabel, e tem a cabeça assente nos ombros. Portanto, só temos de ter a esperança de que seja uma fase por que ele ‘tá a passar.

*

Amy estava sentada imóvel no cadeirão.

Tudo parecia remoto, como se ela fosse apenas um olho e um ouvido colados num bloco de cimento, a observar, a escutar, mas sem sentir nada. Seria dos comprimidos que o doutor Masterton lhe dera? Se deixasse de os tomar a dor seria tão insuportável que ela sentiria vontade de gritar?

No entanto, os comprimidos não impediam que o rosto de Paul bailasse diante de si. Sentia a mão dele a meter-se na dela e os seus lábios a beijarem-lhe a face. Recordava-se de como ele guinchava quando ela lhe lavava o pescoço e da sensação que dava envolvê-lo numa toalha e secá-lo abraçada a ele.

Nunca o veria a montar o cavalo que a sua mãe prometera, nunca poderia trocar carinhosamente quando ele mudasse de voz ou dar-lhe a sua primeira lâmina de barbear. Não importava quantos comprimidos lhe dessem, não importava quantas palavras de consolo as pessoas dissessem, ela sabia que a culpa de ele ter morrido era sua, e nada poderia alterar esse facto.

*

Tara sentiu-se perto das lágrimas de novo quando George e Harry estavam a preparar-se para partir.

George estivera ali durante uma semana, enchendo a casa com a sua presença e fazendo-a sentir-se forte. Harry fizera-a sentir-se um pouco melhor desde o funeral, mas agora ia-se embora. Mabel estava a falar com George em voz baixa na sala de estar. A sua mãe tinha sido levada para a cama. Harry encontrava-se empoleirado na beira da mesa da cozinha e pegara no casaco a preparar-se para o vestir.

– Eu venho cá abaixo daqui a umas semanas para ver o que posso fazer. – Harry saltou da mesa e pôs os braços à volta dos ombros dela. – A tua avó disse ao meu pai que tencionava arranjar outro homem para fazer o trabalho na vacaria para ela poder olhar pela casa e pela Amy. Portanto, não te ponhas tu a tentar fazer tudo.

A dor assolou-a em vagas.

– Eu vou ficar bem. – Reprimiu as lágrimas e engoliu em seco. – Vou voltar para a escola na segunda-feira. Não te preocupes connosco.

– Anda cá – disse Harry, pegando-lhe nas mãos e puxando-a para si. – Tenho de fazer uma coisa antes de ir embora.

Pôs as mãos por trás da cabeça dela e um a um tirou todos os travessões que prendiam o seu puxo.

– Assim ‘tá melhor. – Sorriu-lhe enquanto passava os dedos pelo seu cabelo comprido e sedoso. – O Paul adorava o teu cabelo, não ia qu’rer que o escondesses. E não ia gostar de te ver triste para sempre.

– Oh, Harry. – Tara atirou-se para ele e enterrou o rosto no seu peito. – Alguma vez sentiste medo quando tinhas a minha idade?

O corpo dele era como uma rocha quente, ela ouvia o seu coração bater e sentia o cheiro a *Old Spice* que evocava tantas recordações felizes da sua estadia na casa do tio George.

– A toda a hora. – Pousou a mão na face dela e esfregou-a delicadamente. – Não te lembras de mim na Mile End Road com o meu pai, todo enfiado, magro como um galgo? Tinha medo dos rapazes maiores, medo porque achava que as raparigas não iam gostar de mim. Até me sentia preocupado por não saber dançar.

Tara quase se riu. Só conseguia lembrar-se de Harry ser mais bonito, mais sofisticado e mais arrojado do que qualquer outro rapaz.

– Achas que a minha mãe vai ter de ir para o manicómio? – segredou.

Harry segurou-lhe os braços com firmeza e olhou-a nos olhos.

– A tua mãe só fechou a loja por algum tempo – insistiu. – Não ‘tá a ficar chanfrada, só ‘tá tão terrivelmente triste que não consegue lidar com nada neste momento. Não te ias preocupar de mais se ela tivesse uma constipação forte ou uma dor de barriga, e é só o que isto é, só que na cabeça.

Tara olhou para aqueles olhos azul-escuros e quis muito acreditar nele.

– Espero que tenhas razão, Harry – disse em voz baixa. – Por favor, tem razão!

CAPÍTULO 10

Agosto de 1961

— C’os diabos! — O rosto rosado de George ficou sem cor ao ver o noticiário das seis da tarde.

— Harry! — Recuou na direção da porta, com os olhos colados ao ecrã do televisor. — Vem cá. Depressa!

Harry desceu as escadas a correr, três a três, vestido só com um par de cuecas e o rosto coberto de espuma de barbear.

Era o fim da tarde de sábado. Tinham todos acabado de regressar do mercado e Queenie estava na cozinha a preparar uma refeição.

Harry estava a arranjar-se para sair para tomar umas bebidas no *pub* Blind Beggar com os seus amigos, e talvez fosse a outro sítio mais tarde para engatar uma miúda.

— O que é que foi? — Harry sentia-se irritado com a interrupção e receava que viesse aí um sermão por ele andar com más companhias. Para sua surpresa, o pai estava a fitar a televisão, com o rosto pálido. Tinha despido o colete, baixara os suspensórios à volta das ancas e a sua barriga pendia sobre as calças de um xadrez berrante.

— Um homicídio — disse George num tom sombrio.

— Aquilo é Sceptre Road! — Harry susteve a respiração ao reconhecer a rua na televisão.

Sentou-se no braço do sofá ao mesmo tempo que o jornalista no local do crime começava a falar.

— Hoje ao meio-dia, o corpo do padre Glynn da igreja de St John, em Bethnal Green, foi encontrado por um casal jovem que se dirigira à casa do

padre para falar sobre o seu casamento iminente. – Acenou para uma casa antiga atrás de si. – Como não obtiveram resposta, entraram pela porta destrancada e chamaram, pensando que o padre poderia estar no jardim. Deram com o padre Glynn morto no chão do seu escritório, vítima de um brutal assassinio. A polícia não divulgou ainda oficialmente a causa da morte, mas aqui em Bethnal Green consta que o velho padre foi agredido e depois estrangulado. O motivo parece ser um roubo, embora ainda não haja confirmação.

– Ninguém ia assaltar aquele sítio. – Harry olhou para o seu pai e franziu a testa. George pensaria que aquilo era obra de um dos seus amigos? – O que é que esperariam encontrar lá?

– Chiu! – George mandou-o calar, porque os vizinhos estavam a ser entrevistados. Encontravam-se todos em profundo choque. Um a um, falaram comovidos sobre a bondade do velho senhor, a sua porta sempre aberta, o seu envolvimento total na comunidade que adotara como sua, o seu sentido de humor e a sua compreensão dos problemas dos paroquianos.

– Não faz sentido nenhum tê-lo matado – soluçou uma mulher. – O padre Glynn era um santo, era capaz de tirar a camisa do corpo para a dar a quem necessitasse.

– Que tipo de verme seria capaz de matar um velho padre? – Harry suspirou. A violência era um facto do dia a dia por aquelas bandas, mas era sempre entre homens da mesma idade e estatura e quase sempre parava antes de haver mortes. Harry levantou-se do braço do sofá e encaminhou-se para a porta.

– Tu não estás a compreender. – George estendeu a mão para deter o filho. – Aquele era o padre que me disse onde estava a Mabel Randall.

– Pois era! – Harry fitou o pai por um momento. Aos poucos, a consciência do que poderia ter-se passado manifestou-se nos seus olhos. – Não acha...?

George acenou com a cabeça. – Gostava de estar errado, mas senti um palpite mal ouvi o título da notícia. Talvez alguém tenha dito ao MacDonald que a velhota trabalhou para o padre e ele foi lá p’ra descobrir p’ra onde é que ela tinha ido.

– Oh, merda. – O rosto de Harry ficou tão pálido como a espuma de barbear. – Não acha que o padre Glynn lhe disse?

– Não sejas tapado, ‘Arry, meu rapaz. – George estremeceu. – Porque é que achas que o Bill o matou? Podes apostar a fêria de uma semana que o padre Glynn nunca ia pôr em perigo uma mulher e os filhos dela. Imagino que pregou um sermão ao MacDonald por ele os maltratar, o Bill ficou furioso e bateu-lhe e depois entrou em pânico e despachou-o de vez.

– Pode não ter sido ele – disse Harry. – Toda a gente diz que ele foi lá pr’ó Norte. Olhe, deixe-me acabar de me barbear e vestir e depois podemos decidir o que fazer.

*

Harry, vestido para sair com uma camisa branca limpa e umas calças cinzentas, estava sentado à mesa da cozinha mergulhado nos seus pensamentos enquanto Queenie servia costeletas de porco e batatas fritas. George bebeu um gole de cerveja, com os seus olhos de um azul-pálido anuviados com ansiedade. Os três tinham falado sobre o homicídio, mas continuavam indecisos em relação ao que deveria ser feito.

– Não acredito que até mesmo o Bill MacDonald fosse capaz de matar um padre – disse Queenie com firmeza.

Ela e George tinham-se casado quinze dias antes. Fizeram uma pequena recepção na sala do andar de cima do *pub* Blind Beggar e uma breve lua-de-mel de quatro dias em Ramsgate. Os três sentiram pena que Tara, Mabel e Amy não tivessem podido vir, mas Amy não tivera melhoras significativas e nem Mabel nem Tara sentiam que poderiam deixá-la só.

– O MacDonald é capaz de tudo – disse Harry em voz baixa. Uns dias antes, ouvira um par de velhos camaradas de Bill a falarem sobre um trabalhinho que tinham feito juntos alguns anos antes. Havia uma senhora idosa na casa, e tinha-os apanhado em flagrante. Os dois outros homens só queriam arrancar o telefone da tomada para ela não poder pedir socorro facilmente, mas Bill dera-lhe um murro no queixo e atara-a a uma cadeira. Mais tarde, leram nos jornais que ela tinha ficado atada durante dois dias antes de ser encontrada. Harry ouvira outras coisas também que lhe deram volta ao estômago, mas não tinha intenção de tirar o apetite ao pai e a Queenie.

– Os tempos em que os patifes eram como o Robin dos Bosques já se foram há muito – suspirou George.

Até esta noite, não tivera uma preocupação na vida. Casar com Queenie dera-lhe a sensação de ser a melhor coisa que alguma vez fizera, e não poderia estar mais feliz. Mas nem mesmo uma adorável nova esposa podia evitar que tivesse um ataque agudo de pânico perante algo tão perto de si como aquilo.

– Nós tínhamos ouvido dizer se o MacDonald andasse por estas bandas outra vez – argumentou Queenie. – Ele não é homem p’ra passar despercebido.

– A não ser que quisesse – disse George num tom sombrio.

O silêncio instalou-se de novo, com cada um deles a recordar como MacDonald era capaz de ser matreiro. Tanto Queenie como George conheciam MacDonald desde sempre. Tinham participado nas comemorações quando ele regressou da Guerra e assistiram com tristeza ao seu declínio. Na sua posição no mercado, ficavam a saber de histórias que nem Amy conhecia.

– Por outro lado, ele pode ter encontrado a morada delas depois de ter matado o padre – disse George num tom abatido. – Até já pode ir a caminho do Somerset!

Poderia ser devastador para Amy. Para além do trauma, no estado em que se encontrava, de ver MacDonald aparecer-lhe à porta, poderia correr perigo de morte. Se ele matara um velho padre, provavelmente não pensaria duas vezes para lhe fazer mal, a ela ou a Tara.

– O Harry devia ir já pr’ó Somerset. – O duplo queixo de Queenie tremelicou com medo. – Só p’lo sim p’lo não, George.

– A minha velha querida tem razão. – George olhou com firmeza para o filho. – Leva umas ferramentas e faz de conta que foste para consertar o celeiro e coisas. Não podemos avisar a Mabel, porque elas não têm telefone, mas não me parece que ela te mande embora. Se o MacDonald apracer, bem, ficamos a saber que arrancou a informação ao padre Glynn, não ficamos? Podes chamar logo a bófia e mandá-lo prender. Mas se ele não apracer, então não se fez mal nenhum. Elas não vão saber nada.

Harry acenou com a cabeça a concordar. Quando estava a acabar de se barbear, decidira que iria ao Somerset, e agora o seu pai sugerira a desculpa perfeita.

– Mas devíamos falar com a bófia. – Harry franziu a testa. – Quer dizer, o Bill MacDonald não é um homem que se encaixe naturalmente nesta cena.

Matar um padre pelo dinheiro das esmolas não é o estilo dele. Enquanto a bôfia anda por aí a pavonear-se, o MacDonald pode estar a fugir do país.

George não respondeu de imediato. Denunciar alguém era algo que lhe era totalmente estranho. Embora odiasse MacDonald pelo que ele fizera a Amy e ao próprio George, toda a sua vida fora governada pela regra de nunca denunciar ninguém.

– Pensa só na pequena Tara. – Queenie deu-lhe uma palmadinha na mão. – Não é errado contar alguma coisa quando uma miúda pode vir a ser magoada.

Harry disparou um sorriso de apreciação a Queenie.

Era uma grande mulher em todos os sentidos – curvas voluptuosas, enorme personalidade, grande coração e com um maravilhoso sentido de humor. Era capaz de se levantar num *pub* e cantar uma canção a plenos pulmões, beber até os outros caírem para o lado e carregar os seus caixotes de frutos e vegetais pelo mercado como um dos homens. No entanto, era inteiramente feminina. Sabia embalar um bebé nos braços com tanta ternura como a mãe dele, era sempre a primeira a oferecer ajuda a quem estivesse com problemas, e o seu afeto, uma vez dado, nunca mais era retirado.

Agora que eram casados, Harry perguntava-se por que os dois não se tinham apercebido do que se encontrava mesmo debaixo dos seus narizes durante os dez anos em que ela estivera viúva. Eram feitos um para o outro.

– Eu trato disso – assegurou-lhe George. – Conheço a orelha certa a que segredar sem nunca revelar onde estão a Amy e a Tara. Enquanto estiveres lá em baixo, tenta convencer a Mabel a instalar um telefone. Eu pago, mas três mulheres assim só não deviam estar isoladas sem maneira de pedir auxílio.

– O que diabo é aquilo? – Mabel pousou o balde do carvão ao ouvir um carro subir o caminho lateral. Passava das onze horas e ela estava a meter mais carvão no Aga antes de ir para a cama. Amy e Tara já estavam a dormir e a única razão por que Mabel não fora ainda para a cama era por ter estado a tratar das contas.

Espreitando pela minúscula janela em forma de diamante na porta das traseiras, reconheceu o jovem alto e delgado como Harry pela sua silhueta contra a luz interior do automóvel. Apesar de saber quem era o seu visitante, aguardou até ele bater à porta das traseiras antes de a abrir.

– Que hora é esta para uma visita? – resmungou.

Ele dominava o espaço do alpendre, com os seus ombros largos a encherem a abertura da porta, e até mesmo à luz ténue ela viu a tensão no seu rosto angular.

– Foi o meu pai que me mandou. – Harry tinha corado ao ouvir o tom ríspido da voz dela. – Pensou que lhes podia dar jeito uma ajuda na quinta, a consertar o telhado e coisas do género. Teríamos telefonado, mas não têm telefone.

Mabel apertou ao corpo o seu roupão e mandou-o entrar. Observou-o atentamente, e ocorreu-lhe o pensamento de que talvez estivesse a fugir à polícia.

– Vim mal fechámos a banca no mercado. – Harry sorriu. – Já cá devia estar há horas mas enganei-me no caminho.

Mabel sabia que ele estava a mentir. Um moço da idade dele devia ter ido sair num sábado à noite e, além disso, tipos espertos como ele não se perdiam.

– Diz-me só a verdade. – Fechou e trancou a porta das traseiras e depois fechou a porta que dava para o *hall*.

Harry queria mentir como o seu pai recomendara, mas Mabel era demasiado perspicaz. Ficou ali especado, com o saco de viagem na mão, a desejar ter parado no *pub* e ficado até ao dia seguinte de manhã.

– Bem, rapaz, não fiques aí parado como um idiota. Confessa lá! Estás metido em trabalhos?

Harry hesitou. Esperara que ela resmungasse por causa da hora tardia, mas não pusera a hipótese de ela pensar que ele andava fugido.

– O meu pai não queria que eu lhe contasse a verdadeira razão. – Harry baixou a voz para pouco mais do que um murmúrio. – Mas parece que afinal vou ter de lha contar. O padre Glynn foi assassinado na casa da paróquia. Achamos que pode ter sido o MacDonald.

A cor esvaiu-se do rosto de Mabel e ela cambaleou, e Harry correu para a frente para a segurar pelo braço.

– Lamento muito. – Segurou-a firmemente e esperou que ela não fosse desmaiar. – Sabíamos que seria um choque. Mas um de nós tinha de vir, só pr'ó caso de ele ter a vossa morada. – Ajudou-a a sentar-se e deu-lhe um copo de água. – O meu pai vai tratar de que o apanhem – assegurou, sentando-se ao lado dela à mesa. – Mas não queríamos a polícia a vasculhar por aqui a não ser que seja absolutamente necessário. Fizemos mal?

Mabel parecia ter perdido algum peso desde a morte de Paul e a dor do luto tornara mais vincadas as suas rugas. Por um momento, deixou-se ficar ali sentada, a digerir as notícias chocantes.

– Não, fizeram bem. – Deu-lhe uma palmadinha na mão num gesto incrateristicamente afetuoso. – O padre Glynn era um bom homem e foi meu

amigo quando eu mais precisava. Talvez não tenha sido o MacDonald que o matou, mas devíamos estar preparados, pelo sim pelo não.

Harry tinha tendência para se esquecer de que Mabel vivera em Whitechapel durante vários anos, mas neste momento recordou-se. Não perdera aquela mentalidade do East End no que dizia respeito a questões de família nem a sua desconfiança da polícia e dos assistentes sociais.

– Como estão a Amy e a Tara? – perguntou ele quando Mabel se levantou para lhe fazer chá e uma sanduíche.

Mabel olhou por cima do ombro para Harry ao pôr a chaleira ao lume. Sentia-se surpreendida que um moço de vinte anos pudesse ser tão sensível, e de súbito ficou contente por ele estar ali. Parecia estranho ver um homem tão elegantemente vestido na sua cozinha. O fato cinzento, a camisa branca, os sapatos engraxados e a gravata às riscas eram todos símbolos da cidade. No entanto, o seu rosto angular, aquele queixo resoluto e os músculos que se adivinhavam por baixo das roupas caras sugeriam o tipo de força masculina de que este lugar carecia.

– A Tara anda terrivelmente triste – respondeu ela. – Esforça-se demasiado por agradar, a tentar fazer todos os trabalhos que a Amy costumava fazer e alguns dos meus.

– E a Amy?

Mabel suspirou profundamente. – Está melhor, a muitos respeito. Responde quando lhe falamos. Lava-se, veste-se e tudo. Mas se a Tara e eu não estivéssemos aqui, ela ia sentar-se e ficar sem fazer nada o dia todo.

– O médico não pode fazer alguma coisa?

– Ela continua a tomar calmantes. – Mabel franziu a testa em sinal de desaprovação. – Por vezes, penso que só recalcam o sofrimento. Ela continua

a não sair por aquela porta.

Harry olhou para a porta das traseiras e compreendeu inteiramente. O lugar onde Paul morrera ficava muito perto.

– Se eu arranjasse a porta da frente e o alpendre, talvez se pudesse convencer a Amy a sair por ali – sugeriu ele. – Vale a pena tentar, não vale?

Mabel barrou o fiambre com mostarda, colocou a fatia de cima do pão, pressionou-a e cortou a sanduíche ao meio.

– Vale a pena tentar tudo. – Empurrou a sanduíche na direção dele. – Mas não sei onde te pôr a dormir, Harry. O quarto do Paul está tal e qual como ele o deixou, mas... – Parou de falar, com uma lágrima a rolar pela sua face.

Já tinham passado quase três meses desde a morte de Paul. Para George e Harry em Londres, a dor do luto e o horror tinham sido ultrapassados pelos preparativos para o casamento. Mesmo na viagem para o Somerset, os pensamentos de Harry tinham sido sobre MacDonald, não sobre Paul. Agora, o rosto abatido de Mabel recordou-lhe que o tempo ficara parado para estas três mulheres; que a ferida ainda estava em carne viva.

– Eu durmo na sala de jantar no meu saco-cama. – Harry tocou-lhe delicadamente no braço, compreendendo que ela não suportaria vê-lo lá, ainda não. – É melhor que eu fique cá em baixo, de qualquer maneira.

– Nem uma palavra à Tara ou à Amy sobre isto. – Mabel fungou e limpou uma lágrima com as costas da mão. – Eu digo-lhes que te escrevi e pedi para vires fazer uns biscates.

*

– Harry!

O grito de encanto de Tara quando viu Harry lá fora a deitar abaixo o velho alpendre fez com que a sua noite desconfortável tivesse valido a pena. Passava pouco das sete, mas Harry levantara-se quando Mabel desceu para mungir as vacas.

– Olá, princesa. – Harry retribuiu o abraço caloroso dela. – O meu pai achou que eu devia combinar umas férias com uns trabalhos forçados e pôr este sítio como deve ser antes do inverno.

Ela vestia um par de calções de um tecido de algodão desbotado e uma blusa cor-de-rosa com um decote redondo, e de repente Harry apercebeu-se das suas novas formas de adulta. Tara tornara-se uma mulher na sua ausência; tinha seios desenvolvidos, uma cintura fina e pernas compridas e bem feitas que pareciam intermináveis. De repente, sentiu que ficava sem palavras.

– A minha mãe não está a ficar melhor. – O sorriso vivo de Tara desvaneceu-se e os cantos da sua boca larga baixaram-se com desânimo. – Não sei o que é que vamos fazer.

Tara não conseguia descrever adequadamente os seus verdadeiros sentimentos. Por vezes, dominavam-na de tal maneira que tinha de se afastar para ficar sozinha e chorar, chorar. Noutras ocasiões, desejava que todas as pessoas pudessem esquecer, como ela ocasionalmente, e isso fazia-a sentir-se culpada.

Ainda piores eram os momentos em que se sentia furiosa com a mãe por se deixar ficar sentada tão silenciosa. Sentia vontade de a sacudir e lhe recordar que também tinha uma filha.

– Ainda é cedo. – Harry adivinhava algo do que devia estar a passar pela mente de Tara. – Agora deixa-me ir deitar fora esta madeira podre e procurar uns tijolos para o alpendre. Pomos a conversa em dia mais logo.

*

Harry tinha escavado os alicerces para o novo alpendre e estava a encher a vala com cimento quando se deu conta de Amy a olhar para ele.

Ela estava ao fundo das escadas, com uma blusa branca mal abotoada e uma saia de verão de roda, com grandes rosas cor-de-rosa estampadas.

– Olá, Amy! – Fez questão de não dar muita importância à situação, nem sequer parando de trabalhar. Ela perdera peso, a sua pele parecia tão fina que estava quase transparente e as suas pálpebras tinham um estranho tom púrpura. – Belo dia, não é, quer que lhe arranje uma cadeira para se sentar aqui fora?

O jardim da frente estava lindo, com a relva um pouco crescida e cheia de margaridas, mas os canteiros eram um tapete de cores vivas. Alteias e dedaleiras tinham substituído os delfínios, e havia moitas de tremoços, bocas-de-lobo e crisântemos.

Como ela não respondeu, limitando-se a fitá-lo, Harry passou por ela, entrou na sala de estar e trouxe para fora uma cadeira de verga de costas altas em que reparara antes.

– Ora aqui tem. – Colocou um par extra de almofadas em cima da cadeira e posicionou-a à sombra mosqueada de uma cerejeira. Um canteiro em curva com enormes dalias garridas ocultava a cadeira da estrada. – Podemos conversar enquanto eu trabalho.

Nos velhos tempos, ela tê-lo-ia interrogado sobre o trabalho e os amigos e com toda a certeza teria querido saber todos os pormenores até ao último sobre o casamento de George e Queenie. Agora, Harry nem tinha a certeza se ela sabia quem ele era.

– ‘Tá bonito, não está? – Virou-se para a olhar de frente e estendeu a mão.
– Ande daí, está encantador, e ninguém a pode ver, se é disso que tem medo.

Ela avançou uns passos hesitantes, a olhar à sua volta como uma corça assustada.

– Vamos ter de interromper a farra se vier alguém – disse Harry a brincar quando ela se sentou a medo. – Caso contrário, ainda vão querer juntar-se à festa.

Em tempos, ela teria rido, mas agora limitou-se a olhá-lo intrigada, com a cabeça de lado.

– Quando a Tara voltar eu peço-lhe que lhe traga um chá. – Harry retomou o seu trabalho, pegando no primeiro tijolo e numa colher de pedreiro.

– Está confortável? – perguntou daí a uns minutos.

– Estou bem – respondeu ela em voz baixa. – Não te preocupes comigo, é agradável ver-te trabalhar.

Algo no tom de voz dela fez Harry sentir-se muito estranho. Tinha a distinta impressão de que ela pensava que estava com outra pessoa.

*

Enquanto Amy dormitava ao sol *estava* com outra pessoa, e de há muito tempo. O perfume das flores quando desceu as escadas trouxera-lhe vivamente de volta uma recordação oculta. Deixou pender a cabeça, fechou os olhos e recordou.

Tinha uma rosa branca presa ao peito. Era uma rosa de seda artificial que Mr. Cohen lhe dera para rematar o seu vestido azul, e Flossie perfumara-a com rosa mosqueta, o que a fazia cheirar como uma rosa verdadeira.

O Empire em Leicester Square, na Noite de Passagem do Ano de 1945, estava apinhado com foliões, e Amy Randall sentia-se assoberbada com tudo aquilo.

Todas as pessoas pareciam tão sofisticadas. Muitos dos homens estavam de uniforme – soldados, marinheiros, aviadores, fuzileiros. Homens recentemente desmobilizados com fatos que muito obviamente não lhes serviam dançavam face contra face com raparigas de cabelos ondulados. Um enorme globo espelhado girava lentamente no teto, fazendo padrões de flocos de neve nos braços nus e nos fatos escuros. Cheiros a perfume, óleo do cabelo de lavanda, camisas engomadas e cigarros misturavam-se com os sons da grande banda de *swing*, transportando-a para um novo mundo de intensa excitação.

– Deixa de parecer um coelho assustado! – Flossie sacudiu-lhe o braço. – Vamos tomar uma bebida e mirar os tipos.

Amy tinha quinze anos e era costureira no Modern Modes em Aldgate, e duas colegas mais velhas, Flossie e Irene, tinham insistido que ela as acompanhasse para a entrada no Ano Novo.

Pareciam estrelas de cinema. Flossie, com o seu cabelo aos caracóis pintado de ruivo e penteado para um lado como Ava Gardner, trazia um vestido justo de cetim verde que revelava a sua figura voluptuosa. Irene trazia um vestido de crepe vermelho com chumaços nos ombros e pregas que destacavam as suas ancas curvilíneas. Os seus caracóis pretos brilhavam como pez à luz do globo giratório, e as sobrancelhas desenhadas a preto davam-lhe um ar de permanente surpresa.

A mãe de Amy teria um ataque de nervos se pudesse ver a sua filha em tal companhia. Raparigas como Irene e Flossie que eram de Cable Street eram

umas galdérias ou pior. Mas a mãe julgava que Amie estava a tomar conta dos filhos do seu patrão em Stoke Newington e iria pernoitar no quarto de hóspedes dele, não partilhar uma cama com Flossie numa casa com quartos alugados junto às docas.

– O que queres beber então, Amy? – Flossie inclinou-se para ela e berrou a sobrepor a voz à música. – Uma pinga de *gim*, para te animar?

Amy estivera a fitar a banda, a ver os quinze homens com *smokings* brancos a balouçarem-se com os seus instrumentos, mas quando Flossie falou ela viu-o.

Estava encostado ao balcão, com um pé no varão de latão, a falar com outro soldado, e o coração de Amy deu-lhe um salto no peito. Poderia ser Clark Gable. O mesmo cabelo preto brilhante, melancólicos olhos escuros, um pequeno bigode acima de uma boca rasgada e sorridente, e até mesmo o queixo fendido.

– Calma aí, rapariga. – Os olhos de Flossie desviaram-se para onde Amy estava a olhar. – Não tentes correr antes de saberes andar, ele é um bocado velho para ti!

Amy era uma rapariga pequena e magra com um vestido azul um pouco infantil com um decote em forma de coração, o cabelo louro aos caracóis solto sobre os ombros, a usar o seu primeiro par de meias de vidro e um par de sapatos emprestado, num lugar em que nem sequer tinha ainda idade para estar. Mas quando o homem se virou e lhe sorriu, soube que nada voltaria a ser o mesmo.

A sua mãe dissera-lhe mil vezes que os homens eram perigosos. Contavam mentiras às raparigas para levarem a sua avante e depois deixavam-nas mal tinham o que queriam. Apontava-lhe raparigas com a barriga inchada e

assustava Amy quase de morte com histórias terríveis sobre o que poderia acontecer a uma rapariga que se deixasse meter nessa situação. Contudo, quando ele se empertigou, sorriu e estendeu a mão, ela esqueceu tudo o que a sua mãe lhe dissera.

– Sou o Bill MacDonald. Posso oferecer-lhe uma bebida, dançar consigo, seja o que for para que fique comigo?

Se ela tivesse alguma experiência de homens, talvez se tivesse rido daquela abordagem e duvidado da sua sinceridade. Em vez disso, as palavras dele foram-lhe diretas ao coração.

Embora não soubesse dançar, de algum modo conseguiu nos braços dele. A mão dele na sua cintura dava-lhe uma sensação estranhíssima, e a voz grossa provocava-lhe pele de galinha de prazer.

Ele fez a maior parte das despesas da conversa. Disse-lhe que acabara de chegar do Extremo Oriente e que vivia nos Grafton Buildings em Limehouse. Então ela compreendeu por que o seu rosto parecia tão familiar. Lera sobre ele no jornal local, era o sargento que escapara com seis dos seus homens depois de ser capturado pelos japoneses. Sem armas nem provisões, a sua tática de sobrevivência mantivera os seus homens vivos. Durante dois meses atravessaram a selva cerrada, foram mordidos por mosquitos, ficaram com delírios de febre, as feridas infetaram, mas, de algum modo, Bill conseguiu conduzi-los de volta à costa, onde foram resgatados por uns americanos. Ele limitava-se a rir sobre isso, dava a impressão de que tinha sido como um piquenique da catequese.

– Qualquer homem teria feito o mesmo. – Encolheu os seus ombros largos e sorriu. – Foi para o que fui treinado. De qualquer maneira, o jornal exagerou.

Flossie e Irene estavam com dois dos amigos dele, mas Bill monopolizava Amy. Fez-lhe perguntas sobre o seu emprego e a sua casa e lamentou que o seu pai tivesse morrido.

– Um dos meus irmãos também perdeu a vida lá. A minha mãe ainda ‘tá transtornada por causa disso. E nota que ela julgava que eu também tinha ido desta p’ra melhor. Recebeu uma carta a dizer que eu tinha sido capturado e depois a Cruz Vermelha não conseguiu encontrar-me o rasto, portanto toda a gente supôs que eu tinha morrido e sido enterrado algures durante a marcha. Ela teve o choque da vida dela quando soube que eu vinha para casa!

Bill tinha tudo – bom aspeto, encanto e, ao mesmo tempo, uma sensibilidade que provocava uma sensação de formigueiro em Amy.

Da parte de Limehouse de onde ele era só conhecia a reputação; sabia que eram casas degradadas que faziam Durward Street parecer quase desejável. Quando ele falou de querer mais do que aquilo com que se criara, ela adivinhou a dureza e a miséria da sua infância.

– Quero uma vida limpa agora. Campos verdes, ar fresco e espaço. Já vi bares apinhados, brigas e bebedices que cheguem. Quero uma rapariga como tu, Amy.

Disse-lhe que tivera em tempos uma coelha de estimação chamada Alice.

– Tu lembras-ma. – Sorriu, os seus dentes perfeitos e brancos a brilharem contra a pele ainda bronzeada do Extremo Oriente. – Ela estava tão nervosa ao princípio que esperneava e guinchava para escapar. Mas eu continuei a fazer-lhe festas, a falar-lhe em voz baixa e meiga, e por fim ela já vinha ter comigo por iniciativa própria e deitava-se nos meus braços como um gato.

À meia-noite, todo o salão de baile enlouqueceu. Uma enorme rede de balões foi lançada do teto, soavam gaitas e assobios e voaram fitas pelo ar.

Por entre todos os balões a rebentar e pessoas a cantar *Auld Lang Syne* Bill beijou-a pela primeira vez.

Pegou-lhe no rosto e baixou-se para a beijar, lábios delicados mas com uma força subjacente que sugeria que ele só estava à espera de melhor oportunidade.

– Soube mal te vi – segredou. – És a minha moça, Amy. Sei-o, simplesmente.

Irene desapareceu e o amigo de Bill teve de sair à pressa para apanhar uma boleia para a sua terra, no Yorkshire, portanto Bill levou Amy e Flossie a casa num táxi. Havia nevoeiro quando saíram do táxi em Cable Street. Um lampião solitário na esquina lançava uma luz amarela turva, acentuando o ar de ameaça dos velhos arcos da ponte dos caminhos de ferro e das casas bombardeadas que pareciam dentes partidos.

– Não a faças ficar cá fora muito tempo – Flossie avisou Bill, acenando-lhe um dedo reprovador e apontando para o seu quarto na casa. – Ela é só uma miúda.

Amy não se sentiu como uma garota quando Bill a beijou de novo. Ele pôs os braços à volta dela por baixo do casaco fino e puxou-a com força contra o seu corpo duro, com os seus lábios a tocarem os dela com tal paixão e doçura que ela desejou que aquele momento nunca mais acabasse.

– Isto não é lugar para fazer amor com uma princesa – disse ele baixinho contra o pescoço dela. – Tu és tão pequena e tão linda, Amy. Tem de haver um sítio para nós algures.

*

Amy mexeu-se na cadeira.

– Aqui tem uma chávena de chá, Mãezinha. – Tara estava debruçada sobre ela. – Estava a dormir ou só a sonhar acordada?

– Não sei – responde Amy. Não lhe agradava ser trazida de volta ao presente. Queria ficar nos braços de Bill, manter dentro de si a euforia maravilhosa de estar apaixonada.

– A vovó sugeriu que lhe trouxesse o seu bordado. – Tara abriu a toalha de mesa meio terminada para lha mostrar. – Queria acabá-la a tempo do Natal, mas não conseguiu.

Amy pegou obedientemente na toalha e pousou-a no regaço, mas não fez nenhuma tentativa de a examinar. Bordara tantas toalhas de altar, vestes, até faixas para a igreja. Em 1946, poucos dias depois de ter conhecido Bill, era o que a mãe a mandava fazer noite após noite até ela ficar com os dedos doridos.

Amy pegou na chávena e bebeu um gole de chá.

*

Estava na sala da casa de Durwood Street. No regaço tinha uma toalha de altar vermelha e estava a bordar coroas douradas ao longo das bordas.

Fazia um frio gélido lá fora. Quando entrou em casa, teve de meter as mãos em água quente para as descongelar, e tudo o que havia para o jantar era carne enlatada e pão com margarina. Deviam ter dinheiro suficiente para comida em condições agora que ela tinha um salário mais alto, mas a mãe simplesmente dava o que sobrava à igreja.

A sala de estar era austera. Recordava-se de a ver com cores vivas e cheia de adornos quando o pai era vivo, mas a mãe varrera dali tudo o que recordasse o passado frívolo. Nenhum piano escondia a mancha da humidade agora, todas as aguarelas da mãe tinham sido queimadas, deixando apenas

marcas escuras no papel de parede a mostrar onde antes estavam penduradas. O pastor e a pastora de louça na prateleira por cima do fogão de sala que a sua mãe em tempos pusera juntos «para um beijo» há muito que tinham desaparecido, substituídos por um frasco de compota com algumas acendalhas para o lume. Todas as fotografias emolduradas dos seus pais tinham sido queimadas. Houvera uma da mãe com um vestido comprido com franjas e uma boquilha comprida na mão; outra do pai de cartola e *smoking*, tirada numas corridas. Agora, havia só a de Arthur Randall de uniforme, tirada seis meses antes de ele ser morto. A moldura estava enfaixada em crepe preto e a mãe limpava o vidro todos os dias.

A sala estava a precisar urgentemente de ser remodelada. O papel de parede fora em tempos de um bege-claro com pequenas rosas, mas agora era castanho com umas vagas manchas cor-de-rosa, e a lareira a carvão tornara o teto castanho-escuro. Tudo o resto estava escrupulosamente limpo – os naperons de renda que cobriam as costas das cadeiras eram lavados quase semanalmente, o tapete junto à lareira tirado e batido com o pau de bambu todos os dias. Um pano de veludo verde-escuro cobria a mesa redonda junto à janela. Em cima dela havia uma aspidistra num vaso castanho vidrado e a Bíblia.

Mabel lia-lhe excertos todas as noites enquanto ela costurava, mas esta noite, por algum motivo, não pegara na Bíblia e estava sentada na cadeira a olhar para o lume.

Amy estava a sonhar com Bill. De cada vez que fechava os olhos e pensava nos seus beijos, um tremor de felicidade percorria-lhe o corpo.

– Mas o que é que tu estás a fazer?

Amy sobressaltou-se quando a voz ríspida da sua mãe a despertou do seu devaneio.

– Olha para a trapalhada que fizeste dessa. – Mabel estendeu o braço e arrancou a toalha de altar das mãos de Amy. – Vais ter de desfazer o bordado, está todo torto.

Amy olhou para baixo. Para sua surpresa, estava de facto uma trapalhada, com fios da seda de bordar a despontar por toda a parte.

– A luz é tão fraca – disse numa voz débil, lançando um olhar ao candeeiro a gás por cima da mesa da sala. – E estou cansada.

Começava a trabalhar no Modern Modes às sete e meia da manhã, e esta noite só chegara a casa quase às sete. É claro que não estivera a trabalhar durante todo esse tempo, mas não se atrevia a contar à mãe que Bill viera ter com ela ao trabalho às cinco e meia – só uma hora para estarem de mãos dadas, se beijarem e conversarem, que pareceram uns cinco minutos. No dia seguinte, ele ia voltar para o quartel, porque a sua licença estava a terminar, e ela não sabia quanto tempo passaria até o ver de novo.

– Se estás assim tão cansada é melhor ires para a cama – ripostou Mabel. – No entanto, parece-me mas é que estás a andar em más companhias naquele ateliê. Estou a pensar em ir lá dar uma palavrinha a Mr. Cohen.

– Eu não ando em companhias nenhuma – apressou-se Amy a dizer. – Sou a mais nova, ninguém fala grande coisa comigo. Já lho tinha dito.

Mal fizesse dezasseis anos, em abril, revelaria a existência de Bill, mas até lá era melhor não antagonizar a mãe.

Amy nunca tinha a certeza do que sentia em relação à mãe. Amor e ódio, medo e afeto estavam misturados, e em diferentes momentos cada um desses sentimentos tentava obter supremacia. Ela aceitava ter de lhe entregar o

salário todas as semanas, mas sentia ressentimento por nunca lhe ser permitido divertir-se. Ainda sentia azedume em relação às experiências aterradora durante o Blitz, embora compreendesse que a sua mãe passara por uma espécie de colapso nervoso.

As colegas do trabalho diziam-lhe que ela devia fazer as malas e sair de casa. As vizinhas diziam que ela devia impor-se. Mas a submissão de Amy era devida em parte à crença em que, agora que a Guerra terminara, a mãe poria de lado o seu fervor religioso e recuperaria a sua anterior personalidade.

Foi para a cama, contente por ficar sozinha para poder sonhar com Bill. Apaixonara-se por ele completamente e ele por ela, e cada momento longe dele era uma tortura. Só ficar deitada na cama a pensar nele lhe acelerava a pulsação e fazia alastrar uma sensação de calor por todo o corpo. Ele tinha vinte e cinco anos e experiência com mulheres, mas, apesar dos seus antecedentes, era um cavalheiro. Nem uma vez tentara nada que a assustasse ou embaraçasse. A verdade era que se surgisse uma oportunidade em que pudessem ficar a sós, num lugar quente, Amy sabia que seria ela a deixar-se ir. Ainda esta noite ele enfiara a mão dentro da blusa dela enquanto estavam a beijar-se. Quando os dedos dele lhe beliscaram o mamilo, ela deu consigo a encostar-se com força contra o corpo dele, compreendendo perfeitamente o que era aquele chumaço duro nas suas calças, embora ninguém alguma vez lhe tivesse explicado tais coisas.

*

Escreveram secretamente um ao outro durante quase um ano enquanto Bill esteve na Alemanha. Durante esse tempo, Bill insistia constantemente que ela contasse a verdade à mãe e a preparasse para quando ele fosse desmobilizado.

Foi no final de novembro de 1946 que ele finalmente voltou para casa, e ela recordava muito bem aquele reencontro quando ele a levou a ver *E Tudo o Vento Levou*.

– Vou a tua casa amanhã à noite, quando voltares da igreja – insistiu ele. – Não sobrevivi aos combates com os japoneses só para agora me acobardar perante a tua mãe, Amy. Eu amo-te. Quero casar contigo. Onde é que estás a vergonha nisso?

Mas Bill não sabia como era a sua mãe. Ela via todos os homens como representantes do diabo, prontos a arrastar as raparigas para o mal. Parecia até ter-se esquecido de que alguma vez amara o seu marido.

Na igreja no domingo ao fim da tarde, Amy rezou fervorosamente por apoio quando Bill chegasse. Só estavam em casa há tempo suficiente para Amy reavivar as brasas da lareira e pôr a chaleira ao lume quando se ouviu bater à porta da rua.

– Quem é que poderá ser? – resmungou a mãe, levantando-se da cadeira. Amy ficou paralisada na cozinha, a rezar em silêncio. Ouviu a cortina de um tecido de lã pesado ser afastada, os ferrolhos destravados e a porta ranger a abrir-se.

– Boa noite, Mrs. Randall – ouviu dizer Bill. – Sou um amigo da Amy. Poderia dar-lhe uma palavra?

Amy espreitou pela porta da cozinha, com o coração na boca e as pernas bambas. Bill trazia o fato cinzento-escuro da desmobilização e uma gravata às riscas, e o cabelo acamado com brilhantina.

– Amy? – Mabel virou-se para a filha com um ar de consternação. – Conheces este homem?

Amy passou a mão pelo cabelo e inspirou fundo.

– Sim, Mãe, é o Bill MacDonald, ele foi falar com Mr. Cohen no outro dia.

Os lábios de Bill estavam contraídos num sorriso forçado, e ele estendeu um ramo de crisântemos.

– Estas flores são para a senhora, Mrs. Randall. Queria a sua autorização para convidar a sua filha a sair.

Se Amy não se sentisse tão assustada poderia ter-se rido da atitude de Bill. Estava a falar corretamente como se fosse algo inato, o sorriso polido e ligeiramente servil mais adequado a um empregado de uma chapelaria do que ao filho de um estivador rude de Limehouse acabado de sair do exército. Mabel pegou nas flores e abriu a porta para trás.

– É melhor que entre.

Amy fez rapidamente o chá, acrescentando mais uma chávena para Bill, mas as mãos tremiam-lhe tanto que o tabuleiro tilintava quando ela o trouxe para a sala.

Bill fazia a sala de estar parecer minúscula. De fato, dava a impressão de ser ainda maior do que de uniforme. As lapelas largas faziam os seus ombros parecerem enormes, a camisa branca acentuava a pele bronzeada e o seu bigode bem aparado adicionava uma nota de distinção à sua esplêndida estrutura óssea. Mantinha-se de pé, embaraçado, a fazer girar a banda do chapéu nas mãos.

– Levar a Amy a sair? – Mabel sentou-se pesadamente junto à lareira. – Ela é demasiado nova para isso.

– Tem dezasseis anos. – Bill encolheu os ombros e o seu sorriso fácil mostrou uns dentes brancos perfeitos. – A minha mãe já estava casada nessa idade.

– Senta-te – murmurou Amy, adivinhando que a sua mãe nunca o sugeriria. Bill sentou-se na beira do sofá.

– Acabei de ser desmobilizado – disse ele. – Vou trabalhar como mecânico de automóveis, a começar amanhã.

– Que idade tem? – Mabel virou-se na sua cadeira, fixando os olhos em Bill.

– Vinte e cinco anos. – Sorriu calorosamente, com os seus olhos escuros pregados no rosto da mãe de Amy. – Não a deixo ficar fora até tarde nem dou nenhum motivo de preocupação à senhora.

Um silêncio gélido abateu-se na sala. Amy serviu o chá e passou-o aos dois, a adivinhar o que a mãe estava a pensar. Porque é que Amy não dissera alguma coisa sobre este jovem? Porquê tanta pressa para ele vir à casa dela?

As mãos de Bill pareciam demasiado grandes para a chávena delicada. Segurava-a desajeitadamente, mas mantinha os olhos resolutamente fixos na mãe de Amy.

– Por favor, Mãezinha – murmurou Amy.

Continuava a não haver resposta. Mabel tinha os lábios comprimidos e as costas hirtas com reprovação.

Bill sentia-se chocado. Preparara-se para uma velha senhora frágil, imaginara-se a vencer a sua resistência com encanto e conversa fiada. Mas Mrs. Randall era uma mulher atraente que não parecia ter mais de quarenta anos, apesar da roupa preta e do cabelo apanhado atrás. Aqueles estranhos olhos cor de âmbar preocupavam-no, estavam a examiná-lo minuciosamente, e Bill sentia que já decidira que ele era mais baixo do que uma barata. Os seus olhos desviaram-se para o retrato do marido dela de uniforme, com a moldura enfaixada em preto.

– Lamento muito o seu marido. A Guerra levou um grande número de homens bons. O meu irmão também foi morto em Dunquerque. Sei como se deve sentir.

Por um momento. Amy pensou que Bill encontrara a maneira certa de começar uma conversa, o seu comentário era tão bondoso e sincero que com certeza tocaria o coração da sua mãe.

Mabel virou lentamente a cabeça para ele e examinou o seu rosto com atenção.

– Ponha-se fora, sua víbora – sibilou subitamente. – Não preciso da sua condescendência. Sei do que você está à procura.

O rosto de Bill tornou-se pálido. – Não estou à procura de nada. Só quero levar a Amy a sair.

– Não use esse tom comigo – guinchou Mabel. – A minha filha não vai sair com ninguém.

– Mãezinha, por favor. – Amy tombou de joelhos no chão em frente à cadeira da mãe e agarrou-lhe as mãos. – Eu quero sair com o Bill, mas quero fazê-lo com a sua benção.

– Sua galdéria. – Mabel soltou a mão e esbofeteou Amy com força. – Há quanto tempo é que isto dura?

– Não lhe bata! – Bill pôs-se de pé instantaneamente, fazendo tombar a chávena na sua pressa. – Eu só vim da Alemanha na semana passada, não fizemos nada de que tenhamos de nos envergonhar.

Amy recuou horrorizada de junto da mãe, com a mão sobre o seu rosto dorido. Os olhos de Mabel chispavam, loucos, os cantos da boca tremiam-lhe como se estivesse possessa. Se Amy tivesse visto tristeza ou medo talvez

tivesse sentido compreensão, mas em vez disso só lhe veio à mente todo o sofrimento por que aquela mulher a fizera passar.

– Eu vou sair com o Bill – berrou. – Se já tenho idade para trabalhar então também já tenho idade para escolher os meus amigos. Não vou ficar aqui sozinha consigo e acabar uma solteirona velha.

Bill pôs instintivamente o braço à volta dos ombros de Amy, afastando-a de Mabel quando ela se levantou da cadeira em fúria.

– Um badameco, é o que ele é! E pensar que o Senhor o poupou em vez do meu Arthur. Não sabes o que isto é, menina? É o diabo que veio tentar-te! Põe-no fora desta casa, já!

– Fui suficientemente bom para lutar pelo meu país, com certeza sou suficientemente bom para a sua filha. – Bill avançou um passo na direção de Mabel, a falar numa voz fria. – Se está a recusar que eu a namore então levo-a comigo agora.

Mabel ergueu a mão como se para lhe bater.

– Mais depressa a mato do que a deixo ir consigo!

– Vai buscar as tuas coisas, Amy – disse Bill num tom calmo. – Eu levo-te à minha mãe, ela recebe-te.

Amy hesitou. Sabia que se cedesse à mãe agora nunca venceria em nada, mas ao mesmo tempo sentia-se cheia de medo.

No andar de cima, meteu tudo o que possuía num saco tão depressa quanto pôde. A voz da sua mãe erguia-se pelas escadas, estridente e carregada de ódio. Amy agarrou no saco, correu pelas escadas abaixo e pegou no casaco e no chapéu do bengaleiro no *hall*.

– Se fores agora nunca mais podes voltar – berrou Mabel como uma megera nas costas deles enquanto Bill arrastava Amy pela rua escura abaixo.
– Fizeste a tua cama, minha menina, agora deita-te nela.

*

– Diga-me, Mãezinha. – Tara pegou nas mãos da mãe e apertou-lhas. – Diga-me o que está a fazê-la chorar?

Amy parecia uma criança, sentada na cadeira a soluçar. Esfregava os olhos com as mãos em punho, furiosa mais do que triste. O instinto disse a Tara que alguma recordação do passado distante causara este acesso de choro.

Harry voltara ao seu trabalho atrás dela no alpendre, assentando tijolos tão rapidamente que era óbvio que se sentia pouco à vontade. Tara ouvia a avó berrar umas ordens à Stan no terreiro e pediu por tudo que ela não aparecesse para interromper a cena.

– Diga-me, Mãezinha – segredou. – Não guarde para si!

– Ela foi tão má para o Bill – segredou Amy. – Se ela não me tivesse forçado a sair de casa, as coisas podiam ter sido diferentes.

– Foi tudo há tanto tempo. – Tara tentou animá-la. – Isso importa agora?

– Não, nada importa agora – soluçou Amy. – Eu tive a felicidade na palma da mão durante tão pouco tempo, mas já se foi, e nunca mais me vou sentir assim.

CAPÍTULO 11

Mabel e Tara estavam convencidas de que os acontecimentos dessa manhã eram um importante desenvolvimento no estado de Amy. Embora ela se tivesse arrastado para dentro de casa mais tarde e ficasse no seu quarto durante várias horas, à hora do jantar voltou a aparecer com um ar muito mais calmo. Depois da refeição da noite, ergueu-se da cadeira e levantou a mesa sem lhe ser pedido, e fez até perguntas sobre *Betsy* e uma ninhada de leitões.

Parecia a Amy que era como se estivesse a acordar de um longo e profundo sono. Há semanas que tinha consciência de pouco mais do que calor e frio, mas agora a dor atingia-a vinda de todas as direções. Era como assistir à sua vida no noticiário no cinema. Todos os incidentes desagradáveis, cada asneira, cada juízo errado, cada decisão incorreta – estavam todos ali, em tamanho mais do que real, fielmente registados.

Olhando para trás, via agora que só ela era responsável pelo que veio a acontecer. Ao permitir que tanto a mãe como Bill a manipulassem naquela noite em 1946, avançara cegamente e aos tropeções para o mundo de que o próprio Bill estava tão ansioso por escapar. Forçou-se a recordar todos os momentos daquela noite e os acontecimentos que se seguiram, sabendo que até que o fizesse não seria capaz de compreender o presente.

*

– Acho que não devia ir incomodar os teus pais – disse ela numa voz débil quando estavam a dirigir-se para Limehouse naquela noite de domingo. O vento gélido trespassava o seu casaco fino e ela tinha de se agarrar ao chapéu e andar a trote para se manter ao lado de Bill. – Eu não podia só arranjar um quarto algures?

Só tinha cinco xelins, mas era o suficiente até ser paga na sexta-feira.

– Não vou correr o risco de te deixar ficar num desses sítios. – Bill lançou um olhar a uma tabuleta com «Quarto para alugar» numa casa horrível em Cable Street. Meteu o saco dela debaixo de um braço e pôs-lhe o outro à volta dos ombros. – Estão cheios de marinheiros, estivadores e militares. Uma coisinha bonita como tu não durava nem cinco minutos lá. A nossa casa é miserável, mas pelo menos não te vai acontecer nada de mal.

Ela queria pedir-lhe para a levar para a casa de Flossie, mas o seu queixo decidido dissuadiu-a, e deixou que a conduzisse para o interior da zona que só conhecia pela sua reputação duvidosa. A iluminação pública era quase inexistente e uma e outra vez ela quase escorregou em lixo e lama fétidos. Havia crianças a brincarem nos escombros de casas atingidas por bombas, apesar do frio e do escuro. Cães esqueléticos latiam avisos, risadas estridentes saíam dos bares e as sirenes do nevoeiro de barcos no rio acentuavam a sensação de perigo.

Bill não parecia reparar em nada daquilo; até acenou alegremente a um par de mulheres com um ar desleixado que estavam à porta de uma loja onde se vendiam enguias e tartes.

– O Hitler tinha muito respeito pelas bombas dele para deitar uma aqui! – disse Bill na brincadeira quando estavam a aproximar-se da sua casa.

Era como vislumbrar o fim do mundo. Um terreno baldio estendia-se perante eles – poças cheias de água viscosa, destroços de edifícios bombardeados e montes de lixo mal cheiroso. Grafton Buildings ficava logo a seguir àquele descampado, um dos quatro prédios de apartamentos ainda de pé onde em tempos houvera doze. Um só candeeiro a gás iluminava a escada central em espiral que levava a um labirinto de apartamentos. O coração de Amy estava a cair-lhe aos pés, embora Bill continuasse de mãos dadas com ela.

– Eu sei que é horrível – disse ele. – É por isso que quero sair de Londres. Mas vai ser só por um par de noites até eu conseguir arranjar-te outra coisa.

Amy mal respirava enquanto ele a conduzia pelas escadas escuras acima. Sentia o cheiro da latrina partilhada em cada patamar quando se aproximavam, e isso bastava. E era tão ruidoso, também! Era a noite de domingo, mas havia bebés a chorar, mulheres a gritar, um bêbedo a berrar insultos e um grupo de garotos a disparar as suas catapultas a garrafas de leite lá em baixo no descampado.

A porta do apartamento estava quase solta das dobradiças, como se tivesse sido aberta ao pontapé, e dava diretamente para uma sala de estar que era também a cozinha. Não havia carpete no chão, a tinta castanho-suja das paredes e do teto estava esfolada e as únicas peças de mobiliário eram uma mesa desconjuntada, dois bancos e dois cadeirões manchados de velhos. O fogão era velho e estava enferrujado e tinha meias e cuecas a secar penduradas por cima dele. Amy viu a banca cheia de tachos enegrecidos, a mesa com os restos de uma refeição e o linóleo estalado e quase desatou a fugir.

– Lamento, meu amor. – Bill tomou-a nos braços e beijou-a. – Sei que não é ao que estás acostumada.

Amy sabia que a sua casa era muito superior à maioria no East End de Londres e não esperara o mesmo padrão aqui. Mas este sítio era um tugúrio.

– Onde estão os teus pais? – Amy olhou à sua volta a medo.

– Na tasca. – Encolheu os ombros. – Voltam daqui a pouco. Podes dormir na minha cama. Eu fico aqui.

O quarto de Bill era ainda mais pequeno do que o seu, mas haviam dormido ali quatro rapazes. Não havia cortina na janela e a cama com um colchão

mole cheio de covas fê-la sentir comichão só de olhar para ela.

Bill fez o que podia, atçou as brasas na lareira, pôs uma chaleira ao lume e lavou a pilha de tachos e pratos. Amy sentou-se na beira de uma das cadeiras e escutou as explicações dele.

– A minha mãe teve oito filhos em dez anos. – Sorriu com tristeza. – Dois morreram à nascença, outros três antes de chegarem aos cinco anos. Eu nasci dez anos depois do último, no mesmo ano em que o meu pai perdeu o braço num acidente lá em baixo nas docas, por isso passámos a viver da segurança social. Eles nunca viram o campo nem o mar, só conhecem estas bandas. Rezei para que este prédio fosse bombardeado para lhes ser dada uma casa decente, mas nem sequer tiveram essa sorte.

– Mas os teus irmãos, onde é que eles estão?

– O Mick, o mais velho, foi o que morreu em Dunquerque. – Bill suspirou.
– O nosso Frank fugiu há uns anos quando a bófia andava atrás dele. Nunca mais apareceu por cá. O Ernest, o a seguir a mim, alistou-se na Marinha em novo e vive em Portsmouth. Escreve no Natal, é tudo, e eu também, mal possa, vou dar de frosques.

A chegada dos pais de Bill foi anunciada por cães a ladrarem furiosamente e o som de uma altercação.

– Não lighes à minha mãe, ela é boa gente, na realidade – apressou-se a dizer Bill. – Só tem a língua um bocado afiada.

Gertie MacDonald era gorda, velha e desleixada, com cabelo branco às farripas e olhos de um castanho-pálido que varreram Amy atónitos.

– Quem diabo é esta? – perguntou, a respirar a custo enquanto se sentava na outra poltrona e afastava as suas coxas gordas o suficiente para mostrar umas cuecas com perna cor-de-rosa.

Norman MacDonald entrou de roldão a cambalear; um homem alto e magro com uma expressão derrotada e a manga do casaco vazia a balouçar.

Bill explicou sumariamente o que acontecera e Amy ficou corada enquanto o casal de velhos a observava. Parecia-lhe impossível que um tal par pudesse ter um filho com tão bom aspeto como Bill. Gertie era baixa e tinha um rosto cheio de rugas vincadas em que se viam vestígios de sujidade, agravado pelo facto de só lhe restarem dois ou três dentes cariados. Trazia vestida uma bata traçada cheia de manchas de gordura por cima de um vestido lilás estampado sem forma, e meias que só lhe chegavam aos joelhos, presas com ligas elásticas acima das quais sobressaía a carne roxa e com varizes das suas coxas.

Norman estava a precisar de se barbear. A sua camisa sem colarinho estava preta com a sujidade, as suas calças castanhas eram vários tamanhos acima do seu. Parecia ter perdido muito peso, o que lhe deixara pregas de pele pendentes.

– Ponham-se a andar, vocês os dois. – Gertie apontou para a porta e acenou com a cabeça. – Quero uma palavrinha com ela.

Norman cambaleou para fora da sala obedientemente, com os olhos vidrados da bebida. Bill seguiu-o, olhando por cima do ombro uma vez para Amy como se para a tranquilizar.

– Bem, bota cá p’ra fora – disse Gertie mal eles saíram. – ‘Tás emprenhada?

– É claro que não! – disse Amy indignada.

– Queres dizer que não tens andado a coisar c’o nosso Bill?

Amy sentiu-se chocada com a pergunta grosseira, mas abanou a cabeça, com as lágrimas a encherem-lhe os olhos.

– Não chores. – O tom de voz de Gertie suavizou-se. – O nosso Bill é um tipo jeitoso, eu não te criticava se tivesses. Parece que a tua mãe é um bocado marada!

– Ela nunca mais ficou bem desde que o meu pai foi morto. – Amy explicou a questão da religião e da frieza da sua mãe. – O Bill só foi lá a casa para pedir licença para namorarmos.

Por um momento, os únicos sons foram os de Gertie a chupar as gengivas e um murmúrio de conversa entre Bill e o seu pai na divisão ao lado.

– Digo-te já, quero uma coisa melhor pr’ó meu rapaz do que eu e o Norman tivemos – disse por fim. – Tu és uma coisinha bonita e sabes falar. Se o Bill conseguir pôr-se de pé e arranjar uns dinheiritos vais servir-lhe muito bem. Mas usa a tola, moça, não a parte do corpo em que te sentas. Não quero cá marotices nem bebés.

Amy ficou com a impressão de que aquele discurso se destinava a exprimir aprovação. Ainda atordoada com a reação da sua mãe a Bill, sentiu uma vaga de afeto por aquela mulher.

– Eu encontro outro sítio em breve – apressou-se a dizer. – Tenho um bom emprego, Mrs. MacDonald.

– Vais precisar dele, filha – disse Gertie resfolegando. – Se poupare os teus tostões e não tirares as calcinhas tu e o nosso Bill vão longe.

Mas não foram longe. As semanas passaram a meses e Amy continuava em Grafton Buildings, a detestar mais aquilo a cada dia que passava.

O inverno de 1947 foi o pior de que havia registo. A neve começou a cair no Natal e continuou até ao final de março. Um vento gélido assobiava pelas frestas das janelas, o serviço de autocarros foi interrompido e a água congelou nos canos.

A casa de banho era tão repugnante que Amy saía de casa uma hora antes para ir a pé para Aldgate e usar a do ateliê. Tinham de ir buscar água a uma mangueira ao fundo da rua e carregá-la em baldes pelas escadas íngremes acima.

O mau tempo significava que Gertie e Norman nem podiam sair para ir ao *pub* Two Brewers e passavam os serões junto ao fogão, a peguilhar. Não havia oportunidade para estar a sós com Bill a não ser que arrostrassem com o frio lá fora. Como bastavam o roçar do corpo dele contra o seu ou o toque da sua mão para inflamar os sentidos de ambos, evitavam contactos próximos.

Bill chegava a casa do trabalho enregelado e exausto. O seu fato e a sua melhor camisa estavam pendurados num gancho no quarto como recordação de melhores dias. Usava calças velhas manchadas de óleo e camisolas com borboto a federem a gasolina e quando chegava a casa já tinha uma sombra escura de barba no queixo.

– Vamos ter de esperar até à primavera – dizia cansadamente de cada vez que ela lhe perguntava se podiam arranjar um quarto algures. – Não tenho energia para fazer obras num sítio agora.

Houve muitas ocasiões em que ela quis voltar para casa. Sonhava com o seu quarto limpo e arrumado, poder meter-se na banheira de lata em frente à lareira e sentar-se a uma mesa posta em condições com uma toalha branca. Mas ir para casa agora seria admitir derrota. Mesmo que a sua mãe acabasse por aceitar Bill, acreditaria sempre que ele não fora capaz de sustentar a sua filha.

As ratazanas estavam a tornar-se mais atrevidas. Espreitavam nas escadas, à espera de uma oportunidade de correr para dentro do apartamento à procura

de comida. Uma vez, Amy sentiu uma ratazana correr por cima da sua cama à noite e gritou tão alto que os vizinhos pensaram que alguém lhe tinha batido.

Quando chegou o degelo a situação tornou-se pior a muitos títulos, porque a neve, pelo menos, ocultara a fealdade. O lixo, pútrido e fedorento, ficou à vista, inçado com larvas e ratazanas. Os buracos causados pelas bombas estavam cheios de limo preto e a terra gelada transformou-se em lama espessa e glutinosa. O tempo mais quente também trouxe de volta o ruído. Com as janelas de novo abertas e as crianças a brincarem lá fora, os ouvidos de Amy eram bombardeados com berros e guinchos desde a primeira luz da manhã até muito depois de ficar escuro.

Durward Street raramente estava tranquila, especialmente aos sábados à noite, mas aqui nunca havia um momento de calma. Os bebês gritavam, os casais brigavam, as mulheres berravam pelas janelas abertas e as crianças subiam e desciam as escadas a correr. Nem cor nem beleza se mostravam alguma vez naquelas ruas horrendas; mesmo as ervas daninhas que despontavam nos locais atingidos pelas bombas tinham um aspeto cinzento e distorcido, tal e qual os habitantes da zona.

Amy acostumou-se a ir aos lavadouros públicos uma vez por semana, a empurrar um velho carrinho de bebé com o saco da roupa suja. Limpava o fogão, esfregava os tachos até parecerem próprios para serem usados e limpava o apartamento o melhor que podia. Agora compreendia por que muitas mulheres desistiam. Era um grande esforço manter quaisquer padrões de limpeza quando não havia onde arrumar as coisas nem espaço ou privacidade.

E a mãe de Bill estava a ganhar uma boa maquia à custa dos dois. Bill trabalhava no duro para tentar poupar dinheiro, mas quanto mais trabalhava mais a mãe dele exigia. Durante seis meses, não soube que Amy também

estava a pagar à sua mãe. Andava todo contente convencido de que Amy estava a pôr de lado o que ganhava para uma casa só deles, quando de facto o dinheiro ia parar à caixa registadora do *pub* Two Brewers ou ao campo das corridas de cães.

Amy ouviu dizer aos vizinhos que Bill pertencera ao gangue de Limehouse antes de se alistar. Embora ele dissesse que tudo isso ficara para trás, era frequente virem homens ter conversas com ele em vozes abafadas no patamar. Por vezes, ele desaparecia com esses homens, nunca explicando mais tarde do que se tratava, mas em várias ocasiões regressou com os nós dos dedos esfolados e sangue seco nas roupas.

Tudo era frustrante. O ritmo lento a que as poupanças deles aumentavam, as longas horas que ambos tinham de trabalhar, a falta de privacidade, até o secretismo que Bill mantinha em relação aos seus amigos, mas acima de tudo o ter de reprimir o desejo.

A toda a volta se viam provas do que acontecia quando a paixão se descontrolava – raparigas com a barriga grande, bebés a berrar e imensas crianças. Eles não iam deixar-se apanhar na ratoeira de Limehouse. Podiam esperar.

No dia 2 de julho de 1947, Amy ouviu Bill chamá-la lá de baixo. Abriu a janela e viu-o de pé junto a um Austin Seven preto brilhante, com os cromados a cintilarem à luz do sol. Eram só sete da manhã e, embora ele tivesse dado a entender na noite anterior que ia levá-la a sair para celebrar os seus anos, ela não esperara nada mais do que um dia em Victoria Park.

Nessa manhã, não reparou nas ervas daninhas a despontarem por entre as fendas do cimento, nos buracos causados pelas bombas, no lixo ou até nos maus cheiros. Só via Bill.

Ele estava com umas calças cinzentas e uma camisa branca de algodão fino que ela lhe fizera durante o inverno. Rapara o bigode e parecia um rapazote quando lhe sorria.

Amy pôs o seu novo vestido cor-de-rosa de alças e sandálias e correu pelas escadas abaixo para vir ter com ele.

– Parabéns. – Ele correu ao seu encontro quando ela chegou ao último degrau e fê-la rodopiar nos seus braços como se ela fosse uma criança. – O carro é emprestado, mas vamos passar um dia no campo.

Cheirava a óleo para o cabelo e a sabonete de alfazema e beijou-a ali mesmo no pátio sem se preocupar com os vizinhos bisbilhoteiros que pudessem espreitar das janelas. Os seus olhos castanhos brilhavam da maneira que ela recordava do primeiro encontro deles, e os seus lábios eram tão quentes e suaves como a luz do sol.

Amy já não saía de Londres desde que fora evacuada no início da Guerra e o ar estava tão limpo e fresco que sentia vontade de cantar de encantamento. Campos verdes, bosques e colinas, depois, de vez em quando, uma pequena vila a aquecer-se ao sol quente.

– Vamos ao mar? – perguntou ao ver uma tabuleta a indicar Folkestone.

– Talvez. Depois de tu veres o meu sítio especial – disse ele misteriosamente.

– É isto? – Amy fitou com surpresa a pequena garagem junto à qual Bill estacionou.

– Não, isso vem mais tarde. – Pegou na mão dela e apertou-a. – Mas este é o tipo de sítio que quero ter.

A garagem não era mais do que um barracão com uma bomba de gasolina ao lado de uma banda de casinhas, um *pub* e uns correios na estrada principal

de acesso a Folkestone, a vinte e quatro quilómetros de distância. A garagem era um espaço desordenado, ocupando uma esquina de um cruzamento, com o chão coberto de óleo e de peças de motores deixadas a enferrujar. Mas ao lado havia uma pequena casa e uma mulher jovem estava a pendurar uma série de fraldas no jardim.

O rosto de Bill era digno de ser emoldurado ao fitar com anelo aquele sítio, perdido num sonho silencioso de um espaço a brilhar de limpo, carros reluzentes estacionados prontos a serem recolhidos pelos seus proprietários e o seu nome acima da porta da garagem.

– Está bem localizado. – O seu sorriso era contagiante. – As pessoas a caminho de Folkestone e a gente da zona que precise de reparações. Eu limpava-a, pintava a oficina, talvez até abrisse uma pequena loja. E olha para a casa, Amy! Não gostavas de viver ali?

O coração de Amy deu um salto no peito ao ouvir aquela pergunta. Gostaria de viver ali? Quase mataria para viver ali! Sem ratazanas nem maus cheiros, sem brigas nem gritos. Poderia transformar aquele sítio num pequeno palácio.

– Oh, Bill. – Suspirou, encostando a cabeça ao ombro dele. – Seria um paraíso.

– Quero-te tanto, mas tanto, Amy – segredou ele, segurando o rosto dela nas mãos com tal ternura que ela mal conseguia suportar a sensação. – É assim que quero que seja para sempre, só tu e eu.

Deixaram ali o carro e de mãos dadas subiram um caminho enquanto Bill lhe falava da sua visão do futuro dos dois.

– Em breve, toda a gente vai ter carro – disse ele, com os olhos a brilharem com confiança. – Arranjamos um sítio como aquele para começar, depois

outro. Vivemos ao lado da garagem, de maneira que não vai ser problema tê-la aberta a toda a hora. Tu podias encarregar-te da loja, olhar pela casa e até talvez dedicares-te à costura. Eu faço uma horta.

Custava-lhe não tocar em Bill em Londres, mas aqui, sem ninguém a lançar olhares de reprovação, era impossível. Tantas vezes pararam para se beijarem, tão embrenhados um no outro, que mal reparavam num por outro trator que passava ou numa criança de bicicleta.

Amy tinha visões de roupa a secar na corda ao sol, de um bebé a mexer as suas pernas gorduchas e morenas num carrinho à sombra de uma macieira e de uma cozinha com água quente corrente e um fogão a gás.

Bill mencionara um local com uma vista magnífica na viagem para baixo, e foi aí que comeram o seu almoço de empadas de porco, maçãs e duas fatias de pudim de pão comprado na loja da vila.

As suaves colinas terminavam abruptamente numa escarpa, onde se sentaram com pinheiros por trás deles. Lá em baixo estendia-se um terreno pantanoso talvez por uns vinte e cinco quilómetros até ao mar distante. Havia algumas casas e árvores pequenas dispersas e toda a zona era atravessada por ribeiros e pequenos rios. Amy preferia paisagens mais pitorescas; igrejas antigas, casas com uma parte em madeira, rios e lagos. No entanto, compreendia por que Bill gostava tanto desta zona. Era bravia e natural, terra arrancada ao mar ao longo de séculos em que ele fora recuando, o habitat de aves e flores.

– Fico com medo em Londres – admitiu Bill de repente. – Com medo de ser arrastado para alguma coisa. Compreendes o que quero dizer?

Amy compreendia bem. Em Grafton Buildings, poucas pessoas eram irrepreensíveis. Roubar não era um crime pela bitola deles, só um estilo de

vida. Ela adivinhava que os seus velhos amigos da infância estavam a tentar arrastá-lo de volta para o seu grupo e que a cada dia que continuassem a viver em Limehouse a pressão para ser como os outros aumentaria.

Pressentia que ele achava que ela era a ponte entre o mundo dele e o que avistara de longe. Amava este Bill sensível e delicado, muito mais do que o homem arrogante e agressivo a que a mãe dele estava tão afeiçoada.

– Não podemos arranjar um sítio hoje? – instou ela. – Largar tudo e mudarmo-nos para aqui?

– Como é que ganhávamos dinheiro? – Apertou-a com força – Encontrar emprego cá em baixo não ia ser fácil.

– Não podias trabalhar numa quinta?

– Não sei nada sobre isso. – Sorriu. – Só sei de carros e de condução. Do que precisamos é de um pequeno pé-de-meia primeiro.

*

Mais tarde, conduziu-a por uma vedação partida para uma propriedade privada.

– Não te preocupes. – Riu-se ao ver o rosto ansioso dela. – Não vive ninguém aqui e não estamos a fazer mal nenhum.

A casa era um palácio para Amy, um lugar fantástico e grandioso do tipo que ela só vira em filmes. Quase esperava ver uma carruagem chegar pelo caminho ensaibrado e um laçaio de libré saltar dela e tocar a sineta na enorme porta.

– Dei com ela quando estava na base de Shorncliffe, perto de Folkestone – explicou Bill. – Penso que já não vive ninguém aqui há anos, só usam a casa

para reuniões e coisas do género. Disseram-me que pertence a uma companhia petrolífera.

Era linda, mas misteriosa. Havia uma piscina vazia, embora umas urnas velhas estivessem cheias de flores. As sebes estavam meticulosamente aparadas à volta de um roseiral bem tratado, mas o bosque por trás da casa, que a escudava da estrada, parecia quase entrar pelas divisões no rés do chão. Amy sentiu uma pontada de indignação por alguém ser proprietário deste lugar encantador e tê-lo abandonado, enquanto eles nem sequer conseguiam arranjar um par de divisões onde viver.

– Não parece justo – disse ela, indignada. – Tu combatestes na Guerra, mas aposto que o dono disto, seja ele quem for, não fez nada.

– Provavelmente era um oficial sentado em segurança a uma secretária. – Bill encolheu os ombros. – Mas nunca ninguém disse que a vida era justa, qu’rida!

Havia uma sebe alta em forma de ferradura de cavalo à volta do relvado. Doze estátuas de senhoras nuas em diferentes posições, maiores do que Amy, estavam à volta do relvado, meio escondidas pela folhagem. Amy examinou-as melancolicamente.

– Imagina ter-se dinheiro suficiente para gastar em coisas só para se olhar para elas num jardim – disse.

Bill enlaçou-a e apertou-a ao peito com força.

– Não te posso prometer um sítio tão grandioso como este – disse. – Mas os nossos filhos nunca vão ver uma ratazana ou zonas bombardeadas, não te preocupes.

Quando ele a conduziu para uma zona de relvado ocultada por sebes de buxo, Amy soube que aquele era o momento decisivo. O sol estava quente, a

relva salpicada de botões-de-ouro. Não se via viva alma em milhas ao redor, só se ouviam os gritos dos maçaricos vindos do terreno pantanoso lá em baixo.

– Eu amo-te, Amy. – A voz dele tremia com emoção quando a puxou para baixo ao seu lado na relva. – Quero-te tanto que mal consigo suportar.

O corpo dele encaixou-se no dela, quente e duro, fazendo-a arquear as costas contra ele. Os seus mamilos pareciam querer furar o vestido de algodão fino, a sua barriga comprimia-se instintivamente contra a dele. Os lábios dele estavam colados aos seus, a língua a provocar e a sondar, fazendo-a tremer com desejo.

Todas aquelas noites deitada na cama em Grafton Buildings sem dormir, a pensar nas mãos dele a explorarem o seu corpo, não eram nada em comparação com a realidade. Bastou um dedo a deslizar pelo seu pescoço para produzir um fogo incandescente na sua barriga, cada nervo a estremecer quando a língua dela encontrou o caminho para a boca dele. Ele apertava-a com muita força, a rolar com ela, a consumi-la. Um chumaço duro nas calças dele comprimia-se contra as virilhas dela, e ele gemeu em êxtase. Já tinha tocado os seios dela, mas nunca assim. Agora, agarrou num com força, apertando o mamilo e baixando a cabeça para o morder, o que fez com que o sangue subisse à cabeça de Amy e um gemido involuntário de prazer lhe saísse dos lábios.

Os botões desabotoaram-se sem ela dar conta e subitamente o seu peito nu estava em chamas para se encostar ao dele. Febrilmente, despiu-lhe a camisa, arfando ao sentir o toque da pele dele contra os seus dedos.

– Oh, Amy! – segredou ele. – Quero-te!

Bill deslizou até o seu rosto estar entre os pequenos seios nus dela, segurando-os contra o rosto, a passar de um para o outro, apertando-os,

lambendo-os e sugando-os até ela sentir que ia explodir por dentro. As costas dele sob os seus dedos eram macias e sedosas e, enquanto o acariciava, sentia tremores que vinham de dentro dele a condizer com os seus. Uma mão enfiou-se debaixo do vestido dela, mas ela sentiu-se impotente para o deter, apanhada numa necessidade tão forte que arredava todos os pensamentos da sua mente para se concentrar só nele.

Sensações que nunca soubera que existiam irromperam quando os dedos dele encontraram o caminho para dentro dela, e gritou em êxtase.

– Diz-me onde é melhor – segredou ele, antes de a sua boca cobrir a dela.

Como poderia ela destacar uma sensação em particular quando todo o seu corpo estava a cantar com uma estranha excitação? A penetração profunda, as carícias suaves e delicadas da sua vulva, tudo tão delicioso, faziam-na arfar e abrir muito as pernas, a contorcer-se debaixo dele.

Amy mal queria acreditar que estava a tentar desapertar os botões das calças dele, era impensável. No entanto, os seus dedos queriam tocar-lhe, fazê-lo sentir-se como ela. O pénis de Bill era muito mais comprido e grosso do que Amy imaginara, mas a mão dela fechou-se à volta dele e ela aproximou a barriga. Abriu os olhos por um momento para o olhar enquanto os dois deitados de lado se tocavam intimamente. Os olhos dele estavam fechados, as pestanas escuras como escovas nas suas faces bronzeadas, a sua boca curvada num sorriso terno.

Não estava a fazer nenhuma tentativa de a penetrar e, embora ela sempre se tivesse sentido nervosa ao pensar nisso, agora queria-o. Os dedos dele não bastavam, queria-o todo.

– Não, qu’rida – segredou ele, afastando-se ligeiramente quando ela começou a puxá-lo para si. – Não devemos.

A relutância dele surpreendeu-a e ao mesmo tempo estimulou-a ainda mais. Pressionou os dedos dele, a sentir a sensação quente e pegajosa do seu corpo e a necessidade ardente de mais.

– Por favor – segredou. – Por favor, Bill? Eu amo-te!

Apesar da sua ignorância em relação ao sexo, pressentiu quando ele se colou a ela que estava a conter-se, que não tencionava penetrá-la. Porém, quando o pénis dele tocou a sua carne quente, ela prendeu-o com força e impeliu-se para cima sem lhe dar tempo a retirar-se.

Sentiu uma dor momentânea, mas a sensação de o ter dentro de si superou-a completamente. O seu rosto estava enterrado no pescoço dela, a sua respiração quente na pele dela. Gritou descontrolado e depois de repente ficou imóvel, deitado com todo o seu peso em cima dela, a arfar junto ao ouvido dela.

– Oh, *baby*, não tencionava que isto acontecesse – sussurrou arfante. – Tencionava parar.

Amy ainda estava a contorcer-se por baixo de Bill, com os lábios a procurarem os de Bill, a querer mais. Estava molhada e pegajosa e inundou-a uma sensação de tristeza, como se algo lhe tivesse sido sonegado, mas não sabia porquê.

– Foi bom?

Ela abriu os olhos e viu que ele estava apoiado nos cotovelos, ainda em cima dela, com uma expressão de profunda ansiedade nos olhos.

– Sim – segredou ela, sabendo que isso não era tudo o que ele esperava ouvir, mas demasiado ignorante para compreender a verdadeira questão.

Ele sentou-se e abotoou as calças e depois virou-se para ela e puxou-lhe o vestido para baixo a cobrir-lhe os joelhos. Não disse nada, ficou só ali

sentado, desviado dela, a arregaçar as mangas da camisa.

De perfil, o seu rosto era de uma perfeição extraordinária. Amy estendeu a mão hesitante para o seu queixo forte, deixando o indicador tocar na pequena fenda.

– Bill – segredou. – O que se passa de errado?

– Nada – disse ele, levantando-se e estendendo-lhe a mão. – Anda daí.

As calcinhas dela estavam na relva. De algum modo, vesti-las em frente a ele parecia mais ordinário do que tudo. Pegou nelas à pressa, enfiou-as no bolso e abotoou o corpete do vestido.

Teria feito algo de errado? Porque é que ele não falava com ela ao pegar na sua mão e a conduzir pelo terreno da casa e para fora por uma outra parte partida da vedação?

– Estás zangado comigo? – perguntou a medo quando ele a puxou atrás de si por um caminho cheio de vegetação que parecia levar a um rio.

– Não contigo. – Parou e puxou-a a si, beijando-lhe os olhos com meiguice.
– Estou furioso comigo mesmo por não estar preparado, por ter contado que tu me ias repelir, mas não *contigo*.

Nunca parecera mais atraente do que naquele momento. Os seus olhos estavam meigos, os lábios vermelhos ainda inchados dos beijos e o cabelo preto brilhava à luz do sol. No entanto, Amy sentia-se embaraçada. Estava húmida e pegajosa, queria lavar-se. Baixou os olhos para o caminho, a esforçar-se por encontrar palavras para se explicar.

– Vamos molhar os pés – disse ele inesperadamente quando chegaram à margem do canal. – Olha, é pouco fundo aqui, quase como se fosse uma praia.

Havia pedrinhas por baixo da beira da água por cerca de um metro, e um ramo projetado sobre o canal para servir de apoio.

Bill descalçou as meias e os sapatos, arregaçou as calças em segundos e entrou na água a experimentar a temperatura.

– Está fria. – Fez uma careta e estendeu a mão a Amy. – Mas agradável.

Amy entrou na água cautelosamente, agarrando-se a ele para se apoiar.

– Não ias ser grande coisa na selva. – Bill riu-se quando ela estremeceu ao sentir as pedrinhas sob os seus pés descalços. – Como é que ias conseguir lidar com sanguessugas e cobras da água?

– Não há cobras aqui? – Os olhos azuis de Amy abriram-se com alarme.

– És mesmo uma menina da cidade. – Abanou a cabeça, com um brilho nos olhos. – Eu sou a criatura mais perigosa por estas bandas.

Bill apanhara sol no nariz e nas faces, dando-lhes o mesmo tom dourado que ela recordava do seu primeiro encontro dezoito meses antes. A água fria dava uma sensação maravilhosa e ela encostou-se ao peito dele.

– Deixa-me lavar-te. – Os lábios dele deslizaram pela orelha dela. – Deves estar dorida.

Ela corou, enterrando o rosto no peito dele.

– Está tudo bem, eu compreendo – disse ele, segurando-a com força com um braço e puxando-lhe o vestido para cima e enfiando-lhe no cinto com a outra mão. A seguir, inclinado sobre ela, pôs a mão em concha, encheu-a com água e trouxe-a até Amy.

Ela soltou um gritinho, mais de embaraço do que de frio. Ao olhar para baixo, viu uma mancha de sangue na sua coxa branca e desviou o rosto do dele com vergonha.

– Não sejas tímida – disse ele com meiguice. – Tens um corpo lindo e eu amo-te, não há vergonha nisso.

Levou-a para junto do ramo da árvore, empurrou-a delicadamente contra ele e depois trouxe mais água nas suas mãos em concha.

Os olhos de Amy encheram-se de lágrimas por nenhuma razão que fosse capaz de explicar. Talvez fosse a sua mão a tocar nela de novo, a ternura nos seus olhos ou amaneira como se inclinou para a beijar de novo com o sol da tarde a brilhar no seu cabelo.

– As mulheres podem-se vir, tal e qual como os homens – segredou, virando-lhe o rosto para a beijar. – Deixa-me fazer-te vir.

Enquanto os dedos dele a acariciavam, a sensação tão recentemente interrompida voltou, desta vez com o dobro da intensidade. Encostou-se a ele e desabotoou o corpete do vestido para ele poder sugar-lhe os seios. As sensações tornaram-se mais fortes e ela agarrou com força a cabeça dele contra os seus seios, consciente de que estava a gritar o nome dele, mas não se importando que alguém a ouvisse. Era como estar dentro de um saca-rolhas, à volta, à volta, cada vez mais perto de algo que ela não compreendia. Abriu os olhos e viu-o acariciá-la, a face contra o seu seio, uma expressão de suprema ternura e prazer no seu rosto, e por um segundo perguntou-se como ele tinha aprendido tais coisas sobre as mulheres quando ela nem sequer as sabia sobre si própria.

Tinha ainda os pés no rio frio, o sol incidia-lhe quente nos braços e na cabeça e algures entre as duas sensações havia esta emoção descontrolada e linda que a elevava a uma outra esfera.

CAPÍTULO 12

Mabel olhou fixamente pela janela da cozinha. Amy estava na sala de estar a costurar, Harry no curral das vacas, mas ela não fazia ideia de onde Tara teria ido. Isso perturbava-a, porque sabia que a sua neta tinha um fraquinho por Harry, e quanto mais cedo ele se fosse embora melhor. Não era que não gostasse dele, mas queria alguém de um estrato superior para a sua neta.

No entanto, ao mesmo tempo que pensava aquilo sentia-se culpada, afinal ele tinha feito tanto por elas. Consertara praticamente tudo na quinta. O novo alpendre, todas as janelas tinham sido reparadas e pintadas, um número incontável de trabalhos que lhe teriam custado uma fortuna se feitos por um mestre de obras. Mas não era só a ajuda dele na quinta que ela tinha a agradecer-lhe, a sua presença masculina também parecera ser o catalisador que fizera Amy recuperar a saúde física e mental. Ela e Tara também se tinham apoiado nele, as suas piadas e a sua força masculina tinham-nas ajudado a superar aquela fase.

Mas já era hora de ele partir e deixá-las voltar ao normal. Amy melhorava a olhos vistos e MacDonald não aparecera.

Uma conversa ao telefone com George revelara que a polícia andava à procura de Bill, porque as suas impressões digitais o ligavam decididamente ao assassinato do padre Glynn. O seu retrato aparecera nos jornais locais, com um pedido às pessoas que o conhecessem para contactarem a polícia. Mas ele estava desaparecido, e depois de debater o assunto decidiram que seria seguro Harry ir embora.

Harry estava a aplicar massa no vidro no curral quando Tara espreitou lá para dentro.

Pondo de lado os modos estranhos de Mabel e o desejo que sentia de voltar a ver os amigos e o pai, Harry gostava realmente da quinta. Era bom trabalhar com as mãos, sentir o cheiro do ar fresco e ver campos verdes em vez de mercados cheios de gente e *pubs* ruidosos. Não havia necessidade aqui de manter as aparências, de se fazer de durão. Começara a interessar-se realmente pela agricultura, a falar com todos os velhotes no Pelican enquanto bebia uma caneca de cerveja. Sentiria falta daquela doce exaustão ao fim de um dia bem passado e dos animais, mas especialmente de Tara.

Por um momento, Tara não anunciou a sua presença ali. Deixou-se ficar a observar os seus dedos ágeis a aplicar a massa de vidraceiro, o ar de concentração no seu rosto. Vistas de lado, as suas pestanas pareciam escovas pretas, e a língua despontava-lhe entre os lábios.

Já o vira muitas vezes trabalhar ao longo das últimas semanas, reparara em como a sua pele era sedosa quando ele tirava a camisa, nas suas ancas estreitas, nos tufo de pelos pretos acima do umbigo e na largura do seus ombros. Sentira frequentemente vontade de passar os dedos pelo seu cabelo preto, de o fazer sorrir para poder ver a curva dos seus lábios e uma covinha na sua face direita. Sentava-se no quarto a desenhar o seu rosto angular, a querer poder captar aquele ar travesso e a profundidade dos seus olhos azul-escuros.

Ele estava a aplainar uma tábua no celeiro um dia e quando os seus dedos acariciaram o grão da madeira ela sentiu algo dentro de si e desejou que fosse a sua perna, o seu braço ou até mesmo o seu seio que ele estivesse a tocar com tanta reverência. Mas como poderia fazê-lo vê-la como uma namorada, não como uma irmã mais nova? No último par de semanas, andara vestida

com as suas melhores roupas, escovava o cabelo até ele brilhar, chegou até a aplicar batom e rímel, mas a atitude dele para com ela mantinha-se teimosamente fraternal.

– A minha avó diz que tu te vais embora!

Harry olhou por cima do ombro, apanhado de surpresa. Estava tão embrenhado no trabalho que não a ouvira aproximar-se por trás de si.

Estava muito bonita, com uma saia verde de roda que fizera e um *top* de algodão tricotado justo, mas havia uma expressão transtornada nos seus olhos que ele não conseguia identificar ao certo.

– Pois é, amanhã.

– Mas porquê? – Estava a fazer beicinho, e o seu cabelo dourado pendia sobre aqueles deliciosos seios espetados. Ela aprimorara aquele trejeito dos lábios desde que vira uma imagem de Brigitte Bardot a fazê-lo, e Harry tinha de admitir que o excitava.

– Porque vocês já não precisam de mim. – Tirou um farrapo do bolso do fato-macaco e limpou as mãos a ele. Cheiravam a óleo de linhaça e as unhas estavam a precisar de ser limpas.

Harry encostou-se ao gradeamento do curral. A qualquer minuto Stan traria as vacas para serem mungidas e as lajes lavadas à mangueira seriam de novo um mar de lama.

– Eu preciso de ti – disse Tara impulsivamente. – Por favor, não vás embora, Harry. Não suporto isto aqui sem ti.

Harry reconheceu o tom de súplica, já o ouvira a outras raparigas. De repente, compreendeu para quem ela vestia aquelas roupas elegantes e se maquilhava.

– Nem sequer vais dar pela minha falta quando voltares para a escola na semana que vem. – Sentia-se embaraçado agora, recordando como fora dolorosa a sua primeira paixoneta. – De qualquer maneira, e o meu pai e a Queenie? Eles tiveram de fazer o trabalho todo enquanto eu ‘tive cá em baixo.

– Eu não quero saber de mais ninguém a não ser de ti – insistiu ela. – Eu amo-te, Harry.

Pelo menos trinta raparigas tinham-lhe dito que o amavam desde os seus catorze anos, mas não contara com aquilo da parte de Tara.

Inspirou fundo. Queria rir-se a arredar aquela declaração de amor, mas algo lhe tocou o coração.

– Eu também gosto de ti. – Continuou calmamente a esfregar as mãos, com os olhos deliberadamente postos no trapo. – É como se fosses minha irmã.

– Não quero dizer dessa maneira. – Avançou tão depressa que ele não teve tempo de a evitar, e subitamente os seus braços estavam à volta do pescoço dele. – É desta!

Foi o beijo de uma inocente, com os lábios pressionados com força contra os seus, porque ainda não aprendera a maneira como os adultos beijavam, mas de algum modo tocou-o mais do que um beijo experiente.

– Oh, Tara. – Não sabia o que fazer; não podia afastá-la de si, porque tinha as mãos sujas e mancharia a sua camisola branca. – Tu és demasiado nova para mim.

– Não sou – insistiu ela, encostando-se mais a ele. – Eu quero-te.

Harry agitou as suas mãos sujas aos lados do corpo num gesto de impotência. Aquele corpo jovem e doce contra o seu bastava para fazer qualquer homem esquecer a idade de Tara. O seu cabelo cheirava a lírios do

vale, e ele sentia mais vontade de a abraçar e a beijar do que alguma vez sentira com qualquer outra rapariga.

– Para, Tara. Não está certo. – Se Stan ou Mabel o apanhassem assim iria ficar a tirar chumbos das costas semanas a fio!

– Tu achas que eu sou só uma criança, não achas? – perguntou ela num tom de desprezo. – Bem, não sou, sou uma mulher e amo-te.

Ele não podia vencer. Se a enlaçasse e a beijasse não tinha dúvidas sobre ao que isso levaria. Se a rejeitasse, a vergonha também a magoaria.

– Eu tenho uma namorada em Londres, minha doçura – mentiu. Foi a única coisa que lhe ocorreu. – Tu e a tua mãe são como da minha família, adoro-vos às duas, mas não dessa maneira.

– Nunca disseste que tinhas uma namorada. – O olhar dela trespassou-o.

Havia muitas raparigas que ficariam encantadas por o ver de volta, mas nenhuma de quem ele verdadeiramente gostasse.

– Não julguei que estivesses interessada em coisas dessas – disse ele num tom ligeiro, afastando-se dela.

Os olhos de Tara encheram-se de lágrimas e ela virou-se e correu para fora do curral.

– Oh, *merda!* – Harry atirou para o chão o velho trapo. – As mulheres!

*

– O outono é triste, não é? – disse Amy a olhar lá para fora pela janela do quarto de Mabel, para a chuva que tombava com força. – As folhas caíram todas durante a noite.

Era um sábado nos finais de outubro e Mabel ainda estava na cama, porque tinha uma constipação com tosse de que não se conseguia livrar.

Amy não só recuperara a saúde, mas também a beleza. O cabelo crescera-lhe o suficiente para poder cortá-lo pelos ombros e uma franja desfiada chamava a atenção para os seus grandes olhos azuis. Umas calças de ganga e uma camisola cor-de-rosa revelavam as suas formas delgadas mas curvilíneas – poderia facilmente passar por uma mulher de vinte e cinco anos.

Sentia-se como se estivesse a eclodir de um casulo. Tudo parecia mais nítido – o que via, cheirava, ouvia e sentia. Todos os dias, quando recolhia os ovos, dava de comer às galinhas ou preparava uma refeição, havia uma espécie de júbilo, como se tivesse renascido.

Neste momento, sentia o cheiro a laranjas e cravinho-da-Índia dos difusores caseiros que a mãe pendurava no armário. Quando olhou à sua volta e viu Mabel sentada na cama com a sua camisa de noite de flanela cor-de-rosa sentiu um acesso de afeto. O velho toucador pesado, a cama antiga com entalhes na madeira em que tanto James Brady como Mabel tinham nascido eram-lhe indescritivelmente caros.

– Todas as estações têm o seu objetivo – disse Mabel em voz rouca, cortando o topo do seu ovo cozido. – O meu pai gostava sempre do outono, porque significava uma pausa no trabalho da quinta. Nós também o devíamos encarar assim, uma oportunidade para ir às compras a Bristol. Vai ao cinema com a Tara, ou a Bath, explorar a cidade.

*

Mabel sentia-se encantada por ver o tom róseo de volta às faces da sua filha. Lentamente, com a passagem das semanas, Amy fora ficando mais forte. Começou a costurar de novo para os vizinhos, trocava mexericos com as outras clientes nas lojas, ria-se das histórias que Greg Masterton lhe

contava sobre os seus doentes. Quando o verão chegou ao fim, ela envolveu-se nas colheitas com um entusiasmo jubiloso.

A amizade crescente entre o médico e Amy também agradava a Mabel. Greg Masterton era um cavalheiro, bondoso e compreensivo, e, embora Mabel se sentisse um pouco nervosa por poder conduzir a um namoro e talvez até ao casamento, por agora era uma boa coisa.

– A Tara parece mais feliz agora, não parece? – Mabel mordiscou uma torrada. – Ficou um pouco em baixo depois de o Harry se ir embora, mas suponho que é compreensível.

– Penso que ela tinha uma paixoneta por ele. – Amy sorriu. Vira os esboços de Harry rasgados no cesto dos papéis e adivinhara que a sua filha fora rejeitada. – Não me surpreende, claro, aconteceu o mesmo à maior parte das amigas dela, pelo que vejo. Mas espreitei para o quarto dela agora mesmo e estava a rabiscar no bloco de desenho, isso é um bom sinal.

Os olhos de Mabel iluminaram-se.

– Ela tem realmente talento. Quer dizer, uma coisa é ser capaz de desenhar um vestido imaginário, outra muito diferente é fazer de facto um molde e transformá-lo num vestido real.

Amy sorriu para consigo. Em muitas coisas, a sua mãe era tão obstinada, melindrosa e difícil como sempre, mas no que dizia respeito a Tara amolecera. Não exteriormente – continuava a berrar-lhe por cortar os tecidos na mesa da sala de jantar e deixar tudo desarrumado; resfolegava e torcia o nariz a algumas das ideias mais extravagantes de Tara. Mas no íntimo pensava que Tara era outra Coco Chanel em potência.

Era verdade, Tara era esperta. A sua perícia na costura deixava muito a desejar, continuava a apressar as coisas, esquecendo-se de que a paciência é

tão importante como o talento. Mas tinha olho para as cores e o uso de texturas, Amy via-o bem.

Levantou-se e pegou no tabuleiro do pequeno-almoço da mãe.

– Vou acender a lareira na sala de estar – sugeriu. – Depois, se quiser descer, pode sentar-se lá. Tenho de ir agora, tenho trabalho a fazer na vacaria.

Lançou um olhar pela janela ao passar aos pés da cama. A estrada estava coberta com folhas caídas e a porta vermelha do quartel dos bombeiros destacava-se claramente por entre a chuva. Os ramos nus das árvores proporcionavam uma vista desimpedida até ao moinho, e viu um saco de cereais ser içado num guincho.

– Conhece alguém que tenha um Vauxhall branco? – Virou-se para a sua mãe. – Há um par de homens num ali fora a olharem para a casa.

– Que tipo de homens? – perguntou Mabel.

– Normais. Talvez estejam perdidos? – respondeu Amy. – Vou ver.

Ia a descer as escadas quando ouviu bater à porta. Equilibrando o tabuleiro contra a anca, afastou a cortina que cobria a porta e destravou os ferrolhos.

– Desculpem demorar tanto tempo a abrir a porta. – Sorriu ao abri-la. – Nunca vem ninguém bater à porta da frente.

– Mrs. Manning?

Eram ambos homens altos e encorpados, um a rondar os cinquenta anos, com uma gabardina bege; o outro mais novo, com um casacão azul-marinho.

– Sou.

– Eu sou o inspetor Hawkins da Polícia Metropolitana – disse o mais velho, tirando um cartão de identificação do bolso. Este é o sargento Harrison. Poderíamos entrar para falar com a senhora?

Ela conduziu-os para a cozinha e pousou o tabuleiro no escorredor. Tinha uma sensação de desassossego no estômago.

– Sentem-se, por favor, eu faço um bule de chá. – Retirou um pão de forma e uma tábua de cortar pão e varreu as migalhas para a mão. A cozinha cheirava a torrada queimada e ela sentiu-se embaraçada pela pilha de louça do pequeno-almoço no lava-louça. – Em que posso ajudá-los?

– O seu nome verdadeiro é Amy MacDonald, esposa de William Henry MacDonald?

Só conseguiu acenar com a cabeça. Subiu-lhe o sangue à cabeça e teve de se agarrar às costas de uma cadeira para se apoiar.

– Lamentamos vir dar-lhe um choque – ouviu vagamente um deles dizer ao conduzi-la a uma cadeira. – Compreendemos as razões para ter mudado de nome e não queríamos vir incomodá-la. Receio bem que o MacDonald esteja morto.

Por um momento, Amy ficou incapaz de falar. Reparou que o inspetor Hawkins tinha um nariz adunco e que a sua pele estava tão cheia de marcas que era provável que tivesse tido varíola. Reparou que faltava um botão na sua camisa e de cada vez que ele se movia ela tinha um vislumbre de pelos escuros. Perguntou-se até por que homens com tantos pelos no corpo quase sempre ficavam calvos, como ele. Mas continuava a não conseguir formar uma frase que fizesse sentido.

Harrison era uns bons dez anos mais novo do que Hawkins e tinha um rosto fresco e o cabelo louro tão curto que parecia um presidiário. Foi ele quem fez o chá enquanto Hawkins se sentava ao lado dela e explicava tudo.

– O corpo do seu marido foi encontrado num automóvel incendiado que se esbarrou e galgou a estrada costeira perto de Berwick. O automóvel era

roubado, ele tinha estado a beber. Uma testemunha declarou que o vira antes a tentar encher o depósito com uma lata de gasolina junto a umas lojas. Ele cambaleou e derramou gasolina nas roupas. Parece que deve ter-se esquecido desse facto e a umas milhas adiante, na estrada costeira, acendeu um cigarro. Deve ter ardido como uma tocha. O automóvel despenhou-se do penhasco, aterrou numas rochas em baixo e pegou fogo. Encontraram o saco dele na mala do automóvel intocado pelas chamas. Nele, os agentes que foram chamados ao local do acidente encontraram o passaporte, a carta de condução e mais algumas coisas, e puderam assim identificá-lo.

Amy escutava com horror crescente enquanto eles descreviam como dinheiro identificado como sendo o de um assalto a uns correios fora também encontrado na mala do carro.

– O que é que se passa, quem são estes homens? – Mabel apareceu subitamente na cozinha, de roupão e com o rosto incandescente de indignação.

Amy só conseguiu manter-se sentada com a cabeça entre as mãos enquanto o inspetor voltava a contar a horrenda história.

– O seu amigo, Mr. George Collins, falou connosco ontem à noite, já tarde – explicou o inspetor Hawkins. – Sentia-se muito preocupado por não poder dar-lhe ele próprio a notícia, mas, como lhe fizemos ver, um telefonema inesperado é tão mau como virmos nós cá.

Havia coisas que Amy continuava a não compreender depois de eles terminarem de contar a história, mas apercebeu-se de que a sua mãe sabia exatamente do que estavam a falar quando foi mencionado um padre assassinado.

– Foi por isso que o Harry veio para cá – explicou Mabel. – Não tínhamos a certeza se o Bill tinha mesmo matado o padre Glynn, mas ele veio para olhar por nós.

Amy ouviu então explicar como Ernest MacDonald, um irmão mais velho de Bill que vivia em Portsmouth, identificara o corpo. Ernest não tinha a certeza ao princípio, mas a pequena tatuagem de um tordo azul no ombro direito provara que se tratava dele.

Amy tapou os olhos com as mãos.

A menção do tordo azul levou-a de volta a Grafton Buildings. Ainda se lembrava da primeira vez que vira Bill sem camisa, a barbear-se ao lava-louça, e como passara o dedo pela tatuagem.

– Fi-la em Singapura. – Sorriu-lhe, com o rosto branco com a espuma do sabão de barbear. – Bonita, não é?

Naquele dia, Amy sentira-se mais impressionada com os músculos desenvolvidos debaixo da sua pele morena e macia, com a largura dos seus ombros e o tronco a estreitar-se até às ancas estreitas.

– Doeu? – perguntou ela.

– Não tanto quanto o meu pé infetado ou a dose de disenteria. – Os seus olhos castanhos piscaram com riso. – Sentia-me tão contente por estar vivo que quis uma recordação permanente.

– Mas não consegues vê-la!

– Queria-a atrás de mim – disse ele, subitamente sério. – Agora que te tenho a ti e a um futuro, não vou estar sempre a olhar por cima do ombro.

*

O inspetor Hawkins sabia quase tudo o que havia para saber sobre Bill MacDonald, mas não deixou de ficar surpreso por esta loura delicada e linda ser a sua esposa.

Embora Hawkins tivesse sido transferido para a esquadra de Bow Street anos antes, ouvira os boatos de que MacDonald batia na mulher e nos filhos e soubera do desaparecimento deles. Ouvira falar do incêndio no armazém de Collins e adivinhara que o velho George tinha corrido riscos para proteger a esposa e os filhos de MacDonald.

Ver as lágrimas de Amy chocou-o. Como é que um homem podia ir por maus caminhos com uma mulher como ela?

– Lamento muito. – Tocou delicadamente na mão de Amy, a desejar poder encontrar algo de positivo para dizer sobre MacDonald.

– Alguém me vai dizer o que é que aconteceu? – A voz de uma menina fez todos olharem para cima.

O inspetor Hawkins pôs-se de pé; a boca do sargento abriu-se de espanto. Sabiam que havia uma filha adolescente, mas nem um nem o outro estavam preparados para a sua beleza. O seu cabelo de um louro arruivado tombava-lhe sobre os ombros cobertos por uma camisola verde; os seus olhos cor de âmbar brilhavam com indignação.

– Esta é a minha filha, a Tara – disse Amy, um pouco nervosa.

– É por causa do teu pai – disse Mabel secamente. – Eu explico mais tarde.

– Está morto ou foi preso?

Por um momento, ninguém respondeu ou se mexeu sequer. As palavras dela soavam muito bruscas, frias e desprovidas de emoção.

– Está morto, Tara. – Havia mais do que um vestígio de alegria na voz de Mabel Randall, e o inspetor reparou que Amy estremeceu. – Vai para o teu quarto, explicamos-te tudo mais tarde.

– Quero ouvir tudo agora – disse ela firmemente, e, sentando-se à mesa, cruzou os braços.

– Eu disse para ires lá para cima – repetiu Mabel.

– Não vou. – A voz de Tara era de desafio aberto agora. – Quero ouvir todos os pormenores. Vou gostar de os ouvir!

O inspetor Hawkins contou-lhos. Tinha a sensação de que aquela rapariga gostaria de saber até que ponto o seu pai ficara queimado, de tal modo que nem sequer tinham conseguido identificá-lo pelas impressões digitais, porque não restava carne nas suas mãos. Mas não lhe contou nada disso, só os incidentes que levaram à sua morte.

– O que acontece agora? – perguntou Tara calmamente. – Ele vai ter um funeral?

– Isso já aconteceu – respondeu Hawkins. – O irmão encarregou-se dele. Demorámos algum tempo a descobrir onde tu e a tua mãe estavam.

– Então acabou tudo?

O inspetor Hawkins acenou com a cabeça.

– As pessoas todas daqui vão ficar a saber quem nós somos? – Os olhos cor de âmbar da rapariga pregaram-se nos seus.

– Não. Nem sequer a polícia local sabe disto, e é assim que vai ficar.

– Ainda bem. – Tara levantou-se e saiu da cozinha abruptamente, sem sequer olhar para a mãe.

– Peço desculpa. – A voz de Amy estava trémula. – A Tara pode ser muito obstinada.

*

Foi daí a algum tempo nessa tarde que Tara ouviu a mãe chorar no estábulo.

– O que foi, Mãezinha? – perguntou baixo ao entrar e encontrar a mãe com o rosto encostado ao pescoço de *Betsy*. Via perfeitamente que Amy estava a chorar há algum tempo. Anoitecia e estava escuro no estábulo, mas ela conseguia ver-lhe os olhos inchados.

– Está a chorar pelo pai, não está? – perguntou, espantada. – Mas porquê?!

– Por causa do que ele era dantes. Por mais ninguém se importar. – Amy fez uma festa na mancha branca do focinho de *Betsy*.

– Bem, eu estou contente por ele estar morto – ripostou Tara. – É a melhor coisa que aconteceu na minha vida até agora.

– Não falas a sério, não realmente?

– Falo. Ele deu-nos uma vida tão horrível.

– Bem, hoje só estou a recordar-me do homem por quem me apaixonei.

– É tão fraca! – explodiu Tara. – Era capaz de encontrar algo de bom num verme. Não suporto isso.

Virou-se, correu para dentro de casa e subiu as escadas para o seu quarto. Só então, na privacidade do seu quarto, pôde dar largas à emoção. Não queria que a mãe lhe evocasse aquelas pequenas recordações – de domingos em Petticoat Lane às cavalitas no pai; de andar no carrossel em Southend ou atravessar o túnel da Isle of Dogs² para Greenwich, com o pai a uivar como um cão para a fazer rir.

Queria manter vivo o seu ódio, queria recordar a mãe com um olho pisado e Paul a tremer de medo. O pai dela fora um homem violento e um ladrão, e hoje ela descobrira que fora também um assassino.

– Estou contente por ele estar morto! – repetiu vezes sem conta, a soluçar.

*

Tara ficou no seu quarto todo o serão. Mabel chamou-a para jantar, mas ela não desceu. Sentou-se à secretária com o candeeiro aceso, a desenhar.

O seu quarto estava sempre quente, porque ficava por cima da cozinha e os canos do fogão Aga passavam nele. A sua avó contara-lhe muitas histórias sobre este quarto, que fora o seu quando era nova. Como ela e a sua irmã Emily costumavam tirar os grandes gavetões da cómoda e fazer de conta que eram barcos. Como se agarravam à cabeceira da cama para atarem as fitas do espartilho. Foi aqui que a avó apanhou a sova do seu pai.

O colchão de penas já não estava lá, substituído por um novo de molas, mas, para além da prancha de desenho que a avó lhe comprara no Natal passado e de um tapete verde, tudo o mais continuava como antes. As suas amigas tinham quartos modernos, com toucadores com tampo de fórmica e portas de correr nos guarda-fatos, mas Tara adorava a enorme cómoda de pinho, a cabeceira da cama com entalhes, o lavatório com azulejos. As imagens na parede de Adam Faith, Gene Vincent e Elvis Presley indicavam que ela era uma adolescente moderna, mas adorava antiguidades da época vitoriana.

Ela e Paul tinham uma vez descoberto uma série de vestidos antigos enfiados numa arca e passaram um dia inteiro ali em cima a experimentá-los. Fazia-a sorrir agora pensar em Paul com um vestido às riscas azul-marinho e brancas, ficou tão bonito com ele depois de ela encontrar uma touca para

esconder o seu cabelo curto. A avó também se tinha rido, quando o viu, disse que era o seu vestido de domingo e descreveu as culotes com rendas que costumava usar por baixo.

Tara pensou que as recordações do seu irmão estavam a tornar-se menos dolorosas. Conseguia pensar nele sem chorar, sorrir das coisas engraçadas que ele fizera e dissera. Gostava de poder fazer o mesmo em relação a Harry; esquecer como se atirara a ele na vacaria. Agora, nunca mais poderia ir passar uns dias a Londres.

Começou a soprar à volta da casa um vento forte, levantando as placas soltas de ferro ondulado, fazendo um balde do leite rolar pelas lajes do terreiro e açoitando os ramos da ameixeira contra a vacaria.

Tara estava a desenhar a sua fantasia de uma loja com grandes montras onde se exibiam os seus modelos. Primeiro a fachada da loja, tinta verde-escura com «Tara Manning» escrito em dourado; depois o interior, com senhoras a posarem diante de espelhos altos, os seus maridos sentados à espera num sofá.

Foi surpreendida por uma pancada na porta. Contara ser ignorada.

– Pensei que talvez quisesses uma sandes. – Amy espreitava pela porta, hesitante. – Posso entrar?

– Sim, claro. – Tara sentia-se um pouco embaraçada agora, a pensar se deveria pedir desculpa.

Amy entrou, empurrando a porta atrás de si com um pé. Trazia leite também, e uma fatia de bolo de nozes. Pousou o tabuleiro em cima da cama e foi olhar por cima do ombro de Tara.

– A tua loja?

Tara reparou que a mãe tinha estado a rechear o frango para o almoço de domingo, sentia o cheiro a sálvia e cebolas. Pensou se ela ainda estaria triste.

– Tens sorte por saberes desenhar, Tara. Eu vejo vestidos na minha cabeça e podia fazê-los da maneira como os imagino, mas não era capaz de os pôr no papel.

Tara sentiu-se envergonhada. Não pelo que tinha dito, mas porque magoara a sua mãe. Amy nunca guardava rancor, talvez fosse por isso que perdoara tantas vezes ao pai?

– Ainda se sente triste por causa do pai? – perguntou em voz baixa.

Amy soltou um suspiro suave e Tara virou-se na cadeira e enterrou o rosto no peito da mãe.

– Não tinha a intenção de a magoar – segredou. – É só que não consigo vê-lo da maneira que a mãezinha o vê. – Soube sem ter de olhar para cima que Amy estava a chorar outra vez, e a única coisa que pôde fazer foi abraçá-la com força e esperar que isso ajudasse.

– Ninguém neste mundo é inteiramente mau, nem sequer o teu pai – disse Amy por fim.

– Se eu me apaixonar por um homem e ele der um passo em falso deixo-o imediatamente – disse Tara num tom firme.

Tentara repetidamente compreender por que motivo havia mulheres que gostavam de homens que eram cruéis para elas, mas, por mais que pensasse no assunto, não lhe ocorria nenhuma explicação a não ser fraqueza.

– Penso que virás a descobrir que não é assim tão simples como isso. – Amy riu-se por entre as lágrimas. – Espero que o homem por quem te apaixonares te mereça. Mas não vás pela vida à espera de perfeição, querida.

² Ilha de Cães. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 13

1963

— **D**etesto a escola. Quero desistir já!

Tara olhava a mãe de frente na cozinha, de olhos a chisparem. Só tinha dezasseis anos e ainda estava com o uniforme da escola vestido, embora tivesse feito os possíveis por o disfarçar prescindindo da gravata e usando um cinto largo à volta da saia.

— Se tiver de ficar aqui mais um ano vou acabar tão maluca como a mãe e a avó!

Amy esbofeteou Tara.

— Não sejas assim cruel! — berrou. — Tenho andado a tentar explicar-te que se conseguires fazer o liceu podes ir para o Goldsmith's College em Londres. Desiste de estudar agora e nunca mais vais conseguir entrar.

— Quem quer saber de estudos superiores? Eu só quero um emprego.

Amy virou-lhe costas, abismada não só pela teimosia e as vistas curtas de Tara, mas também pelo facto de ela própria ter recorrido à violência.

— Arranja um, então — lançou-lhe por cima do ombro. — Mas não me deites as culpas daqui a um ou dois anos quando te arrependeres.

Tara correu para o andar de cima. Uma vez no seu quarto, sentiu-se indecisa entre pôr-se a dançar de alegria ou continuar a amuar. Embora tivesse insistido tanto com a mãe que acabara por levar a sua avante, de algum modo o triunfo parecia um pouco vazio. Mas a mãe tinha jeito para a fazer sentir-se assim!

Ter um emprego não era a verdadeira questão. O que ela queria realmente era mudar-se para Londres.

Pôs-se em frente ao espelho e olhou-se criticamente. Uma beldade natural estonteante, foi como Mr. Haig, o professor de Inglês, a descrevera. Falou empolgado sobre o seu glorioso cabelo e a sua boca rasgada e sensual. Estava a ensiná-los a escrever um poema, a improvisar, mas ela sabia que ele sentia o que estava a dizer, mesmo que se tenha rido depois.

*

Nos dois anos desde a morte de Paul, Tara tornara-se uma mulher, e agora a vila não tinha o suficiente para lhe oferecer. Para além do ocasional baile no salão paroquial ou na Associação dos Jovens Agricultores, não havia absolutamente nada para fazer – nenhum clube da juventude, nenhum café. Mesmo que ela fosse até Bristol, o último autocarro de regresso partia pouco depois das dez. Não tinha ainda idade para entrar no *pub* e, de qualquer maneira, mesmo que tivesse, queria um pouco mais de excitação do que a proporcionada por se sentar com homens velhos que falavam sobre os tempos antes da Guerra e jogavam ao jogo da moeda. Outras raparigas da escola levavam a sério a equitação, participando em gincanas e exercitando os seus cavalos, mas Tara não tinha grande interesse em montar e, de qualquer maneira, na sua maior parte as raparigas eram umas snobes terríveis. As revistas de moda eram a sua salvação. Estudava as coleções de cada estilista, sonhava com roupas quando os devaneios de todas as colegas da escola eram só sobre atores e estrelas da música pop.

Londres ocupava-lhe a mente há mais de um ano, desde que ultrapassara o embaraço em relação a Harry. Em tempos, convencera-se de que nunca mais conseguiria voltar a encará-lo, mas agora limitava-se a rir ao pensar nisso. George e Queenie tinham vindo de visita duas vezes durante esse período, e algumas pequenas informações sobre Harry tinham-na perturbado. Ainda trabalhava com George, mas mudara-se para um apartamento seu perto do

Angel, e George claramente receava que andasse em más companhias. Mas Harry já não figurava nos planos de Tara. Só queria arranjar um emprego na indústria da moda, e isso significava Londres.

*

– Estava toda a gente a falar dum tipo que é ator e que está em Stanton Drew. – Mabel pousou as compras em cima da mesa da cozinha e afundou-se numa cadeira como se tivesse acabado de calcorrear quinze quilómetros e não de ter dado só um salto ao supermercado Coop. – Parece que entrou numa série policial na televisão, mas nunca ouvi falar dele.

Amy ergueu os olhos da roupa que estava a passar a ferro.

– Como é que se chama?

– Wainwright. – Mabel tirou o açúcar e a farinha do saco e olhou desconfiada para um cacho de bananas. – Olha para isto, metade estão pretas. Devia ter estado atenta ao que a Muriel estava a fazer em vez de me pôr a ouvir os mexericos.

Amy sorriu levemente. Ainda andava preocupada com Tara e arrependida de a ter esbofeteado, mas a sua mãe conseguia ser muito engraçada por vezes. Fingia não ter o mínimo interesse em mexericos, mas sabia sempre tudo.

Mabel olhou para a filha.

– Estiveste a chorar!

Amy encolheu os ombros.

– A Tara indispôs-me. Eu disse-lhe que podia arranjar um emprego, se é isso que quer.

– Quer sair de casa – disse Mabel bruscamente. – E tu não podes impedi-la, Amy.

Amy sentiu-se surpreendida com a atitude da sua mãe; contara com a sua oposição.

– Não consigo suportar a ideia – disse. – Porque é que ela se virou contra mim, Mãe? Mal se consegue dar ao trabalho de falar comigo ultimamente.

– Ela não se virou contra ti. Tu também não quiseste ficar comigo, quando tinhas a idade dela – disse Mabel com uns modos surpreendentemente delicados. – Sei que te dei boas razões para te queres afastar de mim, mas penso que vais chegar à conclusão de que, até mesmo nas famílias mais chegadas, as raparigas da idade dela querem sair de casa.

– Não me importava que saísse de casa para ir estudar – disse Amy. – Mas está a ser tão precipitada, a recusar-se a acabar o liceu. No ensino superior, encaminhavam-na para uma carreira em condições, mas deixada por conta própria só vai andar à deriva.

Mabel levantou-se e pôs a chaleira ao lume. Tara era a melhor aluna a Desenho da escola e os seus dotes para a costura tinham melhorado substancialmente nos últimos dois anos, mas era tão impaciente e obstinada como a sua avó. Tal como Mabel se imaginara a entrar num estúdio e tornar-se uma ilustradora de sucesso da noite para o dia, também Tara acreditava que tinha talento suficiente para ser imediatamente um sucesso estrondoso na indústria da moda.

– Não compreende que, se quer tornar-se estilista, vai ter de subir a pulso – prosseguiu Amy. – Não se aguentava cinco minutos num ateliê de costura. E não me diga que as coisas mudaram desde que eu era costureira, Mãe, porque não é verdade.

Mabel sorriu. Amy tinha razão. Tara seria posta a tirar alfinetes, fazer bainhas à máquina e passar a ferro. Até mesmo Amy, que costurava

primorosamente, nunca tivera uma oportunidade de apresentar as suas próprias ideias.

– O nosso problema – disse Mabel pensativa enquanto aquecia o bule – é que ambas queremos para a Tara tudo o que nunca tivemos. Talvez queiramos que ela alcance as coisas que nós nunca conseguimos alcançar.

A fama de costureira de Amy espalhara-se desde que ela fez um vestido de casamento para a filha do reitor do liceu. Com uma cauda de quase cinco metros, cada centímetro bordado com minúsculas pérolas, foi tema de conversa na vila durante meses. Agora, fazia principalmente vestidos de noite e de casamento, todos recamados de bordados ou contas, mas, mesmo assim, sabia que não podia esperar conseguir entrar numa das principais casas de alta costura e intitular-se estilista.

– Então o que é que devíamos fazer? – perguntou Amy, sabendo no seu íntimo que Mabel tinha razão.

– Não discutir com ela. – Mabel encolheu os ombros. – Se ela tem os olhos postos em Londres, acho que vamos ter simplesmente de aceitar. E se disséssemos que ela podia arranjar um emprego no verão em Londres e pedíssemos ao George e à Queenie que a recebessem lá em casa?

O rosto de Amy animou-se. Era provável que algumas semanas a ter de obedecer servilmente a outras mulheres fizessem Tara ver a razão!

– É uma ideia brilhante – concordou. – Aposto que a Queenie ia conseguir arranjar-lhe emprego numa das fábricas de vestuário. Se disséssemos que ela podia ir depois de acabar o ano escolar, talvez isso a consolasse o suficiente para estudar para os exames!

Arrumou a tábua de passar a ferro, empilhou as roupas numa cadeira, prontas para levar para o andar de cima, e depois sentou-se com a mãe para

tomar uma chávena de chá. Do andar de cima, o som de *Anyone who had a heart*, cantado por Cilla Black, ribombava do gira-discos de Tara – claramente, estava cheia de pena de si própria.

– Há o baile no sábado. – Amy sorriu. – Se ao menos ela conhecesse um rapaz de cá e se tomasse de amores por ele.

– Quando as galinhas tiverem dentes – disse Mabel num tom seco. – Nunca vi um moço por estas bandas quando era nova que me fizesse bater o coração mais acelerado. E olha para ti! Uma mulher linda nas tuas primícias, e o teu único admirador é um médico gorducho!

– Ele é um homem bondoso e generoso – disse Amy, indignada. Greg tornara-se muito mais do que só o médico de Amy nos últimos dois anos. Eram a sua amizade e o seu interesse que lhe davam alento quando o feitio teimoso e mal-humorado da sua mãe a irritava. Por vezes, ia passear com ele e com o seu cão *Winston*, e ele visitava-a frequentemente na quinta para tomarem um chá. – Não sei porque é que continua a rir-se dele, de qualquer maneira. Não perde tempo a pedir a opinião dele quando precisa de conselhos!

– Ele só não tem muito... – Mabel parou de falar, sem conseguir pensar na palavra adequada.

– *Sex appeal*. – A voz de Tara, vinda da porta, fê-las ambas virar a cabeça.

Tanto Mabel como Amy desataram a rir. Não se tinham apercebido de que Tara estava a ouvi-las, mas de facto o comentário dela era correto.

– O que é que tu sabes sobre essas coisas? – perguntou Amy a rir, contente por Tara ter pelo menos deixado de estar amuada.

– Só o que li nas revistas – admitiu Tara. – Mas não consigo pensar numa só pessoa na vila que tenha *sex appeal* !

– Isso é um alívio – disse Mabel secamente. – Não vamos ter de a fechar à chave.

– E o tal ator? – Amy estava ansiosa por atenuar qualquer ressentimento, a abrir caminho para uma conversa séria mais tarde. – É melhor a mãe contar à Tara.

Tara sentou-se e serviu-se de chá. Tal como a sua avó, raramente pedia desculpa; o facto de se sentar com elas bastava para indicar uma ligeira mudança de sentimentos.

– Ao que parece, é um bonitão – disse Mabel, matreira. – E conduz um carro todo vistoso, mas não quero que vás de bicicleta a Stanton Drew para o mirares toda embasbacada.

– Que idade é que ele tem? – perguntou Tara.

– Anda pelos trinta e cinco, disseram.

– Eu nem sequer me dava ao trabalho de atravessar a rua para ver alguém assim tão velho. – Tara empinou o nariz. – Mas pode levar a minha bicicleta, Mãezinha, ele está mais perto da sua idade!

*

Amy estava a escolher umas framboesas para fazer compota no sábado ao fim do dia quando Tara entrou na cozinha.

– Bem, que tal estou? – Fez uma pose como um manequim num canto da cozinha e depois girou sobre os calcanhares para mostrar a parte de trás da sua indumentária.

– Muito bem, minha querida – disse Amy.

Tara tinha concebido e confeccionado ela própria a indumentária, um vestido a direito de *shantung* verde-esmeralda com alças finas, rematado por

um pequeno bolero. Andara com rolos no cabelo todo o dia e agora tinha-o penteado para trás num estilo tufado, com as pontas viradas para fora nos ombros. Os olhos estavam delineados com um risco preto.

– Só bem? – perguntou, abespinhada.

– Estás com muita maquilhagem, não precisas de tanta.

Tara tinha comprado o tecido para o vestido numa feira em Bristol, e era do tipo que se engelhava muito. As costuras do vestido estavam arrepanhadas, mas Tara não dera ouvidos ao conselho da sua mãe para que as arranjasse. Amy também achava que o vestido estava demasiado justo, mas não ia levantar objeções nesta fase tão tardia.

– Todas as raparigas usam muita maquilhagem, é a moda – retorquiui Tara.

Custava a Amy ver Tara com um aspeto tão crescido. No seu íntimo, sabia que não havia nenhum perigo real no baile da vila, mas recordava-se muito bem dos sentimentos que Bill despertara nela aos dezasseis anos.

– Onde é que está a avó? Queria vê-la antes de ir embora.

– Está na vacaria. Veio alguém comprar ovos e queijo, ela ainda está com os clientes.

– Eu digo-lhe adeus ao passar, então. – Tara inclinou-se para dar um beijo à mãe. – Deixe a porta das traseiras destrancada. Eu talvez chegue tarde.

*

– Esta é a minha neta, a Tara. – O rosto cheio de rugas de Mabel iluminou-se com orgulho quando Tara entrou na leitaria. – Vai ao baile da vila.

Tara estacou quando o homem se virou para a cumprimentar. Tinha de ser o ator de que toda a gente andava a falar.

Não era só bem parecido. Era devastadoramente lindo – cabelo louro da cor da manteiga só um pouco mais comprido do que o dos homens da zona, olhos de um castanho muito escuro e o tipo de perfeição máscula que ela associava aos anúncios do Martini.

– Este é Mr. Wainwright. – A avó sorriu a Tara enquanto passava a manteiga entre duas pás e depois a embrulhava em papel encerado. – Não é só ator, também é artista. Está alojado numa casa em Stanton Drew.

– Simon, por favor – disse ele, estendendo uma mão delgada para cumprimentar Tara. – Mr. Wainwright faz-me soar como se fosse de meia-idade.

Tara esqueceu que achara que trinta e cinco anos era velho. De calças de um tecido cinzento-claro e camisa aos quadrados desabotoada no colarinho, Simon Wainwright emanava uma elegância casual. Até a sua voz era deliciosa, grossa e sonante, do tipo que até àquele momento ela só ouvira na telefonia.

– Prazer em conhecê-lo – disse Tara embaraçada, a tentar desesperadamente pensar em alguma coisa cativante para o manter aqui. Ele tinha pelo menos um metro e oitenta e nos seus olhos castanhos havia todo o *sex appeal* que faltava aos homens da zona. – A minha avó disse-lhe que também pinta?

– Disse, de facto. – A boca dele curvou-se num sorriso que provocou a Tara calafrios de encanto pela espinha abaixo. – Também me disse que a menina é muito talentosa.

– Não sou, realmente. – Tara corou. Usualmente, não era assim tão modesta, mas nunca tinha conhecido ninguém famoso e não queria gabar-se até o conhecer melhor.

– Atrasei-me a ir às lojas. Em Londres, há sempre uma loja aberta algures. Graças a Deus, vi a vossa tabuleta, caso contrário seria um artista a passar fome!

Tara viu que a sua avó não só lhe vendera ovos, queijo, manteiga e leite, mas também lhe arranjava um dos seus pães caseiros, um frasco de compota de laranja e algum *bacon*. Estava sempre pronta a aproveitar ao máximo qualquer oportunidade.

– A sua família está com o senhor? – perguntou Tara.

Os olhos castanhos dele tinham um brilho maroto.

– Não tenho família – respondeu. – Só estou cá em baixo para uns dias de descanso antes de um *casting*. Aonde é que vai assim toda bem vestida?

– A um baile no salão paroquial – disse ela, corando, porque soava muito rústico. – É praticamente a única coisa que há para fazer por estas bandas.

– Talvez possa dar-lhe boleia? – Ergueu uma sobrancelha loura perfeita em interrogação. – Quer dizer, isto é se não tem um par que venha buscá-la?

– São só uns duzentos metros. – A avó de Tara contraíra-se ao ver o efeito que este estranho bem parecido estava a ter em Tara.

– Mas eu vou para esses lados. – Fez um sorriso encantador a Mabel e tirou uma carteira de pele do bolso interior do casaco. – Ora bem, Mrs. Randall, quanto lhe devo?

*

O seu carro era um Jaguar tipo «E» prateado, e ele mal teve tempo de meter outra mudança antes de chegarem à porta do salão paroquial.

– É aquele ali. – Tara apontou para o edifício da antiga escola ao lado dos portões da igreja. – Quase não valia a pena dar-me boleia. – Soltou uma

risadinha.

Simon sorriu-lhe, atravessou a estrada e subiu a pequena encosta até estarem mesmo em frente à porta.

Be-bop a lula soava atoador com mais volume do que talento musical, e Mr. Jakes à porta, com um fúnebre fato preto, estava a acenar com as mãos em sinal de protesto.

– Soa promissor.

Tara sabia que ele estava a ser sarcástico.

– O que é que vai fazer hoje à noite? – perguntou.

Ele fazia-a sentir-se tão estranha, como se estivesse aos picos por dentro. Havia algo exótico nele, não só as suas roupas lindas, o seu carro ou até mesmo o seu perfil perfeito. Era um vislumbre de algo atrevido, algo perigoso e excitante. Sentia relutância em sair do carro dele.

– Nada – respondeu ele. – Talvez vá até ao *pub* mais tarde. Ou me ponha a desenhar ou a ler um livro.

– Porque é que não vem comigo ao baile? – perguntou ela num tom ofegante.

Ele olhou para ela, sorriu e pegou numa das suas mãos.

– Não me parece que seja bem a minha cena – disse em voz baixa, levando a mão dela aos lábios e beijando-a. – *Teddy boys* com gravatas finas e sapatos bicudos, virgens aos risinhos e algumas esposas de lavradores para manter tudo na ordem.

Tara riu-se.

– Esqueceu-se dos campónios cheios de borbulhas com calças de sarja grossa.

– Aposto que a Tara vai ser a única beldade ali dentro – disse ele, fixando os seus olhos castanhos nela. – Todos os rapazes vão fazer fila para dançar consigo. Um velho como eu não teria hipóteses.

Estava a namoriscar com ela, mas ela não podia ter a certeza se isso significava que pretendia algo mais.

– Sempre preferi homens mais velhos. – Pestanejou. – Vá lá, venha daí!

– Talvez mais tarde – respondeu ele, e saiu do carro.

Por um momento, Tara sentiu-se perplexa, sem saber o que ele estava a fazer, mas, para seu espanto, ele veio abrir-lhe a porta do carro.

Não poderia ter calhado melhor se ela o tivesse planeado. Shirley e Judith, duas raparigas da turma dela, vinham a dobrar a esquina quando ele lhe estendeu a mão para a ajudar a sair do carro.

– *Au revoir, ma chérie* – disse ele, erguendo-lhe a mão para a beijar de novo.

Shirley e Judith ficaram ali paradas, embasbacadas.

– Ena! – disse Shirley quando ele partiu com um roncar do motor pela rua principal acima. – Quem era aquele?

Tara sorriu. Shirley e Judith eram exatamente o que Simon queria dizer quando falou de virgens aos risinhos. Ambas traziam vestidos de algodão com saíotes tufados por baixo, embora essa moda já tivesse passado há dois anos, grandes brincos de plástico, batom de um vermelho vivo e o cabelo penteado para trás como um ninho de pássaros.

– Quem era ele? – Judith deu um passo na direção de Tara, e o cheiro a *L' Aimant* era avassalador.

– O homem dos meus sonhos. – Tara sorriu.

*

Simon Wainwright sorria também ao arrancar. Tara era exatamente o tipo de diversão de que necessitava, e pressentia que ela estava a cair de madura, pronta a ser colhida.

Era bom sair de Londres por um tempinho, em grande medida porque podia fazer o papel de uma celebridade e obter o tipo de adulação que raramente conseguia na cidade. Para além da série policial, o seu rosto não era conhecido; a maior parte do seu trabalho fora para a rádio, onde o seu talento para sotaques e vozes diferentes lhe dava uma vantagem. Mas a sua carreira estava em ascensão. Hoje, conduzia o automóvel de um amigo, mas, se conseguisse uma proposta para um filme, em breve poderia comprar um.

Nascera em 1930 em Cheltenham, uma cidade refinada. A sua mãe enviuvara daí a poucos anos, fora criado numa casa de mulheres. Uma avó e duas irmãs mais velhas tinham-no mimado, um bom colégio particular preparara-o para ser um cavalheiro. Atuar era um dote natural, mas as oportunidades não tinham chegado como ele esperava e até bastante recentemente tivera de trabalhar como empregado de mesa para se sustentar enquanto ia a *castings*. Mas aqui em baixo ninguém precisava de saber isso...

*

O baile era tal e qual como todos os outros. A banda tocava demasiado alto, com um *feedback* ensurdecador. Tocava canções de Buddy Holly, Adam Faith e Billy Fury, todas com mais entusiasmo do que talento.

Mrs. Cuthbert e Mrs. Jones, duas matronas intimidantes do coro da igreja, tratavam dos comes e bebes e mantinham os seus olhos de águia bem atentos a sinais de álcool ilícito a ser adicionado ao sumo de laranja.

Os escuteiros tinham decorado o salão e dava a ideia de que nem um deles tinha olho para a arte, já para não falar na simetria. Umas serpentinas de papel de crepe tinham sido pregadas com pionés e enroladas à volta de tudo o que estivesse à mão. Umas lanternas de papel chinesas estavam postas ao acaso e grupos enormes de balões pendiam aqui e ali. Mas a decoração do palco foi o que mais fez Tara sorrir trocista. Tinham tentado criar uma imagem de um celeiro; com medas de palha, forquilhas e um par de velhos garrações de sidra.

Para além dos casais de namorados, só havia raparigas a dançar. Os rapazes estavam encostados às paredes, a fumar sem parar, a bater com os pés ao ritmo da música enquanto miravam as raparigas ou tentavam ganhar coragem para convidar alguma para dançar.

Tara sentia-se entediada de morte. Sabia que a maior parte dos rapazes daria tudo para dançar com ela; sabia, também, que metade das raparigas a odiava por causa disso. Mas que graça tinha isso se nem sequer um dos rapazes era minimamente interessante!

Talvez tivesse namoriscado com Graham Sweeting se não tivesse conhecido aquele tipo, Simon. Graham tinha sempre uma meia garrafa de *gim* ou vodka no bolso, dançava o *swing* mesmo bem e também não era nada mau a beijar. Era aquilo a que a avó de Tara chamava «má rês». Andava de mota, usava um blusão de cabedal e o cabelo preto com brilhantina numa poupa exagerada. No Natal, tinham estado «na marmelada» a sério no carro do pai dele, e bastara para dar a Tara uma ideia do que era o sexo. Mas ao olhar agora para as suas ancas estreitas numas calças de ganga justas, para a sua boca amuada e *sexy* a fumar um cigarro, Tara apercebeu-se de que levar as coisas mais longe com ele seria um erro.

Caiu-lhe o coração aos pés ao ver Robert Caldwell dirigir-se para ela. Era o

tipo de rapaz que a mãe queria para ela, sério, de confiança, às direitas. Ia a aulas de estudo da Bíblia e fazia peditórios para os missionários. Um olhar ao seu cabelo cor de areia, à sua pele com laivos vermelhos e às suas unhas roídas bastava para a repelir.

– Queres dançar comigo, Tara? – perguntou ele, a ficar ainda mais corado.

Não podia recusar – ele era um rapaz simpático – mas tinha mau hálito, as mãos sempre húmidas e, de qualquer maneira, ela não suportava quem usasse fatos de *tweed* grosso.

– Estás estonteante esta noite – disse ele timidamente. – Foste tu que fizeste esse vestido?

Uma das coisas mais enfiurecedoras em Robert era o facto de ele estar efetivamente interessado nela como pessoa – no que fazia, no que queria fazer –, não só no seu aspeto. Lia muito, sabia coisas que os outros rapazes não sabiam, e, possivelmente, se uma pessoa tivesse a paciência de lhe melhorar a roupa e a imagem, talvez valesse a pena daí a um ou dois anos.

Tara estava a dirigir-se para a pista de dança quando pressentiu que Simon voltara. Não houve uma corrente de ar da porta, nem o som dela a fechar-se, mas Tara soube pela maneira como a penugem nos seus braços e nuca se eriçou que ele estava atrás dela, a olhar para ela.

Mostrar que reparara nele seria um erro; em vez disso, recusou o convite de Robert para o *swing* e escolheu «the Shake», para que o seu desgraçado parceiro de dança não a levasse a fazer má figura com os seus movimentos das pernas e dos braços demasiado entusiásticos. Depois de um período respeitável a deixar Simon vê-la menear o traseiro, virou-se, fingiu-se surpreendida com a sua presença e depois inclinou-se para Robert.

– Desculpa, Robert, tenho de ir, um amigo da minha família acabou de aparecer. Tenho de ir dar-lhe uma palavrinha.

– Voltou, então? – Estava diante de Simon, de braços cruzados no peito numa atitude de desafio. – Porquê?

Mesmo que a reação da sua mãe ao vestido tivesse sido pouco entusiástica, todas as raparigas o admiravam. Aqui, no seu terreno, sentia-se suficientemente confiante para fazer o seu famoso beicinho.

– Como se a Tara não soubesse! – Fez um sorriso maroto. – Dei uma saltada ao *pub*, a dois de facto, mas sentia-me muito só.

– Quer vir dançar? – Tara estendeu as mãos, a saber que todas as raparigas da escola estavam a olhá-la boquiabertas. Agradou-lhe ver que ele parecia ligeiramente inseguro, o que significava que estivera a pensar nela.

– Preferia levá-la a um lugar um pouco mais privado – disse ele. – Sinto que o mundo todo está a olhar para nós.

– E está. – Tara soltou uma risadinha. – Isso é o que tem metade da graça!

Simon olhou para a banda e estremeceu.

– Para mim não. Vem até à minha casa e dança comigo lá?

– Eu não devia – disse ela num tom débil, olhando para aqueles olhos marotos e sabendo que iria, de qualquer maneira.

– Sim, devia. Nós os artistas temos de viver perigosamente.

*

Estava a anoitecer quando saíram da vila; quando se aproximaram da antiga casinha de portagem redonda na saída para Stanton Drew, Tara sentiu-se subitamente inquieta. Durante o dia, voltar a pé para Chew Magna era

agradável, mas a perspectiva de caminhos estreitos no escuro era assustadora. E se alguém fosse dizer à sua mãe que ela tinha saído do baile com Simon?

– Não é idílico? – Simon acenou com a mão para a vista.

Era uma cena linda – um pôr do sol cor-de-rosa, a estrada sinuosa sobre uma ponte de pedra, casinhas bonitas meio escondidas por árvores mais adiante.

– Era capaz de ficar cá para sempre – disse ele. A sua voz ressonante provocava pele de galinha a Tara. Ele lançou-lhe um olhar e reparou que tinha os lábios comprimidos. – Não estejas com esse ar tão preocupado, eu levo-te de volta a uma hora respeitável!

Passaram por algumas casas e pelo *pub* Druid's Arms, depois viraram para um caminho estreito com sebes altas.

– Chegámos. – Parou junto ao portão de uma quinta e apontou para uma minúscula casa de pedra cinzenta com janelas de vidrinhos, no cimo de uma encosta.

Ela sentia-se realmente assustada agora, a desejar não ter vindo, mas Simon deu a volta ao carro, abriu a porta do lado dela e pegou-lhe na mão.

– Estás em perfeita segurança comigo. – Fez-lhe uma festa na face, delicadamente. – Posso não ser mais nada, mas sou um cavalheiro!

*

– A quem é que pertence? – perguntou ela quando ele abriu a porta da rua e a conduziu para uma sala grande com estantes com livros a toda a volta. Embora tudo estivesse a brilhar de limpo, de algum modo dava uma sensação de ser um espaço masculino. Havia uma grande secretária debaixo da janela e os toros estavam prontos na lareira. Havia barómetros, relógios, barcos em vitrinas e até mesmo aves empalhadas nas paredes.

Simon acendeu um candeeiro na secretária e outro numa mesa baixa de apoio aos sofás.

– A um amigo que é ator e escreve – respondeu. – Reparte o tempo entre atuar em Londres e escrever livros aqui. Agrada-te?

– Sim. – Sentia-se fascinada com as aves empalhadas, a pensar porque é que alguém quereria sentar-se a olhar para um faisão morto. – Não achas que são um bocado sinistras?

– Um bocado. – Simon soltou uma risada. – Mas estas coisas são antiguidades, estão na família há gerações. Aposto que tens coisas como estas na tua casa?

– Aves empalhadas, não. – Tara sorriu. – O meu bisavô era um velho mau, matava-as para as comer e era tudo.

– Deixa-me arranjar-te uma bebida. – Simon passou a mão pela face dela e depois virou-se. – Tenho *gim*, uísque, vodca, vinho ou xerez. Qual preferes?

– Vodca, por favor. – Não gostava nada de bebidas brancas; para além de *brandy* para fins medicinais, a sua avó recusava-se a ter bebidas alcoólicas em casa. Mas a vodca não tinha cheiro, lembrou-se, e se recusasse beber alguma coisa ele ia pensar que ela era uma criança.

– A minha mãe e a minha avó sugeriram que eu fosse para Londres trabalhar durante o verão – disse Tara. Aquilo soava sofisticado, e ela achou que poderia impressionar Simon. – Vai-me dar tempo para olhar à minha volta e decidir se continuo a estudar.

– Isso far-me-ia muito feliz. – Simon sorriu. – Podia levar-te a sair.

Tara sentiu o coração saltar-lhe no peito. Que maneira de começar a sua vida em Londres, ter um namorado ator!

– Queres escolher um disco? – perguntou ele. Apontou para uma prateleira cheia de discos. Acho que não vais encontrar os Beatles, mas dá uma vista de olhos.

Os discos eram na sua maioria de música clássica e de *jazz*, mas Tara encontrou um de Ketty Lester, que ela se lembrava de ouvir cantar *Love Letters*.

– Pus um pouco de limonada – disse Simon. Sentou-se no sofá e pousou as bebidas numa mesa de apoio. – Vens-te sentar aqui comigo?

– A minha avó quer que eu continue a estudar, mas eu não... quero viver, divertir-me. O que é que tu achas?

– Não me atreveria a ter uma opinião. – Riu-se baixo. – A maior parte das pessoas que conheço que se saíram bem na vida não tem estudos. Além disso, Tara, tu és tão bonita que não consigo ver-te a ficar sozinha muito mais tempo.

Ela encrespou-se. As pessoas andavam sempre a dizer que ela «não tardaria a ser catrapiscada» ou que daria uma linda noiva. Era como se pensassem que ela era uma boneca sem miolos.

– Eu vou ganhar a vida – retorquiu. – Não tenciono casar com ninguém até ter sucesso.

– Bem, isso é muito louvável e mostra que és uma mulher livre. – Simon deslizou o braço ao longo das costas do sofá. – Mas e que tal um beijo para um tipo antiquado que gosta das suas senhoras meiguinhas e dependentes?

Tomou-a tão lentamente nos braços que a pulsação de Tara pareceu duplicar com a excitação ainda antes de os lábios dele tocarem nos seus.

Já fora beijada dúzias de vezes, mas nunca da maneira como Simon a beijou. Os lábios dele tocavam nos seus muito levemente, a provocá-la, a

tentá-la, depois a ponta da sua língua deslizou sobre o lábio dela, causando-lhe estremecimentos de prazer até ao estômago. Quando ela começava a sentir que não conseguiria suportar aquele suspense mais tempo, a boca dele colou-se com força à sua e ele apertou-a muito a si.

– Foste feita para o amor – disse ele quando por fim a soltou, com a sua voz grossa enrouquecida. – Tudo em ti é totalmente desejável.

Era o tipo de declaração que ela sonhara que um homem lhe fizesse, mas agora deu consigo a corar.

– És virgem, não és? – disse ele baixinho, com os lábios encostados à sua orelha e a língua a traçar círculos. – Portanto, tenho o dever de tornar esta noite especialmente cheia de prazer.

Aquele era o momento em que ela sabia que devia detê-lo e chamar a atenção para o facto de que não queria perder a virgindade com um completo estranho. Mas queria mais beijos dele, não queria que ele pensasse que ela era uma moça do campo tonta e tinha uma sensação dentro de si que não conseguia realmente controlar.

– Eu não quero ficar grávida! – saiu-lhe, e corou furiosamente.

– Deixa que eu trato disso – segredou ele. – Confia em mim para tornar esta noite a mais memorável da tua vida.

Preparou a cena na perfeição. Correu as cortinas, acendeu o lume e velas, deitou até um pouco de alfazema para a lareira de modo que o ar ficou com um perfume maravilhoso. O disco da Ketty Lester tocava repetidamente enquanto ele a beijava até a deixar delirante.

Nada alguma vez a fizera sentir-se desta maneira. Cada beijo fundo e penetrante a fazia tremer e apertá-lo mais contra si, a língua dela a sondar a

boca dele, e comprimia-se contra ele ao mesmo tempo que os dedos dele se enfiavam no seu cabelo.

Sem saber como, o vestido caiu-lhe aos pés, seguido pelo *soutien* cai-cai, as calcinhas, as meias e o ligueiro, e ele estava a fazer-lhe coisas que ela nunca imaginara, nem mesmo em sonhos. A boca dele passava de um seio para o outro, a sugar, a lambar, a morder, e durante todo esse tempo enfiava e tirava os dedos, a deixá-la cada vez mais excitada e a querer mais e mais.

Sentiu-se embaraçada quando ele se ajoelhou no chão entre as pernas dela e insistiu em olhar para dentro dela.

– Quero ver a tua passarinha virgem – disse ele, afastando-lhe as mãos quando ela tentou tapá-la. – Quero beijá-la e fazer-te vires-te antes de te comer.

Ela nunca tinha ouvido falar de que alguém fizesse tal coisa, mas a maneira como os seus dedos a acariciavam dava uma sensação tão boa que não podia mandá-lo parar.

O lume sibilava e crepitava e quando a língua dele se moveu trémula no seu sexo, Tara sentiu-se a flutuar numa nuvem de êxtase.

– Não. – Pegou na cabeça dele, embaraçada com o que estava a sentir.

Ele voltou a beijá-la nos lábios, com os dedos a penetrá-la bem fundo, a fazê-la contorcer-se sensualmente debaixo dele.

– Oh, Tara – segredou. – Não consigo conter-me mais. Tenho de te possuir, essa tua passarinha quente está a implorar que a coma toda.

Nervosa, Tara viu-o tirar um *Durex* de uma embalagem.

– Queres-me ajudar a pô-lo? – pediu ele.

As roupas de Simon tinham sido despidas ao mesmo tempo que as de Tara, embora ela não se tivesse realmente apercebido disso. Agora, ao ver um pénis ereto pela primeira vez, sentiu-se assustada. Nunca imaginara que fosse tão grande ou tão feio, mas, depois de tudo o que ele lhe tinha feito, não podia fazer má figura agora.

– O que é que faço? – segredou.

– Acaricia-o só um bocadinho – disse ele, segurando a mão dela à volta do seu pénis. Fechou os olhos e sorriu com prazer. – É isso mesmo, sentes como quer estar dentro de ti?

Sentia sem dúvida a força nele, e sabia que não podia agora recuar. Quanto mais depressa conseguisse pôr-lhe aquele *Durex*, tanto mais depressa tudo acabaria.

Ele foi delicado com ela, pondo almofadas por baixo do seu traseiro e acariciando-a de novo antes de a penetrar lentamente.

– Pronto, não é assim tão mau como isso, pois não? – segredou, e inundou-a com beijinhos no pescoço e nos ombros. – Não tarda nada, vais adorar isto, vais vir a correr para cá sem calcinhas a implorar-me que te coma.

Só doeu por um momento, e ela não tardou a dar consigo a mover-se ao ritmo dele, esquecendo a sua apreensão.

– É como eu disse, foste feita para o amor – murmurou ele. – Oh, minha linda Tara, vamos ter muitas noites desvairadas como esta.

*

Quando a deixou na quinta, eram quase duas da madrugada.

– Espero que não estejam a pé à minha espera – disse ela nervosamente ao sair do carro. – Não consigo imaginar como explicar onde estive até esta

hora.

– Diz que foste tomar um café com alguém – sugeriu ele. – Telefona-me amanhã para me dizeres se está tudo bem.

Enquanto Tara atravessava o terreiro nas pontas dos pés, quase conseguia imaginar o seu bisavô James a sair de casa em grandes passadas com uma chibata na mão para a açoitar. A porta das traseiras ainda estava destrancada, a cozinha no escuro. A suster a respiração, fechou a porta à chave atrás de si e depois atravessou silenciosa a cozinha na direção do *hall* e das escadas.

A avó estava a ressonar alto, o que foi um alívio. É claro que a mãe poderia estar na cama acordada, à espera, mas não era tão feroz quanto a avó. No entanto, nenhuma voz baixa a chamou enquanto atravessava nas pontas dos pés o patamar e entrava no seu quarto. Não se atreveu a acender a luz; atirou o vestido para uma cadeira, vestiu a toda a pressa a camisa de noite e meteu-se na cama.

Era amor! Sabia-o com uma certeza absoluta. Simon era o homem com quem ela passaria o resto da sua vida; até mesmo a carreira com que sonhara não era tão importante quanto ele.

Percorreu o corpo com as mãos e tremeu ao recordar como ele a fizera sentir-se. Tinham feito amor uma segunda vez no quarto dele no andar de cima e dessa vez foi ainda mais doce, porque ela já perdera o medo. Ainda não compreendia bem o que Simon queria dizer quando lhe perguntou se se tinha vindo, mas ele disse que faria com que isso acontecesse na próxima vez.

Às sete e meia na noite passada era ainda uma virgem, com a cabeça cheia de ideias infantis sobre os homens e o sexo. Agora, só sete horas mais tarde, era uma mulher, e sabia tudo.

*

Tara não se poupou a esforços para agradar à mãe na manhã seguinte. Descascou as batatas, fez a massa para as panquecas, até prometeu lavar à mangueira o terreiro e a vacaria.

Quando a avó mencionou Simon, ela ficou enregelada.

– Um homem tão encantador. – A avó sorriu como se tivesse estado a pensar nele. – Espero que volte a passar por cá.

Tara teve de se conter para não se sair com o que acontecera, mas não podia. Por muito que a avó gostasse dele como homem, a cantiga seria outra se adivinhasse o que se estava a passar.

*

Ele estava a ler no jardim quando ela encostou a bicicleta à cancela da frente. O jornal de domingo quase o escondia, ali recostado numa espreguiçadeira, com os pés em cima de um banco.

– Buu! – gritou ela.

– Oh, meu doce, estava agora mesmo a sonhar contigo – disse ele, deixando cair o jornal e estendendo-lhe os braços a acolhê-la. – É a melhor surpresa que qualquer pessoa poderia dar-me.

Despiu-lhe os calções e o *top* sem mangas ainda antes de ela ter entrado em casa.

– É assim que devias andar sempre – disse, soltando-lhe o rabo-de-cavalo e passando os dedos pelo seu cabelo até lhe cair em cascata sobre os ombros. – O teu corpo é demasiado lindo para roupas.

Ela não seria capaz de descrever como ele a fazia sentir-se. Era uma delícia e um embaraço ao mesmo tempo. Mal conseguia acreditar que estava ali de pé em plena luz do dia totalmente nua com um homem que só conhecera no

dia anterior. Mas mal os seus lábios lhe tocaram os seios e os seus dedos a penetraram, todas as inibições de Tara desapareceram.

Levou-a para o quarto no andar de cima e ali, numa grande cama antiga banhada pelo sol, explorou o corpo dela com os olhos, os dedos e a língua e fê-la tremer com paixão. A maneira como ele gostava de falar sobre o corpo dela fazia-a corar, e fazia-lhe perguntas que ela mal compreendia.

– Uns seios tão grandes e lindos para alguém tão delgada – disse, sentado atrás dela e fazendo-a olhar para o espelho enquanto a acariciava. – Abre as pernas e mostra-me como te masturbas.

Ela nem sequer sabia que as raparigas podiam fazer tal coisa e a sua confissão murmurada fê-lo rir.

– Então eu mostro-te, minha querida – disse ele, beijando-a para que deixasse de corar. – Como podes esperar dizer a um homem o que te dá prazer se não descobriste por ti própria?

Lá no fundo, sentia-se suja, ali recostada contra o peito nu dele a ver os seus dedos penetrá-la, mas ao mesmo tempo era muito excitante. Parecia tão sexy, com o cabelo a cobrir-lhe os ombros, um seio a ser apertado e acariciado e os dedos finos dele a afastarem os seus pelos púbicos para revelarem a pele vermelha e brilhante dentro dela. O rosto dele por cima do ombro dela fazia-lhe bater o coração mais acelerado. Ele tinha os olhos fechados, a ponta da língua a deslizar pelos lábios, o cabelo caído sobre o seu rosto bronzeado.

Ele fez com que acontecesse com a sua língua – uma sensação tão incrível que ela pensou que ia explodir. Depois, deitou-se ao lado dela a acariciar-lhe os seios e fê-la chorar com as suas palavras ternas.

– Não deves sentir-te embaraçada – segredou ele. – Eu amo-te, e é uma expressão natural de amor. Algumas mulheres passam anos sem nunca terem um orgasmo, e depois de se saber o que faz com que aconteça é muito fácil.

Estar com Simon era navegar por mares nunca antes navegados; a maneira como ele falava, os livros que lia, a sua educação e as pessoas com quem convivia eram totalmente estranhos à maneira como Tara fora criada. Mas ela queria tanto passar a ser do seu mundo que estava disposta a fazer tudo o que ele pedisse.

Ele mostrou-lhe como se ajoelhar à sua frente e meter o seu pénis na boca, e embora sentisse nojo ao pensar nisso, queria agradar-lhe.

– Isso é maravilhoso. – Suspirou ele, a levá-la a mover a boca cada vez mais depressa até ela recear que pudesse sufocar. – Acaricia-me os tomates também, lambe-me, faz-me vir-me nessa tua boca *sexy* de menina da escola.

*

Eram quase nove horas quando ela se despediu dele.

– Quem me dera ser esse selim – disse ele, beijando-a uma última vez junto à cancela, com a mão entre as pernas dela a acariciá-la, embora ela já estivesse montada na bicicleta. – Vem amanhã depois das aulas se puderes. Traz o uniforme vestido!

Ela sentia-se tão dorida que mal conseguia pedalar na bicicleta, e tinha a certeza de que o que estivera a fazer lhe estava estampado na testa. Não era provável que a mãe e a avó não acreditassem que tinha estado em casa de Sandra, do outro lado do lago, ia lá jantar muitas vezes no verão passado, mas a mãe era muito boa a adivinhar quando se passava alguma coisa fora do usual.

*

– Tenho de voltar para Londres no domingo – disse-lhe Simon na sexta-feira à tarde. – Arranjei um papel.

Já prolongara a sua semana para dez dias, e Tara tinha a certeza de que poderia persuadi-lo a ficar pelo menos mais quatro.

Trazia vestido o uniforme da escola. Simon gostava de se sentar completamente vestido com ela ao colo e fingir que era um professor enquanto a apalpava metendo a mão nas suas calcinhas. Tara não compreendia o que ele achava *sexy* no seu odiado uniforme, mas, como teria sido difícil visitá-lo vestida com a roupa do dia a dia, a pequena predileção dele tornava as coisas mais fáceis.

– Não podes voltar já! – Agarrou-se a ele e enterrou a cabeça no seu ombro. – O que é que eu vou fazer sem ti?

– Fazes o que eu te mostrei como fazer. – Esfregou sensualmente o sexo dela e lambeu os lábios. – Vá lá, faz agora para eu ter a certeza de que sabes fazer em condições.

Mas Tara não queria voltar a jogar esse jogo, por mais prazer que lhe tivesse dado no dia anterior. Não era sexo que queria, era amor. Queria que ele dissesse que não podia viver sem ela, que casaria com ela mal a mãe dela desse o seu consentimento, que ela podia ir para Londres com ele.

– Vais-te esquecer de mim em Londres. – Começou a chorar, embora tentasse a todo o custo reprimir as lágrimas.

– Como é que te posso esquecer? – disse ele. – Vou-me lembrar dessa passarinha quente e apertada e dessas mamas grandes e firmes para sempre. Londres é onde eu ganho a vida, querida. Tenho contas para pagar.

– Posso ir contigo?

Ele enfiou a mão dentro da blusa dela e agarrou-lhe um mamilo.

– Tens de fazer os exames primeiro – disse em voz baixa. – Quando vieres trabalhar para Londres, podemos ver-nos. Vou sentir a tua falta muito mais do que tu a minha, posso-te garantir!

O instinto dizia a Tara que não devia insistir, que dar-lhe prazer sexual o prenderia mais tempo do que lágrimas e exigências.

– Mas dás-me a tua morada, para eu te poder escrever? – pediu.

– É claro que sim. – A mão dele voltou a enfiar-se nas calcinhas dela. – Mas se a queres vais ter de me mostrar o que fazem as meninas marotas quando estão sozinhas no seu quarto à noite!

*

– Mas o que é que se passa contigo? – perguntou Amy ao ver Tara à janela no domingo à tarde, a fitar a chuva. Tara só debicara o almoço e estava com uma expressão distante nos olhos e os ombros descaídos.

– Não nos importamos que vás passar o verão a Londres. – Amy pôs um braço à volta da cintura da filha e encostou a cabeça ao seu ombro. – Queremos que sejas feliz.

Tara sentiu uma pontada de culpa. Queria contar tudo à mãe, mas sabia que não podia.

*

Tinham feito amor uma última vez nessa manhã. Tara saiu na bicicleta com o pretexto de ir à procura de cogumelos. Simon deixara a porta destrancada e ela foi dar com ele ainda a dormir.

Ao olhar para ele na cama, pensou que devia ser o homem mais lindo do mundo. O seu peito nu macio estava com um bronzeado dourado e, embora os seus músculos não fossem tão bem desenvolvidos como os de Harry, os

seus ombros pareciam fortes. Mas foi no seu rosto que ela demorou o olhar. O queixo forte, com pelos dourados da barba a despontarem, aqueles lábios carnudos e sensuais que tinham explorado todas as partes do corpo dela, o nariz direito e fino e o seu cabelo. Nenhum homem devia ter cabelo como o dele, tão brilhante e sedoso, da cor de botões-de-ouro, especialmente quando as suas pestanas eram castanhas e compridas.

Depois ele abriu os olhos, pestanejou por um momento e sorriu. Ela soube então que o amaria para sempre.

Mas por agora teria de viver sem ele. Teria de recordar os seus beijos e as suas carícias. Ele tinha sorte, tinha aquelas fotografias todas que tirara dela, podia pegar nelas e desfrutar de novo de todos aqueles jogos maravilhosos a que tinham jogado quando ele a mandou posar. Ela não tinha nada que fosse dele a não ser um lenço de assoar, a sua morada e recordações lindas.

– Eu estou bem, Mãezinha. – Fez um sorriso débil. – Só estou a pensar nas revisões todas que tenho de fazer.

CAPÍTULO 14

— De quem é a carta?

— De ninguém — respondeu Tara bruscamente sem pensar.

— Não julguei que os ninguéns se dessem ao trabalho de escrever cartas — disse Amy num tom ligeiro.

Tara apercebeu-se imediatamente de que tinha cometido um erro. Embora Amy continuasse a fritar o *bacon*, sem sequer lhe passar pela cabeça que pudesse haver algo de sinistro numa carta de Londres, a cabeça da avó virou-se como uma coruja à procura da sua presa e os seus olhos brilharam.

— É só de uma rapariga que foi para lá no ano passado — mentiu Tara, desesperada. — A Sally Webster. Arranjou emprego em Londres. É melhor despachar-me, já estou atrasada.

Só tinham passado seis semanas desde que se despedira de Simon, mas dava a sensação de serem meses. Os exames tinham terminado, a escola estava prestes a fechar para as férias do verão, e esta era a carta por que ela tinha esperado.

Nunca imaginara que o primeiro amor pudesse ser tão doloroso. Todas as histórias românticas que alguma vez lera, todos os poemas, todas as canções tristes a afetavam. Pensava nele desde que acordava até que finalmente adormecia. Todos os rabiscos que fazia em papéis tinham o nome dele no seu centro. Queria fazer confidências a alguém, mas tinha receio, e torturava-se com a ideia de que ele pudesse ter outra em Londres.

Simon só lhe escrevera duas breves mensagens, a primeira a dizer que estava a ensaiar para uma nova peça de teatro no West End, a segunda que a peça estreara e só daí a algum tempo ele ficaria livre para vir até Chew Magna.

Tara fizera planos depois da primeira mensagem. Arranjou alguns trabalhos de costura e outro a lavar copos no *pub* Pelican. O dinheiro foi posto de lado, pronto para o fim do período.

Não havia tempo para ler a carta mais recente agora, especialmente com a avó a pairar por ali, a morrer por saber o que continha. Tara enfiou-a na mochila da escola, a planear lê-la no primeiro intervalo.

*

Já eram quase dez horas quando teve essa oportunidade. Tinha havido uma assembleia de alunos e professores extralonga por causa de todos os alunos que terminariam os seus estudos, e em cada minuto ela só pensou em Simon.

Subiu as escadas duas a duas para a sala da sua turma, atirou-se praticamente para a sua carteira e abriu a mochila. O envelope era azul-claro e bastante distintivo, mas na primeira vez que remexeu na mochila não conseguiu vê-lo. Despejou-a em cima da carteira e folheou todos os livros e cadernos.

– Perdeste alguma coisa? – perguntou a rapariga na carteira do lado.

– A minha carta – foi tudo o que Tara conseguiu dizer num gemido. – A minha carta!

Mas não estava ali.

Tentou recordar os seus passos. A carta poderia ter caído da sua mochila ainda em casa? O sangue gelou nas suas veias ao ter aquele pensamento. Conhecia a avó, se ela visse a carta no chão decididamente iria lê-la.

E se Simon tivesse dito alguma coisa mais picante, tivesse feito alguma referência ao tempo que passara em Stanton Drew? E se mencionasse as fotografias? Aquela ideia fê-la sentir náuseas. Nunca a deixariam ir para

Londres se soubessem do caso com Simon! Como podia ter sido tão descuidada?

Outras raparigas estavam a falar sobre uma festa do fim do período ao saírem da escola e acenaram a Tara a chamá-la, mas ela correu para o barracão das bicicletas.

Não podia ir de bicicleta, tinha de procurar a carta. Todas as sebes, todas as ervas, todos os jardins, todas as sarjetas, todos os passeios e todas as estradas foram examinados à procura do envelope azul. Mas não o encontrava! Só lhe restava rezar por que alguém tivesse pegado nele, visto a morada e voltado a metê-lo na caixa do correio da casa delas.

– Por favor, não deixeis que a minha avó o abra – implorou a Deus ao entrar com a bicicleta pela mão no terreiro da quinta. – Por favor, por favor. Eu porto-me bem daqui para a frente.

– Viu aquela minha carta? – perguntou à mãe, tão casualmente quanto possível dado o seu crescente pânico. – Devo tê-la deixado cair.

– Não. – Amy abanou a cabeça. – Não, não vi, é melhor perguntares à tua avó.

Tara foi primeiro ao andar de cima, com a esperança de que a carta pudesse estar no chão do seu quarto. Não estava, nem a camisola ou as calças de ganga que deixara ali. Alguém tinha andado a arrumar o seu quarto ou a bisbilhotar.

– Foi a Mãezinha que limpou o meu quarto? – perguntou depois de ter mudado de roupa e regressado à cozinha.

– Sim, claro que fui. E se tu pegasses na tua roupa não demorava tanto tempo.

A avó estava a ajudar Stan a mungir as vacas. Como Tara já não conseguia suportar aquele suspense, foi ter com ela.

– Olá, meu amor, vieste ajudar? – perguntou a avó. Estava sentada num banco baixo, com um fato-macaco branco de homem e a testa encostada à grande vaca frísia.

Tara gostava de mungir as vacas, mas hoje odiava tudo o que dizia respeito à quinta.

– Queria saber se pegou na minha carta? – perguntou. – Julguei que a tinha metido na mochila para a ler mais tarde, mas quando cheguei à escola não a tinha.

– Não a vi. – A avó encolheu os ombros. – Bem, eu mal estive em casa o dia todo.

Tara começou a sentir picadas de lágrimas nos olhos. Precisava das palavras de Simon, queria uma confirmação de que ele ainda gostava dela. Porque é que não lera a carta antes de sair de casa nessa manhã?

– O que é que se passa?

Tara virou a cabeça sem responder à pergunta delicada da sua avó; não conseguiria lidar com um interrogatório agora.

*

Ficou sentada em silêncio durante todo o jantar. Simplesmente não sabia o que fazer agora. Talvez ele tivesse dito que vinha cá abaixo. Podia até ter sugerido que ela fosse ter com ele. Se ao menos lhe tivesse dado o seu número de telefone.

Podia tentar pedir o número para as informações! Quase imediatamente, sentiu-se mais animada, e mal acabou de lavar a louça correu para a cabina

telefônica na rua principal.

– Pode-me dar o número de telefone de S. Wainwright, vinte e sete, Godolphin Street, Shepherd’s Bush, por favor? – pediu.

Houve um silêncio enquanto a telefonista procurava.

– Não há ninguém com esse nome nessa morada – disse ela numa voz de tédio.

– Bem, pode-me dar o número, de qualquer maneira? – perguntou Tara. – Mr. Wainwright talvez partilhe a casa com alguém.

– Os dois números dessa morada são privados – informou-a a voz. – Não posso dar-lhe nem um nem o outro.

– Mas eu tenho de o ter! É uma emergência!

– Lamento. Não temos autorização para divulgar esses números em nenhuma circunstância.

Tara pousou o auscultador com força, furiosa, abriu ao pontapé a cabina telefônica e fulminou com o olhar um homem que estava à espera.

Ainda se sentia furiosa quando chegou a casa. Respondeu torto à mãe, ignorou a avó e foi para o seu quarto sem sequer dizer boa noite.

– Aquela carta não era de uma amiga. – Mabel estremeceu ao ouvir Tara fechar a porta do quarto com um pontapé. – É de um homem!

Amy levou uma chávena de chá a Tara na manhã seguinte. Pousou-a junto à cama e abriu as cortinas.

– Acorda, minha doçura – disse. – Está uma manhã linda!

Chovera fortemente durante uma ou duas horas durante a noite, mas agora o sol despontara e tudo brilhava.

– Acho que vai estar calor outra vez. – Amy abriu a janela e debruçou-se dela. – Porque é que não vens a Wells comigo hoje em vez de ires à escola? Há aquela loja de tecidos maravilhosa junto à catedral, podíamos escolher um tecido para um vestido novo para cada uma.

Em tempos, Amy não suportava olhar por esta janela, porque voltava a viver o que Tara vira dela. Mas agora só via o prado e só recordava Paul vivo, a montar *Betsy*.

Tara sentou-se na cama sonolenta e estendeu a mão para o chá. Estava com o rosto rosado e ensonado, o seu cabelo dourado despenteado, a sua boca grande como um morango esmagado.

– Devia ir às aulas – disse melancólica. – Vamos fazer aquele concerto de fim de período hoje.

– Tinha-me esquecido disso. – Amy sentou-se na beira da cama. Estava a pé desde as cinco horas, a dar de comer às galinhas e a ajudar a mungir as vacas, e durante todo esse tempo estivera a pensar na melhor maneira de levar Tara a abrir-se. – Bem, talvez possamos fazer alguma coisa num outro dia, só nós as duas. Nunca estamos sozinhas nos últimos tempos.

Tara sentiu-se tentada a confessar tudo naquele momento. Amy não era velha e antiquada como as mães de algumas das suas amigas. Compreenderia em parte!

Mas não tudo. Não o fingimento, as mentiras. Ou que ele estivesse mais próximo em idade da mãe dela!

– Só falta uma semana para as férias – apressou-se Tara a dizer, antes que admitisse coisas que era melhor guardar para si. – Vamos a Wells nessa altura.

Tara empurrou a porta do ginásio com uma caixa de flores de papel que tinha feito nos braços.

Havia uma grande azáfama, as alunas do primeiro ano a disporem filas de cadeiras, enquanto no palco alguns dos alunos do clube de teatro estavam a colocar no chão relva artificial e outros a montarem a floresta de cartão. Miss Parks estava a martelar a música no piano, a mover os ombros magros e a cabeça ao ritmo e com os óculos a escorregarem-lhe pelo nariz.

Wendy Carter, a representante das alunas, estava a ensaiar o seu papel de Guinevere com Michael Trotter como o Rei Arthur. Pareciam e soavam ridículos. Wendy era grande e tinha ar de cavalo, com um sotaque fino, enquanto Michael era pequeno e franzino e falava num dialeto de Somerset tão carregado que soava artificial. De cada vez que ensaiavam, havia sempre alguém que não conseguia conter o riso quando tinham de se beijar. Michael mostrava-se entusiasmado, mas Wendy comportava-se como se preferisse engolir veneno.

– Estas flores são lindas. – Miss Kemp, a boémia professora de teatro, pegou numa das rosas de papel de crepe. – Suponho que foste tu que as fizeste, Tara? Têm aquele toque especial da Tara!

– A minha mãe e a minha avó ajudaram. – Tara sorriu. Miss Kemp era a sua professora favorita e, embora Tara não tivesse nenhum interesse real por fazer teatro ou cantar, ajudava no guarda-roupa e nos adereços no clube de teatro só por causa dela.

– Não sei como teríamos conseguido sem ti. – Miss Kemp suspirou. – Foi um bocado temerário escolher algo medieval. Se não tivesses tido a ideia de pintar serapilheira de prateado, os nossos cavaleiros não teriam armadura.

– Tenho a certeza de que se teria saído muito bem. – Tara sorriu timidamente, contente por ser apreciada. – É melhor eu ir vestir o meu fato.

– Onde está o teu chapéu? – Miss Kemp olhou pelo canto do olho para o saco de Tara. – Com certeza não o enfiaste aí dentro.

Tara tapou a boca com a mão. Ia usar uma touca alta e pontiaguda com uma fita de chiffon pendente, e deixara-a a adornar o seu toucador.

– Que diabo! Deixei-a no meu quarto! – exclamou.

– Então tens de ir a casa buscá-la à hora do almoço. Vai estragar completamente o efeito se uma de vós estiver vestida de maneira diferente.

*

Tara entrou no terreiro a pedalar, encostou a bicicleta à porta das traseiras e parou por um momento para recuperar o fôlego. Os únicos sons eram os do trator lá em baixo no prado onde Stan estava a cortar o feno e o arranhar das patas das galinhas nas lajes.

Sentiu vontade de vomitar ao entrar na cozinha. A avó estava a cozer peixe para os gatos e o cheiro era repelente. Tapando o nariz, correu pela cozinha, subiu as escadas e atravessou o patamar para o seu quarto.

Estacou à porta. A avó estava sentada na cama a vasculhar a mala de mão de Tara.

– O que é que está a fazer? – conseguiu dizer Tara. – Porque é que está a remexer na minha mala de mão? – Mas ao falar, adivinhou! As duas primeiras mensagens de Simon estavam no regaço da avó.

– Este Simon é o ator que eu conheci?

Tara olhou para a sua avó e naquele momento odiou-a – pela sua idade, as suas rugas, o seu sarcasmo e por meter o nariz onde não era chamada.

– O que é que isso tem a ver consigo? – Tara correu para ela, pegou nas suas coisas e voltou a enfiá-las na mala de mão. – Como é que pôde mexer nas minhas coisas?

– Ainda bem que o fiz, não achas? – A avó comprimiu os lábios como fazia sempre que pensava que tinha razão. – Ele tem idade para ser teu pai! É bom que me expliques o que ele quer dizer com «a minha *sexy* menina da escola»! Estás grávida, Tara? Foi por isso que ficaste tão perturbada ontem quando não conseguias encontrar aquela carta?

– Deixe-me em paz! – gritou Tara. – Não admira que a minha mãe lhe tenha fugido! Quer saber tudo, controlar toda a gente e não se importa de como o faz. Detesto-a!

– Bem, isso é muito simpático, depois de tudo o que fiz por ti! – A avó levantou-se da cama de mão erguida como se fosse bater a Tara. Era intimidativa quando ficava zangada, mas Tara não estava disposta a ceder.

– Não me ponha um dedo em cima – avisou Tara, a recuar. – Eu não sou como a minha mãe. Eu pago-lhe na mesma moeda.

O cheiro a peixe que subia pelas escadas tinha agora algo de diferente. A avó parou por um momento, farejou o ar e depois voltou a olhar para Tara, o seu rosto como uma pedra.

– Eu já trato de ti – disse. – Aquele peixe está a queimar.

Tara esperou até ela chegar ao andar de baixo e depois correu para o quarto da sua avó.

– Ela devia ter aquela carta – murmurou Tara, a examinar o toucador com as suas escovas de cabo prateado, a grande cama com entalhes, as mesas de cabeceira e até a estante.

Era agora evidente para Tara. A avó tinha encontrado a carta e havia algo nela que lhe despertara suspeitas. Talvez a mãe estivesse a par daquilo também. Seria por isso que sugerira irem a Wells hoje, para dar tempo à avó a procurar mais provas? Talvez Simon tivesse dito alguma coisa sobre as fotografias! E se tivesse metido uma no envelope?

Não conseguiu encontrar a carta. Em pânico, voltou a correr para o quarto, com o coração a bater-lhe acelerado. Não ia ficar aqui para ser castigada; fugiria agora para Londres.

Um carro entrou no terreiro quando ela estava a pegar em algumas roupas e a enfiá-las numa mochila. Ouvia a voz de Greg Masterton pela janela aberta.

– Como está, Mrs. Randall? Que cheiro horrível é esse? – Soava como se estivesse a apertar o nariz. – Onde é que está a Amy? Ou é ela que a senhora está a cozinhar?

Em qualquer outro momento, Tara ter-se-ia rido. Greg Masterton dizia sempre piadas a insinuar que Mabel era uma bruxa, mas hoje estava demasiado perto da verdade. A toda a pressa, Tara despiu o uniforme da escola e vestiu umas calças de ganga e uma camisa.

Greg viera obviamente para ver Amy, mas agora estava polidamente a encaminhar-se para o prado de baixo com a avó para irem ver qualquer coisa. Era uma oportunidade única. Se fugisse agora, podia estar bem longe da vila antes de a avó se aperceber de que ela tinha partido.

Com o conteúdo do seu mealheiro metido na carteira, as mensagens de Simon, o seu livro de endereços, os produtos de maquilhagem e a escova do cabelo na mala de mão, estava pronta. Ao descer para o *hall*, ouviu a voz da sua avó de regresso ao terreiro. Estava a oferecer uma bebida a Greg e a dizer-lhe que Amy regressaria no autocarro das cinco.

Tara olhou à sua volta, alarmada. Não valia a pena tentar a porta da frente, tinha demasiados ferrolhos. Mas ao ouvir os pés da avó no capacho de metal junto à porta das traseiras, reparou que a janela da sala de estar estava aberta de par em par! Saiu por ela mais rápida do que uma lebre com os cães a persegui-la, atravessou o relvado da frente, desceu o pequeno caminho de tijoleira e chegou à estrada.

A peça de teatro da escola, a sua mãe, tudo ficou esquecido enquanto subia a estrada a toda a velocidade, com a mochila a bater no seu ombro, para cima e para baixo.

A rua principal estava deserta, as lojas fechadas para o almoço. Mr. Hewish ia a entrar no *pub* Pelican, mas não a viu a subir disparada a rua como uma flecha e a dobrar a esquina da loja das doçarias na direção da estrada para Bristol. Tinha percorrido uns duzentos metros quando ouviu um camião a aproximar-se por trás de si, e foi um puro impulso que a levou a estender o polegar a pedir boleia.

O guinchar dos travões surpreendeu-a, não esperara realmente que parasse. Mas correu para o camião e olhou para cima, para o homem na cabina. Era de meia-idade, com um rosto gordo e jovial, e parecia paternal.

– Para onde vais, minha joia? – perguntou, com sotaque de Birmingham.

– Para Bristol? – disse ela, esperançada.

– Entra lá. – Sorriu bem-disposto. – Espero que saibas o caminho, porque estou perdido.

Ela não confessou que estava a fugir de casa, fingindo antes que simplesmente perdera o autocarro. Ele acabara de entregar a carga de fertilizantes numa quinta e o ruído do atrelado vazio abafava qualquer conversa em condições. Tara perguntou-se quanto tempo passaria até a avó se

aperceber de que ela tinha fugido. Greg iria de carro à estação para tentar impedi-la?

– Seria fácil apanhar uma boleia até Londres? – perguntou ela ao homem. – Acho que também perdi o comboio.

– Com certeza. Costumo tomar um chá num café de motoristas. Arranjo-te uma boleia de lá.

*

Já passava das sete horas quando por fim chegou a Godolphin Road, em Shepherd's Bush, e o coração caiu-lhe aos pés calçados com alpergatas.

O seu primeiro vislumbre real de Londres quando o camionista a deixou em Hammersmith entusiasmara-a; o ruído, o trânsito, as lojas e os cafés eram incrivelmente empolgantes. Mas Shepherd's Bush era tão sórdido como Whitechapel fora, e esta rua em particular era horrenda. Era ladeada por árvores, mas as folhas estavam cheias de poeira e havia caixotes do lixo a transbordar à porta de quase todas as casas degradadas. Um cheiro a esgotos e a caril pungente enchia-lhe as narinas, um grupo de crianças negras estava a brincar na sarjeta e mais abaixo um velho bêbedo estava sentado num muro a beber de uma garrafa.

A canção de Adam Faith, *What do you want if you don't want money* soava aos berros de uma casa com vidraças partidas. Na casa ao lado, duas mulheres com um ar ordinário estavam sentadas nos degraus a mexericar. Pararam de falar para a olhar fixamente quando ela passou. Tara esperara grandiosidade; blocos de apartamentos modernos ou pelo menos casas elegantes. Não contara voltar a mergulhar na sua infância.

*

O número vinte e sete era ligeiramente melhor. Os degraus até à porta azul não tinham lixo, e as cortinas de renda estavam limpas, embora a pedra da fachada estivesse a esboroar-se.

Havia três campainhas, mas nenhuma delas para Wainwright. Tara premiu a de baixo, a fazer figas. Ouviu a campainha à distância, mas ninguém atendeu.

Tentou a seguinte, com o nome «Nichols». Inundou-a uma onda de pânico. Não lhe ocorrera que talvez ele estivesse fora de casa ou até ausente por algum tempo. O que faria se não tivesse resposta? Não podia voltar para casa nem que quisesse, e onde dormiria?

Mas ouviu passos nesse momento. Sentindo-se percorrida por uma forte esperança, acamou o cabelo, passou um dedo pelos dentes e desejou ter vestido algo mais bonito do que calças de ganga. A porta foi aberta por um jovem com um ar vagamente oriental, com olhos amendoados e cabelo preto como azeviche. Era mais magro e mais baixo do que ela, e vestia uma camisa cor-de-rosa e umas calças de ganga brancas.

– Desculpe vir incomodá-lo – disse ela. – Estou à procura do Simon Wainwright. O nome dele não está em nenhuma das campainhas.

– Isso é porque ele não vive aqui. – O homem tinha uma maneira afetada de falar, inflou as narinas delicadas e parecia zangado.

– Mas ele deu-me esta morada. – O coração de Tara começou a bater com força.

– Bem, ele fica aqui. – O homem falou muito deliberadamente, como se estivesse a pensar em cada palavras. – Só que não é a casa dele. De qualquer maneira, não está cá neste momento.

– É claro, a peça de teatro! – Não pensara nisso, mas ele devia trabalhar todas as noites. – Oh, meu Deus, esqueci-me do trabalho dele.

O homem soltou um suspiro fundo. Ficou em silêncio por uns momentos, limitando-se a olhar para ela como se sentisse vontade de lhe fechar a porta na cara.

– Posso esperar por ele aqui? – perguntou Tara numa voz débil. – Não tenho para onde ir.

Ele olhou-a de alto a baixo e sorriu trocista.

– Pode vir esperar em minha casa. Eu tento contactá-lo, mas, se não conseguir, vai ter de se ir embora. Ele nem sempre fica cá, está a ver?

Apesar de se sentir ligeiramente aliviada quando o homem a conduziu para o seu apartamento, Tara sentiu que se passava algo de estranho. Poderia ser a casa de outra namorada? E se Simon fosse casado?

O jovem levou-a para uma divisão grande na parte de trás da casa no primeiro andar. Era um estúdio, com a parte da cozinha parcialmente ocultada por prateleiras onde estava disposta uma coleção de frascos antigos de medicamentos. A divisão tinha um ar alegre e artístico.

– Vou só telefonar – disse ele, pegando num molho de chaves. – Sente-se.

Tara seguiu-o com o olhar. Ele subiu de novo as escadas e ela ouviu-o abrir uma porta. Daí a momentos, ouviu o murmúrio de uma conversa e depois o som do auscultador a ser pousado e da porta a ser fechada à chave.

– Deixei recado para ele telefonar – disse o homem ao regressar, atravessando a sala para ligar a televisão sem olhar para Tara. Ela pressentia que ele não queria conversar, que de facto a presença dela o incomodava.

– Desculpe se estou a ser um incómodo – disse em voz baixa. Pensou se se atreveria a perguntar-lhe porque é que, se ele tinha as chaves, ela não podia ir esperar por Simon no apartamento e, na verdade, quem era de facto o seu proprietário.

Ele desviou os olhos da televisão e lançou-lhe um frio olhar demorado, mas não disse nada.

Deu-lhe a sensação de esperar horas a fio, durante o programa *Take your Pick* e depois um documentário sobre focas. Tara deixou-se ficar sentada muito direita na única cadeira digna desse nome, e o homem ficou sentado na cama a olhar atentamente para o ecrã. Ela estava com fome e com sede, mas ele nem sequer lhe ofereceu uma chávena de chá.

Pouco depois das nove, a porta da rua a abrir-se lá em baixo fez o homem levantar-se de um salto.

– Vou só ver quem é! – Deu a entender que ela devia ficar onde estava.

Mal Tara ouviu a voz grossa de Simon correu para o patamar e olhou para baixo.

Nas últimas semanas, perguntara-se com frequência se ele seria realmente tão bonito quanto ela recordava. Mas aquele primeiro vislumbre confirmou que não tinha exagerado nada.

Ele olhou para cima enquanto o jovem explicava algo à pressa e, em vez do arquejo de encanto esperado ao vê-la, a sua expressão fez congelar o sangue de Tara nas veias. Os seus lábios estavam fechados e reprovadores, os seus olhos castanhos frios.

– Por que carga de água vieste? – resmungou-lhe. O pior era que não estava só. Ao seu lado encontrava-se uma mulher elegante de cabelo preto a rondar os quarenta e com um traje branco chique.

– Desculpa. – Tara sentia as lágrimas a picarem-lhe os olhos. – Perdi a tua carta... – Parou de falar, consciente de que tanto o jovem como a mulher estavam a fitá-la com desprezo. – Posso falar contigo a sós?

Houve uma espécie de aceno de conspiração entre os três e depois Simon subiu as escadas, pegou-lhe no braço e conduziu-a por mais um lanço de escadas acima.

– Desculpa, Simon. Não devia ter vindo – disse, seguindo aquelas palavras com um resumo atabalhoado de todos os acontecimentos desde que perdera a carta dele. – Não queria ser um incómodo. Eu ia vir para Londres, de qualquer maneira. Eu arranjo um emprego e um apartamento.

Não houve nenhum esboço de um sorriso, nenhuma palavra a tranquilizá-la.

– Eu expliquei-me quando escrevi. – Puxou-a para uma divisão enorme que ocupava o último andar da casa. – Disse que teria todo o gosto em te ver se viesses para Londres, mas este apartamento não é meu e por conseguinte não podia albergar-te aqui.

Os acontecimentos do longo dia, a receção nada calorosa de Simon e a presença daquela mulher eram demasiado, e as lágrimas que Tara tanto tentara conter correram-lhe finalmente dos olhos.

– Eu vou embora – disse, a fungar. – Dá-me só um momento para pensar no assunto.

Queria atirar-se para os braços dele, dizer-lhe como a separação tinha sido uma agonia. Mas os seus olhos mostravam irritação, não amor.

– Não sejas tonta – disse ele rispidamente, afastando-se dela e abrindo uma janela. – Podes ficar cá esta noite, mas temos de resolver a situação amanhã.

Disse algo sobre ir lá abaixo ter com a mulher, que tinha a ver com o seu trabalho, sugeriu que Tara fizesse um chá e disse que voltaria.

*

Tara só sentia vontade de se deitar e chorar. Todas aquelas semanas não pensara em mais nada a não ser em ver Simon de novo, e agora parecia que tinha interpretado tudo mal. Ele não fizera nenhuma tentativa de a beijar, e nem sequer tentara reconfortá-la quando ela começou a chorar. Quem era aquela mulher? E porque é que o outro homem se mostrava tão hostil?

Olhou à volta da divisão e o seu olhar foi atraído por uma imagem de uma criança pousada na secretária, um retrato a preto e branco em cima de um dossiê. Mostrava um menino nu com cerca de dez anos apanhado aos gritinhos nos borrifos de uma mangueira de jardim. Era louro, muito bonito para rapaz, e ela perguntou-se se seria filho de Simon. Tara pegou na fotografia, pensativa. Talvez fosse por isso que ele se mostrara tão estranho – era casado e tinha filhos e não queria que ninguém descobrisse que tivera um caso com uma rapariga de dezasseis anos!

Abrir o dossiê nem sequer foi um ato motivado por real curiosidade, simplesmente estava ali, mas, quando abriu a capa azul dura, apanhou um choque. Estava cheio de imagens de rapazes nus, algumas, como a fotografia solta, tiradas num jardim, outras na banheira e no chuveiro, outras ainda em camas e sofás. O som de pés nas escadas fê-la fechar o dossiê rapidamente e afastar-se.

Simon desarmou-a ao entrar a sorrir, com os braços estendidos para ela.

– Vem-me dar um beijo! Desculpa não te ter recebido melhor, mas tinha muito em que pensar.

Parecia outra vez o Simon dela, com uma expressão calorosa nos olhos. Mas ela ainda estava ressentida com a rejeição embaraçosa.

– Para onde foi aquela senhora? – perguntou timidamente.

– Para casa. É a Alice Kennedy, que dirige a minha agência. Tive uma conversa com ela, expliquei a situação e ela foi-se embora.

– A agência? – Ela não se lembrava de ele alguma vez mencionar um negócio.

– De pequenos atores. – Franziu a testa e acenou com a mão como se o assunto não fosse importante. – O Quentin, lá de baixo, também trabalha para mim. Espero que não tenha sido rude contigo, ele pode ser um bocado hostil quando se sente ameaçado.

– Ameaçado? – Tara sabia que soava como um papagaio, mas sentia-se muito perplexa.

– Fica nervoso com as raparigas, especialmente as que são tão bonitas como tu. Pensa que pode perder o emprego.

Só foram precisos alguns beijos, uma chávena de chá e uma sandes de carne de vaca para Tara esquecer as suas dúvidas. Simon explicou que dirigia uma agência de teatro especializada em crianças. Alice Kennedy trabalhava naquele apartamento, que era propriedade de outro sócio. Simon disse que se tinha recentemente mudado de um apartamento, a razão para ter passado uns tempos no Somerset. Desde então, como ainda não conseguira arranjar uma casa permanente, dormia ali.

– Isso explica porque é que não podes ficar comigo? – perguntou. – Estás a ver, eu sou responsável por muitas crianças. Se os pais de uma delas me vissem contigo, poderiam pensar o pior. Compreendes, não compreendes?

Ele continuava a não ser bem como era no Somerset. Talvez fosse porque ela o apanhara desprevenido. Ou seria porque ela estava com um ar desleixado e sujo? Demasiado nova, demasiado moça do campo?

– Mas eu não sou uma criança. Tenho dezasseis anos – disse, indignada.

– Isso é ser criança, para pessoas maldosas – insistiu ele. – Tenho de estar acima de qualquer suspeita, percebes?

Suguiu levá-la no dia seguinte para uma casa sua conhecida em Highgate, onde havia muitas raparigas da idade dela. Também sugeriu que ela dormisse num quarto que estava livre no andar de baixo ao lado do de Quentin.

– Quero-te na minha cama, na realidade – disse, acariciando-lhe os seios. – Mas deixarmo-nos levar agora podia dar cabo de tudo.

Embora ficasse triste, Tara via que tudo o que ele dizia fazia sentido. Falou em levá-la a passar um fim de semana algures, para a amar onde ninguém os conhecesse, e como seria divertido guardar segredo.

– Aposto que consigo arranjar-te trabalho como modelo – acrescentou. – Daqui a nada, vais ter posses para arrendar um apartamento num sítio mesmo chique, mas por esta noite é o quarto lá em baixo.

Era um quarto minúsculo, só com uma cama de solteiro, uma cómoda e um guarda-fatos, mas Tara sentia-se tão exausta por causa dos acontecimentos desse dia que adormeceu imediatamente.

*

Quando acordou, por um segundo não soube onde se encontrava, mas logo de seguida os sons de Londres tranquilizaram-na. Era tudo tão familiar, os sons que ouvira todos os dias até aos doze anos – o zunido distante do trânsito, o tilintar da carrinha do leite, ténues vozes da BBC a lerem as notícias numa direção, música a vir de outra.

Isto era o que ela queria! Nada de prados, de vacas e da velha *Betsy*. Tinha dezasseis anos, queria divertir-se, ser ousada. Poderia ficar no Somerset até aos noventa anos sem nunca ver metade do que veria aqui numa semana.

A sua excitação aumentou ao pensar no dia à sua frente. Tinha lido sobre as boutiques que andavam a aparecer por toda a parte; ia procurá-las, ver se alguma delas queria uma funcionária que soubesse costurar e fazer modelos bem como servir as pessoas. Simon ficaria impressionado se ela arranjasse emprego imediatamente.

Tomou um duche numa casa de banho minúscula que encontrou em frente ao seu quarto e vestiu um vestido verde-maçã com uma gola comprida e caída, a única coisa na sua mochila adequada a ir à procura de emprego. Escovou o cabelo, prendeu-o numa banana, porque a fazia parecer mais velha, e depois maquillou-se.

O vestido precisava de ser passado a ferro! Por muito que tentasse alisar as rugas, continuava com um ar engelhado. O seu plano era esgueirar-se sem ser vista, deixando uma mensagem para Simon a explicar o que ia fazer e que regressaria por volta das cinco da tarde. Dessa maneira, esperava que ele ficasse tão tocado com a sua independência de adulta que pensaria duas vezes em a levar para Highgate. Mas não podia sair de casa com o vestido assim tão engelhado.

Ouvir o som do rádio que vinha do apartamento de Simon era um bom sinal, pelo menos significava que ele estava acordado. Bateu à porta. Como não ouviu nenhuma voz lá de dentro, nenhum som de passos, pôs a mão no puxador e, para sua surpresa, ele girou.

– Simon! – chamou timidamente, espreitando pela porta.

A cama por baixo da janela estava vazia, as roupas amarrotadas atiradas para trás, e ouviu o som do chuveiro a vir do seu lado esquerdo juntamente com a música. Tara soltou uma risadinha ao entrar. Elvis Presley estava a cantar a plenos pulmões *Teddy Bear*, e ela imaginou Simon a imitar o cantor no duche.

Hesitou à porta da casa de banho. Estava entreaberta e saía vapor pela fresta. Na casa em Stanton Drew, tinham passado momentos maravilhosos no duche, e Tara pensou se poderia ir-se juntar a ele. A imaginá-lo a puxá-la para o chuveiro com ele, tirou o vestido e a roupa interior e foi nas pontas dos pés para a casa de banho.

A música mudou para *Anyone who had a heart* cantada por Cilla Black. Tara mordeu os lábios para não se rir. Empurrou a porta, estendeu a mão para chegar à cortina do chuveiro e depois com um movimento rápido puxou-a.

Mas Simon não estava só sob o jato de água. Quentin estava com ele.

Tara arquejou horrorizada. Embora os dois homens se afastassem um do outro com um salto quando a ouviram, as suas ereções tornavam óbvio o que tinham estado a fazer.

Por um segundo, Tara ficou paralisada. Apercebeu-se do pénis comprido, fino e com a ponta roxa de Quentin, da marca vermelha de mãos nas nádegas quando ele tentou proteger-se do olhar dela. Simon estava de boca aberta, e claramente o choque foi quanto bastou para perder a excitação, com o seu pénis a mirrar diante dos olhos dela.

As imagens dos meninos nus, o significado do que surpreendera e a sua própria nudez fizeram-na recuar horrorizada, a tapar o corpo.

– Como pudeste? – disse numa voz débil e entrecortada.

– Estava tudo bem quando ele te andava a comer, então? – A voz estridente de Quentin estava carregada de despeito.

Sentia um marulhar nos ouvidos e os seus olhos estavam cegos com as lágrimas, mas de algum modo conseguiu pegar nas roupas e na mochila. Correu pelas escadas abaixo, a vestir-se enquanto descia.

Ao chegar ao *hall*, uma mulher jovem estava a abrir a porta da rua com uma chave, e ficou claro que vivia no rés do chão.

– Sabe o que é que se passa lá em cima? – disse Tara a soluçar, acenando com a cabeça para o andar de cima enquanto tentava puxar o fecho do vestido. – Sabe os perversos que eles são?

A rapariga encolheu os ombros, parecendo nervosa, como se Tara fosse uma doida que tivesse fugido do manicómio.

– São maricas! Devia chamar a polícia, eles precisam de ir presos!

*

«Maricas»! A palavra andava-lhe às voltas na cabeça como uma espécie de palavra-passe louca enquanto corria a toda a velocidade pela Goldhawk Road abaixo na direção do Metro.

Havia pessoas a descerem a rua, mas ela mal reparava nos seus olhares de curiosidade.

Como é que Simon podia ser assim? Como é que um homem que parecia venerar o corpo feminino, que adorara olhar para ela nua, poderia alguma vez fazer amor com outro homem?

Enquanto subia às cegas os degraus íngremes para a linha do metropolitano, Tara tomou consciência de que precisava de ajuda. Já se sentira assim antes, quando Paul morreu: as mesmas terríveis tremuras, a

necessidade de que alguém a abraçasse e a reconfortasse. Mas, a quem poderia recorrer?

Quando uma criança morre, todo o mundo se compadece, mas como poderia esperar que alguém compreendesse a sensação que dava não só descobrir que o seu amante lhe era infiel, mas que o era com um homem?

Na plataforma, apercebeu-se de que nem sequer sabia para onde ia esta linha, nem sequer comprara bilhete. Atirou-se para um banco e desatou a soluçar, mal vendo as dúzias de pessoas à sua volta.

Uma sensação de sujidade alastrou pela sua pele, uma náusea cravou-se no seu estômago. Se fechasse os olhos, via os dois homens no duche. Mas, por mais repelente que fosse aquela imagem, havia outra muito pior. Aqueles meninos naquele álbum! Quem seriam? Porque é que Simon tinha fotografias daquelas? Todas as mães têm fotografias dos seus filhos nus, mas um homem de negócios com elas num dossiê?

Tinha de contar a alguém. Mas a quem?

Não podia contar à avó ou à mãe. Nem a ninguém no Somerset. Só restavam o Tio George e o Harry. Ao George não. Vieram-lhe de novo as lágrimas aos olhos ao imaginar a perturbação no seu grande rosto corado.

O Harry!

Foram as pessoas a caminho do trabalho que a fizeram recompor-se. Empregadas de escritório de saltos altos e vestidos de verão olhavam-na com curiosidade. Mulheres mais velhas observavam-na como se a qualquer momento pudessem dirigir-lhe a palavra. Levantou-se e caminhou ao longo da plataforma, a limpar os olhos e a tentar a custo controlar-se.

*

Era como se os anos não tivessem passado quando saiu da estação de Whitechapel para a luz do sol. Os ruídos eram os mesmos, a algazarra incessante de pessoas aos berros, autocarros e camiões a passar, crianças a clamar por atenção enquanto as suas mães as arrastavam para o mercado.

Estava um grupo de rapazes à esquina, tal como sempre. Eram *Teddy boys* antes, com poupas com brilhantina, sapatos de solas grossas e casacos compridos. Os rapazes de hoje eram *mods*, com cortes de cabelo curtos à colegial e fatos de mohair. Havia um par de lambretas estacionado ali perto.

George estava na sua banca do mercado. A multidão ocultava-o, mas ela ouvia a sua voz. Queenie estava com ele; Tara vislumbrou os seus caracóis de um louro platinado e ouviu aquele seu riso contagiante.

Atravessou para o outro lado da rua larga e foi engrossar a multidão. Não queria que George a avistasse agora. Harry não se encontrava com eles, portanto o mais certo era estar no ginásio Tod's Gym, a umas portas abaixo do apartamento onde ela vivera em tempos.

As coisas tinham mudado. Havia muitas mais pessoas negras, e indianos também. A que fora em tempos a loja das tartes de enguias vendia agora tecidos para saris, e o edifício degradado do Pavilion Theatre na esquina da Valance Road fora finalmente demolido.

A loja de peixe frito com batatas fritas de Sid chamava-se agora The Swinging Plaice. O seu interior estava forrado a azulejos do chão ao teto e tinha fritadeiras novas na parte de trás e mesas e cadeiras instaladas para cerca de quarenta clientes.

A porta que em tempos dera para a sua casa fora substituída. Estava pintada de um vermelho vivo, com meio vidro e até um daqueles interphones

sofisticados. Tara hesitou junto a ela. Ainda cheiraria mal? Os seus novos inquilinos teriam instalado uma casa de banho e alcatifado as escadas?

O Tod's Gym não beneficiara de renovações como essas; parecia até ainda mais degradado. A porta estava aberta e via-se bem que as escadas estreitas e íngremes em frente a ela raramente eram varridas, muito menos lavadas.

Um homem com uma *t-shirt* sem mangas e calções cinzentos vinha a descer as escadas. Parecia um pugilista que fosse dar uma corrida, musculoso, de nariz esborrachado e com um ar agressivo. Mas sorriu-lhe calorosamente, com os seus olhos de um castanho pálido a passarem-lhe pelo rosto e pelo corpo.

– Procuras alguém? – perguntou.

– O Harry Collins está aí dentro? – Corou sob o olhar do homem, terrivelmente consciente do seu vestido engelhado.

– É, está. Sobe.

Ela hesitou, com receio de entrar naquele domínio masculino.

– Vai lá, minha joia. – Sorriu e inclinou a cabeça na direção das escadas. – Eu não me importava que me interrompesses o treino.

Tara inspirou fundo e subiu as escadas de madeira. Ouvia baques, grunhidos e um homem a berrar o que soava como insultos.

O ginásio era muito maior do que ela esperava; claramente, abrangia mais do que uma loja. Equipamento com um ar estranho ocupava o chão à sua direita, à sua esquerda um grupo de homens estava a levantar pesos, e à sua frente havia um ringue de boxe. Um homem estava deitado de costas bastante perto dela, a empurrar os pés contra uma plataforma de aço que subia e descia com os seus esforços grunhidos. Virou ligeiramente a cabeça, com o suor a escorrer-lhe pelas faces.

– Qu’ é que queres, qu’ rida?

– Estou à procura do Harry Collins – disse ela.

– ‘Tá lá p’ra trás. – Apontou para o ringue de boxe.

Ela avançou por entre homens a levantarem pesos, a fazerem flexões e abdominais. O cheiro a suor dava-lhe vómitos, e tinha consciência de que todos os homens estavam a olhar para ela.

Harry estava a praticar com um saco de boxe, cabeça encolhida para a frente, punhos a dispararem alternadamente, a bater no saco como se o odiasse.

– Harry – disse ela, hesitante.

Ele lançou um olhar para o lado, ainda a bater no saco, mas parou mal a viu.

– Tara!

Não parecia tão bonito como ela o recordava, mas estava duas vezes mais forte. O seu peito nu brilhava com suor, o seu cabelo preto quase colado à cabeça; até mesmo os calções cinzentos que trazia tinham enormes manchas húmidas, o que a fez sentir-se vagamente embaraçada.

– Minha doçura! – Encaminhou-se para ela de braços estendidos, mas parou a um passo, a olhar para as suas luvas do boxe.

– Não te posso dar um abraço – disse com um sorriso. – Não assim!

Tara sorriu debilmente, a agarrar a alça da sua mochila e mudando o peso do corpo de um pé para o outro.

– Posso falar contigo algures? Aconteceu uma coisa horrível e não sei o que hei de fazer.

Harry olhou por cima do ombro, se para olhar para um relógio, procurar alguém ou só verificar quem estava a olhar para eles Tara não saberia dizer.

– Sim, claro, minha doçura. Dá-me dez minutos para tomar um duche. Vai indo para a banca do mercado.

– Não. – Abanou a cabeça vivamente. – Não quero ver o tio George. Espero num café ou nalgum sítio.

Harry franziu a testa, os seus olhos de um azul tão escuro que pareciam quase pretos.

– OK. – Olhou de novo à sua volta. – O Black and White fica a uns duzentos metros naquela direção. – Apontou para Stepney.

– O Black and White – repetiu ela, a recuar. – Desculpa vir-te incomodar.

– Eu demoro o mínimo que possa. – Encaminhou-se para a porta de um vestiário. – Uns dez minutos!

Quando ela era pequena, as lojas da Mile End Road pareciam-lhe maravilhosas. Mas agora via as fachadas por pintar e as montras sujas e corava ao ver alguns dos produtos expostos. A loja de lingerie com a sua coleção de roupa interior vermelha e preta, o anúncio a *Durex* na barbearia. Até o quiosque dos jornais tinha expostas muitas mais revistas com modelos seminus do que revistas de tricô. O mundo todo teria ficado louco por sexo ou será que ela não tinha reparado antes?

Harry levou-a para uma mesa separada na parte de trás do café e sentou-se em frente a ela.

Cheirava a sabonete e o seu cabelo ainda estava molhado, penteado para trás, preto como a asa de um corvo. Ela estava pouco disposta a admirar qualquer homem por agora, mas mesmo assim o seu puro magnetismo animal era difícil de ignorar.

– Vá lá, então. Deita cá p’ra fora! – A voz dele era meiga, mas havia algo nela que exigia que Tara contasse toda a verdade. O seu rosto angular estava mais cheio e maduro desde a última vez que o vira.

– Oh, Harry. – Baixou a cabeça. – Sabes, conheci um homem e...

Harry ouviu-a sem a interromper. Mandou vir dois chás, salsichas, ovos e batatas fritas e pô-los em frente a ela sem perturbar o fluxo das suas palavras.

– Ele é maricas – disse ela a rematar. – Maricas!

Harry pegou na sua mão por cima da mesa e apertou-lha. Sabia que ela não lhe contara toda a história. Falara de «tomar café» na casa dele como se tivesse sido um romance inocente com um rapaz da idade dela, mas o facto de ter compreendido o que os dois homens estavam a fazer provou a Harry que a relação dela tinha sido sexual.

– Foste uma verdadeira tonta.

Tara arregalou os olhos ao ouvir o seu tom duro.

– Pensei que me ias compreender – gaguejou.

– Ai pensaste? – Harry franziu a testa e apertou-lhe ainda mais a mão. – Bem, na minha opinião tiveste sorte por só teres *visto* uma coisa desagradável. No que é que estavas a pensar ao ter uma cena com um homem da idade dele? Consegues imaginar como se sentiu a tua mãe ao descobrir que fugiste de casa?

– Ela entrou em contacto com vocês?

Tara sentiu o coração cair-lhe aos pés. Não pensara na sua mãe, mas é claro que Amy teria telefonado imediatamente a George. E Harry deixara-se ficar ali sentado a ouvi-la sem mencionar que já sabia que ela tinha fugido de casa.

– Telefonou mal descobriu que não estavas em casa – disse Harry. – Infelizmente, a Mabel não se conseguia lembrar da morada nas cartas do tipo, caso contrário eu e o meu pai tínhamos ido lá logo ontem à noite.

– Tu não compreendes. – As lágrimas deslizavam-lhe pelas faces. – Eu apaixonei-me por ele, Harry. Pensei que era maravilhoso, e ia contar à minha mãe em breve. Mas a avó estragou tudo, pôs-se a meter o nariz onde não era chamada e eu entrei em pânico. Nada disto foi planeado ou coisa do género.

Harry viu a desolação nos olhos de Tara, adivinhou a sua dor interior.

– ‘Tás grávida? Quando é que tiveste o último período?

Tara ficou vermelha com o embaraço.

– Não serve de nada pores-te toda tímida. – Encolheu os ombros. – Se achas que já tens idade para fazer sexo, Tara, já tens idade para considerar as consequências.

Por um momento, ela sentiu-se tentada a negar que as coisas tivessem ido assim tão longe, mas via nos seus olhos que ele sabia.

– Não estou habituada a que os homens me perguntem coisas dessas.

– Foi um homem que te meteu nisto, lembras-te? Optaste por vir a correr para mim em vez de para a Queenie, a tua mãe ou até mesmo o meu pai. Portanto, acho que isso me põe numa posição em que tenho de perguntar. Vá lá, deixa-te de evasões.

– Há duas semanas, desde a última vez que dormi com o Simon, por isso não estou grávida – ripostou ela, lançando a cabeça para trás.

– Bem, isso é um alívio. – Harry sorriu e deu-lhe uma palmadinha de encorajamento na mão. – Agora, primeiro temos de telefonar à tua mãe para

ela deixar de se preocupar, depois dizemos também ao George que estás em segurança.

– Eu não vou para casa. – Tara ripostou, assustada.

– Falamos sobre isso mais tarde – disse ele.

– Tive um grande desgosto – murmurou ela. – Falas como se achasses que não me aconteceu nada. Eu estou a sofrer.

Harry engoliu em seco. Quando ficou a saber no dia anterior que ela tinha fugido com um tipo sentira impulsos assassinos; a imagem de Tara na sua mente fora a de uma menina doce e inocente. Porém, quando ela entrou no ginásio, ficou estonteado com a sua beleza de adulta, apesar dos olhos vermelhos, do rímel nas faces e do vestido amarrotado. Inclinou-se sobre a mesa e pôs as suas grandes mãos nos braços dela.

– Eu sei, qu’rida. O primeiro amor é doloroso e não há nada que o cure a não ser o tempo. Não debes matutar no que viste. E não debes começar a pensar que todos os homens são iguais. Há dúzias de homens à tua espera por aí. ‘Inda tens que te divertir muito antes de precisares de levar a sério alguém. Um dia vais conhecer o homem certo e vai ser mágico, vais ver. Mas até lá, diverte-te.

– Quero ficar em Londres, Harry. – Olhou para o seu rosto bonito e recordou-se da paixoneta que tivera por ele. – Se contarmos tudo à minha mãe ela não me vai deixar. Não podemos, tipo, contar uma versão?

Harry sorriu e abanou a cabeça lentamente.

– Ela sabe que tu fizeste sexo com o tipo. É um grande choque para uma mãe. – Acenou-lhe com um dedo reprovador. – Mas acho que não há nada a ganhar em lhe contar que ele também gosta de rapazes. Podes só dizer que ele tinha outra miúda.

– E aquelas crianças no dossiê dele? – Tara estremeceu, a odiar Simon. – Contamos à polícia?

– Deixa esse verme a meu cargo. Eu trato dele, não te preocupes.

– A Queenie não se vai importar que eu fique lá em casa? – Tara queria dizer que receava que Queenie e George deixassem de gostar dela, mas as palavras recusavam-se a sair.

– É claro que não, ela estava a contar que ficasses lá em casa em breve.

Pôs-se de pé, meteu o maço de cigarros na manga da sua *t-shirt* e depois enrolou-a para o segurar.

– São horas de irmos ver o meu pai. – Inclinou a cabeça para a porta. – E de telefonar à tua mãe!

– Estou com medo, Harry – segredou ela.

Ele pôs um braço à volta dos seus ombros e levou-a para fora do café.

– Não achas que a tua mãe e a tua avó se lembram de como é uma pessoa apaixonar-se?

Tara parecia desanimada,

– Tanto quanto me lembro, ambas fugiram com o primeiro sedutor que se atravessou no caminho delas! – Puxou-a a si num abraço, sem se importar que as pessoas estivessem a olhar para eles. – Tens mais sorte do que elas, baby. Tens pessoas à tua volta que se importam mais com a tua segurança do que com o que fizeste. Agora volta lá a ligar esse lindo grande sorriso e considera isto tudo como experiência.

CAPÍTULO 15

Queenie esperou até ouvir Tara pousar o auscultador antes de voltar a entrar na sala de estar. Como esperava, Tara estava a chorar, sentada muito direita, com lágrimas silenciosas a escorrerem-lhe pelas faces. Parecia uma viva imagem de infelicidade.

– Foi assim tão mau? – Sentia pena de Tara, mas nesta fase não lhe parecia apropriado mostrar demasiada compreensão. Pousou uma chávena de chá na mesa de apoio ao sofá, de vidro fumado.

– Correu bem. – Tara fungou alto e limpou os olhos com as costas da mão.
– Mas eu conheço a minha mãe. Aposto que também está a chorar agora.

Queenie sentou-se pesadamente no sofá e esperou um momento antes de falar. Mandara George para o *pub* com Harry. Eles já tinham feito a sua parte por esse dia.

Eram sete da tarde. Queenie ainda estava com as suas roupas de trabalho, um vestido espampanante vermelho e azul estampado, os seus braços gorduchos nus com sardas do sol, o seu penteado tufado seguro por uma bandeleite vermelha.

– Todas fizemos o que tu fizeste – disse Queenie num tom meigo. – Eu, a tua mãe e a tua avó, e provavelmente todas as mulheres com sangue na guelra deste mundo. Algumas têm sorte e dão com o homem certo, outras fazem figura de tolas. Mas não te vai servir de nada arrependeres-te, ‘tá feito. O que tens que fazer agora é assegurares-te de que tens um bocado mais de cautela da próxima vez que um tipo qualquer te segredar umas palavrinhas doces ‘ós ouvidos.

Tara sorriu. Queenie abordava tudo da mesma maneira direta e irreverente, e, depois da voz tensa da sua mãe e dos tons bruscos da sua avó, era muito

reconfortante.

– Sinto-me tão contente que tenha casado com o tio George – disse Tara. – É tão querida!

– E tu também, meu amorzinho. – Os olhos azuis de Queenie estavam marejados com emoção, o seu duplo queixo a tremer. Gostaria de ter tido uma filha, mas o destino não lhe sorria a esse respeito. – Agora só temos de te arranjar um emprego e fazer com que a tua mãe e a tua avó deixem de se preocupar. O primeiro é fácil, o segundo pode demorar um pouco mais de tempo.

Tara sentia-se como se tivesse andado aos tombos numa centrífugadora emocional. Só tinham passado doze horas desde que apanhara Simon naquele chuveiro, mas mais pareciam dias. Fúria, vergonha, amor e ódio estavam misturados com uma sensação de traição, mas acima de tudo sentia-se uma tonta.

– Sinto-me tão tola – segredou, sentando-se no sofá ao lado de Queenie. Tola não era a palavra mais apropriada. Galdéria, vadia, porca eram muito mais adequadas, mas não conseguia dizer essas palavras em voz alta.

– Imagino que sim, meu amor. – Queenie pôs o braço à volta dela. – Tive mais do que o meu quinhão disso, mas não há ninguém nesta casa que te vá atirar a primeira pedra, portanto bebe o teu chá, vai tomar um banho quente e p'rá cama. Amanhã tudo vai parecer melhor.

Tara não se soltou dos braços de Queenie. Eram muito reconfortantes.

*

Queenie imprimira na casa em Paradise Row o selo da sua personalidade e do seu gosto desde a última vez que Tara estivera ali. À semelhança de muitas mulheres do East End criadas na pobreza, Queenie tinha orgulho na

sua casa. O terno de sofás felpudos fora substituído por um de tecido sintético de um verde vivo, e George tinha um cadeirão reclinável com um banquinho que saía de baixo para pousar os pés. Fora colocada uma nova alcatifa estampada, púrpura com espirais verdes e brancas. Pendiam das janelas pesadas cortinas de veludo com sanefas com franjas e um cordão para as correr, e um armário de teca, com luzes encastoadas, albergava a sua coleção de cristais. Mas aquilo a que Tara achou mais graça foi ao bar. George tivera um, mas era pequeno e discreto. Este era estupendo. Em forma de rim, com um tampo de imitação de mármore, ocupava toda a alcova junto à janela. Na parte da frente, de napa branca acolchoada e com tachas, havia um compartimento estreito de vidro iluminado por dentro em que se exibiam copos adornados com motivos dourados que não se destinavam a serem usados nunca. Em cima do balcão do bar via-se um balde para champanhe dourado, um balde para o gelo com a forma de um ananás e um misturador para cocktails também dourado. Por trás do bar havia mais objetos do mesmo género. Garrafas de bebidas espirituosas com um bocal especial para servir *shots* como num *pub*, prateleiras com filas de garrafas de licores e uma coleção de copos para *cocktail* e para champanhe que não teriam envergonhado o Ritz. Aquela coisa toda brilhava como se lhe fosse puxado o lustro diariamente. Tara imaginava que George e Queenie a viam como um brinquedo, para brincarem aos *pubs*, algo para impressionar os seus amigos.

– Gosto do bar – disse Tara.

– É de mau gosto, não é? – O peito de Queenie sacudiu-se com as suas gargalhadas. – Pusemo-nos a falar na nossa lua-de-mel e eu confessei que sempre tinha querido ter um. O George foi logo comprá-lo, Deus o abençoe. Eu fartei-me de lhe dizer que a gente fina opta por um carrinho de bebidas,

não por uma coisa grande com'ó caraças como aquilo. Sabes o qu'ê qu'ele disse?

– Não, o quê? – Tara endireitou-se no seu lugar, sabendo que fosse o que fosse a faria rir.

– Ele disse: «A gente não somos finos, Queenie, não tem piada nenhuma meter a massa no banco. Um bar em casa tem tudo a ver com a gente nos exibirmos. Mostrarmos que temos bastante massa, mas que não somos sovinas, porque gostamos de partilhar com os outros».

Tara soltou uma risadinha. Conseguia imaginar quantas festas animadas esta sala já vira, com Queenie com os seus vestidos cheios de lantejoulas, adornada com joias, George com o seu colete bordado e laço. O estilo deles não era o dela, mas adorava-os pela sua generosidade e exuberância.

– Vai lá pr'á cama. – Queenie acotovelou Tara. – ‘Tás a dormir em pé e o mundo vai-te parecer um bocado mais risonho amanhã.

Foi só quando ficou sozinha no pequeno quarto que George tinha decorado para a sua mãe que voltou a pensar em Simon. Com esse pensamento vieram as lágrimas. Todo o dia, o ódio grassara dentro de si, pela humilhação e a dor que ele lhe causara. Mas agora, no escuro, sentia-se vazia. O amor tornara-a uma pessoa inteira por tão pouco tempo, e agora desaparecera.

*

Tara estava no cruzamento a olhar na direção da igreja de St John, a deixar-se embeber pelos sons, as vistas e os cheiros. Queenie tinha razão, o mundo parecia mais risonho!

Quando acordou, Queenie e George já tinham ido há muito tempo para o mercado e tinham deixado uma mensagem a dizer-lhe que saísse e fosse comprar alguma coisa vistosa para vestir. Havia uma nota de dez libras e a

chave da porta de casa. Num P.S., diziam que voltariam por volta das cinco e meia.

O seu vestido verde estava pendurado nas costas de uma cadeira na cozinha, milagrosamente lavado e passado a ferro por Queenie na noite anterior. Quando ela o vestiu, sentiu-se como se o tempo tivesse voltado para trás e ela estivesse a começar de novo.

Era sábado de manhã, e toda a cidade de Londres estava aos seus pés, à espera de ser descoberta.

Havia muito trânsito nos cruzamentos movimentados. As ruas estavam cheias – mulheres com carrinhos de bebé carregados com roupa para a lavandaria e compras, seguidas pelos filhos pequenos; raparigas novas com lenços na cabeça a cobrir os rolos; rapazes à porta do *pub* Salmon and Ball, a olharem para as raparigas. Havia os ocasionais excêntricos, um homem com barbas e uma estranha poupa oleosa a falar consigo mesmo enquanto andava de um lado para o outro, uma mulher de idade com todo o seu mundo num cesto com rodas e uma mulher muito mais nova com olhos desvairados e um casaco de peles comido pela traça, apesar do calor, a fumar um cigarro atrás do outro junto às casas de banho públicas. Dirigiam-se magotes de pessoas para o mercado em Roman Road e viam-se mulheres de idade a apalpar a fruta disposta em pilhas convidativas à porta das lojas.

Embora tudo fosse muito familiar, aquele lugar tinha agora um ar diferente. Era mais próspero, mais cosmopolita, com muitos rostos negros entre os brancos. Tara tinha a sensação de que era um bom lugar onde ficar, ou seria só porque tinha dez libras para gastar e seis semanas inteiras a estenderem-se à sua frente sem ver uma vaca, um porco ou uma galinha?

Daí a duas horas, o encanto de Tara ainda não se desvanecera, mas doíam-lhe os pés por estar de saltos altos. Já dera uma volta pelo mercado de Roman Road e já se sentira tentada a gastar o seu dinheiro em tudo, de tecidos para um vestido a sapatos e um casaco de veludo preto. Mas agora voltara para o cruzamento de Cambridge Heath Road e Bethnal Green Road.

Estava indecisa entre ir a casa calçar uns sapatos rasos e depois apanhar o metro para o West End ou tomar um café no novo sítio chique na esquina de Bethnal Green Road. Mas entrar sozinha num café era assustador. As raparigas londrinas eram mais críticas e intimidantes do que as do Somerset, e ela receava ser olhada fixamente por todas aquelas sócias de Cilla Black, com os seus rostos pálidos e os seus olhos muito pintados.

O som de *The hippy-hippy shake* saía pela porta aberta do café, e recordou-lhe o baile na vila. Foi quando estava a hesitar no passeio, a tentar arranjar coragem para entrar, que viu a loja.

Ficava ligeiramente mais atrás do que as outras lojas na Bethnal Green Road, o motivo pelo qual não a vira já. Tinha duas montras, pintadas de vermelho-escuro com dois círculos do vidro deixados por pintar, e uma indumentária exibida em cada um deles. Possuía o tipo de estilo moderno que ela associava com a revista *Honey*. Não havia manequins antiquados, mas cabides de pé em madeira. As duas indumentárias eram ao estilo *mod*, ambas saias midi e *tops* às riscas em azul-marinho e branco, completadas por boinas, colares de contas e cintos de couro largos. A loja chamava-se «Josh».

Esquecendo o café e até mesmo os seus pés doridos, Tara atravessou a rua abrindo caminho por entre o caudal de trânsito. *Please, please me* dos Beatles, chegou-lhe aos ouvidos muito antes de chegar à porta da loja e parar para olhar pela montra lá para dentro.

Nunca vira nada assim, nem sequer em Bristol. As lojas de roupas que costumava frequentar destinavam-se a todas as idades, com empregadas com ar de dragão prontas a saltar em cima da cliente. Esta era exclusivamente para os menores de vinte e cinco anos, sem uma empregada de olho afiado à vista.

O interior era escuro, pintado do mesmo vermelho-escuro do exterior, com focos aqui e ali assestados em peças de vestuário penduradas nas paredes acima dos varões cheios de roupa. Havia dúzias de raparigas a circularem pela loja e Tara ouvia risos e conversas a sobreporem-se à música, como se estivessem numa festa e não a fazer compras.

Quando ia para entrar, algo lhe chamou a atenção. Havia um pequeno papel colado na montra – «Precisa-se empregada sem experiência, candidate-se na loja».

Estava ali para ela. Tinha a certeza. O destino atraía-a a esta loja porque era a certa. Se hesitasse, talvez nunca mais conseguisse arranjar coragem para o fazer.

Lá dentro, a música tocava tão alto que ela mal conseguia pensar, mas apreendeu tudo com um só olhar. No centro havia um balcão elevado; por trás dele estava um homem com cabelo preto encaracolado na caixa e uma loura com seios grandes a dobrar peças de roupa e a metê-las em sacos.

O instinto disse-lhe que ele era o proprietário. Os seus olhos escuros observavam tudo ao mesmo tempo, e Tara soube que ele tinha reparado nela mal ela entrou. Inspirando fundo, aproximou-se do balcão e sorriu.

– Olá, eu sou a Tara Manning, vim pelo emprego!

Ele não respondeu imediatamente, limitando-se a olhá-la de alto a baixo. Ela supôs que ele era judeu pelo seu tom moreno de pele e nariz adunco; não parecia ter mais de trinta anos.

– Que idade tens? – Continuou a registar uma compra na máquina registadora.

– Dezasseis anos.

– Onde é que estás a trabalhar agora?

– Não estou a trabalhar. Saí agora da escola.

Ele era quase bonito, com os seus olhos escuros melancólicos. Era um rosto de boa pessoa, decidiu Tara, e estava vestido impecavelmente com calças cinzento-claras e uma camisa de um azul pálido, e tinha uma pulseira de ouro com o seu nome num dos pulsos e um anel com uma moeda na outra mão.

– Toma conta da caixa, Angie – disse ele à rapariga loura, descendo da plataforma para vir ter com ela.

Era só um pouco mais alto do que Tara e tinha algum peso a mais, mas quando ela lhe olhou para os pés viu que os seus sapatos eram de pele de crocodilo.

– Isso não é um sotaque de Londres! – disse ele, e ao sorrir os seus dentes chisparam um brilho branco. – És do West Country?

– Do Somerset – respondeu ela. – Mas estou cá com a minha tia e o meu tio.

– Está muito barulho para falarmos aqui. – Pegou no braço dela e conduziu-a para a porta. – Levava-te para as traseiras, mas aos sábados há sempre muito movimento e tenho de me manter de olhos abertos. Espero que não te importes de falar cá fora.

Não era muito mais silencioso. Formara-se uma longa fila de trânsito e o passeio estava cheio de pessoas às compras a acotovelarem-se. O ar estava

espesso com o fumo da gasolina, um cheiro a cebolas fritas vinha de uma banca de hambúrgueres, e fazia muito calor.

– Tara é um nome bonito. O que te leva a queres trabalhar para mim? – A sua voz era atraente. Tinha sotaque londrino, mas pouco acentuado.

– Porque adoro a moda. – Fez-lhe o seu sorriso mais cativante, lançando a cabeça para trás a afastar o cabelo dos ombros como imaginava que as modelos faziam. – E porque a sua loja parece excitante.

– O que é que há de excitante nela? – Inclinou a cabeça para um lado e Tara teve a sensação de que ele estava a tentar não se rir.

– A animação, a música, a escuridão e as roupas. Mal a vi, soube que era mesmo a minha cena.

– Ai sim? – Os seus olhos percorreram-lhe o corpo. – Onde é que compraste esse vestido?

Tara soube que lhe agradava pela expressão de curiosidade nos seus olhos, e sentiu-se lisonjeada por ter passado por um vestido feito profissionalmente.

– Não o comprei. Fui eu que o fiz. Faço as minhas roupas todas.

Ele ergueu uma sobrancelha escura e farfalhuda.

– Que moldes usas? Os «Style»? Os «Simplicity»?

– Faço os meus próprios moldes – respondeu ela. – Limito-me a desenhá-los primeiro e depois faço-os.

– Posso dar uma olhadela? – Aproximou-se, baixou-se e levantou a fímbria uns cinco centímetros para olhar para a bainha. – Muito bem! – Sorriu-lhe. – Podias ganhar mais como operadora de máquinas de costura numa fábrica do que eu posso pagar-te.

Tara sentia-se atraída por ele, embora não soubesse porquê. O seu cabelo preto encaracolado parecia quase molhado de tão brilhante que era, e aqueles olhos escuros como melaço eram muito cativantes. Era uma pena que tivesse o nariz grande e os lábios grossos, diminuía os seus atrativos.

– Não me vejo como operadora de máquinas de costura. Vejo-me mais como estilista. – Aquilo saiu-lhe sem pensar, e corou pela sua arrogância.

Ele sorriu, mostrando com aquele movimento facial que apreciava a ambição.

– Bem, como estilista, o que pensas das minhas roupas? – Tara sabia que ele estava a tentar pô-la no seu lugar, mas, já que começara por se dar ares, sentia que mais valia continuar na mesma linha.

– O corte e os estilos são o máximo – disse, lançando um olhar para trás, para duas raparigas com saias na mão. Mesmo à distância, conseguia ver falhas evidentes, como por exemplo uma bainha incerta e bolsos de chapa cosidos tortos. – Mas a confeção podia ser melhor.

Aguardou, meio à espera que ele lhe dissesse que se pusesse a andar, mas em vez disso ele riu-se.

– Bem, Tara, pela tua honestidade vou-te dar o emprego. Mas agradecia-te que não transmitisses as tuas observações aos clientes. A seu tempo vais-te dar conta de que para produzir a última moda a preços baixos temos de fazer cedências. Que tal te soa quatro libras por semana?

O rosto dela iluminou-se, olhos a chisparem encantados. Não fazia ideia se era bom ou mau, mas soava como uma fortuna.

– Obrigada, isso é maravilhoso. – Sorriu. – Desculpe, não sei o seu nome.

– Joshua Bergman – disse ele. – Mas toda a gente me chama Josh. Ora bem, se vieres cá às nove em ponto na segunda de manhã arranjo-te alguma

coisa para vestires. Que tamanho usas?

– Trinta e oito. – Estava a borbulhar com excitação agora. – Não se vai arrepender de me ter contratado.

Josh percorreu-a com o olhar. Apreendeu o seu glorioso cabelo de um louro arruivado, os olhos ouro-pálido, o vestido e as pernas compridas e delgadas.

– Não, não acho que me vá arrepender!

*

– O Josh Bergman! – Queenie torceu o nariz em sinal de reprovação.

Esquecendo os seus pés doridos, Tara correrá quase todo o caminho até ao mercado de Whitechapel para contar a notícia a George e a Queenie.

– Oh, não seja assim! – pediu Tara. – Adoro a loja dele. Conhece-o, então?

– Bem, só de reputação. – Queenie encolheu os ombros. – Se fosse com o pai dele que tu ‘tivesses a arranjar emprego, ficava encantada. É dono da Bergman’s, uma grande empresa que faz casacos e fatos de qualidade. Mas o Josh é um bocado duvidoso.

– Não me pareceu ser isso. – Tara fez beicinho. – De qualquer maneira, pensei que iam ficar encantados.

– Bem, é um emprego. – O tom de Queenie alterou-se e ela pôs a mão no ombro de Tara. – Vem tomar um chá e contar-me tudo. – Olhou por cima do ombro e fez sinal a um homem magro e idoso que estava sentado em cima duns caixotes. – Ei, Frank, fazes-me o favor de me deitar um olho à minha banca por uns momentos?

*

Sentaram-se num banco de madeira junto à banca do café ao sol quente.

Para além de George e de Queenie, Tara não reconhecia nenhum dos vendedores do mercado agora. Em vez da carrinha da carne de Mr. Reynolds, com o seu balcão rebatível e toldo às riscas, havia um par de homens novos a venderem nacos enormes de carne de um camião muito maior. Via muitos indianos com turbantes, mas nem um deles era Mr. Singh, e a senhora de idade que vendia doçarias em cones de papel fora substituída por uma banca com sacos de plástico gigantes já cheios e com o preço.

– Toda a gente é diferente – disse.

Queenie lançou um olhar à sua volta, a torcer o nariz com desdém.

– Mr. Reynolds aposentou-se – disse com tristeza. – Eu não ia buscar carne àqueles dois gatunos nem que ‘tivessem a dá-la de graça. – Acenou com a cabeça na direção dos dois homens no camião que estavam a atrair uma grande multidão. – Muitos dos outros mudaram-se lá para baixo para a Roman Road. A velha Betty das doçarias morreu no ano passado. Já não é o mesmo, meu amor, há demasiados rufiões e pretalhada.

Era tão animado como Tara recordava, mas com um ambiente diferente, estrangeiro. – *My Boy Lollipop* soava atoador de uma banca de discos e um par de raparigas negras estava a dançar ao som da música. Havia indianos em todas as bancas de tecidos com rolo atrás de rolo de cetins e tecidos sintéticos de cores vivas empilhados e com tecidos bordados para saris. Numa banca de vegetais havia vegetais com um ar estranho que ela nunca tinha visto e um homem negro estava sentado diante de dúzias de sacos de serapilheira cheios com arroz, ervas aromáticas e especiarias com um aroma pungente.

Mas havia tantas pessoas como antes. Ainda se viam crianças agarradas a carrinhos de bebé cheios a transbordar e às pernas das suas mães, e a multidão em frente à banca de George era maior do que nunca.

Ele estava em cima de um caixote, com Harry a passar-lhe as coisas para as mãos. O sol incidia na sua careca, o resto do seu cabelo de um branco de neve e aos caracóis à volta das orelhas. Com um colete e um laço de um vermelho vivo que condizia com o seu rosto, falava no seu melhor.

– Olhem para a qualidade destes tachos. Não encontrariam nada melhor nas cozinhas do Savoy. Lá para cima no West End pagavam trinta libras por este conjunto, mas eu nem estou a pedir vinte por ele. Nem dezoito, nem quinze, nem sequer doze. As primeiras quatro pessoas a levantarem a mão levam-no por dez!

Tara riu-se ao ver as notas a agitarem-se em mãos.

– As pessoas vêm realmente a pensar em comprar um conjunto de tachos e panelas? – perguntou a Queenie.

– Duvido, qu’rida. – O rosto gorducho de Queenie abriu-se numa gargalhada. – Acho que chegam a casa e pensam, «Mas p’ra que diabo é que eu comprei estas coisas?» Ele é um génio a sacar-lhes dinheiro dos bolsos. As mulheres jamaicanas adoram-no, compram-lhe louças como se ‘tivessem a planear uma festa de rua. Na semana passada, ele tinha uma data de toalhas de mesa de renda. Vendeu tudo, ó se não vendeu, nuns vinte minutos, e pensar que eu disse que ele nunca ia vender nem uma porque eram finas de mais.

Tara bebeu um gole de chá e olhou para Queenie. O seu rosto redondo não traía a passagem do tempo e o trabalho árduo. Talvez a pele cor-de-rosa e branca fosse só da maquilhagem, e o cabelo louro, pintado, mas mal parecia ter cinquenta anos. Com um vestido de verão às riscas azuis e brancas, um avental verde-escuro e o saco do dinheiro à cinta, parecia tão roliça e sumarenta como os frutos na sua banca.

– Vá lá, então. – Queenie acendeu um cigarro. – Fala-me do emprego.

Tara contou tudo, encantada por ver que Queenie parecia estar a começar a apreciar a ideia.

– Com'ê que ele é? – perguntou Queenie. – ‘Tive com o Solly, o pai dele, um par de vezes, mas nunca pus os olhos no Josh.

– Um bocado espampanante – admitiu Tara. – Usa uma pulseira de ouro e coisas assim. Tem cabelo preto encaracolado, um nariz grande e uns lábios um bocado esborrachados. Não sei bem que idade tem.

– É da idade do nosso Harry. – Queenie deu uma passa no cigarro, pensativa. – Eles costumavam brincar juntos quando eram pequenos. Claro, os Bergmans subiram na vida, mudaram-se para Golders Green quando fizeram fortuna. Mas tinham vivido em Cable Street.

– A sério? – Tara ficou surpreendida. Cable Street era notória, quando ela era pequena, pelas suas casas degradadas, locais de jogo e prostituição. – Que idade tinha ele nessa altura? Não consigo imaginá-lo em nenhum sítio que não fosse todo fino!

– Andava pelos sete anos quando se mudaram – disse Queenie. – Ouvi dizer que andou num colégio particular a seguir. O pai dele ‘inda tem a fábrica lá. Comprou o sítio barato, mas agora vai p’ra lá num belo carro. Fiquei admirada quando soube que o Josh tinha aberto uma loja por estas bandas. Esperava que optasse por Chelsea ou Kensington.

– O que é que acha do emprego, então? – Tara susteve a respiração, sabendo que se Queenie não a apoiasse a sua mãe e a sua avó não aprovariam. – É perfeito para mim, é uma loja para raparigas novas. O Josh é capaz de me deixar criar modelos depois de eu lá estar há algum tempo. E fica perto de casa.

Queenie suspirou.

Tivera uma vida dura. Casou aos dezassete anos com um homem que não a via como nada mais do que um corpo quente na cama e uma mula de carga para fazer todo o trabalho para ele. Dick provinha de uma longa linhagem de vendedores de mercado, mas era um bêbedo preguiçoso com um feitio péssimo. Ela nunca quisera trabalhar numa banca de mercado, mas a alternativa era passar fome. Fizesse sol ou chuva, a única coisa que Dick fazia era comprar os vegetais e os frutos de manhã e depois ir para o *pub* enquanto ela os vendia. Uma e outra vez sentira-se tentada a deixá-lo, mas pronunciara os votos de casamento na igreja e não podia voltar com a sua palavra atrás. As amizades com pessoas como George tinham-lhe dado alento durante todos aqueles anos, e deixava que pensassem que era feliz com Dick porque era o que se esperava das mulheres naquela época.

Dick morreu quando Queenie tinha quarenta anos, e ela passou a ter dinheiro, sem Dick a gastá-lo na bebida, para se mimar com roupas bonitas e mudar para um apartamento melhor. Por fim, George passou de amigo de toda a vida a namorado. Agora, tinha tudo o que uma mulher poderia querer.

Tal como George, Amy e Mabel, queria mais para Tara do que todos eles tinham tido. Um emprego de verão para ela significava uma loja no West End, conviver com raparigas de boas famílias, não voltar para um lugar que só continha recordações amargas e pessoas que a arrastariam para baixo. Contudo, quando fitou os olhos de Tara a dançarem de excitação, não teve coragem de deitar água fria nos seus sonhos.

– Vamos só ver isto como uma coisa temporária – disse cautelosamente. – Penso que devias voltar a estudar em setembro. E se vais trabalhar nesta zona não podes desviar-te da história que combinámos.

George chamara a atenção para os perigos de alguém a reconhecer como filha de Bill MacDonald. Embora todos concordassem que Tara estava muito diferente da criança magricela com cabelo cor de cenoura que fora, havia sempre o perigo de revelar sem querer que já vivera aqui.

– Só disse ao Josh que estava em casa da minha tia e do meu tio – segredou Tara, olhando à sua volta para se assegurar de que ninguém estava a escutar.
– Nunca vou dizer nada sobre ele.

– Bem, deixa que eu me encarregue de convencer o George. – Queenie sorriu. – Agora vai lá embora e deixa-me voltar para o trabalho.

*

– Fogo, ‘tás gira como tudo – disse Angie, a outra funcionária de Josh, quando Tara saiu do provador na segunda-feira de manhã. – Quem me dera ser tão alta como tu!

– És mais feminina do que eu. – Tara alisou a saia midi nas ancas e virou-se para se ver ao espelho. Não gostava realmente destas saias compridas e justas que as *mods* usavam, e não queria transformar-se numa réplica de todas as outras raparigas em Bethnal Green. Pareciam todas ser pequenas, com cabelos cortados à pajem penteados para trás e colados às suas faces pálidas. Mas esta saia verde-escura e o *top* às riscas verdes e brancas não eram maus de todo, de facto, pensava que parecia bastante elegante.

Desde que chegou às nove horas e foi apresentada a Angie por Josh, não tinham entrado nenhuma clientes. Josh dera-lhes ordens para que encontrassem uma indumentária adequada para Tara e depois foi para o seu gabinete no andar de cima.

Com um disco de Wilson Pickett a tocar muito alto, as duas raparigas estavam a divertir-se, a tirarem roupas ao acaso dos varões e a ficarem a

conhecer-se.

Angie era do Sul de Londres e viera trabalhar para Josh quando ele abriu a loja porque na altura tinha um namorado ali perto. Desde essa altura, rompera com o namorado, mas mudara-se para um estúdio em Stepney. Era evidente que ela tinha uma enorme paixoneta por Josh. Recordava a Tara as raparigas nos filmes da série *Carry On*, de olhos arregalados e seios grandes. Embora tivesse dezoito anos, parecia mais nova do que Tara, embora, por coisas que dizia, não fosse nenhuma Miss Inocência.

Já tinha falado interminavelmente de «engatar tipos», da ressaca de sábado à noite e da ansiedade na semana passada por estar com um atraso. No entanto, quando Josh voltou à loja por uns minutos, fartou-se de pestanejar, fazer beicinho e fingir-se tontinha.

No entanto, Tara gostava dela. Era bom ter outra rapariga com quem trabalhar, especialmente uma rapariga que a fazia rir.

– Este é o tipo de vestido que quero usar – disse Angie, tirando do varão um vestido justo de crepe preto. – Mas conheço sempre sujeitos para quem a ideia de passarmos um bom bocado é arrastar-me para as pistas de corridas de cães, ou então têm mota. Tenho de andar sempre de calças de ganga, e o meu rabo é demasiado grande.

*

A loja só ficou com movimento ao meio-dia, quando as raparigas começaram a entrar durante o intervalo para o almoço. Tara ficou espantada com o dinheiro que raparigas pouco mais velhas do que ela tinham para gastar e com a maneira cega como seguiam a moda. Quando via raparigas baixas e fortes vestirem saias às pregas compridas, sentia vontade de as encaminhar para modelos que as favorecessem mais e de as encorajar a usar

cores mais suaves do que o cinzento, o verde-garrafa e o preto com que pareciam obcecadas, mas ainda não tinha a confiança suficiente para o fazer.

Viu uma série de raparigas irem embora por não haver vestidos de verão à venda. O sol estava abrasador, iam passar o fim de semana fora, mas não conseguiam encontrar nada para usar que deixasse a pele à mostra.

– É uma palermice, não é? – Angie soltou uma risada quando mais uma rapariga dececionada saiu da loja. – Aqui estamos nós numa vaga de calor só com coisas com mangas compridas para vender. Eu vou a Southend no domingo se ainda estiver bom tempo e não tenho nada novo para usar.

À tarde houve muito pouco movimento e, embora Josh tivesse trazido novo *stock* para elas o etiquetarem com o preço, não havia grande coisa para fazer. Tara, sentada por trás do balcão, pôs-se a desenhar distraidamente um vestido de verão num pedaço de papel.

– Isso é bonito. Angie pousou os seios e os cotovelos no balcão para olhar para o que Tara estava a fazer. – Quem me dera saber desenhar.

– Usavas isto no domingo? – Tara mostrou-lhe o esboço de um vestido a direito estampado com decote redondo à frente e muito decotado atrás.

– Sim, usava – disse Angie entusiasticamente. – Mas nunca se consegue arranjar vestidos como esse quando se quer.

Tara enfiou o esboço por baixo do balcão, com uma ideia às voltas na cabeça.

Josh recostou-se na cadeira e sorriu para consigo mesmo.

Chamava à divisão por cima da loja o seu escritório, embora na realidade fosse mais um espaço de armazenamento. Contudo, à sua grande secretária junto à janela, na sua cadeira giratória de napa, com varões com roupas atrás de si, conseguia imaginar que era um magnata a mirar o seu império.

A sua boa disposição devia-se inteiramente ao facto de ter contratado Tara, e, embora só fossem quatro da tarde do primeiro dia dela, sabia que tinha acertado em cheio. Tê-la-ia contratado só pela maneira como dissera «Vim pelo emprego». Josh gostava de pessoas positivas que não tivessem receio de ser assertivas. Ele próprio era assim, e compreendia-o.

Joshua Bergman não nascera em berço de ouro, embora as pessoas tendessem a esquecer esse facto. Tinha quase oito anos quando mudaram para Golders Green e as recordações de pobreza e fome dos seus primeiros anos estavam-lhe gravadas no cérebro. Mal se lembrava do colégio particular caro em que andara, para além das lições de elocução para o livrar da sua pronúncia *cockney*. Contudo, ainda se recordava bem de acordar em Cable Street e encontrar uma ratazana ao lado da sua cama, e de a sua mãe fazer canja de galinha na lareira.

O seu pai, Solly Bergman, viera da Alemanha para Inglaterra nos anos 1920 sem mais nada a não ser a sua habilidade como alfaiate e meia dúzia de frases em inglês. Até 1939, quando conheceu Rachael Steinway e casou com ela, resignara-se à pobreza, aceitando que uma casa em Cable Street seria o seu destino. Rachael, contudo, era ambiciosa e pouco depois de Josh nascer, em 1942, persuadiu o marido a usar os seus dotes de alfaiate para fazer roupas de mulher.

Josh criou-se a ouvir a história da indumentária elegante num azul forte que Solly fez para Rachael e como ela andara pelas lojas do West End até alguém lhe fazer uma encomenda. Aquela primeira pequena encomenda foi o início da empresa Bergman's. No fim da Guerra, Solly já tinha um pequeno ateliê com duas costureiras, mas a sua casa era ainda o quarto esqualido em que Josh nascera.

«Consolidar o negócio antes de gastar dinheiro» era o lema do seu pai, que o seguiu naqueles anos do pós-guerra enquanto o seu negócio prosperava. Josh tinha remendos nos fundilhos das calças, a sua mãe cozinhava na lareira e todos os tostões eram investidos em ateliês de costura cada vez maiores.

Foi no final de 1949 que tudo mudou. Rachael bateu o pé e insistiu que mudassem para uma casa em condições, e Solly relutantemente comprou uma pequena casa. A primeira era em Stoke Newington, mas mais tarde mudaram-se para Golders Green.

Josh tinha muito respeito pelo olho para o negócio de Solly, mas o estilo do seu pai era demasiado lento para ele. Tencionava ser milionário até aos trinta anos e divertir-se entretanto. A frequência de Belas Artes, e, em seguida, um curso de administração de empresas, deram-lhe os conhecimentos de que necessitava. Uns negócios duvidosos em *stock* de falências deram-lhe capital suficiente para começar e, quando a loja em Bethnal Green apareceu para arrendar por um preço baixo, atirou-se de cabeça.

Não precisava de estar a par de todos os passos necessários para confeccionar uma peça de vestuário, o East End estava cheio de pequenos ateliês clandestinos. Bastavam uns esboços de roupas que vira em revistas e escolher tecidos ao preço certo. O nome do pai e a licenciatura em Belas Artes persuadiam as pessoas de que as roupas que ele produzia eram modelos da sua autoria, e fechava-se em copas quanto à verdade. Josh não era nenhum tolo. Sabia que não poderia roubar as ideias de outras pessoas para sempre. Se alguém desse com a língua nos dentes ele perderia toda a credibilidade. Mas bons estilistas custavam caro, queriam o seu nome na etiqueta; além disso, não lhes agradava a ideia de fazer roupas baratas.

Não ia depositar demasiadas esperanças em Tara. Talvez ela acabasse por se revelar tão cheia de bazófias quanto ele. Mas, mesmo assim, tinha um bom

pressentimento quanto a ela. Tinha golpe de vista. Josh reparou na maneira como ela passara os olhos pelos varões, a olhar realmente para as roupas. Estremecera ao ver várias peças de roupa, e ele sentiu-se tentado a perguntar-lhe logo ali o que via de errado nelas.

Começara um *boom* no consumo. Todos os bebés do pós-guerra, criados com sumo de laranja grátis e no estado-providência, queriam agora viver a vida. Havia trabalho para toda a gente, bons salários à espera de serem gastos, e Joshua Bergman estava decidido a obter uma grande fatia do bolo.

*

– Saí-me bem? – Tara deixou-se ficar junto ao balcão enquanto Josh retirava o dinheiro da máquina registadora. Angie já saíra disparada para casa e a porta da loja estava fechada.

Josh olhou para o apuro e sorriu. Considerando a vaga de calor, não contara com tanto, e tinha a impressão de que o facto de Tara ter andado à volta das poucas clientes ajudara.

– Sim, saíste-te bem – disse, enfiando as notas num saco. – Acho que nasceste para isto.

Tara mexeu-se nervosamente. Parecia ser fácil trabalhar para Josh, e ele claramente apreciava pessoas que tivessem iniciativa, mas não deixava de ser o patrão. Era difícil de interpretar. Embora os seus olhos castanho-escuros parecessem suaves e meigos, os seus modos sugeriam que também podia ser implacável.

– Perdemos muitas oportunidades de vender porque não temos nenhuns vestidos de verão – disse ela a medo. – As pessoas fartaram-se de perguntar por peças sem mangas, e só restam aquelas. – Apontou para um varão com vestidos feios num tom de verde-claro e de saia rodada.

– É sempre um problema nesta altura do ano. – Josh suspirou. – Se ao menos pudéssemos prever o tempo que vai fazer! Agora já é demasiado tarde para mandar fazer novos modelos e moldes.

Tara inspirou fundo e tirou o esboço do bolso.

– Eu podia fazer um molde para este. – Pousou o papel no balcão a medo. – Há três rolos de um tecido estampado lindo nas traseiras. Eu até podia fazer uma amostra para si esta noite, se gostasse dele.

Josh olhou para o esboço e a sua pulsação acelerou-se. O vestido era simples, mas tinha classe. Ele nem pensara naquele tecido que tinha nas traseiras, e ela tinha toda a razão, seria perfeito. Fingindo que estava a pensar no assunto, observou Tara. Ela afastara-se do balcão e estava a endireitar um varão com saias, obviamente com receio de ter pisado o risco. Um foco incidia no seu cabelo dourado e no seu perfil. A curva das suas faces, o seu pescoço comprido e o queixo bem definido eram lindos de morrer. Parecia muito vulnerável.

– Vou fazer a experiência. – Encolheu os ombros, numa tentativa de parecer pouco convencido. – Leva um corte de tecido para casa e se resultar podes ficar com a amostra.

– Quer dizer que manda fazer o meu molde e vende os vestidos? – Tara girou nos calcanhares para o olhar de frente, com os olhos a faiscarem com prazer.

– Só se ficar bem. – Josh teve de morder o lábio inferior para não desatar a rir. – Um esboço nem sempre resulta. Digamos só que logo se vê!

*

Tara jantou a toda a pressa e entre garfadas contou tudo sobre o seu dia a George e a Queenie.

– Não esperava que ele concordasse – disse, extasiada. – Pensem só, se ele gostar eu posso lançar-me no negócio.

– É melhor usares a mesa da sala de jantar. – George sorriu ao vê-la assim empolgada. – Mas não te deixes levar pelo entusiasmo, minha querida, prepara-te para uma decepção.

Às nove, Tara ouviu Harry à porta da rua. Entrou na sala de estar com Queenie e George e um ribombar de risos e tilintar de copos indicou que estavam todos a tomar uma bebida. Ela estava demasiado embrenhada no seu trabalho para ir dizer-lhe olá.

A máquina de costura de Queenie era das portáteis, mas muito mais moderna do que a da sua avó, que era de pedal. O seu lugar era em cima de uma pequena mesa por baixo da janela alta e estreita que dava para o lado da cozinha e o quintal. O muro alto até aos trilhos dos comboios bloqueava uma grande parte da luz, mas Queenie mandara George pintar as paredes de branco e plantara uma trepadeira contra o muro dos caminhos de ferro, portanto não era agora tão sombria como antes.

O vestido era cortado em seis painéis, mas não tinha gola nem mangas, e ela já estava na fase de assentar as costuras com o ferro, só faltando rematá-las e fazer a bainha para terminar. Tinha o rosto corado do calor, mas a brilhar com prazer.

– Mas o que é isto, um ateliê clandestino? – Harry entrou quando ela estava a tirar o vestido da tábua de passar a ferro. Era evidente que passara por ali a caminho de uma discoteca, e trazia um fato azul-marinho de bom corte com um lenço vermelho a despontar do bolso do peito. Tara não sabia bem se lhe agradava o seu aspeto de mafioso, com o cabelo muito bem penteado e a

feder a um *after-shave* caro – o Harry de calças de ganga na quinta era muito mais abordável.

Sentou-se a cavalo numa das cadeiras da sala de jantar com os braços pousados nas costas e pôs-se a olhar para o molde em papel pardo e para o chão coberto com restos do tecido de cores vivas.

– Estou a fazer uma amostra para o Josh – disse ela. – O que achas? – Pôs o vestido contra o seu corpo.

George já lhe contara a história, mas Harry sorriu ao ver a expressão dela. Extasiada era a única palavra que lhe vinha à mente. Tinha fios nas calças de ganga e na *t-shirt* e o cabelo enfiado atrás das orelhas, e parecia adorável.

– É fantástico. – Sorriu. – Pelo menos, tanto quanto posso ver contigo a segurá-lo. Suponho que vai ficar tão bem como tudo o que tu fazes.

– Adoro estar na loja. – Sentou-se de novo à máquina de costura, mas virou a cabeça para ele. – É simplesmente perfeito.

– O que é que vais lucrar com fazer esta amostra? – perguntou Harry.

– Fico com ela. – Debruçou-se sobre a máquina de costura e rodou o volante.

Harry olhou para as costas de Tara e franziu a testa. O seu cabelo apartara-se a meio e revelava o seu pescoço e os ossos delicados dos seus ombros destacavam-se através da sua *t-shirt* fina, e de repente ele sentiu-se ferozmente protetor.

Algo acontecera aos seus sentimentos por Tara desde a sua chegada na sexta-feira anterior. Já não era uma coisa puramente fraternal; estava sempre a olhar para as suas formas e o seu rosto e a sentir vontade de lhe acariciar o cabelo.

O sentimento era tão forte que nem confiara em si mesmo para ir tratar do caso de Wainwright pessoalmente, enviara alguns dos rapazes na sua vez. Se fosse lá, talvez não se ficasse por uns bons pontapés. Graças a Deus, tinha um apartamento seu agora. Se andasse sempre a esbarrar com Tara em camisa de noite não havia maneira de saber o que poderia acontecer!

– Se ele os mandar fazer e começar a vendê-los, tens que tomar nota de quantos vende – disse bruscamente.

Tara parou de coser à máquina e virou-se no seu lugar. Não lhe agradava o tom de voz de Harry, soava reprovador, e ele estava com um ar carrancudo.

– Não sejas desmancha-prazeres. É um começo para mim. Posso vir a ser a estilista dele.

Harry caiu em si. Podia fazer uma visitinha a Josh para se assegurar de que ele não se aproveitaria de Tara. Não queria diminuir o entusiasmo dela.

– Sim, é claro que podes. Só queria dizer que se tiver sucesso precisas de números e coisas do género para negociar com ele. É muito trabalho para alguém que esteve numa loja o dia inteiro.

– Eu não me importo. – Voltou a debruçar-se sobre o trabalho. – De qualquer maneira, não dá a sensação de ser um trabalho a sério. Adoro-o, e a outra rapariga, a Angie, é simpática.

– Não lhes disseste que dantes vivias por estas bandas?

Tara abanou a cabeça.

– Mantém as coisas assim, qu’rida – disse ele em voz baixa. – E também não aludas a mim ao Josh Bergman, ainda não.

Mais uma vez, Tara interrompeu o seu trabalho e virou-se, intrigada com aquela última frase.

– Porquê? Julguei que eram velhos amigos?

Harry encolheu os ombros. – Podia afetar o que ele pensa. Quer-se dizer, eu não sou nenhum anjo, qu'rida. As pessoas que têm lojas ficam um bocado de pé atrás quando uma das raparigas deles conhece «um meco».

Tara sentiu-se desconfortável. Sabia que ele queria dizer que se a loja fosse assaltada ele poderia ser considerado suspeito. Mas só uma pessoa culpada pensaria dessa maneira!

– OK. – Não sentia que pudesse fazer-lhe perguntas. – Só até eu me instalar. Mas não posso guardar segredo para sempre, Harry. Tenho demasiado orgulho em ti para isso. Além do mais, a Angie ia-se derreter toda se te visse.

CAPÍTULO 16

Junho de 1965

Harry trepou a vedação de arame alta como um macaco, aterrou silenciosamente no cimento lá em baixo e correu para o abrigo do armazém.

Estava uma noite de tempestade. Não era só chuva, era um dilúvio puxado por ventos fortes. Mas o mau tempo inesperado agradava a Harry. Significava que haveria menos probabilidade de aparecerem pessoas a meter o nariz, e as pegadas e as marcas dos pneus seriam eliminadas. Puxou o capuz do seu impermeável de oleado preto a tapar a cabeça, limpou a maior parte da água da chuva do rosto com uma mão enluvada e olhou à sua volta.

O armazém fora construído para esse fim durante a Guerra, um edifício de tijolos de um só andar com um telhado de chapa ondulada. Mais abaixo na estrada para Tilbury estava a ser construído um novo complexo industrial, mas este lugar estava rodeado pelas terras pantanosas com vegetação rasteira do Essex.

À distância, via uma fileira de luzes que conduziam na direção das docas, mas aqui só havia uma escuridão retinta. A chuva obscurecia tudo, mesmo a carrinha preta de vestidos que tinham roubado antes nessa noite em Gray's Thurrock. Harry sorriu para consigo, a imaginar Needles a olhar ansiosamente para o escuro, à espera do sinal.

O grande portão duplo era só mais rede de arame sobre uma estrutura de ferro e a guarita minúscula do porteiro ao seu lado estava às escuras. Parecia um campo de detenção, mas sem as luzes e as sentinelas, e o único som era o da chuva a fustigar o telhado de chapa e a jorrar de uma sarjeta demasiado cheia.

Harry fez o reconhecimento do espaço. Subrepticamente, subiu a uma plataforma de madeira de cargas e descargas elevada e espreitou para dentro de umas janelas com grades e com os vidros sujos. Também não havia luzes ali, e ele sorriu com satisfação. Saltou da plataforma e contornou o edifício. Nas traseiras, fora acrescentado em tempos recentes um pequeno escritório em tijolo. Pôs-se nas pontas dos pés e conseguiu ver uma máquina de escrever em cima de uma secretária, um par de armários de arquivo e uma máquina fotocopidora. Continuando a contornar o edifício, viu que o chão de cimento dava lugar a relva grosseira e lama. Outra janela aqui tinha grades, mas, quando voltou para a parte com cimento, deu com uma porta estreita.

Harry pegou no foco, ocultando a luz com a mão em concha e assestando-a na fechadura. Era só uma vulgar fechadura de tipo Yale, e mesmo que estivesse aferrolhada do outro lado, a porta era pouco mais do que cartão prensado reforçado. Nem cães, nem guarda-noturno! Aquilo ia ser canja.

Voltando para o ponto onde entrara, Harry ligou e desligou o foco duas vezes a dar o sinal combinado e depois voltou a coser-se com a parede do armazém.

– Que tipo de palerma é que deixa um carregamento de casacos de couro no meio de lado nenhum sem nenhuma segurança? – murmurou para consigo.

Tinha sido uma tipa chamada Janet que inadvertidamente o pusera na pista daquilo. Era só uma rapariga que ele conhecera, de South Ockenden, que levava a sair algumas vezes. Num domingo, ela teve de fazer horas extraordinárias e pediu-lhe que a viesse buscar aqui ao fim do dia em vez de ao escritório em Tilbury. Depois de umas bebidas, revelou-lhe que era um armazém para produtos prestes a serem exportados. Tinha estado a tratar da

papelada para peças de motores, mas todo o tipo de diferentes produtos era armazenado ali.

Harry não demorou muito tempo a descobrir o que entrava e saía. Um par de dias a vigiar as instalações revelou mercadorias tão diversas quanto produtos alimentares e frigoríficos, e que às seis todos os fins de tarde o pessoal fechava as portas e ia para casa. Nem sequer existia um sistema de alarme.

Já não via Janet há meses e, embora andasse a pensar em assaltar aquele sítio há algum tempo, poderia nunca o ter feito. Mas cedo nessa manhã fora a Tilbury buscar um carregamento de louça e decidiu num impulso vir até aqui. Quase lhe saltaram os olhos da cabeça quando viu varão atrás de varão com casacos de couro a ser descarregado. Os produtos alimentares e os produtos para o lar eram notoriamente difíceis de despachar, mas casacos de couro eram outra coisa – tinham um valor elevado, era fácil pegar neles e armazená-los e ele tinha contactos por todo o país que pagariam a pronto por eles.

Needles, Tony e Eric, os seus velhos amigos de infância, eram os homens óbvios para entrarem naquilo com ele. Confiava implicitamente em cada um deles e nenhum tinha cadastro. Contudo, embora Needles e Tony se mostrassem entusiasmados com a proposta, Eric, que era um ás do volante e fantástico a roubar carros, não pôde juntar-se-lhes. Foi Eric quem sugeriu Ginger.

Harry via Needles e Tony a correrem na direção do portão, a forma de gorila enorme de Needles alguns passos atrás de Tony, mais pequeno e mais atlético. Ambos vestiam os mesmos impermeáveis de oleado que ele, e Needles trazia um alicate. Harry correu para o portão ao encontro deles.

– É canja – disse do outro lado da rede. – Vá lá. Needles, faz o teu trabalhinho.

O seu verdadeiro nome era Albert, mas tinham-lhe dado a alcunha de Needles quando tinham sete anos, depois de ele pegar num ouriço-cacheiro para lhe fazer festas em Epping Forest.³ Agora diziam às outras pessoas que era por ele ser fino como tudo, mas por vezes, quando estavam a sós, ainda o gozavam. O enorme corpo pesado, a grande força física e a voz de adenoides sugeriam um homem bronco e duro, enquanto o cabelo preto aos caracóis, os olhos brilhantes como botões, a pele vermelhusca e a tendência para roupas espampanantes eram caraterísticos de um tipo agressivo. Na realidade, era um homem com bom coração, casado e com dois filhos pequenos e uma esposa delicada que o adorava. Harry nunca o ouvira erguer a voz, muito menos os punhos, com fúria. Embora trabalhasse como porteiro em discotecas do West End, usava os seus modos cativantes, não o seu tamanho ou a sua força.

– Segura e estica bem a corrente, Tone – disse Needles, com o alicate em riste. – Que corrente de treta. Podia cortá-la c’os dentes.

– Poupa-os p’ra um bife amanhã. – Tony sorriu quando a corrente se partiu como um pedaço de plástico. – Por onde se entra, ‘Arry?

– Pela parte de trás. – Harry abriu os portões de par em par e deu sinal a Ginger com o foco para que entrasse com a carrinha. – Que tal se tá a portar o Ginge? Parecia que tava a perder a coragem!

Ginger era o único senão. Harry tinha preconceitos contra homens ruivos, para começar, especialmente quando tinham as pestanas brancas. Não que houvesse realmente algo de que não gostar em Ginge, pagava sempre uma rodada no Blind Beggar. Mas tinha tendência para se gabar – o que quer que uma pessoa tivesse feito, ele podia sempre superá-lo.

Identificara o tipo certo de carrinha imediatamente, entrou nela como um furão e fez uma ligação direta num abrir e fechar de olhos. Mas Harry não gostava da maneira como fumava sem parar nem de como as mãos lhe tremiam.

– É difícil dizer se tá a perdê-la. – Tony lançou um olhar à carrinha que avançava na direção deles. – Ele não diz grande coisa. Mas isto é um trabalhinho simples, ele deve-se aguentar.

A mãe de Tony era italiana e ele herdara dela os olhos escuros aveludados e a pele morena, com o rosto magro de raposa e o corpo enxuto do pai. O boxe era o seu desporto, até àquele momento só amador, mas esperava passar a profissional em breve.

Needles ficou ao portão para o fechar depois de Ginger entrar com a carrinha enquanto Harry os conduzia para as traseiras do armazém.

– Sabem o que é que isto me lembra? – disse Tony ao pararem à porta.

– Canvey Island? – Harry sorriu.

– É, pois. – Tony soltou uma risada. – A gente éramos uns putos reguilas, a entrarmos naquelas rulotes todas. Lembram-se daquela noite em que ficámos lá e aquele gajo nos apanhou?

Tony tirou um pé de cabra do bolso e com um movimento rápido abriu a porta.

– Eu fiz xixi pelas pernas abaixo – disse Needles atrás deles.

Aquelas recordações da infância tinham forjado elos inquebráveis entre eles. As raparigas vinham e iam, nem mesmo o facto de Needles se ter casado enfraquecera a ligação entre eles. Compreendiam-se uns aos outros. Eram irmãos.

– Não faças xixi p’las pernas abaixo hoje ou vais ter de ir a pé p’ra casa – disse Harry por cima do ombro ao entrarem.

– Corta essa! – Needles soltou uma risada baixa. – É mais provável que me cague todo nos dias que correm.

O cheiro forte e quente a couro quase os atordoou.

– Ena pá! – exclamou Tony ao iluminar o espaço com a sua lanterna. – Há milhões aqui, c’um raio!

Dentro, o armazém parecia tão grande como um hangar de aviões, com a lanterna a revelar apenas pequenas secções de cada vez. Havia varões atrás de varões cheios de casacos. Não viam suficientemente bem para distinguir os estilos ou as cores, mas ao toque percebia-se que eram de boa qualidade.

– C’um caraças. – disse Ginger arfante atrás deles. – Não vamos conseguir meter isto tudo na carrinha.

– Vamos empurrar os varões até à porta – disse Harry. – Ginge, tu metes-te na carrinha e nós atiramos-tos. Despachem-se, lá porque não há guardas não quer dizer que a polícia não venha cá fazer uma ronda. Se vierem em cima de nós, saltem pela vedação e encontramo-nos todos na minha carrinha.

Needles e Tony ficaram à porta a atirar as pilhas pesadas de casacos para a carrinha, que Ginger ia acondicionando. Harry ia e vinha, a pôr os varões vazios no seu lugar e a trazer novos. Estavam em silêncio agora, cada um a trabalhar no duro, os únicos sons os de couro contra couro, grunhidos de esforço e o batuque constante da chuva no telhado.

– Já chega – disse Harry quando viu que a carrinha estava cheia até cima, só com um pequeno espaço na parte de trás. – Needles, Tony, entrem p’ra trás. É menos suspeito a esta hora da noite só com dois à frente.

– Isto é melhor do que pôr fora bêbedos – disse Needles com uma risada ao entrar na carrinha.

– Nem sequer me deu volta à barriga. – Tony entrou para o lado de Needles. – Lembra-te de não guiar como um tolo, Ginge, não quero ser o primeiro homem a afogar-se em couro.

Foi só então que Harry lançou um olhar a Ginger. Tremia violentamente, embora não fizesse frio. Mesmo no escuro, Harry via que ele estava branco como a cal.

– É melhor conduzir eu – disse Harry, ao fechar a porta de trás da carrinha e a do armazém.

Harry conhecia Needles e Tony de trás para a frente e era capaz de prever as suas reações a praticamente tudo. Ginger, contudo, era uma incógnita. Os homens nervosos eram perigosos.

– Não, isso compete-me a mim – apressou-se a dizer Ginger. – Eu tou bem, ‘Arry. Só tou com um bocado de frio.

– OK, então. – Harry não queria envergonhar o homem. – Mas conduz com cuidado. Não queremos chamar a atenção para nós.

Ao avançarem ao longo do lado do armazém e dobrarem a esquina, para seu horror Harry viu um homem debruçado sobre os portões a olhar para o fecho arrombado.

– Porra – murmurou.

– O que é que faço? – gemeu Ginger, com a carrinha a guinar para um lado.

Harry apreendeu tudo num relance. Estava um Ford Popular estacionado do outro lado dos portões. Este homem era obviamente um guarda-noturno, mas

fora para casa em vez de ficar ali como devia. Pelos seus ombros descaídos parecia ser velho, e talvez pudessem chegar a um acordo amigável com ele.

– Continua a conduzir – disse Harry. – Eu salto para fora, afasto o tipo com um empurrão e abro os portões. Passa sem parar. Eu corro atrás de ti.

Era um homem velho; Harry via-o pela suas reações lentas. Endireitou-se lentamente, com a mão nas costas, e fitou a carrinha, o seu rosto branco e sem expressão à luz dos faróis.

Harry saltou para fora pela porta lateral e correu para o portão. Ao perto, viu que o homem andava pelos sessenta anos, era gorducho e estava paralisado com o medo. Agarrava a rede de arame do portão e tinha a boca aberta numa expressão de horror.

– Está tudo bem, a gente não vamos fazer-te mal – berrou Harry. – Eu só vou abrir os portões para a carrinha sair.

– A polícia já vem a caminho. – A voz do homem estava rouca. – Não faças isso, rapaz!

Nesse momento, Harry adivinhou que ele era um ex-polícia, provavelmente dos duros no seu tempo, dado o *bluff* de que a polícia vinha aí. Se ele tivesse telefonado da guarita, estaria agora do outro lado da vedação.

Harry arrancou os portões às mãos do homem e eles abriram-se facilmente ao vento, mas ele manteve-se no meio do caminho da carrinha.

– Olha, eu fecho-te naquela guarita – disse Harry freneticamente, a não querer agredi-lo. – Podes dizer que te metemos ali dentro quando chegámos.

O motor da carrinha acelerou atrás de Harry e sobressaltou-o por um segundo. Deu um salto para trás, a empurrar ligeiramente para o lado o homem velho, e virou-se furioso na direção de Ginger, a tencionar avisá-lo de

que não devia atropelar o sujeito. Nessa fração de segundo, a carrinha avançou entre eles. Harry ficou ofuscado pelos faróis e depois soou um tiro.

A carrinha estava entre ele o homem, e a velocidade a que Ginger conduzia não deu tempo a Harry para pensar. Correu ao lado dela e saltou para dentro pela porta aberta.

– Com os diabos, o filho da mãe do velho tava armado. Carrega no acelerador antes que ele dispare outra vez.

Com a porta a fechar-se com força, o som do motor a acelerar e Needles e Tony a berrarem da parte de trás a quererem saber o que se tinha passado, Harry não conseguia ouvir nem ver nada lá de fora. Estavam a uns seiscientos ou setecentos metros já na estrada quando ele se apercebeu de que o cheiro a explosivo vinha de dentro da carrinha. Virou a cabeça de repente na direção de Ginger e viu um velho revólver militar ainda na sua mão enquanto ele manobrava o volante com dificuldade.

– Tu disparaste sobre ele? – perguntou Harry arquejante, tão abismado que mal conseguia falar.

Tudo parecia descontrolado – os limpa-para-brisas não estavam a limpar devidamente a chuva, a carrinha andava aos solavancos de um lado para o outro na estrada. Até mesmo o cérebro de Harry parecia estar paralisado.

– O que é que se passa? – berrou Needles da parte de trás. – Tás ferido, ‘Arry?

Era como um pesadelo, um daqueles em que ele dava consigo a andar pela rua principal sem calças. Só que era real. No rosto branco e magro de Ginger havia um sorriso, e ele tinha de facto uma arma na mão.

– Seu cabrão! Tu deste um tiro naquele velhote! Para quê, seu filho da mãe? Ele não fazia mal a uma mosca!

– Ia-nos fazer parar. – A boca de Ginger estava a tremer e a carrinha andava de um lado para o outro na estrada.

– Só tinhas de o afastar do teu caminho. P’ra qu’ é que tens uma arma, de qualquer maneira?

Estavam a entrar na zona industrial e, embora já passasse da uma da madrugada, uma das fábricas estava toda iluminada e havia uns homens a carregarem um camião.

Harry tentou pensar.

– Atingiste-o? – perguntou.

– Sou capaz de o ter f’rido.

– Ginger estava agora a tremer e a carrinha galgava a berma.

– Estaciona – ordenou Harry. – Eu conduzo enquanto penso nisto.

Saltou da carrinha ainda antes de ela parar completamente, foi para o lado do condutor e arrastou Ginger para fora pelas lapelas do seu impermeável.

– Seu cabrão. – Apetecia-lhe desfazer ao murro aquele rosto branco. – Sabes qual é a pena por roubo à mão armada? Ele era um velhote corajoso. Se calhar só tinha ido a casa p’ra tomar um chá e comer uma sandes. Agora feriste-o e ele é capaz de perder o emprego. E se ele não tiver telefone naquela guarita?

Harry atirou Ginger para o lado da carrinha e deu-lhe um murro no estômago. Ginger dobrou-se e vomitou na estrada. Harry estava agora com o sangue a ferver. Agarrou o ombro de Ginger com a mão esquerda, a preparar-se para assestar um murro com a mão direita no rosto do homem, que tremia como varas verdes.

– Harry! – A voz de Needles veio da traseira da carrinha. – Dizes-nos o qu'ê que se tá a passar ou tenho de arrombar a porta e sair p'ra saber?

Era a voz da razão. Harry soltou Ginger, olhou para o vomitado, já a dispersar-se com a chuva, e lançou um olhar pela estrada para o armazém iluminado por que tinham passado há instantes. À exceção daquele armazém, todos os outros estavam às escuras, mas este tipo de lugar dispunha de alta segurança. Neste preciso momento, alguém podia estar a olhar para eles.

– Entra, seu morcão – disse num tom sibilante. – E não digas nem uma porra de uma palavra até eu te mandar.

Harry entrou para o lugar do condutor e depois virou-se para a parte de trás. O cheiro a couro era quase sufocante naquele espaço fechado.

– Needles, Tony – chamou em voz baixa. – Viram alguma coisa pelo para-brisas de trás?

– Não, só ouvimos o tiro. – A voz de Tony soava abafada. – Depois o Ginge arrancou. Quem era? Os guarda-noturnos normalmente não andam armados.

– Não podemos falar aqui. – Harry tateou debaixo do tabliê à procura dos fios para fazer a ligação direta. – Vou até à nossa carrinha e depois ponho-os a par de tudo. Acho que é melhor livrarmo-nos deste material todo.

Não demorou mais de vinte minutos a chegar à carrinha. Harry soltou Needles e Tony do espaço confinado e fê-los entrar para as traseiras da carrinha, deixando Ginger a remoer na carrinha roubada enquanto explicava o que tinha acontecido.

– Quero voltar lá – disse Harry, acorocado. – Aquele velhote pode ter tido um ataque de coração, qualquer coisa. Pode estar ali deitado à chuva.

– Não podemos voltar– apressou-se a dizer Tony, passando a mão pelo seu cabelo escuro. – Se ele chamou a polícia, já lá devem estar.

– Podíamos chamar uma ambulância – disse Needles. Os seus olhos pequenos brilhavam no escuro, e não parava de estalar os nós dos dedos.

– OK, fazemos isso. – Harry sentia-se um pouco melhor. – Não quero ter nada a ver com aqueles casacos. Vamos só fechar a carrinha e deixá-la aqui.

O facto de não discutirem a decisão mostrou a boa cepa dos seus dois amigos. Harry sempre fora o seu líder e eles confiavam nas suas decisões.

Havia uma só luz no parque de estacionamento, que incidia no rosto de Needles e no de Tony. Os olhos pequenos de Needles tinham praticamente desaparecido com o seu franzir de testa, e a sua boca usualmente jovial estava de cantos descaídos. Tony parecia ter encolhido.

– E aquele cabrão? – Tony apontou na direção da carrinha roubada. – A culpa é toda dele. Deixamo-lo aqui?

Os três estavam a pensar a mesma coisa. Ginger era um gabarolas e havia fortes probabilidades de que nessa noite já todo o East End se estivesse a rir deste roubo. Ginger seria bem capaz de dar a entender que fora o único a não perder a coragem e que alvejara o homem para poderem escapar. Esse tipo de conversa era perigoso; podia fazer com que todos fossem parar à cadeia.

– Não. – Harry abanou a cabeça. – Pregamos-lhe um valente sermão, ameaçamos que o desfazemos à porrada se der co’a língua nos dentes. Mas p’ra já temos que arranjar ajuda para o velhote. Queira Deus que não esteja muito ferido!

*

Harry ausentou-se durante uns dez minutos, mas, quando voltou a entrar no parque de estacionamento, a carrinha roubada tinha desaparecido com Ginger

dentro dela.

– O qu’ê que aconteceu? – Correu para a sua carrinha, onde Needles e Tony estavam sentados.

– Quando saímos da carrinha ele deve ter julgado que lhe íamos tratar da saúde – disse Needles abatido. – Arrancou como se tivesse os cães do inferno atrás dele.

– C’um caraças – explodiu Harry. – É o raio de um canhão destravado à solta na cidade!

Harry sentou-se ao volante e ligou o motor. Não havia muitas ocasiões em que lhe apetecesse chorar, mas esta era uma delas.

– Ele deu um tiro ao velhote – disse Tony em voz baixa. – Tem os casacos e a carrinha. É o funeral dele agora, ‘Arry. Vamos mas é p’ra casa.

*

Harry não foi para a cama quando chegou a casa. Eram quase cinco da manhã e daí a uma hora tinha de ir buscar George. Os três tinham ido diretos para o clube noturno Regency Club em Dalston numa tentativa de criar um álibi. Pedir a alguém que mentisse seria admitir que se tinham envolvido em alguma coisa, mas conheciam suficientemente bem o proprietário para saber que ele os encobriria se fosse necessário.

Harry sentou-se num cadeirão a ver nascer o dia. A sua casa era um pequeno apartamento com serviços incluídos no terceiro andar de um prédio, um espaço minúsculo, funcional e austero pelo qual nunca sentira entusiasmo suficiente para o transformar num lar.

Não estava a pensar em si próprio agora, mas no efeito que aquilo teria no seu pai. Recordou todas as vezes em que fora avisado de que não devia

procurar dinheiro fácil, de que devia evitar brigas e não conviver com criminosos. Como poderia alguma vez contar a George o que acontecera?

Com sorte, conseguiria manter Tony e Needles fora daquilo. Needles tinha filhos pequenos e o pai de Tony estava desempregado e ele tinha de ajudar no sustento da família. O velhote só tinha visto dois homens; se Harry conseguisse encontrar Ginge antes da polícia, poderia fazer-lhe a folha.

Mais tarde, raspou e limpou as solas das botas até não haver vestígios de lama nelas e dobrou num rolo o impermeável de oleado e as luvas para se livrar deles mais tarde. Durante todo esse tempo, contudo, foi-se sentindo cada vez mais desanimado. Porque é que tinha levado Ginger, com os diabos? Nunca jogava póquer com pessoas que não conhecesse, toda a sua vida seguira a regra de nunca confiar em ninguém à partida. No entanto agora, com o céu a ficar gradualmente mais claro, viu que a culpa era inteiramente sua.

George dissera-lhe uma vez que se um homem assumisse o papel de líder era seu dever não só olhar pelos seus homens, mas também definir as regras básicas logo no início. Harry falhara a ambos os respetos.

A chuva já se dissipara com o vento quando ele se dirigiu de carro a Bethnal Green para ir buscar George. O sol estava a espreitar por entre as nuvens e, quando parou para comprar o jornal matutino e não encontrou nada nele sobre o roubo, pensou que talvez os deuses tivessem decidido sorri-lhe por esta vez.

Tara estava na cozinha quando ele entrou, com um roupão aos quadrados cor-de-rosa e branco com folhos. Virou-se e sorriu-lhe.

– Queres uma sandes de *bacon*? – perguntou. – Estou a fazer uma para o tio George. – Estava com um aspeto tão fresco e bonito como a manhã.

– Chega só uma chávena de chá. – Sentou-se à mesa e, sem pensar, pôs a cabeça entre as mãos.

– O que é que se passa? – perguntou ela em voz baixa, pousando-lhe uma mão no ombro.

– Só estou cansado. – Forçou um sorriso. – Tive a noite toda a pé a jogar cartas, por isso não desperdices a tua pena em mim. Diz-me que tal vais? Não te vejo quase nada ultimamente.

Ela já estava há quase dois anos em Londres a trabalhar para Josh. Não voltara a estudar. Embora nos primeiros meses Harry a tivesse levado a dançar e a tivesse apresentado aos seus amigos, desde então distanciara-se dela.

Tanto George como Queenie eram muito protetores. Queriam que ela fizesse amigos próprios e de modo nenhum que andasse na companhia de gente duvidosa. Além disso, ela estava embrenhada no trabalho.

– É tudo maravilhoso. – A sua boca curvou-se num sorriso rasgado.

*

Tara tinha agora dezoito anos. No final das férias do verão há um ano e meio persuadira a sua mãe e a sua avó, com a ajuda de Josh, a deixarem-na ficar em Londres para trabalhar. Aquele primeiro vestido que ela concebeu foi um de muitos que Josh posteriormente mandaria fazer e venderia. Dava-lhe uma pequena percentagem por cada um dos modelos, ela tinha um guarda-fatos cheio de amostras para usar e dinheiro no banco. No entanto, embora se sentisse contente com o seu emprego, reconhecia as suas limitações.

Não sabia praticamente nada sobre os aspetos do negócio relativos aos custos e à manufatura. Josh dava muito pouco valor a todas as horas que Tara

investia, e ela estava ainda muito longe de ter carta branca. No entanto, como a mãe lhe lembrara, se se despedisse agora e fosse para outro lugar teria de começar novamente por baixo.

– Saíste-te brilhantemente. – Harry fez-lhe um sorriso fraco mas encorajador. – Mas uma rapariga bonita como tu devia estar a pensar em se divertir, não a trabalhar o tempo todo, c’os diabos.

– Eu não trabalho o tempo todo. – Tara lançou o cabelo para trás dos ombros. – Saio com a Angie e os amigos dela. Vou ao Rising Sun com o George e a Queenie.

– O quê, não tens namorado? – Harry ergueu uma sobrancelha numa interrogação. Mantinha-se atento aos boatos no que dizia respeito a Tara, e sabia que ela tinha admiradores suficientes para sair todas as noites se quisesse.

– Ninguém especial. – Ela soltou uma risadinha. Por duas vezes pensara de passagem que estava apaixonada, mas em ambas não tinha dado em nada ao fim de um par de semanas. – Os rapazes não gostam de raparigas ambiciosas.

Harry sorriu. Ouvira-a rejeitar tipos um número incontável de vezes por estar demasiado embrenhada no trabalho, o que o deixava feliz.

Tara serviu o chá e deitou açúcar no de Harry.

– E tu? – perguntou. – O que é que aconteceu àquela rapariga, a Janet?

Sentira tantos ciúmes quando ele trouxe a rapariga loura e baixa a um jantar de domingo que não conseguiu manter-se na sala com eles. Sabia que não estava a ser nada razoável, mas Harry era muito especial para ela.

– Já passou à história. – Sorriu maroto. – Ela era um tédio!

– Tenho de me ir vestir. – Tara pressentia que algo o preocupava, e gostaria de ter tempo para aprofundar a questão. –E se viesses comigo à quinta um destes fins de semana? A minha mãe e a minha avó iam adorar ver-te.

Harry sentiu um nó na garganta. Naquele momento, não conseguia pensar em nada melhor do que estar sozinho com Tara no Somerset. Mas não podia fazer nenhuns planos até saber se aquele guarda-noturno estava bem.

– Talvez daqui a umas semanas – disse. – Dás-me um abraço, *baby*?

Não se levantou, e Tara aproximou-se e pôs os braços à volta dele.

– Fizeste alguma asneira? – segredou quando ele encostou a cabeça contra ela.

Harry engoliu em seco. Ela cheirava maravilhosamente, a sabonete e pó de talco. Sentia o calor da sua pele através do tecido fino do roupão e as suas mãos a acariciarem-lhe a cabeça eram muito calmantes.

– Fui só um bocado parvalhão – murmurou, a desejar poder ficar nos seus braços todo o dia e esquecer o que acontecera. – Nada com que tenhas de te preocupar, *baby*.

Ela queria continuar a fazer-lhe perguntas, mas já ouvia os passos de George nas escadas. Debruçou-se e beijou-o na testa.

– Vem passar o tal fim de semana – segredou. – Em breve!

*

– Aquele guarda-noturno morreu! – Mabel estava sentada na sua cadeira de balouço a ler o jornal.

A cozinha cheirava a cebolas e ervas aromáticas e, embora ainda só fossem duas da tarde, estava escura por causa da chuva que caía com força lá fora.

Amy estava a picar sobras de carne para fazer um empadão. Parou de dar à manivela e olhou para a sua mãe com uma expressão interrogativa.

Mabel começara a interessar-se muito mais pelo mundo exterior desde que Tara saíra de casa. Não só lia os jornais, mas também revistas de agricultura. Por fim, tinham uma máquina para mungir as vacas, eletricidade nas dependências da quinta, uma máquina de lavar a roupa, um frigorífico e um aspirador para tornar a vida mais fácil. Até mesmo as alterações no seu aspeto, que começaram quando Amy teve o esgotamento nervoso, se tinham mantido. O seu cabelo branco estava sempre cortado e com uma ondulação permanente, já não andava de calças e botas de homem. Com uma saia de *tweed* e uma camisola azul-marinho, parecia-se com todas as outras mulheres de meia idade da vila.

– Que guarda-noturno?

– O que apanhou um tiro na semana passada em Tilbury. – Mabel tirou os óculos e olhou para a filha. – Não leste a notícia? Dois homens roubaram um armazém e o velho tentou impedi-los de fugirem. Pregaram-lhe um tiro e deixaram-no caído por terra à chuva. Morreu ontem à noite no hospital. Pobre velhote!

Amy suspirou. – Em que é que o mundo está a dar? Em tempos, tinham-lhe só dado uma pancada na cabeça ou amarravam-no. Porque é que lhe deram um tiro’

– Por ganância, que mais poderia ser? – Mabel dobrou o jornal e levantou-se da cadeira. – Espero que o enforcem quando o apanharem.

Amy pôs o último pedaço de carne na picadora e lançou um olhar pela janela.

– Ainda está a chover – disse, irritada, soltando a picadora da mesa e sacudindo os últimos pedaços para o prato com o picado. – Queria ir dar um passeio esta tarde. – Sentira-se nervosa toda a manhã, embora não soubesse dizer exatamente porquê, para além do facto de já estar metida em casa há dias.

– Não és feita de açúcar. – Mabel olhou para a filha e reparou que estava pálida. – Veste um impermeável e calça umas botas e vai dar uma volta.

– Não se importa? – Amy sabia que havia trabalho a fazer na leitaria e que o estábulo precisava de ser limpo.

– Porque é que havia de me importar? – disse Mabel. Eu trato da manteiga e escolho os ovos. Tu trabalhas demasiado, de qualquer maneira.

*

Amy estava parada na ponte de madeira ao fundo de Dumpers Lane a olhar pensativa para o rio lá em baixo. Aquele lugar fazia-a pensar em Paul, porque sempre fora o seu favorito.

As árvores apinhavam-se à sua volta e o tamborilar da chuva era suavizado pelo dossel de folhas. O rio estava cheio hoje, a jorrar em cascata sobre as pedras, castanho com a lama revolvida. Ela sentia o cheiro a alho bravo e a terra molhada e a vegetação rasteira estava brilhante com a chuva. À sua esquerda via o velho moinho sinistro, com o rio a jorrar pelo túnel por baixo da casa. À sua direita um caminho estreito entre as árvores levava à vila.

Perguntava-se como seria Paul agora se fosse vivo. Por vezes, parava para falar com o seu amigo Colin, e tinha dificuldade em aceitar um adolescente corpulento de calças de ganga e blusão de couro em vez do garotinho com sardas e em calções que ele fora. Já não a magoava pensar em Paul agora. Via-o aqui tão claramente, com a sua rede da pesca e um frasco de compota

com um fio atado no topo, a entrar na água, com a língua a despontar-lhe dos lábios enquanto tentava apanhar peixinhos.

Os seus pensamentos voltaram-se para Tara. Ela tinha o ar todo chique de uma rapariga da cidade agora, o cabelo regularmente cortado, pestanas postiças e maquilhagem impecável. Não a viam com muita frequência, só por uns dias no Natal, uma semana no verão e o ocasional fim de semana. Já não havia nada para ela aqui. Estava sempre com a ideia na moda e as suas conversas eram todas sobre Josh, Angie, George e Queenie.

Pelo menos aquele caso com Simon Wainwright não a afetara demasiado profundamente. Tivera outros namorados, ao que parecia, e muitas vezes fazia rir Mabel e Amy com histórias sobre até que ponto chegava para os evitar depois de romper com eles.

Amy sentira-se muito ansiosa nos primeiros meses depois de Tara partir. Londres, e particularmente o East End, era um lugar perigoso para uma rapariga nova, embora George e Queenie assegurassem que a vida de Tara girava em torno do seu trabalho e que, mesmo quando saía, nunca lhes dava motivos de preocupação.

Contudo, era difícil ver-se já sem ser mãe. Todos aqueles anos a olhar pelos filhos, e agora sentia-se obsoleta. É claro que havia o trabalho na quinta, mais do que o suficiente para qualquer pessoa, mas não era o mesmo que andar atrás dos filhos. Por vezes, como hoje, sentia-se terrivelmente só.

Voltou pelo bosque na direção da vila. A chuva estava a cair com mais força e ela sentia-a infiltrar-se até à roupa interior. Sabia que devia ir para casa, mas não lhe apetecia nada passar mais uma tarde enclausurada com a mãe.

A rua principal parecia desoladora debaixo de chuva. À exceção do supermercado Coop, que estava muito iluminado, as lojas tinham um ar sombrio e fechado. A água da chuva jorrava nas sarjetas, transbordando como um rio e atravessando a estrada a determinado ponto. Até as floreiras das casas nas arcadas acima da rua tinham um ar desalinhado.

– Amy! – O seu nome gritado fê-la olhar à volta. Gregory Masterton vinha a dobrar a esquina, quase arrastado por *Winston*, o seu labrador de pelo claro. Greg estava tão molhado como o cão, com um impermeável de oleado amarelo e o cabelo ralo colado ao rosto. – Que me dizes a uma chávena de chá? – propôs, com o seu rosto vermelhusco e bem disposto a abrir-se num sorriso rasgado.

Amy nem pensou duas vezes. – Adorava – respondeu, e atravessou a rua a correr ao seu encontro.

Tinham-se tornado amigos íntimos desde a morte de Paul. Greg era a pessoa com quem ela desabafava, com quem partilhava a sua preocupação com Tara e até mesmo a irritação com a sua mãe. Por vezes, sentia que sem ele poderia voltar a cair em depressão.

– Olá, *Winston*. – Amy fez uma festa ao cão molhado, sorrindo ao ver a sua expressão exuberante. – Arrastaste o teu dono para a rua com este tempo?

– Qual é a tua desculpa para andares a passear à chuva? – perguntou Greg enquanto subiam a rua principal na direção da sua casa. – Estás a escapar ao duende?

Partilhavam a piada de que Mabel era um duende à espreita debaixo da ponte, à espera de viajantes incautos. Mabel não perdera inteiramente a sua língua cáustica e por vezes tratava Greg como um moço da lavoura.

– Acho que sim. – Amy sorriu. – É esta chuva. Apetece-me tratar do jardim, qualquer coisa menos ficar presa em casa. Parece-te que alguma vez vai parar?

– A previsão do tempo não dá grande esperança. – Greg parou por um momento junto ao muro de pedras cinzentas do seu jardim. Havia tufos de aubrietas púrpura em cascata sobre o muro, por trás de um lilás florido. – Olha para aquilo, Amy! Só se repara como o púrpura, o verde e o cinzento ficam lindos quando chove.

Amy parecia-lhe um pouco abatida. Ele sabia que Mabel empurrava muito trabalho para ela, mas aquilo dava a impressão de ser mais do que fadiga.

– És uma pessoa muito calmante. – Amy fez um sorriso em condições pela primeira vez nesse dia. – Talvez eu também precise da chuva para ver as coisas melhores em ti.

*

Amy adorava Acacia House, a Casa das Acácias, desde a primeira vez que levou as crianças para uma consulta com Greg. A casa e o consultório ficavam num edifício de quatro frentes de pedra cinzenta ao estilo georgiano que recordava um pouco a Amy a casa antiga que Bill lhe mostrara no Kent, e Paradise Row. Talvez um pouco desleixada, com o seu grande portão de ferro forjado praticamente todo enferrujado e as velhas janelas de guilhotina a necessitarem de uma demão de tinta, mas era elegante.

Quando Amy ainda não conhecia bem Greg, costumava tentar adivinhar como seria o resto da casa. Imaginava um piano de cauda na sala de estar, cadeirões forrados a veludo – tudo precisamente no seu lugar como num salão de exposição de mobiliário. Mas quando finalmente entrou, descobriu que não era nada assim. Não só estava bastante desarrumada e não tinha um

piano, mas também a mobília era toda desirmanada, peças soltas passadas de geração em geração, e Amy deu consigo a gostar ainda mais dela pelo seu ar acolhedor e a sua falta de ostentação.

– Não olhes à desarrumação, não estava à espera de visitas. – Greg sorriu ao abrir a porta.

– Dizes sempre isso. – Amy riu-se. – Sei de fonte limpa que a tua mulher da limpeza te enche os ouvidos com os problemas dela em vez de fazer o trabalho que lhe compete. Suspeito que gostas de viver na confusão!

O chão do átrio era de ladrilhos pretos e brancos, como de costume coberto com as marcas enlameadas das patas de *Winston*. À sua direita, uma porta dava para um minúsculo escritório, o consultório e a sala de espera. À esquerda havia uma sala de jantar formal que ele usava mais para reuniões; na parte de trás, uma sala de estar grande e cheia de luz. A cozinha ficava por trás da escadaria larga.

Winston saltou para Amy mal se viu sem trela, cobrindo o seu impermeável com manchas enlameadas.

– Para baixo, *Winston* – berrou Greg. – Já para a cozinha!

Amy seguiu Greg enquanto ele enxotava o cão para as traseiras e pegava numa toalha velha para o secar. Usualmente, quando ela entrava na cozinha dele, lançava um olhar de inveja aos equipamentos modernos, aos muitos armários, à vista do lava-louça para o jardim, mas hoje deu consigo a olhar para Greg.

Ele despira o impermeável ao entrarem em casa. Agora, com um casaco de malha castanho e calças de tweed, baixou-se para esfregar o pelo do cão. *Winston* submeteu-se àquilo por um momento e a seguir deitou-se de costas para que Greg lhe coçasse a barriga. A maneira terna como Greg lhe fez a

vontade provocou em Amy uma sensação estranhíssima; era quase de ciúme! Virou-se, descalçou as botas no átrio e entrou na sala de estar.

Era a divisão mais atravancada que ela jamais vira. As paredes estavam forradas com livros, uma grande secretária junto à janela cheia de papéis. Havia mais livros em pilhas no chão; um grande sofá cheio de covas estava coberto com uma manta de croché, por causa dos rasgões no estofado e do hábito de *Winston* de dormir em cima dele. Havia muitas coisas para que olhar. Velhos relógios, um par de modelos de barcos à vela, canecas decorativas, uma coleção de cachimbos, quadros bordados pela avó dele. Era como estar num museu da família Masterton, coisas acumuladas e guardadas não por causa do seu valor, mas por razões sentimentais.

Amy sentia que Greg sabia mais sobre ela do que qualquer outra pessoa no mundo. Tinha jeito para a levar a confessar os seus pensamentos mais íntimos e contava-lhe muitas vezes coisas sobre si próprio que a levavam a crer que eles os dois eram estranhamente parecidos.

Profissionalmente, era um médico muito bem sucedido, muito respeitado por toda a gente. Contudo, a um nível pessoal tinha uma timidez inata e Amy suspeitava que ele se sentia frequentemente muito só.

– Deixa-me pendurar o teu casaco. – Sobressaltou-a a mão dele no seu braço. Estava tão embrenhada nos seus pensamentos que não se dera conta de que ele tinha saído da cozinha.

– Amy! – disse ele num tom reprovador. – Estás molhada até aos ossos. Quanto tempo é que andaste a passear à chuva?

– Uma ou duas horas – disse ela distraidamente, deixando escorregar o casaco dos ombros.

Sentiu os dedos dele tocarem no seu cabelo e descerem do seu pescoço para os ombros, e um tremor inesperado percorreu-lhe a espinha.

– Estás mais molhada do que o *Winston* – disse ele, virando-a para si.

Amy lançou um olhar à mão no seu ombro e ergueu lentamente o rosto para o dele. Havia uma ternura patente naqueles meigos olhos castanhos. Os lábios dele estavam entreabertos, o seu rosto redondo e corado de repente inexplicavelmente querido.

– Abraça-me – segredou ela.

Em silêncio, ele puxou-a a si e encostou-lhe a cabeça ao ombro, com uma mão a acariciar-lhe as costas. Ela sentia o cheiro do cão molhado e um ténue odor a desinfetante e lã molhada, e ouvia o coração dele a martelar por baixo da camisola.

Foi ela a tomar a iniciativa do beijo. Ergueu a cabeça, pôs a mão húmida na face dele e puxou-lhe a cabeça para baixo ao encontro da sua. Ouvia a chuva escorrer pela caleira junto à janela e o tiquetaque do relógio de pêndulo no átrio. Mas os lábios dele nos dela estavam tão cheios de doçura e paixão que ela se sentiu a passar para um vazio onde nada tinha importância a não ser ele.

– Oh, Amy. – Greg suspirou quando pararam de se beijar, os rostos ainda muito juntos, os corpos comprimidos um contra o outro. – Se soubesses quantas vezes ansiei por fazer isto.

Ela gostaria de poder confessar algo semelhante, mas a verdade era que nunca sentira nenhuma pontada de desejo sexual por ele até àquele momento. No entanto, como uma pessoa a morrer de sede a quem é dado o primeiro gole de água, queria mais.

Todo o seu corpo pareceu irromper em chamas quando ele voltou a beijá-la. Desta vez, a sua língua entrou na boca dela, a sua respiração tornou-se mais pesada. Ela meneava as ancas contra ele, sem conseguir controlar as sensações que a percorriam. O mesmo anseio acumulado estava nele também; ela sentia-o no seu corpo trémulo, no toque das suas mãos e no calor dos seus lábios.

– Estás tão molhada – segredou-lhe ele ao ouvido. – Queres que te arranje uma camisola seca?

Amy adivinhou que ele se sentia assustado com aquela súbita mudança do rumo dos acontecimentos, por muito que a tivesse ansiado.

– Eu quero-te, Greg – segredou com os lábios no seu pescoço. – Despe-me as roupas todas.

Os seus lábios voltaram a colar-se aos dela e ela sentiu um ímpeto mais audaz a percorrê-lo ao mesmo tempo que os seus dedos encontravam o fecho da saia dela. A saia tombou no chão aos seus pés, e as mãos dele enfiaram-se debaixo da camisola dela, puxando-a para cima e tirando-lha pela cabeça. Parou a olhar para ela por um momento, ali de pé com uma combinação branca de algodão, e depois os seus braços estenderam-se para ela e envolveram-na num abraço apertado.

Dirigiram-se para o sofá. Tinham pouco espaço, mas Amy já não queria saber de mais nada. A mão dele deslizou pela sua perna e quando os dedos tocaram a pele nua acima da meia ela soltou um grito e apertou-o ainda mais a si.

Tudo era frenético – os beijos e a maneira como se acariciavam. Demasiada pressa em possuir, demasiada fome. Quando os dedos dele entraram nela, Amy gritou, arqueou as costas e abriu as pernas deliberadamente.

Ele não conseguia tirar as calças; limitou-se a correr o fecho, puxou-a para si no sofá, ajoelhou-se no chão diante dela e penetrou-a.

Durou pouco, alguns impulsos fortes enquanto lhe agarrava as nádegas com força e dizia o seu nome, e de repente estava a sair de dentro dela, deixando-lhe um rasto pegajoso na coxa. Ainda estavam abraçados, ofegantes, quando ouviram uma voz de mulher a chamar.

– Ó da casa! Doutor Masterton, está aí dentro?

Amy abriu os olhos horrorizada. A mulher estava claramente no jardim das traseiras, tendo dado a volta à casa por não ter obtido resposta à porta do consultório.

– Que diabo! – Greg levantou-se de um salto e enfiou o pénis dentro das calças. – Esqueci-me que Mrs. Spear tinha uma consulta!

Amy levantou-se também de um salto, ciente de que era provável que a qualquer minuto a senhora espreitasse pela janela. Greg puxou-lhe a combinação para baixo, agarrou na camisola e na saia húmidas do chão e correu com ela para o átrio. Tinha uma expressão de pânico nos olhos.

– Veste-te, eu desvio-a para a frente da casa.

Correu para a cozinha e ela ouviu-o abrir a janela.

– Só estava a tratar de uma papelada – disse ele. – Devo ter adormecido e não ouvi a campainha. Venha pela frente que eu abro-lhe a porta do consultório. – Estava a acamar o cabelo quando voltou. – Desculpa lá isto. – Parecia atarantado. – Não te importavas de sair pelas traseiras depois de ela entrar? Sabes como é coscuvilheira.

Winston pôs-se a bater com a cauda contra o armário da cozinha enquanto ela vestia o impermeável e calçava as botas.

– Não, tu tens de ficar aqui – segredou, entreabrindo a porta das traseiras o suficiente para se esgueirar.

Sentia-se humilhada ao descer subrepticamente o caminho do jardim. Ainda chovia a cântaros, mais água salpicava-a de arbustos altos e a camisola dava-lhe a sensação de ser uma toalha molhada por baixo do casaco. Sentia o rosto a arder, os olhos marejados com lágrimas. Saiu de lado por um buraco na vedação, chegou ao rio e enveredou pelo caminho de regresso à quinta.

O que é que tinha feito? Uma amizade calorosa de longa data destruída por causa de uma espécie de luxúria animal tresloucada. Como é que alguma vez poderia voltar a olhá-lo nos olhos?

*

– Mas o que é que se passa contigo esta noite? – resmungou Mabel. Eram quase nove horas e estavam a ver televisão na sala de estar. Amy tinha pegado num vestido que estava a fazer para uma vizinha, mas deixara-o no regaço sem lhe tocar. – Mal disseste uma palavra desde que voltaste para casa. Terás apanhado alguma coisa?

– Acho que estou a ficar constipada. – Amy levantou-se e dobrou o trabalho de costura, deixando-o no cadeirão. Sentia-se insuportavelmente envergonhada consigo mesma e receava que se ficasse na sala com a mãe pudesse acabar por confessar. – Acho que vou mais cedo para a cama.

Quando saiu para o *hall*, viu que tinha sido enfiado um envelope por baixo da porta. Fechou os olhos por um momento, a querer pegar nele, mas receosa. Via pela letra que era de Greg. A sua letra grande e firme era inconfundível.

Uma vez no seu quarto, com a porta bem fechada, abriu-a.

«Minha querida,» escrevera ele.

«O que é que deves estar a pensar de mim? Amo-te desde o primeiro dia, quando entraste no meu consultório com os teus filhos. Ao longo de quatro anos o meu amor tornou-se cada vez mais forte e depois, quando parecia que finalmente sentias também alguma coisa, estraguei tudo.

Imaginava seduzir-te num lugar romântico, amar-te tão ternamente que nunca me deixarias. Em vez disso, portei-me como um animal. Não posso crer que te tenha despachado pela porta das traseiras. A minha única desculpa é que receava que fosses apanhada numa posição comprometedora. Queria abraçar-te, dizer-te que te amava. Fazer amor contigo outra vez só com o teu prazer em mente. Em vez disso, nem sequer tive coragem para te encarar, e esta carta terá de bastar até eu saber se te sentes enojada por mim.

Se há alguma esperança, por favor, deixas-me tentar de novo? Posso cozinhar-te uma refeição especial, com vinho e música? Amanhã à noite, às sete?

Tu és tudo para mim neste mundo, Amy.

Profundamente envergonhado, Greg».

Amy sentiu um borbulhar de júbilo percorrer-lhe as veias ao ler e reler a carta.

Era a sensibilidade dele que mais a afetava. Não só a sua culpa por a ter despachado para fora de casa, mas também os seus receios de não lhe ter dado prazer sexual.

De repente, soube o que andava inconscientemente a atazanar-lhe a mente há semanas. Queria amor, necessitava de amor. Agora estava a ser-lhe oferecida uma segunda oportunidade, uma relação satisfatória e adulta assente na compreensão e numa profunda amizade.

– Oh, Greg.– Suspirou, a desejar ter a coragem de correr para a Acacia House imediatamente. – É claro que irei.

³ *Needles* significa *agulhas*. (N. da T.)

CAPÍTULO 17

Julho de 1965

— **O** que é que a idade tem a ver com isso? Ela tem imaginação e talento. —
Josh recostou-se na sua cadeira giratória e acendeu um charuto King Edward com um gesto floreado.

Passava pouco da uma da tarde de mais um dia quente de verão do início de julho. As janelas estavam fechadas para não deixar entrar o ruído e a poeira da rua movimentada. Só uma pequena ventoinha a fazer esvoaçar os papéis que estavam em cima da secretária de Josh tornava o escritório suportável.

— Não sejas tolo, meu rapaz! Não podes pôr-te de mal com os fabricantes por causa de uma rapariguinha qualquer. — Solomon Bergman abanou a cabeça, o seu sotaque alemão mais pronunciado como acontecia sempre que o comportamento do seu filho o perturbava.

Eram totalmente opostos. Solly tinha o cabelo branco e era pequeno e corcovado. Depois de uma vida inteira como alfaiate, nada mais do que um fato caro, um relógio de ouro e um *Daimler* o separava das centenas de homens judeus encarquilhados que se tinham feito velhos muito antes de alcançarem a prosperidade.

Josh não era propriamente um gigante, com o seu metro e setenta e oito, mas emanava poder de todos os poros da pele. Desde que a sua boutique alcançara sucesso, parecia crescer em estatura e autoconfiança a cada dia que passava. Os seus fatos eram feitos por medida, o seu cabelo impecavelmente cortado.

Encontravam-se no escritório por cima da loja de Bethnal Green. Nos dois anos desde que Tara viera trabalhar para Josh, as coisas tinham mudado. A prosperidade era patente. Era realmente um escritório agora, com uma

enorme secretária de madeira de freixo preto e uma cadeira de pele genuína, chão alcatifado e os varões para as roupas relegados para um armazém completamente equipado no andar de baixo. Havia amostras de tecidos empilhadas num tabuleiro de arquivo, esboços de modelos pregados num quadro e amostras de botões e debruns em cartões.

– Há muitos mais fabricantes a ansiar por trabalho. – Josh encolheu os ombros, mas as gotas de suor na sua testa indicavam que não se sentia tão calmo quanto tentava aparentar.

– Mas ela não corta os moldes profissionalmente, pois não? – disse Solly num tom de desprezo. Os seus olhos tinham sido em tempos tão grandes e melancólicos como os do seu filho, mas agora estavam quase ocultados pelas dobras da pele engelhada. – Olha para a coisa do ponto de vista deles. – Acenou expansivamente com as mãos. – Tu levas-lhes papel pardo colado com fita-cola e chamas a isso um molde. Depois, quando eles cometem um erro, deitas-lhes as culpas a eles. É claro que não gostam disso! Não consigo compreender porque é que estás tão apanhado por ela. Não é assim tão especial como isso.

Tinha constado a Solly há algum tempo que Josh andava a indispor velhos amigos no negócio das roupas. Agora, queria pedir emprestada uma enorme quantia para abrir três sucursais, e esta rapariga parecia estar na origem daquilo.

– Se acha que a Tara não é especial, então o tolo é o senhor. – Josh sorriu trocista ao pai. – Ela tem ideias como mais ninguém. Todos os desenhos dela que mandei confeccionar foram um sucesso. Ela começou a desenhar saias curtas pouco depois de vir trabalhar para cá. Agora aquela tipa, a Mary Quant, aparece nos jornais todos com elas. Se eu tivesse tido a coragem de apoiar, talvez o *meu* nome andasse pelos jornais. E depois são as cores que

ela combina, o corte e as ideias super *sexy* que ela tem. Ela é empolgante, Paizinho, e é exatamente do que preciso.

– Ouve, filho. – Solly inclinou-se para a frente sobre a secretária. – Acalma-te, senta-te direito e faz uns cálculos antes de pensares sequer em te expandires. Tens esta loja há menos de três anos. Saíste-te bem, triplicaste o volume de negócios este ano, mas não partas do princípio de que isso vai continuar. Abrir lojas por toda a cidade de Londres não vai necessariamente tornar-te milionário. Pode dar para o outro lado. Esta loja servia para Bethnal Green, andaste com sorte, é tudo. Se experimentares a mesma fórmula em Kensington o mais provável é que vás ao charco, porque a renda vai ser dez vezes mais alta do que aqui.

– Pai, Pai, Pai. – Josh abanou a cabeça, cansado. – Ainda não reparou em nada, pois não? Há uma revolução a acontecer. Estamos em 1965, os jovens querem viver, não poupar o dinheiro deles. As raparigas querem roupas diferentes todas as semanas, querem exhibir-se, ser extravagantes, e, segundo a Tara, que parece ter faro para isto, a coisa vai aquecer ainda muito mais.

– Deve ser muito boa na cama. – Solly fungou.

– Não faço ideia. Ela não é nenhuma oferecida – retorquiu Josh. – Gostava que reconhecesse o mérito à miúda. Ela tem trabalhado como uma escrava para mim, chega sempre a horas, é cumpridora, de confiança e criativa. Sei que só tem dezoito anos e não tem habilitações, mas isso tem as suas vantagens. Não faz nenhuma exigências, não se dá ares. A Tara simplesmente tem uma ideia e persegue-a. Os modelos dela são os que vendem.

Solly tombou em silêncio, irritado com a arrogância do filho. A razão pela qual tinha dinheiro agora era o trabalho árduo e a atenção aos pormenores.

Cada fato e cada casaco que saíam da sua fábrica eram verificados por ele. Se estivessem com falta de pessoal, não havia um trabalho que ele não fosse capaz de fazer. Tinha consciência de que os tempos tinham mudado, de que os jovens possuíam dinheiro e não queriam saber da qualidade, mas Josh estava a construir o seu negócio em cima de areias movediças.

Delegava tudo. Apesar de todos aqueles anos nas Belas Artes, Josh não sabia como cortar um fato ou até mesmo vincar uma costura. Tinha aquela garota para atamancar uns modelos e fabriquetas para os confeccionarem, depois atulhava os expositores com eles e arrecadava o dinheiro. Mas ao fim e ao cabo estava a arriscar-se muito. No dia em que Josh se cansasse de estar no poleiro a dizer aos outros o que fazer, a coisa toda viria por ali abaixo. Devia estar a investir os lucros, estar presente a supervisionar tudo, não a pavonear-se pela cidade num carro espalhafatoso com uma jeitosa desmiolada qualquer pelo braço.

– Lamento, filho. – Solly abanou a cabeça. – Não posso pôr dinheiro num empreendimento assim tão arriscado. Espera até obteres tu o capital; investe os lucros em vez de os gastares.

– Vai-se arrepender, Paizinho. – Josh forçou-se a sorrir, embora se sentisse como se alguém tivesse espetado um alfinete no seu balão. – Queria que fosse acionista, fazer a coisa toda em condições. Vai ficar a perder.

– Espero que sim. – Solly pegou na bengala e levantou-se. A artrite estava a incomodá-lo. – Se te saíres bem, ninguém vai ficar mais contente do que eu e a tua mãe, mas ganhar o nosso dinheiro foi um longo e árduo caminho e não podemos arriscar-nos a perdê-lo agora.

Josh limitou-se a sorrir.

– Beijinhos meus para a mãe – disse num tom desdenhoso, e ficou a ver o pai descer as escadas cautelosamente.

*

Solly demorou algum tempo a atravessar a loja, parando para olhar para as roupas ao mesmo tempo que observava Tara pelo canto do olho. Ela estava a ajudar uma cliente a escolher entre dois vestidos.

– Achei que o preto parecia um pouco vulgar– ouviu-a dizer. Tara estava junto ao provador, a falar com uma mulher que não se via. Trazia uma saia preta e branca pelo menos cinco centímetros acima dos joelhos, um *top* branco justo e o cabelo solto sobre os ombros. Ele tinha de admitir que era muito bonita.

– O vermelho é sensacional – prosseguiu Tara. – Se vai a uma festa, quer dar nas vistas.

– Não acha que me faz parecer gorda? – disse uma voz lá de dentro.

– Como é que alguém que veste o tamanho trinta e oito pode parecer gorda? – Tara riu-se. – Honestamente, fica-lhe superbem.

– OK, levo o vermelho – ouviu, ao mesmo tempo que os dois vestidos apareceram à porta do cubículo. – Não, pensando melhor, levo os dois. O preto vai servir para o trabalho.

Solly viu o prazer no rosto de Tara quando voltou para o balcão com ambos os vestidos pendurados no braço.

– Olá, Mr. Bergman. – Parecia um pouco sobressaltada. – Como está?

– Ótimo – disse ele, a desejar ter podido esconder-se para se assegurar de que ela registava os dois vestidos. – Tenho de ir embora. Adeus!

Tinha dúvidas quanto a Tara. Porque é que uma rapariga tão bonita e talentosa como ela queria trabalhar em Bethnal Green? Porque é que não tinha ido para Belas Artes ou para uma das grandes lojas de moda? Devia andar atrás de Josh, a insinuar-se porque sabia que a família dele tinha dinheiro.

Dizia que a sua família tinha uma quinta no Somerset. Bem, como é que era tão sabida? OK, falava bem, não tinha pronúncia *cockney*, mas ele iria jurar que tinha nascido e se criara nestas ruas. Tinha a alma de uma pessoa do East End.

– O tempo dirá – murmurou ao sair da loja e se encaminhar para o seu carro. – A Rachael devia arranjar-lhe uma boa rapariga judia, talvez assim ele perdesse algumas das suas ideias descabeladas.

*

A loja ficou em silêncio depois de Mr. Bergman sair. Angie estava na parte do armazém a passar a ferro alguns vestidos e Tara ocupou-se a coser um botão que tinha caído num casaco.

Sentia-se perturbada por Mr. Bergman. Pressentia que ele não gostava dela, mas não sabia porquê. Em dois anos chegara tarde talvez umas três vezes e nunca estivera doente. Olhava pela loja com tanto cuidado como se fosse sua e dera a ganhar muito dinheiro a Josh. Porque é que ele não implicava com Angie? Era ela quem estava sempre a tomar liberdades, a levar roupas emprestadas da loja, a faltar ao trabalho, já para não mencionar também que dormia com Josh.

Os dois anos tinham passado a voar e ela sabia agora muito mais da vida. Talvez, olhando agora para trás, devesse ter continuado a estudar, mas assim não teria obtido a experiência que tinha agora.

Viver com George e Queenie era confortável. Apreciava a boa comida, o calor e a conveniência, mas também a atitude pouco crítica deles. Não tinha de pensar duas vezes antes de falar nem de ocultar os seus sentimentos. Não havia suspeitas nem silêncios gélidos. Se Queenie e George tivessem algo a dizer, diziam-no, desanuviavam o ar e seguiam em frente.

Tara tinha muitos amigos agora, principalmente através de Angie, e todas as coisas que esperara de Londres estavam lá ao seu alcance. Dançar no Empire aos sábados à noite, almoços de domingo no *pub* Blind Beggar e depois frequentemente durante a semana idas ao Rising Sun em Bethnal Green com Queenie e George para ver teatro de revista.

Desde que fizera aquele primeiro vestido de verão para Josh, dedicara-se de alma e coração à moda. Algumas das suas ideias mais extravagantes não resultavam, mas aprendia todos os dias, escutando as clientes e vendo o que as lojas do West End faziam. Tencionava confrontar Josh em breve e insistir que ele lhe atribuísse algum do crédito por todo o seu trabalho.

– Estás com um ar um bocado abatido! – disse Angie ao vir das traseiras com uma braçada de vestidos. – O que é que se passa?

Em dois anos, Angie amadurecera, passando de rapariga ingénua e risonha a mulher confiante e sofisticada. O seu cabelo louro caía-lhe em cascata sobre os ombros em caracóis pré-rafaelitas, as pestanas postiças acentuavam os seus olhos verdes e compensava a falta de altura com saltos de dez centímetros. Embora tivesse muitos namorados, era por Josh que estava apaixonada, embora ele a tratasse mal.

– Nada de especial. O velho Solly esteve cá a lançar-me mau olhar. – Tara sorriu e levantou-se do banco para ajudar Angie. – Não gosta de mim.

– Não consegue compreender-te, é tudo. – Angie sorriu. – Eu também não, às vezes. Mas gosto de ti, de qualquer maneira.

Tinham-se tornado amigas íntimas, mas as suas atitudes em relação à vida eram inteiramente diferentes. Angie vivia para o momento, a guinar de uma crise emocional para a seguinte, a sua única ambição encontrar um marido rico que a tirasse de trabalhar. A reticência de Tara em se envolver com qualquer homem intrigava Angie, que também não compreendia a feroz ambição que mantinha a sua amiga em casa à noite a trabalhar no duro à máquina de costura.

– Devia ir a casa este fim de semana. – Tara suspirou. – A minha mãe telefonou-me ontem à noite e tinha aquele tom na voz.

– O tom «esqueceste-te completamente de mim»? – Angie estremeceu em sinal de empatia.

Tara acenou com a cabeça.

– Ando sempre a ouvir isso, e tenho muito menos desculpa para não ir visitar os meus pais do que tu. O Somerset fica tão longe. – Angie estava a segurar o monte de vestidos enquanto Tara os colocava no varão.

– Adoro quando chego lá – disse Tara pensativa. – A minha mãe dá-me sempre ideias tão boas, a minha avó dá-me de comer e mimos. Mas sinto sempre que, de alguma maneira, as dececionei.

– Porque ainda estás em Bethnal Green?

– Sim. Preocupa-as que eu vá ser corrompida.

Tara não revelara o seu passado nem mesmo a Angie. Em grande medida, deitara-o de tal modo para trás das costas que acreditava que Anne MacDonald e tudo o que isso implicava eram só um sonho. Por vezes, no entanto, quando se descaía com alguma coisa sobre os amigos de Harry, via

os lábios da mãe comprimirem-se e os seus olhos ficarem toldados com ansiedade. A avó era ainda pior; não só parecia convencida de que Harry estava a tornar-se um gangster, mas também dava a entender que Josh era uma espécie de judeu escravagista de mulheres brancas.

– Como é que vai o caso da tua mãe com o médico? – perguntou Angie.

– Está a aquecer, penso eu. – Tara ficou com um brilho nos olhos. Gostava de Greg, ele era bondoso, divertido e muito bom para a mãe dela. Sempre que telefonava para casa, perguntava por ele à mãe, na esperança de que houvesse a notícia de um noivado. – Ela contou-me que ele a levou ao teatro no sábado passado e a jantar num restaurante chique em Bath. Suspeito que andam a coisar, embora como conseguem, com a minha avó a vigiá-los como um falcão, nunca saberei.

– Talvez se casem em breve. Isso vai desviar as atenções de ti. – Angie arrumou os últimos vestidos no varão e espreguiçou-se. – Meu Deus, está quente aqui dentro. Não admira que não haja movimento nenhum.

– Que tal vão as coisas? – A voz de Josh por trás delas fê-las virarem-se as duas.

– Nada mal – respondeu Tara. – Mas, tal como no ano passado e há dois anos, estamos a ficar sem roupas de verão.

– Tens algumas ideias brilhantes? – perguntou Josh, a verificar o apuro na caixa registadora. Sorriu ao ver que já tinham apurado duzentas libras. Cem já lhe teriam agradado.

– E aquele bordado inglês que tens lá em cima? Um decote em coração, alças finas, talvez abotoado? – sugeriu Tara.

Tinha feito um esboço, mas não se deu ao trabalho de lho mostrar, porque ele confiava agora nas descrições dela.

– Faz um. – Acenou com a cabeça. – Consegues fazê-lo esta noite? Tenho um novo fabricante apalavrado. Vou lá amanhã de manhã.

– Bem, eu ia sair. – Franziu a testa, a pensar se gostava de facto o suficiente de David Gates para se incomodar. Era mais um tipo duvidoso *cockney* que se esforçava por ser como Harry, mas de algum modo falhava nos fatores calor humano e entretenimento. – Mas podia adiar.

– Apreciava que o fizesses – disse Josh. – Sai às cinco hoje. A Angie pode tratar das clientes de última hora.

*

Josh voltou para o seu escritório e sentou-se. Já não o surpreendia o empenho de Tara. Contava com a amostra na manhã seguinte, porque ela nunca o deixara ficar mal. Parecia saber exatamente o que as raparigas com menos de vinte e cinco anos comprariam.

Era uma empregada de sonho, e mal se passava um dia sem que ele receasse que alguém lha roubasse. Pensar que quase a despedira quando soube que conhecia Harry Collins!

Nessa fase, já trabalhava para Josh há quatro meses e nesse tempo concebera seis ou sete peças de roupa que tinham sido um sucesso de vendas, incluindo um casaco clássico de veludo que ele ainda mantinha em *stock*. Contentava-se com a sua minúscula percentagem e as amostras, as clientes ficavam encantadas e Josh esfregava as mãos de contente com os lucros fáceis que estava a ter.

Tara dizia pouco sobre a sua vida pessoal. Ocasionalmente, mencionava a quinta, a sua avó e a sua mãe viúva. Quando lhe confidenciou que elas queriam que ela voltasse a estudar em setembro, Josh escreveu-lhes uma carta

a confirmar que pretendia dar-lhe um emprego permanente e a elogiá-la vivamente.

Da tia e do tio falava mais frequentemente, mas os nomes Queenie e George não fizeram soar nenhum sinal de alarme. Se alguma vez falara de Harry ele não se lembrava.

Num fim de tarde no início de dezembro, estava a chover torrencialmente e Harry Collins entrou a correr na loja com um casaco por cima da cabeça, mesmo à hora de fechar. Tara estava no armazém nas traseiras e Josh encontrava-se sozinho na loja, pelo que não houve nada a avisá-lo da ligação entre eles.

– Há que tempos que não te via, Josh. – Harry sorriu, atirou o casaco para cima de um banco e estendeu a mão.

Eram da mesma idade, nascidos a poucas ruas um do outro, e até os Bergmans terem ascendido na escala social brincavam juntos. Harry partiu uma vez o nariz a outro rapaz por ele ter chamado *dustbin* a Josh, o calão rimado *cockney* de *yid*,⁴ e o ter obrigado a puxar as calças para baixo para mostrar que não tinha prepúcio. Tinham seis anos, e Josh passou a idolatrar Harry, não só por ser valente, mas também por se ter compadecido de um miúdo judeu fraco.

– Harry Collins! – Josh saiu de trás do balcão e deu-lhe uma palmada no ombro. – Como diabo é que tu estás?

Embora Josh se movesse agora num círculo diferente, mantinha-se a par dos assuntos locais. Toda a gente tinha muito respeito por Harry, ele era duro, astuto e justo, mas conseguia ser um cabrão danado quando alguém o incomodava. Josh já o vira lutar vezes suficientes para saber que poucos homens se levantariam e iriam embora pelo seu pé depois de Harry lhes tratar

da saúde. E depois havia as raparigas! Harry devia andar a fazer alguma coisa bem, porque as raparigas andavam de volta dele como vespas no jardim de um *pub*.

– É bom ver-te a seres bem sucedido, Josh. – O sorriso de Harry era de uma doce sinceridade.

Disseram algumas piadas sobre o passado, sobre raparigas que ambos conheciam, e depois Josh enfiou o pé na poça com uma gabarolice.

– Havias de ver a queridinha que eu tenho escondida, Harry. É um sonho com pernas, e está-me a dar a ganhar uma pipa de massas.

– Não sabia que te dedicavas a ser chulo. – Harry sorriu, trocista.

– Não, nada disso. – Josh pavoneou-se um pouco, porque viu que tinha toda a atenção de Harry. – Ela desenha roupas para mim e quase não lhe pago nada por isso. Desde que veio trabalhar para mim, calculo que já tive centenas de libras de lucro à custa dela.

No momento seguinte Harry tinha-o encostado à parede, a segurá-lo pelo pescoço.

– Essa queridinha é a nossa Tara – cuspiu para o rosto de Josh, com os olhos azuis a tornarem-se quase pretos. – Seu cabrão gatuno!

– A vossa Tara? – disse Josh em voz rouca. Sabia que Harry era filho único como ele próprio, e não se lembrava de nenhuma prima ou outra parente chegada.

– Entendeste bem. – A boca de Harry era uma linha fina e furiosa, e Josh pensou que ele o ia matar. – Já é bastante mau fazer uma miúda passar o tempo livre todo dela a fazer vestidos para ti, mas quando não lhe pagas em condições e ainda por cima te gabas nas costas dela, é um nojo, porra.

– Desculpa, pá – gaguejou Josh o melhor que podia com uma mão no seu pescoço. – Se eu soubesse que ela era...

– Não devias tratar nenhuma rapariga assim – rosnou Harry. – Vocês, os raios dos *yiids*, são todos a mesma coisa, eram capazes de vender a vossa avó por dois tostões. Mas eu agora tenho-te debaixo de olho, Josh. Paga-lhe o que lhe é devido, caso contrário...

Soltou Josh de repente quando Tara entrou na loja vinda do armazém com uma braçada de vestidos.

– Olá, Harry. O que é que te trouxe... – Parou a meio da frase, a dar-se conta subitamente de que interrompera alguma coisa. Olhou de um para o outro, semicerrando os olhos ao ver Josh esfregar o pescoço.

– O que é que se passa?

– Nada, minha doçura. – Harry sorriu trocista. – Só tive aqui a ter uma conversinha sobre como trabalhas até tarde à noite. O Josh tava a dizer que te ia dar um bónus, não tavas, Josh?

– Hum, sim. – Josh engoliu em seco com força. – Vamos ter de calcular uma comissão ou coisa do género.

– Isso vai ser bom. – Tara continuava a parecer ansiosa.

– Sem dúvida que vai. – Harry pegou no casaco e acenou com as chaves do carro. – Anda daí, está a chover a cântaros lá fora. Eu contacto-te, Josh. Gostei de te ver outra vez.

Nessa noite, Josh decidiu despedi-la. Não queria Harry atrás dele ou a meter o nariz nos seus assuntos. Mas a razão venceu de madrugada. Tomou em consideração o dinheiro que Tara lhe dera a ganhar e que continuaria a dar-lhe a ganhar e decidiu que uma comissão ligeiramente mais alta por cada

peça de roupa que ela desenhasse e um aumento de salário não o levariam à falência.

Mas aquilo irritava-o. Afetava-o saber que Harry estava de olho nele. No Natal, poderia ter conseguido seduzi-la quando ela já tivesse bebido demasiado. Receava convidá-la para sair, até mesmo beijá-la debaixo do visco para o caso de ela ir contar a Harry. Decidiu que um dia se vingaria.

O problema era que tudo em Tara era desejável. Ele pressentia que ela partilhava a sua fome por dinheiro e posição social, um sinal seguro de uma infância marcada por privações. Mas era a sua fachada calma que o excitava mais do que qualquer outra coisa. Ela não soltava risadinhas com as outras raparigas quando falavam de homens, nunca a vira namoriscar ninguém. No entanto, não se tratava da timidez de uma virgem; era antes a de uma rapariga que conhecia os homens e estava à espera até encontrar alguém especial.

Um dia, todos os cuidados e toda a atenção que ele lhe dera seriam recompensados. Tencionava tê-la.

*

– Pareces todo satisfeito contigo mesmo – disse Angie quando Josh entrou na loja daí a uns dias. Ele entrara praticamente de roldão pela porta, a disparar um sorriso esfuziante às clientes.

– E estou – respondeu ele, e atravessou a loja para o seu escritório.

– O que é que será que lhe deu? – perguntou Angie a Tara.

– Estava com o fato escuro vestido – observou Tara. – E com a pasta. Talvez tenha feito algum negócio?

O telefone na loja soou daí a uns minutos, o que significava sempre que ele queria que alguém fosse lá acima.

– Eu vou – disse Tara. – Suponho que é por causa de um modelo, de qualquer maneira.

Josh estava sentado na sua cadeira quando ela chegou ao escritório, com os pés em cima da secretária e um ar todo satisfeito.

– Tenho uma loja nova – disse. – Quero falar do assunto contigo, mas não aqui e agora. Que me dizes a vir beber um copo comigo depois do trabalho?

O coração de Tara saltou-lhe no peito. Esta podia ser a oportunidade de obter o que queria.

– OK. – Olhou para o seu vestido, a pensar na imagem que precisava de transmitir. – Tenho de dar um salto a casa antes para mudar de roupa e deixar recado.

– Não menciones isto à Angie. – Os olhos castanhos de Josh chisparam um aviso. – Podes sair meia hora mais cedo. Aproveito esse tempo para lhe contar tudo.

Tara não sabia bem se era a parte de ir beber um copo que ele não queria divulgada ou tudo. Algo lhe disse que não devia perguntar.

– Está bem – disse. – O que é que lhe digo que tu me querias?

– Que visses uns debruns. – Voltou a pousar os pés no chão. – Vai lá. Tenho muitos telefonemas para fazer. Vou-te buscar à porta da biblioteca às seis.

Josh sorriu encantado. Tudo estava a encaixar-se. Há dois dias, vira a loja perfeita na Kensington Church Street; hoje obtivera o financiamento de um banco de investimento. Mas o melhor de tudo era o boato que ouvira na noite passada.

Harry Collins estava metido em trabalhos. Josh ainda não estava a par dos pormenores, mas a sua fonte dissera que era caso sério, um golpe que dera para o torto. Quando começavam a circular boatos como esse, significava que a polícia não estava muito atrás. Josh não tardaria a poder avançar com Tara.

Planear uma sedução era um enorme prazer, como uma serpente a atrair uma ratazana para a sua boca. Esta noite, deixaria o isco, e, se tivesse razão quanto àquela rapariguinha ambiciosa, ela ia mordê-lo logo.

*

Josh esperou até Tara sair da loja e depois desceu do escritório e fechou a porta à chave.

– São só cinco horas – recordou-lhe Angie.

Trazia uma saia vermelha curta e justa, uma blusa preta colada ao corpo e saltos muito altos. Como sempre, a maquilhagem era um pouco excessiva, especialmente as pestanas postiças, mas o seu cabelo louro aos caracóis brilhava sob a luz de um foco.

Josh sorriu sedutoramente. Tara era caviar e champanhe, mas demoraria algum tempo a levá-la a tirar as calcinhas. Angie era peixe frito com batatas fritas, disponível a qualquer hora.

– Vem até lá acima. – Acenou para as traseiras da loja. Andava sempre a ridicularizar Angie pelo seu sotaque do Sul de Londres e as suas roupas espalhafatosas, mas tinha de admitir que ela era *sexy* como tudo.

– Foi por isso que disseste que a Tara podia sair mais cedo? – Sentira-se magoada, supondo que era por favoritismo, mas agora que Josh tinha aquela expressão de desejo nos seus olhos escuros ela sentia-se mais contente com ele.

– Foi, e porque tinha uma coisa para te dizer. – Sorriu.

Não perdeu tempo no escritório, recordando-se de que tinha de se encontrar com Tara às seis, e puxou Angie para o seu colo.

– Qual é o segredo? – perguntou ela, sorrindo quando os dedos dele se aproximaram para lhe desabotoar a blusa.

– Uma promoção para ti – disse ele, pondo a mão sobre o *soutien* dela e beliscando-lhe o mamilo. – Arranjei outra loja e quero que sejas gerente desta.

– Mas eu já sou gerente, não sou? – Não conseguia pensar direito quando ele tocava no seu corpo.

– Não propriamente, porque eu ando sempre dentro e fora e a Tara está aqui. Quero que assumas a gerência exclusiva e mais duas raparigas tuas subordinadas.

– Queres dizer que a Tara vai para a loja nova? – Dava a impressão de que seria Tara a ter uma oportunidade, não ela.

– Sim. Eu mandava-vos às duas, mas não posso deixar esta loja sem alguém de confiança a geri-la.

– Onde é a outra loja? – Por uma vez, não estava a reagir tão prontamente às suas mãos; cheirava-lhe a gato.

– Em Kensington.

Angie sentiu vontade de chorar. Sabia exatamente por que Tara fora escolhida em vez dela – por causa do seu aspeto e da maneira como falava. Tremeu-lhe o lábio e tentou conter as lágrimas.

– Não é isso. – Josh adivinhara o que ela estava a pensar e a última coisa que queria era que ela o deixasse desprevenido sem ninguém para gerir a loja.

– Quero-te aqui porque confio em ti, conheces as pessoas desta zona, e também para te poder ver mais.

– Tu amas-me realmente, Josh? – Queria acreditar nele, mas ele prometera-lhe tanto no passado e nunca cumprira.

– Estaria aqui contigo agora se não te amasse? – perguntou ele. Já lhe desabotoara a blusa e estava agora a desapertar-lhe o *soutien*. – Dá-me um beijo, Angie. Tenho estado a pensar em ti o dia todo.

Tinha estado a pensar em sexo o dia todo, porque os negócios o faziam sempre sentir-se excitado. Qualquer rapariga que estivesse à mão serviria, mas Angie estava disponível.

Ela passou os braços à volta do pescoço dele. Os beijos de Josh eram os melhores que alguma vez experimentara, bastava-lhe tocar com os lábios nos dele para se sentir excitada. A língua dele enfiou-se na sua boca enquanto lhe acariciava os seios.

Uma das razões para nunca desistir completamente de Josh era o facto de ele ser um amante tão bom. A maior parte dos homens com quem estivera limitava-se a saltar-lhe para cima, comê-la e depois virar-se para o lado, mas Josh transformava o sexo numa forma de arte.

– O que é que gostavas que eu te fizesse? – segredou ele, com a mão a subir-lhe pela saia, a demorar-se na pele macia acima das meias de vidro.

Os lábios dela voltaram a colar-se aos dele, mas pegou-lhe na mão e empurrou-lha contra o seu sexo.

– Já está quente e molhado – murmurou ele, com os dedos a encontrarem o caminho para dentro das suas calcinhas apertadas. – És uma menina marota, Angie, também tens estado a pensar em mim.

Ela pôs-se a contorcer-se enquanto ele a penetrava com força com os dedos, de lábios no pescoço dela a descerem para lhe morder os seios.

Conseguia levá-la a fazer o que quisesse quando os seus dedos começavam a entrar e a sair dela. De algum modo, estar sentada meio despida no colo do patrão a poucos passos de uma janela que dava para uma rua movimentada acentuava a excitação. Se passasse um autocarro ela poderia ser vista, mas Josh sabia-o.

– Pergunto-me o que é que os homens lá fora pensariam se te vissem – segredou ele; puxou-lhe a saia para cima, tirou-lhe as calcinhas com uma mão e virou-a no seu colo de modo a pô-la de frente para a janela. Continuou a enfiar-lhe dois dedos na vagina e com a outra mão a acariciar-lhe o clítoris. – Mexe nas tuas maminhas, Angie, excita esses homens todos.

Na realidade, ela sabia que a janela funcionava como um espelho e que a única pessoa que podia vê-la claramente era Josh, mas fazia tudo parte da fantasia. Começou a sentir a cabeça andar à roda, fechou os olhos e meneou as ancas enquanto os dedos dele se moviam mais rapidamente.

– Com mais força – disse em voz rouca, empurrando o rabo contra ele, a sentir o seu pénis duro a querer soltar-se das calças. Abriu os olhos e viu-se refletida na janela, o cabelo comprido a tombar-lhe sobre os seios nus, o corpo tão branco contra os braços peludos de Josh e o seu ligueiro preto. – Come-me, Josh.

Josh sorriu para consigo. Adorava ter poder sobre as mulheres desta maneira. Elas fariam ou diriam o que se quisesse sob a influência do sexo.

– Não te vou comer – segredou ele. – Só quero fazer com que te venhas.

Ela estava a estrebuchar contra ele, a fazer tanto barulho que ele tinha a certeza de que as pessoas lá fora na rua podiam ouvi-la, e depois, de repente,

ficou imóvel, encostando-se para trás ao seu ombro.

– Foi maravilhoso – disse ela numa voz débil. – Amo-te tanto.

Ele virou-a para a beijar. Estava tão intumescido que até sentia dor, mas se ficasse para a comer agora chegaria tarde ao encontro com Tara, e não queria ir a cheirar a sexo.

– E tu? – disse ela em voz baixa enquanto ele lhe apertava o *soutien* e abotoava a blusa.

– Passo lá por tua casa mais tarde esta noite – disse ele. – Queria levar-te a sair esta noite, mas tenho de me encontrar com uma pessoa.

– Cozinho-te qualquer coisa?

Josh sorriu. Ela era muito bonita, suficientemente *sexy* para obter a aprovação de qualquer homem e uma trabalhadora de primeira, mas os seus cozinhados eram horríveis e o estúdio em que vivia tão pouco acolhedor que ele não gostava de se demorar muito nele.

– Não, não te incomodes – respondeu. – Eu chego tarde, suponho. Mantém-te só quente para mim.

Ela pôs-se em pé, vestiu as calcinhas e alisou a saia com as mãos. Tinha consciência de que havia uma parte dele a que ela nunca tinha acesso total, o que a entristecia. Outros homens iriam com ela para casa imediatamente, ficariam contentes por poderem passar o serão todo na sua companhia, e Angie lembrou-se subitamente que Josh nunca fazia isso.

– Eu nunca vou ficar fria para ti – disse, inclinando-se para o beijar. – Amo-te, Josh.

*

Tara chegou à porta da biblioteca dez minutos antes da hora marcada. Tomara um duche rápido e mudara para um vestido branco de mangas curtas que Josh recusara por achar que ficava demasiado caro. Era uma das coisas sobre as quais discutiam, ele queria sempre que as roupas fossem baratas e insistia que as clientes não pagariam pela qualidade.

Tara tinha a sensação de estar a trair Angie ao ir tomar uma bebida com Josh. Embora o senso comum lhe dissesse que tinha de olhar pelos seus interesses no que dizia respeito à sua carreira, Angie poderia suspeitar que ela estava a tentar atrair Josh e afastá-lo dela. Contudo, fosse qual fosse o motivo de Josh para a convidar a sair com ele, o de Tara ao aceitar era pura ambição. Se conseguisse aguentar-se enquanto ele tentava chegar ao topo, aproveitar todas as oportunidades para ser conhecida no meio enquanto aperfeiçoava as suas competências, um dia deixaria de segurar a escada a Josh e criaria a sua própria empresa.

– Isto é encantador. – Sorriu do outro lado da mesa a Josh. – Não sabia que havia sítios assim tão bonitos em Londres.

Nunca tinha estado na vila de Highgate, que lhe dava mais a sensação de estar de volta ao Somerset do que numa cidade. Optaram por se sentar no jardim do *pub*, já que o sol ainda estava quente, e perfume da madressilva e das rosas era maravilhoso.

– Vai estar apinhado mais tarde. – Josh olhou à sua volta para as pessoas a estacionarem os seus carros na rua já movimentada. – Mas talvez vamos a outro sítio nessa altura. Queria falar contigo fora da loja, porque é de importância vital que eu saiba até que ponto estás empenhada em trabalhar para mim.

– Muito. – Tara encolheu os ombros. – Quer dizer, não me vejo a ir-me embora.

Josh pareceu ficar pensativo por um momento, com os olhos semicerrados e os seus lábios grossos comprimidos numa linha direita.

– Estás a ver, é que a nova loja é em Kensington e eu vou querer que sejas a gerente.

– Em Kensington! – O coração de Tara começou a bater com força. Ia lá muitas vezes nos dias de folga, vagueava pelas ruas, via as montras, sonhava com o dia em que as suas roupas estariam naquelas boutiques.

– Bethnal Green foi só para eu tomar o pulso ao setor. – Sorriu todo satisfeito consigo mesmo. – Um dia, hei de ter lojas em todas as principais cidades.

Tara escutou os seus planos atentamente. Kensington era só o início, ele queria abrir filiais em Chelsea e Oxford Street pouco depois. Só a ideia do que aquilo poderia significar já provocava arrepios em Tara – era como se ele estivesse a descrever-lhe o seu próprio sonho privado.

– E a Angie? – perguntou. – Também entra nisto?

– A Angie não é adequada para Kensington – disse ele cuidadosamente, sabendo como as duas raparigas eram leais uma para com a outra. – Ela vai gerir tudo em Bethnal Green. Não te preocupes, ficou bastante satisfeita.

Tara sabia agora que pelo menos parte dos planos de Josh dependiam dela. Mas ele era tão matreiro como uma raposa, nunca se saía claramente com nada, tinha de se aproximar furtivamente, até mesmo atacar por trás.

– Eu não podia ser a tua gerente e a tua estilista. – Bebeu um gole da sua bebida e fez um ar inocente. Viu a expressão de sobressalto dele, adivinhou que ele pensara que poderia continuar a explorá-la para sempre. – Não sou

capaz de fazer os dois trabalhos eficientemente, Josh. Tem de ser um ou o outro. Com duas lojas e mais planeadas, eu ia andar numa roda-viva.

– Só estava a pensar em continuares como sempre. – Afivelou o seu sorriso mais cativante. – Eu faria a maior parte dos modelos.

Isso significava que ia roubar ideias a outros, tal como fazia antes de Tara chegar. Ela nunca se atrevera a aludir a isso por receio de o fazer zangar-se, mas agora sabia que chegara a hora de pôr as suas cartas em cima da mesa.

– Tu não sabes fazer modelos – retorquiu. – Há dois anos que não fazes um esboço de jeito. Também não podes continuar a copiar a roupa de outras pessoas, Josh, não se queres manter o teu negócio.

Viu a fúria assomar-lhe ao rosto e perguntou-se se teria dado cabo de tudo.

– Desculpa ser tão brusca – apressou-se a acrescentar. – Só estou a dizer isto agora porque querias saber até que ponto eu estou empenhada. Serei a tua estilista, Josh. Trabalho algum do tempo na nova loja, mas não estou disposta a continuar como até aqui.

Josh sentia-se atónito; subestimara a rapariga. Pensara que acenar-lhe com uma cenoura transformaria esta saída num encontro amoroso. Não contara com um ultimato.

– Então, o que mais queres? – Os seus lábios curvaram-se petulantes.

– Mais dinheiro – respondeu ela de imediato, antes de perder a coragem. – E um ateliê em condições. Não vou continuar a trabalhar à noite sem ser paga.

– Estás-te a dar muitos ares. – Queria minar toda aquela sua autoconfiança.
– Tenho outros estilistas em vista.

Tara sentiu o coração cair-lhe aos pés. Tinha quase a certeza de que ele estava a fazer *bluff*, mas não poderia jurar que assim era.

– Se contratares outros estilistas, eu vou-me embora. – Falou delicadamente, mas com um tom de aço na voz. – Não trabalhei no duro para ti durante dois anos só para ser posta atrás da caixa registadora.

Ele estava encurralado. Abordara outros estilistas, mas todos os que eram minimamente bons se tinham limitado a rir-se da proposta que lhes apresentou. Algo lhe dizia que Tara não sabia jogar ao póquer; o que ela dizia era o que pensava. Não podia correr o risco de ela se ir embora agora.

– OK. – Suspirou. – Mas até a nova loja ficar encarreirada conto que estejas lá.

– Quando é que a vais abrir? – perguntou ela, a recordar a si mesma como ele era de pouca confiança.

– Em meados de setembro.

– Quanto espaço é que a loja tem por cima? – perguntou.

– Tem dois andares. Suponho que podíamos montar um ateliê lá. – Josh deixara de tentar ser matreiro.

– Deixa-me ter um apartamento lá e fazemos negócio – disse ela. – Kensington fica muito longe de Bethnal Green, Josh.

Josh ficou boquiaberto. A rapidez do raciocínio dela espantava-o.

– Estava a pensar arrendá-lo – ripostou. Mas ao mesmo tempo que as palavras lhe saíram da boca viu que aquilo seria vantajoso para ele. De uma só penada, poderia afastá-la da influência de Harry e de Angie, ela estaria disponível sempre que ele passasse por lá e indubitavelmente trabalharia o dobro sem distrações.

– Mas o que é que o Harry vai pensar de tu saíres de casa?

– Não tem nada a ver com o Harry. – Olhou para ele com desdém. – Adoro viver com a Queenie e o George, eles são as pessoas mais bondosas do mundo. Mas não sou louca pelo East End, Josh. Quero um pouco de estilo.

Há meses que Tara tinha consciência de que se encontrava do lado de fora a olhar para dentro. Kensington e Chelsea eram onde tudo estava a acontecer para os jovens. Queria conviver com pessoas de espírito livre, integrar-se na cena vibrante sobre a qual lia nos jornais.

– E vais consegui-lo, *baby* – Josh sentiu um sorriso a insinuar-se no seu rosto. – Tu e eu, Tara, vamos chegar longe.

– Vou ser a tua estilista, com um ateliê, um apartamento e mais dinheiro? – Enumerou as condições para se assegurar de que ele a compreendeva totalmente. – E só vou trabalhar a tempo inteiro na loja até ela estar a funcionar em pleno?

Josh hesitou só por um segundo. O entusiasmo pusera um tom rosado nas faces de Tara, o seu cabelo dourado brilhava ao sol do fim da tarde e aqueles olhos estranhos e lindos estavam a fazer o coração dele dar cambalhotas.

– Está combinado. – Sorriu. – Agora, vamos beber mais um copo para comemorar.

⁴ *Dustbin* significa *caixote do lixo*; *yid*, de *Yddish*, *judeu*. (N. da T.)

CAPÍTULO 18

Setembro de 1965

— Tens a certeza quanto a isto, Tara? – Queenie ergueu os olhos com uma expressão ansiosa do caixote em que estava a empacotar louça. – És tão nova para ires viver sozinha!

– Vou ficar bem, Queenie. É uma grande aventura mudar para o primeiro apartamento, não é? – respondeu Tara em voz trémula.

– É claro que é uma aventura. – O sorriso usual de Queenie voltou a estampar-se no seu rosto. – Qualquer pessoa diria que estavas a ser despachada para as minas de sal da Sibéria. Só vais estar à distância de uma viagem de autocarro e, de qualquer maneira, vais-te divertir mais lá nessa zona.

– Vem ver o apartamento quando eu o tiver organizado? – Tara lançou os braços à volta do pescoço rechonchudo de Queenie e abraçou-a com força. – Tenho uma divisão grande, e o Josh arranjou um homem para mo pintar todo de branco. Vou ter uns posters grandes, plantas enormes e almofadas no chão.

– Então é melhor eu levar uma cadeira para me sentar – disse Queenie na brincadeira, retribuindo o abraço. – Estou demasiado gorda e emperrada para me sentar no chão. Só não convides nenhum daqueles boémios que fumam aquela erva.

– O que é que a Queenie sabe sobre erva? – perguntou Tara com uma risadinha.

– Nada, p’ra mal dos meus pecados. – Queenie riu-se e o seu duplo queixo estremeceu. Mas conheço os homens. Por isso, não convides ninguém para tomar um café a não ser que tenciones ir p’ra cama com ele. Na minha experiência, os homens partem do princípio de que o sexo está na ementa mal

se fala de café. Não conseguem evitar, meu amor. O cérebro e o Zezinho deles estão muito ligados.

– O tio George teve sorte ao encontrá-la. – Tara afastou-se para embalar o resto dos talheres e dos copos que Queenie insistira dar-lhe. – Foi uma pena não se casarem há anos, quando ainda podiam formar família.

– Temos o Harry. – Queenie sorriu e estendeu a mão para as roupas que tinha acabado de passar a ferro para Tara. – E temos-te a ti. Quem sabe, daqui a uns anos talvez tenhamos netos.

– Eu não me vou casar tão cedo.

– Espero que não, meu amor – disse Queenie. – Tinha a tua idade quando dei o nó pela primeira vez, e não é nada do que se diz, posso-te garantir. Apesar de que dantes a gente casava-se só p’ra poder dormir com o nosso homem, a falar verdade. Agora pode-se tomar aquela pílula e meter mãos à obra sem nenhuma das partes chatas.

Tara conteve uma gargalhada. Sabia que Queenie estava a tentar transmitir-lhe informação sobre o controlo da natalidade, não a tecer louvores ao amor livre.

– Estou a par disso. – Baixou os olhos, ligeiramente embaraçada. – Não se preocupe, eu não me vou meter em trabalhos.

Queenie compreendia Tara. Não porque fossem parecidas, mas precisamente pela razão oposta. Tara mantinha a distância em relação às pessoas e às coisas que pudessem puxá-la para baixo. Ouvira tantas histórias horrendas à mãe e à avó que estava decidida a não ir pelo mesmo caminho. Mas Queenie pressentia que o caminho de Tara era mais perigoso. Evitar as situações não dava mais experiência, de facto só mantinha fechadas comportas que poderiam ser abertas por uma pessoa com a chave certa. Em

Kensington era provável que conhecesse bastantes sedutores bem parecidos. Tara seria capaz de ver para além de uma carteira recheada e de um fato caro?

– Aquele homem magoou-te, não magoou? – Queenie sentou-se no sofá, com a roupa passada a ferro ainda nos braços.

– Podia ter sido pior. – Tara encolheu os ombros. – Pelo menos foi um rompimento radical.

– Deves tentar voltar a confiar nos homens, minha doçura. – Os olhos azuis de Queenie pareciam toldados com lágrimas. Ao contrário de Harry e George, nunca vira a atitude fria de Tara em relação aos homens como mera ambição. – Não feches o coração à chave. Deus pôs-nos nesta terra para amarmos e sermos amadas. É mais importante do que o dinheiro.

*

Já era tarde quando Tara se foi deitar naquela sua última noite na casa de George. Mentalmente, passou em revista todas as coisas em Paradise Row de que iria sentir a falta, e a lista parecia interminável. O quarto pequeno mas acolhedor, o quarto de Harry que ela começara a usar como seu ateliê pouco depois de chegar. As roupas milagrosamente lavadas e passadas a ferro, as refeições maravilhosas. No entanto, sabia que de algum modo seria dos pequenos toques que mais sentiria falta. De Queenie a vir à noite aconchegá-la. De George a trazer-lhe uma chávena de chá de manhã e da maneira como sempre lhe engraxava os sapatos. Do batente a brilhar na porta da rua e dos aromas convidativos dos cozinhados para o jantar.

Deitada no escuro a pensar em todos os tempos felizes aqui fê-la questionar a sua própria família. A delicadeza doce de Amy conseguia ser tão irritante como a personalidade teimosa e rebarbativa da avó. Não se riam com

frequência. A vida para elas girava em torno do trabalho e de manter as rotinas, desfrutar da vida não era uma prioridade.

Havia um grande número de coisas ainda deixadas por dizer sobre o facto de ela ter fugido para Londres, mesmo passados dois anos. Pressentia que a sua mãe se sentia de algum modo abandonada. A avó resmungava todo o tempo, por Josh ser judeu, por ser de Cable Street. Depois, criticava Harry – ele era um rufia, um mandrião, bebia e jogava. A sua mãe era mais subtil; um franzir de testa, um suspiro e sempre o mesmo comentário de que a viam muito pouco.

Até àquele momento, os comentários mordazes da avó sobre Josh não tinham tido importância, ele era só o patrão dela, ao fim e ao cabo. Mas acontecera uma mudança na relação deles desde aquela noite em Highgate. Não houvera toques nem palavras sugestivas ou até olhares para mostrar a Tara o que ele sentia; só um brilho nos seus olhos e uma certa suavidade na voz.

Lá no fundo, Tara sabia que ansiava por um caso amoroso. Não uns apalpões num carro com alguém com quem ela não tinha nada em comum, mas uma relação profunda e significativa. Os seus sonhos estavam a tornar-se cada vez mais eróticos, as visões das coisas que Simon lhe fizera a surgirem-lhe em tropel, pondo-a quente e húmida. Josh figurava nesses sonhos e ela tinha o pressentimento de que ele sentia o mesmo.

*

Harry estacionou junto à loja em Kensington Church Street e virou-se para sorrir a Tara.

– É bastante chique – disse. – Está a um nível muito diferente de Bethnal Green.

Eram sete da tarde, mas, embora as pessoas que andavam às compras e os empregados de escritório já tivessem ido para casa, a rua continuava movimentada. Os restaurantes, os bares e os *pubs* estavam apinhados, havia pessoas a passearem naquele fim de tarde quente de verão e muito trânsito.

– Não tem um aspeto maravilhoso? – Tara acenou com a mão na direção da fachada da nova loja. Estava pintada do mesmo vermelho escuro da de Bethnal Green, mas em vez de círculos pintados na montra, esta loja com duas montras tinha janelas circulares e uma porta dupla larga com remates de latão. O interior ainda estava um caos; varões já montados, mas ainda por encher, caixotes com mercadoria espalhados pela alcatifa nova.

– É um bom sítio para viver. – Harry olhou para os grandes armazéns Barker's. do outro lado do cruzamento. Nesta parte de Kensington havia todos os grandes armazéns e um número incontável de pequenas lojas chiques. – Fico contente por ti, minha doçura, mas Paradise Row não vai ser o mesmo sem ti.

Harry contara a George a verdade sobre o que acontecera naquela noite do roubo, mas tinham guardado segredo de Tara. Por sugestão de George, mantivera-se afastado da casa e do mercado e começara a trabalhar numas obras em Ealing.

Ginger desaparecera. Se alguém sabia onde ele estava não dera com a língua nos dentes, mas andavam a aparecer casacos de couro por toda a parte e praticamente toda a gente tinha sido chamada à polícia para ser interrogada.

Harry fora chamado, bem como Needles e Tony, pouco depois de o velho guarda-noturno morrer. Contaram todos a mesma história, que tinham estado a beber no Regency, e foram soltos. Mas Harry sabia que o caso estava longe de ser dado por encerrado.

Por várias vezes Harry estivera a ponto de ir à esquadra admitir a sua participação no roubo. Sempre que pensava naquele velho sentia-se mais desprezível do que um verme. Mas não devia sentir-se culpado, não fora ele a disparar. Até conseguir encontrar Ginger e o forçar a confessar, não ia pôr-se a jeito.

Esta noite era a sua última noite em Londres. Primeiro, queria ver Tara instalada na sua nova casa e depois iria procurar aquele patife de uma vez por todas. A polícia estava cada vez mais em cima do caso, agora que os casacos andavam a ser vendidos, e era só uma questão de tempo até que Harry ficasse implicado.

– Vá lá, então! – Tara deu-lhe uma palmada no braço. – Só Deus sabe no que tens a cabeça esta noite, mas quero as minhas coisas lá dentro.

– Motorista ao teu dispor. – Harry recompôs-se. Já fora bastante difícil vir até ali com tara a disparar pergunta sobre onde ele estivera, porque é que já não ajudava George, se tinha uma nova namorada. Não queria que ela lhe arrancasse uma confissão.

Tara abriu a porta da loja e juntos descarregaram tudo da carrinha. Ela tinha muito mais coisas do que as que trouxera na pequena mochila quando chegara há dois anos – um gira-discos, a sua máquina de costura elétrica, um manequim e quatro enormes caixotes com roupas. Para além disto havia todas as coisas que Queenie lhe dera – candeeiros, roupa de cama, louça e panelas.

– São dois lanços de escadas – avisou-o enquanto voltava a fechar a porta da loja à chave. – Espera até o veres, Harry! É tão grande!

Harry sorriu. Ela era como um cachorrinho, aos saltos cheia de excitação. Com calças de ganga e uma *t-shirt* velha, o cabelo preso num rabo-de-cavalo

e sem maquilhagem, parecia tal e qual como era aos catorze anos.

Cada um deles pegou num caixote e Tara foi à frente pelas traseiras da loja.

– Este é o armazém. – Acenou com um pé para uma divisão vazia por trás de uma entrada tapada por uma cortina. – Aquela é a sala do pessoal.

Em comparação com a loja, esta parte do prédio estava desleixada, com paredes de um branco sujo e escadas de madeira a darem para um patamar quadrado com três portas.

– Aquele vai ser o meu ateliê. – Acenou para a primeira divisão vazia por cima da loja. – As outras duas não sei. Mas lá em cima é a minha casa.

As escadas daí para cima estavam alcatifadas e as paredes um pouco mais limpas, e o sol jorrava pelas janelas da frente.

– Esta é a minha casa! – Correu para o quarto da frente, pousou o caixote e abriu os braços. – Não é maravilhosa?

Harry pousou o caixote e quando se ergueu afivelou o tipo de expressão encantada de que ela estava à espera.

– É, é maravilhosa – concordou.

Era uma divisão grande, como a do andar de baixo, mas o teto era mais baixo e as duas janelas de guilhotina mais pequenas. Parecia muito despido a Harry, que estava acostumado a espaços atravancados. Continha um divã de solteiro, uma alcatifa cinzenta, uma pequena mesa e duas cadeiras, mas estava pintado de fresco de branco.

– Espera só até eu pendurar uns quadros e dispor os candeeiros e as outras coisas. – Tara correu para as janelas e abriu-as para deixar sair o cheiro a alcatifa nova e a tinta. – Eu convido-te para jantar, Harry, isto é, se puderes dispensar esse tempo das tuas vilanias.

– Quem é que te tem andado a encher os ouvidos com histórias? – Harry pegou-lhe no braço e virou-a para si.

– Ninguém. – Tara ficou surpreendida com o seu tom brusco. – Porquê? Há alguma coisa para contar?

Harry soltou-lhe o braço. Sentia-se um palerma agora, sabia que se Tara tivesse ouvido algum boato ter-lho-ia dito.

– Não, é claro que não. – Forçou-se a sorrir. – Foi uma reação exagerada, é tudo. As pessoas andam sempre a espalhar boatos sobre mim.

– Eu só estava a brincar, Harry. Não te vejo realmente como um gangster. Agora vamos lá trazer o resto das coisas para cima.

Sentia dificuldade em compreender Harry por vezes. Havia grandes áreas da sua vida sobre as quais ele nunca se abria. Gostava que as pessoas pensassem que era superficial, que a faceta que mostrava ao mundo era tudo o que havia para ver. Mas Tara sabia que não era assim. Ele era um lago fundo, e seria preciso mergulhar bem fundo para chegar ao seu íntimo.

– Anda ver a cozinha e a casa de banho – disse ela, a querer que mostrasse um pouco mais de entusiasmo. – Olha, não é o máximo? Louças da casa de banho novinhas em folha só para mim.

Harry sorriu sinceramente ao ver a casa de banho. Não tanto por causa das louças cor-de-rosa, mas porque sabia que ela dava especial valor às casas de banho, em resultado dos tempos em que nem sequer tinha uma.

– É fantástica. – Passou um braço à volta dos ombros dela.

– Era um nojo na primeira vez que vim cá. – Enrugou o seu nariz bonito em sinal de repugnância. – Estava tudo rachado e manchado e com um cheiro horrível. Acho que o Josh não queria meter-se nesta despesa toda, mas teve de ser.

– Ele não está a pensar em mudar-se para o andar de baixo, pois não? – perguntou Harry cautelosamente.

– Não. – Tara lançou-lhe um olhar de lado. – Arrendou um sítio mesmo chique na Brompton Road há pouco tempo. Não me ia querer por perto para lhe dar cabo do estilo. Anda ver a cozinha!

Tal como a casa de banho, ficava nas traseiras, com vista para os jardins das grandes casas em Palace Green. Tinha linóleo novo no chão, um lava-louça e um fogão, e as paredes estavam também pintadas de branco.

– Vou pôr prateleiras ali em cima. – Apontou para a parede ao lado do fogão. – E vou ter de arranjar uns armários e outras coisas. Mas olha só para a vista!

Harry olhou pela janela alta e estreita. As árvores ocultavam as traseiras das casas em frente. O Kensington Palace Hotel ficava à sua direita e ali em cima no segundo andar ele nem sequer conseguia ouvir o trânsito a sobrepor-se ao som do canto das aves. Só conseguia pensar: «Se ao menos...». Tara estava a enveredar por um novo caminho cheio de luz enquanto ele estava enfiado num buraco que ele próprio cavara.

Manteve-se em silêncio enquanto carregava para o andar de cima os últimos caixotes.

– Quero esse aqui. – Tara saiu da cozinha quando ele estava a entrar no apartamento com compras de mercearia. – Pus a chaleira ao lume para fazer um chá ou queres antes ir ao *pub*?

– Um chá, por favor – disse ele, pousando o caixote. – Tu também não devias beber tanto. Ainda não tens idade para isso.

Tara franziu a testa e virou-se para olhar para ele.

– Olha quem fala – retorquiu. – Tu apanhavas pielas de caixão à cova quando tinhas dezasseis anos. Além disso, eu já tenho dezoito anos, já tenho idade.

– E eu sou um bom exemplo do que acontece às pessoas que se metem na bebida demasiado novas – resmungou ele. – Pode-se ficar agarrado, sabias? Por vezes, fica-se conhecido pelas companhias em que se anda.

Preocupava-o que ela fosse viver só. Imaginava as outras raparigas da loja a encorajá-la a dar festas de arromba aqui em cima e homens a aproveitarem-se dela. Em casa com Queenie e George, ela andava na linha e vinha para casa a horas respeitáveis, mas ali tudo isso poderia mudar.

– Estás-me a tentar dizer alguma coisa? – Tara aproximou-se de onde Harry se encontrava ao cimo das escadas.

Ele estava com umas calças de ganga muito velhas, quase no fio em certas partes, e com uma *t-shirt* preta justa. Tara via uns centímetros de músculos duros e macios entre as duas peças de roupa e sentiu um impulso quase irresistível de lhe tocar.

– Acho que sim. – Desviou a cabeça em desafio, e de perfil o seu rosto era lindo. – Tu mudaste desde que foste trabalhar para o Josh, tornaste-te muito ambiciosa e de certa maneira dura. Lembro-me da miúda doce e delicada que costumavas ser, e isso põe-me triste.

Tara sentiu-se um pouco desconfortável. Não tinha a certeza se ele ouvira dizer alguma coisa sobre ela, se estava preocupado por ela ir viver ali ou se realmente ela mudara.

– Interiormente sou a mesma. Olha para todas as coisas que me aconteceram. Tive de crescer de pressa, não te lembras?

– Sim, eu sei. – Harry pousou uma mão no seu ombro e apertou-o. – Acho que não tenho direito nenhum de criticar, especialmente quando tu só estás a tentar subir na vida. Eu ando a descer tão depressa que até estou a fazer um buraco no fundilho das calças.

– O que é que fizeste? – segredou ela, consciente de que a tristeza dele não era de modo nenhum causada por ela. Sentia vontade de pôr os braços à volta dele e apertá-lo ao peito com força, como ele costumava fazer-lhe.

– Não te posso contar – disse ele em voz baixa, os seus olhos azuis a fitarem-na ardentes. Conto-te quando estiver tudo endireitado.

Ela via um nervo a tremer na sua face, uma expressão de culpa e arrependimento nos seus olhos.

– Mas se me contasses não te ias sentir melhor? Tu és como um irmão mais velho. Eu quero ajudar-te. – Estendeu o braço e pousou a mão na sua face.

Ele suspirou profundamente, baixando os olhos a desviá-los dos dela.

– Já não me sinto como um irmão mais velho. – Agarrou-lhe a mão que ela tinha pousada na sua face e apertou-lha. – Já não me sinto assim há algum tempo, Tara, é em parte a razão para não ir tanto lá a casa como costumava.

Um arrepio percorreu a espinha de Tara e sentiu o calor da mão dele por todo o seu corpo.

– Não ias a casa porque eu estava lá?

Ele acenou com a cabeça, como se a confissão por palavras fosse difícil.

– Desejei-te desde aquele dia em que apareceste no ginásio. Pensei que se esperasse aquilo passava, mas nunca passou. Via-te sair com outros tipos e detestava-os. Mas o pior era ouvir-te falar sobre o Josh. Em tempos, ele invejava-me, porque eu era maior e mais forte, mas agora é o contrário.

Tara sentia-se chocada. Harry nunca deixara de ser importante para ela, especialmente depois da maneira como lidara com o seu caso com Simon. Atenuara-lhe a dor que sentia dentro de si, livrara-a da sensação de sujidade com a sua compreensão. E havia também todas as pessoas que ele lhe apresentara, levando-a a dançar com os seus amigos e a passear. Nunca lhe passara pela cabeça que as visitas a casa se tivessem tornado menos frequentes por causa dela.

– Oh, Harry! – As imagens daquela paixão que tivera por ele aos catorze anos estavam a disparar no seu cérebro. – Porque é que me estás a dizer isto agora?

– Não sei. – Baixou a voz e moveu os braços, pondo-lhe a mão na cintura. – Talvez porque sinto medo de não ter outra oportunidade.

Os seus lábios estavam a aproximar-se dos dela, aqueles lábios que ela em tempos desenhara de memória e sonhara beijar. Um toque ligeiro, e depois afastaram-se, só para voltar de novo, a queimar contra os dela com uma fome feroz. Uma das mãos dele estava pousada no fundo das suas costas, a segurá-la com força contra si, a outra na sua cabeça, como se receasse que ela recuasse.

Houvera muitos outros beijos desde Simon, muitos beijos memoráveis que, com a oportunidade certa, poderiam ter resultado em fazer amor. Mas nenhum homem alguma vez criara aquele calor que tudo consumia que ela sentia agora. Sentia um formigueiro nos mamilos e a barriga contraída e a sua língua foi ao encontro da dele.

Foi Harry quem recuou primeiro, encostando-se ao corrimão ao cimo das escadas, com as mãos ainda nos braços dela. Os olhos azuis dele pareciam

mais brilhantes do que nunca, as suas pestanas mais compridas, os seus lábios mais desejáveis.

– Tu és a rapariga mais linda que alguma vez vi – disse em voz baixa. – Vou voltar por ti.

Ela estendeu os braços e tomou o seu rosto nas mãos, uma sensação de ternura especial a avolumar-se dentro de si.

– Estás a tentar dizer-me que te vais embora?

Harry sentia a suavidade das suas mãos no rosto dele, ainda tinha o sabor da sua boca na dele e sentia o seu cheiro fresco a pó de talco. Queria gravar todos os pormenores dela na sua mente para poder recordá-los se as coisas dessem para o torto.

– Tem de ser. – Havia uma profunda pena nos seus olhos. – Não posso prometer nada. Nem sequer te posso dizer o que é que está a acontecer. Prometes-me só que não vais fugir-me e casar com o Josh ou com outro qualquer?

Ela soube então que ele estava metido em trabalhos. Algo nele, nesta conversa, desfiava teias de aranha de velhas recordações. A história da família estava a repetir-se, e ela sabia às suas custas o que resultava de dar o coração a um homem que estivesse metido em trabalhos.

– Prometes-me, Tara? – repetiu ele.

Ela queria prometer, mas sabia o que isso significaria. Suspender a sua vida até ele reaparecer, preocupar-se, questionar-se.

– Não posso. – Olhou-o nos olhos. – Não há mais ninguém, mas não te vou fazer promessas que não sei se posso cumprir.

Ele beijou-a uma vez mais. O seu corpo duro e enxuto pareceu fundir-se no dela, a sua respiração tornou-se a dela e Tara compreendeu então que seria difícil pô-lo de lado.

*

– Parece uma coisa a sério ou quê? – Josh sentou-se no balcão, com um sorriso todo satisfeito nos lábios.

Estava tudo pronto para a abertura na manhã seguinte. As peças de vestuário passadas a ferro estavam penduradas nos varões, nas montras havia maravilhosamente expostos saias mini e casacos de veludo em cores de joias. Não havia nem uma etiqueta tresmalhada na alcatifa fofa; até a caixa registadora estava pronta com um balão.

Otis Redding estava a cantar «My Girl» numa cassete de música *soul* que Josh tinha preparado, luzes coloridas brilhavam intermitentes à volta das montras no exterior, criando uma sensação quase natalícia, e dentro da loja os focos estavam assestados em peças de roupa expostas nas paredes.

– Está fantástico. – Tara soltou uma risada. – Mas eu já to tinha dito umas cem vezes.

Josh parecera muito diferente nos últimos dias enquanto trabalhavam ali sozinhos; mais caloroso e mais divertido. Tinham jantado juntos na pizaria ao dobrar da esquina, a rirem-se com imensas coisas.

– Espero que tenhas razão que as raparigas usam saias assim tão curtas por estas bandas – disse Josh.

– As minis vão ser uma sensação. – Tara pôs as mãos nas ancas numa atitude de desafio. – OK, então muitas raparigas só se estão a atrever a mostrar uns cinco centímetros acima dos joelhos até agora. Mas isto é

Kensington, um lugar cheio de gente exibicionista. Eu não pareço ridícula com a minha minissaia, pois não?

Josh sorriu. Tara parecia maravilhosa com a sua saia curta preta e branca, mas tinha pernas perfeitas e aquelas botas que usava com a saia punham-no excitado. No entanto, tem todas as raparigas tinham a sua perfeição. Ela vencera os seus receios insistindo que pusesse à venda na loja alguns daqueles *collants* novos, para o caso de as clientes sentirem vergonha de mostrar tanta perna. Mas ele não conseguia acreditar totalmente que as minissaias fossem voar da loja.

– Estás o máximo – disse ele. – Pelo menos, não levam muito tecido.

– Bem, se já acabaste de admirar tudo... – lançou Tara por cima do ombro, a dirigir-se para a porta nas traseiras. – Tenho uns esboços para te mostrar. Estão na minha casa. Vem lá cima e eu faço um chá.

*

Josh parou com surpresa ao entrar no apartamento. Dois dias antes, estava vazio, mas ela já o tornara acolhedor. Uma manta espanhola em tons de azul e verde cobria a cama e ela tinha drapeado duas tiras de um tecido verde e dourado à volta da janela em vez de colocar cortinas. De algum modo, conseguira persuadir o carpinteiro que fizera os móveis da loja a montar algumas prateleiras aqui sem lhe cobrar mais por isso, e uma coleção de pequenas peças variadas, de velhos tinteiros a frascos de perfume e leques estava disposta numa delas. A mesas estava coberta com um tecido azul-turquesa, mas ele mal o via, ou o próprio chão, por causa dos vestidos diferentes em fases variadas de confeção.

– Não esperava que começasses assim tão cedo! – gritou-lhe Josh.

– Teve de ser – gritou ela em resposta, a sobrepor a voz ao ruído da água a correr. – Estava sempre a ter ideias ao ver as pessoas a passarem pela loja.

Josh pegou nos esboços do chão e sorriu. O de cima era de um fato de calças e casaco, o casaco como uma túnica do período da Regência, do início do século XIX, as calças à boca de sino. Havia a seguir um minivestido com uma abertura em forma de diamante na zona do umbigo, um vestido de festa debruado a penas e vários tops curtos todos debruados a missangas, claramente com a intenção de serem transparentes. Tara apareceu com duas canecas de chá.

– Bem! O que é que achas?

Josh já tinha reparado que o ambiente ali era muito diferente de Bethnal Green. As raparigas eram altas e tinham pernas compridas, nada como as raparigas *mods* que ele começara a sua carreira a servir.

– Gosto deles todos – disse cautelosamente. – Mas não são um bocado... – Fez uma pausa, sem saber a maneira certa de os descrever. – Bem, as raparigas não podem usar coisas como estas para ir para o trabalho! – Sentou-se na cama.

– Não me parece que as raparigas que fazem compras em Kensington andem à procura de roupas para o trabalho. – Tara pousou a caneca do chá no chão. – Tenho andado a observar as pessoas e parecem todas preferir coisas extravagantes. Não vamos durar muito tempo aqui se não atrairmos as raparigas mais ousadas.

Josh pegou num corpete de *chiffon* dourado e ergueu-o nas mãos, a franzir a testa.

– Onde é que arranjaste este tecido?

– No Barker’s. – Sorriu. – Esse é o *top* com missangas do esboço. Sabia que não ias querer nada assim tão caro, mas pensei que talvez te pudesse convencer se o fizesse para mim.

Tirou-lhe o *top* por acabar das mãos e encostou-o ao seu peito.

– Olha, vai ter mangas compridas vaporosas e missangas para esconder todas as partes vergonhosas. Não consegues imaginá-lo?

Josh abanou a cabeça.

– Não é para nós, dava demasiado trabalho – disse. – Além disso, o efeito ficava estragado se se visse o *soutien*.

– Não me parece que as raparigas por estas bandas se preocupem com *soutiens* – disse Tara com uma risada. – Além disso, vendem *tops* um bocado deste género naquela loja chamada Top Drawer, o homem lá disse-me que não têm mãos a medir, e custam quase vinte libras.

Josh assobiou.

– Além disso, as missangas já vêm em tiras – prosseguiu ela. – Não têm de ser cosidas à mão. Podíamos experimentar só alguns!

– Reservo a minha opinião até o ver acabado. – Josh franziu a testa. – Não te deixes levar pelo entusiasmo, Tara. Precisamos de linhas básicas.

Para sua surpresa, ela não argumentou, limitando-se a sentar-se no chão, pegar na blusa e começar a pregar as mangas com alfinetes.

– Como é que está a Angie? – perguntou.

– Está bem. – Josh encolheu os ombros. – Contratou uma nova rapariga chamada Rose, parecem estar-se a dar bem.

– Vou sentir a falta dela – disse Tara pensativa. Hester e Miranda, as duas funcionárias da loja nova, eram louras de pernas compridas com uma atitude

de superioridade e uma maneira afetada de falar. Ela não se via a tornar-se íntima nem de uma nem da outra.

– Não vais tardar a fazer novas amigas. – Josh reparou que ela parecia um pouco triste e pensou se já teria descoberto alguma coisa sobre Harry. Tinha ficado encantado quando descobriu o que se passava. Se os boatos eram corretos, Harry poderia ir parar à cadeia por muito tempo.

– Alguma vez te sentes só? – perguntou Tara de repente. – Quer dizer, tipo, rodeado por pessoas, mas mesmo assim a sentires-te só?

– Sim, por vezes. – A pergunta apanhou-o de surpresa, de facto sentia-se assim numa grande parte do tempo. – Porquê, tu sentes-te?

– Sinto. – Pousou o trabalho e sorriu-lhe. – Costumava pensar que era por ser artística, fazia-me sentir à parte de algum modo.

– Talvez seja isso. – Queria aproximar-se dela, mas seria demasiado óbvio sair da cama para o chão. – Espero que possamos tornar-nos amigos íntimos agora, Tara, temos muito em comum.

Esperava que ela fizesse mais perguntas nesse sentido, mas em vez disso ela olhou para o relógio.

– Também espero o mesmo, Josh – disse. – Mas está-se a fazer muito tarde e amanhã vai ser um grande dia.

Josh meteu um comprimido à boca enquanto conduzia o carro para o seu apartamento em Brompton Road. Tara talvez fosse para a cama cedo, mas ele ia a casa lavar-se e mudar de roupa e daí para uma discoteca. Um comprimido de anfetamina devia chegar para esta noite: dois, e deixaria de poder ficar de pau feito.

Tinha muito a celebrar esta noite. A loja estava pronta, a imprensa iria andar a farejá-la no dia seguinte e, com sorte, Tara cair-lhe-ia no colo daí a

pouco tempo.

CAPÍTULO 19

— **A**lguém para te ver, Tara!

— Manda subir — gritou Tara em resposta, inclinando-se sobre a mesa enquanto desenhava um molde em papel pardo. Não queria interrupções; tinha de fazer hoje quatro moldes de vestidos para festas de Natal. Mas Miranda tinha bom senso suficiente para não mandar ninguém subir a não ser que fosse importante.

A nova loja estava a ter um sucesso que ultrapassava todas as expectativas. O apuro do dia da inauguração foi maior do que o do melhor dia em Bethnal Green e desde então tinham ultrapassado bastante o alvo diário.

O maior problema agora era conseguir repor o *stock* com suficiente rapidez. Josh entrava cambaleante com o que parecia uma montanha de roupas, mas ao chegar ao fim de cada sábado a maior parte já tinha sido vendida. Ela tivera razão quanto às minissaias. Toda a gente as adorava, e vendiam-se collants como pãozinhos quentes. Josh mandara fazer alguns dos *tops* com missangas também, mas o seu fabricante mostrara-se relutante devido ao trabalho que implicavam, e ele ainda não encontrara outro para o substituir.

Estava-se em meados de novembro. A Kensington High Street estava apinhada com pessoas a fazerem compras para o Natal e dava a impressão de que toda a gente queria um vestido novo para usar, quanto mais sedutor e ousado melhor.

Tara ergueu a cabeça do trabalho mal ouviu uma respiração ofegante na escadas.

— Tio George — gritou encantada, e correu para o patamar a tempo de o ver subir as escadas a resfolegar. — Que surpresa maravilhosa!

Ele parou ao cimo das escadas, agarrado ao corrimão. Não só estava ainda mais corado, com a careca a brilhar com transpiração, mas também parecia subitamente velho e cansado. Até mesmo as suas roupas eram diferentes, um fato cinzento-escuro com um colete a condizer. A única vez que ela o vira vestido assim tão sobriamente foi no funeral de Paul.

– O que se passa? – Foi abraçá-lo, mas, de algum modo, a aparência dele não justificava a usual exuberância de Tara.

– Más notícias, receio. – Retribuiu afetuosamente o abraço dela, mas nem sequer conseguiu simular um sorriso. – Vim dar-tas eu próprio, antes que outra pessoa o fizesse.

– Entre para aqui. – Pegou-lhe na mão e conduziu-o para o ateliê, consciente de que as raparigas lá em baixo poderiam estar a escutá-los. – É o Harry?

Desde a noite em que Tara se mudou para o apartamento, Harry enviara-lhe um postal com um gorila e a mensagem críptica: «Não me esqueças!» Quando George e Queenie deixaram de o mencionar nos seus numerosos telefonemas, Tara decidiu que deviam estar tão às escuras como ela e passou a evitar o assunto.

– Sim, é o ‘Arry.

À luz brilhante do ateliê, ela viu que os seus olhos estavam vermelhos e o colarinho sujo, como se tivesse estado a pé metade da noite.

– Foi preso!

– Oh, não! – Tara sentiu o estômago às voltas. – O que é que ele fez?

– Um assalto a um armazém em junho passado. – George avançou às cegas por entre os caixotes e as embalagens no chão e sentou-se num banco como

um homem velho, pousando as palmas das mãos nas coxas. – Um guarda-noturno foi morto. Lembras-te da notícia?

Tara sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Lembrava-se perfeitamente. Toda a gente falara do assunto durante dias e os jornais tinham dito que a pena de morte por enforcamento devia ser reposta para um crime tão brutal como aquele.

Só conseguiu acenar com a cabeça.

– Não foi o Harry que matou o velho, tens de acreditar nisso. – A voz de George soava estrangulada.

– Mas fazia parte do gangue? – segredou ela, com as lágrimas a juntarem-se nos seus olhos. Imaginara tudo, de esquemas de proteção a assaltos a bancos, mas nunca nada como aquilo.

George deixou tombar a cabeça no peito.

– Com'ê que posso explicar? – Falava em voz baixa. – ‘Tás a ver, eu conheço o meu filho, Tara, e ele não é mau moço. Planeou este trabalhinho, não há dúvida, e nem posso dizer que alguém o convenceu. Mas não tinha intenção de haver violência, não ‘tava equipado, esse não é o estilo dele.

– Mas o que é que aconteceu? Quem é que disparou sobre o homem?

– Não te posso dizer isso, porque não sei. – George estendeu a mão para a dela com uma expressão de súplica nos olhos. – Só sei o que ele me contou na altura. O ‘Arry saltou da carrinha para abrir os portões quando iam a sair. Diz que o condutor avançou com a carrinha direito a ele e ‘ó guarda-noturno, e que ele empurrou o velhote para o tirar do caminho. Ouviu um tiro, pensou que era o velho a disparar, e saltou para dentro da carrinha. Só nessa altura é que descobre que era o condutor que tinha a arma.

– Mas quem era o condutor?

– O ‘Arry recusa-se a dizer o nome dele. – George encolheu os ombros. – Este tempo todo tem andado a ver se o encontra. Mas agora alguém denunciou o ‘Arry. A polícia acha que foi o ‘Arry que disparou. Acusaram-no de homicídio!

Tara deixou-se cair contra um rolo de tecido e cobriu o rosto com as mãos.

– Ele entrou no assalto, tudo bem, merece ser castigado por isso – disse George. – Mas não é um assassino, Tara. Não é.

– Mas com certeza tudo o que ele tem de fazer é dizer à polícia quem foi? – Tara ergueu a cabeça e olhou para George.

– Tu conheces as regras implícitas lá p’las nossas bandas! – George comprimiu os lábios. – Não darás co’a língua nos dentes nem que a bófia ‘teja ‘ós pontapés à tua cabeça e a pessoa que cometeu o crime seja um merdas de primeira.

– O que é que vamos fazer? – perguntou Tara, com as lágrimas a começarem a correr-lhe pelas faces.

– Tu, minha doçura, não vais fazer nada – disse George com firmeza. – Tens um bom emprego e ter o teu nome ligado ‘ó de um suspeito de homicídio não ia ajudar nada. Eu vou arranjar ‘ó ‘Arry um bom advogado e vamos só ter de rezar que a polícia não invente nenhuma provas. Ele vai p’ra cadeia, meu amor, aconteça o que acontecer. Mas por quanto tempo, depende de o nosso advogado conseguir provar que o ‘Arry não estava na posse de uma arma nem a disparou.

– Eu tenho de fazer alguma coisa, Tio George. – Tara aproximou-se dele e empoleirou-se no seu colo, pousando a cabeça no seu ombro,

– Ele não te quer perto dele de maneira nenhuma. – George deu-lhe umas palmadinhas nas costas como se ela fosse uma criança pequena. – Eu vi-o na

cela agora mesmo, e ele disse p'ra te dizer que não debes escrever-lhe nem tentar visitá-lo. Eu vou vê-lo, por isso podes mandar mensagens por mim se quiseres.

– Ele deu a entender que se passava algo de errado quando me ajudou a fazer a mudança. – Tara tentou a custo recompor-se. – Mas nunca esperei que fosse nada tão mau como isto. É como o meu pai outra vez.

Essa era parte da razão para George não lhe ter contado ainda nada. Ele próprio via as semelhanças, e Tara já passara por muito. Ele e Queenie tinham esperado, talvez ingenuamente, que o homem certo se entregasse ou fosse encontrado pela polícia. Mas não acharam que fizesse sentido ensombrar a felicidade de Tara.

– Vou-te dizer uma coisa agora, minha doçura. – George assoou-se vigorosamente. – Sempre tive a esperança de que tu e o ‘Arry acabassem juntos. Sei que ele gosta muito de ti e vejo uma faísca de alguma coisa em ti também. Mas, embora ele seja meu filho e eu o adore, preferia renegá-lo a vê-lo dar cabo da tua vida.

– Ele disse que ia provar que me merecia. – Mordeu o lábio. – Penso que sabia que tinha enveredado por maus caminhos, mas tencionava resolver o problema.

– Só espero que consiga, então. – George abanou a cabeça cheio de tristeza. – ‘Tás a ver, o teu pai também não era mau rapaz. Meteu-se com a gente errada, deixou-se tentar pelo dinheiro fácil. Só espero que o ‘Arry não vá pelo mesmo caminho.

– Ele não faria isso, Tio George! – Fitou-o com olhos assustados. – Pois não?

– Muito tempo na cadeia provoca coisas estranhas nos homens. – George estendeu as mãos para pegar na dela e esfregou-a entre as suas. – Alguns detestam tanto aquilo que nunca mais roubam nem que seja um alfinete quando saem, mas a maioria fica corrompida para sempre. É um esgoto, a prisão. – George fez uma pausa, como se a perguntar-se se deveria estar a dizer tudo aquilo.

– O Harry não vai ser corrompido – disse Tara num tom confiante.

– Espero que não, qu’rida. – Levantou-se da cadeira. – Tenho de ir indo. Deixei a Queenie na banca do mercado e deve haver muito movimento hoje, por isso é melhor despachar-me a voltar.

Ela não suportava vê-lo assim tão triste. Os seus próprios sentimentos por Harry oscilavam loucamente entre repugnância por ele ter andado a roubar, fúria por ser suficientemente tonto para proteger o verdadeiro criminoso e amor por causa de tudo o que ele significava para ela. Mas Harry era a vida toda de George. Ele não merecia este tipo de angústia.

– Dê beijinhos meus à Queenie. – Tara abriu os braços para mais um abraço. – E a Harry também. Posso escrever-lhe só uma carta?

– OK; só uma. Mas manda-a para mim, não para a prisão de Brixton. Eu meto-a num livro ou coisa do género. Acho que ele te envia alguma coisa da mesma maneira, mas não vai qu’rer que ninguém estabeleça a ligação entre vocês os dois.

*

Depois de George se ir embora, Tara tentou voltar para o seu trabalho, mas só conseguia ver o rosto de Harry na noite em que ele a ajudara a fazer a mudança.

– Não te podes envolver com um fora da lei – segredou a si mesma. – Sabes como isso acaba!

Voltou-lhe tudo à memória, coisas que julgara ter erradicado do cérebro quando fugiram do seu pai. Os passos pesados dos polícias nas escadas, os berros e a resistência dele até ser dominado e algemado. Aquelas intermináveis viagens de comboio para o visitar na prisão, com a mãe a tentar ocultar as lágrimas quando voltavam para casa.

Nunca poderia permitir que os seus filhos presenciassem o espetáculo de a sua casa ser posta de pernas para o ar numa busca da polícia, ou a humilhação de serem apontados a dedo na escola porque o nome do seu pai aparecera novamente nos jornais.

Josh entrou no ateliê quando a loja estava a fechar, com um ramo de flores numa mão e uma garrafa de vodca na outra.

Tara ergueu a cabeça e olhou-o interrogativamente. Ele costumava entrar como um vendaval, a berrar ordens, a procurar em caixotes, a exigir tudo, de café a dados sobre o apuro dessa semana. Mas agora estava só a olhar para ela, como se a preparar-se para alguma coisa.

– Tenho estes quatro modelos prontos – disse ela. – Também fiz um casaquinho, achei que talvez combinasse bem com aqueles vestidos pretos de festa que comprámos à GlamourWear.

– Tenho a certeza que está tudo fabuloso – disse ele. – Mas não foi por isso que vim cá. Estou aqui para te dar o meu apoio, te animar e te dizer que não te preocupes!

– Já sabes?

– Está nos jornais todos – disse Josh delicadamente, avançando por entre os muitos caixotes e pousando as flores na mesa de desenho dela. – Ele não

disparou sobre aquele velho, Tara, não seria capaz de fazer tal coisa.

Ela sabia isso, claro, mas a opinião de Josh confirmava-lhe que tinha razão. Harry e Josh conheciam-se desde a infância, quem melhor para avaliar o carácter de Harry?

– O George veio cá hoje de manhã – explicou ela. – Está devastado.

Josh pousou-lhe uma mão no ombro.

– Vá lá – disse. – Põe estas flores em água e depois vamos beber uns copos. Não podes ajudar o Harry ficando aqui sentada a consumir-te com o assunto, e ele não ia querer que o fizesses.

*

– Esta sala reflete a tua personalidade – comentou Josh enquanto emborcava mais um copo de vodca com limonada.

Já despachara a cena toda de comisseração. Contara-lhe todas as anedotas que sabia e agora tinha a esperança de que o assunto fosse posto de lado.

– O que é que queres dizer? – Ela falava numa voz arrastada e até Josh lhe parecia um pouco esfumado.

– Bem, temos todas as coisas artísticas... – Josh acenou com a mão para uma série de posters de arte moderna em cores vivas pregados na parede. – Temos a parte da soberba queda para a costura naquelas almofadas e cortinas espantosas. – As enormes almofadas postas no chão tinham todas animais aplicados – um leão, completo com uma juba de fios de lã, um tigre num tecido de pele, um panda, uma girafa e uma zebra, todos entre a vegetação apropriada a cada um.

– Mas o que acho mais revelador são as coleções e as coisas acumuladas.

Aquela sala era como uma arca de tesouros. Velhos posters de teatro, pautas musicais ilustradas, até mesmo anúncios cobriam a parede à volta da sua cama com uma manta em cima. Estranhos candeeiros, castiçais e esculturas lutavam por espaço nas muitas prateleiras com animais miniaturais, caixas, até alfinetes de fantasia de chapéu.

– Não sei o que queres dizer. – Tara serviu-se de mais uma bebida.

– Todos aqueles livros sobre arte. – Apontou para uma prateleira cheia de livros com capas brilhantes. – A tua coleção de joias, aposto que nunca usaste nem metade. Todas aquelas coisas e loisas. Suponho que é uma espécie de proteção.

Tara soltou uma risadinha. Adorava colecionar coisas sem utilidade, tudo, de velhos leques a pisa-papéis, tinteiros e tacinhas para ovos escalfados. À noite, quando estava sozinha, gostava de dispor todos os seus objetos, os dias de folga eram passados a vasculhar no mercado de antiguidades de Chelsea e nas lojas de velharias mais distantes, em Fulham, Shepherd's Bush e Acton.

– Acho que me vem de quando era pequena – disse ela num tom sonhador. – Nunca tivemos quase nada no nosso apartamento, nem livros nem quadros, só uns animais de louça barata que o pai tinha ganhado no tiro ao alvo numa feira. Por vezes, o homem do quiosque dava à minha mãe uma pilha de revistas ilustradas velhas. Eu ficava fascinada com as imagens de casas chiques. Acho que as desejava mais do que roupas elegantes.

– Pensei que vivias numa quinta. – Josh não só tinha reparado na palavra «apartamento», mas também na imagem de extrema pobreza.

Tara engoliu em seco. Durante todo este tempo fora tão cuidadosa e agora, depois de beber demasiado, escapara-lhe.

– Estou a falar de quando era muito pequena – apressou-se a dizer. – Nós mudámos para a quinta da minha avó no Somerset quando o meu pai morreu.

– Lamento. – Josh parecia embaraçado. – Nunca quis perguntar antes. Do que é que ele morreu?

– De um ataque de coração. Mas não gosto de falar sobre isso.

– Então, onde é que era o apartamento? Em Londres? – Josh ficou subitamente muito atento, endireitando-se no seu lugar no chão e inclinando-se para ela, que estava recostada nas almofadas.

– Em Acton. Quase não me lembro de nada agora – retorquiu Tara, subitamente sóbria.

– OK, então não queres falar do assunto. – Josh arrastou-se no chão para mais perto dela. – Eu não gosto de pensar no sítio onde vivíamos em Cable Street, acordar para ver uma ratazana junto à minha cama ou ouvir os outros miúdos chamarem-me judeu sujo. Não há vergonha nenhuma em nascer pobre, só em não progredir na vida. O meu pai e a minha mãe acham que já chegaram ao topo, agora que têm a casa em Golders Green e um *Daimler*. Eu quero mais do que isso!

– O quê, por exemplo? – Embora muitas outras pessoas tivessem falado sobre as origens de Josh, era a primeira vez que ele abordava o assunto, e aquela confissão pareceu torná-los iguais.

– Não é só o dinheiro. Quero fama. – Josh virou-se de lado, apoiando a cabeça na mão e olhando-a nos olhos.

Ela parecia exausta, e muito embriagada, com um tom violeta por baixo dos seus olhos adoráveis. Até mesmo com calças de ganga e uma camisa velha, sem maquilhagem e com o cabelo todo despenteado, continuava a parecer mais desejável do que qualquer outra rapariga que ele conhecesse.

Tanto em Tara estava oculto. Através dos modelos que ela criava, Josh intuía uma mulher sensual, a maneira como mantinha o seu apartamento mostrava que era uma pessoa que gostava da casa, no entanto ele nunca conseguira identificar o que ela queria exatamente. Esperava que, abrindo-se com ela, pudesse obter as suas confidências em troca.

– Quero ser uma celebridade, Tara. Quero que as pessoas se acotovelem quando eu passar e digam: «Ei, olha, ali vai o Josh Bergman, só tem trinta anos e já é multimilionário.

– Não te estás a dar muito tempo. – Tara riu-se.

Josh fizera-a sentir-se muito melhor. Talvez fossem só os restos da sua paixoneta infantil a fazerem-na pensar por um momento que Harry era o homem para ela. Era crescida agora, tinha o direito de estender a mão para o que queria sem se sentir em dívida para com pessoas do passado.

– Estou bem encaminhado. – Tinha os olhos cheios de fogo agora, o rosto corado com mais do que só a vodca. – Quero um avião particular, casas de férias em locais exóticos e belas mulheres pelo braço.

– Eu entro em alguma parte desse sonho? – perguntou ela. – A tua estilista é importante ou vais-me substituir?

– Tu és parte do sonho. – Baixou a voz e aproximou a mão para lhe acariciar a face. – Juntos, não há nada que não consigamos fazer, vamos subir como estrelas cadentes para conquistar a indústria da moda.

Tara sentia-se muito consciente da sua mão no seu rosto dela, mas as suas palavras empolgaram-na ainda mais.

– Isso seria tão maravilhoso – suspirou. – Não é o dinheiro, pois não? É as pessoas olharem-nos com admiração.

Os lábios dele estavam a aproximar-se lentamente dos seus, carnudos, cor-de-rosa e suculentos, os seus olhos escuros suaves com ternura.

– Tenho fome de ti, Tara!

Os seus lábios eram tão quentes e macios contra os dela, os seus dedos no cabelo dela a apaziguarem quaisquer dúvidas que restassem. Não havia ameaça no seu toque, só um calor doce, a embalá-la para a descontraír.

Os seus beijos eram excitantes, lentos e provocantes. A certo ponto, embora ela não tenha reparado quando, ele mudou-a ligeiramente de posição, colocando outra almofada debaixo da sua cabeça, e os seus dedos começaram a desabotoar lentamente a blusa dela. Vieram-lhe à mente cenas de amor com Simon, a recordar-se de como reagira e a aperceber-se de que queria isso outra vez.

– Tara, és tão linda – disse ele baixinho contra o seu pescoço, ao mesmo tempo que lhe abria a blusa e enfiava as mãos para as suas costas para desapertar o *soutien*. – Sonho com ver os teus seios desde o primeiro dia que te conheci.

Um acesso de desejo inundou-a quando os lábios de Josh desceram para os seus mamilos. Viu o rosto dele suavizar-se, os seus olhos meios fechados e os seus lábios a moverem-se num beijo. Viu os seus lábios tomarem o mamilo cor-de-rosa, a sua língua despontar sinuosa para o lambe, e o corpo dela arqueou-se involuntariamente para ele.

Tara despiu-lhe a camisa e passou os dedos para cima e para baixo pela sua espinha, comprimindo-se com força contra a ereção nas suas calças que tanto queria tocar. Em vez disso, porém, ele voltou a beijá-la nos lábios ao mesmo tempo que lhe cobria os seios com a blusa.

– Tenho de ir para casa – segredou, traçando com a língua o contorno dos lábios dela. – Não serei responsável pelos meus atos se ficar.

Agradou a Tara que ele não a considerasse fácil, que fosse demasiado cavalheiro para lhe tirar as roupas e se despir no primeiro serão que passavam juntos, mas, ao mesmo tempo, desejava-o. Desejá-lo não fazia justiça ao que sentia, estava a arder por ele, desesperada, mas como poderia dizê-lo sem parecer promíscua?

– Não quero que te vás embora – foi o melhor que soube dizer, e beijou-o com lábios febris.

– Tem de ser, *baby*. – Soltou-se dela levemente. – Temos muitas outras noites, não temos?

*

Foi na manhã seguinte, quando acordou com uma sede tremenda e uma dor de cabeça, que as dúvidas a assaltaram.

– Dou graças a Deus por ele não se ter aproveitado – pensou deitada na cama com as mãos na cabeça. Sóbria, conseguia ver coisas que nem sequer lhe tinham cruzado a mente na noite anterior. A mágoa de Angie, talvez até pôr em risco o seu emprego, já para não mencionar a insensibilidade de arranjar um amante na primeira noite que Harry passava na cadeia.

Não conseguiu concentrar-se no trabalho nesse dia. Estava a costurar alguns modelos, mas estava sempre a cometer erros e a ter de desfazer costuras. De cada vez que ouvia uma das raparigas ir à cozinha da loja, sobressaltava-se, à espera de que Josh subisse as escadas.

No entanto, por muito que se esforçasse por esquecer, as imagens continuavam a vir-lhe à mente e ela sentia os lábios dele nos seus seios e o sabor dos seus beijos e sabia que o desejava.

Ele telefonou ao fim da tarde, à pressa, de uma cabina telefónica.

– Sentes-te bem hoje? – perguntou. – Bebeste que te fartaste ontem.

– Só estou com um bocado de dor de cabeça – respondeu ela, a pensar se deveria tentar esfriar as coisas ou encorajá-lo.

– Não sei quando vou poder passar por aí – disse ele. – Tive problemas para arranjar tecido para os casacos de veludo. Sou capaz de ter de ir às Midlands.

Não deu mais pormenores. Nem datas nem promessa de passar por lá, deixando-a sem uma oportunidade para o rejeitar.

Nessa noite, Amy telefonou, e mal Tara ouviu a sua voz adivinhou que a mãe tinha estado a chorar.

– Não sei o que dizer – disse ela numa voz débil e lamuriosa. – Não consigo acreditar que o Harry pudesse fazer mal a um homem velho.

– Tenho a certeza que não fez, Mãezinha. – Tara sentia-se agoniada agora, esquecera que todas aquelas pessoas no Somerset deviam ter lido sobre o assalto e reconhecido o criminoso como o Harry Collins de quem tanto gostavam. – O George diz que ele está a encobrir alguém.

– Mas ele participou no assalto – disse Amy. – Ninguém pode alterar isso.

Tara tentou fazê-la mudar de assunto, perguntando por Greg e pela avó, mas a sua mãe continuava a voltar à carga.

– Temos apenas de acreditar nele, Mãezinha – disse Tara. – E esperar que o homem que cometeu o crime confesse.

Depois de desligar, Tara pousou a cabeça nos braços e desatou a chorar. Sentia-se muito confusa. O rosto de Harry dançava diante de si, a fazê-la recordar todos os bons momentos passados. Contudo, mesmo que ele não

fosse um assassino, era um ladrão e ia para a cadeia. Ela nem sequer podia pensar em amar um homem assim.

Com a azáfama da aproximação do Natal, Tara teve poucas oportunidades de pensar quer em Harry quer em Josh. Não havia tempo para conceber novos modelos agora, só para ajudar na loja, repor *stock* nos varões, supervisionar, fazer a montras, correr ao banco para arranjar trocos.

Josh intrigava-a. Só entrava e saía a toda a pressa para vir buscar o apuro ou trazer mais mercadoria. Por vezes, dispensava-lhe cinco minutos para tomar um café no seu apartamento, mas, embora a puxasse a si e lhe desse um dos seus beijos excitantes, ela sentia a tensão contida dentro dele.

– Eu compenso-te em breve – disse ele uma tarde, enfiando a mão por baixo da camisola dela e beliscando-lhe o mamilo. – O que é que vais fazer no Natal?

– Tenho de ir a casa – disse ela, a desejar que não fosse necessário, porque começava a sentir que já não tinha lugar lá.

– Posso ir contigo?

Tara ficou espantada.

– Tu não queres mesmo ir? – perguntou, incrédula.

– Quero. Gostava de conhecer a tua família e de ver a tua casa. O Natal não é diferente de qualquer outro dia para os meus pais, mas se eu estiver em Londres contam que apareça. Podíamos ir no meu carro na véspera de Natal depois de fecharmos.

– Eu ia ter de falar com a minha avó. – Tara teve imediatamente uma imagem mental da sua avó a falar mal dos judeus e pensou se seria muito boa ideia. Por outro lado, evitaria que a mãe e a avó não parassem de falar sobre Harry.

– A minha avó é um bocado excêntrica. – Enfiou-se nos braços de Josh. – Não me deites as culpas se passares um mau bocado.

– Eu tenho jeito para as senhoras – segredou ele, comprimindo-se com força contra ela. – Ou assim mo dizem.

*

Para surpresa de Tara, tanto à avó como à mãe pareceu agradar a ideia da visita de Josh quando ela lhes telefonou. Ambas concordaram em manter-se fiéis à história do apartamento em Acton e do ataque de coração de Mr. Manning. Mesmo quando Tara avisou a avó de que não devia fazer os seus usuais comentários depreciativos sobre judeus, ela limitou-se a soltar uma risada.

– Sei quando manter os lábios selados – disse.

A avó não mencionou Harry, mas já comunicara os seus sentimentos numa carta. Para ela, não havia cambiantes, Harry era culpado de roubar o armazém, pelo que se deduzia que também matara o vigilante.

Quando Angie telefonou uma noite e disse que tinha mandado o emprego às malvas, Tara ficou chocada.

– Mas porquê? – perguntou. – Julguei que o adoravas.

– Era uma porcaria de um salário, e estou chateada com o Josh – disse Angie num tom ligeiro. – Ele já não se aproxima de mim desde que abriu a loja de Church Street. Não vou perder mais tempo com ele. Vou trabalhar para uma boutique nova em Carnaby Street. Sou até capaz de arranjar um apartamento para os teus lados também.

Falou da fé em Harry das pessoas de Bethnal Green.

– Toda a gente sabe que não foi ele – disse. – Os colegas dele vão pregar um susto ao tipo que disparou, não te preocupes.

Era menos uma coisa com que se preocupar. Pelo menos não teria de recear magoar Angie. De qualquer maneira, à medida que o Natal se ia aproximando, não havia tempo para matutar em mais nada não ser no trabalho.

A loja estava apinhada com gente jovem ruidosa e cheia de entusiasmo. Tocava música *soul* muito alto, luzes coloridas incidiam sobre a exposição central de dois minivestidos de veludo, um em verde e outro em vermelho. Era o último sábado antes do Natal e dava a impressão de que toda a juventude de Londres invadira Kensington para comprar algo para vestir.

Tara estava ao lado da caixa registadora, a dobrar e a meter em sacos as peças de roupa, mantendo um olhar atento a potenciais roubos.

– É o último desses! – Susie, uma das funcionárias temporárias, pousou em cima do balcão o minivestido de crepe branco debruado com penas fofas no decote e nos punhos. – Devemos ter vendido centenas!

– Também têm saído bem em Bethnal Green – respondeu Tara, anotando mentalmente que devia pedir a Josh que mandasse fazer mais alguns.

– Foi mesquinho da parte do Josh despedir a gerente de lá – disse Susie. – Ela trabalha para ele desde que ele começou.

– Ela foi-se embora para trabalhar em Carnaby Street. – Tara olhou rispidamente para a rapariga. Os olhos dela não davam indícios de malícia. – Onde é que ouviste isso?

– A minha prima Rose trabalha lá – respondeu Susie. – Foi ela que me contou. O Josh acusou-a de usar roupas da loja e despediu-a de imediato. Mas

a Rose acha que essa não foi a verdadeira razão. Ela acha que ele tem outra tipa e não quer que a nova descubra que ele andava a dormir com a Angie.

Tara matutou naquela notícia durante o resto da tarde. Era típico de Angie não admitir a verdade; não gostava de dar parte de fraca, nem mesmo com uma velha amiga. Mas o comportamento de Josh era muito mais intrigante. Ele sabia desde o início que Angie levava roupas emprestadas da loja. Porquê implicar com isso agora? A não ser, é claro, que Rose tivesse razão e ele quisesse remover o último obstáculo para a ter a ela.

Era o recurso a estratagemas que a incomodava. A que tipo de jogo é que Josh estaria a jogar, e porquê?

*

Tara foi para a cama cedo no domingo à noite. A noite de sábado fora muito divertida. Miranda ficara depois do trabalho e beberam umas duas garrafas de vinho enquanto conversavam. Ela enganara-se quanto a Miranda. Não era nada emproada, não depois de se conhecer melhor, era só a maneira como tinha sido criada – colégio particular, pais ricos com uma casa grande em Barnes.

Mais tarde, quando já estavam muito bêbedas, foram a cambalear até à discoteca Zambesi em Earl's Court com fios brilhantes de Natal e visco no cabelo. Não havia raparigas que chegassem para os homens todos, e os australianos e os sul-africanos que tinham adotado aquela discoteca andavam praticamente à bulha para dançarem com elas ou lhes oferecerem bebidas. Tara tinha a vaga ideia de ter estado aos beijos com um australiano enorme qualquer e de lhe dizer que se apaixonara por ele e depois correr para apanhar um táxi com Miranda enquanto ele estava na casa de banho.

No domingo, contudo, quando acordou por volta do meio-dia, sentiu-se como um balão com um furo por onde estava a sair o ar lentamente, com toda a alegria a desaparecer deixando-a espalmada como uma panqueca. Fez as casas de um casaco sem grande empenho, levou a roupa à lavandaria e limpou o apartamento, e depois enfiou-se na cama para chorar.

– Deixa o Josh vir passar o Natal – disse para consigo sem alegria, deitada na cama a fitar o teto. – Mas mantém-no à distância. Não confies nele!

*

– Tente descobrir quem me denunciou – segredou Harry a George pelas grades na sala de visitas da prisão. – Ouvi o nome Joe Spikes mencionado algumas vezes aqui dentro, também, tente averiguar coisas sobre ele, de onde é, o cadastro, tudo.

– Onde é que ele para? – perguntou George.

– Não sei, um tipo disse que ele é do outro lado do rio, de Catford ou Deptford. Acha que ele talvez seja do bando do Richardson. Ouvi dizer que tem qualquer coisa contra mim. Pode ter pressionado um dos rapazes.

George olhou nervosamente à sua volta. Detestava vir a Brixton. Ver o seu filho através destas grades era uma tortura, o seu olhar assombrado, a maneira como estava sempre a morder o lábio. Também não havia nada que ele pudesse fazer, nem sequer apertar a mão ao seu rapaz.

Na sala de espera o calor era sufocante. Mães assoberbadas debatiam-se com bebés pequenos, crianças faziam birras porque estavam cansadas de esperar. Via-se bem quem eram as mulheres que já tinham passado por aquilo um número incontável de vezes, com um ar atrevido e a falarem alto, dez minutos com elas e contariam tudo e mais alguma coisa sobre o seu homem.

Era um lugar sórdido e sujo, como levantar uma tampa do saneamento e dar com todo um submundo cuja existência se desconhecia até àquele momento.

– Como é que está a Tara? – Harry pôs as mãos nas grades, como se a tentar arrancar alguma coisa do pai através do arame. – Pus aquela foto dela na minha cela. Ajuda.

– A loja está cheia todo o dia todos os dias, mas ela parece bastante contente.

– O Josh já se atirou a ela?

– Não me faças perguntas dessas, filho. – George franziu a testa. – Não sei a resposta, de qualquer maneira não te adianta de nada matutares em coisas dessas.

– Ela ainda é tão miúda. – Harry parecia abatido. – Não confio no Josh, ele é um falinhas mansas do caraças. Não consigo suportar pensar que ele pode andar a comê-la.

– Bem, usa a tola então. – George aproximou-se das grades. – Dá ao teu advogado o suficiente p’ra te ilibar do tiro, pelo menos. Mesmo assim ainda apanhas um ano mais ou menos pelo roubo, mas podes usar o tempo que estiveres dentro p’ra estudar alguma coisa útil. Eu fico do teu lado desta vez porque és meu filho. Mas mete-te em merdas uma segunda vez e é o fim, no que me diz respeito.

Harry olhou para o seu pai e sentiu um nó na garganta. George era uma joia. Nunca enganava ninguém, nunca mentia nem fazia trapaças.

– Alguma vez lhe disse o quanto o aprecio? – disse Harry em voz baixa, a desejar que não houvesse grades e ele pudesse abraçar o pai. – Vou-lhe fazer uma promessa aqui e agora, nunca mais o vou dececionar. Acabaram-se os roubos.

George ficou com os olhos toldados de lágrimas.

– Fico contente por ouvir isso, filho. – A sua voz estava rouca com a emoção. – Agora diz-me lá o que mais ouviste sobre esse tal Joe Spikes. E já agora, e moças que tenhas deixado? Uma delas pode estar na origem disto.

CAPÍTULO 20

— **A**fasta o outro com um empurrão, idiota! – Tara sentou-se num fardo de palha a rir histericamente da tentativa de Josh de dar de comer ao vitelo de um balde.

– Não fiques só aí sentada a rir-te – berrou ele por cima do ombro. – Ajuda-me!

Era a manhã do dia a seguir ao Dia de Natal e Tara estava a tentar «ruralizar» Josh. Com o cabelo preso, calças de montar velhas, botas e um casacão, ela dava a impressão de nunca ter vivido numa cidade.

Ele já fracassara redondamente a dar de comer aos porcos, desatando a fugir quando a Mildred, a porca grande, pôs as patas da frente em cima do muro da pocilga para rosnar uma saudação extasiada. Josh não conseguira fazer mais do que dar uma palmadinha a medo no focinho de *Betsy* quando Tara lhe trouxe a comida. Agora, até mesmo dar de comer a um par de bonitos vitelos pretos e brancos parecia ser demasiado para ele.

Os vitelos estavam encurralados com biombos de vime no canto da parte de trás do celeiro, o chão atapetado a palha suja. Com um casaco e umas calças velhíssimos da avó de Tara, galochas emprestadas por Stan, com o seu cabelo preto aos caracóis e a sua pele morena, Josh parecia mais um cigano pobre do que um homem de negócios.

Os vitelos tinham-se aproximado dele mal apareceu com o balde de leite desnatado, arredando os biombos e tentando ambos meter a cabeça no balde ao mesmo tempo.

– Sê firme com eles – aconselhou Tara, ao vê-lo afastar-se nervosamente cada vez mais. – Dá uma palmada no focinho ao pequeno e mantém-te firme.

Contudo, Josh não conseguia coordenar essa atitude com ter o balde pesado na mão, e parecia até reticente em tocar nos animais. Tara levantou-se para intervir, mas antes de chegar junto a Josh, a bota dele aterrou em cima de bosta de vaca e ele escorregou e caiu para trás. O leite voou pelo ar quando ele caiu e o balde tombou-lhe sobre o peito.

Tara desatou a rir à gargalhada. Josh estava estendido na palha, encharcado em leite, e os dois vitelos avançavam para ele, com os seus límpidos olhos escuros a brilharem ao verem o seu pequeno-almoço derramado.

– Tira-os de cima de mim – berrou ele, tapando o rosto com as mãos ao mesmo tempo que duas línguas compridas disparavam para o lambar. – Eles vão-me matar à patada!

Tara enxotou os vitelos para dentro do seu curral com uma palmada bem assente nos traseiros deles e voltou a colocar o biombo de vime.

– São bebés com seis semanas, não rinocerontes ao ataque. – Estava perdida de riso, mas estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se. – Não sei porquê, mas parece-me que nunca vais apanhar o jeito a isto.

Josh limpou o leite do rosto quando voltou a ficar numa posição vertical, mas não reparara onde tinha posto a mão, e agora tinha uma mancha de bosta de vaca na face.

– Isto aqui é horrível – disse petulante, com uma expressão de vivo desagrado estampada no rosto. – Cheira mal, é sujo, mas não me importava tanto se tu não estivesses a gostar tanto de me ver desconfortável.

– Oh, não sejas tonto. Não consegues aceitar uma piada? – Tara deu um passo em frente e limpou-lhe o rosto com um lenço. – Vai mudar de roupa. Eu dou de comer aos vitelos.

*

– Ele não é nenhum rapaz do campo – disse Mabel com um sorriso trocista quando Josh desapareceu pelas escadas acima, só de camisa e meias, deixando as calças, as botas e o casaco sujos no alpendre.

– A mãe e a Tara têm tendência para serem cruéis – disse Amy com reprovação, tendo assistido a tudo da janela do seu quarto. – Se a Tara o tivesse ajudado com os vitelos, provavelmente ele até tinha gostado de lhes dar de comer.

– A cada um o seu lugar. – Mabel desviou os olhos dos vegetais que estava a preparar no lava-louça. – A favor do Harry sempre te digo que ele era capaz de tratar de tudo aqui.

Amy pôs a chaleira em cima do Aga e depois virou-se para a sua mãe, de mãos nas ancas. Mabel andava muito bem-disposta e simpática nos últimos dias, mas o seu tom de voz sugeria que talvez estivesse a ter uma recaída para os seus usuais modos rebarbativos.

– Bem, isto é uma reviravolta – disse Amy com sarcasmo, sabendo que a única maneira de lidar com a sua mãe era o confronto direto. – Finalmente encontrámos alguma coisa de que gostamos no Harry!

– Só falo do que vejo. – Mabel comprimiu os lábios e olhou desafiadora para a filha. – Tu sabes que eu não acredito realmente que o Harry tenha matado aquele homem. Mas andava a roubar e merece ser castigado.

Amy abanou a cabeça, espantada.

– Mãe, a senhora é a mulher mais irritante que alguma vez conheci – disse. – Tem-se recusado a permitir-me sequer mencionar o nome dele. Foi rude com o George quando ele telefonou. E agora diz que não acredita que ele tenha disparado sobre o vigilante. Não podia ter descido do seu palanque o tempo suficiente para escrever um postal de boas festas ao Harry?

– Se fui dura, é só para bem da Tara – disse Mabel, abespinhada. – Se mostrasse a mais ligeira compreensão para com ele, a Tara era capaz de a interpretar como uma aprovação. Além disso, o Harry conhece-me melhor do que ninguém, e para tua informação, Miss Perfeita, eu escrevi-lhe, pouco depois de ele ir preso.

– Escreveu? – O queixo de Amy descaiu-lhe com o espanto.

Mabel encostou-se ao lava-louça com um sorriso todo satisfeito nos lábios.

– Disse-lhe que ele era uma grande decepção para mim. Mas também disse que sabia que ele não era capaz de apontar uma arma a ninguém. Também me ofereci para o ajudar a pôr-se de pé quando for solto.

Por um momento. Amy limitou-se a fitá-la com surpresa, mas aos poucos apercebeu-se de algo.

– Quer dizer trabalhar para si, aqui? – Lançou o seu cabelo louro para trás e afastá-lo do rosto.

– Bem, se o Greg Masterton te levar daqui, vou precisar de ajuda – retorquiu Mabel. – E da maneira como estão a ir as coisas com o Josh e a Tara, ela também não vai voltar para cá.

– Mãe, Mãe. – Amy desatou a rir. – Penso que é a mulher mais do contra, mais matreira e obstinada que jamais conheci, mas adoro-a de qualquer maneira.

Amy ainda estava a sorrir quando entrou na sala de estar para a arrumar e pôr mais carvão na lareira. Durante todo este tempo, ela e Greg tinham-se perguntado como poderiam alguma vez abordar o assunto do seu casamento sem Mabel disparatar. De facto, no entanto, a sua mãe já estava a fazer planos, embora algo tontos. Provavelmente, também sabia que sempre que

não encontrava Amy à tarde ou ao fim do dia ela estava com Greg na casa dele a fazer amor.

Desde aquela primeira tentativa atabalhoada no verão, o seu caso amoroso tornara-se lindo e gratificante. Ainda ontem Greg sugerira que oficializassem o noivado e pusessem assim termo os mexericos sobre eles. Mas Amy queria esperar até depois do julgamento de Harry. Não parecia correto estar a planear uma ocasião de júbilo quando alguém de quem se gostava muito se encontrava numa situação tão difícil.

– Duvido que ele aceite a sua oferta, Mãe – disse Amy para consigo enquanto varria as agulhas de pinheiro. – Mas vai apreciar a intenção.

*

Josh olhou-se pensativo ao espelho da casa de banho enquanto esperava que a banheira se enchesse. O leite infiltrara-se até às cuecas, tinha palha e lama no cabelo e duvidava que conseguisse retirar o cheiro da quinta com o banho.

Sentia-se furioso, não tanto com Tara por o expor daquela maneira, mas consigo mesmo.

– Não devias ter vindo cá – segredou ao seu reflexo enquanto passava um pente pelos seus caracóis para tirar a palha. – Deste cabo de tudo.

Em Londres, era senhor de si, sabia quem era e para onde ia. Devia tê-la levado a sair, ter-lhe mostrado algo da vida em grande estilo até ela ficar tão embeijada por ele como as outras raparigas. Mas vir para aqui enfraquecera o seu poder. Estas três mulheres fortes tinham-lhe mostrado um estilo de vida que o fazia questionar o seu.

Começara mal ele entrou na cozinha na véspera de Natal. Foi o ambiente que o atarantou. Umas fitas de papel de crepe vermelho e visco adornavam as

velhas vigas do teto entre as panelas e os tachos de cobre. A grande mesa com o tampo esfregado estava posta convidativamente para uma ceia tardia e todas as superfícies pareciam estar ajoujadas com mais comida. Um enorme bolo de Natal com cobertura de açúcar glacê estava pousado em cima de um aparador ao lado de um pernil cozinhado em casa igualmente grande, dourado com pão ralado. Havia pequenas tartes a arrefecer numa grelha, um cesto de madeira cheio de vegetais à espera de serem preparados e pratos com doces.

– Isto é maravilhoso – conseguiu dizer Josh. – Tem um aspeto e um cheiro tão festivo. Também não contava vir dar com mais duas beldades na mesma família!

Contava que a mãe de Tara fosse de meia-idade e apagada, não uma mulher estonteantemente bonita com o corpo de uma rapariga de dezoito anos. Até a avó era majestosa, com o seu conjunto em tom de ameixa e o seu cabelo branco a brilhar como glacê à luz.

Ambas se tinham rido. Amy disse que ele era «galante» e afadigou-se a servir-lhe uma sopa de carne de vaca e vegetais com delicioso pão caseiro.

– Praticamente esgotaram-se todas as minhas criações – disse Tara muito animada enquanto relatava histórias dos últimos dias frenéticos. – A nova loja é um sucesso estupendo. O Josh vai ser milionário não tarda nada!

– É verdade, Josh? – perguntou Amy com um sorriso –, ou é só a natureza excitável da Tara a vir ao de cima?

– A loja ultrapassou os meus sonhos mais loucos. – Josh sorriu, a olhar de Amy, sentada à mesa, o rosto rosado com o prazer de ter a sua filha em casa, para Mabel, que estava de pé ao fogão a regar o peru. – Mas é preciso mais do que uma boa estação para fazer fortuna.

– Vai abrir outras filiais? – Mabel voltou a meter o peru no forno e fechou a porta.

Numa família judia, aquela pergunta implicaria uma recolha de informações quanto à sua adequação como potencial marido. Mas Mabel dava a impressão de já acreditar que ele estava bem encarreirado para construir um império comercial.

– Gostaria de o fazer – disse ele cautelosamente, sem querer gabar-se. – Para já, quero consolidar as duas lojas até ter a certeza de onde sopra o vento. Mas basta de falar de negócios. Fale-me sobre si, Mrs. Randall. A Tara disse-me que pinta!

Josh mal conseguia já manter os olhos abertos quando Mrs. Randall lhe mostrou um par de aguarelas lindas que estava a dar às pessoas como presentes de Natal. Há semanas que mal dormia, mantendo-se em pé com anfetaminas. Na véspera de Natal, limitara-se a dois comprimidos, fiando-se na pura adrenalina para se manter acordado. Porém agora, depois da longa viagem e com a noção reconfortante de que havia um belo maço de notas no cofre, a exaustão apoderou-se dele.

Passava das dez horas. Ouviu Amy dizer que ela e a sua mãe iam à Missa do Galo daí a pouco, e, embora ele tivesse tido a esperança de uma oportunidade como essa para ficar a sós com Tara nessa noite, sabia que seria incapaz de a aproveitar.

– Pobre Josh, parece mesmo arrasado – disse Amy com meiguice, despenteando-lhe o cabelo de uma maneira que o fez sentir-se como um garotinho. – Deixe-me mostrar-lhe o seu quarto.

– Vai lá. – Tara sorriu-lhe. – A minha mãe tem razão, estás a dormir em pé. Eu vou à missa com elas, se não te importas de ficar sozinho.

Estava tão bonita, com uma minissaia e uma camisola brancas, um laço de fita de Natal ainda no cabelo de antes nesse dia. Tinha as faces coradas e os seus olhos cor de âmbar cintilavam de uma maneira como nunca acontecia em Londres.

– Se não pensarem que sou um desmancha-prazeres – disse ele debilmente.

– É claro que não. – Ela deu-lhe uma palmadinha no braço. – Vemo-nos amanhã e mostro-te o sítio. Vai lá para a cama!

Manteve-se acordado o tempo suficiente para reparar em modelos de aviões pendurados do teto no quarto e ver uma fila de brinquedos de lata e um par de ursos de peluche numa prateleira, mas sentia demasiado sono para pensar em a quem pertenceria aquele quarto.

– Pus um saco de água quente na cama – disse Amy, puxando para trás uma manta de retalhos linda em tons de vermelho e azul que ele supôs ter sido feita por ela. Sacudiu as almofadas na antiquada cama de madeira e acendeu um candeeiro. – Durma bem, Josh.

Josh não se lembrava de alguma vez se ter sentido tão aconchegado. A cama estava tão quente e era tão macia, e os lençóis cheiravam a alfazema. Ouvia pratos a tilintar lá em baixo na cozinha e Tara a rir-se. Até àquele momento, o Natal não fora nada mais do que uma festa dos gentios que lhe proporcionava uma oportunidade de ganhar dinheiro. Os seus pais comemoravam-no sem grande empenho, enfeitando uma árvore artificial, repondo o *stock* de bebidas e saqueando a secção da mercearia fina da Fortnum & Mason para comprar o tipo de manjares que viam nas revistas ilustradas. Agora, Josh compreendia que o seu desejo de vir aqui passar o Natal se baseara na mesma razão pela qual os seus pais enfeitavam aquela árvore todos os anos.

Queria aceitação.

Desde pequeno que Josh tinha a consciência de que a sua vida em casa não era igual à das outras crianças. Sabia que os seus pais o adoravam, mas nunca tinham tempo para ele. Mesmo quando se mudaram de Cable Street, nunca houve propriamente uma vida em família. O seu pai só vinha a casa para dormir, e, à medida que a fortuna deles foi aumentando, a sua mãe foi-se envolvendo em obras de caridade em vez de ficar em casa. Se fossem judeus ortodoxos ele poderia ter tido a estabilidade da sinagoga e de todos os seus ensinamentos. Mas a realidade era que se encontrava desconfortavelmente entre dois mundos, o dos judeus e o dos gentios, sem nunca pertencer completamente a um ou ao outro.

Até esta noite, nada disso o preocupara, acreditava que ganhar dinheiro era a resposta para tudo. De repente, porém, já não tinha tanta certeza disso.

*

Acordou na manhã do dia de Natal com o cheiro a peru assado e o som de gargalhadas a subir pelas escadas. Ficou horrorizado ao descobrir que já passava das onze horas, e lavou-se, barbeou-se e vestiu-se em tempo recorde.

Mais tarde, ficaria a saber que as mulheres da casa estavam a pé desde as seis da manhã, a mungir as vacas e a dar de comer aos animais. Mas a sua primeira visão delas a prepararem os vegetais e a rirem-se com o doutor Masterton, que estava sentado na cadeira de balouço a beber uma caneca de sidra, não lhe revelou isso.

– Pensámos que era o Rip Van Winkle. – Mabel sorriu. – Está um pouco atrasado para o pequeno-almoço e duvido que queira beber sidra quando acabou de acordar. Mas que me diz a uma chávena de chá e uma torrada?

Agradou-lhe imediatamente o aspeto de Greg e invejou a maneira como ele parecia tão adequado no seu casaco de *tweed* e calças de tecido de lã cinzento. O *blazer* azul-marinho de Josh parecera perfeito nos armazéns Simpson's de Piccadilly, mas agora sentia-se demasiado formal.

– Elas têm estado ansiosas por abrir os presentes. – O rosto rechonchudo e rosado de Greg abriu-se num sorriso caloroso de camaradagem. – Mas não podíamos começar sem o convidado de honra.

Josh sabia tudo sobre presentes, tivera bastante prática com a sua mãe avarenta, mas mal começaram a abrir os embrulhos soube que o seu estilo pertencia exclusivamente a Golders Green. A camisola de caxemira azul-clara para Amy devia ter sido comprada por Greg. Os olhos de Mabel brilharam como os da mãe de Josh quando viu a caixa de madeira com tintas, mas mal avistou o rótulo do Harrod's pareceu ficar embaraçada.

– É maravilhoso – disse, baixando os olhos. – Mas não me devia ter dado um presente assim tão caro.

Queria dizer que se sentia embaraçada porque só lhe dera um par de luvas de lã cinzentas, e Amy uma agenda. No entanto, de algum modo ele sentiu que ela achava que ele estava a tentar comprá-las. O pior de tudo era que ele sabia que fora essa mesma a sua intenção, e receava o momento em que Tara abrisse o seu embrulho e desse com as botas.

– É uma maneira de lhes agradecer por me terem convidado – apressou-se a dizer. – E, Tara, o teu presente é porque eu nunca teria conseguido chegar até tão longe sem ti.

Os gritinhos de encanto dela ao ver as botas justas de pele branca quase lhe dissiparam a sensação de culpa, mas não totalmente.

Todo aquele dia foi maravilhoso – usar o seu primeiro chapéu de papel ao almoço, demorar-se à mesa a comer pequenas tartes com recheio de sultanas e a beber *brandy* enquanto liam as piadas uns dos outros que vinham dentro dos *crackers*⁵.

Mais tarde, jogaram Scrabble na sala de estar. O lume crepitava, as luzes da árvore de Natal cintilavam e as fitas de papel restolhavam ao calor. O perfume das agulhas de pinheiro e das laranjas misturava-se com o fumo dos charutos enquanto conversavam e riam.

Tara estava sentada no chão, com a ponta da língua a despontar entre os lábios enquanto se concentrava em encontrar palavras. Amy tinha as pernas enroscadas no sofá e soltava risadinhas de cada vez que Greg apresentava uma palavra implausível que dizia ser um termo médico.

Mabel dormitava num cadeirão, acordando de tempos a tempos para lhes encher os copos com licor de cereja. Mas os olhos de Josh estavam sempre a voltar-se para Tara.

Não havia nada de artificial nela. Comia doçarias e frutos, esfregava os olhos a deixar manchas de rímel nas suas faces rosadas devido ao calor da lareira e enfiava o cabelo por trás das orelhas sem nenhum artifício. Ele sentia vontade de beijar aquele pescoço comprido, de lambar as manchas de licor de cereja dos seus lábios e de a ter nos braços para sempre.

Em Londres, teria considerado um médico de província com cabelo ralo e barrigudo uma companhia maçadora. Mas o homem brilhava com sentido de humor e comentários incisivos sobre as fraquezas humanas. Josh via como as mãos dele se estendiam para tocar em Amy de vez em quando, a maneira como os olhos dos dois se encontravam. Queria que fosse assim entre ele e

Tara, sentir-se tão seguro e a salvo que não precisasse de pensar duas vezes antes de falar ou encobrir fosse o que fosse.

No decurso da conversa, ficou a par da tragédia em que Paul perdera a vida. Sentiu-se tocado ao descobrir que era a primeira pessoa a dormir no quarto dele, mas triste por Tara nunca lhe ter falado sobre o seu irmão.

– Nunca se proporcionou. – Ela encolheu os ombros de uma maneira que sugeria que ele nunca mostrara o mínimo interesse pela sua família. – Além disso, o Paul pertencia aqui, não a Londres. Não parecia apropriado falar sobre isso lá.

Ele seria uma pessoa superficial? Porque é que não se apercebera de que uma profunda tristeza era parte da razão para ela ser uma espécie de semirreclusa quando as outras raparigas saíam para dançar e ir a festas? Quantos outros segredos lhe teria ela escondido enquanto ele explorava os seus talentos?

Estava um pouco tocado quando foi para a cama na noite de Natal. Já estivera muito mais bêbedo, mas nunca abrira o seu coração daquela maneira.

Tara seguiu-o pelas escadas acima. Amy e Greg estavam na sala de estar, Mabel na cozinha. Josh virou-se para Tara no patamar e estendeu os braços.

– Amo-te – segredou, a querer mais do que uma rapariga na sua cama ou até mesmo uma estilista para o ajudar a fingir. – És tudo no mundo para mim.

Ela pôs os braços à volta dele, puxou-lhe a cabeça para o seu ombro e embalou-o nos braços.

Foi só na manhã seguinte que ele se apercebeu de que ela não respondera à sua declaração, o que o preocupou mais do que uma rejeição.

*

Entrou para a enorme banheira antiquada e deitou-se na água quente.

Fora por isso que ele tentara tanto ajudar esta manhã, vestindo aquelas horríveis roupas velhas numa tentativa de aprender coisas sobre a quinta. Talvez vê-lo longe de Londres a tivesse feito duvidar de que ele pudesse integrar-se naquela parte da sua vida, e ele tinha de tentar. Mas agora fizera figura de tolo!

Iam voltar para Londres nessa noite, mas ele tinha de tentar endireitar as coisas antes da partida.

Acabou de se lavar, barbeou-se, vestiu um par de calças e uma camisola e depois voltou para o andar de baixo.

– O almoço está pronto daqui a pouco. – Amy sorriu quando ele entrou na cozinha. – Espero que não se tenha magoado. Estive agora mesmo a ralhar à Tara por ela ser tão cruel. Os vitelos fizeram-me isso na primeira vez. É o mesmo para toda a gente.

– Desculpa, Josh. – Tara fez-lhe um sorriso travesso. – Foi mauzinho da minha parte, mas foi tão cómico.

– Estou a pensar em levar-te à fábrica do meu pai um dia e atirar-te para o meio daquilo. – Josh passou a mão pelo cabelo de Tara quando ela se sentou. – De qualquer maneira, já te perdoei. Depois destes anos todos, descobri finalmente porque é que os judeus se mantêm longe dos porcos. Têm medo deles!

– Fico contente que não tenha levado a coisa a sério. – Mabel virou-se do fogão. – Foi bom tê-lo cá, Josh. Espero que volte na primavera ou no verão para ver a quinta no seu melhor.

Josh sentiu-se inundado por uma sensação de júbilo. Apetecia-lhe aproximar-se da velha senhora e abraçá-la, dançar com a bonita Amy à volta

da cozinha e dizer a ambas o quanto gostava delas. Tara devia ter-lhes dado a entender que realmente gostava dele, caso contrário elas não teriam dito nada.

– Depois do almoço vamos até ao lago – sugeriu Tara. – Tenho de o ir ver antes de ir embora.

– Fica cá até depois do fim de semana. – Josh sorriu generosamente. Não queria regressar sem ela, mas tinha de lançar o isco. – Desenvencilhamo-nos perfeitamente sem ti, e penso que a tua mãe e a tua avó iam gostar de ter um pouco mais de tempo contigo.

Esperava que ela recusasse, mas em vez disso os seus olhos iluminaram-se.

– Oh, Josh, isso é maravilhoso. – Disse. – Muito obrigada. Tens a certeza de que encontras o caminho de volta sozinho?

– Tenho um mapa e dois olhos na cara – disse ele. – Ora bem, Amy, posso fazer alguma coisa? Pôr a mesa, torcer o pescoço a umas galinhas?

*

Encostaram-se ao gradeamento e fitaram o lago, com o lado dos seus corpos a tocar-se.

Tara estava a usar todos os seus presentes de Natal, como uma criança; as botas brancas de Josh, um casaco de xadrez com forro de pelo da sua mãe e o gorro, o cachecol e as luvas verdes de Greg. O seu cabelo dourado pendia-lhe em grandes madeixas sobre os ombros, os seus lábios estavam vermelhos como cerejas ao vento.

O céu estava a ficar muito escuro, o sol grande e cor de laranja como uma abóbora. O lago parecia estender-se até ao infinito, quase preto agora, com laivos prateados na superfície agitada. Houvera barcos antes, mas agora estavam todos a afastar-se na direção do clube de vela do outro lado do lago e a água estava por conta dos cisnes, dos gansos e dos patos.

– Isto é tão lindo – disse Josh em voz baixa. – Imagina viver numa casa com vista para o lago. Eu nunca ia querer voltar a trabalhar.

– O Paul e eu costumávamos vir aqui de bicicleta quase todos os dias – disse ela, enfiando a mão debaixo do braço dele e aconchegando-se ao seu casaco de pele de carneiro. – A primeira vez que o vimos, ele ficou assustado por ser tão grande e tão selvagem, mas acabou por o adorar, aprendeu o nome das aves todas e de onde vinham. Aqueles grandes, os gansos do Canadá, eram os preferidos dele. Costumava trazer pedaços de banha com cereais especialmente para eles.

Josh sabia que não voltaria a haver um momento melhor, mas assustava-o a enormidade do que sentia.

– Fui sincero no que disse ontem à noite – disse em voz baixa, virando-se para a tomar nos braços. – Eu amo-te, Tara.

Ela tinha os olhos muito abertos, a brilharem na luz que estava a desvanecer-se rapidamente, e o gorro verde com um pompom contra o dourado do seu cabelo era dolorosamente adorável. A boca dela estremeceu por um momento, como se estivesse a debater-se para encontrar as palavras certas.

– Não sei o que sinto – disse por fim, com os olhos a queimarem os dele. – Por vezes, penso que és o homem para mim, mas outras vezes sei que não está certo.

Estava a dizer a verdade. As suas emoções tinham-se balançado nas duas direções muitas vezes nos últimos dias. Aqui, no território dela, tinham-se revelado falhas em que ela não reparara antes – a gabarolice, uma espécie de modos bajuladores e até insegurança. Mas a aspereza que ela detestava em

Londres tinha desaparecido, esta nova ternura tocava-a num ponto no seu íntimo.

– Estás a dizer que não me queres como amante? – Ele tentou manter um tom calmo e resistir ao impulso de a agarrar com força.

– Se te tornasses meu amante eu poderia perder um amigo. – Pôs a sua mão enluvada na face dele e acariciou-a. – Temos um longo caminho a percorrer, Josh, e neste momento precisamos um do outro. Vamos ser só amigos por agora e ver como estão as coisas daqui a uns meses.

– É o Harry? – Ele pegou na sua mão, tirou-lhe a luva e levou os seus dedos aos lábios.

Ela lançou-lhe um daqueles seus estranhos olhares que lhe recordavam o olhar sem pestanejar de um gato.

– O Harry é como um irmão – respondeu ela. – Sim, estou preocupada com ele, ele é muito especial para mim. Se fosse condenado por um homicídio que sei que não cometeu, ia ser insuportável para mim. Mas ele não tem nada a ver connosco.

– Um beijo por amizade? – Josh inclinou-lhe o rosto para o seu.

Ela sorriu, a mostrar os seus dentes brancos e certos, e os seus olhos cintilaram com um fogo.

– Por amizade – disse. – E talvez um amanhã.

*

O apartamento de Josh estava gélido. Fedia a fumo de cigarro requeimado e a uísque. Acendeu a luz, lançou um olhar à desarrumação deixada desde antes do Natal e estremeceu.

Era um apartamento pequeno num prédio por cima de lojas na Brompton Road, a pouca distância dos armazéns Harrod's. Não tivera ainda o tempo nem o entusiasmo necessários para lhe dar o seu cunho pessoal, e o mobiliário e a decoração indicavam uma grandiosidade desbotada.

Abriu as cortinas pesadas cor de ameixa, acendeu o fogão de sala elétrico e sentou-se corcovado em frente a ele. Por toda a parte havia espalhados sacos vazios das suas idas às compras pré-natalícias. Camisas sujas e pares de sapatos cobriam o chão, e os restos de uma refeição chinesa estavam ainda em cima da mesa de mármore de apoio aos sofás. Mas Josh não estava realmente a ver a sua esqualidez de solteirão do costume; estava a pensar em Tara e no futuro.

Na longa viagem de regresso dominara-o uma sensação de culpa, e soube no seu íntimo o que tinha de fazer.

– Se ele for condenado por homicídio – segredou para consigo, esfregando o queixo com as mãos e sentindo os picos da barba – nunca mais vais poder olhar nenhum deles nos olhos.

Abriu um armário com motivos encastoados em madre-pérola e tirou uma garrafa de uísque e um copo. Encheu-o até meio e emborcou-o de uma só vez, estremecendo ao sentir a ardência na garganta.

– Faz isso agora – disse.

Pegou no telefone e discou um número do Sul de Londres, lançando um olhar ao seu relógio de pulso. Passava da uma da manhã, uma boa altura para o apanhar em casa.

– Joe? – disse, quando a voz grossa atendeu. – É o Josh. Tiveste um bom Natal?

– É para desistir – disse, depois de trocarem palavras de cortesia. – Dá uma desculpa qualquer para te pões a andar depois de teres tirado tudo o que seja teu da casa. Ele está a dormir? – Escutou pacientemente por um momento enquanto a voz brusca irrompia em argumentos e insultos.

– Eu sei isso tudo – disse. – Mas há mais do que uma maneira de esfolar um gato. Não posso deixar o Collins ir preso por homicídio, ele vai apanhar bastante tempo pelo roubo, de qualquer maneira. Além disso, tem-me custado uma fortuna manter esse cobardolas em segurança estas semanas todas. Ele não vale isso.

Adivinhava pela voz de Joe que ele já se fartara de fazer de ama, por muito que detestasse a ideia de Harry escapar a uma pena pesada.

– Encontramo-nos amanhã e faço contas contigo – disse com firmeza. – Agora põe-te daí para fora e assegura-te de que a arma está num sítio em que a bófia a possa encontrar.

Josh tapou o rosto com as mãos e suspirou profundamente. Poderia confiar que Joe cumprisse a sua parte, daí a meia hora desapareceria sem deixar vestígios.

A sala estava a ficar mais quente agora. Joe bebeu mais uns goles de uísque e enrolou um charro para ganhar forças para ir até uma cabina telefónica para fazer o telefonema final.

Estava um frio gélido na Brompton Road. Virou para cima a gola do seu casaco de pele de carneiro e passou pelos armazéns Harrod's sem sequer lançar um olhar às montras iluminadas. As ruas estavam desertas, só passava um por outro táxi de vez em quando.

Estava quase a chegar ao Hyde Park quando parou e abriu a porta pesada da cabina telefónica. Embora lá dentro fedesse a urina e vomitado, ele fechou

a porta atrás de si.

Tirou do bolso o cartão com o nome e o número de telefone, inspirou fundo e discou o número.

– Sou eu outra vez – disse em voz baixa. – Tenho uma morada para vocês, e um nome. Clive Dunning, conhecido como Ginger, 134 Baytree Road, Brixton. O apartamento na cave. Foi ele quem disparou sobre o guarda-noturno, não o Harry Collins. Se for lá agora encontra-o na cama. Alguns dos casacos de couro também estão lá. Vigiem a saída das traseiras. Ele é capaz de tentar fugir por aí.

Havia um cheiro doce no ar quando Josh voltou para casa a pé. Na semana seguinte, averiguaria a possibilidade de arranjar uma loja na King's Road, e talvez também na Oxford Street. Sentia-se cheio de sorte.

⁵ Uma tradição natalícia do Reino Unido. Cada comensal recebe um pequeno cilindro de cartão que, ao se puxar pelas pontas, rebenta com um pequeno estouro; lá dentro, há um chapéu de papel e um papel com uma anedota. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 21

Janeiro de 1967

— Retiraram a acusação de homicídio? — Tara sentia-se tão espantada que quase deixou cair o auscultador. — Tem a certeza?

Olhou à sua volta e viu tanto a mãe como a avó imóveis, de mãos dadas.

O *bacon* estava a crepitar na frigideira. Havia baldes com lavagem para os porcos a fumegarem no chão, prontos a serem levados. A avó estava de novo com calças de homem, botas e uma camisola. Amy ainda tinha vestido um anorake e estava com luvas.

— Bem, soube-o pelo advogado do ‘Arry — disse George, numa voz roncada como se estivesse a tentar conter um berro descontrolado de alegria. — Parece que a bófia prendeu o outro gajo às primeiras horas da manhã de ontem.

— Apanharam o homem que realmente cometeu o crime — Tara apressou-se a comunicar a Mabel e Amy.

— Oh, Tio George, estou tão encantada! — Riu-se. Amy estava a gesticular como uma louca, presumivelmente a mandar cumprimentos e beijinhos, enquanto Mabel se afundara numa cadeira com um sorriso como uma talhada de melancia. — Havia de ver a cara da avó e a da mãe. Estão as duas a sorrir como gatos que tivessem lambido o leite.

— Deus as abençoe. — A voz de George tremeu. — Digo-te, minha doçura, vai haver muita celebração no nosso palácio esta noite. Acho que agora tenho de ir montar a banca no mercado, mas não me vejo a vender nada, vou qu’rer dar tudo de graça.

— O que é que acontece agora? — perguntou Tara, limpando uma lágrima da face. — Ele pode sair sob fiança?

– Duvido, meu amor. Tem de voltar ao tribunal na próxima segunda, mas como isto é uma acusação menos grave e ele vai-se declarar culpado agora, suponho que vão fixar uma nova data.

– De quanto tempo vai ser a pena?

– O advogado tem a esperança de que ele fique em liberdade condicional, mas não me parece que assim seja. Talvez seis meses ou um ano. De qualquer maneira, vou a Brixton hoje à tarde vê-lo.

– Dê-lhe beijinhos nossos. – Tara soltou um longo suspiro. – Posso ir vê-lo quando voltar para Londres?

Pressentiu uma mudança no ambiente na cozinha e, ao olhar à sua volta, viu que o sorriso da avó tinha desaparecido, substituído por uma expressão de horror.

– Não, meu amor, tu mantém-te afastada. Aquilo não é sítio para ti. Ele também não vai qu’rer que vás ‘ó tribunal. Deve haver muitos jornalistas lá e não queremos que tu apareças nos jornais.

Tara soltou um suspiro de relutância a indicar que faria o que ele dizia.

– Bem, dê-lhe um abraço de nós todas. É claro que sempre soubemos que não tinha sido ele.

– Tens de te lembrar que mesmo assim ele vai preso por roubar – recordou-lhe George num tom de voz áspero. – Uma rapariga que está a subir na vida como tu tem de ter isso em mente. Sabes o que quero dizer?

– Sim, Tio George, sei. Bem, adeus, e obrigada pelas notícias maravilhosas.

Daí a uma hora ainda estavam sentadas à volta da mesa do pequeno-almoço quando Greg entrou.

– O que se passa? – Parecia cheio de frio e cansado, mas apercebeu-se imediatamente da atmosfera de festa. – Ninguém lhes disse que o Natal já acabou?

Amy saiu-se com a notícia, com os olhos brilhantes. Greg tirou o seu casaco de *tweed* e sentou-se pesadamente.

– Bem, isso é sem dúvida algo para me animar o dia. – O seu rosto redondo abriu-se num sorriso rasgado. – Andei a fazer domicílios toda a noite. Mrs. Purvis teve um AVC logo a seguir à meia-noite e mal eu tinha chegado ao hospital estava a receber um telefonema a dizer que o bebé de Mrs. Thrush vinha a caminho a toda a pressa.

– Pobrezinho. – Amy despenteou-lhe o seu cabelo ralo da cor da areia com afeto. – Eu faço-te o pequeno-almoço. Foi menina ou menino?

– Um menino grande como tudo. – Greg sorriu. – Com quatro quilos e meio, nada mais nada menos. Mas deixem para lá as minhas pacientes. Quero saber tudo sobre o Harry.

Amy fez a Greg uma sanduíche de *bacon* e um bule de chá e Tara relatou o que George lhe contara.

– Esperemos só que isto o endireite. – Greg passou a mão à volta do seu queixo em que despontava a barba pensativamente. – Eu gosto do Harry, é um homem com tremendas capacidades, mas a prisão pode mudar drasticamente um homem, e nem sempre para melhor.

– Acho que ele vai conseguir dar a volta – disse Amy com ênfase.

– Hum! – resmungou Mabel. – Tu és a pior juíza do carácter das pessoas que alguma vez conheci.

Tara olhou para a avó e sorriu.

– Oh, Avozinha! – Abanou a cabeça. – Acredita no Harry, eu sei que acredita. Porque é que simplesmente não o admite?

– Quero ver provas antes de voltar a confiar nele. – Mabel lançou a cabeça para trás e dirigiu-se para o lava-louça. – Ora bem, vão ficar aí sentados o dia todo ou posso ter a minha cozinha só para mim?

*

– Dezoito meses. – Tara pôs a cabeça entre as mãos e desatou a soluçar.

Viera a Paradise Row durante a tarde para esperar com Queenie até George voltar do tribunal.

– Não é assim tanto tempo. – George passou o braço pelos ombros descaídos dela. – Já ‘tá em prisão preventiva há três meses, com a redução da pena por bom comportamento é capaz de sair antes do Natal.

Era um dia sombrio e frio de finais de janeiro e nos últimos dias Tara andara a tentar animar-se com a possibilidade de Harry sair em liberdade condicional e poder estar agora com eles.

– Não vale a pena pensar numa coisa que não pode ser alterada – disse Queenie sensatamente. – Agora vou fazer o jantar e tu, minha menina, vais-nos contar tudo sobre o Natal, a loja e quando é que vamos ver o teu nome nos cartazes na rua.

George ligou a televisão para ver as notícias. Sentia-se um pouco intrigado com a reação de Tara à sentença de Harry; afinal, ela andava com Josh agora.

Tivera de admitir a Harry que ela levara Josh à quinta a passar o Natal, e sabia que o seu filho ficara destroçado. Contudo, a fazer fé nas lágrimas dela, George suspeitava que o seu filho não estava inteiramente fora da corrida.

– Com'ê que vão as coisas c'o Josh, então? – perguntou daí a uns momentos, quando ela já se tinha recomposto. Parecia-lhe muito pálida, mas talvez fosse só da camisola preta.

– Ele não é meu namorado – disse ela em voz baixa. – Só somos amigos, é tudo.

– Não queria dizer isso. – Sorriu, animado pela resposta dela. – Referia-me à loja e ao negócio.

– Fabulosa – disse ela, mas o seu sorriso foi tão fraco que diluiu a sua descrição. – Estou ocupada a organizar uma coleção de primavera, mas é difícil pensar na primavera quando faz tanto frio.

Tombou em silêncio depois daquele comentário. George lançava-lhe um olhar de vez em quando e perguntava-se o que lhe iria na mente. Tinha a certeza de que não era só a sentença de Harry.

*

Tara ficou uns momentos na loja depois de George ter arrancado, a tentar vê-la como os clientes a viam.

Considerando que a mercadoria já era velha, parecia tudo notavelmente fresco. Nessa manhã, Miranda mudara as montras e destacara fatos de calça e casaco às riscas finas que não tinham tido grande saída. Dera-lhes um jeito, a um com um chapéu de abas e uma camisa branca com folhos, ao outro com um cachecol vermelho e uma boina, e o manequim no centro vestia um fato aos quadrados pretos e brancos.

Tara estava a dizer a verdade quando disse que tudo era fabuloso. Dois dos seus modelos iam aparecer na revista *Honey* do mês seguinte. A loja estava a tornar-se um lugar da moda para os jovens cheios de estilo, e Josh andava a

arranjar uns tecidos incríveis que se prestavam a modelos que ela tinha na cabeça há algum tempo.

Josh é que era o problema. Desde que ela voltara no Ano Novo ele andava um pouco estranho. Antes do Natal, parecia um cão desatinado na maior parte do tempo, a exigir isto, a berrar sobre aquilo, mas ela conseguia compreender esse tipo de comportamento. O que esperara quando voltou, e talvez receara até, era a atitude obsequiosa e inquietante de alguém que quer agradar. Mas também não era isso.

Era algo inteiramente diferente. Andava a ter ideias extravagantes, sobre duas novas lojas, uma casa em Chelsea, até mesmo uma *villa* em Espanha. Mal olhara para os últimos modelos dela, limitando-se a aceitá-los, até mesmo alguns que há um ano poria de lado por achar impraticáveis. Também andava mais falador, por vezes tanto que ela não conseguia dizer nada, e cheio de tensão nervosa.

Tinha a obsessão da publicidade. No dia anterior, telefonara ao jornal *Evening News* e dissera-lhes que as suas raparigas usavam as minissaias mais curtas de Londres, e Tara teve de subir a bainha a três saias para ficarem com uns meros trinta e cinco centímetros de comprimento antes de o fotógrafo vir tirar fotografias. Na semana passada, pensara na possibilidade de pôr uma rapariga em *topless* na montra, mas felizmente o seu advogado aconselhara-o a não o fazer.

Tara suspirou enquanto atravessava a loja até à parte de trás. Se Josh andava a fazer tudo aquilo para tentar impressioná-la, estava a ter o efeito oposto!

*

Todo o ano de 1967 foi confuso, mas excitante. Ela viu Ginger ser condenado a prisão perpétua em abril e leu as palavras arrepiantes do juiz que poderiam ter sido ditas a Harry. «Tirou a vida a um homem fria e deliberadamente e é meu dever afastá-lo da sociedade para a proteger.»

Contudo, enquanto os juízes assumiam um tom moral elevado, Londres era a *Swinging City*, a cidade mais excitante e na moda. Jovens de todo o mundo acorriam ali para viverem nesse ambiente. Discotecas e boutiques apareciam como cogumelos, da noite para o dia. As saias estavam a ficar mais curtas, as calças de ganga mais justas. Chegavam notícias dos Estados Unidos sobre as *Flower Children*, e o primeiro festival hippie, um «love-in», realizou-se no Alexandra Palace.

Para uma estilista como Tara era uma oportunidade caída dos céus. Valia tudo, de vestidos compridos e justos de veludo a túnicas de tecido de algodão e casacos de tapeçaria. Enquanto praticamente todas as pessoas com menos de vinte e cinco anos estavam a acorrer ao clube noturno UFO em Tottenham Court Road para ouvir os Pink Floyd, os Procol Harum e os Soft Machine, ela dedicava-se a conceber a toda a pressa as roupas para elas.

Já lá iam os tempos em que um molde dava origem a cinquenta vestidos idênticos. Agora, ela tinha de produzir dúzias de modelos diferentes numa só semana. Tinham de ser rápidos antes que outras lojas os copiassem, sempre um passo à frente, com o *stock* sempre a mudar.

Josh começou a comprar túnicas à Nehru da Índia e rolos de algodão fino tão baratos que era risível. Abriu a loja em Oxford Street em maio e instalou um guarda-livros e uma secretária num escritório no andar de cima. A seguir veio a quarta loja, na King's Road, que abriu com grande publicidade no primeiro dia de junho, com quatro raparigas com fatos de coelhinhos a oferecerem champanhe. A divisão vazia ao lado do ateliê de Tara tornou-se

uma arrecadação para a mercadoria, e depois a divisão seguinte também. Rolos de tecido com dois metros e quarenta de altura enchiam o patamar, e daí a pouco tempo Josh teve de contratar um motorista para poder distribuir a mercadoria por todas as lojas.

Tara começava a compreender por que razão Josh consumia drogas. A sua vida era de uma pressão constante. Tinha de ser o primeiro, tinha de ser o melhor. Ele estava numa roda cada vez mais veloz, e se abrandasse por um momento tudo poderia entrar em colapso.

Via-o muitas vezes engolir um par de comprimidos com uma chávena de café bebida à pressa antes de correr para a fábrica ou para um fornecedor. Não parava para fazer as refeições e até mesmo uma saída à noite era sempre para fechar um negócio ou causar boa impressão a alguém. Usava agora o cabelo pelos ombros, estava tão magro que se podiam ver as suas costelas através do algodão fino das camisas, e ela duvidava que ele dormisse mais do que um par de horas por noite.

A pressão também estava a fazer-se sentir nela. Por vezes, começava a trabalhar às sete da manhã e às oito ou nove da noite ainda estava a pregar botões. Ocasionalmente, ia com Miranda ao UFO só para se manter a par da cena em rápida mudança, e com frequência estava tão cansada que se sentia tentada a comprar anfetaminas para se manter acordada o suficiente para se divertir.

Contudo, de todas as coisas que a afetavam naqueles tempos frenéticos, o sexo era a força dominante. A toda a sua volta, as raparigas andavam a dormir com quem lhes agradasse. Nos parques, no metro, até às esquinas, viam-se pares aos beijos e aos abraços. A pílula contracetiva estava disponível para quem a quisesse, todos os posters, todos os discos e todas as revistas promoviam o amor livre. Não havia como lhe escapar.

Ela teve duas breves experiências, a que não poderia chamar exatamente romances, porque não envolveram mais nada a não ser o seu corpo. A primeira foi com um americano que estava a tentar fugir ao serviço militar obrigatório, a segunda com um australiano que andava a fazer a viagem da praxe pela Europa. Mas aqueles dois homens não lhe deixaram nada, nem sequer um motivo para se rir.

Continuava a sentir-se confusa em relação a Josh e a Harry. Sabia por George que Harry ansiava por notícias suas, mas ela tinha de manter em mente que ele era uma réplica do pai dela. À noite, sozinha na cama, pensava naquele beijo no patamar e dizia a si mesma que não era mais do que os restos de uma paixoneta de adolescente.

Os seus sentimentos por Josh também não estavam mais claros. Quando ele se encontrava perto dela, fazia-a sentir formigueiros. Sabia que podia começar um caso com ele a qualquer momento, mas a razão dizia-lhe que seria perigoso. Josh acreditava que era mais moderno, mais *sexy* e mais esperto do que qualquer outra pessoa. E o facto de ser um mulherengo já não era segredo. Todas as raparigas que contratava eram do mesmo tipo – cabelo louro comprido, pernas a perder de vista e corpo de deusas. Chegava aos seus ouvidos que ele fazia amor com as raparigas na arrecadação das lojas, aparecia repetidas vezes nos jornais com mais uma rapariga sedutora pelo braço.

Comprou uma casa em Chelsea em novembro. Quando ela foi à festa de inauguração da casa, a única mobília era uma enorme cama de casal, e durante a noite viu-o levar duas raparigas diferentes para lá.

No entanto, apesar de tudo isso, eram amigos. Riam-se de coisas juntos, partilhavam o mesmo amor pela moda. Ela tinha de recordar a si mesma que,

se permitisse que aquilo se tornasse mais do que amizade, teria de partilhá-lo com todas as outras mulheres dele.

*

Só faltavam dois dias para o Natal quando soube que a data de libertação de Harry estava marcada para o dia 2 de janeiro. No mesmo dia, Greg comprou um anel de noivado à sua mãe.

Embora fosse costume dar uma festa para comemorar a saída da prisão, George recusou-se terminantemente, alegando que poderia encorajar Harry a pensar que era um herói. Em vez disso, Tara encontrou-se com Harry, Queenie e George para jantar num restaurante grego em Islington.

Fazia um frio gélido nessa noite. Ela trazia um casaco branco de pele de coelho, um minivestido preto simples com decote redondo e o cabelo solto.

Já estavam sentados à mesa quando ela chegou, e a palidez de Harry fê-la vacilar. A sua pele sempre tivera um tom quente, da exposição ao sol e ao vento, mas agora estava macilenta, as faces encovadas a enfatizar os seus ossos angulares. Ela já vira o seu fato azul-marinho centenas de vezes, mas agora pendia de um corpo muito mais magro. Até os seus olhos pareciam mortiços. Mas levantou-se de um salto quando ela entrou, com toda a sua anterior graciosidade natural.

– Estás ainda mais linda do que eu recordava – disse, beijando-a levemente nos lábios.

Ela soube, só com aquele breve toque, que não era produto da sua imaginação. Todos aqueles sentimentos que se esforçara tanto por banir estavam lá, à espera de que ele acendesse o rastilho.

Sentar-se em frente a ele foi a mais doce agonia, a rir e a tagarelar, todo o tempo a desejar poder tê-lo nos braços. Sentia vontade de passar um dedo por

aqueles ossos agudos das suas faces, beijar a cova por baixo deles.

– Está tão magro, não está? – disse Queenie, dando-lhe uma palmadinha na barriga como se ele fosse um menino pequeno. – ‘Tou a ver que vou ter de me pôr a cozinhar.

– A comida era tão horrível que eu não conseguia comê-la. – Harry sorriu como se não tivesse importado, mas Tara via a dor nos seus olhos. – Era o fedor daquele sítio, as pessoas tristes e doentes que nunca tiveram uma hipótese na vida. Eu costumava ficar deitado no meu beliche e concentrar-me no teu retrato, Tara. Excluía tudo o resto.

– Bem, agora acabou, filho. – George ergueu o copo para fazer um brinde. – Ao futuro!

George trazia um colete novo, escarlate com bordados dourados, e um laço vermelho. O seu rosto rechonchudo brilhava com felicidade. Queenie fazia jus ao seu nome⁶ com um vestido de cetim azul brilhante, uma estola de marta e brincos de diamantes, o seu cabelo louro penteado em caracóis largos, em cada um deles pregada uma minúscula flor azul.

Tara falou-lhes sobre a festa de noivado no Dia de Natal na quinta e como a sua avó se embebedou, mas insistiu que estava sóbria, mesmo quando teve de ser levada ao colo para o andar de cima.

– Quando é que vão marcar a data? – perguntou Queenie. – Vai ser este verão?

– Não sei. – Tara abanou a cabeça. – Sabem como a minha avó pode ser difícil. O Greg fez uma espécie de sugestão de que podia construir um consultório no prado ao lado da quinta e ela ficou fora de si.

Ao longo de todo o jantar, Tara sentiu-se dolorosamente consciente de Harry a olhar para ela. Via os seus olhos descerem do pescoço para os seios,

e sentia os mamilos endurecerem sob o seu olhar.

– Diz-me, como é ser famosa? – perguntou ele, a provocá-la. – Como é que o Josh se sente agora que o rival dele já está em liberdade? – Tara evitara até àquele momento o tema de Josh e das lojas. Não queria que Harry se sentisse diminuído ao ouvir contar uma história de grande sucesso quando ele próprio estava na mó de baixo.

– Eu não sou famosa. – Corou. – Só houve um artigo sobre mim. O Josh é quem se está a tornar uma celebridade. Por falar nele, mandou cumprimentos.

De facto, Josh ficara corado de fúria na tarde do dia anterior quando ela mencionou a libertação de Harry e esta comemoração.

– Não te vás envolver com ele – avisou-a. – Os meios de comunicação vão logo saltar em cima disso. Ele é uma má notícia.

Ela chamara-lhe vira-casacas, dissera que andava a dar-se ares, a esquecer velhos amigos.

Josh tentou dar a volta mais tarde, disse que tinha medo de a perder e que se importava muito com ela. Estendeu-lhe uma nota de cem libras para ela entregar a Harry para o ajudar até ele arranjar um emprego.

– Aposto que ele gostava que eu estivesse a mil milhas daqui – disse Harry, e sorriu, a olhá-la nos olhos como se a tentar avaliar se lhe tinha sido dita a verdade. – Deve assustá-lo de morte imaginar-me a roubar-te a ele. O negócio dele desmoronava-se da noite para o dia.

– Para que saibas, Harry – disse ela em voz baixa –, o Josh tentou dar-me cem libras para te remediares entretanto. Eu recusei, porque sabia que tu ias recusar. E o negócio dele não se desmoronava sem mim, ele ia ter dúzias de estilistas a correr para ocupar o meu lugar.

Devia ter dito que ele não poderia roubá-la, de qualquer maneira, mas naquele momento sabia que ele talvez fosse o único homem que poderia fazê-lo!

– Não acredito nisso. – Os lábios de Harry estavam torcidos num sorriso irónico. – O dinheiro era um suborno!

– Vá lá, então – interrompeu George. – Estamos em 1968, um novo ano, um novo começo. Vou mandar vir uma garrafa de champanhe e vamos deixar o passado para trás.

Já passava da meia-noite quando saíram do restaurante. Harry passou o braço à volta de Tara enquanto estavam os dois à espera de um táxi a que pudessem fazer sinal. Queenie e George ainda se encontravam à porta do restaurante, a conversar com o proprietário.

– Tara! – A voz de um homem soou ali de perto, mas não era uma voz que ela reconhecesse. Ergueu os olhos para Harry, espantada, e o flash de uma máquina fotográfica disparou. Só daí a um ou dois segundos é que recuperaram da surpresa e nessa altura já o fotógrafo estava a saltar para dentro de um carro que se afastou pela Essex Road abaixo.

– Mas que diabo foi aquilo? – Tara sentia-se tão chocada que ficou de boca aberta. – Como é que ele soube que eu ia estar aqui, de qualquer maneira?

Queenie aproximou-se deles em passos incertos por causa dos saltos altos.

– Deve-te ter seguido até aqui – disse, indignada. – Que filho da mãe. Com'ê que ele te relacionou c'o nosso 'Arry?

– Foi o Josh – disse Harry, com o rosto a tornar-se duro e frio. – Aquele canalha era capaz de vender a própria mãe para ter publicidade grátis.

– Não sejas ridículo – repreendeu-o Tara. – Que bem é que isso lhe fazia?

– Espera até amanhã e vais descobrir – disse Harry com uma fungadela. – Já consigo ver os títulos dos jornais. «Estilista de topo celebra com criminoso do East End a sua libertação». Totalmente por acaso, também vai aparecer uma foto da loja!

Era como se alguém tivesse atirado um balde de água fria para cima deles. Todos os sonhos cor-de-rosa que Tara planeara de ir a algum lugar para poderem conversar a sós desapareceram. Não lhe agradava a acusação de Harry e sentia-se ainda mais perturbada com a perspectiva de o seu rosto ser estampado nos jornais. Saltar para um táxi sozinha foi instintivo, mas depois de se meter na cama arrependeu-se.

Pensou no corpo delgado e duro de Harry, nos seus lábios sensuais e naqueles olhos azuis brilhantes. Recordou a maneira como ele tentara arrancá-la ao táxi, uma expressão agastada no rosto porque também não era o que ele planeara. Veria aquilo como uma prova de lealdade para com Josh. Toda aquela paixão acumulada durante um ano na prisão poderia ser solta noutro lugar. Porque é que ela não pensara simplesmente nos sentimentos dele em vez de no seu próprio estúpido orgulho?

De repente, soube onde pertencia. Não importava o que outras pessoas pensassem ou dissessem. Tinha de estar com ele. Levantou-se, desceu ao ateliê e telefonou para Paradise Row, a apertar ao corpo o seu *negligé* de seda.

Mas foi Queenie quem atendeu.

– Posso falar com o Harry? – perguntou. – Despedi-me um bocado à pressa.

– Ele saiu, qu’rida. – A voz de Queenie soava tensa, como se tivesse acontecido mais alguma coisa. – Só um santo é que passava a primeira noite

de liberdade em casa!

– Sabe aonde é que ele foi? – Estava disposta a meter-se num táxi e ir à procura dele.

– Não, meu amor. Ele não disse.

– Estava zangado comigo?

– Triste, mais do que zangado. – Queenie suspirou profundamente. – Eu não vou tomar partido. Compreendo como é p’ra ti, e p’ra ele. Mas ele não pensou em mais nada a não ser em ti este tempo todo. Quem quer que tenha dado a informação àquele repórter sabia que ia estragar as coisas entre vocês. Não podes criticar o ‘Arry por ele pensar que foi o Josh!

– Eu sei, por isso é que telefonei. – Tara sentia lágrimas picarem-lhe as pálpebras.

– Vamos rezar p’ra qu’ ele só se embebede nalgum sítio e venha p’ra casa sem se meter em trabalhos. – Queenie soltou uma risadinha. – Eu deixo-lhe um recado a dizer que telefonaste.

⁶ *Queenie* é um nome derivado de *queen*, *rainha*. (N. da T.)

CAPÍTULO 22

— Sim, é claro que ouvi falar do Harry Collins. Mas não me agrada a ideia de um ex-presidiário a entrar no nosso jogo. – Duke Denning falou em voz baixa, a olhar por cima do ombro para se assegurar de que não havia ninguém a ouvi-los.

Não precisava de se preocupar. Às onze da manhã no Town of Ramsgate, um *pub* manhoso na rua principal de Wapping, os únicos clientes para além dele e de Joe eram dois velhos em estado comatoso a fitarem as suas canecas de cerveja.

O *pub* era um dos mais antigos à beira-rio, à sombra de armazéns pretos da fuligem. Quando as docas estavam no seu auge, era um pequeno espaço animado, mas agora parecia tão triste e abandonado como o resto de Wapping.

– Bem, ele não é um batoteiro, se é o que estás a pensar. Eu posso não gostar dele, mas é um tipo às direitas. Os antecedentes dele provam-no – insistiu Joe.

Duke fora jogador toda a sua vida, mas aprendera ao longo dos anos a aumentar a probabilidade a seu favor. Era um homem alto e forte, louro e com o tipo de bom aspeto que usualmente lhe abria portas automaticamente. Mas tinha de recordar a si mesmo que já não estava em Manchester ou em Birmingham. Os criminosos e os jogadores do East End de Londres eram diferentes.

Quando Joe Spikes lhe telefonou já tarde na noite anterior e lhe propôs um encontro, ficou surpreendido. Joe raramente vinha a norte do rio, e não era de pedir favores a meros conhecidos. Talvez fosse por essa razão que insistiu em se encontrarem naquele *pub*. Ficava perto do túnel de Rotherhithe e só era

frequentado por homens dos armazéns e alguns bêbedos empedernidos. Quem os visse juntos deduziria que a relação entre eles era de patrão e empregado devido à grande diferença dos seus respectivos aspetos.

A altura, o cabelo louro e o rosto másculo de Duke faziam as mulheres virarem a cabeça e pestanejarem. O aspeto de Joe tinha o efeito oposto. Uma cicatriz hedionda cobria o lado direito do seu rosto, arrepanhando-lhe o lábio superior e puxando-lhe o nariz para um lado. Para tornar as coisas ainda piores, a sua cabeça era tão calva e brilhante como uma bola de bilhar. Com o seu metro e oitenta e três, ombros como a porta de um celeiro e um corpo duro e enxuto, ninguém queria encontrá-lo por acaso num beco escuro.

Duke vestia um fato cinzento-claro de Saville Row, mas Joe estava com umas calças de bombazina grosseira e um casacão.

– Porque é que estás tão ansioso por o meter no jogo? – Duke já deduzir que Joe tinha algum ressentimento contra Collins, mas tramar alguém num jogo de cartas era uma maneira estranha de se desforrar.

Tinham-se conhecido há um par de anos, em Manchester. Duke era sócio de uma casa de jogo ilegal e Joe foi contratado para cobrar dívidas. Ninguém que alguma vez tivessem contratado fora tão bem-sucedido como ele; um olhar àquele rosto bastava para assustar até o mais persistente caloteiro. Mas Duke gostava de Joe, embora soubesse pouco sobre o passado do homem. Era duro, inteiramente destemido e muito mais esperto do que as pessoas julgavam.

– Quero que ele perca, é claro. – Joe sorriu, mas o sorriso nada fez para amenizar a sua aparência assustadora.

– Tudo bem. – Duke retribuiu o sorriso. – Então, ele está cheio de massa. Certo?

– Isso não sei. – Joe abanou a cabeça. – Mas quero que fique nas lonas.

– Vá lá! Porquê? – perguntou Duke, com os seus olhos azuis penetrantes assestados no outro homem como um *laser*.

– Isso é entre mim e ele. – Joe despregou os olhos dos de Duke. – É bastante simples, não é? Dizes aos outros que o deixem entrar, tiras-lhe a massa. O que é que tens a perder?

– Bem, se ele for um jogador de póquer de primeira, tudo. – Duke sorriu com ironia.

Não conseguia compreender porque Joe não se limitava a dar uma valente sova ao tipo, mas Joe era um cabrão torcidinho, e talvez desta maneira as consequências durassem muito mais tempo do que as de umas costelas partidas.

– O Harry não é jogador. Claro, já jogou uma ou duas vezes, mas não ‘tá ‘ó teu nível. Sei porque é que tem andado a tentar entrar num jogo em grande, porque eu próprio já fui suficientemente tolo para o fazer uma ou duas vezes. Ele julga que é dinheiro fácil. Quero dar-lhe uma lição.

– OK. – Duke acabou de beber a sua cerveja e pôs-se de pé. – Dá-nos jeito a todos um par de pombinhos num jogo, eu aviso que ele pode entrar.

Joe fez de novo aquele seu sorriso malvado.

– Obrigado, Duke. Fico-te a dever um favor! Mas faz-me um favor e não menciones o meu nome. Isto fica só entre nós. Sabes onde é que me podes contactar para me dizeres o resultado!

*

Harry palpou nervosamente o bolso do peito ao sair da carrinha junto ao Swan Wharf em Wapping.

Tinham passado quatro semanas desde a sua libertação e esta noite era o primeiro estágio dos planos que fizera na prisão. Levantara todas as suas poupanças, trezentas libras, da conta nos Correios, e se o seu pai soubesse matava-o. Mas o que poderia ele fazer com trezentas libras? Comprar um carro em segunda mão, ir de férias ou comprar um fato novo. Do que necessitava era de massa suficiente para comprar um par de casas em ruínas, um pouco mais para as renovar, e estaria lançado.

O seu pai bem podia dizer que eram sócios e fazer de conta que realmente precisava do filho a ajudá-lo, mas, para além de carregar caixotes pesados, Harry era só um adereço. Os empregadores não queriam alguém com cadastro, a não ser que fosse nas obras. Harry queria trabalhar com as mãos e casar com Tara.

Podia-se fazer dinheiro como empreiteiro, e ele tinha faro para zonas com futuro. Não fora ideia sua comprarem a casa em Paradise Row? Então, talvez perdesse as poupanças, mas, e depois? Jogara bastante póquer na prisão, escutara todas as histórias de fortunas ganhas e perdidas. Desde que não fosse para além do que estava em cima da mesa e mantivesse a calma, pior não ficaria.

Na escuridão, os armazéns altos pareciam assombrados. Em pequeno, adorava esta zona, com as suas ruas estreitas de pedra e nomes como Cinnamon Street e Tobacco Wharf⁷. Marinheiros e estivadores apinhavam-se nos pequenos *pubs*, um caldo variado de todas as nacionalidades. Havia estranhos cheiros exóticos de especiarias, café e chá, e ruído e confusão por toda a parte. Mas agora só se ouvia o som dos seus pés nas pedras da rua, a ocasional sirene do nevoeiro no rio e o vento a assobiar por entre os edifícios degradados.

Considerara bom augúrio que o jogo fosse realizar-se no armazém da Baxter's, porque se recordava dele da sua infância, quando ele e Needles costumavam descer o beco estreito ao seu lado para ver os navios a descarregarem as mercadorias. Mas a Baxter's parecia triste agora. A maior parte das janelas na fachada estavam entaipadas, crescia um arbusto no telhado e os velhos guinchos rangiam ominosamente ao vento. O velho que era seu proprietário, Stan Baxter, tinha morrido há uns anos. Harry fizera o trabalho de casa sobre todos os jogadores dessa noite, e um deles era Chas Baxter, o filho do proprietário.

Harry puxou para baixo os punhos da sua camisa branca. Tinha de começar a fazer *bluff* imediatamente e fazê-los crer a todos que era um pombinho. Os botões de punho em forma de revólver faziam parte da imagem que queria transmitir. Só um rapaz ingénuo de dezoito anos ou um palerma usaria tais coisas, mas ele sabia que dariam jeito um dia.

Bateu com força à porta estreita ao lado da zona de cargas e descargas, poliu os seus sapatos bicudos na parte de trás das calças enquanto esperava e afivelou um ar de parvalhão arrogante.

Eram onze horas, e perguntou-se se ainda estaria escuro quando saísse.

Ouvia passos a descender umas escadas de metal, com o eco a provar que aquele sítio já não era usado para armazenar mercadorias. Uns ferrolhos de metal foram puxados, uma chave desandada na fechadura e a porta abriu-se com um rangido.

– Harry Collins. – Estendeu a mão e apertou a do outro homem. Sabia que era Duke Denning pelas descrições que lhe tinham sido feitas, mas não contara que fosse assim tão bem parecido.

– Entra, Harry. Os outros chegaram há uns minutos. Estás pronto para uma noite de arromba?

Para além de uma descrição e da informação de que aquele homem tinha a fama de ser um dos melhores jogadores de Inglaterra, Harry não descobrira muito mais. Ele não parecia ter cadastro. Constava que era só um jogador profissional.

O vento uivava através das janelas partidas no lado do edifício que dava para o rio, trazendo consigo aquele peculiar cheiro acre que Harry adorava. Embora só houvesse uma luz fraca na escada de metal em caracol, via o suficiente para saber que aquele sítio estava em ruínas.

– Vai estar um bocado frio, não vai? – disse, enquanto seguia Duke pelas escadas.

– No antigo escritório não se está mal. – Duke virou-se para falar. Usava um fato azul-marinho de corte impecável, uma gravata militar e sapatos cosidos à mão. Até a voz do homem era de qualidade, grossa, límpida e sem sotaque.

Harry tinha ido desencantar um velho fato para essa noite, de mohair verde-escuro com um forro dourado vistoso. Porém, tal como os botões de punho e os sapatos bicudos, era só um adereço.

Duke abriu para trás uma porta e saíram calor, luz e fumo de cigarros em nuvens.

– Aqui estamos, rapazes – disse Duke em voz demasiado alta. – O Harry Collins!

Três homens, todos muito mais velhos do que ele, estavam sentados à volta de uma mesa com cinzeiros de *pub*, isqueiros e copos. No centro encontrava-

se uma garrafa de uísque escocês quase cheia. Harry sorriu enquanto esperava pelas apresentações.

O escritório estava apainelado a madeira de carvalho e era ainda muito elegante, apesar da ruína nas outras partes do edifício. Havia um radiador elétrico colocado no velho fogão de sala e um retrato a óleo de um cavalheiro vitoriano com um ar severo pendia acima dele. Não restava nada mais do passado. As traves do soalho estavam à vista, as janelas com o topo em curva tapadas com cartão. A pender do teto, uma só lâmpada coberta por um quebra-luz vermelho com franjas sugeria a tentativa de alguém de criar ambiente.

– O Chas Baxter. – Duke acenou com a mão na direção de um homem na casa dos cinquenta com um rosto vermelhusco e uma enorme barriga de cerveja. – O Alf Reed, o Jack Somers.

Harry apertou-lhes a mão e sentou-se.

Alf era proprietário de dois clubes noturnos no West End; um filho da mãe espalhafatoso com quarenta e tal anos cujo Rolls-Royce ele vira estacionado mais adiante na rua. Harry sabia que ele vivia em Millionaire's Row em Hampstead e que, embora talvez não tivesse ainda atingido o estatuto de milionário, estava cheio de massa.

Jack Somers era um empreiteiro do Sul de Londres que em tempos tivera a reputação de ser um durão. Agora rondava os sessenta anos, era tão rico como Alf e tinha um bronzado permanente e um corpo enxuto sem quase nenhum pelo.

Harry sabia que estes homens não seriam uns bananas. Quem estivesse disposto a jogar às cartas num ambiente tão degradado como aquele tinha de levar muito a sério o jogo.

Trocaram umas palavras de circunstância e foi passado para as mãos de Harry um copo de uísque. Jack lamentou a sua pena de prisão e perguntou que planos tinha agora.

Harry tinha a certeza de que eles sabiam tudo sobre ele, incluindo a medida das suas calças, mas não podia mostrá-lo.

– Tenho uns negócios em vista – disse, com um sorriso tolo, como se surpreendido por ver que os outros jogadores eram homens com algum estatuto. – ‘Inda nada ‘ó certo, mas sou capaz de abrir um clube noturno.

– Não na minha zona, espero. – Alf ergueu as suas sobrancelhas grossas e os seus lábios carnudos curvaram-se num sorriso irónico.

– Onde é que é? – perguntou Harry inocentemente.

– O Alf é dono da Ace of Hearts na Wardour Street e da Purple Pussy Cat – disse Duke com um sorrisinho.

– Não acredito! – Harry riu-se, sacando rapidamente da cigarreira e apresentando-a à sua volta. – ‘Tou a pensar em King’s Road, um sítio com gajas boas. ‘Tão-me a entender?

– É preciso uma pipa de massa – disse Alf. – Precisa-se de experiência no mundo dos clubes noturnos, também.

– Eu tenho as duas. – Harry mostrava-se todo satisfeito consigo próprio. – Bem, a experiência dos clubes noturnos é só de beber neles, mas não deve de ser assim tão difícil como isso.

Viu-os trocar olhares e decidiu que já dissera quanto bastasse.

Seria Duke a dar cartas no primeiro jogo e, como Harry já estava sentado à sua direita, teria de ser ele a ir a jogo primeiro. O ambiente mudou logo que Duke pegou no baralho de cartas selado. O dinheiro para as apostas, duzentas

libras, foi posto entre eles, os cigarros, os isqueiros, as bebidas e os cinzeiros colocados estrategicamente, e Duke começou a dar cartas.

Harry tinha um par de seis, mas nada mais. Substituiu duas cartas, e saiu-lhe outro seis. Era uma boa mão, mas tinha de proceder com cautela. Observou que nem Alf nem Jack pediram novas cartas, o que poderia querer dizer que também tinham boas mãos. Pegou numa nota de dez libras e foi a jogo. Alf aumentou a parada para vinte. Chas apostou vinte; já havia cinquenta libras no monte. Jack hesitou por um segundo, mas subiu para quarenta. Duke saiu de jogo.

Harry sorriu palidamente e aumentou vinte libras, pondo uma nota de cem no monte. Alf saiu de jogo.

Harry tinha a certeza de que a hesitação anterior da parte de Jack significava que ele tinha uma mão fraca. Chas parecia supremamente à vontade, mas Harry não tinha maneira de saber se essa era a sua expressão usual. Chegou a vez de Jack, que subiu vinte. Harry lançou um olhar a Chas, mas o seu rosto estava impassível e ele empurrou o seu dinheiro para o monte, aumentando trinta.

Harry não se atrevia a olhar para o seu dinheiro na mesa. Limitou-se a pegar nele e a atirá-lo num gesto expansivo.

– Subo para cinquenta.

Jack saiu de jogo e Chas sorriu benignamente ao mesmo tempo que atirava uma nota de cem para monte.

– Pago para ver – disse.

Era o momento da verdade. Harry pousou os seus três seis e esperou.

Chas só tinha um par.

Uma vaga de gargalhadas percorreu a mesa, mesmo do próprio Chas. Empurrou o dinheiro na direção de Harry e acendeu um charuto. Harry não sabia o que pensar. Seria uma espécie de estratégia à louca da parte de Chas, ou de todos eles?

Saiu de jogo no seguinte e perdeu a sua aposta. Mas no terceiro ganhou seiscentas libras.

O ar estava espesso com fumo; pairava à volta do candeeiro acima deles como um manto. O cartão nas janelas agitava-se com a corrente de ar e Harry sentia outra corrente de ar vinda da porta a quase lhe cortar os tornozelos a meio, ao mesmo tempo que tinha a cabeça a arder. Não estava mais perto de compreender nenhum dos outros, eram todos jogadores calmos que não se traíam, e pareciam ter uma quantidade infundável de notas nos bolsos.

– Que raio de corrente d’ar que vem da porta – disse ele casualmente enquanto olhava para as suas cartas. Tinha novecentas libras na mesa agora; talvez tivesse chegado o momento de subir a parada. Tinha uma sequência de cor, um *straight flush*, e sabia que chegara o momento certo.

Fora Jack a dar cartas e Chas a abrir com duzentas libras. Duke subiu cem e agora era a vez de Harry. Foi a jogo com as trezentas e subiu mais duzentas.

Alf desistiu, rapidamente seguido por Jack. Chas, fresco como uma alface, embora ainda não tivesse ganhado, atirou com a sua aposta de trezentas libras e aumentou duzentas. Duke aumentou mais cem, e Harry seguiu-o, pondo todo o seu dinheiro no monte. Chas desistiu.

Era entre ele e Duke agora, e teria de desistir se Duke não o fizesse ou pagasse para ver. Mas, para sua surpresa, Duke disse que pagava para ver. Harry pousou as cartas a medo, convencido de que Duke poderia vencê-lo.

– É teu, Harry – disse Duke. – Só tenho três do mesmo naipe.

A sensação ao arrecadar o dinheiro foi quase tão boa como a de uma manhã de Natal. Tinha quase quatro mil libras, e ainda lhe restavam as suas outras cem no bolso do peito.

Fizeram um intervalo para beber uma cerveja, afastando-se da mesa enquanto conversavam. Harry recostou-se na cadeira a sorrir enquanto os observava. O sorriso destinava-se a desarmá-los. Tinham-no tomado por um lorpa e ele supunha que todos pensavam que a sorte dele acabaria em breve e eles recuperariam o seu dinheiro.

A noite prosseguia. Nos jogos bons, o tempo voava, nos maus ficava parado. A certo ponto, Harry tinha seis mil libras; depois baixou para três. A temperatura estava a subir de todas as maneiras. Chas tirou o casaco. Duke limpava delicadamente a testa com um lenço vermelho-escuro. Só Jack e Alf pareciam calmos, mas talvez fosse porque o tipo de perdas que tinham tido não significava nada para eles.

Harry manteve a atitude de *bluff* – abrindo o casaco para mostrar o forro dourado, ligando e desligando o isqueiro, indo com frequência à casa de banho imunda no andar de baixo, batendo com as unhas na mesa.

Era agora pura adrenalina que lhe permitia continuar, com o seu monte a atingir as dez mil libras, só para ser reduzido a metade no jogo seguinte, mas quando olhou para os outros homens viu que não demonstravam nenhuma emoção.

Duke era quem mais vezes ganhara; Harry era o segundo, batendo Chas por um jogo. Perguntava-se como podiam sacar daquela massa toda sem estremecer e com que frequência o fariam.

Já passava das quatro da madrugada quando Duke sugeriu por fim que o jogo seguinte fosse o último.

Harry recebeu três reis, mas duas cartas baixas. Quando trocou as duas e recebeu o rei de copas mal conseguiu acreditar na sua sorte. Tentou recordar-se do que o tipo velho na cadeia lhe dissera sobre a probabilidade de alguém ter uma mão melhor do que essa, mas não foi capaz. Só conseguia pensar que agora era de ir ou rachar.

As apostas eram lentas e Harry teve de se controlar, a querer aumentar a sua aposta à louco e acabar de vez com aquilo, mas sabendo que não devia. Jack foi o primeiro a desistir, vestindo o casaco e fazendo um sorriso rasgado como se nada mais lhe importasse a não ser ir para casa dormir. O jogo continuou, interminável, depois de o carro de Jack arrancar com um ronco na noite. Eram quase cinco horas, deviam estar umas doze mil libras em cima da mesa, uma enorme pilha periclitante de notas, e Alf desistiu.

– Vou-me indo, rapazes – disse alegremente, dando uma palmada no ombro a Harry. – És um jogador com eles no sítio. Espero que o clube noturno tenha sucesso.

Harry sentiu-se um pouco envergonhado por ter tirado tanto dinheiro a um homem com bom perder. Só esperava que Duke e Chas fossem como ele.

Duke desistiu e foi tal e qual como aquele primeiro jogo. Agora era entre Chas e ele.

Chas pôs o dinheiro que lhe restava no monte, mas Harry não tinha maneira de saber se ele teria mais nos bolsos. Aumentou de novo a aposta, mas o seu monte estava a ficar perigosamente baixo. Devia pagar para ver, ou apostar mais uma vez?

Aumentou a aposta só um pouco, e só lhe restavam agora setecentas libras na mesa e o que tinha ainda no bolso. Quando viu Chas meter a mão ao

bolso, gemeu interiormente, mas para sua surpresa Chas tirou um documento dobrado.

– Vou ser franco – disse, ainda sem mover um músculo ou mostrar qualquer emoção. – Estou falido. Mas ponho isto na mesa para ver.

– O que é? – Harry tinha agora a visão toldada, uma dor de cabeça e o coração a bater acelerado.

– O título desta propriedade. – Chas encolheu os ombros. – Põe o resto da tua massa no monte e pago para ver.

O rosto frio e impassível enregelou Harry até aos ossos. Olhou primeiro para o seu pequeno monte, depois para a montanha de notas em cima da mesa. A razão dizia-lhe que aquele tipo devia ter uma mão excelente para arriscar tudo, mas, por outro lado, também ele tinha uma excelente mão.

– OK!

Puseram as cartas na mesa ao mesmo tempo. Chas tinha um *full house*, três do mesmo naipe e um par, mas a mão de quatro reis de Harry vencia-o à justa.

Uma alegria descontrolada invadiu Harry. Apetecia-lhe gritar, berrar com júbilo, mas não se atrevia. Ainda não saíra dali!

Duke assobiou entredentes, mas Harry só estava a olhar para Chas. Pela primeira vez nessa noite, os músculos do seu rosto moviam-se, como se estivesse a tentar a custo controlar-se.

Harry tinha de se manter firme. Não devia nada a estes homens, eles ter-lhe-iam de bom grado tirado a camisa do corpo. De qualquer maneira, ele podia realmente levar tudo? Devia haver umas vinte mil libras ali, mais dinheiro do que ele alguma vez sonhara.

– Estás mesmo falido? – perguntou.

Chas encolheu os ombros, com a sua barriga grande a tremer.

Harry levantou-se. Encontrava-se na posição mais vulnerável agora. Duke parecia capaz de o deitar por terra com um murro; Chas estava suficientemente desesperado para alinhar com ele, e o rio ficava ali muito perto. Vagamente, recordou algo que Mabel lhe dissera em tempos. «A bondade é o maior bem que se pode ter, Harry, nunca percas isso de vista.» Juntou o dinheiro na mesa e meteu o título da propriedade ao bolso.

– Escreve-me um papel a dizer que o prédio é meu – disse em voz baixa. – Duke, serve de testemunha.

O fumo espesso estava a fazer-lhe arder os olhos, transpirava por todo e pressentia que Duke era como uma mola enrolada.

– Com quanto é que te sentaste para jogar? – perguntou.

– Três mil. – Chas tentou sorrir, mas tinha a boca contraída. Um nervo palpitava na sua face.

Harry pegou em algumas notas do topo do monte e passou-as a Chas, supondo que seriam cerca de mil libras.

– Uma entrada para outro jogo. – Sentia-se esvaziado agora, e sabia que nunca mais voltaria a jogar. Não podia arriscar-se a acabar como aquele homem gordo. – Assina só o papel.

– Não tinhas de fazer isso – disse Chas numa voz curiosamente débil, tirando uma caneta de tinta permanente do bolso. – Ganhaste honestamente.

Harry viu o retrato a óleo pelo canto do olho.

– Digamos que é por aquele quadro – disse.

Chas sorriu então, um sorriso verdadeiramente caloroso. Pegou na folha do bloco de apontamentos que Duke lhe passou em silêncio para as mãos e começou a escrever.

– Aquele era o meu bisavô – disse, ao terminar. – Também era um homem honrado.

Duke sentia a cabeça a andar à volta. Harry não era um verdadeiro jogador de póquer, era demasiado descontrolado, e simplesmente tivera boas cartas. Duke chegara ao fim como começara, talvez com um ligeiro prejuízo, pelo que não tinha nada a reprovar àquele homem. Mas este último ato de cavalheirismo tocou-o, e apercebeu-se de que Harry Collins era um homem a ter em conta.

Joe estava tão seguro de que Harry perderia que não propusera nenhum plano alternativo, e Duke não se sentia encantado por ser quem lhe transmitiria o resultado. Mas o que podia fazer nesta fase, de qualquer maneira? Joe tê-lo-ia assaltado, isso era certo, mas Duke Denning não ia perder a sua reputação daquela maneira. Assinou como testemunha a declaração de Chas sem uma palavra e entregou-a a Harry.

Chas passou umas chaves por cima da mesa.

– É todo teu agora.

– Subestimei-te – disse Duke enquanto via Harry ordenar as notas em maços e metê-los aos bolsos.

Harry olhou para cima.

– A maior parte das pessoas subestima-me – disse em voz baixa. Pegou nos seus cigarros da mesa, abriu a porta e foi embora.

*

George estava na cozinha quando Harry entrou. Tremeu no corredor estreito, com os bolsos cheios, os dedos manchados com nicotina, o seu rosto angular pálido de exaustão. Mas a casa estava quente. Ele sentia o cheiro a café que vinha da cozinha e o do sabonete de lilás de Queenie a espalhar-se pelas escadas abaixo numa nuvem de vapor vinda da casa de banho.

– Mas que horas são estas de vir para casa? – resmungou George. – É sábado, c’um raio, filho, o dia com mais movimento. Nunca vais ser um bom vendedor no mercado se ficares a pé a noite toda.

Estava com um pijama vermelho e uns chinelos de xadrez, o pouco cabelo que lhe restava à volta da cabeça de pé como uma escova de limpar garrafas.

– Não vou ser vendedor no mercado por muito mais tempo. – Harry sorriu. – É melhor sentar-se, Paizinho. Não sei se a sua velha máquina consegue aguentar isto.

George limitou-se a fitar o dinheiro em cima da mesa. Harry tinha o título do armazém numa mão, a declaração na outra.

– Seu rapaz louco – disse, e correu-lhe uma lágrima pela face.

– Nunca mais volto a fazer isto. – Harry ajoelhou-se junto à cadeira do pai e encostou o rosto ao seu peito como fazia quando era pequeno. – Não tenho estômago para aquilo, realmente. Tive simplesmente sorte esta noite. Mas vou usá-la agora que a tenho. Pense só em mim como se tivesse ganhado a lotaria.

George apertou com força a cabeça do filho ao peito. Não aprovava o jogo, vira muitos jogadores acabarem na sarjeta.

– Diz-me o que queres da vida, ‘Arry – segredou.

Harry sabia o que o seu pai temia.

– Quero montar um negócio – respondeu, com a voz abafada pelo peito do pai. – Quero tornar-me alguém. Quero que se orgulhe de mim.

Não podia dizer-lhe ainda que tencionava ter Tara ao seu lado, isso seria tentar o destino.

George ergueu o rosto de Harry nas suas grandes mãos.

– Eu sempre tive orgulho em ti – disse com convicção. – E sei que se a tua mãe está a olhar lá do alto p’ra ti, também sente orgulho. Mas monta um negócio honesto, filho, deixa-te de manobras.

¹ *Rua da Canela e Cais do Tabaco. (N. da T.)*

CAPÍTULO 23

— Não estás a falar a sério, Harry? – Tara olhou para o armazém degradado com horror. – Um clube noturno? Aqui, em Wapping?

Tara tinha ido jantar a Paradise Row e Harry levava-a na sua carrinha a ver aquele prédio que ganhara. Parecia um trabalhador das obras, com calças velhas cobertas com sujidade, uma camisola cinzenta de gola alta, grandes botas sujas e um casacão. Até o seu cabelo preto estava baço com pó.

A notícia sobre o jogo de póquer tinha chegado a Tara muito antes de George ou Queenie acabarem por lha contar. Angie ouviu-a num *pub* em Bethnal Green na noite a seguir ao jogo e telefonou-lhe imediatamente. A quantia ganha já tinha subido para quarenta mil libras por essa altura, e o prédio passara a soar como algo grandioso.

Harry poderia ser um herói para todas as pessoas de Bethnal Green, mas não para Tara. Era uma recordação indesejada do seu pai e um aviso oportuno de que não devia envolver-se num caso amoroso com ele.

– Falo completamente a sério – disse ele. – Já mandei fazer uns esboços de projeto e arranjei alguém para me representar junto das autoridades locais. A não ser que o chumbem, estou lançado.

Daí a uma hora ficaria escuro como breu, mas mesmo à luz do dia parecia ameaçador.

– Quem é que vai vir a um clube noturno aqui? – Enrugou o nariz com repugnância. Um vento gélido estava a levantar lixo pela rua estreita abaixo, trazendo consigo o fedor do rio, e ela sentia-se minúscula perante os edifícios ameaçadores e manchados de fuligem a toda a sua volta. Mais abaixo na rua, um terreno baldio onde rebentara uma bomba durante a guerra tornara-se uma lixeira, atulhado com colchões velhos e carros abandonados. As únicas casas

que vira eram prédios modestos de apartamentos, muitos deles entaipados. Não havia praticamente iluminação pública, e ela conseguia imaginar ratazanas a treparem para fora dos esgotos à procura de comida.

– Gente da alta – disse ele casualmente. – Costumavam vir aqui nos tempos vitorianos para jogos ilegais, e era muito mais perigoso nessa altura. Vê a coisa pela positiva, Tara. Podemos fazer o barulho todo que quisermos, os bêbedos não vão incomodar ninguém. Só precisa de uma boa campanha publicitária.

– Mostra-me o prédio por dentro – disse ela numa voz débil, apertando o seu casaco de pele de coelho ao corpo. Era óbvio que ele já se decidira, e quanto mais depressa ela despachasse aquilo melhor.

Ele abriu a porta estreita ao lado da zona de cargas e descargas e entrou à frente.

– Tem cuidado agora – avisou-a. Levantei algumas traves do soalho para ver o que estava por baixo, por isso é um bocado perigoso.

Um cheiro a mofo e a madeiras podres fê-la levantar a gola do casaco e enfiar o nariz no pelo. Queria mostrar-se entusiástica, por ele, mas era como o cenário de um filme de terror.

– As janelas têm uma forma bonita – comentou, reparando na parte de cima curvada. Estavam entaipadas na fachada, mas entrava luz suficiente do lado do rio para se poder ver.

– Recordam-me a prisão – disse ele com uma risada, pegando-lhe na mão para a conduzir para lá de um buraco onde arrancara algumas traves do soalho. – Eram iguais lá no xilindró, eu costumava ficar acordado à noite a contar as quinze vidraças pequenas.

À direita de Tara, uma escada metálica em caracol conduzia ao andar seguinte e mais à frente, do outro lado de uma divisória parcialmente partida, ficava a parte principal do armazém. Ela viu uma área enorme, com vigas ao longo do teto e pilares de ferro a sustentá-lo. Estava aberta à força total do vento do lado do rio, porque a porta das cargas e descargas há muito que tinha apodrecido e caído para a lama lá em baixo. Havia alguns caixotes de madeira empilhados a um canto e viam-se sinais das sondagens exploratórias de Harry em mais traves do soalho arrancadas, martelos, alavancas e uma picareta.

– Olha para aquilo! – Ele conduziu-a na direção do rio, abrindo os braços como se a mostrar-lhe os Himalaias ao pôr do sol. – Que vista! Imagina-te com uma bebida na mão, alcatifa fofa debaixo dos pés, a banda a tocar e isto tudo!

Tara só via uma extensão ampla do rio sujo e algumas barcaças. Lá em baixo, a maré baixa revelava uma extensão de lama fedorenta e viscosa cheia de lixo.

– Harry, tu não vais conseguir de maneira nenhuma renovar isto – exclamou ela. – Está em ruínas.

Tinha de admitir que era bastante grande. Se fosse em Chelsea, poderia sentir-se cautelosamente entusiástica. Mas Wapping!

– Esta é a parte pior. – Ele sorriu todo animado, enchendo o peito a inspirar o ar do rio. – Mas mandei fazer uma vistoria e está em bom estado estruturalmente. Depois de mandar pôr as janelas e um chão novo, vai logo ficar outra coisa. – Acenou com uma mão na direção da parede do lado esquerdo. – Vou pôr um bar comprido em curva ali. Aqueles bancos que

formam alcovas, com uma mesa, por baixo da janela. Depois, ali na parte de trás, um palco pequeno e um piso especial para a pista de dança.

Aquilo tornava-se cada vez mais ridículo à medida que ele lhe ia mostrando o resto do edifício. A escada de caracol seria substituída por uma escadaria grandiosa com um candelabro pendurado por cima dela. Ele falou até de remover uma parte do primeiro andar para criar uma espécie de galeria. Haveria salas de jogos no andar acima, e ele ainda referiu querer fazer um apartamento para si nas divisões do último andar. O seu rosto magro brilhava com um fervor missionário. Não parecia reparar no frio e na sujidade ou sentir-se intimidado pela dimensão do que estava a propor.

Até à notícia do jogo de póquer, Tara imaginara encantada que ele estava a manter-se afastado dela até arranjar um bom emprego. Agora, sentia que ele estava a trair a sua confiança.

– Então, vai ser uma casa de jogo? – perguntou, de lábios comprimidos. Tinha as mãos e os pés como gelo, começava a anoitecer e todos os cantos escuros eram assustadores.

– É claro que sim. De outra maneira não vai atrair uma clientela rica.

– Leva-me a casa, Harry. – Suspirou. – Gostava que fosse um êxito, mas não vejo como.

Ele agarrou-lhe um braço e fê-la girar para que o olhasse de frente. Chispavam-lhe os olhos, o seu queixo estava espetado com determinação.

– Vai ser um êxito, Tara, porque vou fazer com que aconteça. Não quero que voltes cá até à noite da inauguração, nessa altura talvez acredites em mim.

Nem um beijo, nem sequer umas palavras para lhe dizer que ela era importante para ele. Com os últimos raios de luz do dia a desvanecerem-se do

céu, Tara perguntou-se porque alguma vez pensara que ele gostava dela.

*

O sol quente de junho queimava através da janela do ateliê, mesmo com os estores corridos. Tara estava sentada numa cadeira junto à máquina de costura, com o cabelo e o vestido de um tecido de algodão fino húmidos com transpiração. Estava a coser à mão a bainha de um vestido de veludo verde, mas tinha de parar frequentemente para limpar as mãos, porque a agulha não deslizava.

Lá de baixo, da loja, vinha o ritmo martelado de *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*; da rua, o rugido incessante do trânsito.

Uma ventoinha ao lado da máquina de costura só agitava o ar quente e abafado. Os cheiros químicos dos rolos de tecido e do pano húmido na prensa misturavam-se com os dos paus de incenso na loja e provocavam-lhe uma dor de cabeça.

Queria estar na quinta, sentada à sombra de uma árvore a ler um livro ou com o nariz enfiado nas rosas da sua mãe. Queria o seu quarto, a sensação de lençóis frescos engomados contra a pele, com uma brisa suave a fazer agitar as cortinas. Queria um homem que a amasse, não estar indecisa entre dois malucos que tinham posto a vida dela em pausa enquanto concretizavam as suas fantasias.

Harry estava a acampar naquele horrendo edifício. Ela não o via desde aquele dia em fevereiro. Telefonara um par de vezes, mas só falara de traves de aço, de madeiras e do preço de candeeiros.

Josh, entretanto, estava a ficar cada vez mais descontrolado. Comprara um Mercedes prateado novo com uma chapa de matrícula personalizada, JB 12. Continuava a encenar golpes publicitários, incluindo pôr um par de modelos

a brigar por ele no clube noturno Annabel's, comprar um piquenique na Fortnum & Mason com uma atriz famosa pelo braço e pedir a Tara que fizesse roupas para uma banda de *rock*, do que reclamou a autoria. Estava a fazer uma fortuna, disso não havia dúvida, e, se não fosse a sua vida social descontrolada, provavelmente já teria aberto mais sucursais.

De cada vez que Tara se queixava do trabalho que Josh lhe atirava para cima, ele dava-lhe um aumento. Mas não era dinheiro que ela queria realmente, nunca tinha tempo nem disposição para o gastar, de qualquer maneira. Por vezes, mal saía do prédio durante uma semana inteira, e, para além de uma saída à noite ocasionalmente com Angie ou Miranda, nunca se divertia.

Não conseguia lembrar-se da última vez em que ficara na cama até mais tarde ou fora dar um passeio ao parque. Só esta pressão constante para fazer coisas, resolver problemas, adaptar-se ao que todas as outras pessoas queriam.

O telefone tocou e ela atendeu cansadamente, a contar que fosse Josh a perguntar quando os modelos dos vestidos que ela estava a fazer ficariam prontos.

– Olá, princesa. Que me dizes a um dia à beira-mar amanhã?

O choque de ouvir a voz de Harry e de um convite tão inesperado surpreendeu-a.

– Não posso – respondeu, olhando à volta do ateliê para as pilhas de modelos por acabar.

– Por que não?

Hesitou. Não importava quanto tempo passasse nesta sala, as pilhas de trabalho nunca ficavam mais pequenas, porque alguém trazia sempre mais.

– Não consegues pensar numa boa razão – disse ele a provocá-la.

– Oh, Harry, eu não posso tirar um dia de folga... – Mas ao mesmo tempo que dizia aquilo lançou um olhar pela janela lá para fora. Através dos estores via raparigas com vestidos de verão a comerem um gelado e um par de trabalhadores de peito nu, e de repente o ateliê pareceu-lhe ainda mais abafado.

– E podes – insistiu ele. – Olha, o clube noturno está quase pronto. Não sei quando vou voltar a arranjar um momento livre. Imagina só um dia em Southend, a molhar os pés no mar, a comer gelado e camarões. Eu ganho-te um urso de peluche na banca do tiro ao alvo e andamos na montanha-russa!

As suas palavras tocaram algo dentro dela, fazendo-a sentir-se estonteada e cheia de vontade de rir.

– OK – disse, mordendo o lábio porque se tinha comprometido agora sem sequer pensar em condições naquilo.

– Apanha o metro até Bethnal Green – apressou-se ele a dizer, como se receasse que ela mudasse de ideias. – Se eu te for buscar aí vai demorar uma eternidade a sairmos da cidade. Às oito, pode ser?

– Está bem – respondeu ela. – Vejo-te amanhã.

Nem sequer teve tempo para pensar numa desculpa plausível quando Josh subiu as escadas a toda a pressa com uns vestidos nos braços.

Trazia calças de ganga brancas e uma camisa vermelha e tinha os seus caracóis pretos a tombar-lhe em cascata sobre os ombros. Pelo menos passara algum tempo ao sol, o seu rosto estava bronzeado e o seu grande nariz até um pouco vermelho.

– Olha para estes vestidos – disse ele todo contente. – O que é que achas?

Andava agora a comprar muita mercadoria da Índia, e um dos seus planos era ir até lá nesse ano, daí a uns meses.

Tara lançou-lhes um olhar rápido. Eram de um algodão muito fino, com bordados em cores vivas na parte do corpo; bonitos, mas mal confeccionados, algo a que ele parecia sempre não ligar nos últimos tempos.

– Ótimos – disse ela, sem grande entusiasmo. Ele não lhe dava ouvidos, de qualquer maneira, e hoje ela não estava para o avisar sobre o perigo de baixar continuamente o padrão de qualidade por causa do preço.

– Meu Deus, faz um calor aqui dentro! – Limpou a testa com as costas da mão. – Porque é que não abres a janela?

– Porque é muito barulhento e cheio de pó – disse ela, num tom cansado.

Usualmente, Josh estava demasiado frenético para reparar em alguma coisa fora do comum no seu pessoal, mas o tom de voz dela fê-lo olhá-la com atenção. Estava muito pálida, com olheiras lilases, e o cabelo decididamente sem vida.

– O que é que se passa? – Aproximou-se de onde ela estava sentada e pousou-lhe a mão no ombro. Através do tecido fino, sentia que ela estava muito quente, e parecia magra. – Deixas-me levar-te a jantar hoje à noite?

– Não posso, tenho isto tudo para fazer. – Acenou com a mão para a montanha em cima da mesa de corte.

– Isso pode esperar até amanhã. – Mal olhou para a mesa.

– Quero ir a casa amanhã – disse ela.

Ao dizer aquilo já sabia que mentir era uma má ideia. Ele devia-lhe uma série de dias de folga, de qualquer maneira. Contudo, depois de lhe sair aquela mentira, agravou-a dizendo que a sua avó estava doente.

– Oh, não. – Os seus grandes olhos escuros suavizaram-se com a preocupação, porque gostava de Mabel. – Nada de grave, espero?

– É difícil de dizer, com a minha avó. – Tara foi deliberadamente vaga. – Por vezes ela faz um grande espalhafato por uma coisa de nada, outras vezes não diz nada. Mas a minha mãe acha que eu devo ir.

– Bem, um dia não vai servir de muito. – Franziu a testa, por uma vez só a pensar na distância e em como Tara parecia cansada. – Tira um par de dias e não te preocupes com o trabalho, não há pressa de nada aqui.

Sugeriu que ela fosse nessa noite e mais uma vez ela teve de mentir e dizer que Greg não podia ir buscá-la a Bristol e não haveria autocarros.

Josh abanou-se com a mão.

– Bem, vamos aqui em frente agora beber uns copos, eles têm ar condicionado e fazia-te bem uma pausa. Além disso, há uma coisa sobre que quero conversar contigo.

Ela via que as pupilas dos seus olhos estavam minúsculas; não havia dúvida de que as doses de anfetaminas dele estavam a aumentar a cada dia que passava.

– Só um copo ou dois, então. – Sorriu-lhe fatigada. – Vou só lavar as mãos. Não demoro um minuto.

*

A pizaria aonde ele a levou não abrira há muito tempo e, para além de estar deliciosamente fresca, era silenciosa e bonita. Sentaram-se a uma mesa junto à montra com vistas para a Kensington High Street e Josh mandou vir uma garrafa de vinho branco espumante e duas pizzas.

Ela já se sentia melhor, com o cabelo escovado e o vestido de algodão húmido substituído por um minivestido verde às pintas brancas. A perspectiva de um dia à beira-mar era empolgante, e talvez pudesse até apanhar o último comboio para Bristol depois para compensar o facto de ter contado mentiras a Josh. Havia multidões na rua, a maior parte turistas. Tara reparou que os olhos de Josh estavam colados à loja Biba, como se a invejasse por cada cliente que entrava.

– Não tens de te preocupar com eles – disse ela delicadamente. – Há espaço para todos.

– Ouvi dizer que vão comprar os armazéns Derry & Tom's. – Franziu a testa.

Tara também ouvira o boato de que estavam a planear a aquisição desses enormes armazéns.

– Se fizerem isso vai ser o funeral deles. É demasiado grande, nunca vão conseguir ter sucesso. Não te preocupes tanto com a concorrência, Josh, podemos aprender com os erros deles. Seja como for, do que é que me querias falar?

Josh lançou-se na sua ideia de produzir uma gama de roupas com a sua marca para serem vendidas em grandes armazéns, como fizera Mary Quant. Ao contrário da maior parte das suas ideias de expansão do negócio, esta soava razoável, porque não envolvia nenhum investimento substancial. Ele disse-lhe que comprara recentemente um armazém em Fulham e explicou que não só poderia transferir para lá toda a mercadoria armazenada em Church Street, mas também gerir daí todo o negócio de venda grossista.

– Mas eu iria fazer modelos para isso? – Sentia-se empolgada com a ideia, porque os grandes armazéns quereriam roupas de melhor qualidade do que as

que eles produziam às três pancadas para as lojas.

– É claro. Quem mais poderia ser? Mas pensei que devia contratar outra pessoa para te ajudar. – Afastou o seu cabelo comprido do rosto e sorriu calorosamente. – Sei que andas a trabalhar demasiado, por vezes preocupame que me deixes.

Ela viu uma suavidade nos seus olhos que já não via desde o Natal.

– Eu não vou a lado nenhum – assegurou-lhe, enchendo os copos dos dois.
– Mas preciso de ajuda, Josh. Não posso continuar muito mais tempo como até aqui. Nunca tenho tempo para mim, nunca me divertirto.

– Se eu arranjar alguém com experiência que pudesse assumir o trabalho, isso vai querer dizer que passavas mais tempo comigo? – A sua voz era suave e meiga, mas ela ouviu a chantagem por trás das suas palavras, e uma sensação latente de ressentimento foi ateadada.

– Alguma vez pensas em mais alguém a não ser em ti? – resmungou. – Eu mato-me a trabalhar, sempre ao dispor de toda a gente. Para que diabo é que queres passar tempo comigo, de qualquer maneira, não tens namoradas que cheguem?

– Chiu. – Josh sorriu quando duas mulheres se viraram para olhar para eles.
– Tu sabes que eu sempre te quis só a ti.

– Diz antes que me queres ter sempre a jeito – disse ela num tom sibilante, afastando de si a piza meio comida com repugnância. – Pensas que pagar-me isto e uma garrafa de vinho devem bastar para me manter toda dócil mais umas semanas, enquanto me atiras para cima com montanhas de trabalho.

– Não é nada disso. – Ele agarrou-lhe a mão e apertou-lha. – Quero partilhar tudo contigo. Quero que sejas a mulher ao meu lado.

A fúria de Tara desvaneceu-se, só sentia agora cansaço.

– Josh, não ia resultar. – Suspirou. – Para além da moda, não temos nada em comum. Tu vives num mundo de ostentação, com festas, drogas e automóveis de luxo. Esse não é o meu estilo.

– E tu achas que és o máximo porque vives como uma freira – disse ele com sarcasmo. – Faz-te sentir superior, sentada sozinha na tua casa enquanto o resto do mundo se está a divertir?

Tara soube então que Josh tinha andado de olho nela. Em tempos, ele teria suspeitado da existência de outro homem, mas sabia que a sua vida privada era desolada, porque andara a espiá-la.

– Vai para o caraças mais o raio da tua piza! – Pôs-se de pé rapidamente. – Eu ainda suporto trabalhar de mais, mas não admito que ninguém ande a meter o nariz na minha vida privada.

Correu para a porta e Josh seguiu-a, atirando com uma nota para cima da mesa. Alcançou-a nos semáforos junto aos grandes armazéns Barker's e agarrou-lhe o braço.

– Acalma-te – disse. – Só sei que estás sozinha todo o tempo porque as empregadas da loja me dizem. Sei que lá no fundo gostas de mim, e não compreendo porque é que lutas contra isso.

Hey Joe, cantado por Jimmy Hendrix, estava a soar alto do mercado de Kensington mais adiante na rua. Um grupo de rapazes novos, todos com cabelo pelos ombros e a usarem nada mais do que colares ao peito e calças de ganga rasgadas, estava sentado no passeio a ouvir a música. Três raparigas com *t-shirts* tingidas à mão e minissaias minúsculas de ganga, do outro lado da rua, estavam a preparar-se para atravessar por entre o trânsito para virem ter com eles. As suas pernas compridas bronzeadas e óbvia liberdade despertaram algo dentro de si.

– Alguma vez te passou pela cabeça que a confiança podia ter alguma coisa a ver? – Apetecia-lhe esbofetear o seu rosto cheio de autossatisfação. – Sim, senti-me atraída por ti, mas depois descobri que tinhas despedido a Angie por minha causa. Isso não me agradou, Josh, e pôs-me de pé atrás. Desde então, não tens feito nada para provar que se pode confiar em ti para alguma coisa. Arranjaste aquele fotógrafo para me seguir. Comes raparigas nos provadores, tomas drogas até os teus olhos ficarem como o raio de uns berlindes, e mesmo assim achas que eu devia estar do teu lado.

– Bem, lamento. Não sabia que tinha de me vestir de serapilheira e fazer penitência quando tu me rejeitaste no Natal. Mas por outro lado tu és cheia de segredos em relação a tudo.

– Não sou nada! – ripostou ela.

– Oh, sim, és. Metade da tua vida está envolta em secretismo. Não me contaste o que aconteceu ao teu irmão. Ou o que te fez vir para Londres inicialmente. Durante todo o tempo que estive na quinta, fui descobrindo indícios de outras coisas que não me tinhas contado. Se te abrisses comigo, talvez descobríssemos que temos muito mais em comum do que só a moda.

Tara baixou os olhos.

– Como eu disse, tem tudo a ver com confiança – segredou. – Para além do tio George, nunca conheci um homem em quem pudesse confiar. Não se pode dar isso às pessoas, Josh, elas têm de o merecer.

– Não podemos começar de novo? – Pegou-lhe na mão e levou os dedos aos lábios. – És tão linda, Tara, e eu amo-te.

Os seus lábios davam uma sensação maravilhosa nos dedos dela, os seus olhos eram lagos profundos de ternura. Ela queria acreditar nele, partilhar os

seus segredos e ficar a saber os dele, mas primeiro precisava de uma prova de que ele estava a ser sincero.

– Arranja-me alguém para me ajudar – disse em voz baixa. – Deixa de consumir drogas e abrandar o ritmo. Depois, talvez.

CAPÍTULO 24

Tara viu Harry por entre o gradeamento ao subir as escadas da estação de metro de Bethnal Green. Ele estava encostado ao capô de um *Consul* cinzento na ponta de Paradise Row. Mesmo do outro lado da rua, a uma distância de cerca de quarenta metros, parecia diferente. Não só o cabelo, embora fosse uma surpresa vê-lo a roçar-lhe o colarinho, mas outra coisa qualquer que ela não conseguia identificar bem.

Endireitou-se quando a avistou e correu ao seu encontro, saltando sem esforço por cima de uma pequena sebe no corredor central relvado entre Paradise Row e Cambridge Heath Road.

O sol já estava quente e a previsão era que a temperatura chegasse aos 30 graus ao meio-dia.

– Bom dia, minha doçura. – Harry lançou os braços à volta de Tara e fê-la rodopiar quando ela chegou ao passeio. – Estás um espanto!

– Mais por acaso do que intencionalmente, assim tão cedo de manhã – disse ela ofegante. A camisa branca de mangas curtas dele cheirava a detergente, e o seu rosto acabado de barbear levemente a *Old Spice*, tal e qual como quando ela era pequena.

De facto, Tara estava a pé desde antes das cinco, preocupada por ter mentido a Josh quanto a ir a casa, porque se sentia empolgada por ir ver Harry e porque não sabia o que vestir. Ia fazer calor, portanto queria vestir algo fresco. Por outro lado, ele poderia querer levá-la a algum lado à noite e ela não teria oportunidade de mudar de roupa. Queria parecer casual, mas *sexy* ao mesmo tempo.

Por fim, decidiu-se por um minivestido simples azul-turquesa e sandálias de tiras. Não se amarrotava facilmente, tinha um casaquinho que ela poderia

enrolar e enfiar no saco com o biquini e a toalha e a cor ficava maravilhosamente com o seu cabelo!

Apesar de partirem cedo, a zona de Bethnal Green já estava movimentada, com trânsito em todos os sentidos nos cruzamentos.

– O que achas do meu novo carro? – Harry abriu a porta do Consul. Comprara muitos automóveis ao longo dos anos, mas este parecia um pouco conservador para o seu estilo.

– Estás a pensar em fazer serviço de táxi? – disse ela a provocá-lo.

– O que interessa é que anda. – Sorriu. – Além disso, foi barato.

– Pensei que tinhas dito que só os maricas é que usavam o cabelo comprido? Estendeu a mão para o despentear quando ele ligou o motor. Não estava comprido pelos padrões de Chelsea, só lhe chegava aos ombros, e fora devidamente cortado, não deixado crescer de qualquer maneira. Mas os homens do East End de Londres tinham-se mantido rigidamente elegantes, de fatos e botas, independentemente do que estivesse a acontecer noutras partes.

– O cabelo curto lembra-me a prisão. – Sorriu a olhar para ela ao arrancar de Paradise Row. – Podes chamar-lhe uma melhoria de imagem!

– Há algo diferente em ti – disse ela num tom pensativo. – Engordaste ou coisa do género?

– Um bocado, o peso que perdi enquanto estive dentro – respondeu ele. – Acho que ao que te referes é ao que a Queenie chama a minha cara de «rapaz trabalhador». Alimento-me bem. Trabalho no duro e sinto-me demasiado cansado para ir para os copos. O que estás a ver é Mr. Saúde e Vitalidade!

– Fica-te bem. – Só olhar para as suas coxas duras envoltas em ganga azul já a fazia sentir-se estranhamente excitada. – E quanto a cavalheiras?

Ele não respondeu imediatamente, limitando-se a olhar de lado para ela com aquele delicioso sorriso trocista que lhe curvava os lábios.

– Tenho estado a poupar-me – disse ele por fim, estendendo a mão e pegando na dela. – A poupar o meu dinheiro, o meu corpo, o meu cérebro. Tenho trabalhado dezasseis horas por dia desde que fiquei com o armazém.

– E já está acabado?

– Tudo menos os retoques finais. As alcatifas foram colocadas na semana passada, mas as mesas e as cadeiras ainda não vieram todas. Vais vir à noite da inauguração?

– É claro que vou. – Agradava-lhe a mão dele na sua. Estava áspera de todo o trabalho árduo, mas dava uma sensação boa mesmo assim. – Vais convidar algumas celebridades?

– Não sei, agora que o Ronnie e o Reggie estão atrás das grades.

– Tu não os ias convidar?!

– Tinha de convidar se eles ‘tivessem em liberdade – disse ele, e apertou-lhe a mão. – Mas não fiques com esse ar tão horrorizado, Tara. Os Krays policiavam o nosso bairro, não faziam nada a pessoas inocentes, não te esqueças, e nunca me fizeram mal nenhum. De certa maneira, fizeram-me um favor, as pessoas agora vão invadir o East End para terem um cheirinho da coisa.

Tara engoliu em seco. Era mesmo típico de Harry defender velhos amigos, mas era mais uma coisa a lembrar que ele não podia libertar-se das suas raízes.

– A Barbara Windsor também vem. – Harry fez um sorriso maroto. – O David Bailey, o fotógrafo, o Terence Stamp e o Steve Marriott dos Small Faces.

– Não acredito! A sério? – Tara arregalou os olhos.

– Dá jeito às vezes ter contactos. – Sorriu ao vê-la assim empolgada. – Também vou mandar um convite ao Josh. Espero que traga com ele metade dos clientes do Annabel's. Temos cor local mais que suficiente, mas faltam-nos tipos da alta.

– Eu asseguro-me de que ele vai – disse Tara. – A Miranda conhece uma série de raparigas tipo debutantes, também queres algumas dessas?

– Quantas mais melhor. – Harry voltou a pousar a mão no volante quando o trânsito ficou mais intenso. – Mas vamo-nos esquecer do trabalho por hoje e divertirmo-nos só.

*

Tara já não ia a Southend desde os quatro ou cinco anos, mas mal saíram do carro e atravessaram para o passeio à beira-mar, sentiu-se inundada pelas recordações.

Às nove e meia da manhã, a maior parte dos veraneantes ainda estava a atacar os seus enormes pequenos-almoços gordurentos nas centenas de pequenas pensões à beira-mar. Mas o homem que estava a vender bolas da praia e baldes e pás já estava a dispô-los à volta da sua banca. Um cheiro a *bacon* e salsichas fritos vinha de uma outra banca e o homem do berbigão e dos búzios estava a pô-los em pequenos pratos prontos a serem vendidos.

– Lembro-me de haver tanta gente que não conseguia ver mais nada a não ser pernas – disse Tara a rir. – Lembro-me de o meu pai me pôr às cavalitas e me dizer para não deixar cair o gelado no cabelo dele!

– Parece que aquela família está à espera do mesmo. – Harry apontou para um par de mulheres grandes a reclamarem uma área enorme da praia com

toalhas e cadeiras de convés, enquanto os filhos corriam direitos para junto ao mar. – Mas não fica com muito movimento em junho, não a meio da semana.

A maré estava cheia e já havia um par de homens a nadar.

– Eu não ia p’ra tão longe. – Harry passou o braço à volta dela, os dois encostados ao gradeamento da praia a ver a cena. – Aposto que está gelada e tem uns cagalhões enormes!

– Isso é horrível. – Deu-lhe um empurrão na brincadeira. – Assim nem sequer vou molhar os pés.

O mar estava calmo, a bater suavemente nas pedrinhas e na areia. Uma dúzia de gaivotas estavam a comer os restos de uma refeição de *take-away* deixados ali, um par de cães entrava e saía da água a perseguir umas bolas. Chegavam cada vez mais famílias, com toalhas e piqueniques a pesarem-lhes nos braços. Havia homens a carregarem carrinhos de bebé para o areal, mulheres a gritarem aos filhos que não fossem para o mar até se terem descalçado.

– Aprendi a nadar aqui – admitiu Harry. – Foi logo a seguir à Guerra, e ainda havia arame farpado por toda a parte e avisos sobre minas. O meu pai segurou-me por baixo da barriga e de repente apercebi-me de que me tinha largado e que estava a nadar sozinho.

– O meu pai nadou no dia em que viemos cá. – Tara tinha uma imagem mental do pai a pingar todo molhado, com uns calções de banho de lã. Paul era ainda um bebé no seu carrinho, que tinham tido de pôr no compartimento do guarda no comboio. – Ainda me lembro de o ver beijar a minha mãe quando estavam deitados na areia. Eu estava com um daqueles fatos de banho com elasticidade, quando se saía da água tinha de se puxar as pernas do fato para a água sair!

As recordações de Southend de Tara eram todas maravilhosas. Talvez parecesse agora mais pequena e mais desleixada, mas estava igualmente cheia de cor, de ruídos e de excitação. Havia dúzias de bancas com toldos às riscas agrupadas. Ela avistava a feira popular à distância, a pista da montanha-russa, como um esqueleto, a erguer-se acima dos toldos de cores vivas das outras diversões. A grande roda estava parada naquele momento, mas esta noite seria um espetáculo de luzes brilhantes e música.

– A minha mãe e o meu pai eram felizes na última vez que viemos aqui – disse ela. – Aquela vidente ali disse à minha mãe que ela ia mudar-se para o campo. Ainda me lembro de eles falarem sobre isso. O meu pai até empurrou o Paul no carrinho e ficámos até anoitecer para ir à feira popular.

– Bem, ela acabou mesmo por viver no campo. – Harry sorriu e tocou-lhe delicadamente na face. – Queres ir lá dentro p’ra descobrir o que nos reserva o futuro?

– Ela ainda não deve ter aquecido a bola de cristal. – Tara riu-se, consciente de que ele estava a fazer com que o seu coração batesse acelerado e a provocar-lhe um formigueiro pela coluna abaixo. – Mas contento-me com um gelado!

– Não gosto tanto disto como das *wafers*. – Harry lambia o seu cone, pensativo, sentados num banco. – Gosto de os apertar e de os lambar a toda a volta e depois continuar a apertá-los e a lambê-los até já não haver nada dentro.

Tara soltou uma risadinha. Aquilo soava muito sensual, e de cada vez que ela olhava para ele, com os seus olhos meio fechados, pestanas escuras em leque sobre as faces e aquela língua vermelha e pontiaguda a sair e a entrar da

boca, tinha uma forte impressão de que ele não estava só a pensar em gelados.

Até mesmo as pessoas pareciam iguais ao que ela recordava, como se o tempo tivesse ficado parado. O passeio à beira-mar estava agora a encher-se e não se avistava ninguém que parecesse ainda que vagamente à moda de 1968. Mulheres extraordinariamente gordas com vestidos floridos de saia rodada passavam a bambolear-se, com as suas grandes malas de mão penduradas de braços gorduchos brancos que ficariam vermelhos como o fogo quando voltassem para casa. Mulheres mais jovens empurravam carrinhos de bebé, muitas com saias justas e o cabelo penteado para trás e hirto com laca. Muitos dos homens vestiam fatos com colete, apesar do calor. Havia homens idosos com chapéus de palha e casacos de verão beges e crianças com aqueles mesmos fatos de banho de um tecido elástico que ela recordava e alpergatas com a ponta cortada para irem ao mar.

Num carrossel infantil estava a tocar *The teddy bears' picnic*. De um café do outro lado da estrada, Elvis Presley cantava a plenos pulmões *Return to Sender* e de algures atrás deles vinha o martelar de um piano a tocar *If you were the only girl in the world*.

Tantos cheiros! Cachorros-quentes e cebolas, algodão doce e caramelos de hortelã-pimenta, algas, peixe frito e batatas fritas, vinagre e café. Tara ouvia estampidos da barraca de tiro ao alvo, homens a anunciarem o jogo das argolas, a acenarem com pequenos sacos com peixinhos vermelhos. Todos os lugares estavam ocupados no salão de bingo por senhoras gordas cujos traseiros transbordavam dos pequenos bancos, cabeças grisalhas com nuances azuladas debruçadas sobre os seus cartões enquanto escutavam os números a serem anunciados, de lápis prontos.

Foram até ao outro extremo do passeio à beira-mar. Harry tinha ganhado um hediondo gorila preto na barraca do tiro ao alvo. Já tinham comido algodão doce e camarões, e a seguir deitaram-se na praia a dormir ao sol.

Harry despiu-se e ficou em calções de banho pretos; Tara trazia um biquini cor-de-rosa às pintas brancas que ainda só tivera a coragem de usar para apanhar banhos de sol na quinta.

A loja parecia uma mera recordação distante. Nem o ribombar da máquina de costura nem a música martelada da loja no andar de baixo. Só o sol quente a abrasar-lhe a pele, o som de ondas nas pedrinhas da praia, do riso de crianças e da música da feira popular à distância.

Tara estava meio adormecida, deitada de lado, quando sentiu os dedos dele a acariciarem levemente as suas costas. Abriu os olhos e deu com Harry apoiado no cotovelo a olhar para ela.

– Já estás farto? – perguntou.

– É quase uma hora. – Ele sorriu, aproximando-se dela e mantendo as carícias nas suas costas. – Acabei de acordar e estou esfomeado. Vamos procurar um *pub* e comer qualquer coisa?

Não fez menção de se mover, e os seus dedos estavam a enviar ondas de prazer pela coluna dela. Estar ali deitada ao lado dele só com um biquini fazia-a sentir-se muito vulnerável, mas também muito ciente da masculinidade dele.

Não havia mais nenhum homem na praia com um corpo tão perfeito como o dele. Os seus ombros eram musculosos, o seu peito macio e sem pelos já estava moreno devido ao trabalho ao ar livre. Embora mentalmente os dedos dela estivessem a estender-se para o acariciar, se fizesse um movimento aquele feitiço de êxtase seria quebrado.

O seu rosto baixava-se para o dela, ela viu os seus lábios abrirem-se e os seus olhos suavizarem-se com desejo. O beijo encontrou a orelha dela, roçando os lóbulos, com a língua a passar levemente à volta da borda, e depois avançou pela face para encontrar os seus lábios.

Ela já recebera muitos tipos de beijos diferentes dele, mas este agora era outra coisa. Indicava que ele sabia que ela não o rejeitaria, que a amizade entre os dois só poderia seguir um caminho. Ao mesmo tempo, porém, ele estava a assegurar-lhe que ela poderia mandá-lo parar se assim o desejasse.

Tara deu consigo a virar-se lentamente para se deitar de costas, ergueu os braços para o abraçar, e quando o peito dele tocou nos seus seios, foi como se um rastilho tivesse sido aceso. O sal nos lábios dele, o deslizar sensual da língua dele na sua, até o cheiro da pele e do cabelo dele lhe diziam que aquilo estava destinado a acontecer. A maneira terna como ele lhe segurou o rosto, com os dedos a enfiarem-se no seu cabelo, o grito das gaivotas lá no alto e das ondas a rebentarem lá mais abaixo, tudo tornava aquele momento tão perfeito que ela queria que durasse para sempre.

– É lindo, não é? – disse ele em voz baixa, a roçar o nariz no dela, um sorriso nos seus olhos azuis. – Vamos lá comer. Isto não se vai embora agora.

Tara pensou naquela última frase enquanto olhava para ele junto ao balcão do *pub*. Tinha a camisa aberta, a mostrar um peito macio muito moreno e um estômago duro como uma pedra. Um pequeno pelo preto despontava logo acima do fecho das suas calças de ganga. Ela pôs-se a imaginar correr lentamente aquele fecho e enfiar a mão dentro das calças.

«Isto não se vai embora.» Ele dissera palavras que ela não sabia que queria ouvir. Não a frase batida do costume, «Amo-te» ou «Quero-te», que poderia querer dizer hoje, mas não amanhã. Ele sabia que o que havia entre eles,

fosse o que fosse, estaria com eles na semana seguinte, no ano seguinte, para sempre.

Eram quase três horas quando saíram para a luz do sol, a piscar os olhos. Tinham falado sem parar, mas sobre coisas de nada, rindo-se e sentados muito juntos, a entrelaçarem os dedos numa mensagem de confiança sem palavras.

A praia estava agora apinhada, crianças a correrem aos gritinhos para dentro e para fora do mar, rapazes adolescentes a jogarem futebol, grupos de raparigas a passearem de braço dado à procura de rapazes com quem namoriscar.

Encontraram um pequeno espaço livre perto do muro da praia, estenderam as toalhas e Harry despiu-se, ficando só com os calções de banho que deixara vestidos debaixo da roupa.

Tara tinha vestida a parte de baixo do seu biquini, mas estava com dificuldade em apertar a parte de cima por baixo do vestido.

– Deixa que eu aperto-to. – Harry arrastou-se para mais perto por trás dela e meteu as mãos por baixo do vestido para chegar à parte de cima do biquini.

As suas mãos estavam quentes, a demorarem-se nos lados do corpo dela como se ele se sentisse incapaz de se impedir de a acariciar, e aproximou-se ainda mais para lhe beijar a nuca.

– Estás-me a fazer pele de galinha – segredou ela, a não querer que ele parasse.

– Só de ver o teu corpo já estou com uma ereção – segredou-lhe ele ao ouvido. – E isso é muito mais embaraçoso do que pele de galinha numa praia!

– Bem, fecha os olhos e dorme – sugeriu ela, a desejar tanto beijá-lo e abraçá-lo que nem conseguia olhá-lo diretamente.

Ele deitou-se de lado, apoiando-se no cotovelo. Tara despiu finalmente o vestido, dobrou-o bem dobrado e depois ajustou a parte de cima do biquini antes de se deitar de costas.

– O que é que vamos fazer? – Ele ondulou a pélvis contra ela, e ela pôde comprovar que ele tinha realmente uma ereção. Os dedos dele enterraram-se no lado do corpo dela e a língua dele espetava-se à volta dos seus lábios.

– Ficar aqui deitados a apanhar banhos de sol – respondeu ela num murmúrio.

– Não me referia a este momento. – Os lábios dele brincavam com os dela enquanto falava. – Referia-me a querermos-nos um ao outro, a precisarmos de fazer amor. O que é que vamos fazer quanto a isso?

– No carro? – segredou ela, corando com a sua ânsia. – Num campo?

– Eu quero fazer amor contigo! Ter um banquete, não um petisco – segredou ele, com a mão a tocar-lhe a face, tão leve como a asa de uma borboleta. – Adormecer contigo nos braços e acordar com os pássaros a cantarem. Não dez minutos todos nervosos por alguém nos poder ver.

– Podíamos ir para o meu apartamento?

– Não, tu não serias minha lá – disse ele, traçando o contorno do seu mamilo com um dedo. – E se arranjássemos uma pensão e ficássemos aqui?

– Eu ia sentir-me embaraçada. – Corou. – Não temos bagagem nem nada. Iam saber que não somos casados!

– O que é que importa? – Sorriu encorajador. – Damos uma desculpa qualquer, dizemos que gostámos tanto disto aqui que não queremos voltar já para casa. Eles não querem saber quem somos ou o que fazemos.

Ela continuava hesitante.

– O que é que acontece quando voltarmos para casa? – perguntou.

Ele soergueu-se apoiado no cotovelo e olhou para baixo, para ela. Os seus olhos diziam que compreendia.

– Conheço-te desde que eras uma menina pequena, Tara – disse em voz meiga. – Pensas realmente que só te quero para um caso de uma noite?

– Não posso ter a certeza. – Os seus olhos encheram-se com lágrimas. – As minhas experiências com homens não têm sido lá muito boas.

– Então já é hora de eu te ensinar a confiares outra vez!

*

– É o único quarto que nos resta. Receio bem que possa ser um pouco barulhento até depois das onze, porque dá para o jardim.

– Não se espera que Southend seja sossegada – disse Harry, piscando o olho a Tara e fazendo-a rir. – Acho que também vamos estar lá em baixo nos copos com as pessoas, de qualquer maneira.

A dona da pensão tinha cabelo ruivo cor de fogo, ralo e baço como se o tivesse sujeitado a demasiadas ondulações permanentes. Tinha as sobrancelhas desenhadas a lápis e vestia uma blusa de um tecido com um efeito metálico dourado. Falava muito cuidadosamente, como se a tentar disfarçar que era *cockney*, mas a sua blusa e os seus enormes brincos de ouro traíam-na.

– Bem, desçam ao bar se precisarem de alguma coisa. – Olhou para eles enquanto abria a porta e lhes fazia um sorriso rasgado. – Pelo vosso ar, não vão precisar de muita ajuda de ninguém, mas só para o caso!

– Oh, é encantador! – exclamou Tara quando viu o quarto. – Olha, Harry, é tão bonito! – O quarto tinha uma colcha cor-de-rosa com folhos, cortinas

brancas também com folhos e uma alcatifa cor-de-rosa e branca. Na cabeceira da cama de veludo cor-de-rosa com tachas estavam incorporados candeeiros com franjas douradas. Claramente, a dona da pensão tinha o mesmo gosto excessivamente feminino que Queenie.

– Bem, obrigada, minha querida. – A senhora soltou uma risada estridente que fez tremer as suas muitas papadas. – Era o meu quarto, mas fico com problemas nas pernas no inverno, por isso mudei-me para o andar de baixo. A casa de banho fica já ali no corredor, e podem fazer uma refeição no bar esta noite se quiserem. O pequeno-almoço é a qualquer hora das sete às nove. Deixo-os para se instalarem.

– A cama não é má. – Harry sentou-se mal a porta se fechou e depois deu um salto a experimentá-la. – Muito mole e elástica – acrescentou a sorrir.

– Não é mau de todo, pois não? – Harry aproximou-se por trás de Tara quando ela se ajoelhou no chão a olhar pela janela baixa. Passou as mãos por baixo dos braços dela e pô-las em concha sobre os seus seios. – Queria fazer amor contigo num sítio lindo!

– É encantador, como estar na tua casa – segredou ela.

Tinha sido muito fácil falarem durante todo o dia, mas agora Tara não sabia o que dizer e sentia-se embaraçada. Harry pensara em comprar preservativos enquanto ela comprava as escovas e a pasta dos dentes? Se lhe perguntasse ele ficaria ofendido? Devia ir ela primeiro para a casa de banho lavar-se? O que é que as pessoas faziam em ocasiões como aquela?

– O que é que se passa? Não estás a ter dúvidas? – A voz meiga de Harry dissipou alguma da sua ansiedade.

– Não – respondeu num murmúrio.

– Então beija-me!

Tara soube que era o que devia ser mal os lábios dele tocaram os seus. Sentiu-se levantada em peso, os braços de Harry a apertá-la com força, os lábios dele ainda nos seus enquanto a transportava para a cama.

– És a rapariga mais linda do mundo – disse em voz rouca enquanto corria o fecho do vestido e baixava as alças com os lábios. – Imaginei este momento durante tanto tempo que agora que chegou estou com medo.

Ela deitou-se para trás na cama, com o vestido a cobrir-lhe vagamente os seios, e estendeu-lhe os braços. Os olhos de Harry continham uma mensagem de amor, os seus lábios tremiam, e quando se baixou sobre Tara ela tomou-lhe o rosto entre as mãos e passou os polegares pelas suas maçãs do rosto salientes.

– Tu é que és lindo, Harry!

Simon e os outros homens ocasionais que tinham atravessado de passagem a sua vida eram tudo o que ela tinha para comparar com Harry, mas agora já era suficientemente madura para sentir a diferença quando o coração e a alma de um homem estavam envolvidos ao fazer amor. O seu arquejo quando as suas mãos tocaram os seios nus dela pela primeira vez não foi de luxúria, mas do encanto da pele contra a pele macia, sonhado durante tanto tempo.

Era também assim para ela, ao passar as mãos pelas costas dele, com os dedos a pressionarem-lhe as vértebras. Adorou o seu estremecimento de enlevo, quis encontrar um milhão de maneiras de lhe dar prazer.

Quando os dedos dele a penetraram ela soltou um grito involuntário e arqueou o corpo a afastar-se do colchão, a querê-lo dentro de si agora. Estava em chamas, a tremer com o desejo. Os seus lábios procuraram freneticamente os dele, a querer ser possuída.

– Por favor! – Ouviu o seu próprio murmúrio rouco.

– Por favor, o quê? – segredou ele, a baixar os lábios pelos seus seios e daí para a sua barriga.

– Por favor, entra em mim agora. – Enterrou os dedos nas costas dele, puxando-o para si.

Não compreendeu por que ele estava a mexer em alguma coisa. Mesmo quando viu que era um preservativo, não sentiu alívio, só irritação por alguma coisa estar a demorá-lo.

– Oh, Tara! – segredou ele, abrindo-lhe as pernas e ajoelhando-se entre elas. – Queres-me realmente assim tanto?

Voltou a penetrá-la com os dedos quando ela abriu os olhos para olhar para ele.

– Sim – gemeu ela.

Mãos ergueram-lhe as nádegas, puxando-a para si, e por fim Tara sentiu-o deslizar para dentro dela.

Era como uma corrida na montanha-russa, a subir lentamente para cada vez mais alto e depois a descer a toda velocidade, com o vento a revolver-lhe o cabelo, só para dar meia volta e subir de novo. Ela estava em chamas, os lábios a procurarem os dele, um formigueiro em cada terminação nervosa. O orgasmo veio como um foguete, ouviu-se gritar e, enquanto o seu corpo estava ainda a estremecer, com faíscas a percorrerem-lhe as veias, Harry moveu-se dentro dela uma última vez.

*

Umas vozes lá fora trouxeram-nos de volta à realidade.

– Traz-me um *cocktail* Snowball e um pacote de batatas fritas com sabor a queijo e cebola – berrou uma voz de mulher. – E diz àqueles putos reguilas

que saiam daquele jardim ou ‘inda lhes ensino uma lição.

– Devia haver alguém a tocar harpa. – Harry roçou os lábios no seu cabelo, passou os braços à volta do seu corpo e fê-la rolar de modo a que ela ficasse em cima dele. – Aquela parola ali fora não sabe que está perto do céu?

– Foi maravilhoso, não foi? – Tara suspirou, a passar o dedo pelo suor que se juntara na concavidade do peito dele.

– Vamos ter de nos levantar se queremos comer – disse Harry com relutância. – Mas pelo menos isso vai-nos dar forças para continuarmos.

O comentário estoico dele fê-la rir, contagiando-o também. Rolaram na cama juntos, a rir até quase chorarem, e nesse momento Tara teve a certeza de que o amava.

Tudo os fazia rir naquela noite. A mulher com cem quilos de peso e uma voz como uma sirene do nevoeiro, que passou a noite entre beber grandes copos de *gim* e ir lá fora ao jardim para pregar umas bofetadas aos filhos. Havia a loura bonita mas com ar de galdéria, com uns *shorts* colados ao corpo, que mirava todos os homens que entravam no bar. E depois havia a senhora com um ar respeitável e um conjunto de camisola e casaco de malha, que estava de mãos dadas por cima da mesa com o seu homem, mas tinha uns olhos como peixes mortos.

– Supostamente, estas pessoas são normais – disse Harry trocista quando um homem com um aspeto perfeitamente comum desatou de repente a fazer uma imitação de Elvis Presley com uma guitarra de brinquedo. – Se são, consegues imaginar como serão os que estão no manicómio?

– Espera até abrires o clube noturno – avisou-o Tara. – Quando ajudo na loja, fico espantada com a gente marada que lá entra. Aposto que já estão a fazer fila para te visitarem.

– O que é que vamos fazer quando eu abrir? – Harry ficou subitamente sério. – Tu trabalhas todo o dia, eu vou estar ocupado metade da noite. Quando é que nos vamos ver?

– Há os fins de tarde. – Tara nem queria pensar no assunto ainda. – Vais conseguir tirar uma folga uma noite por semana, não vais?

– Não posso ter a certeza de nada. – Suspirou profundamente. – Vai ser uma aposta ainda maior do que o jogo em que ganhei o armazém. Os meus clientes vão ser criminosos e gente duvidosa na sua maior parte. Vou ter de estar de olho no pessoal. Não me vejo a ter muito tempo livre. Não ao princípio!

Contou-lhe um pouco sobre como aceitara Duke Denning como sócio em troca de algum capital. Sobre os muitos bancos comerciais com que falara antes de encontrar alguém disposto a conceder-lhe mais um empréstimo. Contou-lhe pela primeira vez que tinha estudado contabilidade na prisão. Que passara duas semanas inteiras a obter experiência à noite num clube de jogo do West End que pertencia a outro jogador de póquer chamado Alf Reed.

– Eu não jogava. – Sorriu ao ver o seu ar preocupado. – Só servia bebidas e observava. O Alf foi uma grande ajuda, até me arranjou dois tipos às direitas para as mesas de jogo.

Tara sentia-se um pouco envergonhada agora por ter duvidado da capacidade de Harry de ser bem-sucedido, especialmente porque ele nunca nem por um momento pensara que ela não conseguiria tornar-se estilista.

– Bem, se não vais ter muito tempo livre, é melhor aproveitarmos ao máximo agora. – Tara aproximou-se para lhe beijar a face. – Agora, podíamos estar aconchegados na cama em vez de estarmos aqui a ver este circo.

A primeira vez que fizeram amor fora frenética e rápida, mas agora o ritmo era mais lento, cada carícia saboreada, palavras meigas segredadas a acentuarem o êxtase.

A língua dele explorou todas as partes do corpo dela, lambendo-a até ela se contorcer por baixo dele, quase delirante de desejo. O lençol de baixo estava húmido com suor, as almofadas atiradas para o chão com eles a rolarem juntos como um só.

Sons de crianças a chorar, uma *jukebox* a tocar alto *Hey Jude* e um zunido de conversas do bar lá em baixo entravam pela janela aberta, mas eles mal os ouviam. O sol afundou-se no mar, as luzes na feira popular e ao longo do passeio à beira-mar apagaram-se, mas era como se estivessem sós numa ilha deserta, afogados num mar de ternura.

Quando ela se veio, gritou, a apertar o corpo húmido dele contra o seu, os dedos dele ainda presos no seu cabelo, e soube que ele era todo o seu mundo.

Beberam uma garrafa de refrigerante a meias em grandes goles sôfregos, até o líquido se derramar pelos seus corpos nus, que lamberam um do outro. Depois, recostados nas almofadas, nos braços um do outro, conversaram.

Tara contou-lhe que sempre se sentira como uma pária na escola e que, em vez de tentar fazer amigos, fingira que não os queria.

– Quando as pessoas começaram a dizer que eu era linda, julguei que era uma espécie qualquer de jogo cruel, que realmente se estavam ainda a rir de mim.

Harry olhou para o rosto dela pousado no seu ombro. A luz do candeeiro intensificava o dourado do seu cabelo e a cor de mel da sua pele. Ele maravilhou-se com a beleza dos seus olhos cor de âmbar, com a sua boca grande, o pequeno nariz delicado e o seu corpo perfeito. No entanto,

compreendia-a. Conhecía-a quando tudo o que ela via era fealdade, recordava-se da menina pequena que empunhara um atizador contra o pai para proteger Amy e Paul. A menina pequena que vestia imagens pintadas de noivas, mas nunca punha um homem ao lado delas.

– Eu sempre achei que era esquisito por não ter mãe. – Acariciou-lhe delicadamente o rosto. – Tipo, como se não fosse suficientemente bom para ter mãe, sabes o que quero dizer?

Tara acenou com a cabeça.

– Suponho que era por isso que eu era sempre o temerário, o miúdo que ia demasiado longe. Assaltar aquele armazém foi parte disso.

– A minha mãe e a minha avó vão sentir-se desconfiadas em relação a ti por causa disso – recordou-lhe Tara. Ergueu a mão para tocar nas suas maçãs do rosto, a traçar com os dedos as linhas que desenhara tantas vezes em pequena. – Ambas gostam de ti, bem, adoram-te até. Mas ambas têm alguma coisa contra homens perigosos!

Harry sorriu trocista.

– Eu, perigoso?

– Sentem-se ambas convencidas de que a nossa família está presa numa espécie de círculo trágico de que não nos conseguimos libertar – disse Tara em voz baixa.

– Eu acabo por as conquistar. – Harry olhou-a nos olhos e ela não viu mais nada a não ser uma sinceridade absoluta.

– Alguma vez amaste outra mulher? – perguntou. Não queria saber, mas tinha de saber.

– Houve uma data de raparigas – disse ele. – Mas tu sabes isso, Tara. Por vezes, pensava que estava apaixonado, especialmente quando era mais novo. Mas soube quando comecei a apaixonar-me por ti que nada daquilo era a sério.

– Então quando é que te apaixonaste por mim? – Ela soltou uma risadinha e aconchegou-se mais nos seus braços com uma sensação deliciosa de absoluta segurança.

– Penso que começou naquele dia no curral quando tu me beijaste. – Sorriu a imaginá-la.

– Mas tu foste horrível, disseste-me que tinhas outra namorada? – Ela recordava-se de como chorara no seu quarto.

– Eras demasiado nova. – Beijou-lhe a testa e sorriu. – Mas se soubesses com o que eu sonhava depois daquilo tinhas ficado toda vermelha com o embaraço.

– Conta-me agora – disse ela, fazendo beicinho como antigamente.

Ele baixou a cabeça para lhe beijar os seios.

– Estes figuravam bastante no sonho – segredou. – Costumava imaginar que te despia o uniforme da escola e te via o teu rabinho adorável com umas calcinhas brancas bem justas.

Ela soltou uma risada.

– Bem, eu costumava pensar se a tua pilinha era grande.

– É como esperavas?

Ela olhou para baixo, a vê-la curvada para cima entre os seus pelos púbicos pretos.

– Não neste momento. – Baixou-se para a beijar. – Mas se a tivesse visto como estava há uns momentos talvez me tivesse pregado um susto de morte.

Estava a amanhecer quando o sono os dominou.

– Amo-te – disse Harry quando os olhos dela finalmente se fecharam, e soou a Tara como se ele nunca tivesse dito aquelas palavras a ninguém. – Sempre soube que estávamos destinados um ao outro.

CAPÍTULO 25

— **E** stás morena! – gritou Miranda a sobrepor a voz aos sons de *Mony*, *Mony* quando Tara entrou na loja pouco depois das dez da manhã. Estava a dispor algumas blusas indianas de algodão no expositor central, mas interrompeu o trabalho e aproximou-se de Tara. – Espero que te tenhas divertido onde quer que tenhas estado, porque o Josh está em pé de guerra!

Tara engoliu em seco.

– Deste-lhe o recado de que eu ia ficar mais um dia, não deste? – perguntou.

Era ainda demasiado cedo para clientes; as duas outras funcionárias da loja estavam a limpar e a endireitar os varões da roupa.

– É claro que dei. – Miranda pousou a mão no braço de Tara, com um sorriso maroto nos seus olhos verdes. – Não me parece que fossem os dias que o incomodaram, foram mais as noites!

– Oh, merda! – exclamou Tara, ficando pálida. – Ele telefonou para a quinta?

– Receio bem que sim. – Miranda estremeceu. – Falou do telefone da loja. Quando pousou o auscultador, disse: «A porra da cabra mentirosa!» Depois disso ficou como um louco, nenhuma de nós acertava uma. Onde é que estiveste, já agora?

– Cá entre nós, estive com o Harry à beira-mar. – Tara riu-se nervosamente. – Parece que vou ter de fazer uma confissão!

Os olhos de Miranda arregalaram-se alarmados.

– Não tens muito tempo para pensar numa boa desculpa. – Pegou no telefone e encolheu os ombros. – Ele mandou-me telefonar mal tu entrasses

na loja.

– Faz de conta que não sabes nada – apressou-se a dizer Tara. – Eu penso em alguma coisa antes de ele chegar cá.

Sentia-se vagamente nauseada ao subir as escadas. A razão dizia-lhe que podia passar o seu tempo com quem quisesse, mas dada a empatia de Josh ao ouvir dizer que a sua avó estava doente Tara tinha todos os motivos para se sentir culpada.

Aquilo também não agradaria à mãe e à avó. Quando descobrissem que ela tinha estado com Harry, o mais certo era desatinarem!

Tinham ficado uma segunda noite em Southend porque não suportavam a ideia de se separarem, e partiram cedo nessa manhã para Tara voltar para o trabalho. Ela tinha a pele do rosto dorida por causa da barba de Harry, sentia-se cansada devido ao pouco sono, com vontade de chorar porque queria estar com ele, e agora isto.

Quando chegou ao seu apartamento começou a chover, enormes gotas que levaram as pessoas que andavam na rua a correr para se abrigarem. Tara pôs a chaleira ao lume, ligou o grelhador para fazer uma torrada e depois foi ao seu quarto para mudar de roupa. Estava a barrar a torrada com manteiga quando ouviu os pés de Josh nas escadas e, pela primeira vez desde que se mudara para ali, quis ter um sítio seu com uma porta da rua própria.

– Queres um chá e uma torrada? – disse em voz alta, a tentar comportar-se normalmente.

Ele não respondeu, limitando-se a ficar à porta da cozinha a fulminá-la com o olhar.

– Bem? – Tara pôs as mãos na anca, numa atitude interrogativa. – Queres chá ou não?

A cozinha era comprida e estreita, sem espaço onde se sentarem. Ela sentia-se encurralada, com ele à porta e nada a não ser uma janela por trás de si.

– Sempre conseguiste voltar? A vovó não estava às portas da morte, afinal?

– OK, confesso – disse ela num tom ligeiro. – Não fui a casa, só disse isso porque não queria ser interrogada sobre aonde é que ia.

Quando Josh sorria podia considerar-se bem parecido. O ar carrancudo não o favorecia nada.

– E aonde é que foste?

– Não é da tua conta. – Atirou com o cabelo para trás e deu uma dentada na torrada.

– Não é da minha conta? – rosnou ele. – Tiras dois dias de folga quando eu queria que tu trabalhasses naqueles modelos para vender aos grandes armazéns e depois dizes que não é da minha conta!

O rosto de Josh estava vermelho com a fúria. Ele não era um homem inteiramente razoável. Ela já o vira despedir raparigas por demorarem mais cinco minutos na hora do almoço. Tinha a certeza de que ele não a despediria, mas, tomando em consideração as palavras ternas que lhe dissera três dias antes, com certeza ficaria exaltado se ela lhe contasse que tinha estado com Harry.

– Josh, tu deves-me tantos dias de férias que eu nunca vou conseguir gozá-los. – O seu tom era ríspido. – Na maior parte das noites ainda estou a trabalhar quando já passa das dez. Nunca houve uma única vez em que eu não tivesse os modelos prontos a tempo, mesmo que tivesse de ficar a pé a noite toda para fazer as bainhas à mão. Se não posso tirar um par de dias de

folga quando faz bom tempo, acho que chegou a hora de arranjar um novo emprego.

– Com quem é que tu estiveste? – berrou ele, dando um passo ameaçador na direção dela.

– O que é que tu tens a ver com isso? – Virou-lhe as costas e pôs mais uma fatia de pão debaixo do grelhador.

– Estiveste a posar para outra revista pornográfica, foi isso?

Ela tinha a chaleira com a água a ferver na mão, pronta a vertê-la para o bule, mas parou a meio.

– Eu quê?

Ele não parecia nada normal. As suas pupilas estavam tão pequenas que ela mal as via, os seus lábios grossos tinham vestígios de espuma aos cantos. Estaria com uma *overdose*?

– Eu disse se tinhas estado a posar algures para uma revista pornográfica?

– Não sejas ridículo – ripostou ela, pousando a chaleira com força. – Se andaste a tomar drogas, vai para outro sítio qualquer e espera que passe o efeito.

– Estou tão firme como uma rocha – disse ele com altivez. – O que, obviamente, é mais do que posso dizer sobre ti. Não te pago o suficiente? Não estás a ter fama que chegue? E pensar que todo este tempo me deixei levar pela cena da virgenzinha tímida.

Ela compreendeu então que se passara mais alguma coisa. A fúria dele ultrapassava de longe o tê-la apanhado numa pequena mentira.

– Olha, Josh, eu não sei sobre o que é isto. Vem lá abaixo ao ateliê. Senta-te, toma uma chávena de chá e diz-me o que supostamente eu fiz.

Ouvia as raparigas da loja a entrarem e a saírem da arrecadação no rés do chão e sem dúvida estavam de orelhas espetadas.

– Eu ainda podia considerar o trabalho de modelo uma brincadeira – berrou ele. – Mas chantageares-me! É o cúmulo.

Brilhavam lágrimas nos seus olhos escuros, e de súbito ela apercebeu-se de que ele estava realmente magoado.

– Josh, não sei o que julgas que eu fiz. – Pousou as mãos nos ombros dele e empurrou-o na direção da sua sala. – Mas vamos conversar sobre isto em condições, sentados.

Ele parecia em estado de choque, e deixou que ela o empurrasse para uma cadeira.

– Não sei como foste capaz de fazer isto. – Sentou-se na beira da cadeira, rígido com fúria.

O cheiro a pão queimado fê-la correr para a cozinha. Desligou o grelhador, abriu a janela e depois voltou para junto dele.

– OK, menti sobre aonde é que ia, mas é tudo. – Tara ajoelhou-se ao lado dele. – Agora explica-te!

Por um momento ele deixou-se ficar sentado a fitar o chão. Trazia um fato azul-claro e uma camisa branca que não parecia nada limpa. Nem sequer se barbeara, cheirava a suor e as suas roupas fediam a tabaco. A sua mão desapareceu para dentro de um bolso interior do peito e tirou um envelope pardo grande.

– Explica-me essas! – rosnou, e atirou-lhe o envelope.

Tara tirou o conteúdo – fotografias com uma carta dobrada à volta. Ao pegar nas fotografias, soltou um arquejo.

– Vá lá, então – disse Josh a provocá-la. – Não me digas que tens uma gémea e que essa é ela!

Um olhar para a imagem da menina da escola sentada a cavalo numa cadeira a masturbar-se bastou. Sabia exatamente quem tirara a fotografia e onde. Sentou-se sobre os calcanhares e cobriu o rosto com as mãos.

Naquela casinha, parecera um pouco maroto deixar que Simon a fotografasse naquela pose, algo sobre que poderia rir. Mas agora provocava-lhe náuseas.

– Oh, Josh – segredou. – Não admira que estejas incomodado.

– Quando é que foram tiradas? – perguntou ele numa voz trémula.

– Não recentemente, se foi o que pensaste – disse ela num tom débil. – E não para serem vendidas. Eu só tinha dezasseis anos. Foi lá em baixo no Somerset, ele convenceu-me. Pensei que eram só para ele.

– Quem é esse ele?

– Um homem chamado Simon Wainwright, é um ator.

– Isto foi antes de eu te conhecer?

– Sim, claro. Ele foi o homem por quem fugi para Londres, para estar com ele, mas deu tudo para o torto. – Ela parou subitamente de falar, com o horror total do que aquilo significava a inundá-la. – Ele está-me a chantagear?

– A ti? – Josh soltou uma risada cava. – Não, a mim! Lê a carta, anda. Ou lhe pago mil libras ou ele manda estas fotografias para o *The News of the Screws*⁸. Acha que isso me leva à ruína!

Tara leu a carta de uma ponta à outra. Estava escrita à máquina, sem endereço no topo, mas o seu estilo e o conteúdo indiciavam uma pessoa que se sabia exprimir e tinha estudos.

Caro Mr. Bergman,

Junto envio algumas fotografias da sua estilista, Tara Manning. Apareceu recentemente na imprensa um artigo sobre o talento desta jovem e como os modelos dela lhe trouxeram fama e dinheiro. Uma citação que considere particularmente divertida foi «Tara traz a sua própria inocência e o seu romantismo às roupas que cria». Estas fotografias não mostram nem romantismo nem inocência, decerto?

Tenho bastante certeza de que um homem como o senhor não empregaria com conhecimento de causa uma rapariga que posou para fotos como estas, e não tenho dúvida de que se sentiria terrivelmente embaraçado se tal notícia chegasse à imprensa ou as fotografias lhe fossem vendidas. Todos sabemos que os pais das suas muitas jovens clientes sentiriam receio de permitir que as filhas entrassem nas suas lojas quando isto se soubesse.

Felizmente, estou em posição de poder ajudá-lo. Consigo localizar os negativos a partir dos quais foram impressas estas fotografias, recolher as que já existem, devolver-lhe tudo e assegurar que a questão da carreira de modelo na pornografia da sua estilista está terminada. Se fizer a fineza de colocar mil libras em notas de dez numa caixa e levá-la ao Leprechaun, na Uxbridge Road, em Shepherd's Bush, será trocada pelas suas fotografias. Faça-o, por favor, dentro dos próximos sete dias, caso contrário não me restará alternativa a não ser levá-las ao *The News of the World*, que me pagará mais do que o que estou a pedir-lhe. Quando se aproximar do balcão do *pub* com a caixa, diga só ao empregado «Por favor, troca-me isto pelo envelope que tem aí dirigido a Patrick Mulligan?»

Espero que aproveite esta oferta por um período limitado.

Desnecessário será dizer que se tentar meios alternativos para recuperar os negativos ver-me-ei forçado a ensinar-lhe a si e à sua empresa uma lição de obediência.

Cordialmente,
Patrick Mulligan

– Oh, Josh! – Sentia-se nauseada, mas, apesar do embaraço para si, os seus primeiros pensamentos foram para Josh e o seu negócio. – É só a ver se pega. Este tal Mulligan deve tê-las obtido do Simon. Diz-lhe que se vá lixar. Porque é que havias de lhe pagar?

– Não sejas ingénua! – explodiu ele. – É um facto bem documentado que trabalhas para mim há quase quatro anos. Ninguém vai acreditar que eu não tenho nada a ver com isto. Ele tem toda a razão em relação às raparigas novas. Achas que os pais vão querer que as filhas venham cá depois de estas fotografias andarem por aí?

*

– O que sugeres que façamos? – perguntou Tara mais tarde.

Fizera-lhe um café, bebera ela própria dois para tentar acalmar os nervos e contara-lhe a história toda. Tentara fazer ver a Josh que o homem era um ator e não poderia propriamente tentar fazer publicar as fotografias sem manchar o seu próprio nome. Mas Josh não via a coisa assim.

Lembrou que Simon Wainwright não era um nome que alguém tivesse alguma vez ouvido. De qualquer maneira, talvez nem estivesse envolvido, poderia ter-se limitado a passar as fotografias ao tal Mulligan. Se Josh entrasse naquele *pub* e exigisse os negativos, provavelmente seria uma questão de minutos até lhe pregarem um pontapé na cabeça ou os jornais

publicarem a história. Depois, claro, havia a considerar a mãe e a avó de Tara. O que é que isto lhes faria?

A hipótese da polícia foi sugerida e rejeitada em seguida. Como Josh lembrou, este tipo de obscenidade circularia mais rapidamente com a polícia envolvida no caso.

– O que me magoa mais é que nunca me tenhas falado deste tipo – disse Josh por fim. – É só mais um desses segredos que manténs escondidos. Quantos mais virão a lume antes de eu te conhecer a fundo?

Teve de lhe falar de Harry nesse momento. Não para o magoar ainda mais, mas porque sabia que talvez Harry fosse a única pessoa capaz de resolver aquilo.

– Estou a ver. – O seu rosto ficou como uma pedra, uma expressão gélida nos olhos. – Eu devia ter adivinhado.

– Vou-lhe telefonar agora. Ele vai saber o que fazer.

– O que é que ele pode fazer que eu não possa? – perguntou ele num tom desdenhoso. – Mandar lá um par de durões?

A intenção era insultar Harry, mas Tara não ia deixar-se irritar.

– Talvez seja disso mesmo que isto precisa. De qualquer maneira, penso que ele vai achar que lhe compete deter este homem – disse Tara calmamente. – Lembra-te, Josh, eu conheço-o desde sempre.

*

Uns acordes de *Bridge over Troubled Waters* subiam pelas escadas, juntamente com o perfume de pausinhos de incenso. Tara fez mais café e insistiu que Josh comesse uma sanduíche.

– Eu vou pagar o dinheiro. – Suspirou profundamente enquanto acabava de comer a sanduíche. – Não há outra coisa a fazer.

– Isso não vai resultar e tu sabes que não – disse ela com tristeza. – Ele vai voltar para receber uma segunda vez, depois uma terceira, e quanto mais sucesso te derem os meus modelos mais ele vai querer de cada vez.

Contudo, à medida que Josh se ia acalmando lentamente, os receios de Tara das consequências para si mesma aumentavam. Não só pelo seu nome manchado ou a vergonha da sua família, mas também por Harry. Uma coisa era ter confessado que tivera uma relação com Simon, outra ter de mostrar a Harry imagens explícitas do que se passara. Afetaria tudo?

A voz da Miranda chamou lá de baixo.

– Tara, chega cá!

Tara limpou as lágrimas das faces e passou por Josh. Ao fundo das escadas, Miranda estava à espera, com uma expressão ansiosa no rosto.

– É o Harry – segredou. – Na loja. Disse-lhe que o Josh estava aí em cima contigo e tentei fazer com que fosse embora, mas ele parece pensar que o querias aqui.

– Queria, Miranda. – Tara tentou sorrir. – Desculpa, devia-te ter avisado.

– Está tudo bem? – Miranda limpou uma lágrima da face de Tara, com um olhar cheio de preocupação. – Ele não te despediu ou coisa do género?

Tara abanou a cabeça.

– Só me pregou um sermão. Diz ao Harry que suba.

Harry parecia agigantar-se sobre Josh quando os dois deram um aperto de mão frio. Ironicamente, era Harry que parecia um verdadeiro homem de

negócios hoje, tendo mudado de roupa para um fato azul-marinho e uma camisa às riscas para ir falar com o gerente do seu banco.

– Deixa-me ver a carta – disse Harry em voz baixa.

Josh passou-lha para as mãos com as fotografias. Harry ficou com as fotografias numa mão e leu a carta.

Tara sentia-se tão desfalecida que teve de se sentar. A qualquer momento ele olharia para as imagens e o beijo cheio de amor que lhe dera ao fundo das escadas há pouco poderia acabar por ser o último.

Dobrou a carta e meteu-a no bolso interior do casaco e depois, sem sequer olhar para as fotografias, rasgou-as a meio.

– Não as viste – disse Josh numa voz rouca.

Harry pegou no isqueiro e aproximou-o de uma das fotografias, pegando-lhe lume e atirando-a para o cesto dos papéis. Perante os olhos deles, fez o mesmo com as dez.

– Não vale de nada fazer isso – disse Josh. – Ele deve ter cópias.

– Não quero vê-las nem que mais ninguém olhe para elas. – Harry fitou Josh como se ele fosse um verme. – Eu vou tratar desse pervertido agora.

As chamas no cesto dos papéis apagaram-se e a sala ficou cheia de um cheiro acre.

– Vais fazer mais mal do que bem. – Os olhos de Josh estavam negros com fúria, irritado pelo autocontrolo calmo de Harry. – Isto é uma coisa que requer negociação.

– Vai-te lixar, Josh. – Harry pôs-se de pé, pronto a ir embora. – Aquele verme precisa é de ser esmagado, e surpreende-me que estejas sequer a considerar outra coisa qualquer.

– Ele pode retaliar por despeito se o atacares – argumentou Josh.

– Pode é acabar morto se tentar.

Tara olhava de um para o outro. Harry era muito maior do que Josh, mais enxuto e saudável, e ela amava-o. Ao lado dele, Josh parecia insignificante, efeminado com os seus caracóis compridos e as suas joias, mas ela prezava a sua amizade. Uma corrente elétrica de ciúme chispava entre os dois homens, e ela tinha a certeza de que, fosse o que fosse que resultasse deste assunto, não haveria espaço para os dois na vida dela.

– Eu vou contigo – disse Josh quando Harry estava a dirigir-se para a porta.

– Não. – Harry abanou a cabeça. – A Tara é a minha namorada. Eu faço isto sozinho!

Desceu as escadas tão depressa que Tara ficou em choque.

– Harry, espera – chamou, correndo atrás dele. Alcançou-o à porta que dava para a loja. – Tem cuidado. – Ergueu-se nas pontas dos pés e beijou-o.

– Eu telefono ou passo por cá depois de o ver. – Harry abraçou-a por um momento. Os seus olhos estavam mais frios do que uma manhã de janeiro. – Também vamos ter de arranjar um sítio novo para viver.

*

Sentado no carro, Harry recriminou-se por não ter desancado Simon Wainwright pessoalmente há quatro anos. Arranjara um par de tipos para lhe pregar uns bons pontapés, segredara aos ouvidos certos que aquele tipo estava a precisar de ser castrado. Contudo, claramente, não assustara o homem o suficiente.

Metendo a mão ao bolso, Harry tirou o envelope velho que acabara de ir buscar ao seu apartamento. Passou o polegar por baixo da aba e tirou o seu

conteúdo. Só uma fotografia do homem e a lista penosamente pequena de produções em que ele entrara. Harry obtivera-a no escritório do agente de Wainwright um par de dias depois de Tara se instalar em segurança com George e Queenie.

Bastaram algumas bebidas para persuadir a secretária a abrir-se, mas ela também tinha sido magoada pelo homem, e Harry convenceu-a de que seria terapêutico desabafar. Ficara a saber como aquele homem usava os seus poderes de sedução com ambos os sexos, mas principalmente com os ricos e de meia-idade que demonstravam a sua gratidão com coisas como o seu Jaguar, férias, roupas caras e joias. A agência de modelos infantis era propriedade de um dos seus amantes, assim como a casa em Shepherd's Bush. A secretária adiantou ainda que tinha a certeza de que Wainwright andava envolvido na realização de filmes pornográficos.

Harry examinou o retrato a preto e branco. Já era antigo, possivelmente de há dez anos. O homem podia ter perdido aquele cabelo louro e engordado uns bons quilos e poderia estar cheio de rugas naquele seu rosto de ídolo de matiné. Talvez fosse por isso que se virara agora para a chantagem!

Harry olhou pensativo para o seu relógio. Era quase meio-dia, o Leprechaun estaria já aberto e, se a clientela era como ele esperava, pagar umas rodadas de Guinness deveria encorajar alguém a dar-lhe alguma informação.

– O que vai ser, senhor? – O irlandês vermelhusco por trás do balcão com um nariz como uma salsicha velha estava a limpar copos, a tirar cervejas e a manter uma conversa tudo ao mesmo tempo. O *pub* era precisamente como Harry contara que fosse, um bar vitoriano que se mantivera intacto, para além da luz elétrica, de uma *juke box* e de um pequeno palco a um canto.

– Uma caneca de Bass, por favor. – Harry tirou um lenço do bolso e limpou a chuva do rosto. – Estacionei a poucos metros, mas está a chover a cântaros.

– Ah, precisamos da chuva. – O empregado sorriu. – Aquele tempo quente não é bom para o negócio!

– Julguei que nada mantinha um irlandês afastado da bebida – disse Harry na brincadeira. – A propósito, este é o único *pub* irlandês em Shepherd's Bush?

– Bem, é o mais conhecido. – O empregado parecia disposto a conversar.

– Conhece um tipo chamado Tom Clancy? – Harry usou o nome de um irlandês que vivia perto do seu pai. – Foi por isso que vim cá, tenho um recado para ele.

– Tom Clancy? – O empregado esfregou o queixo, a pensar. – Conheço um Sean Clancy, mas já voltou para Dublin e não me parece que tivesse um irmão. Diga-me que aspeto tem o homem.

– É um gajo bem parecido. – Harry apoiou o cotovelo no balcão enquanto inventava aquela personagem fictícia. – Cabelo preto, olhos azuis, ombros largos, chegou a ser ator.

O empregado abanou a cabeça.

– Eu lembrava-me dele de certeza se ele cá viesse. Não entram aqui muitas pessoas bem parecidas. – Riu-se da sua própria piada. – A não ser o senhor, claro!

– Tenho a certeza que foi este o *pub* que disseram. – Harry franziu a testa. – Ele costumava andar com outro ator chamado Simon, um sujeito alto e louro.

– Conheço um Simon – disse o empregado. – Sim, ele é ator. Mas não é irlandês.

– Ele não é por acaso um bocado suspeito, ou é? – Harry fez um sorriso malandro. – Gosta tanto de tipos como de miúdas?

O empregado sorriu e Harry soube que acertara em cheio.

– Não vá dizer isso à patroa. – Os olhos do irlandês piscaram e baixou a voz, como se não quisesse que o ouvissem. – Ela tem um fraquinho por ele e ainda não reparou em nada de estranho.

– É verdade, então? – Harry inclinou-se para a frente numa atitude de conspiração.

– Só estou a dizer que consta por aí. – O empregado olhou por cima do ombro para verificar que ninguém estava a escutar.

– Sabe onde é que ele vive?

O empregado abanou a cabeça.

– Deve ser por aqui perto, ele vem cá quase todas as noites.

Harry mudou de assunto. Não queria que Wainwright fosse avisado de que alguém andara a fazer perguntas sobre ele.

A chuva tinha parado quando ele saiu do *pub* e o sol estava a brilhar de novo, fazendo erguer um vapor dos passeios. Consultou rapidamente o mapa e depois foi de carro até Godolphin Road, onde Simon vivia quatro anos antes.

Estava uma rapariga sentada no muro da casa. À distância, parecia bonita, mas quando Harry estacionou perto ela fitou-o com uns olhos mortiços e ele apercebeu-se de que era uma drogada.

– Vive aqui? – perguntou ele.

– Porquê? – Olhou para ele, mas não havia uma real curiosidade nos seus olhos. – O que é que tem a ver com isso? Cobra renda pelo muro?

– Não, querida. – Reparou que ela tinha o pescoço imundo e que vinha dela um cheiro azedo. – Só perguntei porque queria saber quem vive no último andar.

– É o Noel – murmurou ela.

– O Noel quê?

– Não sei a porra do outro nome dele – disse ela, lançando-lhe um olhar hostil. – É só um tipo.

Harry tirou uma nota de uma libra do bolso e acenou-lhe com ela.

– Conhecia um par de sujeitos que vivia lá, um chamava-se Simon, um tipo grande e louro, o outro chamava-se Quentin?

Ela olhou para a nota e depois para ele.

– Você é larilas?

Harry abanou a cabeça e sorriu.

– Eu conhecia o Quentin, era dançarino – disse ela. – Foi-se embora mais ou menos há um ano. Não conhecia o outro, só de vista.

Harry deu-lhe a nota. – Obrigado, querida.

Então, Wainwright tinha mudado de casa. Harry não ficou surpreendido, mas valera a pena tentar.

Ao voltar para o clube, Harry bateu com a mão no volante, com frustração. Nos velhos tempos, teria aparecido naquele pub nessa noite acompanhado e tê-lo-ia desfeito até encontrar Wainwright. Mas o facto de ter endireitado a sua vida significava que não podia fazer isso. Detestava a ideia de Josh estar agora a par de uma parte do passado de Tara. Ainda mais do que isso,

detestava ver o medo e a vergonha nos olhos dela, que algumas horas antes estavam iluminados com felicidade.

*

Às dez menos um quarto Harry voltou a entrar no Leprechaun. Estava tão apinhado agora que mal conseguia avistar o balcão e no outro extremo quatro *Teddy boys* já de certa idade estavam a tocar *rock and roll* dos anos 1950.

O empregado com o nariz deformado não estava a trabalhar; na vez dele estava uma mulher que rondava os quarenta e que ele suspeitou ser a dona, e duas empregadas novas. As empregadas tinham ambas um aspeto vulgar, com cabelo comprido escorrido, saia curta e pernas de futebolista, mas a dona era sensacional – cabelo ruivo pelos ombros, uma figura como a de Diana Dors e uns olhos azuis vívidos que cintilavam como se ela estivesse a apreciar cada momento da sua vida.

Harry não fez nenhum esforço para que reparassem nele ao balcão, porque queria observá-la. O instinto disse-lhe que ela não era uma galdéria qualquer, só uma mulher naturalmente *sexy*, mas compreendia se os clientes ficassem confusos. Uns grandes seios saltitantes quase lhe saíam do vestido de renda preta muito decotado e a sua cintura fina estava apertada com um cinto largo cravejado com rubis e esmeraldas de fantasia.

– O que deseja? – Percorreu o balcão para o servir, trazendo consigo uma nuvem do perfume estonteante *Madame Rochas* que Queenie usava sempre.

– Você – disse ele, fazendo-lhe um dos seus sorrisos especiais. – Mas até estar livre, pode ser uma caneca de Bass.

Ela riu-se, e aqueles seus seios grandes e macios estremeceram.

– Nunca o tinha visto por cá – disse ela, olhando-o nos olhos descaradamente enquanto lhe tirava a cerveja. – Ia-me lembrar de alguém tão

apetitoso como você!

– Aposto que diz isso aos tipos todos. – Harry riu-se.

– Só aos bonitos. – Sorriu, mostrando uns dentes brancos perfeitos. – Sou a Myra, a patroa.

Um súbito influxo de clientes impediu Harry de falar com ela, e viu-se empurrado para cada vez mais longe do balcão. Depois a banda fez um intervalo para tomar uma bebida e todo o bar pareceu ter a mesma ideia. Harry estava preso entre um grupo de raparigas numa despedida de solteira e três irlandeses muito bêbedos quando viu entrar Simon Wainwright.

A idade não o desfavorecera. Estava ainda mais bem parecido do que no retrato. De facto, Harry teria de concordar que Wainwright poderia ter sido uma estrela de cinema. Não admirava que Tara se tivesse apaixonado por ele.

Harry abriu caminho por entre a multidão até à outra ponta do balcão para poder olhar para Wainwright e ver até que ponto ele e Myra eram íntimos. Era incrível ver como o rosto dela se iluminou quando o avistou – era como se as iluminações de Blackpool tivessem sido ligadas.

Harry encontrava-se demasiado longe para ouvir a conversa, mas viu Wainwright pegar na mão dela, levá-la aos lábios e beijar levemente a ponta de cada um dos dedos. Ela serviu-lhe um *gim* tónico duplo, mas não recebeu o pagamento, e mesmo quando foi servir outros clientes os seus olhos desviavam-se constantemente para ele.

Eram quase onze horas quando Harry lhe fez sinal para que lhe servisse outra bebida. Embora o bar estivesse ainda mais apinhado, estavam a ser servidas menos bebidas agora, já que se aproximava o fim da noite.

– Outra Bass? – perguntou ela.

– Sim, por favor. – Harry aproveitou a oportunidade e debruçou-se sobre o balcão. – Ia convidá-la para uma bebida mais tarde algures, mas vejo que já está apalavrada!

Ela corou e por um momento pareceu atarantada.

– É uma coisa incerta – disse, lançando um olhar por cima do ombro. – Não sei ao certo em que pé estão as coisas esta noite.

Harry sabia exatamente o que aquilo queria dizer; afinal, ele jogara esse jogo com as mulheres centenas de vezes. Mas também via que ela se sentia tentada, por uma vez, a deixar o homem pendurado.

– Eu podia voltar à meia-noite para ver se está livre – sugeriu.

– OK. – Ela apontou para a pequena porta junto ao lado do balcão. – Deixo aquela porta aberta se estiver só.

Rejeitou o dinheiro para pagar a bebida com um aceno de mão e foi tocar a sineta para indicar aos clientes que deviam pedir a última bebida.

Myra estava novamente a falar com Wainwright; serviu-lhe outra bebida, que ele emborcou de um gole. Ele pegou de novo na mão dela, mas desta vez comprimiu-lhe a palma contra os lábios e parecia estar a tentar apaziguá-la em relação a alguma coisa.

A banda tocou o seu último número, *Summertime Blues*, e as pessoas começaram a sair, primeiro uma a uma e em pares, depois mais rapidamente, enquanto as empregadas circulavam pela sala a recolher os copos.

Myra parecia um pouco contrariada agora, enquanto Wainwright, encostado ao balcão, falava com intensidade, ainda com a sua mão na dele. De repente, endireitou-se, inclinou-se sobre o balcão, beijou-a nos lábios e partiu sem um olhar para trás.

Harry tinha de o seguir rapidamente, mas soprou um beijo a Myra, bateu no seu relógio de pulso a dizer que voltaria e saiu por outra porta.

Estava de novo a chover, um chuvisco que dificultava a visibilidade. Harry virou a gola do casaco do fato para cima e desejou ter tido o bom senso de vestir um impermeável.

Quando Wainwright atravessou a Uxbridge Road, a encaminhar-se para Shepherd's Bush, Harry não o seguiu imediatamente. Mas quando ele virou para a Loftus Road não teve alternativa. Mantendo-se bem para trás, observava cada movimento que o homem fazia, aliviado por ele parecer estar a ir para casa e não para um clube noturno ou um restaurante.

Por fim, Wainwright parou, abriu a cancela de uma casa em banda que estava às escuras e depois a porta da rua. Harry aguardou a umas casas abaixo. Viu a luz acender-se no *hall* de entrada, outra mais para as traseiras da casa, depois outra nas escadas. Aproximou-se. As cortinas na sala da frente estavam abertas e, embora a sala estivesse às escuras, havia luz suficiente do *hall* para ver uma sala de estar vulgar, com um terno de sofás e um televisor. Ouviu o autoclismo no andar de cima e viu Wainwright voltar a descer as escadas e entrar na divisão nas traseiras.

Era tudo quanto Harry necessitava saber. O homem estava só em casa, tinha a certeza disso. A fechadura da porta da rua seria fácil de estroncar mais tarde, mas por agora ele ia voltar para junto de Myra.

A porta estava aberta como ela prometera, e Harry entrou à socapa sem fazer ruído. Ela encontrava-se por trás do balcão a limpar as garrafas, de costas para ele.

– Buu!

– Oh, meu Deus! – exclamou ela, dando um salto. – Quase tive um ataque de coração.

Harry sentou-se num banco. Não havia dúvida de que ela estava encantada por o ver.

– Só voltei para dizer olá, realmente – disse ele. – Não gosto de interferir num caso escaldante.

Ela tinha aplicado mais batom e penteado o seu cabelo ruivo para tirar a laca.

– Estava a esquentar, mas esfriou. – Suspirou profundamente. – Suponho que se tivesse algum juízo mandava-o dar uma volta, ele agora só me usa. Mas não queres ouvir isto, pois não? Posso dar-te uma bebida? Esse casaco está molhado? Não me disseste o teu nome!

– Mike. Bebo um uísque, por favor, e o meu casaco só está húmido. – Harry sorriu-lhe calorosamente. – É um tipo bem parecido. Parecia bastante interessado em ti, de onde eu estava a vê-los.

Myra pôs o copo por baixo da garrafa na prateleira e serviu-lhe um uísque duplo. Pousou-o no balcão e tirou um para si também.

– Pensava que compreendia a maior parte dos homens – disse, contornando o balcão e sentando-se no banco ao lado dele. – Mas ele intriga-me. Parece interessado, mas há uma frieza nele. Quer que eu faça uma coisa por ele agora e tenho o pressentimento de que mal acabe não volto a vê-lo.

– O que é? Pôr uma bomba no Midland Bank, tirar o pio à mulher dele?

– Não, nada desse género, nada que seja perigoso ou até ilegal. Só tenho de dar um envelope a alguém, é tudo.

– O que está no envelope? Porque é que ele não o envia pelo correio? – Harry afivelou o rosto inocente e interessado que aperfeiçoara na escola.

– Disse que eram uns papéis. Algo a ver com a herança do pai dele. Ele só os entrega quando receber o dinheiro que lhe devem.

– É uma maneira esquisita de tratar do assunto. – Harry ergueu uma sobrancelha.

– Foi o que eu disse. – Myra sorriu. – Ao princípio, pensei que talvez estivesse a chantagear alguém, mas ele limitou-se a rir. Disse que realmente deviam fazer aquilo através de um advogado, mas que é muito caro, e de qualquer maneira se o fisco viesse a saber deste dinheiro ele ia ter de pagar metade em impostos.

– Se fosse eu, olhava para os tais papéis – disse Harry, pondo a mão em cima da dela. – Abria o envelope com vapor e via o que traz dentro, pelo sim pelo não.

– Não posso fazer isso, era trair a confiança dele – disse ela, mas olhou na direção da caixa registadora enquanto falava.

– Ele pode estar a trair a tua confiança. – Harry apertou-lhe a mão. – Deixas que veja eu? Digo-te se está tudo em ordem ou não!

Ela abanou a cabeça. – Não, Mike. Sempre tentei ser franca com as pessoas. Digo-lhes o que realmente penso, não minto. É por isso que te disse a verdade em relação ao Simon. Também gosto de ti, mas quero que fique claro na tua cabeça em que pé estão as coisas para mim.

– Amas o tipo?

Ela inspirou fundo.

– Sim, amo. Nunca quis tanto um homem, se queres saber a verdade. No meu coração sei que não está certo, mas não consigo evitar. – Corou e soltou uma risadinha.

Harry gostava realmente de Myra, mesmo que ela fosse uns bons quinze anos mais velha do que ele. Sentia-se bastante culpado por estar a enganá-la, mas, de algum modo, tinha de entrar naquele balcão para procurar o envelope.

Tomaram mais uma bebida e Myra contou-lhe várias histórias engraçadas sobre os clientes, o seu ex-marido, que era boxer, e as suas férias anuais em Espanha com a irmã.

– Queres vir até lá acima ao meu apartamento? – sugeriu ela. – Não sei porque é que estamos aqui sentados, não é nada confortável.

Já estava a levantar-se, a alisar o vestido sobre as ancas, e tinha uma expressão de desejo nos olhos. Harry arriscou, seguiu-a até à porta que dava para o apartamento dela e de repente estacou.

– Aquela porta por onde entrei – disse. – Não era melhor eu ir trancá-la?

– Oh, não! – Parou na soleira da porta. – Tinha-me esquecido!

– Não te preocupes – disse Harry. – Vai indo, eu tranco-a e aproveito para ir à casa de banho.

Ouviu os passos dela a subir as escadas e sentiu uma pontada de pena. Ela sentia-se só, queria amor e merecia mais.

Enfiando-se por trás do balcão, viu um envelope de papel pardo a despontar ao lado da caixa registadora e puxou-o. Estava escrito nele «Patrick Mulligan» e Harry sentia algo estreito, como uma faixa de negativos entre folhas. Enfiou-o no bolso interior do casaco, saiu do balcão e dirigiu-se à porta, mas, ao pousar a mão nela, dominou-o uma sensação de culpa.

– Não posso ficar, Myra – disse, ao vê-la na sala de estar. – Bem queria, mas não posso.

Ela parecia muito mais nova ali em cima, naquela sala cor-de-rosa feminina com as luzes suaves dos candeeiros de mesa.

– Porquê, Mike? És casado e só agora te lembraste?

– É mais ou menos isso. – Sorriu. – O problema contigo é que és demasiado boa pessoa, Myra. Começou só comigo a querer um pouco de excitação. Mas não posso ir para a frente agora.

– Queres dizer que não me podes comer na boa e depois dar à sola? – Tinha um meio sorriso nos lábios, mas tristeza nos olhos.

– Podia comer-te na boa. Só não sei se era capaz de dar à sola depois – disse Harry. – Acho que devia ir-me embora agora.

– Pelo menos fazes uma rapariga sentir-se bem em relação a si mesma – disse ela em voz baixa, aproximando-se e erguendo-se nas pontas dos pés para lhe beijar a face.

Ele tomou o rosto dela nas mãos por um momento.

– És uma rainha, Myra, – Beijou-lhe os lábios muito delicadamente. – Não penses muito mal de mim.

*

A chuva caía fortemente quando ele correu para o seu carro. Entrou e dirigiu-se para a Loftus Road. Passou pelo número quarenta e três. Estava agora às escuras, as cortinas no quarto da frente corridas.

Era uma e meia. A rua estava deserta, só com uma luz por outra a indicar que algumas pessoas ainda estavam acordadas. À luz do tabliê, abriu o envelope. Havia o que parecia dois grupos de fotografias e os negativos,

embrulhados em papel. Voltou a metê-los no envelope a toda a pressa, resistindo à tentação de olhar para eles, e enfiou o envelope no porta-luvas. Dava pouco jeito mudar de roupa dentro do carro, e ele tinha de estar sempre a olhar à sua volta para se assegurar de que não estava a vir ninguém. Tirou o fato, a camisa e a gravata, vestiu umas calças de ganga e uma *t-shirt* escura e calçou umas alpergatas.

Seguiram-se as luvas cirúrgicas, um pedaço de corda à volta dos ombros, uma navalha enfiada na meia e a faixa de plástico nas mãos. Mais um olhar à sua volta para se assegurar de que não estava a ser observado e depois saiu do carro, deixando as chaves na ignição para o caso de ter de partir a toda a velocidade.

A porta da rua abriu-se sem dificuldade. Harry deslizou para dentro, fechou-a silenciosamente atrás de si e depois avançou na direção das escadas no escuro.

Pressentia o género de casa que era, embora não conseguisse vê-la. Alcatifa fina e barata nas escadas, papel de parede com textura pintado por cima. Cheirava a mofo, a cozinhados requentados e a falta de limpeza.

Ao cimo das escadas havia uma coluna, mais à frente um patamar e à sua direita mais uns degraus para cima. Subiu os degraus. À sua frente, a porta do quarto estava aberta e ele via o clarão de um lampião a brilhar através da cortina e ouvia um ligeiro ressonar. Sabia exatamente o que ia fazer. O único problema seria não matar aquele pervertido quando pusesse as mãos à volta do seu pescoço.

Parou ao lado da cama, a olhar para Wainwright e a calcular a melhor maneira de o agarrar. Ele estava de peito nu, coberto só por um lençol e um

cobertor até à cintura. Encontrava-se deitado de costas, com a cabeça virada ligeiramente para um lado.

Silenciosamente, Harry posicionou-se ao lado da cama, sacou da navalha e apontou-a ao pescoço de Wainwright. Baixou a outra mão para a almofada onde o cabelo louro estava espalhado. Agarrou-o delicadamente e depois, ao sentir que tinha o controlo, puxou-o com força.

– Acorda, seu cabrão – disse em voz baixa. – Acorda!

⁸ O verdadeiro nome do jornal, que se especializava em notícias de escândalos, era *The News of The World*. *Screws* significa *lixar, prejudicar*. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 26

Wainwright abriu os olhos e o seu corpo contorceu-se violentamente.

– Não te mexas, porra – disse Harry num tom sibilante –, nem berres, porque tenho uma navalha contra o teu pescoço.

– Mas o que é isto? – A voz de Wainwright era só um guincho de terror. – Eu não tenho dinheiro nenhum.

– Não é dinheiro que eu quero – rosnou Harry. – É vingança. Vira-te, devagar para esta navalha não escorregar.

– Não compreendo – gemeu ele, mas fez o que lhe estava a ser ordenado. – Quem é você?

– Alguém que não gosta de pederastas. – Harry pousou um joelho na beira da cama e agarrou melhor o cabelo do homem antes de pousar a navalha. – É o que tentaste fazer aos meus amigos que me interessa. Agora põe as mãos atrás das costas e junta-as!

Daí a cinco minutos, Harry tinha Wainwright atado de mãos e pés.

– Assim está melhor. – Pôs Wainwright de lado e acendeu a luz da mesa de cabeceira.

Era o tipo de quarto que Harry já vira dúzias de vezes, com mobília barata e estragada por inquilinos anteriores. Havia um toucador riscado e cheio de pó em frente às janelas cujas cortinas mal cobriam. Um linóleo estampado em tons de castanho cobria o chão e o papel de parede com rosas amarelas estava descolado a um canto.

Harry sentou-se na cama.

– Este quarto não é coisa de que te possas gabar. – Voltou a pegar na navalha e abriu-a contra o dedo. Os olhos castanhos de Wainwright

arregalaram-se com terror e contorceu-se a tentar afastar-se dele. – Agora podes-me fazer a lista de todas as tuas vítimas!

– Que vítimas? Não sei do que estás a falar!

– Oh, mas sabes. – Harry encostou a ponta da navalha à narina de Wainwright. – Já alguma vez viste alguém com o nariz cortado? Não é nada bonito de se ver – disse casualmente. – Tens de ser sensato agora. Eu tenho a noite toda, estás a ver, e quero saber o nome de toda a gente que já chantageaste.

Wainwright fingiu-se inocente, insistindo que nunca chantageara ninguém. Harry esperou pacientemente enquanto o homem alegava que ele se enganara na pessoa e dizia que se não o desamarrasse imediatamente ele tinha amigos em altas posições que o fariam ir parar à cadeia por vários anos.

– Deves pensar que sou tão estúpido como tu. – Harry sorriu trocista. – Dei-te uma oportunidade de me dizeres sem recorrer à violência, mas estás-me a parecer que é a única coisa que compreendes.

Pôs a ponta da navalha de novo na narina de Wainwright e, com uma torção rápida do pulso, cortou-a. Não muito, um centímetro no máximo, mas jorrou sangue suficiente para a almofada para convencer Wainwright de que todo o seu nariz fora cortado. Chorou então, grandes lágrimas grossas, e Harry olhou-o de alto com desprezo, a ver sangue, lágrimas e muco misturarem-se e escorrerem-lhe para os lábios.

– Diz-me lá – ordenou Harry. – Vá lá, tudo, ou corto-te a outra também.

Saiu tudo então, uma torrente balbuciada quase incoerente. Mas Harry compreendeu o suficiente para ficar a saber que havia um político culpado de abuso de um rapaz pequeno, a esposa de um homem rico que tinha tido um

caso com ele. Um polícia que era homossexual e um juiz que fizera sexo com duas menores, mas Wainwright não mencionou Tara.

– Não esperas que eu acredite que isso é tudo? – Harry voltou a ameaçá-lo com a navalha.

– É. – Wainwright soluçou. – Eu disse-lhe tudo.

– Vá lá, eu sei que há mais. – Harry encostou a navalha à sua outra narina.
– E tirares fotografias pornográficas de raparigas novas? Quantas é que fizeste?

– Não me lembro – soluçou ele, e, para repulsa de Harry, urinou-se pelas pernas abaixo.

– Seu pervertido, seu cabrão nojento – disse Harry ao mesmo tempo que o fluxo de urina encharcava as calças do pijama azul-escuro de Wainwright e passava para o lençol. – Onde é que está a tua coragem agora, seu maricas? Diz-me onde guardas as coisas todas sobre as tuas vítimas. Já, antes que te corte a pila também!

– Estão numa caixa debaixo das escadas – soluçou ele. – Olhe, desculpe, eu dou-lhe tudo, deixe-me ir!

– Ainda não acabei contigo, nem de longe nem de perto. – Harry riu-se, abriu a gaveta da cómoda e tirou uma meia. – Vamos lá só enfiar-te isto na boca por agora, para te calar. Espero que consigas respirar, nem sempre é fácil com a narina cortada!

Só demorou uns segundos a verificar as gavetas da cómoda. Roupa interior, um par de camisolas, um maço de notas que atirou a Wainwright com repugnância e uma embalagem de preservativos *Durex*.

– Não tens muitas coisas – disse Harry com desdém, cortando de alto a baixo com a navalha o casaco do fato azul-marinho caro que estava

pendurado. – De qualquer maneira, suponho que vais poder vender o cu para ganhar uns trocos quando eu acabar de te tratar da saúde. Não tenho planos para ele.

Revistou rapidamente a casa. Não havia comida, só algumas saquetas de chá, café e açúcar. Nem livros nem cartas, como se ele tivesse ido para ali à pressa e abandonado tudo o que se passara antes. A casa de banho revelou a sua verdadeira natureza narcisista, com prateleiras em que havia autobronzeador, cremes faciais, água-de-colónia cara e uma série de champôs e óleos para o banho.

No armário por baixo das escadas estava um caixote de uísque *Johnny Walker*. Harry arrastou-o para si, depois pegou nele e levou-o para a mesa da cozinha. Uma breve inspeção revelou pormenores das vítimas de Wainwright, arquivadas por ordem alfabética dos seus nomes próprios, cada uma delas numa pasta de cartão. Havia pelo menos vinte e cinco pastas.

O dossiê de Tara era grosso e quando Harry o abriu a excitação de encontrar de facto provas concretas transformou-se instantaneamente em náusea. Primeiro havia mais fotografias ampliadas para as quais ele não conseguiu evitar olhar, para além de algumas a preto e branco e desfocadas tiradas sem o conhecimento dela. Em algumas, estava com Josh, a entrar no carro dele, a ir a um restaurante. Numa aparecia à janela do seu ateliê a olhar para a rua lá em baixo, numa outra estava no seu quarto só em *soutien* e calcinhas, e só poderia ter sido tirada da igreja do outro lado da rua.

– Seu cabrão, tens andado a espiá-la – murmurou, anotando mentalmente que o assustaria ainda mais antes de sair da casa.

Deixando o caixote no *hall*, Harry voltou para o andar de cima. Wainwright estava extremamente nervoso, a pingar suor, às voltas e a estrebuchar na

cama de tal maneira que era surpreendente que não tivesse caído dela.

– És patético. – Harry olhou para baixo com desprezo para o homem e desejou que Myra pudesse vê-lo assim para nunca mais querer olhar para ele.
– És como o raio de uma grande lesma, a deixar um rasto de baba por onde passas.

Nos olhos castanhos de Wainwright havia uma expressão de súplica.

– Quero saber mais – disse Harry, avançando para a cama com a navalha na mão. – Quero saber de onde és, a tua verdadeira casa. Se não me quiseres dizer corto-te a outra narina. – Tirou a meia da boca de Wainwright. – Vá lá então, tens dois minutos. Nome verdadeiro, morada verdadeira.

– Wainwright é o meu nome verdadeiro. – A voz tremia-lhe com medo. – Esta é a minha morada verdadeira.

– Tretas, não tens nenhuns pertences aqui.

– Fui casado. – Os olhos do homem encheram-se de lágrimas. – Ela pôs-me fora.

– A morada – ordenou Harry.

– Cento e trinta e um, Gorse Road, Bushey, no Hertfordshire – gemeu Wainwright. – Mas não vá lá... os meus filhos.

– Tens filhos? – Harry curvou os lábios com repugnância. – Que Deus os ajude, terem um pai como tu. Porque é que a tua mulher te pôs fora?

Wainwright limitou-se a tremer e a gemer.

– Descobriu que eras larilas, suponho?

A ausência de resposta parecia confirmar essa hipótese.

– Bem, eu vou-me embora daqui a uns momentos. Já respirei tanto do teu fedor quanto consigo aguentar. – Harry estendeu a mão, pegou na meia da

cama e voltou a enfiá-la na boca de Wainwright. – Vou levar os dossiês, passo pela esquadra a entregá-los. Vou explicar que tu próprio os terias levado, mas que estás de mãos e pés atados neste momento. – Harry riu-se sarcasticamente da sua piada. – Não entres em pânico, grandalhão, vão-te soltar de manhã!

Estava prestes a desligar a luz do quarto quando Myra lhe veio à mente.

– Já agora. – Harry inclinou-se sobre a cama e encostou a navalha à face de Wainwright. – A Myra do *pub*! Ela não me contou nada sobre ti. Nada de nada. Segui-te até aqui e tirei aquele envelope de trás da caixa registadora. Se descubro que lhe aconteceu alguma coisa ou que te aproximaste dela juro que volto e te corto a pila.

Fez uma pausa, espetando a ponta da navalha na sua face o suficiente para que o homem soltasse um grito abafado que tinha de ser de concordância. Harry deslizou a navalha pela face de Wainwright suficientemente fundo para fazer sangue e aterrorizar o homem.

– Uma cicatriz na cara de um homem é um sinal inconfundível, é o que penso sempre. – Harry sorriu trocista. – Avisa as pessoas de que não devem confiar no sujeito, como um leproso com uma sineta.

Apagou então o candeeiro da mesa de cabeceira, sorrindo ao ouvir mais sons abafados de aflição.

– Acalma-te, Simon Simplório – disse em voz alta. – A polícia vai acabar por chegar, não vale a pena estrebuchares.

*

Harry estava sentado à sua secretária com a cabeça entre as mãos. Já era de dia, e ele passara em revista cuidadosamente cada um dos dossiês. A razão dizia-lhe que seria melhor entregar anonimamente tudo aquilo numa esquadra

e deixar que os policiais tratassem do assunto, mas os seus antecedentes tinham-no condicionado a não confiar neles.

Era uma batata quente, sem dúvida. A chantagem era um crime desprezível, mas algumas das pessoas naquelas pastas não mereciam compaixão, e Harry sentia-se tentado a passar a informação a um dos tabloides de domingo dos mais duvidosos. O político que tinha levado dois rapazes menores para um hotel em Brighton fazendo de conta que era seu tio, mas dias mais tarde falou sobre limpar o vício nas zonas degradadas das cidades. O homem que fazia abortos às mulheres de quartos alugados em Paddington, deixando um rasto de carnificina. Mas havia outros, meros azarados – um travesti, adúlteros e homossexuais, e mulheres como Tara, suficientemente tontas para se deixarem fotografar em posições comprometedoras. Não deviam ser punidos com mais humilhação.

Contudo, se ele não entregasse aquelas coisas à polícia, o que deveria fazer com elas? Queimá-las, devolvê-las aos seus donos ou meramente guardá-las? Passou da secretária para o sofá de couro e deitou-se.

Esta era a única divisão no edifício a que não fizera nenhuma alteração estruturais, e adorava-a. Recordava-lhe sempre como a Dona Sorte podia ser inconstante, e o trisavô Baxter na parede, com a sua expressão de desdém, assegurar-se-ia de que ele tomaria bem conta do negócio.

As vidraças das janelas tinham sido substituídas, quinze vidrinhos para lhe recordar a prisão, mas a vista era do Tamisa. Em tempos, os Baxters deviam ter-se posto àquela janela a ver os navios descarregarem a sua mercadoria lá em baixo. Ele não poderia supervisionar dessa maneira, mas tinha um óculo no apainelado da parede para vigiar o *croupier* na sala de jogo ao lado.

O apainelado de carvalho fora envernizado, uma alcatifa cinzenta colocada no chão. Uma velha secretária com tampo fora um achado num adeleiro em Shoreditch. Era um espaço verdadeiramente masculino. Harry gostava de se deitar no sofá e imaginar-se daí a três ou quatro anos como um magnata, sentado à secretária a berrar ordens aos seus subordinados.

Sentiu que as suas pálpebras se cerravam e disse para consigo que faria só uma soneca, depois telefonaria a Tara e à polícia para lhes dizer que Wainwright estava amarrado.

Umas pancadas na porta acordaram-no. Alguém estava a tentar entrar lá em baixo.

Correu para o patamar e depois pela escadaria larga na direção do átrio e da porta da rua.

– Já vou – berrou quando soaram mais pancadas na porta. – Esperem lá!

Era a entrega de mobiliário – vinte e quatro mesas redondas pequenas, sessenta cadeiras e doze sofás com botões cravejados nas costas num veludo vermelhoa-escuro.

– Já cá tínhamos vindo. – Um dos homens parecia furioso. – Não ‘tava ninguém cá. Tem sorte que a gente não levasse as coisas p’ra trás.

Demorou algum tempo a descarregar tudo e Harry sentiu-se obrigado a dar a ambos uma bebida no bar quando terminaram. Ao acompanhar os homens à porta, lançou por acaso um olhar ao seu relógio de pulso.

– Com um raio! – exclamou. Passava das seis, Wainwright estava amarrado há umas quinze horas.

Ligou para o número de emergência nervosamente, pediu para falar com a polícia, deixou a mensagem de que havia um homem amarrado na Loftus

Road e pousou o auscultador a toda a pressa antes que a chamada fosse localizada. A seguir telefonou a Tara.

– Tenho estado de cabeça perdida com a preocupação. – A voz dela soava trémula e assustada. – O que é que aconteceu?

– Fiquei retido – respondeu Harry. – Mas não te preocupes, tenho os negativos, ele não volta a incomodar-te, nem a ti nem ao Josh.

Ouviu-a respirar fundo, soava como se estivesse a chorar.

– Acabou tudo, *baby* – tranquilizou-a. – Agora posso ir até aí? Quero desfazer essas preocupações todas com beijos.

*

– Então sempre vai ser o Harry? – A avó estava sentada na cadeira de balouço e parecia estar a chupar limões. – Depois de todos os avisos, continuas a querer um homem que esteve na cadeia e é um jogador?

Tara estava pronta para ir embora, de calças de ganga e *t-shirt*, o saco de viagem no chão da cozinha ao seu lado. Tinham passado três semanas desde Southend e esta visita de três dias a casa fora pensada como uma missão de paz, uma oportunidade para refletir sobre os seus sentimentos e descobrir se Harry alguma vez seria aceite.

– Vá lá, Avozinha. – Tara cruzou os braços insolentemente e desviou o olhar indignada. – É do Harry que estamos a falar, não de alguém que fui arranjar num albergue do Exército de Salvação.

Estava de partida, um dia mais cedo do que o previsto, porque já não conseguia suportar mais discussões. Em vez de regressar revitalizada, sentia-se pior do que quando chegara.

– Escrevi a contar-lhe tudo – prosseguiu Tara. – Recusou-se a acusar a receção da carta, nem sequer quis falar comigo ao telefone. Bem, já fiz tudo o que podia, e se não quer aceitar o Harry então vou voltar para Londres e ficar lá. – Virou-se furiosa, abriu a porta da cozinha e saiu para se despedir da mãe.

O terreiro estava banhado pela luz do sol e um par de galinhas debicava umas palhas junto ao galinheiro. A porta do celeiro estava aberta de par em par, revelando um espaço deixado pelo novo trator que Stan estava a usar no prado mais baixo. Viam-se sinais por toda a parte de uma nova prosperidade, não só o trator. Havia uma porta mais forte no celeiro, na divisão ao lado da leitaria havia uma tabuleta em cores vivas a anunciar «Loja da quinta», com dúzias de frascos de compota e de doce de laranja dispostos na montra, e um banco recentemente pintado estava colocado no exterior para que os clientes pudessem sentar-se e comer um gelado ou tomar uma bebida. Grandes vasos com petúnias e um cesto pendurado na parede da leitaria contribuíam para a cena idílica.

Amy estava a lavar as batedeiras na leitaria. Ergueu a cabeça quando Tara entrou e sorriu debilmente. Estava com o seu grande avental branco e tinha o cabelo louro atado com um lenço, mas havia uma expressão de derrota nos olhos.

– Ela não veio às boas?

– Não, Mãezinha, e não me parece que isso venha a acontecer. – Tara pousou o saco no chão de lajes. Não queria partir assim, mas a avó não lhe dera outra opção.

Amy suspirou e limpou a testa com as costas da mão. Estava de novo entre a espada e a parede, e não sabia o que pensar, muito menos o que fazer.

– Mãezinha, o que é que eu faço? – Tara começou a chorar e Amy aproximou-se imediatamente para a reconfortar. – Sou tão feliz com o Harry, ele é tudo para mim no mundo. – Soluçou contra o ombro da mãe. – Ele não é como o pai ou como o avô, não é.

– Pronto, pronto. – Amy apertou Tara ao peito. – Eu sei que o Harry não é como eles. É só essa coisa do clube noturno que nos preocupa. Todos aqueles sujeitos duvidosos. Não conseguimos evitar preocupar-nos, não só com o que pode acontecer-lhe a ele, mas a ti também. Mudaste-te do apartamento por cima da loja. O que é que vai acontecer quando estiveres a pé metade da noite com o Harry? Vais conseguir trabalhar?

– O Harry não está a viver comigo – disse Tara, erguendo o rosto manchado de lágrimas para a mãe. – Ele tem uma casa dele no Angel. Eu não vou ao clube todas as noites!

Não era estritamente verdade que Harry não estivesse a viver com ela, porque passava todas as noites com Tara desde que ela se mudara. Mas tinha um apartamento seu, para quando o clube noturno abrisse.

– Só o tempo pode resolver isto. – Amy limpou o rosto de Tara com a ponta do avental – Eu não estou contra ti. Amo-te demasiado para isso, e sei o que se sente quando se quer estar com o homem que se ama.

– Oh, Mãezinha. – Começaram a correr-lhe novas lágrimas dos olhos. – Ela também tem sido desagradável para si e para o Greg, não tem?

– Consegue ser a mulher mais irritante do mundo – disse Amy com amargura. – Queríamos casar este verão, mas ela conseguiu dar cabo do plano fazendo-me sentir culpada.

– Como? – perguntou Tara.

– Bem, tivemos uma discussão quando o Greg sugeriu que se construísse um consultório aqui. Perdi a paciência com ela e saí disparada, a dizer que lhe ia dar a provar como seria a vida sem mim sempre ao dispor dela.

– Foi nessa altura que ela torceu o tornozelo? – perguntou Tara. Pressentira que havia algo mais na história de a avó ter escorregado no curral há um ou dois meses, mas não soube que Amy não se encontrava lá nessa altura.

– Foi. – Amy corou, com a recordação a fazê-la ainda sentir-se culpada. – Aconteceu no dia a seguir a eu sair daqui disparada. Ela não me telefonou nem nada. Limitou-se a ligar o tornozelo e a andar por aí a manquejar com uma bengala. O Stan acabou por ir à casa do Greg para dizer que a quinta estava numa confusão terrível.

– Ela não conseguiu arranjar-se sem a Mãezinha, então? – Tara sentiu um pouco de prazer com isso.

Amy fez um meio sorriso.

– Olhava pelos animais, mas era tudo. A louça estava acumulada no lava-louça, o chão coberto de lavagem para os porcos, porque ela não conseguia carregar os baldes. Podes adivinhar o resto.

– Mas a não ser que a Mãe se mantenha firme, ela vai sempre esperar que faça as coisas. – Tara agarrou os braços da mãe e apertou-os. – Não pode casar com o Greg e viver com ele, mas vir cá todos os dias?

– Ela ia ficar tão sozinha – Os olhos de Amy encheram-se de lágrimas e desta vez foi Tara quem a reconfortou.

– Mas se ela se sentisse só não tardaria a permitir que o Greg construísse o consultório – disse Tara. – Não pode deixar que ela a chantageie.

– É mais fácil de dizer do que de fazer. – Amy soltou-se e enxugou os olhos. – Por agora, estamos só à espera, a tentar amolecê-la.

– Suponho que é o que eu vou ter de fazer também. – Tara sorriu sombriamente.

Amy ergueu os olhos para o relógio na parede da vacaria. – Se queres apanhar o autocarro do meio-dia é melhor ires indo – disse com tristeza. – Dá tempo ao tempo. Não só com a tua avó, mas também com o Harry. Mantém as tuas opções em aberto.

Não havia nada mais a dizer. Tara pôs os braços à volta da sua mãe mais uma vez e apertou-a ao peito.

– Adeus, Mãezinha – segredou. – Mantenha-se em contacto!

– Tu és a coisa mais preciosa na minha vida – segredou Amy em resposta. – Quero acima de tudo que sejas feliz. Se o Harry é quem te faz feliz, eu não me vou opor.

*

Tara teve de correr para apanhar o autocarro e já estavam quase a virar para a estrada para Stanton Drew quando recuperou o fôlego.

A antiga casinha de portagem redonda com o seu telhado de colmo no meio do cruzamento evocou-lhe recordações de Simon. Quando Harry finalmente telefonou a dizer que tratara do caso de Wainwright, ela só sentiu alívio. No dia seguinte, porém, ao ler nos jornais a história sobre o homem amarrado e torturado em Shepherd's Bush, sentiu-se agoniada. Tinha de ser Simon, e, embora Harry estivesse meramente a protegê-la, não dava uma sensação agradável saber que ele era capaz de fazer tais coisas.

Harry recusou-se a confirmar ou negar o que fizera. Só o preocupava mudá-la do apartamento por cima da loja para um apartamento próprio. Mas as palavras de Josh sobre o assunto fizeram-na sentir-se enregelada.

– Se essa é a maneira dele de resolver um problema, espero que vocês os dois nunca se zanguem.

Josh andara melancólico e amuado durante uns dias depois do acontecimento; disse pouco quando ela alugou o apartamento que fora deixado por uma das amigas de Miranda na Pembridge Road, em Notting Hill Gate. Mas desde essa altura voltara a tornar-se mais caloroso. Encontrara uma rapariga para a ajudar no ateliê e até lhe comprou um televisor como presente para a casa nova.

A razão dizia a Tara que devia sentir-se completamente feliz. O apartamento era uma só divisão grande e soalheira com uma cozinha minúscula e uma casa de banho, mas tinha a sua própria porta da rua e enormes janelas a darem para uma rua muito mais tranquila do que Church Street e dava a sensação de ser um verdadeiro lar. Harry arranajara um amigo para pintar o apartamento. Ela abriu os cordões à bolsa e comprou um sofá-cama e cortinas até ao chão com um padrão de selva.

Contudo, apesar de quando estavam juntos a paixão arredar toda a ansiedade, uma vizinha estava sempre a dizer-lhe que devia ter cuidado.

CAPÍTULO 27

— **P**or favor, tenta dar a impressão de que queres ir à festa – suplicou Tara a Josh quando estavam a atravessar a City de carro. – Conheces o Harry desde que vocês eram pequenos, vai haver uma data de gente lá que conhecias nessa época. Vai ser divertido!

Josh estava no seu melhor nessa noite, de *smoking* e laço. Os seus caracóis escuros brilhavam, o seu rosto estava bronzeado. Parecia um homem a caminho do seu primeiro milhão.

– Tão divertido como era ouvi-los chamarem-me judeu sujo – disse ele secamente. – Não consigo de facto lembrar-me de uma única pessoa simpática dessa época.

– Tu disseste que o Harry era bondoso dantes!

– Bem, sim, suponho que era.

– Se não houver mais nenhum motivo, podes pavonear-te. – Tara soltou uma risada. – O que pode ser melhor do que voltar podre de rico e esfregar o nariz das pessoas nisso?

Tara não sabia realmente por que motivo convencera Josh a ir à festa dessa noite. Ele não era nada divertido quando se encontrava naquele estado de espírito sério de introspeção, e Harry não queria realmente saber se ele viria ou não. Mas ela sabia que a imprensa estaria lá e Harry precisava de todas as celebridades que conseguisse mostrar ao seu lado.

Pelo menos, ela sabia que estava bonita. Fizera a sua indumentária – um macacão branco com um grande decote, colado ao corpo como uma segunda pele, com calças à boca de sino e um cinto largo com contas à volta das ancas. O casaco a condizer, que trazia pelos ombros, estava cravejado com

contas no cabeção e nas lapelas. Passara duas horas no cabeleireiro a fazer caracóis pequenos, e por uma vez sabia que estava linda de morrer!

Quando Josh virou da rua principal logo a seguir à Tower Bridge, Tara recordou-se de novo de como o clube noturno de Harry era um tiro no escuro.

O reclamo de néon verde do Top Cat Club brilhava por entre a escuridão à frente deles. O logotipo de um gato com uma cartola parecia desafiar as paredes de tijolos enegrecidos pelo fumo que o rodeavam, as janelas entaipadas, o ar de infestação de ratazanas daquele lugar.

Ficou surpreendida ao ver que Harry mantivera todas as polias e os guinchos e os mandara pintar no seu vermelho original para condizer com a enorme porta das cargas e descargas. Para além das vidraças nas janelas, das paredes pintadas e das portas restauradas, estava tal e qual como ela o vira em fevereiro.

– Não parece lá muito promissor! – O júbilo de Josh mal estava controlado.
– Dou-lhe até ao Natal.

– Não sejas tão bota-abaixo – ralhou Tara. – Ele nunca foi assim em relação a ti. Se te ouvir dizer mais uma palavra negativa que seja esta noite, despeço-me.

– Não é minha intenção ser desagradável. – Josh virou os seus olhos tristes para ela. – Sim, sinto ciúmes, porque ele te tem e eu acho que é o tipo errado para ti. Mas desejo-lhe realmente sucesso, juro-te. – Tirou uma garrafa de um litro e meio de champanhe do banco de trás. – Estás a ver, até lhe trouxe um presente.

*

Tara entrou pela pequena porta ao lado da zona de cargas e descargas com Josh logo atrás de si, subiu três ou quatro degraus e estacou.

Não foi o choque de ver Harry incrivelmente atraente de *smoking* e laço, mas a surpresa de sair daquela rua escura e desagradável para um lugar tão esplêndido como aquele. Tapou a boca com a mão e ficou a olhar espantada.

A escada em espiral tinha desaparecido. Não havia já paredes divisórias. Encontrava-se antes num átrio espaçoso com uma alcatifa fofa. À sua esquerda, uma escadaria larga de carvalho conduzia a uma galeria, e suspenso no espaço estava um enorme candelabro. Mal teve tempo de apreender o esplendor ou de reparar nos rostos interessados que se viraram para olhar para ela do outro lado de um arco que dava para o bar quando Harry lhe passou o braço à volta do corpo e ela se viu arrastada para dentro.

– Esta é a minha namorada! – disse ele, com um sorriso de orelha a orelha.
– Menti quando disse que era a rapariga mais bonita do mundo?

– Harry! – Tara enterrou o rosto no casaco dele, embaraçada, consciente de que todos os homens estavam a olhar para ela.

– Bem, é verdade. – Harry soltou-a e beijou-a levemente, olhando para Josh. – Fico contente por teres conseguido vir, Josh, é bom ver-te outra vez. Agora deixem-me apresentá-los aos dois à rapaziada!

Tara sentia-se dividida entre olhar para o clube ou para os quatro homens elegantemente vestidos, os ajudantes de Harry, que estavam à espera de serem apresentados. Perguntava-se como Harry conseguira encontrar um candelabro, trazê-lo e pendurá-lo sem o ter mencionado uma única vez. Onde aprendera a colocar uma escadaria tão enorme como aquela? O papel de parede às riscas, os painéis de madeira, os espelhos e as alcatifas, como conseguira combinar tudo e fazer com que parecesse tão perfeito?

– Já conhecias o Needles. – A atenção dela foi arrancada ao espaço e desviada para o homem à sua frente. Conhecera-o quando viera para Londres,

embora nessa época ele não parecesse tão intimidativo. Os seus ombros eram como portões de quinta, as mãos como presuntos, e parecia uma torre a pairar acima dela.

– Estás muito elegante esta noite. – Retribuiu-lhe o sorriso ofuscante. Ele continuava a usar o seu cabelo preto encaracolado muito curto e os seus olhos escuros brilhavam divertidos. A sua mão quase esmagou a de Tara, e ela pensou por um momento se alguém se atreveria alguma vez a pregar-lhe um murro.

– Não tão deslumbrante como tu – disse ele todo galante numa voz tão de adenoides quanto ela recordava. – Estás o máximo!

– Muito obrigada. – Tara sorriu-lhe. Conseguia ver imediatamente por que Harry mantivera do seu lado este amigo em particular. A lealdade, a fiabilidade e o humor estavam estampados no seu rosto grande.

Harry prosseguiu apresentando Tony, outro amigo da infância que seria o gerente do bar. O seu pai era italiano e ele herdara a pele morena, os dentes brancos e brilhantes e os olhos escuros e meigos.

Dennis e Alec encarregar-se-iam das salas de jogos no andar de cima. A voz de Dennis tinha o tom afetado de quem andara em bons colégios particulares, era alto, magro e tinha um ar aristocrático. Mas Tara sentiu-se pouco à vontade ao olhar para os seus olhos azuis frios. A sua boca sorria, mas, de algum modo, o resto do seu rosto não acompanhava o sorriso. Era mais fácil gostar de Alex, um rapaz *cockney* com sardas polvilhadas no seu nariz achatado. Harry falava frequentemente deste homem, em tempos profissional do boxe, que deixara a sua paixão pelas mulheres interferir com o treino. Não era bonito, demasiado entroncado, demasiado pálido, mas o seu

sorriso era caloroso e envolvente; quando lhe apertou a mão, segurou-a um segundo mais do que seria normal.

– Bem, vamos lá arranjar-vos uma bebida. – Harry deu uma palmada no ombro a Josh e conduziu-os a ambos para o bar.

– Oh, Harry. – Os olhos de Tara brilhavam enquanto olhava à sua volta. – Não consigo acreditar que fizeste isto tudo!

Em frente a eles estavam três janelas grandes com as cortinas de veludo vermelhas abertas para deixar ver o rio. Na frente havia bancos e mesas, cada uma delas com um pequeno candeeiro com um quebra-luz. Ela compreendia agora o fascínio de Harry pelo rio. O sol estava a afundar-se na direção da Tower Bridge, tornando o céu púrpura e cor-de-rosa. A água era uma faixa de prata e quando passou um *ferry* a caminho de Greenwich ela sentiu o desejo infantil de acenar aos passageiros.

À sua esquerda havia um balcão comprido em curva de mogno brilhante, com um varão para os pés em latão, e uma parede espelhada por trás das garrafas. À direita, no canto mais afastado das janelas, havia um pequeno palco onde um quarteto de músicos de *smoking* tocava música de dança suave, e, à sua frente, uma minúscula pista de dança. Nas outras paredes havia uma prateleira à altura do cotovelo para quem quisesse beber de pé, e uma enorme quantidade de comida estava posta numa mesa comprida no centro da sala.

– Não parece muito mal, pois não? – Harry sorriu.

– Está maravilhoso. – Tara passou o braço à volta dele e beijou-lhe a face.
– Sinto-me tão orgulhosa de ti.

– Tive alguma ajuda. – Parecia vagamente embaraçado agora. – Os rapazes todos deram uma mão.

Passou-lhes para as mãos um copo de vinho do bar.

– Estes são à borla. – Sorriu. – Se quiserem mais alguma coisa vão ter de pagar, receio bem. Se eu tivesse dito que as bebidas eram todas por conta da casa matavam-me na corrida ao bar!

Tinham chegado cedo e só havia ainda algumas pessoas. Josh bebeu um gole de vinho e olhou à sua volta.

– De quantas pessoas estás à espera? – perguntou.

– Cerca de quinhentas – respondeu Harry, a desviar os olhos na direção do átrio. – Posso confiar em ti para olhares pela Tara? Tenho de ir receber os meus convidados. Dar uma volta por aí. Há outro bar mais pequeno nas salas de jogos. Eu volto já.

– Não é maravilhoso? – Tara bebeu um gole de vinho e esperou que Josh fizesse um comentário. Sabia que ele estava atónito, mas apostava que voltaria à carga com algum comentário sarcástico.

– É incrível – disse ele por fim, fazendo-a arregalar os olhos com surpresa. – Vim aqui uma vez há uns anos, quando o Chas Baxter queria vender o armazém. Não julguei que ninguém pudesse fazer alguma coisa dele. Mas o Harry teria feito melhor se tornasse isto um sítio para gente mais da moda, com luzes estroboscópicas e coisas do género. Isto assim é um bocado datado.

Tendo em conta o elogio, Tara não refilou em relação ao seu outro comentário. Começavam a chegar cada vez mais pessoas e o seu instinto dizia-lhe que Harry estava no bom caminho.

– Tara, minha doçura. – Queenie encaminhava-se para eles, estola de marta sobre um ombro cor-de-rosa, cabelo louro penteado para cima em caracóis

cuidadosamente construídos. – Bem, deixa-me ver-te em condições! – Fez girar Tara, o seu rosto rosado com a excitação.

– Estás o máximo – disse, dando uma palmadinha nas nádegas pequenas e redondas de Tara no seu fato justo. – Só não te deixes entusiasmar co’a dança e não me rasgues essas calças. Aposto que não trazes nada por baixo.

– A Queenie também está deslumbrante. – Tara riu-se. O vestido de Queenie era comprido, cor-de-rosa e cheio de brilhos, com uma racha até ao joelho. – Aposto que traz alguma coisa por baixo? – Deu uma palmadinha no seu rabo grande, que estava duro como uma parede.

– Uma cinta com umas varetas mágicas para me apertar a barriga – Queenie riu-se, a segredar com a mão à frente da boca. – Mas duvido que me consiga sentar. Às vezes, penso que devia aceitar a meia-idade graciosamente e cobrir-me de poliéster!

– Nem se atreva. – Josh sorriu-lhe calorosamente. Identificava-se com Queenie, ela tinha o mesmo estilo de muitas das amigas judias da sua mãe. – Gosto de ver senhoras glamorosas.

– Onde é que está o tio George? – perguntou Tara, passando para as mãos de Queenie um copo de vinho que ela bebeu de um gole.

– Ali fora com o ‘Arry. – Inclinou uma mão cheia de anéis na direção do átrio. – ‘Tá como um cão com dois pares de tomates hoje. Não adoras isto? O nosso ‘Arry não é um rapaz esperto?

A admiração jubilosa de Queenie pelo seu enteado era como um bálsamo quente num ponto dorido, tão diferente dos elogios tépidos e cautelosos que a sua avó e a sua mãe lhe faziam. Mas Queenie viera para uma festa e fazia questão de não acabar a noite sem conhecer todos os convidados sem

exceção. Pegando na mão de Tara, arrastou-a para um grupo de pessoas que vinham a entrar e meteu-se no meio delas.

Harry acertara em cheio na combinação de personalidades e proveniências. Velhos amigos da geração de Queenie e George traziam cor e simpatia. Criminosos mais velhos, com os seus rostos marcados por cicatrizes e fatos caros, acrescentavam o fator de perigo, enquanto uma dúzia de raparigas bonitas que Miranda arrebanhara dos seus lugares habituais forneciam a sofisticação.

Os durões *cockneys* eram óbvios pelo seu cabelo curto, camisas de um branco ofuscante, gravatas discretas e fatos completos caros. As suas mulheres, muitas com penteados em forma de colmeia, vestidos de noite brilhantes e saltos agulha, estavam sentadas às mesas com copos de *gim* com laranja numa animação efervescente. Chegou Barbara Windsor, a cumprimentar velhos amigos com gritinhos de alegria. Terence Stamp estava junto à porta, a sorrir sardónico como se desejasse poder relaxar e esquecer-se de que era uma estrela. A sua namorada era tão magra como um galgo, com cabelo comprido louro e olhos como centáureas-azuis gigantes.

Steve Marriott, dos Small Faces, estava a conversar com George, que conhecia desde que era pequeno. Tara viu que Queenie estava a mirá-lo de alto a baixo e perguntou-se quando ela o convidaria para uma refeição para o engordar. Ele trouxera alguns amigos, todos os homens pequenos, magricelas e com o cabelo comprido, a parecerem pavões com as suas camisas berrantes e as suas calças de veludo. As raparigas deles eram do tipo de modelos, com feições perfeitas e saias que pareciam cintos largos.

À meia-noite, o bar principal encontrava-se tão apinhado que o próprio Harry teve de se pôr atrás do balcão para servir bebidas. A pequena pista de

dança estava cheia de casais na marmelada, enquanto um cantor com uma voz como a de Matt Monroe cantava *Moon River*.

– Ele é um rapaz esperto – disse Queenie, a sorrir com orgulho. – Boa ideia aquela, dar-lhes vinho quando chegaram. Olha p’ra eles agora, a comprarem bebidas como se se fossem esgotar.

– Não julguei que isto fosse resultar, não até esta noite – admitiu George, a arranjar o laço no pescoço com uma mão enquanto fumava um charuto. – Mas ele acertou em cheio. Desde que os tipos da alta apareçam para jogar de vez em quando, vai ter sucesso.

A festa estava ao rubro. As mesas estavam cobertas com bebidas, todas as cadeiras ocupadas e o resto do espaço apinhado com pessoas de pé. Risos e conversas misturavam-se com a música de dança. Uma névoa de fumo erguia-se na direção das luzes, o ar estava impregnado com o cheiro a perfume e a charutos. Por trás do balcão, as três empregadas não tinham mãos a medir, com três camadas de clientes a acenarem com notas de dez libras.

Tara estava a divertir-se imenso. Josh fora finalmente para casa e ela era o centro das atenções, tanto da imprensa como dos amigos de Harry. Via com os seus próprios olhos que o clube ia realmente resultar.

Estava agora um pouco embriagada, encostada ao balcão a ver o que se passava. A banda já se fora embora e Harry pusera uma cassete a tocar. Ouvia-se *Wait till the Midnight Hour*, de Wilson Pickett, as luzes por cima do palco a lançarem raios esfumados vermelhos, verdes e azuis sobre as pessoas que estavam a dançar.

Um grupo de raparigas com penteados em forma de colmeia, a que se tinham vindo juntar Miranda e algumas das suas amigas cheias de estilo,

estava a dançar. Tinham descalçado os sapatos, esquecido as suas malas de mão e os seus acompanhantes.

Queenie também lá estava. Dançava com graciosidade, apesar do seu peso, embora a cinta estivesse claramente a atrapalhá-la. George estava sentado na beira do palco, com o laço a pender solto à volta do colarinho desabotoado e os suspensórios à vista. Tinha os olhos pregados em Queenie, um sorriso a bailar-lhe nos lábios. Ela e Harry seriam assim quando chegassem à idade deles?

– Em que é que estás a pensar? – Ela deu um salto quando Harry lhe falou baixinho ao ouvido, não o ouvira aproximar-se à socapa.

– Estava a pensar se vamos ser como a Queenie e o George quando tivermos a idade deles.

– Não. – Abanou a cabeça. – Vamos ser mais magros, mais atraentes e muito mais ricos. Vem dançar comigo. Quero uma desculpa para te ter nos braços.

– Porque é que precisas de uma desculpa? – Pousou a cabeça no ombro dele enquanto dançavam. Perguntava-se muitas vezes se seria a única mulher no mundo a sentir-se excitada com o corpo do seu homem. Não só durante o sexo, mas a qualquer momento. A sensação da sua carne rija contra o corpo macio dela, passar os dedos pelos músculos das suas pernas e dos seus braços, o estômago liso como uma tábua. Até as mãos dele a faziam sentir-se fraca, tão fortes, e no entanto, quando ele queria ser meigo, os seus dedos eram mais delicados do que os de uma criança.

– Porque se me pusesse a dar-te mimos as pessoas iam julgar que eu tinha ficado um mole – segredou-lhe ao ouvido, passando a língua à volta do rebordo. – É tudo uma questão de aparências, Tara. Tenho uma namorada

linda, sabem que eu era capaz de matar quem tentasse fazer-te mal, mas não posso comportar-me como se estivesse de cabeça perdida.

– Estás de cabeça perdida?

– Oh, sim. – Pousou uma mão na face dela, a outra a segurar-lhe a cintura, olhos azuis a fitarem os seus. – Tu significas mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Este clube é só um degrau para um tipo de vida melhor para nós.

O coração de Tara batia-lhe com força no peito e quis poder descrever a Harry o quanto o amava.

– Eras realmente capaz de matar por mim? – Pôs os lábios na sua face e passou um dedo à volta da sua orelha.

– Espero que nunca ninguém me ponha à prova.

*

Já passava das três da madrugada quando os últimos convidados se foram embora. Tara estava sentada nas escadas a ver Needles chamar táxis e ajudar as senhoras a vestirem os casacos. Sentia-se deliciosamente toldada, não sabia onde tinha posto os sapatos e o casaco estava sempre a cair-lhe dos ombros.

– Está tudo bem, *baby*? – perguntou Needles. – Posso-te trazer alguma coisa?

– O Harry ganhou carradas de dinheiro hoje? – perguntou ela, numa voz arrastada.

– Parece que sim, qu'rida. – Needles arregaçou um pouco as calças e sentou-se ao lado dela. – Ele 'tá lá em cima no escritório a metê-lo no cofre neste momento. Vai correr tudo bem.

– Onde é que está a tua mulher, Needles? – perguntou ela. – Não lhe fui apresentada.

– 'Tá em casa, minha doçura, metida na cama à minha espera.

– Não esteve cá?

Ele riu-se, uma gargalhada rosnada do fundo da barriga.

– Este é o meu trabalho – disse. – Ela não vai vir cá. O lugar dela é em casa c'os miúdos.

Tara estava demasiado bêbeda para digerir aquilo nesse momento, mas pareceu-lhe que a mulher de Needles não tinha a vida fácil.

*

– Não te vejo a esperar até ao fim da noite comigo muitas vezes. – Harry abriu a porta do apartamento com Tara passada por cima do seu ombro. Ela adormecera no táxi e ele tinha-a trazido para dentro de casa.

– Eu tiro a carta e depois posso vir para casa sozinha – respondeu Tara quando ele a sentou no sofá.

– Eu não ia confiar que conduzisses em segurança – lançou-lhe ele por cima do ombro enquanto corria as cortinas. – Ponho-te num táxi.

– Tens medo de que eu me torne independente? – Pôs-se de pé, um pouco cambaleante, tirou as almofadas do sofá e abriu-o. A cama já estava feita, e foi buscar as almofadas ao armário.

Sentia o cheiro a tabaco em tudo, nas roupas, no cabelo e na pele. Queria tomar um duche, mas sabia que estava demasiado bêbeda.

– Acho que sim. – Harry parecia vagamente envergonhado. – Isso, e o facto de que não aprovo que as senhoras conduzam!

Eram quase quatro da manhã. Ela tinha o dia de folga desta vez, mas passou-lhe pela cabeça a ideia de que não conseguiria suportar este tipo de ritmo por muito tempo.

– Vai ser sempre assim até tão tarde? – Sentou-se na cama e descalçou os sapatos.

– Ainda mais tarde, por vezes. – Harry tirou o casaco e o laço que tinha soltado no táxi. – Depois de começarmos a ter jogos de cartas em grande pode ser toda a noite. – Sentou-se ao lado dela e puxou-a para os seus braços. – Temos de nos lembrar que não é para sempre – disse baixinho contra o seu cabelo ao mesmo tempo que lhe abria o fecho do fato. – Quando tudo estiver a correr sem sobressaltos, eu vou poder ter mais tempo livre. Mas vai ser no duro nos próximos três ou quatro meses. Aposto que o Josh fez a previsão que eu vou à falência até lá?

– Não, deu-te até ao Natal. – Tara riu-se. – A propósito, não me contaste o que o Josh disse em relação a teres tratado do caso do Simon. – Vira-os conversar, imediatamente antes de Josh se ir embora, e sabia que fora sobre esse assunto.

– Não disse grande coisa. O que havia para dizer? Só obrigado.

A atitude chauvinista dele subitamente irritou-a – primeiro a sugestão de que não poderia confiar nela para conduzir um automóvel e agora esta resposta humilhante. Ele não se apercebia de que o cérebro dela era tão aguçado quanto o dele.

– O que é que fizeste exatamente ao Simon?

– Nada. Só lhe fiz a folha.

Tara virou-se para olhar Harry de frente e o fato caiu-lhe sobre os ombros a mostrar os seus seios. Ele parecia despreocupado, tão calmo como se ela

estivesse a referir-se a alguém lá na vila.

– Não me tentes enganar, Harry Collins – disse com firmeza. – Sei perfeitamente que o homem que foi encontrado amarrado e torturado era o Simon, embora não tenham publicado o nome dele.

– Não me faças perguntas sobre isso. – Os olhos dele ficaram subitamente escuros com fúria. – Eu arranjei os negativos e as fotografias. Pronto, usei um pouco de força para o levar a se abrir. O que é que estavas à espera que fizesse, que o seduzisse? Que o comesse?

Tara afastou-se dele, subitamente nervosa. Já vira esta atitude – no seu pai!

– Só perguntei – segredou, voltando a puxar o fato para cima a cobrir o corpo.

– Esquece esse homem – disse Harry, quase num rosnado. – Tira-o da cabeça. Ele apanhou muito menos do que merecia, é tudo o que precisas de saber.

Tara levantou-se e estendeu-lhe o casaco.

– É melhor ires para casa – disse numa voz débil. – Nunca, mas nunca mais voltas a falar-me assim!

Harry olhou para ela e sentiu-se imediatamente envergonhado por ter sido tão ríspido. Tara parecia desolada agora, uma mão a agarrar o fato sobre os seios, os caracóis do cabelo soltos e despenteados, rímel borratado por baixo dos olhos e aquela boca suave e *sexy* a tremer enquanto ela tentava conter as lágrimas.

Fora sincero antes ao dizer que ela era a rapariga mais linda que alguma vez vira. Quando ela entrou no clube, ele quase rebentou de orgulho. Até esta noite, tinha uma ideia cor-de-rosa de que Tara estaria no clube com ele na maior parte do tempo. Imaginara-a ao seu lado, a tomar uma bebida e a

conversar com os clientes. Esta noite, porém, embora tivesse sido uma noite alegre e cheia de diversão, apercebera-se de qual seria o verdadeiro estilo do clube.

Tornar-se-ia um clube onde viriam beber criminosos; não poderia evitá-lo nem que quisesse. Trariam mulheres, mulheres cheias de estilo e *glamour*, mas não seriam as suas esposas. Depois de os *pubs* fecharem no East End, iriam ao clube às carradas. Seria um lugar onde levar a galdéria que se queria impressionar e, se não viessem com uma rapariga, haveria sempre a rapaziada com quem conversar ou um jogo de póquer.

Mas Tara não pertencia a essa cena.

– Desculpa, *baby*. – Pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão. – Saiu-me tudo errado. Eu só quero proteger-te.

Tara recuou, os seus olhos cor de âmbar a encherem-se com lágrimas que já não conseguia conter.

– Mas eu tenho o direito de saber o que aconteceu. Foram as minhas fotografias que tu tiveste de recuperar, não te esqueças!

– Há fealdade a toda a nossa volta, querida. – Agarrou-lhe as mãos. – Tu tens tanto talento, és tão linda... Não quero que sejas contaminada por pessoas com mentes feias e pensamentos sujos.

Ela deixou que a abraçasse de novo, não conseguia resistir-lhe quando ele falava assim, com aquela expressão terna nos olhos.

– As rosas também são lindas – disse ela, erguendo a cabeça e olhando-o. – Crescem melhor no estrume, Harry, e têm espinhos. Eu sou capaz de ser um pouco mais rija do que pensas.

CAPÍTULO 28

Natal de 1969

— O lugar dela no Natal é com a família – resmungou Mabel –, não na farra num clube de jogo. Devias ter batido o pé!

– Quando é que vai compreender que não pode dominar toda a gente? – Amy estava a tentar manter-se calma. Eram oito horas, véspera de Natal, Greg chegaria daí a menos de uma hora, e a última coisa que Amy queria era mais uma discussão.

Mabel estava a rechear o peru, corada com o calor do fogão e envolta num grande avental branco. Os ramos de azevinho atados com fitas vermelhas viravam-se lentamente no calor por cima das suas cabeças, a árvore na sala estava iluminada, presentes embrulhados com papéis alegres aos seus pés, e toda a casa cheirava a vinho quente com especiarias, tartes de frutos secos e agulhas de pinheiro. Tudo estava como em todos os Natais, mas este ano Tara não estaria ali.

Amy tirou do forno o tabuleiro com tartes de frutos secos, fechou a porta com o joelho e levou-o para a mesa.

– É assim tão extraordinário que ela queira estar com o homem que ama? – Afastou o cabelo do seu rosto acalorado. – E também não lhe chamaria andar na farra. Pelo que sei, andam os dois exaustos!

Amy sentia-se tão dececionada quanto a sua mãe, mas compreendia a pressão sobre Tara e Harry. Há semanas que andavam os dois freneticamente atarefados e quase não se viam. Além disso, Queenie e George recebê-los iam com muito mais entusiasmo do que Mabel!

– Tu falas de barriga cheia! – Mabel interrompeu a sua tarefa, pôs as suas mãos cobertas de carne de salsicha nas ancas e olhou indignada para a filha. –

Vais ficar toda aconchegada com o Greg e eu fico sozinha.

– Não seja ridícula. – Amy pousou com força as tartes na grade para as arrefecer, furiosa. – Temos a Ena e o Herbert para o almoço amanhã e, como bem sabe, o Greg está de serviço, por isso é bem capaz de nem vir.

– Não vai ser o mesmo sem a Tara – disse Mabel teimosamente. – Além disso, tanto ela como Harry podiam descansar tão bem aqui como em Londres.

– É uma viagem de carro muito longa – recordou Amy. – De qualquer maneira, o clube é capaz de estar aberto até às três ou às quatro.

– Jogar na véspera de Natal! – Mabel resfolegou com reprovação. – Tirar comida da boca dos filhos, encorajar os homens a beberem quando deviam estar em casa com as mulheres!

– A Mãe é uma das velhas mais intratáveis e egoístas que alguma vez conheci! – berrou Amy. – Já lhe passou pela cabeça que a verdadeira razão para ela não vir a casa pode ser porque não suporta os remosques desagradáveis que lhe anda sempre a fazer?

– A rapariga é uma tola se não consegue suportar a verdade. – Os olhos de Mabel chisparam. – Devia casar com o Josh, ele é rico e tem estudos e os homens judeus não traem as mulheres. Eles têm tanto em comum, muito mais do que ela tem com aquele badameco!

– Aos meus olhos, o Harry deu provas do que vale – disse Amy num tom de desafio. – Como é que se atreve a chamar-lhe badameco!

– Ele vai dececioná-la, estou-te a dizer – insistiu Mabel. – É um jogador, dececionam sempre.

– Porque é que traz sempre à baila esse argumento ridículo? – ripostou Amy. – O Harry pode ser dono de um clube de jogo, mas isso não quer dizer

que ele gaste o seu dinheiro no jogo. De qualquer maneira, o Greg está quase a chegar. Vá mudar de roupa para irmos à igreja.

– Eu não vou. – A voz de Mabel assumiu um tom de queixume. – Sei o que é que o Greg Masterton quer, pensas que é a ti que te quer, não pensas?

Amy cerrou os dentes e saiu da cozinha.

– Não é a ti que ele quer – gritou Mabel nas costas dela. – É esta quinta.

No andar de cima, Amy lavou o rosto com água fria e resistiu à tentação de gritar alto.

– Por vezes odeio-a, Mãe – segredou, respirando fundo para se acalmar. – Era capaz de tentar a paciência de um santo!

Despiu as roupas de todos os dias, ficando só com a combinação branca, e olhou-se ao espelho. No ano seguinte faria quarenta anos. Ainda era tão elegante como no dia em que casara com Bill, mas via pequenas rugas à volta dos olhos e alguma flacidez no queixo. A sua fúria esta noite não tinha só a ver com Tara e Harry, era também por a sua mãe a controlar. Teria de se impor em breve, caso contrário acabaria como Mabel, uma mulher frustrada e azeda.

Olhou para o seu anel de safiras e diamantes e suspirou. Com certeza nenhum casal da idade deles tivera alguma vez um noivado assim tão longo?

Mabel usava Greg quando lhe convinha. Considerava-o como mais um trabalhador a quem não pagava, um prestador de conselhos, alguém que a ouvia quando ela queria. Mas mal Greg mencionava marcarem uma data, encrespava-se toda e tornava o ambiente impossível.

Estavam encurralados. Se fossem viver para a casa dele, Mabel deixaria as coisas desleixarem-se outra vez. Se Greg se mudasse para ali seria insultado, tratado com desconfiança e ridicularizado se fizesse alguma sugestão. Mas

eles não podiam continuar a aproveitar um momento aqui e outro ali para estarem juntos como se fossem um par de adolescentes.

Ao longo de todo o dia Amy sentira-se apreensiva. Seria por estar a sentir-se pressionada pela mãe? Ou seria ansiedade por causa de Tara? Não havia nada de concreto com que se preocupar. Apesar das palavras duras da sua mãe sobre Harry antes de ele abrir o clube, ela amolecera o suficiente para o convidar a vir com Tara em várias ocasiões no último ano e meio. A felicidade e o amor emanavam deles, e não havia uma única pessoa que não se sentisse encantada com Harry e com a aura que os rodeava.

Contudo, nos últimos tempos havia nas cartas e nos muitos telefonemas de Tara um tom de nostalgia. Parecia estar só na maior parte do tempo, mas mostrava reticência em falar sobre o assunto ou sobre o negócio de Harry.

O Top Cat Club e Harry tinham-se tornado bem conhecidos. Personalidades do teatro, do cinema e do mundo do desporto estavam sempre a ser fotografadas no clube, e ele próprio aparecera na televisão várias vezes.

Mas Harry estaria a ser sugado para o lado mais sórdido do mundo dos clubes noturnos, como elas receavam? Estaria realmente a ganhar dinheiro suficiente de modo legítimo para pagar aquele Mercedes novo em folha? Os seus casacos feitos à mão, os sapatos feitos à medida em Curzon Street, as camisas de seda com monograma e o relógio *Rolex* de ouro – compraria tudo isso com os lucros das bebidas e do jogo ou estaria envolvido em algo mais?

Esquemas de proteção, drogas, prostituição, até tráfico de armas passavam pela cabeça de Amy. Um homem que experimentara um estilo de vida faustoso poderia alguma vez acomodar-se a uma vida familiar normal?

– Vem connosco, Mãe? – Amy suplicou uma última vez na cozinha, pronta para ir à igreja com Greg. Tinham feito as pazes, mas Mabel ainda estava a

mostrar-se esquivada.

– Não. – Mabel comprimiu os lábios, a olhar com reprovação para o novo sobretudo de pele de camelo de Greg. – Tenho que fazer. Além disso, ele parece um vendedor de automóveis usados.

– Mãe! – admoestou Amy. – É um sobretudo maravilhoso e, de qualquer maneira, o que é que isso tem a ver com a Missa do Galo?

– Paz e boa vontade a todos os homens! – disse Greg, com riso na voz. – Anda daí, Amy, ou chegamos atrasados. Até amanhã, Mabel. Não vou usar o casaco!

*

A mãe foi esquecida com a beleza do serviço religioso.

As velas por baixo de cada uma das janelas lançavam uma luz amarela bruxuleante sobre os fiéis; o ar estava impregnado com o perfume do pinheiro e das flores. Amy conhecia todas as pessoas ali presentes. Agricultores, lojistas, funcionárias do banco e do cabeleireiro. Pessoas idosas com a bengala na mão, demasiado corcovadas para se ajoelharem; casais jovens que raramente vinham à igreja.

A sua mão procurou a de Greg durante o hino religioso *Oh, Come all ye Faithful* e uma lágrima de alegria deslizou pela sua face quando os dedos dele se entrelaçaram nos seus. Virou a cabeça ligeiramente para poder olhar para ele e escapou-lhe mais uma lágrima.

Os seus olhos castanho-pálidos viam toda a injustiça, a mágoa e a dor na vida das pessoas, e, à sua maneira, ele dava o seu melhor para as aliviar. Aquelas mãos quadradas e práticas podiam trazer um bebé ao mundo, coser uma ferida, acalmar a birra de uma criança. Cuidava de todos os seus

pacientes, não só da sua saúde, mas também dos seus sonhos e das suas ambições.

– São horas de irmos embora! – A voz de Greg sobressaltou-a; estivera tão embrenhada nos seus pensamentos que não reparara que as pessoas estavam a sair da igreja. – Parecias estar a milhas.

– Estava a pensar em ti.

Cumprimentaram o pastor, desejaram feliz Natal a dúzias de pessoas e encaminharam-se para a cancela do adro da igreja.

Greg fê-la parar e virou-a para si. O céu noturno estava cravejado de estrelas e o gelo no ar transformava o bafo deles em fumo. As lápides antigas brilhavam brancas contra a relva escura, o enorme teixo estava iluminado pela luz do pórtico da igreja e a toda a sua volta as pessoas despediam-se umas das outras, a caminho de casa.

– Prometes que casas comigo em breve? – disse ele, como se a pressentir que ela não faltaria a uma promessa feita ali junto à igreja. – Eu não posso esperar mais.

Amy tentou falar, as mesmas velhas desculpas esfarrapadas a andarem-lhe às voltas na cabeça.

Ele pôs um dedo sobre os lábios dela e impediu-as de sair.

– Preciso de ti, Amy – disse em voz baixa. – Quero-te na minha cama, noite após noite. Quero começar o dia contigo ao meu lado, partilhar tudo o que tenho. Não podemos continuar a aproveitar um momento aqui e outro ali, deprecia o que sentimos um pelo outro.

– Eu sei. – Amy suspirou. – Volto da tua casa para a minha cheia de ânimo, porque foi tão maravilhoso, e depois a minha mãe faz um dos seus comentários ríspidos e sinto vontade de a matar.

– Bem, já me passou pela cabeça contratar um assassino mais do que uma vez. – Greg soltou uma risada.

O humor dele decidiu-a. Nunca se queixava de Mabel, via sempre as coisas do ponto de vista da outra pessoa. Chegara a hora.

– Bem? – Greg ergueu uma sobrancelha e levantou a mão para lhe acariciar a face fria.

– Sim, Greg. Mal consigas que os banhos sejam publicados.

Greg beijou-a.

Ela ouviu as pessoas a soltarem risadinhas, sentiu o vento nas árvores, a geada a alastrar pela relva, e soube que até à hora do almoço no dia seguinte aquilo seria debatido em todas as casas da vila. Mas só lhe importavam os lábios quentes dele nos seus e a alegria no coração de ambos.

*

– Oh, Greg, não posso. – Tentou soltar a mão quando ele começou a conduzi-la pela rua principal na direção da sua casa em vez de virarem à esquerda para a quinta. – A mãe está à minha espera!

– Tens de ficar comigo esta noite. – Os seus olhos imploravam. – A Mabel foi para a cama, o peru está no forno lento. Nem vai saber que não estiveste lá se voltares antes de ela se levantar.

– Mas e se...

Greg interrompeu-a.

– Ela não tem noventa anos, pode olhar por si mesma. Tu sabes tão bem como eu que dorme como uma pedra.

Amy fez um sorriso travesso.

– Conseguieste tentar-me. É bom que faças com que valha a pena eu ficar.

Acacia House parecia festiva. Greg deixara acesa a lâmpada por cima da porta da rua, e a luz incidia numa coroa de azevinho com fitas vermelhas. Os pés deles soaram no cascalho do caminho e *Winston* soltou um latido a dar-lhes as boas-vindas.

– Vou fazer amor contigo até tu gritares por misericórdia – segredou-lhe ele, baixando a cabeça para roçar os lábios na sua nuca. – Os vizinhos vão-te ouvir berrar e pensar que estou a tratar uma vaca no parto no meu consultório.

– É assim que eu soo? – perguntou ela ao entrarem em casa. *Winston* aproximou-se aos saltos, de língua de fora e cauda a abanar, a exigir que lhe fizessem festas.

– Não, fazes uns belos gemidos sexy que me fazem sentir como um deus. – Greg empurrou o cão com a perna. – Volta para o teu cesto, *Winston*!

Greg desapertou o casaco de Amy e enfiou as mãos em concha sobre os seus seios pequenos.

– Oh, Amy, era só nisto que conseguia pensar enquanto estivemos na igreja, imaginar os teus mamilos sob os meus dedos e deslizar as mãos pelas tuas coxas acima.

– Imagina só pensar tais coisas na casa de Deus – disse ela num tom de reprovação, afastando-se na direção da sala de estar. – Devias ser expulso da paróquia!

– Acho que é uma pena que as mulheres tenham deixado de usar meias de vidro. – Greg pendurou os casacos deles no bengaleiro do *hall* e depois seguiu-a. – Nada pode bater aquela sensação de deslizar a mão pela meia de *nylon* acima e depois, de repente, sentir a pele macia.

Amy pegou no atizador e espevitou o lume.

– És um homem muito surpreendente – disse, lançando-lhe um olhar por cima do ombro. Ele estava a tirar uns copos do armário para tomarem uma bebida. – Não te teria classificado como do tipo sensual.

– Penso que a maior parte das pessoas é desse tipo, com o parceiro ou a parceira certos. – Adicionou água tónica ao *gim* e depois dirigiu-se à cozinha para ir buscar gelo. – Eu não tinha tantos pensamentos eróticos até tu apareceres. Destravaste-me – respondeu-lhe.

Amy sorriu e sentou-se, com as mãos estendidas para o lume. *Winston* estava a entrar à socapa na sala, de cabeça baixa, porque pressentia que não seria bem-vindo. Amy sorriu; sabia que se o olhasse nos olhos ele atravessaria a sala aos saltos. Ouvia Greg bater com um tabuleiro do gelo na mesa na cozinha e adivinhou que ele voltaria com um prato com alguma coisa saborosa para petiscarem. Esta domesticidade num homem era algo que ela ainda considerava estranho, de facto sentia dificuldade em não servir toda a gente como uma escrava, fazia-o há tanto tempo.

– Pergunto-me se o Harry faz uns petiscos para a Tara? – disse em voz alta.

Greg entrou com um tabuleiro com sanduíches e tartes de frutos secos.

– Desculpa lá, *Winston*. – Mandou-o sair e fechou-lhe a porta nas costas com o pé. – Há um tempo para os cães, mas este não é um deles.

Pousou o tabuleiro numa mesa de apoio aos sofás, acrescentou gelo à bebida de Amy, pôs a tocar um disco de Frank Sinatra e depois sentou-se ao lado dela.

– Ainda a pensares neles? – perguntou. Amy contara-lhe algo sobre a discussão que tivera com a mãe antes de irem para a igreja.

Ela acenou com a cabeça e sorriu, vagamente embaraçada por não estar só a pensar nele.

– Queres a minha opinião sincera? – perguntou Greg.

– Sim, por favor.

– Não consegues soltar a Tara. Não tem a ver com se o Harry é o homem certo ou o errado. Tem a ver com não seres capaz de a libertar. Nunca deixaste de te culpar pela infelicidade que os teus filhos tiveram em Londres. De algum modo, pensas que se conseguires manter a Tara bem perto de ti ela nunca mais volta a ser infeliz.

Amy fitou-o, surpreendida. Era raro que Greg exprimisse uma opinião sobre Tara ou Mabel, embora quando o fazia usualmente tivesse razão.

– Não podes fazer as pessoas felizes fechando-as para que não estejam expostas a perigos. – Greg sorriu e pegou na mão dela. – Elas têm de sentir desgostos para apreciarem o júbilo. As duas coisas andam a par, receio bem. Pensas que poderíamos ser tão felizes juntos se não tivéssemos ambos tido más experiências no passado?

Muitas pessoas lhe tinham falado sobre o passado de Greg. Ele não tivera muita sorte com as mulheres. Fora deixado praticamente no altar por uma, outra rapariga de quem ele gostava morrera num acidente de viação. Houvera raparigas na universidade e na escola médica, mas todas o tinham deixado por homens mais duros e mais assertivos.

– Tu és um homem bom. – Amy virou-se para ele e acariciou-lhe o rosto. – Compreendes tanta coisa.

– Temos de nos casar. – Os seus olhos de um castanho-pálidos prenderam-se nos dela. – O nosso lugar é juntos, Amy. Talvez possamos até ter um bebé, antes que seja demasiado tarde.

Inundou-a uma sensação de júbilo.

– Queres realmente um filho? – segredou.

Era tudo tão perfeito. Ele estava a oferecer-lhe a coisa que mais queria, uma oportunidade de ser mãe outra vez.

– Nunca quis tanto nada – disse ele, com os lábios a tremerem, a aproximarem-se ao encontro dos dela.

– Amo-te, Greg – murmurou ela quando os lábios dele cobriram os seus. – Desta vez vou ser forte com a mãe.

Despiu-a lentamente, beijando-lhe o pescoço, os ombros, os seios à medida que as roupas iam caindo ao chão.

– És uma mulher tão linda – disse, enquanto punha umas almofadas na carpete para ela se deitar. – Espero que o nosso bebé se pareça contigo.

A maneira de fazer amor de Greg evocava todas aquelas emoções que ela sentira aos dezassete anos, mas agora era mais doce ainda, porque não havia ansiedade nem vergonha. Os dedos dele eram delicados. O amor e a ternura guiavam-no, mais do que a experiência, e o seu deleite sensual em acariciá-la e lambê-la transformava o sexo num festim de prazer erótico. Os seus olhos semicerrados estavam sonhadores enquanto deslizou a língua para cima e para baixo sobre o sexo dela, murmurou palavras doces e enfiou os dedos com força até ela se contorcer num êxtase.

A música, o lume e as luzes suaves contribuíam para aquele momento. Ela estava em brasa, cada terminação nervosa a tilintar e a exigir que ele a levasse ao clímax, mas continha-se, porque queria que este deleite durasse para sempre. Ele virou-a de lado e penetrou-a por trás, uma mão no seu seio, a outra a acariciar o seu sexo, a segredar-lhe palavras que faziam aumentar as sensações.

– Vou-me vir – gritou ela, segurando a mão dele contra si. – Oh, Greg, amo-te!

*

Mabel ouviu um carro passar pela quinta e depois parar mais abaixo na estrada, mas não significava nada mais do que um casal de adolescentes a pararem para uns beijos antes de irem para casa. Olhou no escuro para o relógio que estava em cima da mesa de cabeceira. Eram quase duas horas.

– Não consigo imaginar para que é que a Amy quer ir com ele para casa – resmungou para consigo. – Não me parece que ele saiba para o que serve.

De facto, estava acordada porque se sentia envergonhada consigo mesma. Desejava não ter dito aquelas coisas ríspidas a Amy e no seu íntimo acolhia de bom grado Greg como genro. Se pelo menos conseguisse admitir a Amy que o seu mau humor e os seus comentários mordazes eram provocado pelo medo – o medo de ficar só outra vez.

Um som súbito fê-la espetar as orelhas. Uma bota pesada contra uma pedra?

O seu quarto dava para a estrada e aquele som viera de alguém a entrar no pequeno caminho ao lado da casa.

Era demasiado tarde para Amy vir para casa agora e, além disso, Greg era demasiado cavalheiro para não a acompanhar. Se fosse um bêbedo qualquer a ir a cambalear para casa ela teria ouvido os seus passos a afastarem-se. Mas não havia nada!

Ouvia o vento nos olmos, o leve som de um pedaço solto de chapa a bater no telhado do celeiro e um mocho lá em baixo junto ao rio. Mas quem quer que tivesse dado um pontapé naquela pedra estava agora parado lá fora. Levantou-se da cama e olhou pela janela. A luz do quartel dos bombeiros estava acesa como sempre, lançando um clarão até à ponte, mas não se encontrava ninguém lá.

Entrava luz suficiente pela janela para ela se ver ao espelho do toucador.

– Pareces a tua mãe – disse para consigo indignada. Não lhe agradava a velhice. Ver-se de camisa de noite com folhos na gola, cabelo ralo e branco, o rosto enrugado, fê-la sentir-se furiosa. Parecia ter sido há tão pouco tempo que a sua pele era lisa e brilhante, que o seu cabelo lhe caía em cascatas sobre os ombros e que o seu corpo fazia os homens virarem a cabeça.

Ouviu outro som. Desta vez, vinha do terreiro, um raspar de botas nas lajes. Em silêncio, atravessou o quarto, saiu para o patamar e entrou no antigo quarto de Paul ao lado do seu.

Entrava muitas vezes nesse quarto quando Amy estava fora, para tocar nos modelos de aviões de Paul, olhar para os seus desenhos e arrumar os seus soldadinhos. Harry dormia sempre aqui quando vinha de visita com Tara, mas ela nunca lhe dissera como dava a sensação de estar certo vê-lo ali.

Viu uma sombra no terreiro. Só um escurecer momentâneo na porta do celeiro, mas soube que estava alguém a avançar à socapa para as traseiras da casa. Mantendo-se imóvel, pôs-se à escuta. Ele estava a mexer no puxador da porta. Ela sentia medo agora, de súbito muito consciente de que se encontrava só.

– Tenho de telefonar à polícia – segredou. – Descer sem fazer barulho para ele não me ver e telefonar antes de ele entrar.

Quantas vezes Greg lhes dissera que não deviam deixar a porta destrancada? Ela tentara explicar que era assim que sempre fora, porque nunca pensara que tivesse alguma coisa que valesse a pena roubar.

Não havia tempo a perder. A qualquer momento ele entraria; ela tinha de correr para o telefone. Contudo, ao chegar ao cimo das escadas, ouviu o

estalido da porta das traseiras a abrir-se e depois a fechar-se daí a um segundo.

A indignação foi maior do que o medo. Como é que alguém se atrevia a entrar na sua casa no Natal, sem ser convidado? Mabel continuou a descer as escadas, a espreitar por cima do corrimão e a pensar no que fazer a seguir. Um ténue clarão sugeria que ele trazia um foco. Ela não ouvia o som de gavetas ou armários a serem abertos. Ele devia estar só a olhar à sua volta. Mabel só ouvia o tiquetaque do relógio de pé.

Desceu lentamente as escadas, evitando o degrau que rangia, a orgulhar-se de não fazer o mínimo som. A porta da sala de estar encontrava-se entreaberta, o cheiro a pinheiro era forte e quente. Quando chegou ao último degrau, correu para dentro da sala para pegar no castiçal pesado. O coração batia-lhe tão alto que era surpreendente que o homem não viesse averiguar a origem do ruído. Ela desejou ter vestido o roupão por cima da camisa de noite.

Inspirando fundo. Mabel saiu da sala de estar para o *hall* e dirigiu-se para a cozinha. Tinha tudo bem claro na sua mente. Acender a luz e ordenar-lhe que saísse. Se ele não obedecesse, ela bater-lhe-ia com o castiçal e depois chamaria a polícia. Estendeu a mão para o interruptor, contou mentalmente até três e depois acendeu a luz.

– Que diabo está a fazer na minha casa? – gritou. – Ponha-se na rua!

Mas ao mesmo tempo que aquelas palavras corajosas lhe saíam da boca, o medo dominou-a. Não tanto por causa da estatura do homem, embora ele fosse muito mais alto do que ela e parecesse encher a cozinha, mas porque trazia uma balaclava que lhe cobria todo o rosto exceto os olhos, o nariz e o

lábio superior. Os olhos eram castanhos-escuros e pareciam sobressaltados. Avançou para ela ameaçadoramente.

Ela brandiu o castiçal.

– Saia já ou chamo a polícia – berrou, a andar de lado na direção do telefone que estava em cima do aparador.

Ele avançou rapidamente, estendendo a mão para o telefone ao mesmo tempo que a dela.

Mabel atacou-o com o castiçal, mas só lhe raspou o braço. Com uma pancada, ele atirou-o da mão dela para o chão e empurrou-a contra a parede.

Mabel sabia que ele era mais do que um ladrão. Trazia calças de camuflado, uma camisola caqui e botas de trabalho fortes.

– Quem é você? – Fitou os seus olhos castanhos, a tentar imaginar o resto do rosto. – O que é que quer de mim?

O lábio superior dele moveu-se ligeiramente, como se visse algo cómico na pergunta de Mabel. Ela ouvia o seu coração bater com força, sentia o sangue quase a borbulhar-lhe nas veias.

– Fale, por amor de Deus! – gritou-lhe.

Os olhos dele recordavam-lhe as vacas quando tentava metê-las no camião para irem para o matadouro.

– Olhe, você está assustado. Eu também, nem um nem o outro esperávamos ver-nos – disse ela rapidamente. – Vá-se embora e eu não chamo a polícia. Até lhe dou algum dinheiro se é o que quer. Não se meta em mais trabalhos fazendo-me mal.

Queria tanto que ele falasse – qualquer coisa para quebrar aquele terrível silêncio, a sensação daquela mão a empurrar-lhe o ombro contra a parede e os

olhos escuros dele a queimarem o seu rosto. Mas ele não dizia nada.

– É mudo? – resmungou.

Ele tirou uma corda do bolso e ao mesmo tempo agarrou-a, puxando-a para uma cadeira.

– Não há necessidade de me amarrar – protestou ela. – Não seja ridículo. – Mas submeteu-se, deixando-o atar a corda à volta dos seus pulsos por trás da cadeira. Significava que ele ia revistar a casa; o pior que poderia acontecer seria ela ficar na cadeira até Amy voltar para casa.

Gritar não era uma opção. Para começar, era improvável que alguém a ouvisse e, de qualquer maneira, só o enfureceria. Era melhor limitar-se a ficar ali sentada em silêncio.

Ele tinha ido direito ao andar de cima. Mabel pôs-se à escuta, a ouvi-lo entrar em cada um dos quartos e depois correr pelas escadas abaixo, parando só por um segundo para espreitar para a sala de estar.

– Podia-lhe ter poupado o trabalho – disse ela secamente quando ele voltou para a cozinha de mãos vazias. – Não há nada que valha a pena roubar aqui. Nunca tenho mais do que umas duas libras em casa, que estão ali, por cima do Aga, se está desesperado.

Foi algo na maneira como ele virou de repente a cabeça ao ouvir as suas palavras.

– Já sei! – exclamou triunfante. – Sei quem tu és! – Mas ao mesmo tempo que as palavras lhe saíram da boca e ele se dirigiu a ela, Mabel soube que cometera um erro fatal.

Os olhos dele ficaram negros, ela via-lhe gotas de suor a formarem-se no nariz e soube que ele teria de a matar. Mabel balbuciava agora, a dizer o que lhe vinha à cabeça.

– A Amy não tarda aí, com o médico. É melhor ires indo, porque eles vão chamar a polícia. Por favor, não me faças mal! – Desprezava-se por falar daquela maneira, mas não conseguia parar.

As mãos dele estavam agora a estender-se para ela. Trazia luvas cirúrgicas finas, que lhe recordaram estranhamente as figuras de cera na Madam Tussaud's. Saltou na cadeira, ouvindo-a raspar na tijoleira que Amy tinha encerado nessa tarde, mas aqueles dedos envoltos em borracha agarraram-lhe o pescoço, os polegares a pressionarem-lhe a traqueia.

Tantas vezes na época antes de Amy aparecer com os filhos quisera morrer, mas não agora, não antes de endireitar tudo. O cheiro do peru no forno, os aromas do pernil cozinhado, das tartes de frutos secos e das agulhas do pinheiro, todos pareciam avassaladoramente pungentes e tão terrivelmente preciosos para ela. Sentia os seus olhos esbugalharem-se enquanto ele pressionava cada vez com mais força, e a cozinha já andava lentamente à roda à medida que ela ia perdendo os sentidos.

– Não vim cá para a matar – ouviu-o dizer, como se de muito longe. – Mas tenho de o fazer, agora que sabe quem eu sou.

*

– Ainda está escuro – queixou-se Greg quando Amy saiu da cama.

– Já passa das seis. O Stan já deve estar a mungir as vacas e é capaz de acordar a minha mãe. Além disso, vou ter de subir ao quarto à socapa para mudar de roupa. – Não lhe ia dizer que tinha acordado com aquela horrível sensação de pressentimento, ele pensaria que ela queria desistir dos planos de casamento.

– Eu acompanho-te. – Greg passou as pernas para fora da cama ao mesmo tempo que Amy desapareceu para dentro da casa de banho.

– Fica – disse ela em voz alta. – Não vale a pena tu vires também.

– Não quero que vás para casa sozinha no escuro – disse ele, à procura das cuecas no chão. – Além disso, o *Winston* vai adorar um passeio.

– O que é que vamos dizer à minha mãe sobre onde vamos viver? – berrou Amy. – Não falámos sobre isso.

– Onde é que tu queres viver?

– Aqui. Mas duvido que isso lhe agrade.

– Vamos só dizer-lhe que nos vamos casar – disse Greg num tom calmo. – Talvez ela não se mostre tão difícil quanto imaginamos.

– Só se for na semana de nove dias – disse Amy num tom de voz sombrio, voltando para o quarto a puxar o fecho da saia.

Estava a amanhecer quando desceram a rua principal. *Winston* corria para a frente e para trás, a farejar tudo com entusiasmo, o seu bafo como fumo no ar frio.

Quando estavam a aproximar-se da quinta, Amy começou a andar nas pontas dos pés para que a mãe não ouvisse os seus tacões altos no caminho. Ao virar para a vereda que levava ao terreiro da quinta, fez menção de beijar Greg.

– Eu vou contigo, para o caso de ela te ter fechado a porta. – Beijou-lhe o nariz e sorriu como um rapazinho angelical. – Se for esse o caso, volto a levar-te para casa!

Ao atravessarem o terreiro, Amy parou e olhou para a casa.

– O que se passa? – Greg tocou-lhe no braço. Pareceu passar uma sombra no rosto dela voltado para cima, algo sinistro que o fez sentir-se enregelado.

– Não sei, é só um pressentimento estranho. – Franziu a testa e depois abanou a cabeça. – Que esquisito! Provavelmente aquilo a que a minha mãe chama o fantasma do James Brady!

Chegaram à porta das traseiras. Greg avançou e desandou o puxador. – Não está fechada. – Sorriu e empurrou a porta a abri-la. A primeira coisa que viu foi o castiçal de prata de Mabel no chão.

– Oh, merda – exclamou. – Acho que foram assaltadas!

Amy acendeu a luz e avançou com Greg para dentro da cozinha, com *Winston* no seu encalço. As gavetas dos armários tinham sido despejadas no chão. A porta da despensa estava aberta. Pela porta que dava para o *hall* viam mais papéis espalhados.

– Mãe! – Amy correu para a porta, com Greg logo atrás.

– Deixa-me ir eu ver! – berrou ele, mas era demasiado tarde. Amy já tinha chegado ao cimo das escadas, com *Winston* a correr atrás dela a ladrar, a pensar que se tratava de alguma espécie de jogo.

Amy parou por um momento ao chegar ao patamar. Sentia que Greg estava atrás dela, ouvia *Winston* a ofegar e receava o que poderia ver. Inspirando fundo, deu mais um passo, fechou a mão sobre o puxador de latão e abriu a porta.

– Mãe! – Sentiu-se inundada de alívio ao ver Mabel na cama ferrada no sono no quarto às escuras.

– Ela está bem, não deve ter ouvido nada. – Amy virou-se para Greg e sorriu de alívio. – Olha, ainda está a dormir!

Mas Greg passou por ela, abriu as cortinas e debruçou-se sobre Mabel. Toda a cor se esvaiu do seu rosto. Não havia necessidade de lhe perguntar o

que se passava, o seu rosto dizia tudo. Mas quando Amy avançou na direção da cama, ele virou-se e tentou impedi-la.

– Não, não olhes. – A sua voz soava estranhamente estridente.

Mas ela já estava a olhar. Os olhos da sua mãe pareciam esbugalhados, como duas enormes pedras de âmbar, e tinha a boca aberta como se num grito silencioso.

Amy sentiu os braços de Greg à volta do seu corpo e depois nada mais, só uma neblina negra a rodopiar à sua volta e um estranho zunido nos ouvidos.

*

– Então onde é que estava Mrs. Manning?

Amy ouviu a pergunta como se a voz estivesse a falar por um tubo de cartão.

– Estava comigo, em minha casa. Eu acompanhei-a até cá.

Amy mexeu-se no sofá, sentiu o xale de croché da sua mãe a fazer-lhe cócegas no rosto e recordou tudo.

– Mantém-te calma – disse para consigo. – Respira fundo, pensa bem.

A árvore de Natal ainda estava iluminada, as cortinas corridas por trás dela, os presentes empilhados junto à sua base. O lume há muito que se apagara, deixando um montinho de cinzas quentes.

– Greg! – chamou hesitante. – Greg!

– Está tudo bem, querida, a polícia está aqui agora. – Greg veio para junto dela num segundo, ajoelhou-se ao seu lado, com o rosto gorducho pálido e ansioso. – Tu, fica só aqui, eu falo com eles.

– Não, Greg. – A custo, tentou sentar-se mais direita. – Eu falo com eles. Tem de ser!

– Lamento muito, Mrs. Manning. – O agente fardado entrou na sala. Os seus olhos azuis brilhantes tinham uma suavidade de empatia, e ela pensou que o reconhecia.

– Já nos conhecemos? – Amy franziu a testa, a esforçar-se por descobrir por que o rosto dele parecia familiar.

– Sou o sargento Ridges. – O seu rosto curtido pelo tempo pareceu ficar um pouco corado. – Fui um dos agentes que veio... – Parou de falar de súbito, claramente embaraçado.

Ela acenou com a cabeça, a recordar-se agora. O jovem polícia que ficou branco como a cal e tremeu como varas verdes ao tirarem o corpinho de Paul do espigão. Era homem feito agora, mais encorpado, com feições mais fortes, mas ainda recordava o horror daquele dia como ela. De algum modo, ajudou a acalmar o pânico crescente dentro dela.

– Deve-se lembrar de como a minha mãe era forte? – disse ela em voz baixa.

Ele acenou com a cabeça.

– Porque é que ela não deu luta, então?

O sargento Ridges olhou para a mulher sentada em frente a ele. Alguém poderia suportar outro golpe assim tão terrível?

Sentia vontade de sair dali. De ir para casa, para junto da mulher e dos filhos, de os ver abrir os presentes, ouvir o seu riso. Não queria aquela imagem a persistir na sua mente depois de fechar os olhos. Olhos como rebuçados castanhos esbugalhados de um rosto macilento, uma boca velha descaída e aquelas marcas vermelhas nítidas de dedos no pescoço.

Demorara anos a arredar a recordação do pobre garoto empalado naquela máquina. Agora, seria mais uma história de terror para acrescentar à série de

lendas sobre esta quinta. Aquele sítio fazia-o sentir-se gelado até aos ossos.

– Dá a ideia de que ele a estrangulou antes de fazer o roubo. – Já pensara como era estranho que ela tivesse sido morta enquanto estava ainda na cama. Mas o pessoal forense não tardaria a deslindar isso. – Faz alguma ideia do que foi levado?

Amy acolheu de bom grado aquela distração. Levantou-se, agarrando-se ao braço de Greg por um momento.

– Tu não tens de fazer nada já – disse ele em voz baixa. – Vou fazer um chá para nós.

– É melhor para mim fazer alguma coisa. – Abriu primeiro a secretária e descobriu que pelo menos o dinheiro que a sua mãe guardava escondido ainda ali estava. – Quanto mais depressa souberem o que desapareceu, mais clara vai ser a imagem do que se passou.

Na cozinha, olhou à sua volta. Para além do conteúdo das gavetas espalhado, outras coisas tinham sido remexidas.

– Tocaram em alguma coisa aqui? – perguntou ao sargento Ridges.

– Não. – Ele abanou a cabeça. – Não tocamos em nada até o pessoal forense chegar.

– As cadeiras foram todas deslocadas. – Olhou lentamente à sua volta e apontou para uma caixa de charutos abandonada no chão. – O dinheiro dos ovos e do queijo desapareceu. Havia cerca de dez libras ali dentro. Posso tocar naquilo? – Apontou para uma casinha de louça por cima do Aga. – É onde guardamos o dinheiro das despesas domésticas.

Tinha desaparecido, assim como a nota de cinco libras enfiada por trás do relógio, que era o pagamento de Amy por ter feito um vestido para uma vizinha.

– Vou ter de ir lá acima verificar as joias – disse ela.

– Não se preocupe. – O sargento Ridges pousou a mão no seu ombro. – Estou a ouvir um carro, deve ser a polícia de Bristol. Suponho que vão querer encarregar-se do caso agora.

*

Foi um dia muito, muito longo. Tantos homens a entrarem e saírem, tantas perguntas.

Os especialistas determinaram que a sua mãe fora estrangulada na cozinha, amarrada a uma cadeira. O assaltante devia tê-la levado para o andar de cima, meteu-a na cama e depois continuou a vasculhar a casa. Porque é que alguém se daria ao trabalho de a meter na cama? Era compreensível se não quisesse que o seu crime fosse descoberto imediatamente, mas porquê, então, despejar as gavetas no chão?

A polícia debruçou-se sobre tudo, fazendo perguntas sobre quem vinha regularmente à quinta e que estranhos lá tinham estado nos últimos meses. Procuraram impressões digitais, recolheram amostras de fibras e até de lama do chão, tiraram fotografias antes de removerem o corpo de Mabel. Durante todo esse processo, Amy sentiu vontade de gritar que a culpa tinha sido sua.

Se não tivesse ido para a casa de Greg a porta seria trancada. Se pelo menos pudesse voltar atrás com aquelas palavras zangadas que atirara à mãe antes de Greg chegar, e substituí-las por palavras de afeto. Devia ter-lhe dito o quanto admirava a sua força, aquele humor cáustico e espírito indomável. Ter-lhe agradecido por ela ter aberto o coração aos seus netos, por ter sido uma rocha quando Amy mais precisou dela e por lhe ter dado um lugar na sociedade, orgulho e dignidade de novo.

Mas o tempo esgotara-se. Agora, nunca descobriria os segredos que a sua mãe tinha fechado a sete chaves no seu coração. Não poderia dizer-lhe que passara uma esponja sobre o passado, que tudo estava perdoado e esquecido.

De todas as tarefas árduas que a vida lhe atirara para cima, pegar no telefone e contar a Tara o que acontecera foi a mais dura.

– Mãezinha, não consigo compreender – foi tudo o que Tara conseguiu dizer. – Pode pedir ao Greg que explique tudo ao Harry? Depois eu volto a telefonar-lhe.

– Minha querida. – Greg tomou-a nos braços no sofá na sala de estar, acariciando-lhe as costas e o cabelo e murmurando-lhe palavras de amor. – Quem me dera conseguir encontrar as palavras certas para te dizer.

– Eu devia ter vindo para casa – disse ela a soluçar. – Porque é que me fizeste ficar contigo?

– Foi o destino, Amy – segredou Greg. – O homem podia-te ter matado a ti também, e pensa no que isso teria feito à Tara e a mim.

– Mas nós estivemos a dizer piadas sobre ela. – Amy ergueu os seus olhos inchados para Greg. – Agora vou sempre pensar nisso.

– A minha mãe e eu dissemos piadas sobre o meu pai pouco antes de ele morrer – disse Greg com meiguice. – Ele era um velho diabo mesquinho e eu disse que o íamos chocar no funeral dele dando uma festa de arromba. Não queria dizer que não gostávamos dele, só que não éramos cegos aos defeitos que ele tinha.

Nada parecia bem real. Greg a cortar fatias de peru e pernil e a embrulhá-las em papel metalizado para levar para a sua casa. A maneira calma como deu a volta à quinta a ver como estavam os animais ou como foi ao andar de cima meter num saco de viagem algumas roupas para Amy.

– Tu vens para casa comigo – disse com meiguice, puxando-a para a levantar do sofá e vestindo-lhe o casaco. – A Tara e o Harry também podem ficar lá. Telefonei ao Stan a contar-lhe o que aconteceu. Agora limitamo-nos a fechar as portas à chave e ir embora.

Se fosse tão simples como isso. Fechar a porta e ir embora. Esquecer o lugar onde Paul morrera. Esquecer que a polícia viera dizer-lhe que o seu marido assassinara um padre e depois morrera num acidente. Esquecer o dia em que descobrira que Tara tinha fugido. E agora isto, uma mulher idosa estrangulada na sua própria cozinha por menos de vinte libras.

CAPÍTULO 29

— Oh, Mãezinha, é tão terrível. — Tara correu para os braços de Amy mal Greg abriu a porta. — Quem poderia ter feito tal coisa?

— Não sei, querida. — Amy embalou-a, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. — Não paro de me perguntar isso.

— O que posso dizer, Amy? — Harry avançou um passo e pôs a mão no ombro de Amy. Os seus olhos azuis estavam escuros com a pena, os seus lábios comprimidos. — «Lamento muito» soa um bocado fraco, mas tenho a certeza que sabe como me sinto destroçado. Tenho uma carta do meu pai e da Queenie para si. Dou-lha mais tarde.

Mal conseguia suportar ver os olhos de Amy a encherem-se de lágrimas. Sentia-se tão impotente como se sentira perante a morte de Paul, mas desta vez havia raiva também.

Greg olhou para Amy e Tara que se embalavam nos braços uma da outra e os seus olhos toldaram-se com lágrimas.

— Vens até ao meu gabinete, Harry? — Inclinou a cabeça na direção de uma porta no *hall*. — Deixa-as falar do assunto as duas. Com certeza estás a precisar de uma bebida.

Harry hesitou. Amy ergueu a cabeça do ombro de Tara e acenou, e ele seguiu Greg com relutância.

Harry já estivera na casa de Greg várias vezes, mas nunca entrara naquela divisão. Era mais pequena do que as outras, entre o consultório e o *hall*, com uma janela comprida e estreita com vista para o caminho de cascalho. Era um espaço masculino, a cheirar a charutos e livros velhos. Enfiada debaixo da janela estava uma secretária com uma máquina de escrever e uns cadeirões de couro com o estofado abatido ladeavam um velho fogão de sala a gás.

– Este era o meu consultório quando comecei a trabalhar com o meu pai. – Greg fez um sorriso pálido, baixando-se para acender o fogão de sala. – Ele era um velho diabo mal-humorado, eu fiquei todo contente por trabalhar aqui e escapar dele.

Harry acenou com a cabeça em sinal de apreciação, a sentir-se mais tranquilo no ambiente calmo daquela sala.

– Não era minha intenção arrancar-te à Tara. É só que acho que elas têm muito sobre que conversar de que não podem falar à nossa frente.

– É claro. – Harry acenou com a cabeça e passou a mão pelo cabelo. Parecia ter-se vestido à pressa, com um polo *Fred Perry* mal abotoado, e tinha um arranhão no rosto de se ter barbeado. – Graças a Deus, a Amy tinha-o a si! Estava a contar vê-la outra vez como uma zombie.

– Ela está-se a aguentar bem até agora – disse Greg em voz baixa. – Como é que a Tara tem estado?

– Muito calada. – Harry suspirou. – Não me parece que tenha dormido ontem, nem por um minuto. Mas é como se estivesse a guardar tudo dentro dela. Talvez agora que está com a Amy se possa soltar.

– Uísque, pode ser? – Greg tirou uma garrafa e dois copos de uma prateleira.

Harry acenou com a cabeça e sentou-se junto ao fogão de sala.

Como médico, Greg tendia a encarar todas as pessoas do ponto de vista da saúde, e ficou surpreendido ao ver Harry com um ar tão abatido. Embora obviamente se devesse em parte ao choque da morte de Mabel e a um par de noites sem dormir, o instinto dizia-lhe que era de facto o resultado de meses de trabalho excessivo. Os seus olhos pareciam baços, o seu cabelo preto

menos brilhante e a vitalidade que era tão grande parte da sua natureza parecia em falta.

– Já houve mais alguns resultados? – perguntou Harry.

– Na verdade, não. Havia impressões digitais da Mabel no castiçal, o que dá a ideia de que ela pegou nele como arma contra o assaltante. Encontraram uma máscara de lã mais acima na estrada, parece que ele a atirou da janela de um carro. Foi sugerido que ele só a matou porque ela o reconheceu.

– O que os faz pensar isso?

Greg encolheu os ombros.

– Bem, ele amarrou-a à cadeira primeiro, encontraram fibras da corda nela. Isso bastaria para a maior parte dos assaltantes, mas ele não se ficou por aí e matou-a.

– Do que é que ele vinha à procura?

– De dinheiro, suponho. – Greg serviu aos dois mais uma bebida. – Sempre constou que a Mabel tinha uma fortuna escondida em casa. As pessoas partiam do princípio de que ela a tinha herdado da mãe.

– E herdou?

Greg apreciava as perguntas diretas de Harry. Teria dado um bom polícia, direto à questão.

– Bem, algum, mas duvido que fosse tanto como as pessoas gostavam de pensar. – Greg comprimiu os lábios. – Ela dizia sempre que era pobre, mas conseguia sempre arranjar umas libras quando necessário. Recentemente, andavam a ganhar mais dinheiro, com os porcos e as galinhas extra. Comprou um trator novo e a loja da quinta estava a ter bons resultados.

Com o seu casaco de malha castanho e as suas calças de *tweed*, Greg era a viva imagem do calmo médico de província, mas Harry via que ele não estava tão sereno como tentava aparentar. Tremiam-lhe as mãos, o seu rosto rosado estava pálido e tinha olheiras.

– Há alguns suspeitos? – perguntou Harry, pegando no seu maço de cigarros com mãos trémulas e oferecendo um a Greg.

– Espero que tenhas um bom álibi, Harry. – Greg pegou num cigarro e ergueu uma sobrancelha da cor de areia. – Não interpretes isto como uma acusação, mas a polícia fez-me imediatamente perguntas sobre ti.

– A Mabel teria visto a ironia nisso. – Os olhos de Harry brilharam, aliviado por Greg poder mostrar-se aberto com ele. – Estive no clube das nove da noite até às três. Tivemos dúzias de pessoas bem conhecidas que podem confirmá-lo. Não se preocupe, Greg, não tenho nada a esconder. Podem interrogar-me quando quiserem.

Greg acenou com a cabeça, mas continuava a parecer ansioso.

– Pediram-me uma lista de quem alguma vez tenha trabalhado para ela, de visitas, de pessoas que vieram à quinta. Qualquer pessoa que pudesse ter um motivo de rancor contra ela.

– Havia alguém? – Harry inclinou-se para a frente no cadeirão.

– A Mabel não fazia nada para agradar à maior parte das pessoas. – Na boca de Greg apareceu um sorriso trocista. – Era ríspida com quase toda a gente. Mas não consigo pensar em ninguém que tivesse um ressentimento suficientemente forte para a matar.

Harry sentiu-se nauseado. Mal Amy telefonou no dia anterior, Wainwright tinha-lhe vindo à mente. Harry recriminava-se por ter subestimado o homem. Vira-o como um verme, alguém que uma vez esmagado se sentiria demasiado

amedrontado para considerar sequer a hipótese de retaliação. No entanto, Wainwright poderia ter assassinado Mabel. Conhecía-a, conhecia a quinta e, possivelmente, estava a par dos boatos sobre a sua riqueza. Indubitavelmente tinha o sangue-frio necessário.

Talvez ele tivesse a esperança de que Harry fosse acusado, de que durante o inquérito outras coisas pudessem vir a lume. Talvez tivesse até esperado que Tara e Harry estivessem a dormir na casa da quinta e tivesse de facto vindo à procura deles para os matar!

Contudo, o que quer que tivesse acontecido, Harry sentia-se parcialmente responsável por não ter entregado aquela caixa com os dossiês à polícia. Porque é que não o fizera? Uma relutância entranhada em denunciar alguém? A sensação de que era melhor para todos os implicados deixar simplesmente que caísse no esquecimento?

Uma coisa estava clara como a água. Ele não podia revelar nada daquilo agora, não sem tornar as coisas cem vezes piores para Tara.

O mais estranho era que sentia que a morte de Mabel estava ligada a todas as outras coisas estranhas e sem explicação que tinham acontecido nos últimos meses. Aqueles esgotos a aparecerem na cave! Até o canalizador achara que se tratava de sabotagem. A entrega de uma carga de areia em frente à porta do clube ao fim de uma tarde de sexta-feira. A visita do inspetor sanitário, supostamente devida a uma queixa de um dos clientes. Houvera tantos incidentes, do raide da brigada de drogas, que entraram a correr como loucos e não encontraram nem uma mortalha, ao assalto à despensa das bebidas brancas, que foi esvaziada.

No entanto, Wainwright seria suficientemente poderoso para ser o cérebro por trás de todos estes incidentes? Ou será que Harry tinha outro inimigo?

– Olhe, devíamos falar sobre coisas práticas – disse Harry. – Refiro-me à quinta, obviamente a Amy não pode voltar para lá, bem, não para viver. Poderíamos arranjar outro homem para trabalhar lá? Eu podia pagar o salário dele.

– Isso é muito generoso. – Greg fez um sorriso sardónico. – Quem me dera que fosse assim tão simples. Infelizmente, a Amy fazia muito mais do que qualquer pessoa supunha e era também muito boa a manter o Stan na linha. Sem ela lá ele vai-se começar a desleixar.

– Quem me dera poder vir até cá abaixo por uns tempos. – Harry recostou-se no cadeirão, a olhar pensativo o fumo que se erguia do seu cigarro. – Mas as coisas não estão lá muito boas para mim neste momento.

Greg ergueu uma sobrancelha da cor da areia.

– Pensei que estavas a caminho de fazer o teu primeiro milhão.

– E estou. – Harry sorriu irónico. – O clube está a fazer carradas de dinheiro, mas há coisas a que é preciso dar atenção. Por vezes, sinto-me como um homem a abrir caminho numa selva. Por trás de cada árvore e de cada planta há um inimigo que não se vê – o sucesso cria muitos desses inimigos. Cá entre nós, Greg, estou a pensar vendê-lo.

– Mas a julgar pelos jornais dá a impressão de que estás na berra?

– E estou, neste momento. A imprensa adora a história do «tipo *cockney* que singrou», mas preferiam que eu optasse por um pouco de excesso. Sabe, se comprasse uma casa luxuosa, um jato ou um Rolls-Royce. Estão sempre de olhos postos em mim, Greg! À espera de eu dar um passo em falso, qualquer coisa serviria, drogas, engravidar uma miúda de catorze anos. – Harry fez uma pausa. Greg estava a parecer um pouco preocupado, como se não acreditasse realmente naquilo.

– Este homicídio deve mostrar-lhe o que eu quero dizer – insistiu Harry. – Neste momento, a imprensa só sabe que uma senhora de idade foi assassinada. Mas depois vão descobrir que a Tara Manning, a estilista do Josh Bergman, é a neta da velhota! Essa ligação deve manter o interesse pela história mais um dia. Atire-se-lhe com o Harry Collins, ex-presidiário e proprietário de um clube noturno, como namorado e podemos mantê-la ainda mais tempo. Suponha, no entanto, que descubrem que a linda Mrs. Manning é de facto Mrs. MacDonald, a viúva do assassino de um padre? Como é que acha que isso vai ser recebido por estas bandas?

– Oh, merda, não tinha pensado nisso. – A cor esvaiu-se do rosto de Greg.
– Irão desenterrar isso?

– Espero que não. – Harry abanou a cabeça. – A Amy já passou por demasiadas coisas e a polícia local com certeza vai ter pena dela. Mas é uma possibilidade. O meu conselho seria recusarem-se a falar com a imprensa, usualmente é um comentário casual que os conduz a outro ângulo.

– Sabes qual era o meu maior problema na véspera de Natal? – O rosto de Greg era a viva imagem do desânimo.

– O que comprar à Amy para o Natal?

– Não, onde a Amy e eu íamos viver. – Greg abanou a cabeça. – A Amy queria ficar aqui, mas eu não conseguia ver como podíamos deixar a Mabel a desenvencilhar-se sozinha.

– Mesmo depois da morte dela, o problema mantém-se – disse Harry, pesaroso. Gostava de Greg, sentia que ele e Amy eram perfeitos um para o outro, e fazia-o sentir-se furioso pensar que alguma coisa poderia interferir com a felicidade deles.

– O testamento da Mabel talvez nos resolva essa questão. – Greg levantou-se e pôs-se a esfregar as costas. – Para ser perfeitamente franco, espero que tenha deixado aquele sítio ao raio de um canil ou à igreja.

– Vá lá. – Harry sentia que Greg estava com os nervos em franja. Levantou-se também e pousou a mão no ombro do homem mais velho. – As coisas vão-se resolver, vai ver. Depois do funeral, o Greg e a Amy têm de se casar. Se a quinta lhe for deixada, ela podia vendê-la. Vocês os dois não precisam de carregar o fardo disto tudo.

– Obrigado por teres vindo, Harry. – Greg olhou para ele. – Trouxeste uma lufada de ar fresco contigo.

*

– Não posso deixá-la só, Mãezinha – insistiu Tara. – Não me peça que volte para Londres e a deixe aqui.

– Oh, Tara. – Amy pôs os braços à volta da filha e apertou-a com força ao peito. – Tu não mudaste nem um bocadinho desde Whitechapel. Ainda a tentares proteger-me. Eu fico bem, vou ficar aqui com o Greg.

Estavam na sala de Greg, à espera para ele levar Tara à estação. Era agora o fim de janeiro, Mabel tinha sido sepultada ao lado de Paul no cemitério da igreja e, aos poucos, a vila estava a voltar à normalidade.

Harry ficara até depois do funeral, mas tivera de voltar para o clube. A sua ajuda foi inestimável enquanto ali esteve, indo diariamente à quinta, organizando Stan e encontrando um rapaz para o ajudar permanentemente.

Mas a reorganização das suas vidas não era nada em comparação com a terrível pressão de terem um foco assestado sobre eles. Jornalistas a telefonar, a bater à porta e a interpelá-los quando desciam a rua, e tantas perguntas da polícia e dos vizinhos.

Tara sentia-se surpreendida com a força que a sua mãe demonstrava, quase como se tivesse assumido algum do espírito de Mabel. Recusava-se a ser assoberbada pela enchente de vizinhos bisbilhoteiros, batia com a porta na cara dos jornalistas e mantinha-se de cabeça erguida mesmo quando sabia que toda a gente andava a comentar o facto de ela e Greg viverem juntos.

A polícia não estava mais perto de encontrar o assassino. Amy, por sugestão de Harry, apresentara o nome de Wainwright como alguém que visitara a quinta, e através do seu amigo que era dono da casa em Stanton Drew tinham-no encontrado e interrogado. Mas ele tinha um álibi, bem como todas as outras pessoas que a polícia interrogou.

Era um mistério. Um inquérito de porta em porta não revelara nada. Ninguém vira um carro já tarde nessa noite, ninguém avistara nada fora do comum quer antes quer depois. Embora a polícia continuasse a procurar pistas, à medida que os dias passavam ia-se tornando evidente que a investigação estava a perder o fôlego.

Amy e Tara choraram quando Edward Grimes, o solicitador da vila, lhes leu o testamento de Mabel. Nas suas palavras, «Os meus bens vão para a minha neta, Tara, porque ela tem o bom senso de os usar devidamente e os preservar para os seus filhos. Devido à sua juventude e à possibilidade de ser manipulada por outros, peço que a minha filha Amy mantenha a quinta até Tara fazer trinta anos, sem quaisquer mudanças estruturais ou alterações do seu uso, e que Tara dê à sua mãe um lar ali enquanto ela necessitar.»

A sós com Greg, Amy chorara lágrimas amargas. Tal como Greg, pouco lhe importava a quinta, ficaria contente se fosse vendida. Mas via a mente insidiosa da sua mãe por trás daquele testamento, atualizado só um par de meses antes da morte dela. Mesmo depois de tudo o que Amy fizera por ela e pela quinta, Mabel não suportava a ideia de Greg poder lucrar com ela. Não

queria que ele se mudasse para lá e construísse um consultório ou até tornar a vida mais confortável para Amy. Via o testamento da mãe como servindo um objetivo duplo. O trabalho árduo e a responsabilidade poderiam causar tensão na vida de Amy e Greg juntos, e, se Tara viesse em seu auxílio, Mabel tinha a esperança de que isso pusesse fim de vez à sua relação com Harry.

– Já falámos sobre o assunto – disse Amy à sua filha, a tranquilizá-la. – O Greg e eu vamos arranjar um plano para a quinta continuar a funcionar, mantendo o seu valor com o mínimo de esforço e de trabalho. Tu tens de voltar para a tua vida, querida, não te preocupes com isto tudo.

Amy vestia de preto e o seu rosto tinha ainda uma expressão abatida e assombrada. Fossem quais fossem as palavras corajosas que dizia, Tara sabia que demoraria algum tempo a recuperar.

– Alguma vez lhe disse como é preciosa para mim? – Tara pôs os braços à volta da mãe e enterrou o rosto no seu pescoço.

– E tu para mim, querida – segredou Amy em resposta, beijando o cabelo de Tara. – Agora volta lá para Londres, retoma a tua vida. Vamos ter sempre a avó no coração, mas isso não significa que tenhamos de passar o resto da vida a termos medo de ser felizes.

*

– Há alguma coisa que eu possa fazer para te ajudar? – perguntou-lhe Josh no primeiro dia de regresso ao trabalho.

Tudo ficara em suspenso enquanto ela esteve no Somerset. Modelos anteriores foram executados em novos tecidos e as vendas mantiveram-se nas quatro lojas. A assistente de Tara, Margot, devia ter tido uns tempos muito fáceis; o ateliê nunca parecera tão limpo e arrumado.

Era bom voltar a sentir o cheiro dos rolos de tecido, ouvir o trânsito a ribombar lá fora e *Ride a White Swan* cantado por Marc Bolan aos berros da loja lá em baixo. Ela ia ao mercado de Kensington à hora do almoço e comprava algo extravagante na banca das roupas antigas.

– É muito querido da tua parte, Josh. – Tara sentia-se tocada pela sua preocupação. Ele fora ao funeral e perguntara a Greg se podia ajudar nas despesas do funeral, mas talvez o seu real contributo tivesse sido dar tanto tempo a Tara sem a incomodar.

Por muito que detestasse deixar a sua mãe, Tara sentia-se de facto aliviada por estar de volta ao trabalho. Toda aquela emoção esgotara-a, e desenhar fora sempre a maneira perfeita de recarregar as baterias.

Josh estava sóbrio hoje, os seus olhos suaves e meigos de novo, os seus grandes lábios curvados num sorriso genuíno de boas-vindas. Houvera um ramo de flores para ela e postais de pêsames de todas as empregadas das lojas dele.

– Tu sabes o quanto eu gostava da tua avó – disse ele, empoleirando-se numa secretária junto ao estirador dela. – Era como as matriarcas judias, intimidante, mas uma personalidade fantástica. A Amy deve estar a passar um mau bocado sem ela.

– Passava um mau bocado com ela – desabafou Tara, e daí a minutos deu consigo a contar a Josh muito mais do que tencionava.

– Vais-te sentir melhor agora. – Josh fez aquela previsão ao mesmo tempo que lhe dava um abraço e lhe secava os olhos com o seu lenço. – Talvez ela tivesse as suas razões para te deixar a quinta a ti. Talvez tivesse uma razão para desconfiar do Greg.

– Não sejas ridículo – ripostou Tara. – O Greg é um homem maravilhoso!

– Bem, suponho que os instintos da tua avó por vezes podiam não ser lá muito aguçados. Ela gostava de mim, não gostava?

Tara riu-se e subitamente sentiu-se melhor.

– És um raio de sol – disse. – Já são horas de deitar tudo para trás das costas.

*

A morte da avó e o fim de uma década tornaram Tara mais consciente de que não podia continuar a vogar ao sabor da corrente.

De algum modo, 1970 parecia diferente. O *Flower Power* estava a morrer, a revolução já não parecia iminente. A inocência estava morta, surgia uma nova geração de adolescentes, mais materialistas e espalhafatosos. Os sapatos com cunha e as saias maxi começavam a ser moda e, em vez de viverem segundo o lema «Liga e salta fora», as pessoas estavam a cortar os seus cabelos compridos e a voltarem a saltar para dentro.

Andavam-lhe à volta na cabeça muitas ideias, a clamar por serem registadas no papel. Não só para peças de vestuário, mas também para tecidos estampados com padrões psicadélicos em cores vivas. Começava a sentir-se irritada com as limitações do império de Josh, lançando um olhar desencantado não só aos modelos que fazia para ele, mas também aos seus padrões no negócio.

Tudo tinha de ser barato. Tecidos, enfeites, até o corte das peças eram influenciados pela necessidade de economia. Tara ansiava por produzir vestidos de noite sumptuosos em chiffon e seda, usar bordados requintados, *appliqué*, lantejoulas e contas. Olhava para os modelos de Ossie Clark, com todo aquele crepe caro, botões forrados e saias cheias de roda, e sentia-se cheia de inveja.

Uma tarde, quando Josh tinha entrado no ateliê para lhe mostrar as suas novas botas com cunha, decidiu que chegara a hora de lhe mostrar as suas ideias. Ele deixou-se ficar à porta, com calças verdes tão justas que ficava com um chumaço indecente na frente. Alargavam a partir dos joelhos até quase setenta centímetros na bainha, e depois as botas!

– O que é que achas delas? – Sorria como um menino da escola. – Sempre quis ter um metro e oitenta!

Pareciam ridículas, mas o mesmo acontecera com as minissaias ao princípio, e pelo menos aquelas botas eram pretas, não as multicoloridas que ela vira em algumas pessoas.

– Pergunta-me daqui a umas semanas, quando eu já me tiver habituado a que sejas muito mais alto do que eu! – riu-se ela. – Quanto tempo demoraste a praticar o andar com elas?

– Quase parti o tornozelo quando saí da loja com elas – admitiu Josh. – Mas gostas delas, não gostas?

Tara não viu nenhuma razão para ser brutalmente franca e acenou com a cabeça.

– São fixes – disse, virando a cabeça para que ele não a visse rir. – Agora anda cá olhar para estes desenhos.

Ele enrolou um charro, como fazia sempre ultimamente, e sentou-se a fumar enquanto ela lhe passava os esboços para ele ver.

– São todos de cortar a respiração – concordou. – Mas não são para nós.

Reparara numa nova maturidade em Tara ainda antes da morte da velha senhora. Mas desde que voltara para Londres era mais vincada. Usava invariavelmente saias compridas agora, com o seu encantador cabelo louro preso. Agradava-lhe esta nova Tara. Tinha sofisticação e elegância, sem

perder nenhuma da sua simpatia. Pressentia também que ela estava desencantada com o clube de Harry e a sua falta de vida social, o que estava a torná-la de novo ambiciosa. Talvez tivesse chegado o momento de a apaparicar um pouco mais?

– Não podemos produzir uma coleção de roupas especiais? – implorou-lhe ela. – Só algumas à experiência para pôr nas montras e fazer as pessoas pararem para as ver?

Josh tinha as suas próprias preocupações naquele momento, embora estivesse a ocultá-las bem. Tinham aparecido cobradores na loja de Oxford Street poucos dias antes por falta de pagamento da renda; ele também devia ao fisco vários milhares de libras. Embora soubesse que as ideias de Tara eram boas, não tinha dinheiro para desperdiçar em esquemas frívolos naquele momento.

– Não ia resultar. – Abanou a cabeça e riu-se. Não tinha a mínima intenção de lhe contar a verdade. – Temos de nos limitar ao que fazemos melhor. Eu conheço a minha clientela e se me afastar dela perco-a.

– Mas, Josh, as lojas estão a parecer foleiras – disse ela. – Inundaste-as com aquelas coisas indianas todas.

– É o que está a vender. – Deu uma passa no seu charro e ligou o rádio. – Ouve isto – disse, quando soou *Space Oddity*, cantado por David Bowie.

Tara olhou-o pacientemente.

– «Ground control to Major Tom» –, ele, a fazer de conta que tocava guitarra, qual adolescente, e a sacudir os seus caracóis pretos. – «Take your protein pills and put your helmet on».

Tara teve de se rir; ele estava totalmente imerso na canção. Depois de acabar, ela desligou o rádio.

– Queres-me dar ouvidos?

– Vá lá, então, o que é? Mais dinheiro?

– As vendas baixaram, Josh – disse ela num tom calmo. – Estamos a vender mais tralha indiana porque é praticamente tudo o que temos.

– As vendas não baixaram! Quem é que te disse isso? – Arregalou os olhos e mais uma vez ela só lhe viu as pupilas e pouco das íris.

– Porque eu estou na loja de tempos em tempos e vejo, como tu devias fazer – disse ela. Estava farta do cheiro dos paus de incenso, de ouvir *All You Need is Love* no leitor de cassetes. – O único tempo que lá passas é quando estás a tentar levar uma empregada para o armazém.

– Bem, tenho outros assuntos de negócios – disse ele com displicência.

Tara não sabia se isso era verdade, mas, de qualquer modo, não lhe dizia respeito.

– As verdadeiras clientes estão a ficar mais criteriosas. Não me refiro às *hippies* ganzadas que entram à procura de uma túnica de algodão enrugado nova, mas às pessoas com dinheiro – disse ela. – Vejo-as todos os dias a examinarem as bainhas e os forros. No mercado de Kensington, há raparigas do meu género a abrirem bancas que vendem roupas maravilhosas, e nós estamos a perder clientes para elas. Se não endireitares o negócio bastante depressa, não o vais ter por muito mais tempo.

– Soas tal e qual como o meu pai. – Riu-se, mas sentia-se tocado por ela se importar tanto. – Para de te preocupar, Tara. Tem calma.

*

Apesar dos receios de Tara de que Josh estivesse a perder o controlo do negócio, achava mais fácil trabalhar com ele do que nunca. Ele não alinhava

nas suas ideias de dar um tom mais sofisticado às lojas e à imagem delas, mas deixava-a tomar as suas próprias decisões quanto aos modelos, desde que pudessem ser produzidos baratos. Ia muitas vezes ao ateliê ao fim da tarde para falar sobre alguma coisa com Tara, e se ela não tivesse de ir a correr para casa para estar com Harry por vezes iam tomar um copo ou comer uma piza.

Na primeira vez que ele a convidou para o acompanhar a uma feira comercial em Birmingham, ela sentiu-se hesitante. Não porque não quisesse ir, mas porque Harry poderia interpretar mal a relação entre eles.

Embora Tara adorasse Harry, no mundo dele era apenas um bonito adorno, a sua «miúda», como um dos seus capangas lhe chamara uma vez. Ninguém no Top Cat Club queria saber do que ela fazia. A feira comercial deu-lhe uma visão mais ampla, conheceu pessoas que estavam apaixonadamente interessadas pelas mesmas coisas que ela, e as ambições que tivera antes de começar o seu caso com Harry regressaram, mais fortes do que antes.

A novidade de ir ao clube noturno já perdera o seu brilho há muito. Harry estava sempre demasiado ocupado para se sentar com Tara por muito tempo, e ela tinha pouco em comum com os seus compinchas. Era melhor vê-lo fora do clube, duas ou três horas antes de ele abrir, na noite de folga de Harry e aos domingos. O namoro deles era feito de momentos roubados, cheio de paixão intensa, mas nunca com tempo suficiente para partilharem os interesses ou os amigos um do outro ou até mesmo para falarem realmente.

Ela necessitava de uma vida própria. Quando Josh a convidava a ir com ele a fábricas em vez de ficar no seu ateliê todo o dia, ela ia, considerando essas saídas puramente como uma maneira de aumentar os seus conhecimentos sobre a indústria.

Foi uma noite em Paris que desencadeou a briga, e de repente as observações da sua avó sobre Harry pareceram-lhe muito menos ridículas.

Josh ia sempre ver as coleções de Paris. Dizia que não aprendia nada com elas, que era tudo fogo de vista e a glorificação de um punhado de estilistas que faziam roupas só para os super ricos. Mas pensava que chegara o momento de Tara ter também essa experiência.

Era tudo acima de qualquer suspeita. Partiram de Heathrow ao amanhecer numa quinta-feira e voltaram na sexta à noite. Ficaram em quartos separados no hotel e não houve tempo para passeios de barco românticos no Sena ou o que mais Harry pensasse que eles poderiam ter feito. Mas sentiu-se estimulada pelo que vira. Era como se tivesse sido descerrada uma cortina e lhe revelasse um mundo de pessoas bonitas com estilos de vida exóticos. Queria conceber modelos para elas, não para empregadinhas de escritório com dez libras para gastar.

O melhor de tudo, porém, era que Josh parecia começar a alinhar com a sua maneira de pensar. No voo de regresso, disse que ia passar em revista a sua situação financeira com vista a uma completa atualização.

Josh deixou-a em casa de táxi pouco depois das dez da noite. Tara arrastou-se pelas escadas acima; doíam-lhe os pés, sentia-se exausta, acalorada e transpirada.

Para sua surpresa, Harry estava sentado no apartamento dela. Tinha a sua própria chave para poder entrar a altas horas da noite sem incomodar ninguém, mas raramente aparecia sem telefonar antes.

– Olá. – Tara sorriu-lhe debilmente ao mesmo tempo que atirou com a mala para o chão. – Não contava ver-te!

Ele não se levantou de um salto do sofá para a beijar, não havia no seu rosto um sorriso vivo a dizer que sentira saudades dela, nenhuma preocupação por a ver fatigada. Em vez disso, fitou o seu maxivestido justo de veludo com uma racha até à coxa, e era óbvio que desaprovava.

– Porque é que o Josh não entrou para tomar uma bebida? Viu o meu carro?

Tara abateu-se sobre um cadeirão, descalçou-se e massajou os dedos dos pés. O tom de Harry não lhe agradava.

– Nem eu nem ele estávamos a ver se víamos o teu carro – disse, ainda a esfregar os pés. – Estávamos ambos demasiado cansados para pensar noutra coisa que não fosse ir para a cama.

Harry olhou atentamente para Tara. Há algum tempo que não a via toda bem vestida, e parecia-lhe uma rapariga diferente. Usava o cabelo preso, com madeixas a escaparem no pescoço. Fazia-a parecer mais velha, mais sofisticada. A combinação daqueles sedutores olhos cor de âmbar e da sua boca rasgada era o suficiente para cortar a respiração a qualquer homem. Nos dois últimos anos, aumentara um pouco de peso, o suficiente para a tornar mais curvilínea. O seu vestido de veludo castanho não era demasiado justo, mas colava-se ao seu corpo; ele via-lhe os ossos da anca ligeiramente espetados e o rego entre as nádegas, e os seus seios saltitavam quando andava. Naquele segundo, de bom grado a teria trancado para que mais nenhum homem pudesse olhar para ela.

– Frequentaste sítios da alta, então?

Tara ergueu a cabeça. Harry estava de *smoking* e laço, pronto para o clube, o cabelo preso num rabo-de-cavalo, e por um segundo ela vislumbrou um dos seus clientes mais altivos, o aristocrata Nigel Fitz-Makepeace, um homem a quem Harry chamava «Um idiota de primeira apanha».

– Soas como o Nigel Idiota – disse ela a rir. – Frequentar sítios da alta, que coisa!

– Tu não me gozes! – Harry levantou-se de um salto e alcançou-a em duas passadas.

Ela pensou que ele lhe ia bater e recuou involuntariamente, protegendo a cabeça com o braço.

– Alguma coisa deves ter feito para estares com esse ar tão culpado. – Agarrou-lhe o braço e torceu-o ligeiramente a afastar-lho do rosto. – Eu não te ia bater.

– Eu nem te estava a gozar nem a parecer culpada – ripostou ela. – E quem é que não se encolheria se um homem com o teu tamanho e a tua força viesse para ela como um javali?

– Tu alguma fizeste – insistiu ele. – Esse vestido não é coisa que se use num avião!

Quando Tara se encolhera a proteger-se, revelara um vislumbre da coxa. Olhou para baixo e cobriu-a rapidamente.

– Sou uma estilista – disse por entre os dentes cerrados. – Os maxivestidos são a grande moda em toda a parte menos no Top Cat Club, e, se queres saber, passámos a maior parte do tempo numa correria, a falar com pessoas sobre coisas realmente excitantes como botões, acessórios e máquinas industriais.

– Dormiste com o Josh? – perguntou ele, num tom de voz tão frio como os seus olhos.

– Se tens de me perguntar isso, sugiro que te ponhas daqui para fora já. – Espetou o queixo, a recusar-se a ser intimidada por ele. – Eu dizia-te que ia a

Paris com ele, partilhava um táxi até casa e não o convidava a entrar se tivesse dormido com ele?

– Eu já não te conheço – disse ele, de olhos semicerrados. – Tu mudaste. Em tempos, vivias para eu dar cá uma saltada para te ver, agora tenho de marcar hora, porque andas sempre na boa-vai-ela com o Josh!

– Tenho um trabalho que me interessa. – Deslizou para a beira do sofá, porque se sentia intimidada com ele ali de pé muito perto. – Tudo o que ando a fazer com o Josh é a aprender mais sobre a indústria da moda. Desculpa por não ficar à tua espera nua em pelo em cima da cama quando queres vir dar-me uma. Que terrível da minha parte!

Fez menção de se levantar, mas ele empurrou-a para trás. O seu rosto estava com uma expressão cruel e havia um brilho perigoso nos seus olhos.

– Eu não vim cá para te comer. Podia conseguir isso com uma das minhas empregadas do bar se fosse tudo o que eu quisesse. Tinha uma coisa para conversar contigo, mas também encontro outra pessoa qualquer para a partilhar.

– Dás-me náuseas – berrou ela, com os olhos a chisparem com fúria. – Tive de fazer uma vida própria porque tu estás sempre enfiado naquele maldito clube com os teus jogadores e criminosos. Podias-me ter perguntado como é que tinha corrido em Paris, sobre os estilistas que conheci, podias ter mostrado interesse em mim por uma vez. Mas não, só pensas em ti.

Ele girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta. Nem mais uma palavra, nem sequer um olhar para trás. Ela ouviu a porta bater com força, os passos dele nas escadas e depois a porta da rua fechar-se nas suas costas. Daí a uns segundos, o motor do carro dele roncou a ganhar vida.

Não lhe vieram as lágrimas aos olhos, estava demasiado furiosa para isso. Nem sequer foi à janela. Em vez disso, soltou o cabelo e foi tomar um duche.

Mais tarde, na cama, os seus pensamentos viraram-se para os muitos avisos que a sua mãe e a sua avó lhe tinham feito. Harry estivera perto de lhe bater, embora, provavelmente, ele o negasse. Era assim que seria a vida com ele?

– A nossa vida juntos só gira à volta do sexo – murmurou com tristeza, estendendo a mão para apagar a luz. – Não há tempo para mais nada, para conversar, estar com amigos ou divertirmo-nos juntos. Tu não queres uma mulher com uma carreira e cabeça para pensar, Harry, queres uma boneca desmiolada que te adore.

As lágrimas vieram então, porque pressentia que tinham chegado ao fim do que, no seu melhor, fora tão maravilhoso.

CAPÍTULO 30

Harry limpou uma lágrima da face enquanto conduzia pela Pembridge Road na direção de Notting Hill Gate. Estava uma noite quente e havia pessoas por toda a parte a saírem de *pubs* e restaurantes, a verem montras e simplesmente a passearem. Um bando de *freaks* com cabelo comprido, calças largas de cores vivas e túnicas fluidas estava à esquina do metro a conversar. Harry parou numa passadeira para que três raparigas com vestidos compridos passassem. Uma acenou-lhe com a mão e atirou-lhe um beijo. Em qualquer outro momento, Harry teria retribuído o beijo, mas sentia-se demasiado abatido para o fazer.

Sentia-se furioso com Tara, e ainda mais furioso por se ter metido naquela alhada.

Os objetivos que tinha dois anos antes já não se aplicavam. Não queria ter um clube noturno, nem sequer queria viver em Londres. Tara era a única coisa na sua vida que realmente lhe importava, e agora parecia que ela estava a ficar cansada dele.

Pôs a tocar a sua cassete de Abbey Road, dos Beatles. *Here Comes the Sun* usualmente fazia-o sentir-se melhor, mas quando a música encheu o carro só o fez sentir-se ainda mais deprimido. O verão vinha aí, ele e Tara deviam ir visitar a mãe dela, passear nos parques ou ir à praia, não partir em duas direções diferentes.

Toda a gente supunha que era muito excitante ter um clube noturno como o dele. Beber com os amigos todas as noites, fazer uma pipa de massa ao mesmo tempo, controlar as coisas vestido como o raio de um pinguim. Nunca viam o que se passava nos bastidores, a carga de trabalho de fazer encomendas, tratar das contas, contratar pessoal e treiná-lo, estar atento a

desonestidades, dar com as casas de banho transformadas numa pocilga por uns animais irracionais imundos e até ter de as limpar ele próprio, porque o pessoal virava as costas e dava à sola.

O que é que ele ia fazer? Andava alguém por aí a tentar realmente lixá-lo, e o pior era que estava a ser bem-sucedido!

Fora uma estupidez, via agora, ter queimado os dossiês. Mas depois de Mabel ser assassinada, ele entrara em pânico. A polícia andava sempre a aparecer no clube com perguntas e mais perguntas, e ele receava que pudessem vir um dia com um mandado de busca e encontrassem tudo. Agora, se quisesse ir dar com os dentes sobre o tal Wainwright não tinha nada para provar o que dissesse. Além disso, como poderia contar tudo à polícia sem falar de Tara?

E havia também uma subcorrente no clube, algo pesado que ele não conseguia identificar claramente. Como se alguns deles soubessem que estava prestes a acontecer alguma coisa e receassem admiti-lo para o caso de também os afetar a eles.

Por vezes, desejava ter seguido o conselho de Josh e ter criado uma discoteca para jovens. Sentia-se velho e como se deslocado no tempo. O Top Cat Club estava encravado nos anos 1950. Os homens andavam todos de botas e fatos e de cabelo curto com brilhantina; até uma camisa que não fosse branca fazia com que se parecesse suspeito. Homens com rostos retalhados por cicatrizes bebiam concentrados ao balcão, só preocupados com criarem uma imagem de durões. As miúdas deles eram usualmente umas tontinhas, a dançarem juntas à volta das suas malas de mão até ficarem tão bêbedas que tinham de ser enfiadas num táxi. Ele tentara atualizar a música, mas os clientes só queriam Matt Monroe e Frank Sinatra. Quando fora a última vez que ele tivera uma conversa inteligente com alguém?

Manter Tara afastada do clube era uma precaução que ele sentia que tinha de tomar – não a queria envolvida com o que quer que estivesse a acontecer ali. Mas era uma tristeza. Ele adorava tê-la ao seu lado, exibí-la. Não podia criticá-la por pensar que ele só aparecia lá em casa para uma rapidinha, muitas vezes acontecia depois de uns dois beijos, e ele sentia-se envergonhado quando se ia embora.

Provavelmente, fora por isso que ele se comportara de um modo tão estúpido e sem tato nessa noite. Porque é que não se limitara a abraçá-la, fazer-lhe um chá, perguntar-lhe sobre Paris e depois dizer-lhe que ia vender o clube? Estava a tentar atirá-la para o raio dos braços de Josh?

De qualquer modo, parecia que a venda iria concretizar-se, mesmo que ele não gostasse realmente do homem. O desenrolar das coisas tinha a sua graça. Duke estivera lá quando ele ganhou o clube ao jogo. Investira dinheiro para pôr o projeto em marcha e nos dois anos seguintes não só recuperara o investimento, mas também ganhara umas massas nas mesas de jogo. Agora, queria comprar o clube e, no que dizia respeito a Harry, que lhe fizesse bom proveito. Era suficientemente determinado para ganhar uma fortuna à custa dos clientes, e boa sorte para ele!

Depois de todo aquele tempo, Harry continuava a saber pouco mais sobre ele do que na noite do jogo de póquer. Só aparecia quando havia muito dinheiro em jogo; quer ganhasse quer perdesse mantinha a calma. Mas estava a fazer tudo o que devia, aparecendo noite após noite, ajudando, encontrando-se com os membros do clube, e os advogados diziam que ele tinha a questão financeira organizada.

Mais duas ou três semanas e assinariam o contrato. Harry teria dinheiro suficiente para comprar uma loja para Tara e fazer uma proposta de compra daquela banda de casas degradadas em Islington. O trabalho de construção

era do que ele realmente gostava – nunca se sentira mais feliz do que quando estava a demolir o interior do clube e a reconstruí-lo. E também era dinheiro limpo, restaurar casas para as pessoas viverem nelas, não ver paspalhos perderem a camisa ao jogo.

Pensar em Tara distraía-o da viagem, e foi só quando virou para as ruas mal iluminadas da zona das docas que se apercebeu de que tinha estado a conduzir em piloto automático. Mais à frente, viu uma luz vermelha a piscar e dois polícias na estrada. Abrandou, abriu a janela e depois parou. Os polícias estavam a inclinar-se na direção de algo junto ao seu carro e um deles fez-lhe sinal. Harry saiu do automóvel.

– Há algum problema? – perguntou em voz alta.

Não viu a pessoa que lhe saltou em cima, só ouviu uns passos leves e ligeiros atrás de si, e depois sentiu a pancada na nuca. A última coisa que viu antes de tombar por terra foi que não eram polícias, só homens com fatos-macacos escuros.

*

Harry apercebeu-se de que se encontrava numa carrinha, tinha um cobertor fino por baixo de si e havia um cheiro a gasolina ainda antes de sentir a corda e a venda nos olhos. A dor na nuca recordou-lhe o que tinha acontecido e sugeria que não devia deixar saber os seus captores que tinha recuperado os sentidos.

Estava deitado de lado, encravado por alguma coisa atrás das costas. Embora tivesse as mãos amarradas, podia tocar-lhe com os dedos, e parecia ser um caixote de madeira áspera. Também tinha os tornozelos amarrados, e sentia um formigueiro nos braços de estar deitado naquela posição.

Lembrava-se de um jogo a que jogava nos terrenos baldios das bombas quando era pequeno; à vez, vendavam-se uns aos outros e depois faziam ruídos e o que estivesse preso tinha de adivinhar onde estava e quem era cada um dos outros. Chegara a hora de jogar novamente esse jogo.

Havia três, possivelmente quatro homens na carrinha. Calculou-o pelo ar abafado, o número de vezes que um isqueiro era aceso e os vários diferentes odores corporais. Um estava sentado ao lado de onde ele se encontrava deitado, eram as suas calças que cheiravam a gasolina, e sentia o calor que emanava dele. Os outros encontravam-se nos lugares da frente. Só dois dos homens estavam a falar, mas de algum modo ele pressentia a presença de um terceiro em silêncio. Tinha a certeza de que nunca ouvira nenhum deles. A sua pronúncia era londrina, mas não *cockney*, mais na direção do Essex. Não estavam a falar sobre ele, só sobre corridas de carros.

– Parem de falar – disse uma terceira voz. – Ele vai acordar a qualquer minuto, se é que não está já acordado. Verifiquem-no.

Harry tinha razão, havia três na frente, e já ouvira aquela voz algures. Tinha uma pronúncia *cockney*, mas atenuada, como se o homem tivesse vivido noutro lugar alguns anos.

Umas mãos grosseiras estavam a verificá-lo, uma luz incidiu no seu rosto e o hálito do homem cheirava a cebolas.

– Inda ‘tá apagado, chefe!

Harry também não conhecia aquela voz, embora soasse mais da zona do que as dos outros dois. Só a voz mais grossa, de homem mais velho, lhe parecia vagamente familiar. Mas não falaram mais depois disso, só umas pequenas pancadas, um ligeiro agitar do ar que Harry imaginou serem acenos das mãos a fazerem sinais, e a ocasional palavra segredada.

– Cabrões espertos – pensou, sorrindo por trás da venda. – Vá lá, tentem assustar-me de morte. Eu vou fazer de conta que estou KO e esperar que vocês mostrem o jogo.

Era doloroso estar deitado de lado, cada solavanco na estrada lhe afetava o osso da anca, e uma câibra no braço que tinha por baixo do corpo dava-lhe vontade de gemer.

O que teriam feito do seu carro? Que mensagem teria sido recebida no clube? Quanto tempo demoraria até alguém dar por falta dele? Needles preocupar-se-ia imediatamente, a não ser que lhe fosse contado algo plausível. Tony preocupar-se-ia menos, mas ambos se encarregariam das coisas e continuariam como sempre se a história que lhes contassem fosse suficientemente plausível.

Harry pôs-se a pensar afincadamente. Não era provável que o seu pai fizesse soar o alarme, por vezes não se falavam durante uma semana. Restava Tara! Uma ausência de um, dois ou três dias seria o suficiente para ela entrar em pânico, mas ultimamente não andavam a ver-se mais do que uma vez por semana. E depois da maneira como ele saíra zangado nessa noite, bem, ela ficaria à espera de que Harry pedisse desculpa. Quando ele não o fizesse, ela partiria do princípio de que ele simplesmente não queria saber.

Alguém no clube devia estar metido naquilo. Dennis era o suspeito mais provável, como gerente da sala de jogos estava a par de tudo o que se passava e era suficientemente inteligente para assumir o comando. Ultimamente, tinha também havido uma ligeira alteração na sua atitude, um vestígio de amuo, raramente conversando ou querendo ficar depois do trabalho para beber um copo. O que poderiam querer dele? Raptá-lo era uma possibilidade, mas improvável. Alguma nova firma a começar, que quisesse pregar-lhe um susto

de morte para criar reputação? Será que alguém acreditava que ele tinha dado com a língua nos dentes? Ou seria pura e simplesmente uma vingança?

Harry tentou concentrar-se em ouvir algo de lá de fora que lhe desse alguma pista sobre onde se encontravam. Ouvia o som de trânsito intenso. Via luz com frequência através da venda nos olhos, mas isso não queria dizer grande coisa. Podiam estar em qualquer rua ou estrada movimentada, da autoestrada M1 à Holloway Road. Estava quase a adormecer quando alguém falou.

– Para onde, Joe?

Pressentiu uma fúria entre eles por um ter deixado escapar o nome.

«Joe.» Harry reteve o nome, certo de que pertencia ao homem com a voz grossa familiar. Quantos Joes conhecera na sua vida? Joe Shepherd, que tinha ido para o Canadá, Joe Cohen, cujo pai era rabino e insistia que o nome do filho era Joseph. Havia Joe Small, o ex-pugilista que treinava no ginásio, mas a voz dele era distintiva, como uma sirene de nevoeiro.

Joe Spikes. Esse era o nome que o seu pai mencionara quando ele esteve dentro. Nunca mais voltara a surgir e Harry esquecera-o até àquele momento. George sugerira que ele tinha algo a ver com um gangue do Sul de Londres. Que Harry soubesse, nunca tinha estado com o homem, mas ele podia ter ido ao clube uma noite. Talvez fosse por isso que a voz lhe soava familiar. Era capaz de ter andado na pista errada ao pensar que Wainwright estava relacionado com os incidentes no clube. Talvez a coisa remontasse a mais atrás?

A carrinha estava cheia de fumo de cigarros, fazendo-o sentir-se nauseado. Tinha uma dor na nuca e uma comichão no pé, que não podia coçar, e os braços doíam-lhe imenso, mas mesmo assim não disse nada.

A viagem parecia estar a durar uma eternidade, e agora quase não se via um clarão de luz lá de fora nem se ouvia ruído de outros carros. Tinham virado para uma estrada mais pequena, ele apercebeu-se disso pelo número de curvas e contracurvas e pelo ocasional ramo de uma árvore a roçar na carrinha. O homem na parte de trás com ele estava a ficar inquieto, esticando as pernas, fletindo os braços e bocejando. De repente, pararam, estacionando num terreno irregular.

– Abre o portão! – A ordem veio de um dos homens na frente e a porta da carrinha deslizou a abrir-se, deixando entrar uma lufada de ar fresco e limpo a dissipar o fumo.

A carrinha avançou e parou de novo enquanto o portão era fechado, e depois o homem voltou a saltar lá para dentro, a ofegar ligeiramente.

O terreno era irregular, e avançavam aos solavancos, descendo bastante e contornando curvas, e ele ouvia ramos de árvores a baterem na carrinha. As rodas chegaram a um piso com cascalho e plano. Entrou mais vento quando a carrinha parou, o que dava a entender que estavam agora num lugar aberto.

Os homens da frente saíram e a porta de trás foi aberta. Os pés de Harry foram puxados com força e ele foi tirado para fora como um saco de batatas.

– Para onde é que me estão a levar? – As palavras saíram-lhe apesar da sua determinação de se manter em silêncio. Eles não responderam, mas a corda que lhe amarrava os pés foi desatada.

Dois deles fizeram-no andar em frente, segurando-o pelos cotovelos. Um homem ia à frente dele; Harry não conseguia ver onde estava o quarto homem. Pararam, e à sua direita ouviu algo. Passos! Soavam abafados, mas num soalho. Estavam à espera de que se abrisse uma porta. Ouviu-se um

raspar de ferrolhos velhos, uma chave a rodar na fechadura. Uma casa velha ou uma igreja, algures nas profundezas do campo? A porta rangeu.

– Um cenário de filme de terror! – comentou Harry, e um dos homens deu-lhe um murro no fundo das costas. O temor cravou-lhe as garras e ele esforçou-se por se controlar.

Os passos deles ecoavam ao avançarem por um corredor com soalho, e sentia claramente o cheiro a cedro. Abriu-se outra porta.

– Degraus para baixo agora. Tem cuidado ou caís!

Era aterrador descer em total escuridão uns degraus que sabia serem estreitos e velhos. Sentia as teias de aranha. O cheiro a terra bolorenta tornava-se cada vez mais forte com cada passo, e fazia frio, muito frio.

Quando chegaram ao fundo das escadas, ele sentiu que pisava lajes irregulares. Poderia ser a cripta de uma igreja? O ar frio, a humidade bolorenta sugeriam que poderia ser. Outra porta, e desta vez empurraram-no para a frente sozinho.

Por um segundo, invadiu-o o pânico, uma convicção de que estava a ser empurrado para a beira de um abismo e de que só estavam à espera de que ele caísse. Vacilou, recuperou o equilíbrio e berrou:

– Tirem-me a porra da venda!

Um dos homens encaminhou-se para ele. Harry nunca se sentira tão aterrado.

– Por amor de Deus, se me vão matar despachem-se!

Arrependeu-se imediatamente do seu desabafo. Antes de as suas palavras acabarem de ecoar à volta das paredes, pressentiu que estavam divertidos.

– Vou-te desamarrar, Harry, mas antes que fiques com ideias, digo-te que estamos armados. Qualquer atrevimento e voltamos-te a amarrar. Estou a ser claro? – A voz era terra a terra.

– Sim – respondeu Harry. Porque é que não era o que se chamava Joe que estava a falar, quando obviamente era o chefe?

– A que vem isto? – Tentou manter a voz calma e firme. – Supostamente fiz alguma coisa a algum de vocês? – Era como jogar ao jogo da cabra-cega. Estava sempre a voltar a cabeça para um lado e para o outro, a tentar calcular exatamente onde os homens se encontravam. Tinha a sensação de que estavam muito perto, a sorrir do seu desconforto.

– Este é o meu clube. – O homem chamado Joe falou por fim. – Aqui vais fazer exatamente o que eu disser. Só te vou dizer o que quero que saibas. Se escolho ou não matar-te no fim vai depender inteiramente de ti!

Um arrepio frio percorreu a espinha de Harry. A voz era gélida. Sem fúria, sem indignação. Se este homem era capaz de raptar alguém sem uma ou outra dessas emoções era capaz de qualquer coisa.

Ouviu os passos do homem afastarem-se e ao mesmo tempo outro homem aproximou-se e desatou-lhe as mãos. Por um segundo, Harry ficou ali parado, a esfregar os pulsos, mas quando ouviu os homens afastarem-se arrancou a venda. Só três deles estavam ainda na cave. Os seus rostos estavam cobertos com máscaras de meias de vidro só com os olhos à mostra. Dois deles traziam vestidos blusões e calças de ganga e *t-shirts* pretas, o terceiro um blusão de couro castanho, calças de uma cor semelhante e um polo branco *Fred Perry*.

– Dorme. – O tipo do polo *Fred Perry* fora quem dera as ordens antes. – Há um balde ali se precisares, uma garrafa de água e umas bolachas. Não te dê

ao trabalho de procurar um meio de fugir, não há nenhum.

Desapareceram ainda antes de Harry poder calcular a sua idade. A porta pesada fechou-se e Harry reparou que era de aço e tinha um pequeno postigo, tal e qual como na prisão.

Ficou parado algum tempo, a esfregar os pulsos e a olhar à sua volta. Poderia ser uma cripta, o chão de lajes e o teto baixo irregular sustentariam essa hipótese. Mas usualmente as criptas eram de pedra tosca, e estas paredes pareciam de tijolo caiado a determinada altura. O pior de tudo era que não tinha janelas. O teto curvava-se até ter só um metro e vinte de altura no extremo oposto, como se aquela divisão tivesse literalmente sido escavada da terra. Media cerca de cinco metros por três metros e meio, e não havia mais nada a não ser uma cama de ferro, uma mesa de madeira tosca em cima da qual estavam a água e as bolachas, e uma cadeira.

Olhou para o seu relógio de pulso. Era quase uma da manhã. Alguns homens seriam capazes de calcular onde se encontravam pelo tempo passado. Mas não ele, não saía de Londres de carro muitas vezes.

Encontrava-se trancado num lugar que não conhecia, por uma razão que se recusavam a dizer-lhe, vestido de *smoking* e laço. Era tentador ir-se abaixo, criar uma cena para os homens voltarem, qualquer coisa menos ficar ali dentro sozinho. Mas a razão disse-lhe que isso de nada lhe serviria. Eles tinham planeado aquilo meticulosamente. O mais provável era que soubessem mais sobre Harry Collins do que ele próprio sabia!

CAPÍTULO 31

— O que se passa, amorzinho? – Josh estava a passar em revista uns papéis no ateliê quando ouviu Tara suspirar profundamente. – Estás-te a sentir doente?

– Não! – Tara pousou o lápis e virou-se para Josh, no seu rosto uma expressão de desânimo. – Só estou desolada!

– Conta-me o que se passa. – Aproximou-se dela e puxou um banco. – É o Harry?

Ela chegara nessa manhã de calças de ganga e com o cabelo preso num rabo-de-cavalo. Ele reparou imediatamente nos seus olhos inchados, mas hesitou antes de fazer algum comentário.

Tara já nunca falava sobre Harry com ninguém, muito menos com Josh. Não queria fazê-lo agora, porque tinha a certeza de que ele ia ficar encantado, mas custava-lhe suportar aquela dor sozinha.

Josh tinha posto *after-shave* da marca Brut hoje, a que Tara preferia em Harry. De cada vez que sentia o cheiro apetecia-lhe chorar. Uma lágrima deslizou-lhe pela face. Josh estendeu o braço e limpou-a com um dedo, depois pôs-lhe a mão em concha à volta do rosto.

– Não tens de me contar os pormenores. A sua voz era delicada. – Eu sou só teu amigo, pronto com um abraço, um ouvido atento, do que precisares.

– Acho que acabou – segredou ela, tentando a todo o custo conter as lágrimas. – Tivemos uma discussão na noite em que regressámos de Paris. Ele nunca mais me disse nada.

Josh passou os braços à volta dela, o abraço delicado e nada ameaçador de um irmão mais velho. Apetecia-lhe rir, cantar e dar vivas. Mas naquele momento tinha de manter a compostura.

– Vá lá! Suponho que só está a dar tempo a vocês os dois de esfriarem os ânimos. Ficou com ciúmes por tu estares comigo?

– Não sei se ficou – disse Tara, a soluçar. – Foi um bocado sarcástico em relação a ti, mas foi principalmente dirigido a mim por andar demasiado embrenhada no trabalho. Assustou-me, Josh, foi mesmo pesado.

– Dá-me a impressão de que deve andar com alguma coisa a preocupá-lo. Não pode ser o clube, está a ter imenso sucesso. Ele não se pode ter metido nalguma coisa duvidosa, pois não?

– O que é que te faz dizer isso? – Tara ergueu a cabeça e olhou para Josh com curiosidade. Estava a contar que ele sugerisse outra mulher ou problemas de dinheiro, ambas explicações que ela rejeitaria sem pensar duas vezes.

Josh encolheu os ombros.

– Ouvi um boato no outro dia. O Harry não foi mencionado, diga-se de passagem, só estou a juntar dois mais dois e provavelmente a obter cinco. Andavam por aí a recrutar e um par de tipos mencionados eram colegas dele.

– Ele nunca iria voltar ao crime. – Os olhos de Tara ficaram esbugalhados com o susto.

– Não, claro que não – tranquilizou-a Josh. Como eu disse, o Harry não foi mencionado. Porque é que precisaria desse tipo de cena quando está a sair-se tão bem?

– Achas que devia telefonar-lhe? – perguntou Tara. – Não quero forçar as coisas. Mas por outro lado ele pode achar que não quero saber a ponta de um chavelho se não o fizer.

– É claro que devias telefonar-lhe, tontinha. – Josh fez um sorriso rasgado.
– O mais certo é o homem estar com demasiado medo de te telefonar para o caso de lhe lançares os cães. Agora ouve lá, tenho de ir à filial da Oxford Street, mas passo por cá mais tarde, mesmo antes de fecharmos. Se não tiveres combinado nada com o Harry para esta noite jantamos juntos para falar sobre uns planos novos que tenho?

– OK. – Tara parecia ainda um pouco abatida, mas Josh já a fizera sentir-se bastante melhor. – Obrigada pelo ombro!

Ele pôs um dedo debaixo do queixo dela e ergueu-o.

– Tu podes vir ter comigo a qualquer hora, Tara, para falar sobre seja o que for.

– És um verdadeiro doce. – Tara ergueu a cabeça e beijou-o impulsivamente.

– Bem, é garantido. – Josh cambaleou a recuar e a tocar nos lábios. – Nunca mais me vou lavar!

Tara riu-se.

– Vai-te lá embora! – Apontou para a porta. – Vejo-te mais logo.

*

Telefonou primeiro para o apartamento de Harry em Angel, mas não teve resposta. O telefone no clube tocou durante cerca de cinco minutos e foi finalmente atendido por Needles, ofegante, quando ela estava prestes a desligar.

– Olá, Needles. – Pediu desculpa por o ter afastado do seu trabalho. – O Harry está aí?

– Não, minha doçura, ele não te disse que ia dar uma saltada à Alemanha?

– À Alemanha!

– Bem, foi tudo um bocado repentino, tipo – disse ele com hesitação. – Deu-me um toque e disse que ia viajar, num impulso.

– Mas porquê a Alemanha? Não é o tipo de lugar para onde ele iria de férias.

– Ele alguma vez ia de férias sem ti, minha doçura? – Soltou uma risada forte que a tranquilizou. – Não, é só um clube ou coisa do género que ele vai ver.

– Então, tu estás a tomar conta de tudo?

– A tomar conta de deixar entrar e de pôr fora. – Soltou uma risada. – O Tony ‘tá encarregado dos bares e o Duke faz o resto.

– O Duke? – Tinha encontrado Duke algumas vezes no clube e recordava-o pelo seu bom aspeto másculo e os seus olhos penetrantes de um azul gélido.

– O Duke é o tipo que vai comprar o clube.

Tara ficou tão chocada que ficou temporariamente sem palavras.

– Eu também não sabia isso – disse por fim.

Needles sentiu-se embaraçado. Gostava de Tara, ela era uma verdadeira boneca, e, de qualquer maneira, não lhe agradava magoar as senhoras, mas mesmo assim! E se estivesse a pôr Harry em maus lençóis?

– S’ponho que o ‘Arry qu’ria que fosse uma surpresa. É melhor não lhe dizeres que eu te contei. – Soava ansioso agora. – De qualquer maneira, o Duke já anda a vir p’ra cá há semanas. O ‘Arry disse que era uma boa oportunidade para ele tomar as rédeas.

– Então por quanto tempo é que ele vai estar ausente?

– Oh, amorzinho, pus-te preocupada. – A voz de Needles tornou-se um ronronar de empatia. – É capaz de ‘tar fora duas ou três semanas, mas isso não é nada, pois não? Ele vai-te contactar não tarda nada. Mas não lhe digas que te contei, ‘tá bem?

– Não digo nada – prometeu ela, e desligou.

Tara não sabia como reagir à notícia. Sentia-se surpreendida por Harry ir vender o clube noturno e magoada por ele ter partido em viagem sem lhe telefonar, mas ao mesmo tempo perguntava-se se fora isso que ele viera dizer-lhe na noite em que ela regressou de Paris. Teria tomado o facto de ela raramente ir ao clube nos últimos tempos como falta de interesse? Sentir-se-ia tão magoado com a atitude dela em relação ao seu negócio como ela se sentia com a falta de entusiasmo dele pelo seu?

Estendeu um tecido na mesa de corte e começou a pôr um molde em cima dele. Sabia onde ele estava agora e por que se comportara de um modo um pouco estranho. Talvez ele pensasse que um pouco de espaço faria bem a ambos, e era capaz de ter razão.

*

– Bem, estás pronta para o novo plano? – perguntou Josh depois de terem pedido o jantar.

Encontravam-se no Bistingo, em Queensway, o restaurante favorito de Tara, que se especializava em gastronomia rústica francesa. Ela não só adorava a comida – pombo, pato e guisados fortes – mas também o ambiente daquele espaço, com a sua mobília rústica de pinho e braçadas de flores secas penduradas do teto juntamente com tachos e panelas de cobre. Evolavam-se da cozinha cheiros fortes a ervas aromáticas e a alho e ouvia-se em pano de fundo uma música suave de guitarra.

Josh sentia-se contente por Tara parecer mais animada. Ela lavara o cabelo e voltara a prendê-lo, com pequenos caracóis à volta do pescoço, e trazia um maxivestido azul-escuro que a fazia parecer uma princesa.

– Estou morta por o ouvir. – Já explicara o que se passava com Harry, e agora sentia-se ligeiramente tonta por ter deixado Josh vê-la tão perturbada.

– Vou-te deixar fazer o que queres. – Josh sorriu, os seus dentes de um branco brilhante em contraste com a sua pele morena. – Não tudo de uma vez, não posso transformar as quatro lojas todas ao mesmo tempo para já. Mas vamos começar com a de Church Street.

Josh estava empolgado. Passara por um momento difícil, mas superara-o e os seus novos planos tinham-lhe dado o tipo de excitação que usualmente só obtinha com drogas.

– Desfazermo-nos de tudo e começar de novo? – perguntou ela arfante.

Josh acenou com a cabeça.

– Não só nova mercadoria, mas também uma imagem inteiramente nova. – Sorriu encantado.

Tara ficou boquiaberta ao ver Josh sacar de um dossiê com planos de arquitetura em que se via uma loja com duas montras enormes que curvavam para uma porta entre elas.

Os planos do interior mantinham o mesmo tema, uma imagem quase do período da viragem do século XX, com grandes plantas em vasos, plataformas com corrimãos à sua volta e enormes varões de pinho que pareciam mais guarda-fatos antiquados. Velhos espelhos giratórios, um ou outro toucador e manequins de modista completavam a imagem.

– Parece caro – comentou Tara, pondo os planos de lado quando chegou a comida.

– Vai ser, a ideia é mesmo essa – explicou Josh. – Ambiente caro, roupas caras. Vamos visar as clientes com menos de trinta anos e com dinheiro. Como tu muito bem disseste, há lojas que cheguem para as hippies ganzadas. Nós temos em vista os *nouveau riche*, pessoas que querem roupas lindas e ousadas e não se importam de pagar por elas.

Tara pegou na faca e no garfo e fechou os olhos a saborear por um momento o aroma maravilhoso do bife com alho e ervas aromáticas.

– E eu posso fazer modelos para essa loja? – perguntou.

– Todos os vestidos de noite serão exclusivamente teus. – Os olhos de Josh brilharam ao ver a expressão extasiada dela. – Vou comprar as malhas, os casacos, as calças e coisas do género. Mas quero que não te poupes a despesas em todos aqueles sonhos de seda e veludo com lantejoulas e contas de que andas sempre a falar.

Ela sentia vontade de dar gritinhos de encanto, mandar vir uma garrafa de champanhe e pôr os braços à volta de Josh.

– Mas assim não vou ter tempo de fazer as roupas normais das outras lojas.
– Tara tinha a certeza de que devia haver um senão.

– Podemos usar todos os velhos padrões. – Josh estendeu a mão para a dela por cima da mesa. – Tu vais passar todo o teu tempo nisto. Como estas roupas não vão ser fabricadas em massa, estou a pensar em criar um pequeno ateliê com cerca de quatro raparigas para trabalharem exclusivamente nelas.

Tara sorriu encantada. Com o seu próprio ateliê de costura, poderia ditar como as coisas eram feitas, obter o tipo de acabamento que queria. Era um sonho tornado realidade.

– Então como é que se vai chamar esta loja? – Os olhos dela cintilavam como âmbar acabado de polir e as suas faces estavam coradas.

– Não tenho a certeza. Talvez Joshua Bergman escrito em letras douradas todas chiques, mas veremos.

Tara recostou-se na cadeira, demasiado atordoadada para pensar em mais perguntas.

– Acaba de comer. – Josh bateu-lhe nos nós dos dedos com um dedo. – E depois mando vir champanhe para celebrarmos.

*

Só daí a quase uma semana Tara começou a descer da nuvem para que Josh a projetara.

Quando acordou no domingo de manhã, apercebeu-se subitamente de que tinham passado dez dias desde que regressara de Paris. Mesmo tendo em consideração que Harry estava zangado com ela, ele podia pelo menos ter enviado um postal.

Telefonar para o clube não era agora uma opção viável. Se Harry estava simplesmente cansado dela, Tara não queria que uma empregada do bar ou homem da cave das bebidas lho dissesse. Ir falar com George e Queenie era a solução. Podia fingir que ia contar-lhes os planos de Josh e ver assim se eles tinham sabido alguma coisa.

Fazia muito calor, e Tara imaginava que Queenie estaria a planear um almoço no jardim. Cada ano adicionava mais alguma coisa ao seu minúsculo jardim mediterrânico. O muro da linha do comboio estava completamente coberto por heras agora. Clematite, rosas trepadeiras e madressilva ocultavam os jardins desleixados dos vizinhos, havia um minúsculo lago a um canto

com uma fonte e à noite acendiam um par de holofotes escondidos debaixo dos arbustos.

– Bem, isto é que é uma bela vida, não é? – George ergueu a sua caneca de cerveja para um brinde. Caíam petúnias em cascata sobre as bordas dos vasos. Os lírios exóticos, mantidos durante o inverno dentro de casa, formavam um espetáculo de vermelhos, azuis e amarelos.

– Sem dúvida que é. – Tara sorriu e bateu com o seu copo de vinho na caneca de cerveja dele. Chegara com um vestido comprido de algodão enrugado, mas despira-o e ficara de fato de banho azul-turquesa. – E que venha mais!

– Não tarda nada estás-te a bronzear em terras estrangeiras – disse Queenie, a esfregar um pouco de óleo bronzeador nos seus braços gorduchos. – Quando o Josh abrir essa loja vão ser só atrizes e estrelas da música pop a ir lá. Vais deixar de querer esta vida de pobre.

Tara riu-se.

– Quando eu for suficientemente rica para ir em grande estilo para terras estrangeiras, levo-vos comigo – insistiu. – Espero que o Harry já fale outra vez comigo nessa altura, caso contrário podia ser embaraçoso.

Viu os olhares que eles trocaram, pressentiu a sua surpresa.

– Tivemos uma discussão – disse, chocada por ele não lhes ter contado nada. – Ele não me disse que ia à Alemanha, e não tenho notícias dele desde essa altura.

– Pensámos que tinhas vindo cá porque ele estava fora. – Queenie parecia preocupada. – Eu ia agora mesmo perguntar-te como é que ele se está a dar lá.

– Também não tiveram notícias?

– Não. – George endireitou-se na cadeira e empurrou para trás o velho chapéu de palha deixando à mostra a sua careca. – P’ra te dizer a verdade, qu’rida, nós ficámos um bocado chateados por ele não nos ter dito que ia p’ra fora. Só soubemos quando telefonei ao Needles.

Um arrepio gélido percorreu a espinha de Tara. Era impensável que Harry se ausentasse sem dizer nada a George.

– Isto não me está a agradar. – Sentiu uma volta no estômago como acontecia sempre que se passava algo de errado. – É compreensível que ele não me tenha telefonado, porque nos despedimos zangados. Mas ele não ia negligenciar o George e a Queenie, especialmente se se tivesse esquecido de se despedir.

– Eu peço ao Needles que dê cá um salto. – George levantou-se rapidamente. – Ele vive aqui perto, disse que o ‘Arry telefonou pr’ó clube várias vezes. Vamos perguntar-lhe o qu’ é qu’ele acha.

*

– Então só falaste com ele uma vez? – repetiu George, a assegurar-se de que ouvira bem.

– Só. – Needles parecia demasiado grande para a delicada cadeira branca de jardim em que se sentara. – A maior parte da rapaziada já falou co’ele, em diferentes ocasiões. Só ainda não calhou de eu atender.

– Quando é que o ‘Arry partiu? – perguntou George.

– Deve de ter sido na sexta-feira, não na semana passada, mas na semana anterior. Ele ‘teve lá na quarta e não disse nada sobre ‘tar a pensar ir a algum lado.

– Foi na quinta à noite que eu voltei de Paris. Ele estava no meu apartamento quando cheguei a casa. – Tara franziu a testa. – Disse que ia para

o clube e foi de carro para lá.

– Não chegou a aparecer. Telefonou-me na sexta de manhã. – Needles inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos. – Disse que ‘tava no aeroporto, numa cabina, por isso é que não podia falar muito tempo.

– Então aonde é qu’ele foi na quinta à noite? – refletiu George, a parecer um pouco pálido. – O qu’é qu’ele trazia vestido, Tara?

– O smoking, o laço, o costume. – Tara estava preocupada. – Needles, tens a certeza que foi o Harry que te telefonou?

– Não sejas tonta, miúda. – O rosto de Needles abriu-se num sorriso rasgado. – Eu conheço o ‘Arry desde qu’ele era puto. Achas qu’eu não lhe conheço a voz?

– Ouvia-se bem, Needles? – perguntou George. – Quero dizer, a ligação, a voz dele. Não ‘tou a ver o ‘Arry a sair da cidade de fato de pinguim. Também não compreendo porque é qu’ele não me ligou antes de se meter num avião.

– Devia estar no trabalho – retorquiu Needles. – Mas agora que o diz, a ligação não era lá muito boa. Ele ‘tava sempre a bater com o auscultador e havia assim a modos que um zunido.

– Acha que era alguém a fazer de conta que era o Harry, Tio George? – perguntou Tara em voz baixa. – Pensa que lhe aconteceu alguma coisa?

– Pera lá um minuto! – interrompeu Queenie, inclinando-se para a frente para dar uma palmadinha no joelho de George e no de Tara. – ‘Tás a pôr a Tara toda aflita só porque o ‘Arry teve pouca consideração. Ele aparece daqui a um ou dois dias, vão ver.

– Queenie. – George pôs a mão por cima da mão da sua mulher. – Em toda a vida do Harry não me parece que alguma vez tenha ido p’ra fora por mais do que uma noite sem me dizer. Ele não foi muitas vezes ‘ó estrangeiro. Não

mais do que três, acho eu. Se fosse à Alemanha, tinha-se fartado de falar disso. Mas podemos resolver isto agora mesmo, vamos ‘ó apartamento dele e damos uma vista de olhos. Se o passaporte dele não ‘tiver lá, acredito que ele foi de viagem!

Tara voltou a vestir-se e foi com George e Needles, enquanto Queenie ficava em casa a fazer o jantar.

O apartamento de Harry estava arrumado e limpo, um pouco como um quarto de hotel, com os sapatos no guarda-fatos numa fila ordenada, os frascos na casa de banho perfilados como soldados. Até a cama tinha sido feita segundo padrões militares pela sua empregada da limpeza.

– Arrumado, não é? – disse Needles enquanto vasculhava a gaveta junto à cama, que continha cartas presas com elásticos, recibos numa mola e uma caixa com trocos.

– Nunca foi arrumado até ir dentro – disse George. – Mas em parte é por causa da empregada da limpeza, de qualquer maneira.

– Não está aqui. – Tara virou-se da secretária por baixo da janela que estivera a revistar. – Foi onde eu o vi pela última vez.

Sentia vontade de chorar. Eram todas aquelas coisas dele, a caixa com botões de punho no toucador, a sua escova do cabelo, o cheiro dos seus fatos no guarda-fatos, tudo em que tocava recordava fortemente Harry.

– A navalha da barba também não está aqui – disse ela com tristeza. Era uma navalha com pega de latão que usualmente estava dentro de um recipiente no peitoril da janela da casa de banho. – Nem a escova dos dentes. – Correu para o guarda-fatos e encontrou o casaco de couro cinzento-claro que ele usava sempre. – Mas olhe, George, quando é que alguma vez o viu ir a algum lado sem isto?

George encolheu os ombros, como se não soubesse o que pensar. Needles voltou para junto do guarda-fatos.

– O blusão castanho dele não ‘tá aqui – disse. – Nem o melhor fato azul-marinho.

– Alguém simplesmente meteu essas coisas numa mala – insistiu Tara. – Sabem tão bem como eu que ele leva sempre o blusão cinzento. O *smoking* dele está aí?

Needles voltou a procurar. – Não, não ‘tá.

– Está decidido. O Harry não o ia levar com ele. Foi raptado!

– Não quer dizer nada, ele levar o fato de pinguim – disse Needles, a tranquilizá-la. – Só quer dizer que ‘tava a contar ir a uns sítios chiques.

– O carro dele! – George estava pálido, subitamente a parecer mais velho. – Onde é que está?

– Pode estar estacionado no aeroporto – sugeriu Needles. – Eu dou lá um salto para ver se está.

– Passa lá por casa primeiro. – George não parecia nada bem, estava a tremer tanto que não foi capaz de fechar a porta e Needles teve de lhe tirar a chave da mão.

De regresso a Paradise Row, Tara manifestou-se a favor de irem diretos à polícia comunicar o desaparecimento de Harry, mas George deteve-a.

– Olha para a coisa como eles – disse num hesitante. – Telefonou pr’ó clube, desapareceram coisas do apartamento dele, não vão acreditar que alguém o raptou.

– Mas o George não acha que esteja tudo bem, eu sei que não – insistiu Tara.

George cobriu o rosto com as mãos por um momento, inclinado para a frente e com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– ‘Tou mais preocupado que ele se tenha metido em trabalhos. Tens de compreender que o ‘Arry sempre ‘teve numa posição difícil, criou-se com gente do piorio, chegou a ‘tar dentro com eles. O nosso ‘Arry é um rapaz leal, sei que não se quer voltar a meter no crime, mas por vezes não é assim tão simples.

Needles parecia compreender perfeitamente e acenou com a cabeça, abatido.

– Pensa realmente que ele está metido nalguma coisa? – Tara sentia-se abismada. – Ele disse-me que nunca mais ia voltar para a prisão. Não quero saber se parecia um negócio ótimo, ele não ia correr esse risco.

– Esperamos um pouco mais, Tara? – avisou-a George. – O Needles e eu farejamos por aí, perguntamos à rapaziada o qu’ é que se ‘tá a passar. O ‘Arry talvez não ‘teja na Alemanha, pode ser só uma cortina de fumo, mas se metermos a bófia nisto e o ‘Arry aparecer de repente, vamos todos parecer tolos como tudo. Percebes o que quero dizer?

*

Tara estava sentada à janela no seu apartamento a ver o lusco-fusco tornar-se noite. Devia ter-se sentido tranquilizada por Needles ter encontrado o carro de Harry estacionado no aeroporto. Por outro lado, ele não conseguira encontrar o nome dele em nenhuma lista de passageiros. Dever-se-ia só ao facto de Needles não ter influência suficiente para obter essa informação? Ou porque Harry não constava de nenhuma lista?

A razão dizia-lhe que homens como Harry eram mais do que capazes de olharem por si mesmos, mas o seu estômago continuava a dar voltas de um

modo alarmante. Uma coisa podia deduzir-se de tudo aquilo alto e bom som. A vida de Harry era conduzida em mais do que um nível, e ela, muito provavelmente, nunca chegaria a descobri-los todos.

George e Needles tinham-lhe aberto os olhos para coisas em que ela nem sequer pensara nunca – guerras de gangues, polícias corruptos, drogas. Agora, George dizia que ela não devia contar nada a ninguém, em especial a Josh, já que ele e Harry tinham muitos amigos comuns e uma palavra descuidada podia tornar as coisas muito piores. Contudo, mesmo que Harry tivesse feito algo realmente mau, ela tinha de o ajudar, devia-lhe isso.

E fá-lo-ia sozinha se necessário.

Já passava das três da madrugada quando finalmente se foi deitar. Tomara uma decisão quanto a Harry.

Por muito que o amasse e o desejasse, a razão dizia-lhe que não havia futuro naquilo. Ele provinha de um mundo para o qual ela não queria voltar. Por muito que ele dissesse o contrário, veria sempre as mulheres como cidadãs de segunda classe. As brigas, o jogo, a bebida, os negócios escuros estavam todos tão profundamente entranhados no seu carácter que conseguiria tanto livrar-se deles como um gato deixar de caçar pássaros.

A mãe e a avó tinham razão, Josh era o homem certo com quem casar, com quem ter filhos. Podia não a fazer sentir as pernas bambas, mas ela queria isso, de qualquer maneira? Podia canalizar toda a sua paixão para a moda. Ela e Josh eram verdadeiros amigos, interessavam-se pelas mesmas coisas, tinham objetivos idênticos. Com eles não haveria nunca um conflito de interesses. As pessoas falavam demasiado sobre o amor. Podia amar-se de tantas maneiras diferentes, afinal. Quem poderia dizer que o afeto que sentia

por Josh era menos válido do que aquele sentimento doloroso que lhe revolia as entranhas que sentia por Harry?

CAPÍTULO 32

— Tenho de ir revistar o clube – murmurou Tara para consigo. Já estava acordada há mais de uma hora e ainda só eram sete, demasiado cedo para se levantar num domingo de manhã.

Tara sentia-se convencida de que a explicação para o desaparecimento de Harry se encontrava no clube e tinha a certeza de que se conseguisse entrar no gabinete dele encontraria alguma pista quanto ao que acontecera. De maneira nenhuma poderia ir lá abertamente – Duke Denning conhecia-a e perguntar-se-ia o que ela andava a tramar. Se pedisse ajuda a Needles ele ficaria tão preocupado com ela que o mais certo era que desse com a língua nos dentes. Quanto a arrombar a porta, era impossível. Homens que tinham todos cumprido penas por arrombamento e assalto não iam deixar um clube vulnerável a ladrões.

Houvera novos desenvolvimentos durante a semana. Um deles era que George lhe telefonou a dizer que Harry falara duas vezes com ele ao telefone. Na segunda ocasião, Harry dissera-lhe que tinha voltado de avião a Inglaterra para ir buscar mais algumas roupas, mas que não podia ir visitá-lo porque não tinha tempo.

George foi verificar o apartamento no dia seguinte e descobriu que Harry tinha trocado o blusão de couro castanho pelo cinzento, pendurara o *smoking* e levava roupa interior e meias lavadas.

Daí a um dia, Tony atendeu outra chamada de Harry, a pedir-lhe que fosse buscar o seu carro ao aeroporto e o levasse para a oficina do costume para uma revisão.

– Perguntei-lhe porqu'é que não te tinha contactado, minha doçura – disse George num tom de voz desconsolado. – Ele só disse «Deixe p'ra lá,

Paizinho, tenho muito com que me preocupar neste momento».

Aquilo deveria ter feito Tara esmorecer, mas de facto só a tornou mais determinada. Estava a começar a parecer uma conspiração, com até o próprio tio George metido nela, mas Tara ia averiguar o que estava realmente a passar-se.

Só teria de descobrir uma maneira de entrar à socapa no clube e dar uma vista de olhos por ali.

Levantou-se pouco depois das nove, sem conseguir ficar na cama como era costume ao domingo, vestiu umas calças de ganga e foi comprar um jornal. Às onze já tinha esgotado todas as ideias. Limpou o apartamento, mudou os lençóis e leu o jornal, e o dia pairava interminável à sua frente.

Os domingos sempre tinham sido passados com Harry. Usualmente, ele chegava por volta das quatro da madrugada, abria a porta com a sua própria chave e deitava-se ao lado dela a aconchegá-la. Ela costumava levantar-se por volta das dez, saía sem fazer ruído para comprar os jornais e depois voltava para lhe fazer o pequeno-almoço e lho levar à cama. Os domingos eram para estarem um com o outro; para fazerem amor, conversarem, darem e receberem mimos, dormitarem. Quando o tempo estava bom, eram capazes de se aventurarem a ir dar um passeio, por vezes iam a um *pub* ou a um restaurante, mas na maior parte do tempo só aproveitavam a oportunidade de estarem juntos a sós.

Tara não conseguia ficar quieta. Mudou o sofá-cama para uma nova posição e depois voltou a pô-lo onde estava antes, porque não lhe agradou. Arrumou a sua coleção de tinteiros e pisa-papéis, trocou de posição os quadros e depois sentou-se ao estirador junto à janela a tentar trabalhar num novo modelo.

Mas de nada valeu, não conseguia sossegar. Levantou-se de um salto para fazer café, comeu metade de um pacote de bolachas por puro tédio e depois telefonou à mãe.

Não mencionara o desaparecimento de Harry; Amy já tinha preocupações suficientes com a quinta sem mais aquela.

– Que surpresa maravilhosa. – Amy soava como se estivesse a sorrir. – Tiveste sorte em nos apanhar em casa, íamos agora mesmo levar o *Winston* a passear.

Amy parecia ter ganhado nova vida. Mal mencionou a quinta, falando antes de Greg, do consultório, da vida social agitada que tinham e dos planos para o casamento.

– Vinte e dois de agosto – disse ela. – Vai ser um casamento pequeno, só tu, o Harry, o George e a Queenie e depois duas tias idosas do Greg e um punhado de amigos daqui. Organizámos a receção e o copo-de-água no Crown. O bar dá para um jardim bonito, portanto se estiver bom tempo também vamos poder usá-lo.

– E a quinta? – Tara sentia-se ligeiramente irritada pela atitude animada da sua mãe enquanto ela estava a sentir-se perdida.

– O Greg encontrou um rapaz fantástico, que acabou agora os estudos. – Amy estava praticamente esfuziante agora. – Ele precisa da experiência de gerir uma propriedade sozinho, e o Stan também gosta dele, por isso não há nenhum conflito. Deixei-o ficar no antigo quarto do Paul, o que significa que a casa não fica vazia.

Tara sentiu-se abespinhada; não só perante a ideia de um estranho no quarto de Paul, mas por alguém ter assumido a gestão da sua quinta sem ela ser consultada.

– Ias gostar do Tim – prosseguiu Amy, sem se aperceber de que o silêncio da sua filha resultava da fúria. – Ele também pinta. Por vezes, à tarde, quando não tem nada que fazer, leva o cavalete até ao rio ou à igreja.

– Dá a ideia de que tudo está mesmo perfeito por aí?

– Sim, está. – Amy não pareceu reparar no sarcasmo. – Mas devias vir cá abaixo em breve passar um fim de semana prolongado e ver com os teus próprios olhos. Vem antes do casamento.

Tara pousou a cabeça nas mãos depois de desligar. Sentia-se envergonhada por ter sido tão irritadiça e furiosa com a mãe por mostrar mais interesse por Greg e Tim do que por ela. E necessitava desesperadamente de alguém.

– O raio do Harry! – explodiu. – Outras raparigas zangam-se com os namorados e acaba de uma vez por todas. Mas tu não, seu filho da mãe. Tinhas logo de desaparecer para prolongar tudo.

O telefone tocou, um som estridente na sala silenciosa. Ela estendeu a mão ansiosamente, a desejar que fosse Harry. Mas era Josh.

– Não quero que penses que estou a ser lapa– disse ele com meiguice, talvez adivinhando a sua decepção. – É só que está um dia tão lindo. Pensei que podíamos ir dar uma volta a Windsor ou a outro sítio. Almoçar e apanhar uns banhos de sol.

Um olhar à rua cheia de sol decidiu-a.

– Isso seria maravilhoso. Vem quando quiseres. Eu estarei pronta.

Seria coincidência que o primeiro vestido que viu no guarda-fatos fosse um bastante revelador, com um corpete decotado e com atilhos? Prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo alto, soltando uma ou duas madeixas à volta do rosto e fez uns caracóis rápidos com o ferro de frisar. O vestido de algodão

enrugado era branco, com um padrão minúsculo verde, e ela não usou mais nada por baixo a não ser um par de calcinhas de renda.

Uns esguichos de perfume, um pouco de maquilhagem e um par de sandálias e ficou pronta.

Josh viu-a descer as escadas da sua casa e sentiu uma pontada de desejo. Estava tão linda, com o seu cabelo dourado a brilhar ao sol. O vestido acentuava a sua cintura fina e puxava-lhe os seios para cima de tal modo que quase transbordavam do corpete, como dois pêssegos maduros.

– Fiquei tão contente por ouvir a tua voz. – Entrou no *Mercedes* descapotável e inclinou-se para beijar a face macia de Josh. Ele estava com um aspeto bastante diferente, com uma camisa aberta no colarinho e calças de ganga, de algum modo menos intimidativo. – Estava a sentir-me só.

– Os domingos podem ser assim – disse Josh ao mesmo tempo que arrancava. – Aquelas pessoas todas aos pares, toda a gente a divertir-se menos tu.

– Tenho a certeza de que nunca te sentes assim – retorquiu Tara. – Tens uma agenda recheada com nomes de raparigas!

– Passar tempo com alguém de quem não se gosta grande coisa é pior do que estar sozinho – disse ele com um sorriso. – Passo muitas vezes os domingos a trabalhar.

Tara começou a sentir-se mais animada quando saíram a toda a velocidade de Londres. O sol batia-lhe quente nos braços e nos ombros, ia num carro de luxo com um dos solteiros mais desejáveis de Londres.

O *pub* a que ele a levou tinha um jardim que descia até ao rio. Todas as mesas e cadeiras estavam ocupadas, mas Josh comprou uma garrafa de vinho

e pediu dois copos e sentaram-se no pequeno cais, com os pés a penderem sobre a água.

– Nem quero acreditar que há uma hora estava a ficar tão tensa – disse Tara. – Apeteceu-me gritar com a minha mãe por ela estar tão feliz. Nem sequer queria que um pobre dum rapaz lá da quinta dormisse na cama do Paul.

Josh escutou-a enquanto ela explicava tudo o que fora dito.

– Sou horrível, não sou? – Tara fez uma careta e riu-se de si mesma. – O que é que me recomendavas?

– Umas férias. – Josh sorriu, descontraído. – Um sítio quente, com areias brancas e céu e mar de um azul vivo. Muita boa comida e bebida para te fazer relaxar e depois umas boas sessões de amor.

– Soa maravilhoso. – Tara inspirou fundo o delicioso ar fresco. – Hum, também é agradável aqui ao sol!

Não tinha a certeza se queria que Josh falasse sobre amor, mas também não tinha a certeza de não querer.

Comeram batatas assadas inteiras com salmão e maionese, acabaram a garrafa de vinho e Josh comprou outra para levarem.

– Precisamos de uns refrescos – disse, com os olhos a brilhar, ao mesmo tempo que enfiava dois copos no saco dela.

Tara sentia-se um pouco tocada quando saíram do *pub*.

– Vamos arranjar um sítio para nos deitarmos ao sol, beber o nosso vinho e enrolar um charro – disse Josh.

Há muito tempo que ela deixara de se preocupar por Josh fumar erva. Toda a gente em Londres o fazia e, de qualquer maneira, supostamente era muito

menos prejudicial do que as anfetaminas que ele costumava tomar. Harry também fumara, uma série de vezes. Era mais uma coisa a recordar os seus padrões duplos. Ficaria danado se pensasse que ela experimentara, mas não tinha mal nenhum se fosse ele a fazê-lo.

– É assustador? – perguntou inocentemente quando Josh estava a tirar uma manta da mala do carro.

– O quê, partilhar uma manta comigo?

Tara soltou uma risadinha.

– Não, fumar droga. O Harry nem queria ouvir falar de eu experimentar.

Josh enfiou a manta debaixo do braço, passou-lhe a garrafa de vinho, depois pegou na mão dela e conduziu-a na direção de um caminho ao longo da margem do rio.

– Os homens como o Harry gostam da mulher descalça e grávida, na cozinha. – Fez um sorriso irónico. – Deixá-las fazer coisas impensáveis como ter um bom emprego, fumar droga ou até aprender a conduzir é uma má notícia.

A sua maneira delicada, quase afetuosa de criticar Harry não a fez sentir-se abespinhada; de facto, lembrou-lhe que Harry não aprovava que as mulheres conduzissem. A recordação dele parecia de algum modo esfumada, e ela sentia-se muito consciente da mão de Josh na sua. Ele nunca poderia competir com Harry, mas hoje parecia quase bonito. Até mesmo o medalhão de ouro contra os pelos escuros e encaracolados no peito não a fazia sentir vontade de rir como habitualmente. Ele era só Josh, um tipo honesto e ostentador que sabia como ser um verdadeiro amigo.

– Vamos para ali. – Josh parou junto a um buraco numa sebe que dava para um campo. – Não parece haver bostas de vaca.

Recordou a Tara o prado mais baixo na quinta – erva salpicada por botões-de-ouro, gafanhotos que não se viam, a chilrearem, gralhas a crocitarem numa árvore. O sol batia quente nos seus braços, a erva tinha um cheiro fresco e limpo e as únicas nuvens no céu eram meros farrapos de algodão em rama.

Josh estendeu a manta, abriu a garrafa de vinho e serviu-o, e depois sentou-se a enrolar um charro. Ela viu-o queimar o pedaço de cânabis e depois desfazê-lo no tabaco. Enrolou o cigarro com perícia, lambeu a mortalha, colou-a e torceu uma ponta, como um foguete. A seguir, rasgou uma tira de cartão de um maço de cigarros, enrolou-a bem enrolada e enfiou-a na outra ponta do charro.

– Para que é isso?

– É um filtro. – Josh sorriu. Pôs o charro entre os seus lábios grossos e depois acendeu a ponta. – Estás muito curiosa hoje!

– Por vezes, sinto-me como se a vida me estivesse a passar ao lado – disse ela pensativa. – Quer dizer, já vivo há anos em Londres e não sei grande coisa sobre o que acontece.

– Talvez eu seja em parte responsável por isso. – Deu uma passa longa no charro e expeliu o fumo lentamente. – Tenho-te deixado trabalhar uma data de horas para mim. Tenho tomado demasiado de ti e não te tenho retribuído o suficiente.

– Não me sinto explorada. – Tara soltou uma risadinha, pegando no charro que ele lhe oferecia e dando uma longa passa. Tossiu violentamente e bebeu um gole de vinho para parar de tossir. Mais uma passa e já sabia como fazer. – Mas decidi que chegou a hora de viver um pouco. Vou aprender a conduzir e comprar um carro. E fumo erva se quiser.

*

– Não me sinto nada diferente – insistiu Tara daí a meia hora.

– As pessoas enfadonhas dizem isso! – disse Josh a provocá-la. Estava deitado de costas. Tara estava sentada, com as pernas enfiadas debaixo do corpo, a olhar para ele. – Se estivéssemos em minha casa e eu pusesse uma música, ias reparar imediatamente. Se eu te beijasse, talvez descobrisses que gostavas mais.

Era muito relaxante estar com ele. Tinham saltitado de assunto em assunto como borboletas, tinham-se rido de coisas que aconteciam na loja, de pessoas que tinham conhecido em Paris.

– Então ou temos de ir para tua casa ou de começarmos a beijar-nos para eu descobrir? – perguntou ela com um sorriso.

– Está demasiado agradável aqui para irmos para casa. – Josh fechou os olhos. – Porque é que não te deitas e dormes um pouco? Sabes, Tara, tu és hiperativa, sempre a querer fazer alguma coisa. Alguém te disse que é um pecado estar sem fazer nada?

– A minha mãe e a minha avó incutiram-me isso. – Estendeu as pernas e lentamente virou-se para se deitar ao lado dele.

– Os meus pais também são assim. – Olhou para ela de lado. – Cada momento do dia tem de ser preenchido. A minha mãe prefere fazer pão e bolos que ninguém vai comer a estar sem fazer nada.

Tara sabia que era como ela. Quantas noites de sábado passara ao estirador em vez de sair para dançar com uma das raparigas da loja? Quantos serões passara a limpar o apartamento quando poderia estar a rir-se a ver um filme cómico, a conversar com alguém ou só contente sem fazer nada?

– Os meus pais parecem achar que tudo o que dê prazer é pecado. – Josh fez um sorriso irónico. – Iam ficar abismados se eu me casasse com alguém só porque ela me fazia sentir feliz. Esperam que eu a escolha como se escolheria um cavalo. De boa raça, suficientemente forte para trabalhar no duro e tão frugal como eles são!

– A minha avó estava sempre a fazer-me avisos sobre o perigo de ser levada para maus caminhos pelo amor. – Tara sorriu. – Acho que ela ia aprovar as ideias dos teus pais.

– Então, por que é que tu casarias? Só por amor, por mais pobre e inadequado que ele fosse? Por dinheiro? Ou até por amizade? – Josh apoiou-se num cotovelo e olhou-a com atenção.

– Em tempos, teria dito só por amor – respondeu Tara. – Mas estou a começar a pensar que a minha avó e os teus pais têm alguma razão. A longo prazo, talvez fosse preferível casar com alguém que é um bom amigo e tem os mesmos interesses e objetivos.

– Como eu?

Tara olhou-o nos olhos e soube que não era uma pergunta hipotética.

– De muitas maneiras, tu serias perfeito. – Não conseguiu suportar a intensidade do olhar dele e desviou os seus olhos.

– Mas o Harry está atravessado no caminho?

Havia tanta compreensão e ternura na sua voz que ela se sentiu atraída para ele. Acenou com a cabeça.

– Sempre pensei que ele e eu estávamos destinados a ficar juntos – segredou. – Acreditava que ele queria as mesmas coisas que eu. Mas não acho que continue a ser assim.

– Tens de decidir o que queres da vida, Tara. – Josh estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto. – O Harry seria um peixe fora de água em qualquer lado que não fosse Londres. Mas quando abrirmos esta nova loja e as novas etiquetas tiverem escrito «designed by Tara Manning», o mundo todo vai estar aos teus pés.

Tara engoliu em seco. Já sugerira porem o seu nome nas etiquetas, mas ele sempre evitara o assunto.

– Milão, Paris, Nova Iorque... – Aqueles nomes soavam como uma oração. – O céu é o limite, Tara. Mas não vai dar se de cada vez que tivermos de fazer um desfile ou ir a uma das coleções o Harry se fizer difícil.

– Falas a sério quanto às etiquetas? – perguntou Tara, incrédula. Significava muito para ela.

– Totalmente. – Os olhos dele estavam tão suaves que ela se sentia a afundar-se neles. – Eu era muito arrogante quando vieste trabalhar para mim. Era tudo venha a mim, venha a mim. Agora vejo que não podia ter feito isto sem ti e quero partilhar daqui para a frente.

– O que é que estás a dizer? – Tara sentia uma excitação a borbulhar dentro de si. – Uma sociedade?

– Estou a dizer que te amo, Tara – disse ele, afastando-lhe o cabelo da cara com uma carícia. – Sei que é demasiado cedo para te pedir que cases comigo, teria receio de pedir para o caso de recusares. Mas quer seja uma parceria no casamento ou só nos negócios, eu quero-te.

Aproximou-se, encostou a cabeça ao ombro dela e os seus lábios roçaram-lhe o pescoço.

Tara sentiu um tremor de desejo começar na sua barriga. Só tinha consciência da presença dele, já não sentia o sol quente, a erva a fazer-lhe

cócegas nos dedos dos pés onde a manta terminava ou até o som dos barcos no rio e das pessoas a passarem no caminho.

Os lábios dele eram macios e cheios, mordiscavam-lhe o pescoço, a face, e encontraram o caminho até aos seus lábios. Ela desejou-o mal a sua língua se moveu contra a dela. Era como beber só um gole de água e descobrir que inflamava a sede ainda mais. Ela deixou que a empurrasse para baixo sobre a manta, a sua boca a estender-se para a dele com fome, o seu corpo a arquear-se para o dele.

Um sinal de aviso dizia-lhe que estava a reagir assim por causa da droga e do vinho, que devia acalmar-se, parar as coisas antes que se descontrolassem. Mas era muito excitante, o ardor dentro de si demasiado forte. Quando ele desapertou os atilhos do corpete do seu vestido e se baixou para lhe beijar os seios, ela respirou ofegante com desejo.

– Os teus seios são lindos. – Passou a língua sobre o seu mamilo ereto até ela gritar com prazer. – Já fiz isto em sonhos muitas vezes, mas a realidade é ainda melhor.

O hálito dele estava quente na sua pele, os dedos dele evocavam uma reação descontrolada e selvagem ao beliscarem e acariciarem os seus seios.

Um cão ladrou ali perto. Tara abriu os olhos e viu um labrador dourado a entrar pelo buraco na sebe. Era algo a recordar-lhe a sua casa, *Winston* e a quinta.

– Sally! – A voz de um homem berrou mais à frente no caminho.

– Um cão! – disse Tara, virando-se e puxando o vestido a tapar os seios. – O dono também vem aí.

– Sorte a dele! – disse Josh trocista no momento em que o cão chegou aos saltos junto deles, de língua de fora e cauda a abanar. – Olá, moça. É claro

que não estou nem um bocadinho contente por te ver, mas vou fingir que sou bem educado.

– Sally! – O berro fê-los virarem-se. Um homem de meia-idade com calções de caqui e meias até aos joelhos a condizer vinha na direção deles. – Peço imensa desculpa – disse, parecendo embaraçado. – Espero que ela não os tenha incomodado, é muito dada, só quer que toda a gente brinque com ela.

O momento tinha passado. Tara estendeu a mão para a garrafa de vinho e despejou o último dedo ou dois nos copos deles.

– Antes assim. – Sorriu a Josh, divertida com a expressão carrancuda dele. – Imagina que tinhas ido um pouco mais longe e aquele homem nos apanhava em flagrante? Eu teria morrido de embaraço.

– Parece que estamos azarados. – O lábio inferior de Josh estava espetado com petulância.

– Não me parece que tivesse ido assim tão longe sem aquele charro. – Tara estendeu a mão e pegou na dele. – Eu ainda não estou realmente pronta para isso, Josh. Ainda me sinto demasiado baralhada.

– Vamos dar um passeio, então. – Josh pôs-se de pé, enfiou a camisa nas calças e depois estendeu a mão para a puxar para cima. – Da próxima vez, Tara, da próxima vez!

*

Tara passou em frente ao clube noturno a caminhar rapidamente. Mrs. Knight, uma das empregadas da limpeza, estava lá dentro a aspirar, junto à porta aberta, de cigarro pendurado dos lábios e cabelo preso num lenço. Era a mãe de um dos amigos de Harry, uma mulher alta e magricela que conhecia bem Tara. Felizmente, estava demasiado embrenhada no trabalho para olhar

para cima, e Tara dobrou a esquina a toda a pressa para a travessa estreita ao lado do clube.

Eram duas horas. A não ser que algo fora do comum tivesse acontecido nessa manhã, Needles, Tony e possivelmente Alec sairiam a qualquer minuto e desceriam a rua para ir almoçar ao café enquanto as empregadas da limpeza terminavam o seu trabalho.

Josh proporcionara-lhe um dia maravilhoso, mesmo depois do incidente no campo mantivera-se encantador. Passearam e conversaram, e mais tarde foram jantar em Windsor.

Já passava das onze da noite quando ele a deixou em casa. Não pediu para entrar nem sugeriu outro encontro. Havia um entendimento sem palavras entre eles de que nada precisava de ser precipitado.

Josh falara sobre fazerem umas férias juntos em Itália, para desfrutarem dos tesouros artísticos, da moda, do sol e do mar. Mas primeiro ela teria de descobrir o que acontecera a Harry.

Segunda, terça e quartas-feira foram os dias mais longos que ela já alguma vez tivera. A ansiedade, a culpa, o medo e até mesmo a fúria fermentavam dentro dela; não conseguia concentrar-se no trabalho nem dormir. Num momento estava em devaneios sobre Josh, a recordar-se com todo o pormenor da sensação que tivera quando ele lhe beijou os seios, no seguinte repreendia-se zangada por ser tão infiel.

Era o seu dia de folga hoje, e a ideia ocorrera-lhe de madrugada. Agora que estava de facto à espera de a pôr em prática, já não tinha tanta certeza de que resultasse.

Se alguém a apanhasse, ela faria de conta que era uma tonta e daria a entender que estava à procura de provas de que Harry andava a enganá-la.

Mas não tencionava ser apanhada.

Uns passos fizeram-na baixar-se e esconder-se por trás de um contentor do lixo.

– Não me agrada nada, porra – soou a voz de Needles. – A Marcia ‘tá co’a gente desde que abrimos, até o Harry assinar p’ra passar o clube pr’ó Duke ela devia ficar.

– Não faças ondas, Needles.

Tara voltou a descer a travessa e espreitou nervosamente para a rua. Needles estava com o fato-macaco que vestiam sempre para as entregas de cerveja. Tony ia quase a correr ao seu lado para se manter a par dele, com as suas pernas curtas a moverem-se como pistões.

– Não aguento muito mais disto – rosnou Needles. – Se não fosse pelo ‘Arry, punha-me daqui p’ra fora.

Encontravam-se agora demasiado longe para Tara os ouvir, e ela saiu do seu esconderijo.

Era estranho que Alec não estivesse com eles, ela sabia que os três costumavam fazer as refeições ao mesmo tempo. Mas talvez agora que Harry não estava por ali as coisas tivessem mudado.

Ao voltar para a porta da frente, ouviu o som do aspirador a vir da zona do bar e Mrs. Knight a berrar à sua ajudante. Inspirando fundo, Tara entrou como uma seta, parou por um momento para se orientar e depois correu para as escadas passando pela porta do bar.

Tudo parecia muito estranho sem as luzes acesas. A luz do sol entrava pela porta aberta, um pouco mais pela janela curva por cima das escadas, mas o ambiente era sombrio, um pouco como estar numa igreja.

Os seus passos eram silenciosos na carpete espessa das escadas, mas ao chegar à galeria ouviu as vozes de dois homens a virem da direção do gabinete de Harry. Não havia tempo para pensar quem seriam. Tinha de se esconder.

Correndo ao longo do corredor à sua esquerda, enfiou-se numa despensa sem janelas e escondeu-se por trás da porta. O seu plano fora chegar às divisões vazias, no andar acima deste. Tencionava instalar-se e esperar até toda a gente ter saído e o clube estar fechado à chave, e então teria várias horas para o revistar sem receio de interrupções.

Ouvia os homens a aproximarem-se, a falarem em voz baixa. E se eles entrassem ali e a apanhassem?

– O sinal deve vir na sexta-feira – disse um dos homens. Ela não reconhecia aquela voz.

– Só espero que tratem do assunto em condições. – Tara tinha a certeza de que era a voz de Duke, e susteve a respiração quando eles continuaram a andar para lá da despensa.

– Já andam a treinar há tempo que chegue – disse Duke, mas a sua voz desvaneceu-se, como se tivessem entrado numa das salas de jogo.

– O Joe é um bom homem, não nos vai deixar ficar mal. – A voz do estranho aproximou-se, a dar a entender que estavam a sair da sala em que tinham entrado. – Mas devíamos enviar uns substitutos para os outros. Eles não estão habituados a estar fechados.

– Não há mais ninguém para os substituir. – Duke soava irritado com a sugestão. – Eles sabiam que iam ter de esperar muito, é parte do acordo.

Tara susteve a respiração, aterrada com a ideia de que eles poderiam fechar a porta da despensa e trancá-la. Havia bebidas espirituosas ali, caixas e caixas

delas, e a porta não deveria estar aberta. Mas eles iam a descer as escadas agora, as suas vozes a soarem mais distantes. Depois de espreitar rapidamente para se certificar, Tara deu uma corrida para a pequena escadaria de madeira ao fundo, segurando firmemente o seu saco debaixo do braço.

No outro extremo do corredor estreito e empoeirado no andar de cima encontrava-se a divisão para que ela se dirigia. Harry levava-a ali uma vez, quando andava com a ideia de transformar aquele andar num apartamento.

Esta era a divisão que ele pensara usar como quarto de dormir. Como ficava numa das extremidades do edifício, tinha umas janelinhas engraçadas em arco em duas paredes. Se ela espreitasse pela da frente, conseguia ver a papelaria do outro lado da rua estreita. A do lado dava para uma travessa, à sua direita um minúsculo vislumbre do rio. Aquela divisão não tinha sido esvaziada. Ainda ali estava o velho cadeirão a que faltava uma das rodas das pernas, um caixote grande de madeira e uma caixa de cartão com velhas listas de preços impressas.

Tara virou o caixote de lado como medida de precaução para o caso de precisar de um esconderijo, abriu o seu saco e passou em revista o equipamento que trouxera. Uma lanterna, um termos com café, umas sanduíches, fruta variadas, rebuçados, bolo e um livro. Não esperava ficar ali para lá das nove ou das dez da noite, mas mais valia prevenir.

Entrar fora canja, sair seria muito mais problemático. Teria de ir para o andar de baixo ao princípio da noite e de se esconder no vestiário até alguém vir abrir o clube, e depois, quando surgisse uma oportunidade, esgueirar-se porta fora. Mas se fosse apanhada! Não ia pôr-se a pensar nisso! Por agora, a única coisa que tinha de fazer era pôr-se à escuta.

Uma das vantagens deste esconderijo era o facto de se situar por cima do átrio. Se Harry não tivesse tido ilusões de grandeza, insistindo naquela escadaria de carvalho e naquele candelabro, haveria outra divisão por baixo desta. Assim, os sons subiam claramente até ali. Harry dissera-lhe uma vez que ocasionalmente vinha até ali fumar um cigarro quando tinham um porteiro a substituir o usual só para poder descobrir quanto dinheiro das entradas ele metia ao bolso.

Passou uma hora. Os homens voltaram. Ela ouvia Mrs. Knight claramente, a resmungar por causa da sujidade nas casas de banho das senhoras. Ouviu-a meter o seu equipamento no armário e depois gritar um adeus a Needles. A seguir, um a um, Alec, Tony e Duke foram-se embora.

Finalmente, a porta da rua foi fechada com um estrondo, a voz de Needles a vir lá de baixo da rua a gritar qualquer coisa ao lojista em frente.

Não havia outro som para além do zunido do frigorífico lá em baixo no bar. Ela começou a descer mas o som súbito e inesperado do telefone fê-la estacar. O clique de alguém a pegar no auscultador reverberou por todo o edifício em silêncio e ela ouviu uma voz de homem. A toda a pressa, virou-se e voltou para o seu esconderijo.

*

Umas vozes acordaram-na. Sobressaltada, Tara sentou-se muito direita e olhou para o seu relógio. Eram quase nove da noite.

Fartara-se de esperar que a pessoa que atendera o telefone se fosse embora. Mas não foi, e ela conformou-se com a ideia de passar o clube em revista à noite e depois esperar pela manhã para sair. Por fim, deitou-se no chão cheio de pó e adormeceu.

Needles estava no clube, ela ouvia-o distintamente. Tony também, e talvez Dennis e Alec, embora não pudesse ter a certeza. Uma rapariga com um sotaque *cockney* áspero berrou que precisavam de mais gasosa, depois ouviram-se umas gargalhadas maliciosas dela e de um dos homens.

Atrever-se-ia a usar a casa de banho ao fundo do corredor? Talvez devesse esperar até ligarem a música e chegarem pessoas.

Tara sentou-se, a tremer. Não fazia muito frio, mas era assustador. Ouvia uns arranhões por baixo do soalho, rangidos dos velhos guinchos lá fora. Era agora uma da manhã, mas continuavam a chegar pessoas para jogar e beber. Ela já não conseguia ouvir a música, estava enterrada por baixo do ruído das pessoas a divertirem-se.

*

Apontou a lanterna ao seu relógio de pulso. Três da manhã! Havia menos ruído, a música baixa, um mero zumbido, mas estava a decorrer um grande jogo de cartas e por esse motivo o bar na principal sala de jogo estava aberto. De vez em quando, soavam as risadas de uma rapariga bêbeda. Tara conseguia ver a cena como se estivesse na sala, tantas vezes participara nela. A rapariga das gargalhadas devia estar sentada num banco ao balcão, possivelmente com um vestido de noite comprido. O seu homem encontra-se na sala ao lado, surdo e cego a tudo menos às cartas na sua mão. Ela está a embebedar-se porque se sente ansiosa. Fala e ri-se demasiado alto, a tentar a todo o custo justificar a sua presença ali, e durante todo esse tempo ele está a perder cada vez mais dinheiro.

Harry acabara por detestar o jogo e os jogadores. Dizia que já ouvira todas as histórias sobre fortunas ganhas e perdidas. Que estava farto dos homens que arrastavam a família para a ruína, das mulheres que vinham a chorar

pedir-lhe auxílio. Tara sentia a presença de Harry esta noite, e fazia-a sentir-se corajosa.

Por fim, ouviu a porta da sala de jogo abrir-se e uns pés a arrastarem-se a sair. Alguém lá em baixo ganhara, mas não havia alegria ou risos. A rapariga tonta estava agora a chorar, a dizer coisas estúpidas de que se arrependeria no dia seguinte. A voz de Needles vinha do átrio, ela ouvia-o claramente a reconfortar a rapariga e a animá-la enquanto a levava para um táxi lá fora. Harry tinha dito que pagavam sempre o táxi às pessoas que tivessem perdido muito; rira-se e dissera que tinha de ser, para o caso de eles ainda estarem à porta na manhã seguinte.

Ouviam-se carros a partir agora. Se pelo menos ela conseguisse ver quem era quem e pôr um visto mentalmente em cada homem.

– Anda lá, pá. – Needles soava irritado, queria ir para casa. – Já é tarde e ‘tou farto de ser bem-educado.

Ela nunca ouvira Needles ser outra coisa que não bem-educado. O seu tamanho bastava para dissuadir a maior parte das pessoas que quisessem causar problemas. Tony disse adeus, rapidamente seguido pelas empregadas do bar e por Dennis e Alec. Mais vozes que ela não reconheceu, a discutirem algo sobre um carro, e depois também essas pessoas partiram.

– Foi uma boa noite! – A voz de Duke vinha lá de baixo. – Aquele idiota perdeu duas mil com o Reg. Ambos os bares ultrapassaram o alvo, as entradas também. Espero que fiques comigo depois de a venda ser finalizada, Needles.

– Preciso de falar com o ‘Arry antes de fazer qualquer promessa – disse Needles com firmeza, e o seu tom frio revelava que detestava o homem.

– A tua lealdade é tocante. – O sarcasmo de Duke fez Tara sentir-se enregelada. – Mas eu vou ser o patrão aqui permanentemente. Talvez fosse um bom plano pensar no que isso significa!

Tara ouviu a porta abrir-se e os pés de um homem no passeio. Ouviu um clique, que poderia ser Needles a ligar o alarme, e depois a porta da rua a bater e a chave a girar na fechadura.

Um par de pés partiu para a esquerda, parou, e depois ela ouviu a porta de um carro a abrir-se. O outro par de pés atravessou a rua e daí a segundos dois carros arrancaram. Tara deixou-se ficar a ver as luzes vermelhas dos faróis traseiros até desaparecerem de vista e depois entrou em ação. Sentia-se hirta por ter estado sentada imóvel durante tanto tempo, e o coração batia-lhe desordenado com o medo. O corredor estreito até às escadas de madeira estava escuro como o breu. Lembrar-se da história de como Harry encontrara uma ratazana às voltas no urinol dos homens uma manhã fê-la arrepiar-se toda. Não se atrevia a ligar a lanterna, não até se encontrar em segurança no gabinete de Harry.

Esperava que não tivessem sido feitas alterações ao sistema de alarme desde que fora instalado. Harry parecia uma criança nessa altura, a fazê-la andar pelo bar até ela pisar os sensores. Tara recordava-se também de que todas as janelas e portas para o exterior estavam ligadas ao alarme, portanto teria de se manter afastada delas.

Reparou nos cheiros de que Harry costumava falar, agora que os extratores estavam desligados. Não só a cerveja, fumo de cigarros e perfume requentados, mas também os cheiros bafientos do tempo em que aquele edifício era um armazém.

A porta do gabinete de Harry estava fechada à chave. Por um momento, Tara entrou em pânico. Teve de se encostar à porta e respirar fundo algumas vezes antes de se lembrar como funcionava o sistema da chave extra. A chave do gabinete encontrava-se na sala de jogo principal, a chave para essa sala era mantida num parapeito acima da porta do gabinete. Ergueu o braço e tateou à sua procura, sorrindo quando os seus dedos tocaram no metal frio. Harry gostava daqueles quebra-cabeças bastante infantis e jogar o seu jogo fez com que o sentisse mais próximo.

Um súbito zunido fê-la sobressaltar-se. Arrepiou-se toda, mas depois lembrou-se de que se tratava apenas do frigorífico no bar lá em baixo. Inspirou fundo para se acalmar e depois prosseguiu.

Na sala de jogo em frente encontrou a chave num gancho por baixo do balcão. Como lhe batiam os dentes com o medo, serviu-se de *brandy* de uma das garrafas na prateleira para acalmar os nervos.

Ao abrir a porta do gabinete todo o seu medo se desvaneceu. Aquele era o domínio de Harry. O sofá de couro era onde ele dormia quando trabalhava até tarde ou tinha bebido demasiado para conduzir até casa, o candeeiro de latão na secretária com um quebra-luz verde era o que ela lhe tinha comprado. Até os retratos assinados na parede a tranquilizaram – velhos pugilistas famosos que Harry admirava, um de Harry com David Bailey quando ele tirou as fotos para um artigo de um suplemento de um jornal de domingo e uma série de atrizes e atores que tinham ido ao clube.

Os estores de metal na janela estavam fechados. Ela correu as cortinas e ligou o candeeiro da secretária. Passou sistematicamente em revista todos os pequenos cacifos na secretária, lendo tudo. Recibos de gasolina, avisos de contas da água por pagar, cartas da empresa de eletricidade, algumas delas

tão antigas que se perguntou por que ainda se encontravam ali. Uma brochura de *villas* em Espanha, até um catálogo de sementes!

Foi na secção do meio que encontrou algo fora do comum. Tinha quase a certeza de que não era importante, só um pequeno bilhete de um parque de estacionamento com uma ponta dobrada, mas era do aeroporto de Lympe. Foi por não fazer ideia de onde ficava esse aeroporto que meteu o bilhete no bolso das suas calças de ganga. Datava de há duas semanas e estava metido no meio de uma conta da eletricidade, paga no mesmo dia. Havia mais contas naquela secção, todas com recibo do pagamento efetuado a dinheiro por Duke. Aquilo parecia confirmar que ele estava realmente a assumir a gestão do clube.

Quando Tara voltou a olhar para o seu relógio já eram quase cinco horas. Revistara a secretária, um armário de arquivo e uma cómoda. Mas a única coisa fora do comum que encontrou foi uma lista de números de telefone.

À primeira vista, também não havia nada de estranho neles. Eram todos de cidades grandes – Manchester, Birmingham, Cardiff, Plymouth, Glasgow e Leeds. Porém, ao lado de cada um deles, em vez de um nome aparecia um tipo de ave. Pardal, Falcão, Tordo. Seriam alguma espécie de código?

Estava a sentir-se muito estranha agora. Não tanto cansada, mais tensa, com cada som a fazê-la dar um salto de nervosismo. Tomou cuidadosamente nota dos números e dos nomes, meteu o papel ao bolso e voltou a pôr o original onde o encontrara. A sala do póquer era a única outra divisão usada para reuniões secretas, ela não achava que revistar todo o edifício se justificasse. Era mais uma das salas com estores de metal, pelo que pôde acender o candeeiro com um quebra-luz verde, que lançava uma luz turva sobre o feltro da mesa de jogo.

Estava dececionantemente vazia. Não havia caixas em que remexer nem pastas, só um cinzeiro por esvaziar, um par de copos sujos e um maço de cigarros fortes *Capstan* ainda com dois cigarros. Havia um pequeno armário ao canto com uma gaveta fechada à chave na parte de cima. O armário só continha baralhos de cartas ainda selados e um dominó numa caixa de madeira. O balcão do bar era igualmente dececionante, nada fora do sítio a não ser um frasco de verniz das unhas vermelho e um brinquedo de bebé. A faca para cortar limões chamou-lhe a atenção. Pegou nela e olhou pensativa para a gaveta fechada à chave.

– Tem de haver alguma coisa dentro dela – refletiu. – Porquê fechá-la à chave se não fosse esse o caso?

Harry tinha muito jeito para abrir fechaduras, Tara vira-o fazer isso à porta do apartamento dela numa ocasião em que ela se esquecera da chave. Fazia com que parecesse simples, mas não resultou com ela. Rodou e espetou, bateu e raspou, mas não fez qualquer diferença. Quando estava prestes a desistir, lembrou-se das chaves ainda na porta. Era óbvio que nenhuma delas serviria, eram todas demasiado grandes, mas uma pareceu fazer desandar a fechadura parcialmente. Enfiou-a com uma mão e rodou-a, com a lâmina da faca ao seu lado, e para seu espanto a fechadura cedeu.

Havia uma arma na gaveta.

Tara recuou horrorizada, com a mão sobre a boca. Era uma pequena pistola com madrepérola no punho, e ela soube instintivamente que pertencia a Duke. De algum modo, condizia com o seu nome, o seu aspeto, a maneira como ele falara com Needles quando estavam a fechar. Um homem implacável, que arredaria do seu caminho quem quer que fosse com quaisquer meios que estivessem à mão.

Era mais uma coisa a recordar o perigo de ser apanhada ali. Bagas de suor despontaram por todo o seu corpo e ouvia o seu coração martelar-lhe o peito.

Havia um envelope pardo de um tamanho razoável por baixo da arma. Lá dentro encontrava-se um envelope almofadado mais pequeno com algo volumoso e uma só folha na qual estavam escritos aqueles mesmos números de telefone que ela encontrara no gabinete de Harry.

O envelope almofadado estava fechado, mas Tara soube que tinha de o abrir.

Passando a faca de cortar limões por baixo da aba, tentou abrir o envelope sem o rasgar; com sorte, talvez restasse cola suficiente para o fechar de novo. Meteu a mão e soube imediatamente o que era.

O passaporte e a carteira de Harry! Ela comprara-lhe a carteira pelo seu último aniversário, pele de porco castanha e macia com as suas iniciais gravadas no fecho.

Vieram-lhe lágrimas aos olhos, com uma sensação de tremenda infelicidade a inundá-la quando tirou do envelope o passaporte e a carteira.

– Vou mantê-la junto ao coração – dissera ele a brincar quando estava a transferir para a carteira o dinheiro do bolso de trás das calças. – Vais querer que ande com um guarda-chuva a seguir.

Havia nove libras e um recibo de gasolina dentro dela. Havia espaço para uma fotografia, mas ele tinha-se rido quando ela sugeriu que ele pusesse uma dela.

– Só os totós é que andam com o retrato da miúda deles – disse Harry na brincadeira. – Os durões trazem uma do cão.

Contudo, embora se tivesse rido daquilo e dissesse que o bolso era a única carteira de que precisava, Tara nunca mais o vira sair sem ela.

No seu passaporte não havia nenhum carimbo da Alemanha, nada a não ser dois já antigos da Espanha, de há vários anos.

Devia estar morto, tinha a certeza. Alguém voltara ao apartamento dele para ir buscar o passaporte e outras roupas, levava o carro para algum lugar. Mas a carteira estaria no seu bolso, onde quer que ele se encontrasse!

Cega pelas lágrimas, voltou a meter tudo no seu lugar, sem querer saber agora se descobririam que a gaveta fora aberta. Tinha de sair do clube. Mas como? Todas as janelas do andar de baixo tinham grades. Se tentasse abrir a porta o alarme soaria.

Tentou acalmar-se, seguindo o processo de fechar a porta à chave e pôr as chaves onde as encontrara, mas, enquanto tentava pensar logicamente, a sensação de claustrofobia ia aumentando.

Parada na galeria, com os primeiros raios turvos de luz do dia a iluminarem o céu, recordou algo que Harry lhe dissera há um ano.

– O Needles fechou-me cá dentro. Pensava que tencionava passar cá a noite, mas eu tinha prometido ao George que ia lá a casa. Tive de sair por uma janela no último andar e escorregar pelo telhado.

Correu para lá e entrou em cada uma das divisões do último andar. Duas tinham grades nas janelas, as da terceira eram demasiado pequenas. Quando espreitou pela última janela, sentiu de novo uma volta no estômago. Era uma queda de pelo menos três metros até ao telhado inclinado da sala do póquer no andar abaixo, e para lá dela uma queda a pique para o Tamisa.

Mas e se estivesse com alarme? Harry não mencionara isso! Com o coração a bater com o susto, ergueu a mão para o trinco e desandou-o. Nada! A janela rangeu quando se abriu, caíram lascas da tinta antiga como caspa e o vento diretamente do rio entrou a uivar.

Só demorou um minuto a recolher os seus pertences, mas muito mais tempo a ganhar coragem para saltar para fora. A janela era só da largura dos seus ombros, a distância do telhado parecia cada vez maior.

O seu saco foi primeiro, aterrando no telhado abaixo. Tara arrastou um caixote para junto da janela, pousou as mãos nele, pôs um pé fora da janela e depois içou a outra perna. Fazendo força com as mãos, contorceu o corpo para trás até por fim se encontrar numa posição que lhe permitisse deixar cair o corpo para o outro lado do peitoril e pendurar-se pelas pontas dos dedos.

Ficou ali paralisada pelo medo. Olhando para baixo, viu que o telhado inclinado parecia estar a milhas dos seus pés, e também escorregadio. E se ela caísse? Poderia escorregar do telhado diretamente para o rio.

Os braços estavam quase a ser-lhe arrancados da articulação dos ombros com o seu peso, tinha de soltar as mãos agora, já que não podia voltar para trás. Ao aterrar no telhado, uma telha solta foi desalojada e projetou-se a toda a velocidade. Milagrosamente, os seus pés aderiam às telhas e, acocorando-se, ela aproximou-se aos poucos da beira.

– Merda! – exclamou. Era uma queda a pique para o rio, talvez uns quinze metros ou mais, e a maré estava vaza, deixando à mostra lodo espesso de um cinzento-esverdeado.

Sentou-se e arrastou-se para trás no telhado sobre o rabo. O vento estava a cortá-la quase ao meio e ela sentia-se tão assustada que as suas pernas pareciam feitas de borracha.

Espreitou para uma sarjeta húmida entre o clube e o velho armazém do lado e soube que fora assim que Harry saíra, mas o coração caiu-lhe ainda mais aos pés quando olhou para ela. Umas escoras de ferro desciam em ziguezague até ao fundo. A conduta tinha menos de um metro e vinte de largura, as

escoras ficavam talvez a um metro e vinte ou um metro e meio de distância umas das outras, mas só um homem forte e ágil como Harry poderia balouçar-se como um macaco de escora em escora.

O vento açoitou-lhe o cabelo quando ela lançou um olhar de anseio para a pequena janela, mas de maneira nenhuma poderia voltar. Também não podia deixar-se ficar ali a não ser que quisesse envolver a polícia antes de ter tempo de pensar fosse no que fosse. Tinha de descer!

Atirou o saco para a sarjeta, engolindo em seco ao ver quanto tempo demorava a aterrar na lama lá em baixo. Sentada no telhado com os pés a penderem sobre a caleira, estendeu a mão para a primeira escora e agarrou-a.

O medo cravava-lhe as suas garras, mas, inspirando fundo, impeliu-se para a frente e balouçou-se para o espaço.

Para sua surpresa, os seus pés tocaram na escora seguinte e soltando a barra com uma mão conseguiu encontrar um tijolo saliente na parede para se equilibrar. Lentamente, baixou-se até ficar sentada e arrastou-se de lado pela barra diagonal, agarrando-se com toda a força. Agora que tinha uma perspetiva diferente viu que o pior já tinha passado. Era tal e qual como uma criança trepar por uma estrutura num parque infantil, bastava-lhe agarrar-se às varas e descer aos ziguezagues.

Estava a chegar à última, com a sarjeta preta e lodosa a menos de três metro e meio abaixo de si. O cheiro era tão repugnante que ela tentou sustar a respiração. Baixou-se sobre a barriga na última vara horizontal e preparou-se para se balouçar. Mas desta vez a escora era larga, ela não conseguiu agarrá-la devidamente e, quando deixou os braços suportarem o seu peso, os dedos deslizaram.

Bateu com os pés na lama escorregadia e derrapou. Aterrou de chapa, com os braços a estenderem-se numa tentativa de se salvar. O cheiro foi pior do que o choque – água da chuva estagnada, cocó de gaivotas e o lixo acumulado de anos. O horror de cair em tal imundície fê-la pôr-se de pé a toda a pressa, mal reparando na dor na perna.

Estava encharcada até aos ossos, coberta de lama preta fétida. A coxear até à berma da sarjeta, viu que ainda teria de percorrer um parapeito de pouco mais de vinte centímetros logo acima da linha da água para chegar à travessa do lado.

Era dia claro agora. Uma lancha da polícia fluvial estava a aproximar-se para atracar quando ela percorreu os últimos trinta metros. Acocorada na travessa, a tremer de frio e tão mal-cheirosa que se sentia agoniada, teve consciência de que nenhum taxista a deixaria entrar no seu táxi nem por sonhos.

– Josh! – disse o nome dele em voz alta. – Ele saberá o que fazer.

CAPÍTULO 33

Harry forçou-se a levantar-se da cama.

– Faz exercício, seu cabrão preguiçoso – murmurou. – Se aparecer uma oportunidade e não estiveres em forma vais desperdiçá-la!

Sentia-se muito mal. Não se barbeara nem tomara um banho desde que chegara ali, tinha uma moínha num dente e doía-lhe constantemente a cabeça devido à falta de ar fresco. Baixou-se para o chão e depois pôs-se a fazer flexões – uma, duas, três.

– Continua. Quatro, cinco, seis. – Contava, a tentar arredar tudo da mente, concentrar-se apenas em persistir cada vez mais.

Harry estava com mau aspeto, o cabelo a tombar-lhe para o rosto em madeixas pretas oleosas como caudas de ratazanas, enquanto fazia flexões. Só com um par de cuecas pretas, era patente que o seu corpo não sofrera; os músculos dos braços, do peito e das pernas ainda se destacavam sob a pele ligeiramente bronzeada. Mas a pisadura amarela na nuca, a barba preta por fazer e um rosto pálido e abatido eram provas da pressão de estar em cativeiro.

Um fedor a suor, urina e beatas de cigarros pairava espesso no ar. Em cima da mesa encontravam-se uma pilha de jornais e um par de livros com capas berrantes. Havia uns cobertores grosseiros cinzentos na cama estreita de ferro, uma camisa de *nylon* suja pendurada sobre umas calças de bombazina castanha nas costas de uma cadeira. O balde encontrava-se no canto mais afastado, coberto por um jornal.

– Continua – instou a si mesmo. – Trinta, trinta e um, trinta e dois.

Este era o pior tipo de prisão. Não sabia por que o tinham fechado ali nem por quanto tempo, onde se encontrava ou quem estava por trás daquilo.

Três dias antes, os homens tinham-no deixado vê-los sem máscara, mas isso só o aterrorizou ainda mais. Manterem a sua identidade secreta significava que acabariam por o libertar. Tirarem a máscara significava que a única maneira como poderia sair era morto.

Micky era o único dos seus captores que tinha um lado humano. Os outros três eram uns animais, e Joe Spikes era o pior.

Eles não sabiam que Harry descobrira o outro nome de Joe. Micky perdera as estribeiras um dia e referira-se a ele como «Spikes». Não havia dúvida de que Joe lhe cortaria os tomates se soubesse isso. Mas Harry não tinha a intenção de abrir o jogo ou de admitir que já ouvira falar do tipo, ainda não. Talvez conseguisse pôr Micky do seu lado.

Várias coisas se tinham tornado claras desde que fora capturado. Joe Spikes era um psicopata, totalmente imerso neste projeto, fosse ele qual fosse. Embora não se permitisse aproximar-se de Harry, quase como se receasse que só falar com ele pudesse de algum modo enfraquecê-lo, mantinha-se a par de tudo. Micky apanhou umas bofetadas por ser demasiado amigável. Frank, um dos outros, meteu-se em trabalhos por não fechar à chave a porta do outro lado enquanto Harry estava na casa de banho. No entanto, apesar de tudo isso, Joe Spikes não era o chefe. Micky descrevia-o como o Sargento, dando a entender que havia oficiais acima dele.

Os dias eram intermináveis. Todas as manhãs, Harry tinha de se forçar a levantar-se da cama só para ter hipótese de dormir à noite. Às oito, abriam a porta da cela, permitiam-lhe despejar o balde na casa de banho no corredor e lavar-se no lavatório. Havia uma outra porta para lá dessa, sempre fechada à chave a não ser daquela vez, e nessa ocasião ele não se dera conta.

Por volta das nove horas traziam-lhe o pequeno-almoço, sempre frito, invariavelmente a nadar em gordura. Na maior parte dos dias, traziam-lhe um jornal para ele ler, ocasionalmente outra chávena de chá a meio da manhã, mas usualmente ficava sozinho até pelo menos às duas horas, altura em que lhe davam uma sanduíche e alguma fruta. A refeição principal era muitas vezes às sete e variava, de comida frita, frequentemente queimada, a empadas de carne e puré de batata instantâneo.

Harry sabia agora que não se encontrava numa igreja. Raspara as paredes e descobrira tijolos, não pedra. Devia ser uma mansão no campo, vazia, porque os homens nunca se preocupavam com o ruído. Ele calculara que devia ser perto da costa, porque ouviu Frank mencionar as marés uma vez e recordava uma espécie de cheiro a maresia quando foi tirado da carrinha. Os anúncios nos jornais pareciam ser principalmente a lugares no Sudeste, portanto ele poderia estar em qualquer parte, de Margate a Brighton.

Pondo de lado Joe Spikes, Harry tentara descobrir informações sobre cada um dos outros homens. Micky era o mais novo, com não mais de vinte e três anos, cabelo castanho aos caracóis e um rosto redondo, quase de querubim. Era um rapaz com bom aspeto e que fora bem criado, mas que começara a dar-se com as pessoas erradas e não tinha inteligência para compreender para o que se estava a encaminhar. Harry nunca conseguia ter tempo suficiente a sós com ele para descobrir a história completa, mas ficara com a impressão de que era um rapaz não muito diferente de si.

Frank, o colega de Micky, tinha nascido ruim. Com uns vinte e oito anos, andava metido em sarilhos desde que deixara as fraldas. Cabelo da cor de palha suja, olhos azul-pálidos e um rosto angular malévolo. Harry tinha quase a certeza de que Frank só se colara a Micky porque sentia que ele tinha um

toque de classe, mas não se ensaiaria nada de o atirar aos leões se fosse preciso.

Carl, o terceiro homem, devia ter sido do exército. Harry sentia que ele se via como uma espécie de soldado dos comandos, recebendo as suas ordens e cumprindo as tarefas sem considerar os motivos. Era mais velho do que Micky e Frank, com uns trinta e tal anos, e tinha um rosto quadrado e rude. O tipo de homem que o próprio Harry escolheria para levar consigo num trabalho que requeresse decisões ao segundo, coragem e fiabilidade.

Porém, era em Joe que Harry mais pensava, tentando a todo o custo descobrir onde ouvira aquela voz áspera. Joe raramente vinha ali abaixo. Quando vinha, falava pouco, mas eram a maneira como os outros o tratavam com reverência e a sua fealdade que assustavam Harry de morte.

Joe era o mais velho do grupo, andaria pelos cinquenta. Calvo como um ovo cozido, tinha uma cicatriz horrenda na face direita que lhe arrepanhava os lábios num esgar aterrador, e a maior parte dos seus dentes estavam cariados. No entanto, parecia um homem de ferro. A coisa mais desconcertante nele eram os seus olhos escuros. Pareciam brilhar com um ódio extraordinário que fazia Harry sentir as pernas bambas.

Harry parou de fazer as flexões ao chegar às cinquenta e começou a correr no mesmo sítio. Fechou os olhos, como fazia sempre, e tentou imaginar que estava de facto a correr por uns campos. Tinha de tentar tirar Tara da cabeça, ela estava a impedi-lo de considerar objetivamente todas as pistas e calcular o que iria acontecer.

Ao princípio, pensara que se tratava de um simples rapto e que a cena no clube era meramente um estratagema para fazer com que pessoas como Needles, Tony e o seu pai ficassem assustadas. Acreditara que Wainwright

estava por trás daquilo; como ator, teria vindo ao clube disfarçado, talvez tivesse até subornado algumas pessoas. Mas um homem que só queria vingança pagaria a pelo menos quatro homens para colaborarem com ele? E manteria a sua vítima num relativo conforto quando podia simplesmente matá-lo e livrar-se do corpo algures?

De qualquer modo, Harry não vira nada sobre o seu desaparecimento nos jornais. George não seria capaz de deitar a mão a massa suficiente para fazer com que um rapto valesse a pena. O único dinheiro estava no clube. Durante toda a primeira semana, Harry esperara que eles viessem exigir-lhe a sua assinatura nuns documentos. Quando isso não aconteceu, soube que não estava ali preso por um resgate.

Tinha de recorrer a algum pensamento lateral para calcular o que se estava a passar. Se alguém o odiava o suficiente para o fechar ali, também o torturaria. Isso significava que estar ali devia servir algum objetivo, e a resposta tinha de se encontrar no seu clube noturno. Queriam-no fora do seu caminho para fazerem algo lá!

Tráfico de drogas ou de armas! Tudo começou a encaixar-se depois de ele encarar essa possibilidade. Uma ou a outra hipótese significavam muito dinheiro, o suficiente para comprar a lealdade das pessoas, para alistar a colaboração do seu pessoal. Um golpe bem planeado que, provavelmente, começara há meses.

Duke Denning!

Agora compreendia por que nunca conseguira aproximar-se do homem. Ele era um infiltrado. Harry Collins caíra na esparrela. Também não poderia ter-lhe tornado a coisa mais fácil. Sentira-se tão encantado por alguém querer tirar-lhe o clube das mãos que não se poupou a esforços para fazer o sujeito

sentir-se à vontade. Até dera ordens ao seu pessoal para que fizessem tudo o que pudessem para o ajudar a aprender como funcionava o clube!

Durante a primeira semana, Harry imaginara Tara, George e Needles a ficarem desatinados por ele ter desaparecido. Contudo, por volta da altura em que se apercebeu de que não se tratava de um simples rapto, ocorreu-lhe que alguém devia estar a fazer-se passar por ele.

Ao longo dos anos, na prisão e no clube noturno, ouvira descrever as linhas gerais de centenas de esquemas e enganos. Num caso em particular, recordava-se de um par de tipos lhe contar como tinham raptado um homem de negócios, o torturaram para que lhes fornecesse pormenores pessoais sobre a sua mulher e o pessoal do seu escritório e depois, fazendo-se passar por ele, telefonaram à sua secretária e disseram-lhe que ele tinha ido para a América em negócios. A ideia deles era esvaziar as contas bancárias do homem, e estavam perto de o conseguir quando foram apanhados. Na altura, Harry sentira-se impressionado com a astúcia deles. A única razão para o seu plano se ter gorado foi a vítima não lhes ter dito que tinha uma alcunha carinhosa para a sua mulher, e ela ficou desconfiada.

Mais uma vez, Wainwright entrava em cena. Era um ator, conhecido pela sua capacidade de imitação, poderia facilmente ter telefonado a George, a Tara e aos rapazes no clube e ter-lhes contado uma data de mentiras para os impedir de recorrerem à polícia.

Inadvertidamente, Harry colaborara neste plano. A maior parte do seu pessoal sabia que Duke ia comprar o clube, com o tipo certo de telefonema continuariam como se Harry estivesse ali. Enquanto Duke deixasse que Tony depositasse o dinheiro, o pessoal fosse pago e tudo corresse sem sobressaltos, por que haveriam de suspeitar que se passava algo de errado?

Porém, o pior de tudo era pensar em como aquilo acabaria. Depois de o trabalhinho estar feito, o corpo de Harry seria com certeza encontrado e com ele provas suficientes para convencer a polícia de que ele tinha sido o cérebro por trás de tudo. E quem acreditaria que os seus camaradas leais e de confiança, Needles e Tony, não estavam também metidos na coisa?

A chave a rodar na fechadura fê-lo parar de correr e virar a cabeça.

– OK, Harry. – Micky sorriu-lhe ao vê-lo sentado na cama de costas curvadas. – São horas de despejar o balde!

Aquele tornara-se o momento alto do dia. Não só porque libertava a sua cela do fedor do balde, mas também porque havia uma pequena fresta por cima da sanita da qual soprava ar fresco. Não havia água quente, mas a água fria no rosto dava uma sensação boa.

Harry pegou no balde e levou-o para fora da cela, olhando imediatamente para a porta ao fundo para verificar se estava fechada à chave.

– Eu não me atrevia a esquecer-me – disse Micky nas suas costas. – O Joe cortava-me a pila!

Harry despejou o balde na sanita, encheu-o com água e enxaguou-o.

– Tu deves saber que me vão matar. – Falou em voz baixa, sem saber se estaria alguém lá fora.

Micky estava à porta da casa de banho. O facto de nem sequer ter lançado um olhar na direção da porta sugeria que não devia estar ninguém lá.

– O mais certo é matarem-te também! – disse Harry com indiferença. – Mesmo que consigam fazer com que pareça que era eu quem controlava o negócio da droga, não podia tê-lo feito sozinho, pois não? Calculo que vocês os três estão destinados a ir desta p’ra melhor.

Fechou a porta com força entre eles, deixando Micky a pensar nas suas palavras.

A casa de banho dava-lhe uma ideia da natureza da sua prisão. Tal como a sua masmorra sem janelas, ambas eram construídas em tijolos, que tinham sido caiados. A minúscula janela, que era de facto mais uma espécie de respiradouro, mostrava que as paredes tinham mais de trinta centímetros de espessura e que ficavam muito abaixo do nível do solo. Pondo-se em cima da sanita e encostando o rosto às duas ripas de madeira, Harry via um pedacinho do céu e folhas ao fundo da conduta. Não se ouvia nada, nem o mais ténue som de trânsito ou de vozes. Não haveria como escapar desta maneira. A conduta tinha menos de vinte e cinco centímetros de diâmetro e cerca de um metro e oitenta de comprimento, mas era maravilhoso ver uma nesga de céu azul e respirar ar fresco e a cheirar a terra nem que fosse por uns momentos.

Levou o seu tempo a lavar-se. Era uma questão de orgulho. Mesmo que fosse ficar fechado sozinho durante a maior parte das vinte e quatro horas seguintes, não estava disposto a transformar-se num animal. Gostava que lhe dessem uma navalha da barba e champô. Não havia espelho para ver com que aspeto estava, mas a barba fazia-lhe uma comichão louca e tinha o cabelo colado à cabeça de tão oleoso.

Escovar os dentes desencadeou-lhe de novo a dor de dentes. Perguntou-se se a coisa chegaria ao ponto em que ele conseguiria arrancar o próprio dente, como faziam nos filmes em que as personagens tinham de sobreviver longe da civilização.

Micky estava sentado num caixote lá fora quando Harry abriu a porta, a fitar a parede com um olhar vácuo.

O espaço entre a porta interior e a exterior era de cerca de dois metros quadrados e quarenta, caiado, com uma lâmpada fraca na parede. Mesmo àquela luz ténue, Micky parecia fresco e saudável, com os seus grandes bíceps bronzeados a retesarem as mangas da *t-shirt* branca, as calças de ganga saídas diretamente da tábua de passar a ferro.

– Foste passar a noite a casa da Mamã? – perguntou Harry. – Eras capaz de lhe pedir se me arranja alguma coisa?

– É, fui a casa – admitiu Micky, levantando-se do caixote e avançando para a porta da cela. – Apesar de que comer uma comidinha boa e ela lavar-me a roupa não valem o sermão que me prega.

Harry seguiu Micky para dentro da cela. Pousou o balde e depois pegou na sua camisa de *nylon* toda transpirada e vestiu-a, empenhado em não fazer nada que levasse Micky a se fechar em copas.

– Ela adivinhou que andas metido em asneira da grossa, então?

– As mãos adivinham, não é? – Olhou para Harry com uma expressão lamuriosa. Os seus meigos olhos castanhos estavam ansiosos. – Quem me dera poder fazer alguma coisa que a deixasse orgulhosa.

Harry fez um meio sorriso.

– Consigo pensar numa coisa – disse em voz baixa.

– O que é? – Micky nem sequer mostrava muita curiosidade na voz. Afastou o seu cabelo castanho-escuro do rosto, de olhos postos nos de Harry.

– Podias-me ajudar a escapar. Abrir o jogo bem aberto. Eu digo à polícia e à tua mãe que foste tu, e depois podes vir trabalhar para mim.

– Cortavam-me o pio. – Micky fungou. – Além disso, pelo que o Joe diz sobre ti, tu não és muito melhor do que ele.

– Não me digas que não és capaz de avaliar o carácter das pessoas melhor do que isso. – Harry sorriu. – Deves saber que aquele homem é marado. Há alguma coisa que lhe está a dar corda, e quando se soltar que Deus nos ajude a todos. Olha, não te estou a sugerir que vás à polícia, só que telefones a um meu amigo e lhe digas onde estou. Eu nunca vou revelar que foste tu.

Nem por um momento pensou que Micky concordaria, como poderia sem ser despachado por aqueles pulhas? Mas Harry poderia conseguir alguma coisa dele.

– Vai-te lixar, Harry. Não posso fazer isso e tu sabes. – Micky lançou um olhar nervoso por cima do ombro. – Há muito dinheiro apostado neste cavalo. Não somos só nós, os que estamos aqui. Sabes o que quero dizer?

– OK, Micky. – Harry pôs uma mão no ombro dele e apertou-lho. – Não me vou zangar contigo por causa disto. Mas pensa só na tua posição. Lembra-te do que te disse sobre o Joe. Ele é uma granada, e um dia alguém vai puxar a espoleta!

Harry deitou-se na cama depois de Micky lhe trazer o almoço. Sanduíches de carne enlatada e pickles hoje, as fatias de pão um pouco seco. Era tudo até por volta das sete. Já tinha lido o jornal do dia anterior, mas estava a guardar as palavras cruzadas para mais tarde.

Pôs-se a examinar o teto. Não era propriamente um teto na realidade, mais como o de uma cave, tijolos cimentados, sem arestas onde as paredes davam lugar ao teto, só curvas graciosas. Tentou recordar todas as histórias de evasões que alguma vez lera na esperança de lhe ocorrer uma ideia brilhante.

Não podia escavar um túnel, não tinha ferramentas. Não havia janelas nem nenhum instrumento com que pudesse bater na cabeça do seu guarda. Podia

usar os punhos, mas de que serviria? Um segundo homem trancava sempre a porta exterior e só voltava a abri-la quando ele era fechado na cela.

É claro que pensara em fazer refém o guarda, pondo-lhe um braço à volta do pescoço e ordenando ao outro homem que abrisse a porta. Mas tinha a sensação de que nenhum dos homens se importava o suficiente com os outros para que isso resultasse. Provavelmente, limitar-se-iam a encolher os ombros e a dizer-lhe que ficasse com o cadáver ali dentro com ele!

Já tentara fingir que estava a ter um ataque agudo de asma, imitou a respiração ofegante e a chiadeira muito bem, mas Carl não se deixou levar. Limitou-se a dizer que devia ser das penas da almofada, tirou-a, saiu e fechou a porta à chave.

Harry passou as pernas para fora da cama, pousou os pés nas lajes e voltou a correr no mesmo lugar.

O que poderia aquele Harry falso ter dito a George e a Tara para os impedir de se preocuparem? Ou ter-lhes-ia dito alguma coisa que os pusera tão doentes com medo que não se atreviam a fazer nada? Isso era o pior de tudo, a possibilidade de que ambos acreditassem que ele tinha voltado a dececioná-los!

Dia após dia ali dentro, não tinha mais nada para fazer a não ser listas dos erros que cometera na sua vida, e aquele de que mais se arrependia era de esconder coisas de Tara. Se tivesse sido franco em relação a tudo ela não acreditaria que ele estava a fazer algo de errado agora. Não devia ter subestimado a inteligência dela.

Estava a correr há quinze minutos quando ouviu um ruído – um retinir de metal no chão de pedra e depois uns passos a afastarem-se de novo. Eram só quatro da tarde, uma hora em que não costumava vir ninguém.

Continuou a correr no mesmo sítio, talvez estivessem só a arrumar alguma coisa do outro lado da porta exterior, mas daí a uns segundos ouviu passos a aproximarem-se de novo lentamente pelas escadas abaixo. Demorou mais tempo do que o usual a abrir-se a segunda porta, e voltou a ouvir o mesmo tinido.

Parou de correr, limpou o suor da testa com as costas da mão e espreitou pelo pequeno postigo. Micky estava junto à porta da casa de banho, debruçado sobre alguma coisa.

– O qu’ê que tens aí, Micky? – perguntou Harry. – O meu caixão?

– É Natal – respondeu Micky, abrindo a porta. – Olha o que tenho para ti.

Quando a porta se abriu para dentro, Harry viu dois grandes baldes de água quente e uma banheira de lata no chão. Micky tinha uma toalha pendurada do ombro.

– O Joe disse que podias tomar banho e barbear-te. – Micky fez um sorriso rasgado a mostrar os dentes. – Até te arranjou roupas novas.

Harry ficou sem palavras por um momento. A banheira de lata era pequena e estava um pouco enferrujada, mas nada alguma vez lhe parecera tão maravilhoso. Estava um saco ao lado dela. Micky levou a mão ao bolso de trás das calças.

– E isto também. – Brandiu uma navalha da barba. – O Joe está aqui está a dizer-te que podes sair para ir ao baile!

Era uma maravilha. Micky entrou e sentou-se na cama enquanto Harry chafurdava na água quente. Havia sabão para a barba, um espelho pequeno, até champô para o cabelo. Quando passou a navalha pelas faces ficou chocado ao ver como parecia diferente.

– Isto é fantástico! – berrou Harry, ao mesmo tempo que se contorcia, pondo as pernas de fora e a metade superior direita do corpo debaixo de água. Tinha a certeza de que não havia ninguém por trás da outra porta, porque estariam a ficar impacientes se fosse esse o caso.

Micky veio à porta e olhou para Harry. O cabelo colava-se-lhe à cabeça como algas molhadas, com espuma do sabão para a barba colada, e o seu rosto barbeado parecia subitamente mais jovem.

– A barba não te favorecia lá muito – riu-se Micky. – É uma pena que estejas tão pálido, estavas bronzeado quando chegaste.

Harry ficou tenso, a começar a compreender o raciocínio por trás daquele mimo.

– Vai-se passar alguma coisa hoje à noite? – perguntou casualmente.

Micky encostou-se ao varão da cama, de pernas cruzadas, a fumar um cigarro.

– O que é que te faz perguntar isso?

– Não sei, realmente. – Harry encolheu os ombros. Pôs-se de pé na banheira. – Fazes-me um favor? Deitas-me água limpa em cima?

Micky pegou no balde, entrou na casa de banho e pô-lo debaixo da torneira. Harry observava-o atentamente. O homem não aparentava sinais de agitação; estava sem pressa, como se aquela fosse a única tarefa do dia. Isso poderia querer dizer que os outros tinham saído e o tinham deixado só? Não se lembrava de ouvir outro homem descer as escadas com ele.

– Prepara-te! – Micky fez um sorriso infantil ao tirar o balde do lavatório. – É melhor ajoelhares-te na banheira ou não te chego à cabeça.

A água estava gelada, mas dava uma sensação boa. Harry limpou-a dos olhos e estendeu a mão para a toalha.

– Isto parece a extrema-unção! – disse enquanto se secava. – De certeza que não tens uma mortalha naquele saco?

Viu uma expressão estranha passar no rosto de Micky, a contrair-lhe as feições.

– Perguntei ao Joe se te ia matar. – Baixou a voz, mais por vergonha do que por necessidade de secretismo. – Ele disse que não.

Harry decidiu que Micky era ingénuo, não estava a mentir com todos os dentes que tinha. Estendeu a mão para o saco.

– Essas roupas são minhas! – Virou-se para Micky, espantado. Cuecas, meias, calças de ganga – era tudo seu! Um polo branco *Fred Perry*, um par de sapatos e o seu blusão de couro cinzento preferido. – Como é que conseguiram estas roupas?

– Não sei. – Micky olhou para os pés. – O Joe voltou com elas na semana passada. Eu não sabia que eram tuas. Pensei que ele estava a ser... bem... simpático.

– Simpático! Esse tipo não era capaz de ser simpático nem que estivesse no leito de morte! – explodiu Harry. Vestiu as cuecas limpas e estendeu a mão para o polo. – Tu sabes o que isto quer dizer, não sabes?

– Não te estou a entender. – Micky soava como um menino pequeno.

Harry pegou nas calças de ganga. Sentia o cheiro a Persil nelas, o que o fez pensar em Queenie. Mesmo que o fossem matar mais tarde, pelo menos por agora sentia-se reconfortado pelas suas coisas.

– Bem, não podiam deixar-me aqui morto com vocês com as roupas de outra pessoa, pois não? Ou com barba de quatro semanas. O meu pai ia logo chamar a atenção para que isso provava que eu tinha estado preso. Suponho que foram ao meu apartamento e fizeram uma mala para dar a ideia de que eu tinha ido viajar?

– Não sei nada. – A voz de Micky estava trémula, mas arregalou os olhos como se estivesse finalmente a capacitar-se da verdade.

– Não admira que o meu pai não tenha feito estardalhaço – disse Harry. – Quem é que anda a fazer de conta que sou eu ao telefone, então?

Micky desviou a cabeça, o seu silêncio a provar que sabia a resposta, mas não tencionava revelar nomes.

Harry correu o fecho das calças de ganga e sentou-se na cama para calçar as meias e os sapatos.

– Diz-me só uma coisa – implorou a Micky, lançando um olhar às calças dele para ver se haveria um chumaço algures, que seria o da outra chave. – O Duke é que é o chefe? – As ancas dele eram tão estreitas como as de Harry, as calças de ganga justas, e não parecia haver nada a alterar a linha a direito.

Micky abanou a cabeça.

– O Joe chama-lhe Sargento. Isso quer dizer que há alguém acima dele, não quer?

– Sabes quem é?

– Não. – Micky fez um sorriso abatido. – Eles não me dizem grande coisa.

Harry sentia-se demasiado preocupado agora para continuar sequer a tentar interrogar Micky. Apetecia-lhe deitar-se na cama e pensar só em Tara, não prever a sua própria morte a saber que quebrara a sua regra número um,

nunca confiar em ninguém, quando deixara que Duke ficasse a saber tantas coisas sobre ele.

– É melhor eu ir despejar aquela água. – Micky dirigiu-se para a banheira no corredor e inclinou-se para a empurrar para a casa de banho. – Vou-te fazer um chá se quiseres, parece que estás a precisar.

Harry ficou a olhar distraidamente para Micky enquanto ele erguia a banheira o suficiente para a água sair. A sua mente estava vazia até àquele momento, entorpecida por uma sensação de total abatimento. Mas quando os seus olhos pousaram nas virilhas de Micky, viu algo comprido e fino saliente, revelado pelo ângulo em que as suas pernas estavam fletidas. A sua mente voltou a entrar em ação.

– Deixa-me ajudar-te com isso – disse casualmente, levantando-se devagar para não o alarmar. – Tu não és o raio de um criado!

Um olhar confirmou que a chave da porta interior ainda estava na fechadura. Avançou para o espaço confinado por trás de Micky e depois agarrou-o pelo pescoço. A banheira caiu com um estrondo, derramando água sobre os pés deles. A vida de Harry dependia de ele usar a sua força, e não tinha tempo para pensar em não magoar o homem. Apertou-lhe o pescoço quase ao ponto de o estrangular e depois empurrou-o para dentro da cela.

Micky deu luta, contorcia-se e esbracejava, mas estava demasiado concentrado em remover os dedos de Harry do seu pescoço. Segurando-o só com uma mão, Harry enfiou rapidamente a outra no bolso dele, tirou a chave e depois empurrou o homem para o chão.

Micky levantou-se de um salto no momento em que Harry fechou a porta.

– Não faças isso – berrou. – Eles apanham-te!

Harry fechou a porta à chave, mas olhou para dentro pelo postigo. Micky estava a esfregar o pescoço, com o rosto muito vermelho, e via-se que se sentia claramente atordado.

– Desculpa lá, Micky – disse Harry em voz baixa. – Sinto-me um cabrão por fazer isto, mas é salve-se quem puder!

– Não vais conseguir fugir – berrou Micky. – O Joe tem uma arma. Estava a limpá-la quando eu vim cá para baixo.

Harry pressentiu naquele segundo que Micky queria ajudá-lo.

– Qual é a melhor maneira de sair? – perguntou.

– Vira à direita ao cimo das escadas. Trepá pela janela das traseiras e atravessa o bosque.

– Eu defendo-te se fores apanhado – disse Harry. – Dá-me uns minutos antes de começares aos berros!

Houve um momento de tensão quando abriu a segunda porta, meio a contar que Joe estivesse ali à espera de arma na mão. Mas não se encontrava ninguém no corredor escuro. Fechou a porta à chave atrás de si. O corredor era mais comprido do que esperara, com várias outras portas. O cheiro de humidade bafienta era ainda mais forte e não havia luz ali, só um pequeno feixe de luz do postigo na porta da cela e a claridade do exterior a vir das escadas de pedra.

O ar foi-se tornando mais doce e fresco à medida que avançava silenciosamente pelas escadas acima, à escuta de sinais dos outros homens. Sentia-se embriagado com o ar, a querer encher os pulmões até rebentarem. Ouvia um rádio à distância, mas o único outro som era de aves lá fora.

As escadas davam para um pequeno corredor. Era apainelado, e Harry reconheceu o cheiro a cedro em que reparara na noite em que chegou, mas

agora estava misturado com o cheiro a fritos e a óleo de armas.

Virou à direita. O corredor terminava numa porta fechada à chave, mas, imediatamente antes à esquerda havia uma grande cozinha com janelas altas de guilhotina a darem para um arvoredor cerrado.

Com um olhar apreendeu tudo. Uma caixa com produtos de mercearia em cima de um balcão, cinco pratos, cinco canecas, talheres e tachos todos arrumados junto ao lava-louça branco e fundo. A cozinha tinha um ar datado, dos anos 1920.

Ouvia vozes à distância. Uma das janelas estava entreaberta na parte de baixo. Fechou a porta atrás de si e puxou a janela para cima cuidadosamente. Sair para o peitoril não foi problema. Fechou a janela atrás de si, esperando assim enganá-los e depois saltou uns três metros para cima dos arbustos.

Depois do frio da cave, dava a sensação de que tinha saltado para os trópicos. Quase se sentiu cego pela luz brilhante, e o lugar em que aterrara estava cheio de urtigas. Abrindo caminho por entre os arbustos, sentiu a inclinação íngreme do chão, e foi só quando se viu completamente escondido no matagal que parou para olhar para trás.

Não era uma casa muito antiga como ele imaginara, mas uma mansão no campo, talvez construída na viragem do século ao estilo georgiano. O mais notável da casa era o facto de ter sido construída contra a encosta do monte e a vegetação crescer de tal maneira à sua volta que daí a um par de anos a envolveria completamente.

Harry continuou a avançar. O ar dava a sensação de ser champanhe, o seu cabelo molhado estava a secar rapidamente no calor e os seus sapatos faziam barulho por terem ficado encharcados com a água do banho. Os arbustos densos e os espinheiros deram lugar a um bosque, com o terreno ainda a subir

íngreme. Escondeu-se por trás da maior árvore e verificou se alguém o estava a seguir.

Tudo o que conseguia ver da casa agora era uma parcela de telhado verde-escuro. Como a chave da cave ainda estava no seu bolso, mesmo que tivessem ido lá abaixo ver porque Micky estava a demorar tanto tempo, não conseguiriam entrar imediatamente para o libertar.

– Espero que não lhe façam mal – murmurou, e depois virou-se para abrir caminho por entre o matagal.

Sabia exatamente o que ia fazer. Correria para a primeira casa que visse e pediria que chamassem a polícia. A seguir, perguntaria às pessoas se poderia fazer um telefonema a cobrar no destinatário para Tara.

Quando se virou, já não conseguia ver a casa, só árvores e arbustos. Estava a ficar mais cerrado agora, e tinha de andar de lado e por vezes voltar para trás para poder avançar uns metros. O seu encanto por ficar livre estava agora atenuado pelo medo. Não fazia ideia da extensão daquele bosque. Podia estar a encaminhar-se numa direção completamente errada.

Respirava pesadamente, parecia estar a fazer mais ruído do que uma manada de elefantes. Os espinheiros prendiam-se-lhe às calças e cortavam-lhe o rosto, e tropeçava repetidamente em ramos caídos. Por fim, no entanto, o arvoredo começou a ficar menos denso e ele ouviu o som de um carro mais à frente.

A sua excitação era tão intensa que a sentia como uma dor enquanto avançava a toda a velocidade. Por fim, teve um vislumbre da estrada. Uma vedação de arame encimada por arame farpado era tudo o que havia entre ele e a liberdade.

Acocorando-se junto à vedação, espreitou para ambos os lados. Era uma estrada de aldeia, em frente a um campo aberto. À sua esquerda, a estrada era direita, sem casas, sem nenhuma espécie de abrigo. À sua direita, parecia igualmente exposta, mas havia uma curva a uns cinquenta metros mais abaixo e nesse ponto começava uma sebe. Segurando-se ao tronco de uma árvore, saltou para o arame farpado e daí para a estrada.

Foi um puro júbilo correr, sentir o vento no rosto e liberdade no coração. O vento dava-lhe no cabelo, secando o resto de humidade dele, as suas pernas moviam-se como pistões, os seus pulmões enchiam-se de ar a ponto de rebentarem. Quando se aproximou da curva, avistou chaminés altas à distância. Um camião vinha a subir a ligeira encosta e a velocidade lenta e o ruído do seu motor fizeram-no atirar-se para a valeta logo abaixo da sebe, onde esperou, a tremer, que passasse.

O camião avançava lentamente na sua direção, a meter a mudança ao chegar ao cimo da encosta, e depois passou por ele lançando uma baforada de fumo do tubo de escape. Harry levantou-se de um salto, mas, para seu horror, viu a carrinha verde. Ficou paralisado.

Joe estava ao lado dela, com uma espingarda de canos serrados nas mãos e um gorro de lã castanho sobre a sua cabeça calva. Frank encontrava-se entre ele e a casa. Um olhar por cima do ombro revelou-lhe Carl com um revólver na mão.

A carrinha devia ter aparecido por trás de Harry quando ele estava a correr pela estrada, o som do seu motor abafado pelo ruído do camião. Harry engoliu em seco com força. Não tinha hipótese; se desatasse a correr Joe dispararia.

– Vá lá, Harry – berrou Joe. – Já deste a tua volta. São horas de ir para casa.

Harry viu mentalmente aquela cave mal iluminada, sentiu o cheiro do balde e recordou quanto tempo demorava da refeição da noite até ao pequeno-almoço.

Saltou da valeta, correndo na direção de Frank a toda a velocidade, com a esperança de que o seu movimento inesperado confundisse o tipo.

– Para! – ouviu Joe gritar. Frank estava a postos mais à frente para o apanhar, mas Harry continuou a correr. Atrás dele, Carl estava a aproximar-se. Harry tinha de chegar àquela casa! Passou de roldão por Frank, empurrando-o para o lado com todas as forças que lhe restavam, a caminho da liberdade.

Soou um tiro, mas ele estava a concentrar-se na casa mais à frente, que ficava mais próxima a cada segundo. Viu os seus pés rápidos como um raio, as suas mãos em punho, os seus braços a moverem-se como pistões. E depois sentiu a pontada de dor.

Esguichou sangue de algures, ele viu-o passar por si a voar uma fração de segundo antes de cair de chapa na estrada.

CAPÍTULO 34

— Josh, por favor, ajuda-me. – Tara estava agarrada ao auscultador, a tremer com medo e frio. – Estou metida num grande sarilho.

– Num sarilho? – repetiu ele sonolento. – Tara! És tu?

Ela olhou rapidamente à sua volta. Para além de um camião que acabara de estacionar junto ao Swan Wharf, a zona estava deserta.

– Sim, sou eu. É uma emergência, podes-me vir buscar? Estou encharcada e magoada.

– Não compreendo. O que é que aconteceu?

– Não há tempo para explicar – balbuciou ela. – Eu vou-me esconder naquela travessa pequena ao lado do clube do Harry. Podes trazer uma manta velha ou coisa do género? Estou coberta de lama mal-cheirosa.

– Mas...!

– Tenho de ir antes que alguém me veja. – Interrompeu-o antes que ele pudesse terminar a sua pergunta. – Por favor, não me deceções, estou desesperada.

– OK. – Ele soava acordado agora. – A travessa ao lado do clube. Devo levar uns dez minutos, a não ser que haja muito trânsito.

– Obrigada. – A palavra saiu-lhe com um soluço e ela pousou o auscultador.

De volta à travessa, acorada por trás de um contentor do lixo, inspecionou os danos. As calças de ganga, os sapatos e a camisola estavam cobertos de lama fedorenta, já a secar ao vento. A dor aguda na perna estava a tornar-se permanente, mas, agora que o auxílio estava a chegar, o choque estava a sobrepor-se, fazendo com que ela tremesse da cabeça aos pés.

A faixa de céu acima da travessa estava de um cinzento-escuro ominoso e nesse momento ela sentiu-se como se não restasse mais nenhum motivo à face da terra para viver.

– Porquê? – perguntou a si mesma. – Porque é que eu não posso ter uma vida como as outras pessoas, em que acontecem coisas boas? Perdi o meu irmão, a minha avó e agora o Harry. Vale a pena continuar?

Mas a dor interior era toda por Harry. Quando fechava os olhos, via os seus brilhantes olhos azuis e sentia a suavidade de seda da sua pele. Como podia sequer ter posto a hipótese de amar outro homem? Ele estava no seu coração, e ela daria tudo o que tinha só para o ver uma última vez.

O carro de Josh parou ao fundo da travessa, com a capota descida. Ele não abriu a porta, saltou por cima e correu para onde ela estava acocorada, com uma manta enfiada debaixo do braço.

– Oh, Tara! – Recuou horrorizado quando se aproximou o suficiente para sentir o cheiro dela. – Mas que diabo é isto?

Estava com a barba por fazer e o seu cabelo aos caracóis todo despenteado, como se tivesse só saltado da cama e enfiado umas calças de ganga e uma camisola. Mas ninguém poderia ter tido melhor aspeto para ela naquele momento.

– Cocó de gaivota, água estagnada, a imundície de séculos. – Tara tentou sorrir, mas não conseguiu.

– Tira tudo – sugeriu Josh. – Eu não olho. – Pôs-se de costas enquanto ela se despia à pressa, ficando só com a roupa interior.

– Assim está melhor. – Tara soltou um suspiro de alívio enquanto se envolvia no cobertor como se fosse uma capa. – Agora é só o cabelo, as mãos e a cara.

– Vais deitar essas roupas para o lixo? – Josh virou-se para ela e olhou para o monte de roupas fétidas no chão.

– Não posso, são as minhas calças de ganga melhores! – disse ela, horrorizada. – Sai com a lavagem!

– Acho que há um saco de plástico na mala do carro. – Josh apertou o nariz e recuou um passo. – Não demoro um minuto.

*

– Quem dera que não chova até chegarmos a casa! – Josh olhou para cima, para o céu ameaçador, ao atravessarem a toda a velocidade as ruas da City de Londres com a capota ainda descida. – Eu adoro-te, Tara, mas esse cheiro é qualquer coisa!

– Acho que o Harry está morto – desabafou Tara. – Não conseguiu dizer mais nada, porque ficou dominada pela emoção. Uns enormes soluços acumulados que a faziam estremecer impediam todas as hipóteses de uma explicação.

– Está tudo bem, *baby* – disse ele a tranquilizá-la. – Vamos lá levar-te para minha casa. Depois de teres tomado um banho e de teres bebido um chá, podemos falar de tudo.

– Temos de telefonar à polícia – disse ela repetidamente. – Eles mataram o Harry, aquele tipo, o Duke, é um impostor.

– Podes-me contar tudo em condições depois de te teres acalmado – disse Josh num tom calmo. – Depois, eu vou à esquadra e faço o que puder enquanto tu dormes um sono.

Tara só tinha estado na casa de Josh um par de vezes. Era uma casa em banda, alta e estreita, na Jubilee Place, uma praça que dava para a King's Road. A garagem ficava por baixo da casa, e Josh entrou pelo portão aberto.

– Cá estamos. – Virou-se e sorriu-lhe. – Eu vou só fechar o portão e tu podes ir entrando. – Apontou para a porta que dava para a cozinha.

Tara deixou-se ficar deitada na banheira, submersa. Doíam-lhe todos os ossos do corpo agora e sentia equimoses numa dúzia de diferentes partes.

A casa de Josh era tal e qual como ele, ostentadora, espalhafatosa e colorida. A casa de banho era como algo saído das Mil e Uma Noites, com uma enorme banheira baixa no centro, pilares de imitação de mármore e murais de jardins maravilhosos.

– Estás quase pronta? – perguntou Josh em voz alta. – Pus umas roupas junto à porta.

Sorriu a Tara quando ela veio ter com ele à cozinha. Parecia um garoto da rua, com o seu cabelo molhado liso, uma camisa demasiado grande e calças largas a penderem-lhe sobre os pés.

– De quem são as calcinhas? – perguntou ela, com os olhos cheios de lágrimas.

– São uma amostra! – retorquiu ele. – Vendemo-las no Natal, se bem te lembras. Pensas realmente que eu te daria a roupa interior de outra rapariga?

Tara baixou os olhos, a sentir-se uma tonta. Agora que ele lhe recordara, tinham vendido calcinhas de cetim vermelho em caixas em forma de coração concebidas para serem penduradas na árvore de Natal.

A cozinha era um espaço claro e soalheiro, tornado ainda mais claro pelo seu tema em amarelo e branco.

– Devias comer – disse Josh reprovador quando ela afastou o prato com ovos mexidos em que mal tocara.

– Não consigo – respondeu ela. – Não paro de pensar no Harry.

– Vá lá, conta-me o que aconteceu. – Josh tirou-lhe o prato da frente e começou ele a comer. – Serve-te de mais uma chávena de chá e depois começa do princípio.

Ela contou que entrara no clube e se escondera, a longa espera e a seguir a busca depois de toda a gente ter saído.

– E então encontrei a carteira e o passaporte dele com uma arma. – Agarrou-lhe o braço, com o rosto contorcido de angústia. – Sei simplesmente que ele está morto, Josh. Tinha de sair dali, e a única maneira era pela janela do último andar. Foi horrível.

Josh contornou a mesa, ajoelhou-se em frente a ela e limpou-lhe os olhos.

– Porque é que foste lá? Foi uma tolice tão grande – disse com meiguice. – Podias-te ter matado a descer daquele telhado, e imagina só que tinhas feito soar o alarme?

– Tu não acreditas que ele está morto, pois não? – Tara virou os seus olhos grandes e tristes para ele.

Josh abanou a cabeça.

– Vais-me detestar se te disser o que penso realmente – disse.

– Não, não vou! Diz-me.

Ele parecia relutante, mas Tara insistiu.

– Penso que ele anda metido em algo em grande. – Josh encolheu os ombros. – Provavelmente, são drogas. Calculo que ele apostou num grande negócio que o vá deixar bem para o resto da vida.

– Ele não faria isso – gritou ela. – Prometeu-me que se tinha deixado disso tudo. Alguém o raptou e agora mataram-no!

– Oh, Tara. – Josh pegou nas mãos dela e esfregou-as delicadamente nas suas. – Ele telefonou a pessoas, tem ido ao apartamento dele. Sei que te custa pensar que ele é menos do que perfeito, mas é tal e qual como todos nós, deixa-se atrair por dinheiro fácil.

– Mas a carteira e o passaporte dele!

– Voltou ao clube e deixou-os lá – disse Josh. – Talvez até tenha arranjado um passaporte falso! É preciso um cadáver para se dizer que alguém foi assassinado, e do meu ponto de vista não temos uma só prova que sugira que lhe aconteceu alguma coisa.

– Mas eu não posso ficar só sentada à espera – gritou ela furiosa. – Tenho de saber o que aconteceu.

– OK. – Josh levantou-se abriu os braços num gesto de cedência. – Eu vou à esquadra dizer que o Harry Collins está desaparecido. Perguntam-me como é que eu sei. Eu digo que a namorada dele diz que ele não lhe tem telefonado.

– Tu estás a gozar! – disse ela furiosa. – Ouvi o Duke falar ontem à tarde e ele disse qualquer coisa sobre um sinal na sexta-feira, sobre treinos e homens estarem metidos numa casa. Não te parece suspeito?

– Não estou a gozar. – Pôs a mão na cabeça dela e despenteou-lhe o seu cabelo húmido. – Só estou a tentar mostrar-te como eles vão ver a coisa. O que ouviste pode ser algo bastante inocente. A polícia vai a toda a pressa ao clube, só porque espera que lhe tenha acontecido alguma coisa. Mas o que é que vão encontrar? O pessoal vai-lhes dizer que ele telefonou várias vezes, que voltou ao apartamento. O que é que a polícia vai pensar, querida? – Olhou-a interrogativamente.

– Que o Harry me anda a evitar. – Desviou os olhos dos dele com um desânimo total. – E o que tu estás a tentar dizer é que se eu fizer ondas sou

capaz de levantar a lebre.

– Resumindo e concluindo, acho que é isso. – Josh esfregou o queixo, pensativo. – Bem, tenho de me arranjar para ir para o trabalho, querida. Barbear-me e isso. Porque é que não te metes na minha cama e não dormes uma soneca?

Tara acenou com a cabeça, demasiado exausta para continuar a argumentar.

– Vou só tirar as minhas coisas do teu carro e pô-las de molho num balde. – Levantou-se e dirigiu-se para a porta da garagem.

– A lavandaria é a outra porta – disse Josh ao entrar para a casa de banho. – Entras um balde lá. Eu meto tudo na máquina mais tarde, se tu passares por água o pior.

O cheiro das roupas fê-la sentir-se agoniada quando as tirou do carro. Atirou-as para o chão a toda a pressa e foi buscar um balde de água. Primeiro a camisola, depois as alpercatas e o saco de lona. Por fim, as calças de ganga, mas, quando ia metê-las no balde, lembrou-se da lista de números de telefone que tinha no bolso. Atirou com o papel dobrado húmido para o assento da frente do carro e depois enfiou as calças mal-cheirosas na água com sabão.

Tara saiu da lavandaria daí a uns minutos. Tinha enxaguado as roupas e deixara-as de molho em água limpa. Quando se inclinou sobre o assento da frente do carro para pegar na lista de números de telefone, reparou num pequeno papel enfiado nas costas do assento.

Era só um bilhete de estacionamento, do tipo que se obtém em qualquer parque de estacionamento. Devia ter voado do tabliê e alojara-se ali. Mas sobressaltou-a, porque era como o que encontrara no gabinete de Harry. Baixou-se para o examinar, a contar que fosse do parque municipal de estacionamento de Chelsea, mas não era.

Um arrepio percorreu a sua espinha. Fechou os olhos e depois voltou a olhar, certa de que se enganara. Mas não era engano. No bilhete dizia aeroporto de Lympe. O medo percorreu as suas veias como uma injeção de veneno. Sentiu a boca seca e as pernas começaram a tremer-lhe incontrolavelmente.

– Estás a demorar muito tempo – disse Josh de dentro de casa. – Ou adormeceste aí fora?

A fúria arredou o medo, e ela abriu a boca para berrar insultos, mas conteve-se mesmo a tempo. Poderia haver uma boa explicação, mas precisava de tempo para pensar bem naquela coisa. Com mãos trémulas, pegou no bilhete, agarrou na lista dobrada que deixara na mala do carro e meteu ambos ao bolso.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Josh quando ela voltou a entrar em casa. Estava ao lava-louça, a lavar as coisas do pequeno-almoço, singularmente despreocupado.

Ela tinha consciência de que ainda estava a tremer; sentia-se húmida de suor, com a suspeita a roê-la por dentro.

– Não, nada. – Abanou a cabeça. – Só estou exausta.

– Vai lá para a cama, então. – Deu-lhe uma palmadinha no rabo a mandá-la para o seu quarto. – Falamos quando eu chegar a casa logo. Talvez devesses ir até à quinta por uns tempos, fazer umas férias. Telefona à tua mãe se quiseres.

Tara deitou-se na grande cama de Josh e ouvi-lo arranjar-se na casa de banho ao lado. Estava cheio de pressa para sair de casa, ou seria imaginação sua?

O quarto dele estava decorado ao estilo de um bordel de luxo, com papel de parede vermelho-escuro, um espelho no teto e enormes pinturas eróticas indianas. Ela não ficara nem um pouco surpreendida na primeira vez que o viu, era tão característico dele como o seu medalhão de ouro. Agora, porém, com a luz do dia a entrar pelas janelas, tinha um ar decadente e pervertido que agravou a sua inquietação.

Ele poderia estar envolvido? Qual era a probabilidade de encontrar dois bilhetes para o mesmo lugar obscuro a poucas horas um do outro? Mas que motivo poderia Josh ter? Nada lhe vinha à mente a não ser simples ciúmes, mas com certeza um homem como Josh, com o mundo aos seus pés, não podia sentir ciúmes de Harry!

– Quem me dera poder ficar contigo. – Josh entrou no quarto e sorriu-lhe. – Mas é uma reunião importante. Serve-te do que quiseres. Eu venho para casa por volta das cinco e meia.

– Obrigada por tudo. – Fechou deliberadamente os olhos para não se esperar que falasse mais.

– Dorme bem – disse ele, fechando a porta atrás de si.

Dormir era a última coisa que tencionava fazer. Queria acreditar que havia uma explicação simples para aquele bilhete, mas no seu íntimo sabia que não havia. Que tola fora, a contar-lhe tudo. Talvez tivessem até sido coisas que dissera a Josh no passado que tinham ajudado a pôr em prática aquele plano?

Tara esperou até o carro sair da garagem e depois sentou-se na cama e tirou do bolso os bilhetes de estacionamento. Eram idênticos, só as datas eram diferentes. Tara contou pelos dedos.

– Sexta-feira passada, – disse pensativa. – Ele disse que ia a Birmingham passar o dia. Então, onde é que fica este sítio?

Vestida só com a camisa de Josh, foi à sala e examinou as prateleiras. Na de baixo encontrou um mapa das estradas.

– Lympne, Kent – murmurou. – 4D, página 29.

Ali estava, um lugar minúsculo que não parecia ter nenhuma característica significativa a não ser o seu aeroporto, a cerca de sete ou oito quilómetros de Hythe, quinze ou dezasseis de Folkestone, a cerca de dois quilómetros da costa. No entanto, enquanto fitava o mapa, o nome e a localização daquela terra pareceram-lhe estranhamente familiares. Alguém lhe dissera alguma coisa sobre aquela vila?

Porque é que tanto Duke como Josh usariam um aeroporto obscuro? Se fossem apanhar um avião para a França ou a Alemanha demorariam mais tempo a chegar ao aeroporto de carro do que o voo em si. Teriam ido buscar algo lá?

Porém, se havia uma explicação inocente, porque é que Josh dissera que ia a Birmingham?

Sentou-se no sofá por um momento com o mapa em cima dos joelhos. A seguir, foi à secretária de Josh com a esperança de conseguir lançar alguma luz sobre a questão. Era uma escrivaninha chinesa lacada e Tara estava com Josh quando ele a comprou num mercado de antiguidades em Chelsea. Fora há um ano, e ela tinha ficado espantada ao ver que alguém se dispunha a gastar oitocentas libras por impulso. Baixando a aba, começou a revistar a escrivaninha.

A primeira coisa que encontrou foi um pequeno saco com um pó branco ali enfiado com um pedaço de cânabis. Não fazia ideia se era heroína ou cocaína, e naquele momento não queria saber. Havia um maço de cartas presas com

uma mola. Ao princípio, pô-las de lado, mas pelo canto do olho viu «Aviso Final» carimbado na de cima.

Pegou no maço de cartas e levou-o para o sofá, onde começou a folheá-las. Todas eram avisos finais de pagamento, alguns de pequenas quantias de fábricas e empresas de malhas, mas havia um aviso das finanças a exigir o pagamento de oito mil libras, outro do imposto municipal no valor de duas mil libras, e o pagamento da prestação da casa estava atrasado quase um ano, com a ameaça de retoma.

– Então, estás endividado até às orelhas – murmurou ela. – Como diabo tencionavas pagar as obras na loja?

Voltou a arrumar os documentos onde os encontrara e prosseguiu na sua busca. Não havia mais nada de interesse, certamente nada que explicasse o que ele estivera a fazer no Kent na semana anterior.

Abriu as portas da varanda, apoiou os braços no ferro forjado e olhou pensativa para o jardim lá em baixo, a perguntar-se o que fazer a seguir.

Josh dissera que raramente ia ao jardim, mas o esforço inicial que fez ao plantar tantos arbustos resultou. Trepavam pelos muros e entrelaçavam-se uns nos outros, criando um efeito lindo de selva. Havia uma estátua de uma mulher nua a um canto, com uma clematite púrpura a trepar por ela; até um pequeno banco de madeira pintado de branco fora invadido por um arbusto de margaridas.

Ao olhar para a estátua, ela pareceu estar a dizer-lhe alguma coisa, mas Tara não sabia o quê. Porque é que uma estátua teria algum significado? Ela não estava simplesmente cansada e a ficar com os pensamentos todos misturados?

– Telefona à mãe – disse para consigo num tom fatigado. – Talvez seja melhor que vás a casa por uns dias.

A mãe! Foi como se uma porta se abrisse de repente na sua cabeça. A sua mãe contara-lhe uma história sobre estátuas, mas o que era?

Tara sentou-se no sofá com uma chávena de café ao lado e ligou para o número de Greg. Como não atenderam, tentou ligar para a quinta. Tocou algum tempo antes de a sua mãe atender, ofegante como se tivesse vindo a correr.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou imediatamente. – Não estás no trabalho? É uma hora estranha para telefonares.

– Tirei o dia, estou um bocado adoentada. – Tara já estava a sentir-se irritada. – Porque é que Amy não podia simplesmente dizer que era uma surpresa encantadora em vez de se perguntar quanto custava a chamada? – Estava só a pensar que ando a precisar de umas férias, mas não queria ir atrapalhar.

– Não sejas ridícula – resmungou Amy. – Não ias atrapalhar nada.

– Bem, não tente soar tão encantada por me receber – disse Tara, indignada. – Talvez seja melhor eu desligar e tentar noutro dia?

– Desculpa. – A voz de Amy mudou imediatamente. – Não era o que queria dizer. É só que parece que tenho sempre muito que fazer nos últimos tempos. Sabes como é a quinta no verão, muito mais trabalho, e com os planos do casamento...

– Bem, talvez eu a pudesse aliviar de algumas das tarefas – disse Tara.

De repente, sentia uma grande vontade de estar lá, de vestir uns calções e um *top*, de se pôr a arrancar as ervas daninhas no jardim ou a tratar da horta.

– Está tudo bem com o Harry?

– Ele está bem. Só não nos vemos muito ultimamente – disse Tara num tom descontraído. – O Josh está a expandir o negócio numa direção diferente e quer que faça novos modelos. Mas conto-lhe tudo quando chegar.

– Isso soa muito empolgante, querida. – Amy falou mais alto, encantada. – Mas lamento em relação ao Harry!

– É só uma daquelas coisas. – Tara forçou um riso ligeiro. – A propósito, Mãezinha, alguma vez me contou alguma coisa sobre uma estátua?

– Uma estátua? – Amy soou perplexa. – De que tipo?

– Não sei – respondeu Tara, a sentir-se um pouco tontinha. – Acabei de ver uma num jardim e tive uma sensação de *déjà vu*. Parecia estar relacionada de alguma maneira consigo.

A mãe de Tara ficou em silêncio por um momento.

– Havia estátuas num jardim a que o teu pai me levou. Suponho que te falei sobre isso.

Os braços de Tara ficaram arrepiados.

– Onde era? – perguntou.

– Oh, algures no Kent. – Amy soava um pouco impaciente. – Não muito longe de Folkestone.

– Era um sítio especial, ou coisa do género? – perguntou Tara, a ocorrerem-lhe rapidamente fragmentos de recordações.

– É o sítio onde foste concebida. – A voz de Amy soava ligeiramente embaraçada. – No dia em que fiz dezassete anos. O Bill levou-me lá. Passámos o dia no jardim de uma casa antiga linda. Ninguém vivia lá, estás a ver, estava vazia.

– Como é que se chamava a tal casa? – perguntou Tara. Uma sensação nauseante começava a crescer dentro de si.

– Port Lympne – respondeu Amy. – O teu pai encontrou-a quando estava colocado no quartel de Shorncliffe, perto de Folkestone. Estava meio escondida no bosque, a dar para uns terrenos pantanosos. Era o sítio especial dele.

Tara teve de se conter para não desligar imediatamente e correr para a porta, conseguindo de algum modo fazer conversa sobre a quinta, o casamento e Greg. No entanto, durante todo o tempo imaginava aquela casa no bosque e Harry ali caído por terra, morto.

– Olhe, Mãezinha, eu vou aí visitá-la então se não se importa, mas vou parar em Reading para ver uma amiga primeiro, portanto não sei ao certo quando chegarei. Telefono-lhe quando estiver a caminho.

Escrever uma mensagem para Josh foi difícil. Não queria que ele a seguisse e precisava de o convencer de que se conformara com o facto de Harry a ter abandonado. Sentou-se, a mordiscar a ponta da esferográfica durante algum tempo antes de encontrar as palavras certas.

«Querido Josh, senti-me estranha aqui, por isso apanhei um táxi para o meu apartamento e depois vou até ao Somerset, a casa. Preciso de tempo e de espaço para pensar no que vou fazer com o resto da minha vida e com quem a vou viver. Não tenho palavras para te agradecer o suficiente por me teres ajudado, por me fazeres ver a verdade por fim. Telefono-te daqui a uns dias quando tiver os meus pensamentos em ordem de novo. Beijinhos, Tara.»

Eram quase duas horas quando o comboio partiu da estação de Charing Cross, e chovia torrencialmente. Tara tinha apanhado um táxi para casa,

mudou de roupa e depois foi de metro para a estação.

De calças de ganga, um impermeável, sapatos rasos resistentes e com uma pequena mochila, poderia ter passado por uma caminhante ou uma estudante. Só havia duas outras pessoas na sua carruagem, ambas embrenhadas na leitura de revistas, e ela desejou ter tido a presença de espírito de também ter comprado uma.

Se pelo menos conhecesse a zona! Agora que se encontrava de facto a caminho, estavam sempre a ocorrer-lhe dúvidas para as quais não tinha resposta.

O seu plano era fraco. Apanharia o comboio para Hythe e depois um táxi para o aeroporto de Lympne. No apartamento, quase telefonara a George ou a Needles para lhes contar tudo, mas sabia que eles iam deitar água fria na ideia. Poderiam até ter pena dela por continuar a perseguir Harry. Portanto, aqui estava ela, vestida como uma caminhante, com um x-ato, a única arma que conseguira encontrar, enfiado entre as sanduíches, as maçãs e uma bebida.

– Vou só dar uma vista de olhos – disse para consigo quando os prédios de apartamentos e as casas vitorianas em banda deram lugar a casas de três frentes com grandes jardins. – Se vir alguma coisa suspeita, se houver algum sinal de algum deles, vou imediatamente à polícia.

A estação de Hythe parecia muito pequena e bonita à chuva, com latão polido nas portas da sala de espera e vasos pintados de branco cheios de gerânios e petúnias.

– Há algum sítio onde possa arranjar um táxi? – perguntou ao revisor. Ele adequava-se perfeitamente à estação, com o seu uniforme impecável e as suas botas muito bem engraxadas.

– Não aparecem muito até às seis horas – disse enquanto picava o bilhete dela. – Podia tentar telefonar para a postura na cidade, mas acho que não vai lá estar ninguém neste momento. Mas não é muito longe para ir a pé, menina. É só continuar pela estrada abaixo.

Já tinha desviado a atenção dela e estava a estender a mão para pegar nos bilhetes dos outros passageiros, levando a mão ao boné a cumprimentar alguns dos clientes habituais.

– Eu não queria ir para a cidade – disse ela em voz débil. – Queria ir ao aeroporto de Lympe. É demasiado longe para ir a pé?

– O aeroporto de Lympe? – Um homem alto e magro com um fato formal escuro que estava a mostrar o seu passe ao revisor estacou.

– Sim, conhece-o? – perguntou Tara.

– Vou para esses lados. Posso deixá-la na vila de Lympe, se lhe der jeito. O aeroporto é só um pouco mais adiante.

Tara agradeceu-lhe profusamente e seguiu-o até ao parque de estacionamento.

– Vai de comboio para Londres todos os dias? – perguntou quando ele destravou a porta de um *Morris Minor* verde.

– Oh, sim. – Ele atirou com a sua pasta para o assento de trás e entrou. – Sou advogado, sabe? Normalmente, só chego a casa por volta das sete, mas tive sorte hoje, o meu caso foi adiado. – Virou na direção oposta à da cidade e começou a subir uma estrada sinuosa ladeada por árvores.

– Vai esperar alguém ao aeroporto? – perguntou ele.

– Sim, um velho amigo. – Receava dizer mais, já que não tinha maneira de saber para onde iam e de onde vinham os aviões. – Conhece Lympe bem?

– Nem por isso. Apesar de que não há muito a conhecer. – Riu com vontade. – Se piscar os olhos, já saiu de Lympne! Não vivo lá, sabe? Vivo em Hythe. Mas vou buscar a minha mulher à casa de uma amiga.

– A minha mãe foi lá uma vez quando era nova. Disse que havia uma casa antiga encantadora chamada Port Lympne. Ainda lá está?

– Está sim. Embora eu nunca tenha visto a casa propriamente dita, está como que enterrada no bosque. Constou que alguém ia transformá-la num parque de vida selvagem, aquele tipo, o Aspinall, que é dono de um clube de jogo em Londres.

– Quando é que isso vai acontecer? Vive lá alguém agora?

– Oh, está tudo na fase de planeamento, ainda não há nada definitivo. – Olhou-a com curiosidade. – Acho que já não vive lá ninguém há uma data de anos, o sítio deve estar em ruínas. Porquê, estava a pensar dar uma saltada lá?

Tara riu nervosamente.

– Não, é claro que não. Mas, como disse, a minha mãe foi lá uma vez e tem recordações românticas do sítio. Se fosse possível, eu tirava uma fotografia para ela. Mas suponho que a casa deve estar toda entaipada.

Tinham virado para uma estrada mais larga em que havia uma tabuleta a indicar o caminho para Londres, mas daí a uns três ou quatro quilómetros ele virou para a esquerda.

– Eu fico aqui – disse, parando mesmo antes de um entroncamento. – Só tem que continuar a subir a estrada e virar à direita. Vai ver imediatamente o aeroporto, há uma manga de vento cá fora. A tal casa velha fica mesmo em frente, embora não se veja da estrada. Há um portão velho, creio eu, mas tenha cuidado, é propriedade particular.

– Muito obrigada pela boleia. – Estendeu a mão para o cumprimentar. – Foi muito simpático da sua parte.

Havia um *pub* no entroncamento e, depois de passar por ele, Tara parou. Mais à frente havia só uma pequena casa à esquerda, o aeroporto com a sua manga de vento à direita. Era pequeno; um avião da *Dan Air* e cerca de cinco ou seis mais pequenos encontravam-se na pista.

Começou a sentir de novo borboletas no estômago. O aeroporto era muito aberto e muito isolado. Desde que virara para esta estrada, só tinham passado dois carros, e nem sequer eram ainda cinco horas.

Se pelo menos não estivesse a chover... Em Londres, mal se reparava na chuva, usavam-se as roupas habituais e abria-se um guarda-chuva. Aqui, parecia encharcar uma pessoa muito depressa. A parte de baixo das suas calças de ganga já estava molhada e o capuz do blusão impedia-lhe a visão de ambos os lados.

A pequena casa tinha um caminho estreito de lado. Tara virou para ele, na esperança de avistar a casa. Uns *springer spaniels* estavam no pátio ao lado e desataram a ladrar. Tara continuou a andar. À sua direita via-se um bosque com um ar impenetrável. Havia uma vedação de arame farpado, mas em certos sítios estava completamente por terra.

A estrada curvava ligeiramente, e Tara ficou parada por um momento a olhar para a vista. Voltou a ter uma estranha sensação de *déjà vu*. A chuva parecia uma neblina cinzenta sobre os campos cinzento-esverdeados, as poucas árvores nos terrenos pantanosos pareciam retorcidas e impedidas de crescer pelo vento. Era um lugar bravio e isolado, mas, por alguma razão inexplicável, ela sentia-se integrada ali.

O bosque era menos cerrado agora e, por entre as árvores, Tara via o que deviam ser os terrenos de Port Lympne – uma sebe alta de buxo, um *court* de ténis cheio de ervas daninhas e flores silvestres. Havia muitas árvores diferentes, um roseiral e uma pérgola coberta de glicínias. Mas não conseguia ver a casa. Devia encontrar-se mais para trás, encostada ao bosque. O jardim estendia-se por uma série de socalcos, e Tara tinha a certeza de que só estava a ver os mais baixos.

Olhando à sua volta para se assegurar de que não havia ninguém a observá-la, enfiou-se por um buraco na vedação e entrou no bosque. A chuva escorria-lhe pelo rosto e infiltrava-se debaixo do impermeável para a camisola. As folhas das árvores esbofeteavam-na, salpicando-a com mais água, mas ela continuava a avançar, pisando cuidadosamente o mato.

O bosque dava para um caminho ladeado por rododendros; num momento, Tara estava enterrada até aos joelhos em fetos e ervas daninhas, no seguinte seguia por um caminho de pedrinhas com arbustos muito altos. Mas por fim conseguia avistar a velha casa. Durante toda a viagem de comboio tivera uma imagem mental de uma casa antiga a ficar em ruínas, mas Port Lympne não era muito antiga nem estava muito degradada. As suas pedras brancas estavam limpas, as janelas intactas, e a avenida ensaibrada até ao alpendre com pilares e à porta da rua parecia quase livre de ervas daninhas.

Tara compreendia exatamente por que o seu pai gostara daquele lugar, sentia-se ela própria a ser enfeitiçada por ele. Varreu com o olhar a propriedade, a apreender tudo. Uma piscina, evidentemente vazia, com ervas daninhas a brotarem dos lados, um roseiral e urnas e estátuas graciosas a ornamentarem os degraus que davam para os socalcos mais abaixo. Em tempos, devia ter requerido todo um batalhão de jardineiros para tratarem do

jardim, e obviamente um pelo menos devia trabalhar a tempo inteiro para cortar as sebes e aparar a relva.

Não se via nenhum sinal de que houvesse pessoas a viverem ali, pelo menos não havia carros no exterior. Até àquele momento, Tara não pensara em ser cautelosa. Tinha um vago plano na cabeça de que se alguém a interpelasse fingiria ser uma caminhante que entrara na propriedade por engano. A razão dizia-lhe que se era de facto para ali que Duke e os seus homens tinham trazido Harry, o quartel-general a partir do qual organizavam os seus crimes, também poderiam matá-la, só por estar ali.

– Preciso de me aproximar – segredou a si mesma. Em frente a ela uma sebe de um metro e vinte estendia-se até ao caminho. Escondeu-se por trás da sebe e seguiu-a até ao fim.

A sebe terminava perto de um relvado semicircular flanqueado por buxo e estátuas. Escondida entre a sebe e o muro que rodeava o terreiro, Tara espreitou de novo para a casa.

Não havia sinal de ninguém e nenhum som a não ser o do gotejar da chuva e o ocasional farfalhar das folhas. A terra estava seca onde ela se acorrou. Tara tirou uma sanduíche do saco e comeu-a enquanto pensava no que fazer a seguir.

Talvez proceder às claras fosse a melhor ideia! Simplesmente avançar até à casa, espreitar pelas janelas e, se viesse alguém, mostrar-se descarada. Mesmo que Josh estivesse metido naquilo e tivesse falado dela a Duke, este lugar não fora mencionado. Ao sair do seu esconderijo e voltar para o caminho, sentia o coração a bater com força e a boca seca. A avenida ensaibrada era a pior parte, o ruído dos seus pés devia com certeza acordar

até mesmo os mortos. Atravessou-a rapidamente e aproximou-se da casa, onde o caminho era mais liso.

Não havia nada nas divisões do rés do chão para que espreitou, salas lindas e graciosas ainda em bom estado. A porta da rua parecia já não ser aberta há anos. Contornou a casa até às traseiras até o seu avanço ser impedido por arbustos, mas, apesar de haver ali uma porta, estava trancada. Desanimada, voltou para a frente da casa e desceu pelo outro lado, a sentir que se enganara e era hora de regressar à estação.

Contudo, ao chegar aos arbustos mesmo junto às traseiras da casa, viu uns ramos quebrados, uns galhos no chão e um caminho alisado por pés. O seu coração começou de novo a bater com força. Olhou para o relógio. Eram seis e meia. Quando avançou, tornou-se claro que muitas pessoas tinham vindo e ido por aqui, e as pegadas terminavam na escada de incêndio.

– Vá lá – disse para consigo, a animar-se. – Não podes ir embora agora!

Tirou a mochila das costas e ficou parada por um momento a olhar à sua volta, com a chuva ligeira a escorrer do capuz do seu impermeável. O ar estava pesado com o cheiro a terra molhada, buxo e vegetação em decomposição, uma ave solitária chilreava algures à distância.

Inspirando fundo, remexeu na mochila à procura do x-ato e enfiou-o no bolso das calças de ganga. Fê-la sentir-se mais corajosa, e dobrou a mochila e empurrou-a para fora de vista para debaixo de um arbusto.

Pousou um pé nas escadas enferrujadas, depois o outro, mas estava tão assustada que se sentia prestes a desmaiar.

– O Harry pode estar ali dentro – disse para consigo. – Vá lá, deita só uma vista de olhos. Se estivesse alguém por aqui já te tinha visto.

Enchendo-se de coragem, subiu as escadas. Via uma janela de guilhotina entreaberta e tentou não pensar em mais nada. A janela deslizou para cima como se as suas dobradiças tivessem sido oleadas. A divisão estava vazia e a porta fechada. Ela trepou para dentro e fechou a janela atrás de si.

Abrir a porta daquela divisão foi um momento de puro terror. Mas não se abateu nenhuma mão sobre ela, nenhuma tranca lhe bateu na nuca nem nenhuma teia de aranha se colou ao seu rosto quando ela saiu para o patamar. Era um espaço claro e arejado, com alguma luz a vir de uma janela alta sobre a escadaria à sua esquerda e mais luz da divisão em frente.

Nessa sala deviam estar pessoas a acampar. Havia três sacos-camas castanhos ao lado de um caixote cheio de revistas, um fogareiro e uma bacia de plástico com alguns pratos lavados dentro dela.

Tara avançou rapidamente. Tinha a certeza de que as pessoas estavam fora, tinham de estar, e devia sair dali antes de eles regressarem. Na casa de banho havia produtos para fazer a barba no lavatório, a sanita estava imunda e via-se um frasco de aspirina no peitoril da janela. Sentiu-se mais confiante ao descer as escadas, porque sabia que eles não se encontravam em nenhuma das salas da frente. A cozinha era a única divisão a uso naquele andar, e mesmo essa estava arrumada.

– Muito militar – murmurou Tara ao ver um caixote com produtos alimentares muito bem acondicionados, presumivelmente pronto a ser levado de um momento para o outro.

Sentiu o cheiro da cave ainda antes de ver os degraus que levavam até ela, um cheiro a terra e a mofo, e, à medida que se aproximava, começou a sentir o ar frio.

A sua coragem abandonou-a ao olhar lá para baixo para aquela escuridão. Sentia a boca tão seca que mal conseguia engolir. O coração parecia bater-lhe nos ouvidos e as suas pernas estavam tão tensas que não tinha a certeza se seria capaz de descer aquelas escadas. Os degraus eram quase viscosos, o corrimão sob a sua mão enferrujado e frio ao toque. Tara ansiava por dar meia volta e desatar a fugir, mas continuou a descer lentamente degrau a degrau. No fundo, viu uma réstia de luz, a linha definida de uma porta e um pequeno postigo no meio.

Quando se aproximava, pé ante pé, ouviu um gemido. Não o som alto de alguém a tentar fazer-se ouvir, só um arquejo involuntário de dor. O instinto disse-lhe que era Harry. Avançou a correr, com a exultação a arredar o medo. Tateou à procura do puxador na porta, mas estava fechada à chave.

– Harry! – gritou, sem se importar se alguém a ouviria agora. – Harry, és tu?

A escutar atentamente, encostou o rosto à pequena grelha e chamou de novo. Havia apenas luz suficiente para divisar uma segunda porta, com uma grelha idêntica. O candeeiro estava nesse quarto lá dentro e, presumivelmente, também Harry.

– Tara! – A sua voz soava débil, mas era ele. – Tara, estás realmente aqui?

– Estou aqui a esta porta, mas ela está fechada à chave – gritou ela. – Vou ter de sair e ir buscar a polícia.

De súbito, viu a cabeça dele iluminada no postigo.

– Vai-te já embora! – gritou ele, numa voz intensamente forte. – Se te apanharem matam-te, é o que tencionam fazer-me a mim. Foge. JÁ!

CAPÍTULO 35

— Como é que te estás a sentir, querida? – disse Josh em voz alta a aproximar-se da porta do quarto, que abriu com o pé porque tinha as mãos cheias de rosas, chocolates e um saco da loja Josh com uma seleção de calças e *tops*. O seu sorriso desvaneceu-se quando viu a cama cuidadosamente feita.

– Merda! – exclamou. – Para onde diabo é que ela foi agora? – Atirando com os embrulhos para a cama, foi rapidamente à sala. Havia uma mensagem encostada na mesa de apoio aos sofás; leu-a rapidamente e depois atirou-a para a mesa, furioso.

Era uma e meia. Passara a manhã numa pressa frenética para poder regressar rapidamente. Fora até buscar umas brochuras de viagens por se sentir muito confiante de que em breve Tara seria sua. Planeara para essa noite cozinhar-lhe uma boa refeição e depois tentá-la a selecionar umas férias com ele para depois do casamento da mãe dela. Mas agora ela tinha fugido, deixando aquela irritante mensagem bajuladora.

Um telefonema para o apartamento dela confirmou que também já tinha saído de lá. Era estranho que alguém tão perturbada e exausta se recompusesse assim tão subitamente. A não ser, é claro, que tivesse descoberto que ele estava envolvido?

A ideia fê-lo tremer. Passando mentalmente em revista os seus passos, tentou recordar tudo o que acontecera desde o momento em que a fora buscar nessa manhã ao clube.

– Não me teria contado aquilo tudo se soubesse que eu estava metido na coisa – disse em voz alta. É claro que ela não sabia. Teria telefonado a outra

pessoa para a ir buscar, ou até mesmo à polícia. – Terá sido porque eu não quis ir à polícia? – Franziu a testa.

Mas aceitou tudo o resto nessa altura, parecia resignada. A única ocasião em que pareceu um pouco estranha foi quando veio da garagem. O que teria encontrado lá? Josh levantou-se de um salto e desceu as escadas a correr para ir verificar. Uma busca exaustiva não revelou nada. Ele não conseguia lembrar-se de uma única coisa que alguma vez tivesse tido que pudesse levá-la a suspeitar dele. Além disso, porque é que ela lhe deixaria uma carta assim tão calorosa?

Meio tranquilizado, Josh voltou para o andar de cima, leu de novo a carta e depois pegou no telefone.

– Olá, Mrs. Manning – disse quando Amy atendeu. – Sou eu, o Josh. Como está? – Fez conversa de circunstância durante algum tempo, perguntando-lhe se precisava de alguma coisa para o casamento e do que ela e Greg gostariam como presente.

– Oh, não sei. – Amy soltou uma risadinha, como se embaraçada. – As pessoas dizem que devíamos ter uma lista, mas isso parece-me horrível.

Ele concordou que lhe faria surpresa e depois conduziu o assunto da conversa para Tara.

– Ela tem andado um bocado ansiosa ultimamente – disse. – Foi em parte por isso que sugeri que ela fosse aí a casa por uns dias. Ela falou-lhe da loja nova?

– De passagem, disse que me contava tudo quando chegasse. Não sei bem quando é que chega, vai parar para ver uma amiga em Reading – respondeu Amy.

– Sabe o nome ou a morada dessa amiga? – perguntou Josh. – É só que há um assunto urgente sobre o qual preciso de fazer uma pergunta à Tara.

– Não, não sei. – Amy soou pensativa. – Não me lembro de ela alguma vez ter falado de alguém em Reading. Ia perguntar-lhe quem era, mas ela estava um bocadinho melindrosa comigo e não me atrevi. É assim que a tem achado?

– É este assunto do Harry, penso eu. – Josh baixou a voz em tom de confidência. – Acho que ela suspeita que tudo e todos andam a conspirar.

– Não compreendo. – Amy abespinhou-se um pouco, e Josh sorriu para consigo.

– Oh, não, quem me dera não ter dito nada. – Josh fez-se soar reticente em revelar algo mais, mas descreveu-lhe em traços gerais o desaparecimento de Harry e o facto de ele não ter contactado Tara. – Não devia realmente estar a contar-lhe isto, a Tara não ia gostar. Suponho que ela lhe vai contar tudo quando chegar aí.

– Mas não parece nada típico do Harry – disse Amy. – Tendo a concordar com a Tara que é um pouco estranho.

– Por falar em coisas estranhas – disse Josh, que estava a ficar enfadado com aquela conversa e queria rematá-la –, a Tara falou de mais alguma coisa? Quer dizer, se tenho de averiguar quem é a tal amiga em Reading vou precisar de chocalhar as velhas células cinzentas.

– Realmente não, não falou muito tempo ao telefone – respondeu Amy. – Fez-me perguntas sobre um lugar onde o pai dela e eu fomos uma vez, foi tudo.

– Que lugar era esse? – perguntou Josh casualmente. – Algures a caminho de casa?

– Oh, não, fica no Kent – respondeu Amy. – Uma terrinha chamada Lympne.

*

Josh deixou-se ficar sentado a olhar para o vazio durante uns minutos depois de desligar. Um pânico absoluto dilacerava-o interiormente, e não sabia o que fazer. Como é que Tara descobrira o nome da vila? De facto, como raio é que Amy, que praticamente não saía do Somerset há uma data de anos, conhecia aquela vila em particular no Kent? Apostava tudo em como era para onde Tara se estava a dirigir. Mas porquê? O que a tinha posto nessa pista?

Já fora bastante mau ter de contar a Duke nessa manhã que ela tinha entrado no clube e o tinha revistado, mas admitir que ela estava na peugada de Harry – era uma história muito diferente!

– Nunca deixes que os sentimentos te toldem o raciocínio – murmurou Josh. Era o lema do seu pai e abrangia contratar e despedir, emprestar e pedir emprestado dinheiro.

Bem, ele avaliara mal Tara naquilo. Pensara que ela estava bem encaminhada para esquecer o raio do Harry Collins de vez. Sempre a vira como uma rapariga materialista que acabaria por escolher o tipo que pudesse dar-lhe mais. Ao que parece, estava enganado!

– Duke, surgiu um contratempo – disse Josh em voz baixa ao telefone.

Arrependia-se amargamente do dia em que contratara Joe Spikes para olhar por Ginger. Sem ele, nunca teria conhecido Duke, nunca se teria sentido tentado a enveredar por este caminho. O homem era mais réptil do que humano, sugava as pessoas para os seus planos e, uma vez enredadas, não tinham como escapar.

– A rapariga ficou a saber sobre Lympe e suspeito que está a caminho de lá agora. O que é que podemos fazer?

O silêncio momentâneo assustou Josh mais do que qualquer outra coisa. Sabia que Duke era capaz de matar quem quer que se atravessasse no seu caminho.

– Tu és um bronco, Josh. – Duke respirou com força. – Disseste que eras capaz de a distrair do Collins.

– Subestimei-a.

– Bem, espero que não me estejas a subestimar a mim, Josh. Quando eu te digo que não permito que as pessoas se atravessem no meu caminho, compreendes o que quero dizer?

Josh sentiu o estômago às voltas.

– Não podes ter uma coisa e a outra. – Na voz de Duke havia um tom cortante. – Tu é que provocaste isto, e eu não vou dizer adeus a dois milhões por uma galdéria qualquer.

Josh estava sentado na sua sala, com a cabeça entre as mãos. Fosse como fosse que olhasse para aquilo, estava metido em grandes trabalhos.

Tara não era a única pessoa a dizer-lhe que ele precisava de dar mais atenção aos seus negócios; o seu contabilista andava a dizer-lhe a mesma coisa há mais de um ano. Agora, tinha de escolher entre a rapariga que era o elo vital da sua empresa ou dinheiro suficiente para se manter à tona. Porém, escolhesse o que escolhesse, perderia.

Se deixasse que Duke avançasse e tratasse de Tara à sua maneira teria o dinheiro de que necessitava. Poderia saldar as suas dívidas, manter a casa, o carro, o armazém. Talvez conseguisse encontrar outro estilista tão bom como ela?

Mas a que preço?

*

– Foge já – insistiu Harry a Tara pelo postigo. – Ouvi-os há pouco, estavam a falar de ir à procura de alguém. Devem saber que estás aqui. Sobe pelo bosque nas traseiras da casa, mas tem cuidado quando chegares à estrada.

– Diz-me só, Harry, estavas metido nisto? – perguntou Tara.

– É claro que não estava – respondeu Harry. – Precisas de perguntar? Eu só queria vender o clube e sair de Londres contigo. Mas vai já, antes que eles te apanhem!

– Eu chamo a polícia – tranquilizou-o ela. – Não vais ficar aqui muito tempo.

– Diz-lhes que a recolha da droga é mal amanhã – disse Harry numa voz ténue. – E diz-lhes que vou precisar de uma ambulância. Apanhei um tiro na perna.

– Tens dores?

– Tara, vai! – explodiu ele. – Eu amo-te, *baby*, mas tu não compreendes como eles são maus. Foge!

A voz dele fê-la reconhecer a gravidade da situação. Sem mais uma palavra, deu meia volta, desatou a correr pelas escadas da cave até ao primeiro andar e aí saiu pela janela para a escada de incêndio. Não havia tempo para se pôr à escuta de motores de carros, de vozes ou até mesmo de pés no cascalho. Em vez disso, saltou pelas escadas abaixo duas a duas e no fundo atirou-se para os arbustos e depois abriu caminho por entre as silvas e o matagal.

Não era fácil. Os ramos das árvores batiam-lhe no rosto, as silvas prendiam-se nas suas roupas e tropeçou uma dúzia de vezes, mas por fim viu nesgas de céu entre as árvores e soube que estava perto da estrada.

Que grande alívio! O pior já tinha passado. Em breve a polícia chegaria, Harry seria levado para o hospital e ela poderia dormir por fim. Ao aproximar-se da vedação de arame, quase gritou de alegria. Tivera razão desde sempre, Harry não era um criminoso e amava-a mesmo.

Não apareceu ninguém quando ela trepou por cima da vedação. Correr para o aeroporto à sua direita era a opção óbvia; significava pessoas, telefones e segurança.

O Morris Oxford verde-escuro encontrava-se estacionado a poucos metros da entrada do aeroporto. Encontravam-se dois homens sentados lá dentro, com as cabeças juntas como se estivessem a consultar um mapa.

– Desculpe, pode dizer-me se esta estrada leva a Ashford? – disse um dos homens em voz alta quando ela ia a passar pelo carro.

Tara parou e virou-se. O homem estava fora do carro, só um passo atrás dela.

– Lamento, eu não... – Nem sequer chegou a dizer a última palavra. Viu-o erguer o braço e, ao tentar fugir, sentiu uma pancada na nuca.

*

A sensação era um pouco como acordar de uma anestesia com gás no dentista. Havia um túnel de escuridão à sua volta, mas brilhava uma réstia de luz no centro e ela estava a avançar nessa direção. Sentia um rugido nos ouvidos, uma dor terrível que a impedia de abrir os olhos, e estava com náuseas.

– Não há mais nenhum sítio onde a pôr – estava a dizer um homem. – Além disso, já agora podem passar as últimas horas juntos.

Foi o suficiente para lhe despertar a memória. Adivinhava pelo cheiro distintivo do bosque que estava de volta a Port Lympne, mas não se recordava de como chegara ali.

– Como é que ela ficou a saber deste sítio? – A voz do homem era muito grossa e estranhamente familiar. Soava como se ele estivesse debruçado sobre ela, a observá-la. Tara sentia o cheiro a tabaco e a óleo de motor.

– Não sei. O Duke não disse, só disse que ela era uma estampa com cabelo louro e que a apanhássemos. Fomos mesmo a tempo. Se ela tivesse ido para o outro lado...!

Tara tinha os pulsos amarrados, assim como os pés, mas a dor no pescoço dominava tudo.

– Isto não me agrada, não com mulheres. – Era uma voz mais jovem, ansiosa.

– A mim também não, Micky. Mas lembra-te só de como é a cadeia e de toda a massa que vamos receber. Vais ver que podes viver com isso.

Um as mãos agarraram os ombros e os tornozelos de Tara e ela estrebuchou e gritou, abrindo os olhos de repente. O homem que estava a segurar-lhe os tornozelos tinha cabelo castanho aos caracóis pelos ombros e um rosto liso e quase bonito. Sorriu como se a pedir desculpa e agarrou-lhe as pernas com mais firmeza.

– Acalme-se – disse. – Só a vamos levar lá para baixo para junto do Harry.

Ela estrebuchou de novo, desta vez para ver o outro homem que estava a segurar-lhe os ombros. Era mais velho, tinha uma cicatriz hedionda na face

direita que lhe arrepanhava os dentes num sorriso trocista, e era completamente calvo.

– Não façam isto – balbuciou ela. – Deixei mensagens por toda a cidade sobre aonde vinha. É só uma questão de tempo até a polícia chegar.

O homem calvo riu-se, e ela teve de novo aquela estranha sensação de *déjà vu*.

– Julgas que nascemos ontem? – disse ele, trocista. – Não chegaste a telefonar, não te lembras?

Os dois homens avançaram rapidamente para fora do *hall* onde ela estivera deitada, por um corredor e descendo as escadas de pedra até à cave. Ela contorcia-se e berrava-lhes insultos, mas eles ignoravam-na.

– Seus cabrões – berrou ela. – Vão sofrer as consequências. Eu contei a certas pessoas o que se está a passar. Vão-se arrepender. – No entanto, por muito louco que isso fosse, sentia-se contente por ir ter com Harry. Se ambos tinham de morrer, pelo menos teriam o conforto de estarem juntos.

– Podes berrar quanto quiseres aqui em baixo, Cachinhos de Ouro, ninguém te vai ouvir – disse o homem calvo em tom de troça.

O homem novo largou os pés dela ao abrir a primeira porta, mas o calvo segurou-a com força contra o peito e depois arrastou-a para a frente, enquanto o que se chamava Micky fechava a porta à chave atrás deles. A seguir, a segunda porta abriu-se, a luz inundou a divisão escura e Tara viu Harry a coxear na sua direção.

– Aí tens, uma companheira de brincadeira para ti. – O homem calvo empurrou-a para os braços de Harry. – Até mais logo!

A porta fechou-se com estrondo atrás deles, a chave desandou na fechadura, mas Tara só prestava atenção ao rosto de Harry.

Estava mais magro, a sua pele parecia macilenta, os seus olhos brilhavam com uma expressão demasiado afogueada. Uma das pernas das suas calças de ganga tinha sido rasgada pelo joelho; mais abaixo, viu uma ligadura manchada de sangue.

– A tua perna! – exclamou ela. – É muito mau?

– Muito melhor agora que estás aqui. – Sorriu, mas os seus olhos diziam-lhe que daria a vida para ela estar em segurança a cem milhas dali.

– Deixei-te ficar mal – gritou ela. – Não consegui chegar a um telefone a tempo. Eles estavam à minha espera num carro.

– Foste tão corajosa! – Harry tomou o rosto de Tara entre as mãos e beijou-lhe os olhos, o nariz, as faces e finalmente a boca.

– Fui tonta. – Afastou a cabeça da dele. – Devia ter seguido os meus instintos e ter ido logo à polícia. Não compreendo como é que eles souberam que eu ia estar aqui. O que é que vamos fazer?

– Vou-te desamarrar. – A voz de Harry era meiga, os seus dedos passavam-lhe pelo rosto e pelo pescoço num gesto tranquilizante. – Nós não podemos lutar contra nada aqui dentro, Tara, mas se conseguirmos manter-nos calmos e compararmos as informações que temos, talvez possamos arranjar alguma solução. – A sua atitude calma era reconfortante, e ela deu consigo a sorrir-lhe quando ele se debruçou para a desamarrar.

– Tenho um x-ato no bolso – disse ela quando viu que ele estava a ter dificuldade em desatar a corda. – Isso ajuda?

O ar de júbilo que perpassou no rosto de Harry fê-la esquecer por um momento a gravidade da situação em que se encontravam. – Tu tens um x-ato?

Ela meneou as ancas.

– No bolso do lado. Quer dizer, a menos que eles o tenham encontrado.

Harry palpou o lado do seu corpo e olhou pra ela, com uma expressão de quase veneração nos seus olhos azuis brilhantes.

– Posso dar-lhes luta com isto – segredou. – Dá-nos uma hipótese, mesmo que pequena.

Pensara que tinha morrido e chegado ao céu quando Tara o chamou pelo postigo. Contara todos os segundos depois de ela se ir embora, imaginando-a a abrir caminho por entre os arbustos e finalmente a chegar à estrada. A sua fé nela era tão forte que quase ouviu sirenes da polícia e a dor na sua perna se desvaneceu. Mas depois ouviu os gritos lá fora nas escadas e mais uma vez voltou a mergulhar no desespero. Agora era muito pior, não só a sua vida estava em risco, mas também a dela.

A corda soltou-se e ela ficou a vê-lo cortar uma pequena parte dela.

– Mais uma arma. – Sorriu e dobrou-a entre as mãos fechadas. – Estamos a formar um arsenal!

– Eras capaz de estrangular alguém?

– Em tempos teria dito que não. – Harry sorriu. – Mas é um salve-se quem puder agora.

Pousou o x-ato e a corda e pegou nos pulsos dela, que esfregou entre os seus dedos.

– Pobre Tara. – Os seus olhos estavam cheios de pena. – Deves ter passado por um inferno.

Ela tinha o rosto coberto com minúsculos arranhões, mais ainda nas mãos, as calças de ganga estavam molhadas até aos joelhos e o impermeável

rasgado. Estremeceu quando ele pousou a mão no seu ombro; ele afastou delicadamente o cabelo e viu a marca vermelha assanhada na sua nuca.

– Não estou tão mal como tu. A ferida é grave?

– Bastante. – Sorriu, mas ela via dor nos seus olhos. – A bala ainda está cá dentro. Mas calculo que ainda seria capaz de dar cabo daquele Joe Spikes se tivesse uma oportunidade.

Ajudou-a a tirar o casaco.

– É melhor despires também essas calças molhadas. – Passou a mão com ternura pela sua face. – Não queremos que apanhes uma pneumonia para além de tudo o resto.

Tara descalçou os sapatos e despiu as calças de ganga, que Harry pendurou nas costas da cadeira. A sua camisa aos quadrados mal lhe tapava as calcinhas brancas, e sentou-se na cama sobre as pernas dobradas. Havia tanta coisa que ela queria saber que mal sabia por onde começar.

– Conta-me...

Harry interrompeu-a com um dedo nos seus lábios e depois sentou-se ao seu lado.

– Eu conto-te tudo e mais alguma coisa, mas primeiro um beijo – disse, passando o braço à volta dela e puxando-a para si. – Pensar em ti é o que me tem feito aguentar nestas últimas semanas. Agora quero sentir-te nos meus braços.

Embora fosse ternura mais do que paixão, uma necessidade de abraçar e ser abraçado, foi o beijo mais memorável que Harry alguma vez lhe dera. Ela sentia a sua força interior, a garantia silenciosa de que lutaria até ao fim para a salvar, mas que tencionava viver, porque havia tanto mais para fazerem juntos.

– Eu amo-te, Tara – disse ele em voz baixa. – Não sei como é que isto vai acabar. Nem sequer posso prometer que vamos conseguir. Mas se conseguirmos quero a tua promessa de que vamos passar o resto das nossas vidas juntos.

Ela só conseguiu acenar com a cabeça. Sabia agora que o amor dos dois sobreviveria a tudo.

– Diz-me só uma coisa, foste tu que telefonaste para o clube e ao tio George?

Harry olhou para ela, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como se apanhado de surpresa pela pergunta.

– Fui capturado na noite em que voltaste de Paris. – Estendeu os braços e pôs as mãos em concha à volta do rosto dela, virando-o para si. – Tenho estado nesta cela desde então. A não ser se contar há dois dias, quando escapei por uns momentos, só para ficar com este ferimento. – Tocou a medo na perna.

Tara explicou a Harry o local exato onde se encontravam, como ela descobrira aquele sítio e tudo o mais que sabia.

– Então o Josh está metido nisto? – Harry abanou a cabeça atónito. – Ele é o elo que faltava! É claro!

– Não consigo acreditar que ele quisesse fazer-te mal. – Tara sentiu que os seus olhos se enchiam com lágrimas, mas enxugou-as, furiosa. – Vocês eram amigos em tempos.

– Os homens como o Josh Bergman não sabem o significado da verdadeira amizade. – Harry sorriu com amargura. – A admiração que ele tinha por mim em pequeno transformou-se em ciúme mal te conheceu. Isto tem a ver com destruir-me, ganhar uma fortuna e ter-te a ti também.

– Não compreendo.

– É uma espécie de conspiração para me incriminar – explicou Harry. – Tudo foi combinado de maneira a parecer que eu sou o instigador. O Duke e todos os intervenientes principais lá em Londres vão ter alibis perfeitos. Podes apostar que quando o meu corpo for encontrado vai haver bastantes provas a incriminarem-me nele. Vão-me chamar outro Al Capone ou Ronnie Kray.

– Como é que o Josh conheceu o Duke?

– Tenho o pressentimento de que o Joe Spikes tem a resposta para isso. Soube dele quando estava na cadeia. Parece que ele me guarda rancor por alguma coisa. O Josh ainda tem bastantes contactos no East End. Talvez tenham só coçado as costas um do outro? Mantiveram-me debaixo de olho, através de ti.

Os olhos de Tara toldaram-se com lágrimas. Ao longo dos anos, ela devia ter revelado inocentemente centenas de informações sobre Harry. Seria a culpada de tudo isto?

– Então, arranjar alguém para se fazer passar por ti ao telefone não foi só para impedir que pessoas como o Needles e o teu pai se sentissem ansiosos em relação a ti. Era uma cortina de fumo! – Tara abanou a cabeça, pasmada.

– O Wainwright! – Harry fechou os olhos e pôs a mão na testa. – É claro! O Josh deve tê-lo recrutado quando ele estava no hospital. Eu não conseguia ver como é que ele tinha entrado nisto, mas agora está tudo a ficar mais claro.

– Mas continuo a não conseguir realmente ver porque é que o Josh correria o risco de fazer alguma coisa criminosa. Ele já tem um bom negócio.

– Será que é assim tão bom? – Harry sorriu sombriamente. – Tu própria me disseste que as vendas estavam em queda. Talvez tenha sido uma

oportunidade única para voltar a pôr de pé o negócio e ao mesmo tempo livrar-se do rival.

Tara lembrou-se da pilha de contas por pagar e suspirou.

– Mas como é que o Josh foi capaz de reunir estes tipos todos? – Não conseguia ainda acreditar bem naquilo. – Aquele homem careca, há algo familiar nele.

– Não sei se o Josh planeou isto. – Harry fez-lhe uma festa no queixo. – Suspeito que foi escolhido pelo Duke. Talvez tenha constado que ele me detestava, e ele tinha massa para lhe adiantar. O Josh sabia o suficiente sobre mim para facilitar as coisas. É engraçado que digas que o Joe Spikes te pareceu familiar, a voz dele também me parece. De cada vez que o ouço falar, tenho essa reação.

– Talvez acabemos por nos lembrarmos. – Tara aconchegou-se mais a Harry. – Então o que é que achas que eles estão a fazer agora?

– Suponho que um barco sobe o Canal da Mancha, talvez destinado à Suécia ou Noruega ou aonde seja. Atiram um embrulho borda fora atado a um flutuador. O Micky descaiu-se e disse que gostava de esqui aquático. Eu não consegui compreender depois porque é que ele ficou tão preocupado por me ter falado disso, afinal é um passatempo bastante inofensivo. Até me pôr a pensar no assunto.

– Ele vai buscar o embrulho a esquiar na água?

– Exato! – Harry sorriu. – Nenhum agente da guarda costeira vai suspeitar de um par de tipos a darem umas voltas num barquinho a motor!

– Mas porque é que eles saíram agora? Com certeza não vão fazer isso no escuro?

Harry encolheu os ombros.

– Talvez tenham de ir ver onde o barco deixa o embrulho. Enviar mensagens, quem sabe. É melhor se só voltarem para casa de manhã, vão chegar cansados e talvez consigamos apanhá-los de surpresa.

– Como, se estamos aqui dentro? – perguntou ela.

O som da porta exterior a abrir-se fê-los dar um salto. Tara olhou para o seu relógio, eram quase nove horas. Correu para as suas calças de ganga e vestiu-as. Harry tinha ficado branco como a cal. Pôs-se de pé numa atitude de desafio quando a chave desandou na fechadura da segunda porta.

Era Micky, com duas canecas com chá e duas tabletes de chocolate.

– Achei que podiam estar com sede – disse. – E precisar de ir à retrete.

Harry atravessou a divisão a coxear, pegou no balde e, desviando os olhos de Tara, saiu.

– O que é que eles vão fazer connosco? – Tara não via mal em recorrer a truques femininos para tentar picar a consciência dele. Aceitou as duas canecas e pousou-as no chão ao lado da cama.

– Não sei ao certo – disse ele, a evitar o olhar penetrante dela. Sabia exatamente o que estava planeado tanto para Harry como para ela, e fazia-o sentir-se agoniado pensar nisso. – Gostava de poder ajudar os dois, mas não sei se eles me vão dar uma oportunidade – acrescentou a segredar, inclinando a cabeça na direção da porta.

Harry voltou para dentro a coxear muito e com a ligadura húmida com sangue fresco.

– Queres ir à casa de banho? – perguntou a Tara. – É a última oportunidade, a não ser que o Micky não feche a porta à chave.

– Não me atrevo. – Micky abanou a cabeça, formulando com os lábios a mensagem de que estava alguém lá fora. Tara foi à casa de banho.

– Não deixes que lhe tirem o pio a ela também – segredou Harry. – Não só porque é linda ou a minha namorada, mas também porque a avó dela foi assassinada no Natal passado e o irmão morreu num acidente. A mãe dela não ia aguentar mais isto.

Micky fechou a porta e chamou Harry para o canto.

– O Joe não a quer matar.

A boca de Harry abriu-se com o choque.

– Tem estado a discutir com o Frank e o Carl. Ela não fazia parte do plano.
– Micky abanou a cabeça – O problema é que não vejo como ele pode evitá-lo.

– Sabes que o Josh Bergman é o vosso homem em Londres, não sabes?

Micky franziu a testa, obviamente surpreendido com aquela informação.

– Nós crescemos juntos. Ele quer a Tara para ele – explicou Harry. – Isto tudo descontrolou-se, Micky. Não deixes que outro homem te ponha sangue nas mãos.

Micky vacilou. Estava tão metido na situação que não conseguia ver uma saída.

– Eu faço o que puder. – Baixou os olhos do olhar frio de Harry. – Não sabes como é difícil!

– Oh, sei – assegurou-lhe Harry. – Eu já estive no teu lugar, não te lembras? Arquei com as culpas do homicídio de um guarda-noturno. Tudo o que tenho agora ganhei-o depois de sair da cadeia, e não me veio parar às mãos. Mas consigo dormir à noite, Micky. Não tenho nada a pesar-me na

consciência. Continua neste caminho e daqui a um par de anos não vais ter mais escolhas sobre como vives.

Tara voltou, parando à porta ao ouvir a última parte do que Harry estava a dizer. Micky virou-se para olhar para ela.

– Bebam o chá enquanto está quente. Tenho de ir agora.

– Achas que caiu tudo em orelhas moucas? – perguntou Tara mal as portas se fecharam com um estrondo.

– Nada caiu em orelhas moucas. – A sombra de um sorriso assomou aos lábios de Harry. – O Micky é um bom tipo, não é nenhum assassino, mas está com medo dos outros. A questão é se ele vai ser suficientemente forte para se pôr do nosso lado se chegar a esse ponto.

– Está-me a irritar não me lembrar de onde conheço o Joe. – Tara franziu a testa. – É como se ele estivesse enfiado por trás de uma cortina de renda na minha cabeça. Quase me lembro, mas não propriamente.

– Como uma comichão que não podes coçar? – Harry sorriu. – Bem, vamos esquecê-los para já, beber o nosso chá e abraçar-nos. Talvez nos ocorra.

Segredava-lhe ao ouvido com ela nos braços. A dor na perna impedia que fizessem amor, mas as suas mãos estenderam-se para o reconforto dos seios dela como uma criança pequena. Teceu sonhos sobre viverem no campo quando tudo aquilo acabasse, sobre as roupas lindas que ela criaria para a sua própria empresa. Falou dos filhos que teriam, de George, Queenie, Amy e Greg, descrevendo um final feliz de conto de fadas.

Tara não podia estragar a visão de Harry do futuro falando da possibilidade de serem conduzidos lá para fora, mortos a tiro e enterrados algures. Em vez disso, apertou-o com força ao peito, disse-lhe que talvez a sua mãe

telefonasse a George e lhe transmitisse a pergunta que ela fizera sobre Lympne. Que naquele preciso momento o auxílio poderia estar a caminho.

Foi quando Harry adormeceu que Tara se lembrou por fim de quem era Joe. Deitada encostada ao ombro de Harry, sem conseguir dormir, a concentrar-se naquela voz como se estivesse a contar carneiros. Passou em revista a sua vida ano a ano, a tentar recordar todos os homens que alguma vez conhecera, todas as vozes que ouvira. Mas foi quando analisou as palavras que ouvira Joe pronunciar que se ergueu de súbito uma persiana na sua mente.

– Cachinhos de Ouro. – De repente, recordou com nitidez uma voz a chamá-la do outro lado do recreio de uma escola. – Ei, Cachinhos de Ouro! – A mesma voz *cockney* roufenha, e via muito claramente o rosto a que pertencia a espreitar por cima de uma vedação.

Embora a razão lhe dissesse que não podia ser o mesmo homem, sabia que era. Nessa altura não era calvo nem tinha uma cicatriz feia a torcer-lhe a boca. Mas era ele.

O seu pai!

A sua reação imediata foi acordar Harry e contar-lhe a notícia, mas um olhar ao seu rosto sereno impediu-a. Em vez disso, virou-se de lado para lhe dar mais espaço e pensou no que aquilo significava.

Bill MacDonald encenara a sua morte tão convincentemente que a polícia encerrara o caso do homicídio do padre Glynn. Reaparecera no East End como Joe Spikes. A cabeça calva, o corpo em forma e musculoso e a cicatriz hedionda escondiam tudo o que caracterizara Bill MacDonald. Procurara este trabalho porque queria destruir Harry e no final das contas destroçar o próprio George? Sabia quem ela era?

Tara pôs-se a olhar fixamente para a parede à sua frente. O cheiro a mofo ali dentro recordava-lhe o apartamento por cima da loja de peixe frito e batatas fritas de Sid, e a sensação de nervos e amargura dentro dela era idêntica à que tivera a maior parte do tempo nessa época. Mas fora há muito tempo. Mais ninguém em Whitechapel a reconheceria como Anne MacDonald, portanto porque é que ele a reconheceria?

Não tinha hipótese de dormir agora, com outras imagens a virem-lhe à mente. Recordou-se do mistério da morte da avó. O seu pai teria sido o responsável?

– Estás acordada, minha doçura? – O murmúrio de Harry interrompeu o devaneio de Tara.

Pensara em tudo, tinha até uma espécie de plano, mas sabia que não podia contar nada a Harry. Um suspiro, um bocejo e virou-se para se aconchegar nos braços de Harry, para que ele pensasse que ela tinha estado a dormir.

– Como é que está a tua perna? – perguntou.

– Bastante mal – admitiu ele com relutância. – Foi o que me acordou, acho eu. Importavas-te muito de mudar o penso?

A ligadura estava empapada em sangue e quando Tara a descolou delicadamente da ferida estremeceu.

– Oh, Harry! – Vieram-lhe as lágrimas aos olhos quando viu o buraco roxo e a zona inflamada a toda a volta. – Devia lavá-la?

– É melhor não. – Harry contorceu o rosto com a dor e agarrou o joelho com força. – Aquela água tem estado ali destapada. Liga-a só com uma tira daquele lençol velho. – Apontou para um tecido dobrado em cima da mesa.

– Tive uma ideia. – Tara pegou no tecido e rasgou uma tira de dez centímetros. – Quando eles voltarem eu peço se posso ir falar com o Joe,

porque tenho uma proposta a fazer-lhe. Uma vez lá em cima, talvez consiga escapar ou até dar-lhe a volta.

Ligou com perícia a perna, reparando no suor no lábio superior de Harry e na sensação húmida das suas mãos. Tinha a perna infetada, precisava urgentemente de tratamento, mas o pior de tudo era que ela duvidava de que ele tivesse força suficiente para lutar contra alguém.

– Que tipo de proposta? – A voz de Harry soava fraca e ele caiu para trás na cama mal ela acabou de lhe ligar a perna.

– Bem, limito-me a fazer *bluff* – disse Tara vagamente. – Digo-lhe como sou importante para o Josh, ofereço-lhe um suborno. Dou a entender que sou uma cabra durona e que dou mais valor à minha vida do que a ti.

Harry agarrou-lhe a mão com força. Os seus olhos estavam brilhantes com a febre.

– O Micky disse que o Joe não te queria matar. Convince-o de que é boa ideia deixar-te ir – disse. – Não arrisques nada por mim, minha doçura, eu faço o que puder quando eles vierem buscar-me. Tenho a corda, espero atrás da porta com ela.

Harry sabia que era improvável que Tara escapasse; na melhor das hipóteses só poderia ter a esperança de que a matassem à primeira e inesperadamente antes de ela ter tempo de entrar em pânico. Doía-lhe tanto a perna que o medo da morte estava a abandoná-lo, mas se houvesse uma hipótese para Tara queria que ela a aproveitasse.

Tara não queria continuar a falar sobre o assunto. Joe sabia de facto quem ela era! Era por isso que se sentia relutante em a matar. Bem, se sabia quem ela era então quase com certeza matara a avó! Odiava-o com todas as fibras do seu ser. Ia vencê-lo, de alguma maneira!

Chegaram as quatro horas, as cinco e as seis, mas continuava a não vir ninguém. Harry estava agora a perder os sentidos e a recuperá-los brevemente, e passou pela cabeça a Tara que talvez os homens nunca mais voltassem, que os deixariam ali a morrer à fome e à sede.

Sentou-se na beira da cama estreita, vestida e pronta, e tentou controlar o pânico crescente. Quando por fim ouviu passos no corredor, quase soltou um grito de alegria. Levantou-se de um salto, meteu o x-ato ao bolso e passou a corda para as mãos de Harry.

– Fica onde estás – segredou. – Se um deles se debruçar sobre ti, usa isto. Não tens força suficiente para te levatares.

Olhou-o por um brevíssimo momento ao ouvir a porta exterior ser aberta. Os olhos de Harry estavam quase fechados com a dor, a sua respiração era forçada, a sua boca como a de um rapazinho e vulnerável.

Beijou-o, acariciando-lhe o rosto com meiguice.

– Amo-te, Harry.

A chave estava a desandar na fechadura. Tara pôs-se perto da porta, pronta a entrar em ação.

– Leva-me lá acima para eu falar com o Joe? – disse mal a porta se abriu. Não era Micky como ela esperava, mas um homem mais velho com cabelo curto cor de rato, possivelmente o que se chamava Carl de quem Harry tinha falado. – É realmente importante. Tenho de falar com ele.

– Espera lá. – O homem ficou surpreendido com a calma dela. – Só me mandaram deixar-te ir à retrete, mais nada.

– Deve ser o Carl? – Tara arregalou os olhos e aproximou-se dele, estendendo o braço e pousando uma mão no seu braço quase sedutoramente. – Tenho a certeza de que um homem a sério como você não ia querer fazer

mal a uma senhora, particularmente se ela tiver informações que os vão ajudar a todos.

– Vou ter de perguntar. – Os olhos de Carl não paravam, a saltitar nervosamente à volta da divisão. – Volta aí para dentro p’ra eu fechar a porta à chave outra vez.

A porta bateu com força e foi fechada à chave. Ao fim de um segundo, a outra porta bateu também atrás dele.

Tara usou o pente de Harry para pentear o cabelo, a desejar poder maquilhar-se ou pelo menos escovar os dentes antes de ter de encarar Joe. E se ele se recusasse a vê-la? E se não quisesse falar com ela a sós?

Harry estava agora desmaiado e a ligadura estava de novo empapada em sangue. Continuava a ter nas mãos o pedaço de corda, mas nunca seria capaz de se defender.

Ouviram-se passos a descer as escadas. Mais uma vez, as portas abriram-se e Carl espreitou lá para dentro.

– Está bem, anda daí – disse, olhando para Harry. – Mas nem te passe pela cabeça fazer algum truque!

Confirmava tudo. Joe sabia quem ela era!

Carl segurou-lhe o braço durante todo o caminho, com os dedos a enterrarem-se nele como se estivesse preparado para que Tara tentasse fugir. Ela esperara ser levada à cozinha, mas em vez disso ele fê-la marchar pelas escadas acima até ao primeiro andar.

Estavam todos na sala da frente onde ela vira os sacos-cama. Micky estava deitado, outro rapaz com cabelo da cor de palha suja e olhos azul-pálidos estava acorado sobre um rádio e Joe encontrava-se sentado junto à janela num banco desdobrável. Havia uma grande quantidade de equipamento na

sala – fatos de mergulho, barbatanas, canas de pesca e o tipo de caixas de plástico grandes que os pescadores usam para guardar o isco. Tara percorreu tudo com os olhos rapidamente e inspirou fundo várias vezes para combater a sensação de pânico.

– O que é assim tão importante? – Joe olhou para ela. Era difícil determinar se estava a sorrir ou a fazer-lhe má cara, mas quando Tara olhou para os seus olhos castanho-escuros soube que acertara na sua identidade.

– É algo só para os seus ouvidos – disse em voz baixa. Via algo numa das caixas da pesca abertas que parecia uma arma. – Podemos falar a sós?

Joe olhou à volta para os seus homens e de novo para ela.

– Vão dar uma volta – disse.

Os dedos de Carl ainda estavam enterrados no braço de Tara e quando ela se aproximou um passo de Joe ele apertou-o com mais força ainda. Micky e Frank levantaram-se, dispararam-lhe olhares de curiosidade e saíram ligeiros.

– Ele pode esperar lá fora também? – perguntou Tara. – O que eu tenho a dizer é muito pessoal. – Não se atrevia a olhar diretamente para a caixa da pesca para o caso de ele seguir o seu olhar, mas tinha noventa e oito por cento de certeza de que era uma arma.

Joe levantou-se do banco, a esfregar as costas num gesto que ela recordava claramente da sua infância. Estava em boa forma agora, sem vestígio da barriga que antes lhe pendia sobre as calças. Os maxilares flácidos que ela recordava estavam agora mais firmes, a pele sã no rosto com um brilho de saúde, embora estivesse a precisar de se barbear. Se ainda tivesse o seu cabelo preto e mantivesse o lado esquerdo do rosto virado para ela, pareceria quase igual ao que era nas velhas fotografias dos tempos do exército.

– OK, Carl – resmungou. – Espera lá fora. Eu dou-lhe cinco minutos.

Mal Carl saiu, Tara aproximou-se de Joe e da caixa.

– Bem, vá lá – disse ele impacientemente, sentando-se de novo no banco. – A que vem tudo isto?

– Olhe bem para mim – disse ela em voz baixa. – A cor do cabelo, os olhos.

Olhou-o nos olhos, abrindo muito os seus. Ele sabia quem ela era, ela via-o nos seus olhos, mas para sua surpresa viu consternação.

– Não se importava de me matar quando eu não sabia quem era, suponho – disse baixinho. – Cometeu o erro de me dar demasiado tempo para pensar.

– Como é que soubeste? – A voz dele tinha perdido a sua aspereza.

– A careca e a cicatriz baralharam-me – disse ela lentamente, aproximando-se aos poucos da caixa. Era uma arma, uma pequena pistola como as que vira nos filmes. Estaria carregada? Ela seria capaz de disparar se necessário? – Mas não podia mudar a voz.

Ele ficou atarantado. Ela viu uma expressão quase de ternura e soube que tinha de agir naquele momento, antes de ele recuperar a sua dureza habitual. Abriu os braços só um pouco, como se a tencionar abraçá-lo, e avançou.

– Tornei-me como me imaginava? – Mantinha um tom de voz doce e caloroso e os olhos pregados nele enquanto avaliava o ponto em que deveria baixar-se e agarrar na arma. – Mudei de nome, porque Anne MacDonald não soava a nome de estilista.

– Nunca imaginei que ficasses tão bonita. – A sua voz estava rouca com a emoção. – Eras mesmo ruiva quando eras pequena.

O movimento para agarrar a arma não pareceu nada mais do que debruçar-se para coçar um joelho ou até mesmo para se sentar no saco-cama que estava

no chão. A sua mão a estender-se para a caixa poderia ser interpretada como apoiar-se para se equilibrar. Mas naquela fração de segundo os seus dedos fecharam-se em torno da arma e tirou-a, apontando-a a ele.

– Voltámos ao mesmo ponto em que nos separámos há estes anos todos! – A sua voz era forte, embora a mão lhe tremesse. – Eu não estava enganada em relação a si, Paizinho, não daquela vez, nunca. Devia tê-lo cegado com aquele atizador. – Teve de erguer a outra mão para segurar a arma sem tremer. Caíam-lhe gotas de suor pela testa e a luz do sol que entrava pela janela quase a cegava depois da luz parda da cave.

– Dá-me essa arma. – A voz dele rugiu com toda a força que ela recordava da infância.

Ela sorriu então. Se a arma não estivesse carregada os olhos dele não estariam assim esbugalhados.

– Bem, Joe Spikes – disse o nome num tom sarcástico arrastado. – Virou-se o feitiço contra o feiticeiro, não foi? Eu tenho a arma e tenciono disparar sobre si, mesmo que tente tirar-ma. Portanto, vai obedecer às minhas ordens por agora.

– Vá lá, qu’rida. – Ele tentou sorrir, mas só pareceu ainda mais malévolo. – Sou o teu pai, por amor de Deus!

– Ter-me-ia matado, sem querer saber. – Ergueu uma sobrancelha. – Matou a minha avó, não matou? E aquele padre idoso? O Paul entrou em pânico quando julgou que vinha atrás dele e morreu também. Por isso diga-me, Paizinho, o que é que eu lhe devo?

– Tu não sabes da missa a metade. – Os seus olhos pareciam desvairados. – O Paul não era meu filho, era do George Collins, ela enganou-me, mentiu-me. Fez o George denunciar-me. Eu amava-a.

– Nunca amou ninguém a não ser a si próprio – cuspiu-lhe Tara. – O Paul era seu filho, era a sua cara chapada. A mãe amava-o, mesmo depois daquelas sovas todas, mesmo quando estava humilhada e destroçada. Até chorou quando a polícia lhe disse que você tinha morrido naquele acidente de automóvel.

Viu que aquilo o abalara pelo tremor dos seus lábios tortos e a turvação nos seus olhos.

– Ela virou-se contra mim – disse ele. – Quando saí da cadeia na primeira vez.

– Bem, seu pobrezinho de um raio – disse Tara num tom sarcástico. – Nunca lhe ocorreu que ela quase morreu à fome enquanto você esteve dentro. Ela adorava-o, mas você teve de dar cabo de tudo com a sua ladroagem, o jogo, a bebida e a brutalidade, não teve?

– Tu não sabes como eram as coisas! – O seu tom era quase petulante.

– Não sei? – desafiou-o Tara. – Ouvi as histórias da minha mãe sobre como você era um príncipe, como se impôs à avó, até mesmo o que aconteceu no jardim aqui.

Ele ergueu os olhos rapidamente, surpreendido.

– Sim, ela contou-me – ripostou Tara. – Não sente vergonha nenhuma por ter planeado matar-me no mesmo lugar onde fui concebida por amor?

Ele não foi capaz de responder àquilo. Por um momento, baixou a cabeça, e ela soube que tocara na parte dele que fora em tempos um herói de guerra e um amante terno.

– Não contava que tu aparecesses aqui. Nunca devias ter descoberto nada sobre isto.

– Porquê matar a avó? – perguntou ela. – O que é que uma senhora de idade lhe podia fazer para o prejudicar?

– Eu só queria descobrir onde tu e a Amy estavam. – Ergueu a cabeça numa atitude de desafio. – Não sabia que vocês viviam lá todas nessa altura. Só entrei à socapa com a intenção de passar em revista as coisas dela e encontrar uma morada.

– A avó ouviu-o? – Tara deixou de segurar a arma com tanta força, só o suficiente para ficar mais confortável.

– Ela apanhou-me na cozinha. – Os seus olhos chisparam perigosamente, tal e qual como ela recordava. – Soube quem eu era imediatamente.

Tara ergueu um pouco a arma, pelo sim pelo não.

– Mas porquê matá-la, uma mulher velha e indefesa?

– Ela nunca foi indefesa, nunca. – Abanou a cabeça. – Era capaz de me denunciar. Tanto tu como a Amy teriam passado uma vergonha.

– Quer dizer que iria cumprir uma sentença perpétua como assassino de um padre. – Os lábios de Tara arreganharam-se numa expressão de repugnância. – Não tente fazer com que pareça que foi para nosso benefício! Mas já ouvi tudo o que queria. Agora, vai vir comigo.

A arma era um bónus com que ela não contara, o seu plano consistira em pouco mais do que um apelo emocional. Mas quinze centímetros de destruição potencial na sua mão alteravam tudo. Ela poderia forçar Joe e os seus homens a trocarem de lugar com Harry, chamar a polícia e fazer com que ela prendesse o gangue todo.

Mas Joe estava a olhar atónito para ela, sem conseguir levá-la a sério.

– Eu disse que vai vir comigo – disse ela com mais firmeza. – Se não vier, disparo. Tanto se me dá.

Ele levantou-se com relutância.

– Não faça isso, Anne! – Soava como uma ameaça. – Os outros vão-te saltar em cima. Deixa-me falar com eles e arranjar uma maneira de contornar a coisa.

– Eu não sou a Anne, sou a Tara. – Lançou a cabeça para trás a afastar o cabelo do rosto. – E você não significa nada para mim. Se alguém tentar saltar-me em cima, também o mato, ou a si. Agora despache-se, para a porta, e chame o Carl.

Eles teriam mais armas? A questão veio-lhe à mente e permaneceu aí. E se a ameaça de fazer a cabeça de Joe ir pelos ares não resultasse? Ela seria realmente capaz de apertar o gatilho?

Ele abriu a porta.

– Carl! – berrou. Abriu a boca para acrescentar mais alguma coisa, mas Tara encostou-lhe a arma no fundo das costas.

– Não diga mais nada! Eu explico as coisas.

Carl veio a correr pelas escadas acima. Parou ao virar para o patamar, a suspeitar imediatamente de alguma coisa.

– Tenho uma arma apontada às costas dele. – Tara falou numa voz forte e clara. – Se fizer o que eu digo, deixo-o ir mais tarde. Se não prego-lhe um tiro a ele e depois a si. Compreende?

– Eh, sim! – Ele ficara claramente sobressaltado com aquela reviravolta.

– Ainda tem as chaves da cave? – perguntou ela.

Ele acenou com a cabeça, a olhar dela para Joe.

– Muito bem, vamos lá abaixo. – Empurrou Joe para a frente. – Onde é que estão os outros homens?

– Na cozinha. – Carl virou-se para as escadas.

– Bem, vamos lentamente até lá abaixo. Quando chegarmos à cozinha, diga-lhes que saiam e venham ter connosco. Qualquer problema, quaisquer atitudes espertinhas e o Joe apanha um tiro e eu continuo a disparar até se acabarem as balas.

Sentia a boca seca e o coração a bater fortemente com o medo quando Carl começou a descer as escadas. Empurrou Joe e eles os dois seguiram Carl.

– Chame-os, Joe – ordenou Tara quando chegaram à cozinha. Ouvia Frank a falar com Micky e perguntou-se se Harry tinha razão ao acreditar que Micky os ajudaria quando chegasse a hora.

– Frank, Micky! – A voz de Joe soou atoadora. – Venham cá. – Era ridículo ela pensar sequer que eles seriam leais a Joe, viu isso imediatamente no rosto astucioso e mau de Frank. Apareceu à porta da cozinha e olhou-a com desprezo.

– Desçam as escadas para a cave – ordenou Tara. – Vá lá, ou disparo.

– Não quero saber a ponta de um corno a quem prega um tiro, menina – disse ele num tom sardónico. – A mim é que não é, isso é certo.

– Não me provoque – disse ela. – Quero o Harry fora daquela cave e faço o que for preciso. Diga-lhes para obedecerem, Joe! – Empurrou-o com a ponta da pistola, mas estava a sentir-se muito pequena agora com os quatro homens a atravancarem o corredor estreito.

– Ouviram a menina – disse Joe, mas Tara não conseguia ver-lhe o rosto e pressentiu que ele estava a dar-lhes alguma ordem em silêncio. Em pânico, Tara recuou para as escadas de modo a poder ver por cima das cabeças deles.

Joe estava agora a um meio metro dela, Carl talvez a um metro à frente. Frank continuava carrancudo à porta da cozinha, com Micky logo atrás dele. Era mais cerca de um metro e meio da cozinha até às escadas para a cave, e ela sabia que eles poderiam facilmente dominá-la ali.

– Avancem. – Forçou-se a manter a voz firme e ergueu a arma, movendo-a de lado para lado para dar a entender que ainda não decidira sobre quem dispararia. – Frank, você primeiro. Desça para a cave.

Ele encostou-se à ombreira da porta e cruzou os braços numa atitude de desafio; ela viu que ele tinha «amor» e «ódio» tatuados nos nós dos dedos e uma teia de aranha à volta de cada cotovelo.

– Eu disse para avançar. – Desta vez berrou, erguendo a arma e fazendo pontaria às pernas de Frank. – Ou não volta a dar um passo por iniciativa própria.

Ele limitou-se a encolher os ombros e fitou-a insolente. Invadiu-a uma fúria como bÍlis no estômago. Acenou com a arma entre eles, assestou-a sobre os joelhos de Frank e premiu o gatilho. O estampido e o impacto fizeram-na cambalear para trás. Um trilho de fumo ocultou Frank por um momento, mas ela ouviu um uivo de dor.

– Isso mostra-lhes que falo a sério? – gritou, subindo mais um degrau e olhando para os quatro. Frank estava agarrado às virilhas, dobrado em dois, e esguichava sangue para o chão. – Eu não tenho grande pontaria. Alvejei-lhe os joelhos, mas suponho que onde lhe acertei tem o mesmo efeito de o deixar aleijado.

– Sua cabra duma porra. – Frank olhou para ela, com lágrimas a escorrerem-lhe dos olhos e os lábios a tremerem.

Tara voltou a acenar com a arma, a olhar para cada um dos homens à vez. Joe virou-se para ela e ela viu um brilho de admiração nos seus olhos.

– OK, chegou o momento de fazermos um acordo – disse. – Damos-te as chaves da cave. Pomo-nos ao fresco agora. Mais justo do que isto não há!

– Nada de acordos! Desçam aquelas escadas já – ordenou Tara. – Micky, tire as chaves ao Carl, vá primeiro e ajude o Harry a sair. Qualquer atitude duvidosa, disparo sobre um dos outros.

A arma estava quente na sua mão. Tornara-se uma extensão do seu corpo. Compreendia por que alguns homens veneravam as armas, elas conferiam um poder instantâneo. Agora que ela conquistara o seu medo delas, sabia que seria capaz de premir novamente aquele gatilho, mesmo que isso significasse matar alguém.

CAPÍTULO 36

— Que bela surpresa! Como é que estás, querida? – ronronou Queenie ao telefone. – Não, a Tara não está aqui. O que se passa, soas um bocado agitada?

– Oh, Queenie – desabafou Amy. – O mais certo é eu estar a ser totalmente disparatada ao imaginar coisas, mas estou preocupada com a Tara. – Explicou à pressa as conversas ao telefone com a sua filha e com Josh. – O Josh parecia quase estar a espiá-la, o que quer que dissesse, e contou-me que o Harry estava desaparecido!

– Bem, oficialmente não ‘tá – disse Queenie. – Quer dizer, ele telefonou p’ra cá. Mas passa-se alguma coisa de estranho, o ‘Arry não soa com’ó costume.

As duas falaram sobre tudo o que sabiam ao certo.

– Ele nunca perguntou nem uma vez com’é que ‘tavam as costas do George – disse Queenie. – E ele costumava sempre perguntar o que é que eu ‘tava a cozinhar e era certo e sabido que se ‘tivesse fora me dizia «Guarde-me um bocado, Queenie.» Mas não disse nada disso, só o que ‘tava a fazer e coisas do género. Eu posso não ser lá muito esperta, Amy, mas não me parece que o nosso ‘Arry mudasse só porque estava na Alemanha.

– Então não achas que foi ele quem telefonou?

– Não sei, Amy. O Needles também ‘tá a ficar preocupado. Tentou queixar-se ó ‘Arry sobre qualquer coisa que o Duke andava a fazer no clube e o ‘Arry disse-lhe que se metesse na vida dele. Daí a um par de dias, o Duke cai-lhe em cima como uma tonelada de tijolos, a ameaçá-lo de o pôr no olho da rua.

– Bem, Queenie, eu francamente acho que a Tara faz uma ideia de onde ele está e foi procurá-lo. Mas quanto mais penso no sítio que ela mencionou mais

assustada me sinto.

Queenie assegurou-lhe que transmitiria tudo aquilo a George e diria para ele lhe telefonar mal chegasse a casa.

*

– O que é que receias quanto a Lympne? – perguntou Greg a Amy, que estava sentada a fitar o vazio depois de falar com Queenie ao telefone.

Estava um fim de dia quente e as janelas na sala de estar de Greg encontravam-se abertas de par em par, mas Amy estava a tremer e com o rosto abatido e pálido.

– O Bill – disse simplesmente, atirando para trás o seu cabelo louro. – Não te parece demasiada coincidência que Tara me perguntasse pelo lugar secreto do pai?

– O Bill está morto – disse Greg delicadamente.

– Mas e se não estiver? – Amy ergueu o rosto para o fitar, com os olhos escurecidos com ansiedade. – Foi o irmão dele que identificou o corpo, não eu. Ele detestava o George e o Harry, incendiou o armazém deles. Talvez ande a planear isto há anos. Supõe que foi ele que matou a minha mãe?

– Agora estás a ser tonta. – Greg sentou-se ao lado dela, puxou-a a si e fez-lhe uma festa no cabelo. Lá no fundo, partilhava a sua ansiedade. – Sentias-te melhor se fôssemos falar com a polícia sobre isso?

– Vamos só esperar que o George telefone. – Fez um sorriso fraco. – Quem sabe! A Tara pode entrar porta dentro a qualquer momento.

*

Já passava das sete horas quando o telefone tocou por fim. Amy atravessou a sala de um salto para atender.

– Oh, George. – Suspirou de alívio. – Diz-me que estou a imaginar coisas?

– Não posso, qu'rida – disse ele na sua voz forte. – A não ser que também eu esteja a ficar passado. Acabei de trocar umas palavras com o Needles e o Tony e eles também não estão mais satisfeitos do que nós. Parece que o Duke despediu algum do pessoal do 'Arry e substituiu-os por outros. Eles também não sabem se podem confiar no Dennis e no Alec. É muito difícil p'ra eles serem completamente francos comigo, porque, tanto quanto sabem, o meu rapaz pode estar metido até às orelhas c'o Duque, a planear um golpe em grande qualquer. Mas nós os três temos o pressentimento que não é o 'Arry que tem telefonado. Oh, acerta na voz, mas não tem a alma do 'Arry. Não diz nenhuma piadinha, sabes o que quero dizer?

– O que é que devíamos fazer, então? Achas que é relevante que ela me tenha perguntado por um sítio chamado Lympne? – Amy contou-lhe tudo o que recordava sobre aquele lugar e o que Bill sentia em relação a ele.

– Não o vejo a voltar pr'ó East End mesmo que não tenha morrido naquele acidente – disse George com firmeza. – Se ele pusesse o pé cá na zona, alguém ia dar logo co'a língua nos dentes. Mas o Needles disse-me uma coisa interessante. Alguém assaltou o clube ontem à noite. Bem, assaltou não. Ficou lá depois de ele fechar. Não levaram nada, ao que parece, mas ele ouviu o Duke a falar sobre uma gaveta arrombada numa das salas de jogo e de uma janela que foi deixada aberta no sótão. O Needles acha que foi a Tara.

– E ela encontrou alguma coisa sobre Lympne?

– Pode ser que sim! Tu dizes que o Bill deu com esse sítio quando estava no exército, ele podia ter contado a um dos camaradas dele. Ou pode ser que 'tejam a usar o aeroporto. Mas acho que vou à polícia agora p'ra eles averiguarem. Esperemos só que eu não torne as coisas piores.

– George, se o Harry está preso em Lympe e o tal Duke é um falso, o mais certo é estar-se a passar alguma coisa em grande. Se a Tara foi lá sozinha para tentar salvar o Harry... – Parou de falar, com o medo a dar-lhe um nó no estômago ao imaginar a sua filha a ir-se meter no esconderijo de um gangue.

– Eu vou à esquadra agora – disse George delicadamente. – Não te ponhas a dar voltas ao assunto. Podemos ‘tar bem enganados.

George sabia que não estavam enganados. Vivera entre criminosos durante demasiado tempo para interpretar incorretamente uma situação duvidosa. Tivera a certeza de que não era Harry a falar ao telefone durante a terceira chamada, quando o seu filho não lhe desejara um feliz aniversário. Mas saber algo e prová-lo eram duas coisas diferentes, especialmente quando o seu filho andava envolvido com patifórios do pior. Falar demasiado alto era tentar a sorte. Harry podia estar já com um bloco de cimento nos pés no fundo do Tamisa e se Tara se aproximasse demasiado poderia ser o fim também para ela.

– O qu’ é que vais fazer então, amor? – perguntou Queenie ao vê-lo a fitar o vazio.

– Vou ter de ir à esquadra. – Olhou para Queenie e viu a perturbação nos seus olhos. – Se o ‘Arry se meteu em trabalhos e fizerem mal à Tara por causa disso, nunca lhe vou perdoar. Em qu’ é que errei com ele, Queenie? Pensei que se lhe desse amor e o mantivesse junto de mim bastava, mas não bastou.

Queenie não respondeu por um momento, mas pôs os braços à volta de George e apertou-o ao seu amplo peito.

– Nunca penses que falhaste com ele – disse em voz baixa. – Tu és um bom homem, George, e aquele teu filho também. Agora vai lá à esquadra co’a

cabeça bem erguida. Acredita no teu rapaz, fica do lado dele. É o que a Tara ‘tá a fazer.

– A melhor coisa que alguma vez fiz foi casar contigo. – Ergueu a cabeça.
– Deram-te mesmo o nome certo, és uma verdadeira rainha!

*

– Só quero que contactem a polícia local lá em baixo e lhes diga para irem averiguar aquela casa – repetiu George. – Passa-se alguma coisa, alguma coisa má, e uma moça nova foi lá e meteu-se direitinha na boca do lobo.

Passava bastante da meia-noite e George só tinha recebido respostas evasivas desde que chegara à esquadra três horas antes. Os polícias comportavam-se como se aquilo fosse uma piada, especialmente quando ele apresentou a hipótese de Bill MacDonald estar vivo.

– Tu o quê? – O inspetor Ronald Harrison soltou uma risada alta, com o seu rosto macilento subitamente mais animado. – Deixa p’ra lá, George! Já temos problemas que cheguem na nossa zona sem o Bill MacDonald se levantar do caixão.

George conhecia Ron desde que ambos eram pequenos. Ron era um bom polícia, mas a sua opinião sobre a história de George estava afetada pelo cadastro de Harry, a clientela que bebia e jogava no seu clube e a convicção de que aquele lugar vivia à custa de dinheiro sujo.

– Sabes tão bem como eu que o MacDonald pegou fogo ao meu armazém – insistiu George. – Sabes que matou o padre Glynn. Bem, o que é que apostavas que ele encenou a própria morte para evitar ir preso e depois planeou a ruína do meu rapaz e a minha? Ele podia ter estrangulado a Mabel Randall lá em baixo no Somerset, a Amy diz qu’a tal casa no Kent era o sítio

favorito dele e todos nós sabemos que aquela parte da costa é terra de contrabandistas.

– O Bill MacDonald não tinha inteligência suficiente para isso tudo. Andava bêbedo o tempo todo!

– Estás-te a esquecer que serviu no exército, não ‘tás? – George ergueu uma sobrancelha em jeito de interrogação. – Herói de guerra, sobreviveu na selva durante sabe Deus quanto tempo. Eu diria que uma coisa como esta é mesmo ‘ó jeito dele.

Ron Harrison viu a convicção nos olhos de George. Nas últimas semanas ouvira várias histórias sobre Harry. Encontrava-se na Alemanha, ficara sepultado num túnel no decurso de um roubo e morrera antes de conseguirem desenterrá-lo, constava que fugira para a América do Sul na sequência de uma ameaça de morte. Reunindo todos os boatos e os factos uma coisa era clara; Harry Collins desaparecera e o Top Cat Club era quase com certeza a base de alguma espécie de atividade criminosa.

– OK, deixa comigo – disse com um suspiro. – Eu contacto a esquadra local e peço-lhes para irem dar uma olhadela. Quando é que a Tara telefonou à mãe?

– Por volta das dez hoje de manhã. O Josh Bergman telefonou à Amy por volta da uma e meia, disse que ela já não ‘tava no apartamento dela. Portanto, se foi a Hythe pode ter lá chegado por volta das três ou quatro da tarde.

– Deixa-me o teu número e o da Amy – disse Ron. – Agora, por amor de Deus, desampara-me a loja, George. Eu telefono mal tenha alguma coisa p’ra te dizer.

*

Ao mesmo tempo que George saía da esquadra da polícia, Josh estava a tentar meter a chave na fechadura da porta de casa. Estava a cair de bêbedo, já sem conseguir formar palavras. Mesmo assim, ainda não conseguira silenciar o medo intenso que o dominava.

Ele e Duke tinham-se encontrado às oito horas, no *pub* Markham na King's Road. Nessa altura, ele ainda estava sóbrio, mas quando soube que Tara tinha sido capturada em Lympne, começou a beber a sério.

– Ela está fechada com o Harry. Eles tratam deles os dois de manhã, depois de irem fazer a recolha. – Duke comunicou aquilo tão friamente como se estivesse a falar de dois cães vadios.

– Eu não estava a contar com homicídios – segredou Josh. O *pub* estava cheio de estudantes e *hippies* pedrados a ouvirem com atenção os Santana. – Tem de haver outra maneira.

– Querias o Harry fora de cena, tanto quanto me lembro – recordou-lhe Duke, lançando um olhar dos seus frios olhos azuis com desprezo à volta do bar. – Se apostas em grande, há sempre a hipótese de o jogo ficar contra ti. Não vale a pena culpar-nos a nós pela rapariga, aquele maricas daquele ator teu amigo também lhe podia ter telefonado. A ideia brilhante de lhe dar a entender que o Harry estava farto dela foi tua.

– Mas ela é tão talentosa. Não sei o que vou fazer – implorou Josh. – Sem ela, o meu negócio vai ao charco.

Duke olhou para Josh com desprezo.

– Sempre fui um cabrão – disse num tom sibilante por entre os seus cruéis lábios finos. – Ganhei a vida a ser um cabrão. Mas nunca recorri a jogos sujos para conquistar uma mulher. Mesmo com o Harry fora de cena tu nunca ias

ficar com ela. Ela é demasiado esperta, para começar. É melhor que rezes para eles a abaterem, porque se não o fizerem ela vai dar cabo de ti.

– Eu conseguia acalmá-la. – Os olhos castanhos de Josh encheram-se de lágrimas.

Duke riu-se até resfolegar.

– Acalmá-la! Deves estar a brincar. Aquela rapariga tem garra. Ela comia-te ao pequeno-almoço! Para de choramingar, homem. Amanhã vais ter dinheiro suficiente para fazeres o que quiseres. Mesmo um judeuzinho patético consegue engatar uma miúda se tiver dinheiro.

– Como é que te atreves a falar comigo assim? – Os olhos de Josh chisparam com fúria. – Eu adiantei o dinheiro para isto. Não espero ser atacado por alguém que trabalha para mim.

– Vamos lá esclarecer uma coisa – rosnou Duke, com o seu lábio fino a retorcer-se como o de um cão feroz. – Tu simplesmente entraste neste trabalhinho. Até ficares descuidado e deixares alguma coisa na tua casa para aquela rapariga a encontrar, nem sequer havia nenhuma ligação entre ti e o resto da coisa. Puseste tudo em risco e, se acabares na linha de fogo quando encontrarem o corpo dela, tanto pior, com um raio!

Duke saiu do *pub* depois daquilo, mas Josh ficou a remoer aquela sua última frase toda a noite. Por mais bebidas que emborcasse, persistia como uma dor de dentes. Tara tinha de ser eliminada, não havia alternativa, mas a ideia de alguém disparar um tiro naquele corpo adorável era uma visão de pesadelo.

O plano não era esse. Duke deveria desaparecer do clube depois de aquele trabalhinho ficar resolvido. Depois, o corpo de Harry apareceria ao fim de várias semanas, juntamente com provas suficientes para o incriminar

plenamente. Josh estava de facto a planear ser quem levava a polícia a procurar Harry para que Tara se sentisse em dívida para com ele. Mas agora tudo dera para o torto.

Tombou no chão da sala da sua casa e ficou ali deitado. A sala andava à roda, e ele sabia que ia vomitar, mas não conseguia levantar-se. Via Tara de pé à porta da sala como estivera ainda nesse dia, com aquela camisa grande e calças de ganga demasiado grandes para ela, o cabelo a pender-lhe molhado à volta do seu rosto lindo. Porque é que ele não se podia contentar com tê-la como amiga e sua estilista? Que tipo de ruindade havia nele que o levava a ter de possuir tudo?

Tomou consciência, enquanto vomitava na alcatifa toda, que as coisas nunca mais ficariam bem para ele. O seu pai gostava muito da frase «Como semearás, assim colherás» e agora era tempo da colheita.

*

George fez um sinal a chamar Needles da entrada do clube. Em qualquer outro momento, seria animador ouvir as gargalhadas estrondosas do bar apinhado e observar o grupo de seis pessoas com trajes de noite a subir as escadas para as salas de jogo, mas esta noite George preferiria ver aquele sítio a desaparecer em chamas.

– O que é, George? – Needles saiu, lançando um olhar por cima do ombro para se assegurar de que não estava a ser observado.

George relatou resumidamente a sua conversa com Ron Harrison na esquadra.

– Não quero esperar até a bófia se pôr em ação – explicou George. – Que me dizes a vir lá abaixo esta noite?

O rosto grande de Needles iluminou-se com um entusiasmo de garoto. – ‘Tou no ir. O único problema é que não vamos fechar cedo hoje, há um grande jogo.

– Não podes fazer de conta que estás doente? – sugeriu George. – Ou a tua mulher?

– Vou fazer os possíveis, mas era melhor esperar e levarmos o Tony também. – O rosto do homem grande anuviou-se. – Não quero fazer-me de esquisito, George, mas tu já não és lá muito novo e ágil!

– Eu atravessava o fogo para proteger o meu rapaz – disse George com intensidade. – Mas suponho que tens razão, um empurrão e eu caía por terra. Olha, vou p’ra casa. Telefona-me quando saíres e venho-te buscar.

*

George sentou-se pesadamente no sofá. Passava das duas da madrugada e ele sentia-se muito cansado.

– Vem-te deitar até eles telefonarem – sugeriu Queenie ao entrar com uma chávena de chá.

O ambiente na sala era acolhedor, com os carvões de imitação a bruxulearem, embora o fogão de sala não estivesse ligado, e o tecido macio do sofá era repousante sob o seu velho corpo.

– Quando isto acabar, devíamo-nos aposentar e vender o negócio – disse ele, pegando na chávena de chá.

Queenie empoleirou-se no braço do sofá e passou o braço à volta dos ombros dele.

– Pr’onde é que íamos? Pr’á beira-mar?

George olhou para ela e sorriu. Ainda era uma mulher notavelmente bonita, a sua pele sem rugas, cor-de-rosa e branca como a de uma moça nova, os seus olhos cheios de uma vitalidade juvenil. Sabia que o cabelo dela se tornara grisalho há muito tempo, mas visto à luz suave de um candeeiro de mesa, parecia de um louro natural, com caracóis sobre os seus ombros rechonchudos.

– P’ra onde tu quiseses, qu’rida – disse ele. – Uma casinha agradável onde a gente possa ficar na cama o dia todo se quisermos, e um jardim bonito para tratar dele.

– Isso soa encantador. – Ela baixou-se para o beijar, e cheirava a sabão de rosas e creme das mãos. – Agora para de te preocupares e vem comigo.

O telefone tocou, fazendo ambos darem um salto. George atendeu, com os olhos arregalados e assustados.

– Sou eu, o Ron Harrison.

– Há notícias? – perguntou George.

– Receio que não – respondeu Harrison. – A esquadra da polícia de Hythe só funciona a meio tempo, mas um par de homens de Folkestone foi até à casa para dar uma vista de olhos. Estava tudo às escuras, as portas e as janelas fechadas, parecia que há anos que não está lá ninguém, portanto suponho que estavas enganado. Vão voltar amanhã à luz do dia só para confirmarem.

– Não entraram na casa?

– Nem a polícia pode arrombar uma casa sem motivo – disse Harrison. – Se a porta estivesse partida ou uma janela tivesse sido deixada aberta tinham entrado, mas viraram as lanternas lá para dentro e não havia nada. Até a cancela do caminho para a casa estava fechada com um cadeado. Nem sequer

havia sinais de marcas de pneus. A mim parece-me que estás a seguir uma pista errada, George.

– OK. – A voz de George estava monocórdica com a decepção. – Mas podes confirmar outra vez amanhã e pedir-lhes para verem se a moça foi avistada por aquelas bandas?

– Vou fazer isso. Lamento, George. Imagino como te sentes, mas vamos continuar a vigiar de perto o clube também. Pode surgir alguma coisa quando menos esperamos.

George enterrou a cabeça no ombro de Queenie.

– Tinha tanta certeza de que iam encontrar alguma coisa. Não sei se vale a pena ir lá abaixo agora com o Needles e o Tony.

– Sem dúvida que não vale a pena até ser dia – disse Queenie sensatamente.
– Se a polícia não conseguiu ver nada, vocês também não vão conseguir. Vão por volta das seis ou das sete, é suficientemente cedo, e entretanto vem para a cama.

– Vou só telefonar ao Needles. – George suspirou profundamente. – Não vale a pena ele inventar uma desculpa para nada.

Duke pegou no auscultador um segundo depois de a chamada ser atendida no balcão da receção. Adquirira o hábito de fazer isso desde uma altura em que escutou uma conversa por acaso e ouviu uma das empregadas do bar a dizer mal dele a outra. Esta noite, tinha outra razão para bisbilhotar; vira Tony e Needles aos segredinhos juntos no corredor das casas de banho. Sorriu sardónico quando reconheceu a voz de George.

– Não te demoro. Só telefonei para dizer que não vamos esta noite, vamos por volta das seis quando for de dia. A bófia ‘teve lá e não viram nada. Talvez não haja nada p’ra ver. Por ti está bem?

– ‘Tá! – A voz grossa de Needles não mostrava curiosidade nem emoção. – O clube abre às nove até por volta das duas e meia. Aceitamos reservas para grupos.

– Alguém ‘tá a ouvir? – perguntou George.

– Com certeza, meu senhor – respondeu Needles todo despachado. – Aguardamos a sua visita.

Duke teve de ser rápido a pousar o auscultador para Needles não ouvir o estalido. Então iam lá abaixo e a polícia já lá tinha estado a fazer uma busca?

Se George e Needles partissem às seis, numa estrada com pouco movimento poderiam chegar por volta das sete e meia, às oito o mais tardar. Duvidava que a polícia fosse lá mais cedo do que isso, especialmente depois da caça aos gambuzinos da véspera.

A ansiedade roía-o por dentro e fazia-o sentir náuseas. Bergman tinha-o enojado antes com os seus queixumes e a sua choradeira, agora eram George e Needles a fazer-lhe chegar a mostarda ao nariz. Os rapazes voltariam de recolher o material antes das sete. Ele podia dar uma saltada lá abaixo agora, recolher o material e voltar no outro pé, deixando ordens para Joe despachar a rapariga e Harry imediatamente.

Duke levantou-se, sorrindo para consigo quando lhe veio à mente uma ideia brilhante. Sem dúvida George, Needles e provavelmente Tony iriam lá abaixo armados. Os seus homens só tinham o pequeno revólver de Joe e a espingarda entre todos. Havia fortes probabilidades de alguns dos seus homens serem mortos, com sorte todos eles. Afinal, George ficaria desvairado quando descobrisse que tinham chegado demasiado tarde para salvar Harry e a rapariga dele.

Mas ele ficaria bem. Teria o dinheiro e desapareceria da casa com a droga muito antes. Bastava-lhe voltar a assumir a sua identidade verdadeira, e Duke Denning seria só mais um nome na mitologia do East End.

Serviu-se de uma pequena dose de *brandy*, só o suficiente para acalmar as borboletas no estômago, e levantou a manga para olhar para o relógio.

– Vais estar a olhar para um relógio de ouro não tarda nada – disse para consigo. – Deitado na praia na Florida sem uma única preocupação na vida!

Abriu o tampo da escrivaninha, tirou dela o seu livro de endereços e a sua agenda e meteu-os na pasta. Depois, tirando a chave do cofre do bolso, abriu-o também. Ironicamente, tinha sido a melhor noite desde a partida de Harry, mais de cinco mil libras já metidas no cofre durante a noite. Tirou o apuro do dia anterior do saco verde do banco, meteu-o solto na pasta e depois fez o mesmo ao apuro dessa noite. Um maço de envelopes do armário dos artigos de papelaria foi um bom substituto nos sacos do banco. Quando Needles ou Tony metessem no cofre o resto do apuro não reparariam em nada de diferente.

Só lhe restava vestir o casaco do fato e, ao endireitar a gravata em frente ao espelho, lançou um último olhar às fotografias de Harry de antigos pugilistas e estrelas de cinema. Por um momento, sentiu-se estranhamente triste. Agradava-lhe este clube, os clientes e até mesmo o pessoal. Mas sempre tinham pertencido a Harry. Mesmo que ele fosse um verdadeiro comprador daquele negócio, o clube nunca teria tanto sucesso como tivera com Harry.

Não ia desperdiçar a sua energia com arrependimentos, afinal planeava fazer fortuna e agora parecia que nem sequer iria ter de pagar aos homens a quantia final. Mesmo assim, não se conheciam muitos homens do calibre de Harry ao longo de uma vida inteira!

*

– Estou a vigiar todos os movimentos! – berrou Tara pelas escadas quando os homens começaram a descer para o escuro. – Abre a porta, Micky. Vocês os três fiquem para trás onde eu possa vê-los!

Tinha a sensação de que de cada poro do seu corpo estava a jorrar suor. Doía-lhe o estômago com uma combinação de terror, fome e náusea, e sabia com uma certeza absoluta que aqueles homens não se iam deixar ficar e permitir que ela os conduzisse para dentro da cela, por muito que acenasse com aquela arma.

Frank estava a gemer alto, ainda dobrado em dois. Uma preocupação natural com o ferimento dele entrava em conflito com a suspeita de que ele estava a fazer fitas, só para distrair a atenção dela o tempo suficiente para Joe ou Carl lhe darem uma pancada na cabeça.

Micky chegara agora à porta exterior. Mesmo no escuro, Tara viu que ele hesitava, a tentar avaliar o estado de espírito dos outros.

– Abre-a, Micky! – berrou ela. – Os outros esperem aí, não se mexam!

Ouviu o som de uma chave a desandar na fechadura.

– Boa, Micky – gritou. – Agora avança e abre a outra porta.

A não ser que ela se tivesse enganado completamente a respeito de Micky, tinha a certeza de que ele olharia por Harry. Mas quando Micky entrou na zona entre as duas portas, Tara sentiu uma vaga de ódio por ela dos outros homens. Frank virou o rosto para ela, lábios arreganhados. No rosto de Carl havia uma expressão fria. Estava a observar cada movimento que Tara fazia, e ela adivinhou que só estava à espera para lhe saltar em cima.

O seu pai, entretanto, encontrava-se ao fundo das escadas tão calmamente como se estivesse na fila para entrar numa casa de banho pública, e era esta

atitude que a enervava mais do que tudo.

A fechadura da porta da cela de Harry deu um estalido e um feixe de luz fraca escorreu lá de dentro.

– Harry! – berrou ela. – Sai daí! – Uma sombra derrubou o feixe de luz e de súbito ali estava Harry, apoiado a Micky. Tara sabia que ele tinha perdido uma enorme quantidade de sangue, porque já não conseguia distinguir a ligadura à volta da sua perna.

– Estás bem? – perguntou lá de cima.

– Melhor, agora que te vejo – balbuciou ele numa voz arrastada.

– Vem para cá com ele. – Tara acenou com a arma na direção da parte do corredor mais afastada da cela. – Joe, Carl, Frank, para dentro!

Eles não se moveram.

– Vocês ouviram-me, mexam-se! – Berrou mais alto desta vez, mas eles continuaram ali imóveis.

Ela sabia que estavam a pô-la à prova, certos de que ela não dispararia, de que o ferimento de Frank a assustara. Sentia as mãos tão pegajosas com o suor que mal conseguia segurar a arma; tinha de se firmar, de pernas afastadas, para que não lhe tremessem.

– Se eu premir este gatilho vai ser com a arma apontada a um de vocês – garantiu-lhes. – Não tenho medo de matar qualquer um de vocês. Não tenciono desperdiçar balas. Portanto mexam-se, ou um de vocês apanha um tiro.

Viu-os trocar olhares de puro desafio. Ela não tinha outra opção. Fazendo pontaria para as pernas de Carl, apertou o gatilho, segurando a arma com as

duas mãos. Mais uma vez deu um salto para trás com o estampido e a sua visão ficou obscurecida por um momento por um fumo azul.

Ouviu-o cair por terra. Soou como um saco de batatas a tombar no chão e quando o fumo se dissipou ela viu a expressão abismada no rosto de Joe e no de Frank. Carl parecia morto. A bala atingira-o no lado do corpo, o sangue começava a manchar rapidamente a sua camisa de cor clara e a sua boca estava aberta.

– Arraste-o para dentro da cela, Joe! – ordenou. – E você, Frank, a não ser que queira ver o meu próximo truque.

Puseram-se em movimento – Joe levantou Carl, Frank amparou-o do outro lado e arrastaram-no para a cela.

Ela tinha de descer agora. Não podia confiar em Micky para fechar a porta à chave, e, de qualquer maneira, Harry precisava de ajuda. Caminhando em grandes passadas até à porta interior da cela, com a arma ainda na mão, pegou nas chaves.

– Não sou tão desumana como vocês foram – disse ríspidamente. Eles tinham deitado Carl na cama, Frank estava sentado ao lado dele e Joe olhava para os dois. – Podem ir buscar água e usar a casa de banho. A polícia não tarda aí, nem a assistência médica!

Bateu com a porta exterior atrás de si e fechou-a à chave; só então olhou com atenção para Harry. Estava caído contra Micky como se a sua vida estivesse a esvair-se.

– Oh, Harry. – Correu para ele, entalando a arma no cinto das calças de ganga, e pôs as mãos à volta do seu rosto. – Já está quase acabado, aguenta-te mais um bocadinho, nós vamos-te levar lá para cima.

Meteu as chaves no bolso traseiro das calças e pôs o seu ombro debaixo do braço de Harry. Micky segurou-o do outro lado e lentamente subiram as escadas.

Harry respirava a custo, as suas pernas eram como borracha e gotejava sangue pela ligadura, descendo por um trilho já seco de sangue na sua canela.

– Julguei que te tinham matado – disse ele numa voz rouca.

Ao cimo das escadas, deitaram-no no soalho. Micky parecia assombrado, os seus caracóis escuros a tombarem-lhe sobre os olhos, a morder o lábio enquanto considerava a sua situação. Tara tomou uma decisão.

– Micky, vou-te deixar ir, até me vou esquecer do aspeto que tens. Só te peço que vás ao aeroporto e telefones a pedir uma ambulância. Posso confiar que fazes isso?

A expressão perturbada desapareceu do rosto dele.

– Prometes-me? – implorou ela, agarrando-lhe o braço. – Eu amo o Harry e ele morre se não for socorrido. Não me deceções.

Um gemido de Harry fez os dois debruçarem-se.

– Vem ter comigo quando tudo isto tiver acabado – disse Harry num tom ofegante. – Obrigado, pá!

– Eu vou agora. Não se preocupem, não os vou dececionar. – Micky correu ao andar de cima e desceu daí a uns segundos com um blusão de couro e um pequeno saco de viagem. Saiu pela janela das traseiras e partiu como uma lebre por entre os arbustos, e Tara virou-se para Harry, sentando-se no chão ao seu lado.

Ele abriu os olhos quando ela lhe tocou na testa e os seus lábios moveram-se para falar.

– Não tentes. – Tara beijou o dedo e pousou nos lábios dele. – Calculo que vai demorar dez minutos até ele chegar ao telefone, mais dez para a ambulância chegar aqui. Daqui a vinte minutos vais estar em segurança. Consegues aguentar-te?

Não foi exatamente um aceno da cabeça, mais um movimento dos olhos, que fechou a seguir como se a tentar excluir a dor. Ela nunca vira ninguém com um ar tão doente. Tinha as faces encovadas, os ossos a destacarem-se esqueléticos e agudos, a pele como pergaminho, cada respiração ofegante.

Tara encontrou um velho pano de cozinha. Encharcou-o em água fria e torceu-o, e depois voltou para junto de Harry e limpou-lhe o rosto e o cabelo.

Era muito estranho estar ali sentada no chão frio no escuro. O primeiro sol da manhã estava a infiltrar-se pelas janelas da frente, mas não chegava ao corredor onde se encontravam. Ela ouvia as aves a cantarem, o vento a sacudir as folhas e o ocasional ruído ténue vindo da cave.

Sentia-se muito suja e cansada. Ao fim de duas noites sem dormir, chegar a uma fase em que se se encostasse à parede adormeceria.

A arma estava a enterrar-se na sua cintura. Tirou-a e olhou-a pensativa, pasmada por ter de facto puxado o gatilho. Como a arma era demasiado grande para o bolso traseiro das calças, enfiou-a no *soutien* e abotoou a camisa.

Harry gemeu baixo e ela inclinou-se mais para ele. O seu hálito estava azedo e a sua respiração entrecortada, e vinha um cheiro mau da sua ferida. Mas uma coisa resultara de tudo isto. Ela ficara a conhecer a verdadeira dimensão do seu homem. Tinha orgulho, coragem e integridade, e ela amava-o tanto que doía.

– Não falta muito, minha doçura – murmurou-lhe ao ouvido. – Ele já deve ter chegado ao telefone.

Não ouviu nada. Foi só uma vaga sombra que a fez virar a cabeça.

Duke estava à porta da cozinha, com um blusão e umas calças de camuflado, o seu cabelo louro-branco imaculadamente penteado, a apontar-lhe uma arma. O grito dela foi involuntário.

– Afasta-te dele – ordenou Duke. – Deixa-te ficar sentada, recua só.

Tara fez o que ele ordenava. Como não sabia se ele estava sozinho ou se apanhara Micky a fugir, a única coisa que podia fazer era tentar ganhar tempo e manter-se calma.

A arma enfiada dentro do seu *soutien* fazia-a sentir-se mais confiante. Se ele se distraísse ela poderia sacar do revólver.

– Onde é que estão os meus homens? – perguntou ele. – Os seus lábios finos eram uma linha direita, os seus olhos mais frios do que o gelo, ela via que ele era como uma mola pronta a saltar e pensou que não hesitaria em disparar sobre ela.

– Fugiram – respondeu. Ele não podia ter apanhado Micky, ou não necessitaria de fazer aquela pergunta. – Acho que também levaram o material.

– Como é que vocês se soltaram? – A pergunta saiu como uma bala e ela viu suspeita em cada linha do seu corpo contraído.

– Eu dei-lhes a volta – respondeu ela num tom de desafio. – Prometi-lhes que não me ia lembrar do aspeto de nenhum deles quando a polícia chegasse. Só consegui chegar até aqui com o Harry. Ia agora buscar auxílio para ele.

– Ele parece estar para além de precisar de auxílio. – Duke aproximou-se e deu um pontapé no braço de Harry. Harry nem sequer abriu os olhos, só um gemido baixo e gorgolejante provou que ainda estava preso à vida por um fio.

– Não faça isso! – ripostou Tara. – Por favor, não o magoe mais!

Os lábios dele retorceram-se numa expressão de desprezo e nesse momento o som de uma pancada fê-lo virar a cabeça.

O coração de Tara caiu-lhe aos pés.

– O que foi aquilo? – Ele pôs-se à escuta, com a cabeça inclinada para o lado, enquanto Frank berrava insultos da cave.

– Eles estão lá em baixo, com um raio! – Duke puxou-a pelos cabelos a levantá-la. – Como é que os meteste lá dentro?

– Eu... eu... – gaguejou ela. – Tinha uma navalha.

Sabia que era inútil. A qualquer momento ele descobriria a verdade pelos seus homens ou a mataria, de qualquer maneira. Só lhe restava tentar ganhar tempo e esperar que a polícia chegasse primeiro.

– Não digas asneiras! – Bateu com o cano da arma no lado da cabeça dela com tanta força que a fez ver estrelas e puxou-a para trás pelo cabelo.

– Tenho uma navalha. Está no meu bolso – insistiu ela. – Quer que lha mostre?

Com a arma encostada à cabeça de Tara, Duke empurrou-a para trás contra a parede do corredor e largou o seu cabelo. Deslizou a mão pela sua anca e depois passou a arma para a outra mão para verificar do outro lado. Os dedos dele deram com o x-ato. Tirou-o, olhou para ela com um sorriso sarcástico e meteu-o ao bolso. A seguir, passou as mãos pelo rabo de Tara e tirou o molho de chaves.

– Certo, vamos lá abaixo perguntar-lhes o que aconteceu – disse, agarrando-a de novo pelo cabelo.

Era só uma questão de tempo, disse Tara para consigo. Fazer tudo tão lentamente quanto possível, prolongar ao máximo, até mesmo as respostas às perguntas dele. Se Micky dissesse aos serviços de emergência que se tratava de um ferimento de um tiro com certeza enviariam também a polícia. A qualquer momento ela ouviria as sirenes.

– Joe! – chamou Duke ao descender as escadas no escuro. – Como é que ela vos meteu todos aí dentro?

– Deu um tiro ao Carl e ao Frank – respondeu Joe.

– Com que arma?

– Com a minha. – Joe falou num tom abatido.

– Onde é que a arma está agora?

Tinham chegado à cave.

– Ela ainda a tem. – Desta vez foi Frank quem falou. – Tira-nos daqui, Duke, porra. O Carl ‘tá a morrer e eu ‘tou a sangrar como o raio dum porco. Tens de nos arranjar socorro.

– Onde é que está o Micky? – Duke virou-se para Tara, empurrando-a contra a parede e apontando-lhe a arma quase pelo nariz acima.

– Fugiu – disse ela. – Recorri a ele para me ajudar a levar o Harry lá para cima e ele saiu pela janela enquanto eu estava distraída.

– Onde é que está a arma? – Duke encostou a sua arma à têmpora dela.

– Lá em cima. Pousei-a depois de o Micky se ir embora. – Soltou um gemido, a desejar ser capaz de desatar a chorar de repente.

Duke lançou-lhe um olhar longo e duro que a fez sentir a barriga a transformar-se em gelatina, puxou-a com força para a frente pelo cabelo e abriu a porta da cave. Frank saiu a coxear primeiro, agarrado às virilhas.

– Dá-me a arma e eu acabo já com ela – rosnou. As suas calças de ganga estavam empapadas em sangue e o seu rosto parecia da cor da cal na penumbra.

– O Carl está muito mal – disse Joe de junto à cama. – Se o tirarmos daqui calculo que não sobrevive. Precisa de ir para o hospital.

– Deixa-o aí por agora – disse Duke, ainda a segurar Tara com força. – Só vim buscar o material e tenho de ir embora já. Vocês limpem isto primeiro e depois ponham-se ao fresco. Certifiquem-se de que não deixam nada.

– Então o qu' é que vais fazer quanto a ela? – perguntou Frank.

– Tu e o Joe podem resolver isso, e também o Harry – ripostou Duke. Empurrando-a à sua frente com a arma, subiu as escadas.

Duas coisas pareceram estranhas a Tara enquanto Duke a empurrava para o chão ao lado de Harry. Uma era que parecia estar cheio de pressa, a outra que não mostrava nenhuma preocupação pelos seus homens feridos. Ele atirou com a sua arma a Joe.

– Vigia-os – disse. – Frank, procura a arma do Joe!

Frank arrastou-se para a cozinha com a mão a segurar a sua ferida coberta de sangue. Duke foi ao andar de cima, deixando Tara com Harry e o pai dela a vigiá-los.

– O Duke vai pôr-se ao fresco com a droga – disse Tara em voz baixa. – Esqueça-nos e vá mas é vigiá-lo.

Interpretava as emoções no rosto dele tão claramente como em criança. Por um momento, esqueceu a cicatriz, a cabeça calva e até mesmo a ruindade dentro dele. Era o seu pai, e algures lá no fundo dela fermentava um pequeno vestígio de afeto.

Ele não queria matá-la, mas sabia que teria de o fazer. Não queria que os outros homens soubessem que ela era sua filha, mas estava a olhar para ela com orgulho. Também ele pressentira o que Duke estava a preparar-se para fazer, e suspeitava que ela enviara Micky a pedir auxílio. Porém, acima de tudo, Tara viu o desespero no seu rosto. Ele sabia que, fizesse o que fizesse agora, estava preso numa armadilha.

– Não ‘tá aqui – berrou Frank. – Aposto qu’ ela ainda a tem enfiada nas calcinhas.

Duke desceu as escadas com um saco de viagem na mão. Frank saiu para o corredor e Joe deixou-se ficar ali parado com a arma apontada a Tara.

– Ele quer deitar as culpas de tudo para si, Joe. – Tara falou rapidamente, com Duke a aproximar-se. – Ele vai fugir com aquele saco e deixá-lo a si a arcar com a culpa de tudo. Dispare sobre ele, não sobre mim!

Duke saltou na direção de Tara. Ela viu nos seus olhos que ele tinha subitamente compreendido onde a arma estava escondida, talvez até tivesse reparado no chumaço por baixo da sua camisa. Quando estendeu a mão para a agarrar, a voz de Joe soou alto.

– Tira as mãos de cima dela e larga esse saco!

Mas Duke ignorou-o, deitando a mão à camisa dela e expondo o seu peito com a arma enfiada no *soutien*.

O estampido da arma e a exclamação de «Cabra» de Duke foram simultâneos, mas só quando ele tombou para a frente na direção de Tara é

que ela se apercebeu de que Joe o atingira com um tiro nas costas.

Afastou-se para o lado, mas sem rapidez suficiente para evitar que Duke tombasse em cheio em cima dela, fazendo-a cair por baixo dele.

– Com uma porra, dá cabo dela e do Harry agora – ouviu Frank dizer.

A arma estava na mão dela quando afastou de si o corpo de Duke e se sentou. O rosto de Frank ficou branco como a cal e ele recuou para a janela aberta na cozinha. Joe tinha o saco numa mão, a arma de Duke na outra, mas manteve-se imóvel, a olhar para ela.

– Rebenta com ela, porra! – berrou Frank. – Vá lá, não amoleças agora, ela é uma vadia qualquer.

A mãe, a avó e Paul pareciam todos estar com ela naquela fração de segundo. Olhou o seu pai nos olhos e viu não o patife com uma cicatriz, não o bruto que espancara a sua mãe e aterrorizara o seu irmão, mas o homem que a levava às cavalitas em Petticoat Lane aos domingos. Os olhos dele suplicavam-lhe que o matasse.

– Não saíste nada má – disse em voz baixa. – Fá-lo. Não deixes que me levem!

O tiro dela e o som das sirenes ouviram-se ao mesmo tempo.

Tara apercebeu-se de que Frank saltara pela janela das traseiras; viu um fumo azul erguer-se no ar, sentiu o cheiro a explosivos misturado com o fedor pútrido da ferida de Harry. Mas os seus olhos estavam pregados no corpo do seu pai tombado no chão aos seus pés.

Não havia necessidade de tocar nele para confirmar que estava morto. O seu rosto estava em paz, quase a sorrir, até mesmo a cicatriz estava escondida, porque ele tombara de lado.

– Tara! – A voz rouca de Harry desviou-lhe a atenção do corpo. – Ouvi sirenes?

– Ouviste. – Baixou-se e beijou-lhe o rosto. – Vão-te pôr no hospital numa questão de minutos.

– Estás ferida? – Parecia incapaz de abrir os olhos, as palavras saíam-lhe arrastadas e quase inaudíveis.

– Não, meu querido, estou bem. Mesmo bem!

CAPÍTULO 37

— Miss Manning!

Tara forçou-se a abrir os olhos. Era a enfermeira, uma loura arrogante com mais de quarenta anos que estava a fulminar Tara com um olhar por cima dos óculos e a comprimir os lábios em reprovação.

Já era noite e ainda chovia como durante todo o dia, mas a sala de espera estava quente e abafada.

— Porque é que não vai para casa? Mr. Collins não vai poder ter visitas durante algum tempo. A menina está quase a ir-se abaixo!

— Não suporto a ideia de me ir embora. — Os olhos de Tara encheram-se de lágrimas. — Não me obrigue a ir!

A enfermeira abanou a cabeça, a dar a entender que considerava o comportamento de Tara melodramático.

— Ninguém a está a pôr fora, minha querida. Compreendo que passou por uma experiência terrível, mas tal como está agora não vai servir de muito ao seu namorado quando ele recobrar os sentidos.

Tara espetou o lábio inferior com petulância. A enfermeira abanou a cabeça mais uma vez e afastou-se.

Era perto da meia-noite e o dia passara numa névoa estranha, só com incidentes isolados a terem alguma espécie de impacto — o choque nos rostos dos polícias ao entrarem de roldão e darem com ela sentada no chão com dois homens mortos e um gravemente ferido; George a desmaiar quando viu dois corpos cobertos no chão.

George, Needles e Tony tinham chegado no momento em que a polícia estava a trazer Carl da cave numa padiola. Harry já se encontrava na

ambulância, mas o pobre George, ao ver dois vultos sem vida, pensou que eram Tara e Harry e caiu para o lado.

Quando chegaram ao hospital de Folkestone, ela tinha uma vaga recordação de alguém lhe dizer que precisava de um ponto no golpe acima do olho e que o inchaço na nuca devia ser doloroso, mas até àquele momento não se apercebera de que estava ferida. Todo o seu ser estava centrado em Harry, a esperar sentada na beira da cadeira enquanto lhe extraíam a bala e o levavam para os cuidados intensivos, a rezar por que ele sobrevivesse.

A polícia entrou uma série de vezes na sala de espera para lhe fazer mais perguntas. Alguns dos homens do gangue era seu conhecido antes deste incidente? Qual era o nome do quarto homem que tinha fugido? Porque é que Joe Spikes tinha matado Duke? E a pergunta mais difícil de todas, porque é que ela não contactara a polícia antes de se ir meter numa casa a milhas de qualquer sítio?

As perguntas sobre Josh passaram-lhe ao lado – não compreendia como é que esperavam que ela tivesse conhecimento das datas em que ele estivera fora do país ou como se envolvera naquilo.

Queria dormir, mas tinha medo de fechar os olhos. A polícia estava encantada por ter recuperado uma remessa tão grande de drogas e ainda mais encantada por ter prendido os perpetradores. Louvavam-na incessantemente pela sua coragem e maravilhavam-se que uma rapariga que não sabia nada sobre armas tivesse conseguido alvejar e disparar, não só uma vez, mas três.

Bem, talvez ela tivesse sido corajosa nessa altura, mas agora estava cheia de medo! Quanto tempo demorariam a descobrir que Joe Spikes era de facto Bill MacDonald e que todos os velhos esqueletos fossem tirados do armário e bem chocalhados?

As pessoas vê-la-iam como uma heroína quando soubessem que o homem que matara era o seu pai? E Simon Wainwright? Ele andava por aí, de olhos postos nela à espera. Devia falar sobre ele à polícia ou esquecer o assunto?

– Vá lá, miúda, tu vens comigo!

Tara virou a cabeça, surpreendida por ouvir a voz de George pela porta aberta da sala de espera. Ele regressara a Londres por volta do meio-dia com Needles e Tony.

– De onde é que apareceu assim de repente? – Tara esfregou os olhos, fatigada.

– Reservei quartos para ti e para mim e a Queenie numa pequena pensão do outro lado da rua – disse ele, puxando-a para a levantar e abraçando-a como se ela fosse uma menina pequena. – Não pensaste que eu ia ficar em Londres enquanto o meu rapaz está doente, pois não?

*

– Assim está melhor. – Queenie cacarejou como uma mãe-galinha quando Tara saiu da casa de banho para o pequeno quarto no último andar da casa com a camisa de noite que Queenie lhe trouxera de Londres. Puxou a roupa de cama para trás e esperou que Tara se deitasse. – Uma boa noite de sono é do que precisas. Bebe esse leite quente, deitámos-lhe uma gota de *brandy* para te mandar extra rápido p’rá terra do João Pestana. Se precisares de alguma coisa, estamos no quarto ao lado.

– Obrigada, Queenie. – Tara bebeu o leite e aconchegou-se debaixo das roupas de cama. – Sinto-me tão contente por terem vindo, tudo parece menos assustador agora.

– Bem, meu Deus, estás com melhor aspeto! – exclamou George quando Tara entrou na sala das refeições na manhã seguinte. Para além do ponto

acima do olho direito e de um pequeno inchaço e uma nódoa negra na face, parecia a Tara de sempre, com um brilho de volta aos olhos.

– Sinto-me melhor. Acabei de telefonar para o hospital. O Harry recuperou os sentidos logo a seguir a termos vindo embora ontem à noite e transferiram-no dos cuidados intensivos para uma enfermaria de recobro. – Tara sorriu aos dois. – E obrigada por estas roupas, Queenie. É bom vestir roupas lavadas.

Sentou-se à mesa com eles e pediu um pequeno-almoço cozinhado à dona da pensão. Queenie serviu-lhe uma chávena de chá.

– Suponho que vou voltar a ter de aguentar mais uma rajada de perguntas hoje? – disse Tara num tom resignado. Havia três outros casais na sala, todos com as orelhas espetadas.

George e Queenie trocaram olhares sobre o seu *bacon* com ovos.

– Eles não podem evitá-lo, meu amor – Queenie fez um sorriso reconfortante e baixou a voz para um murmúrio. – Quer dizer, eles têm de descobrir a verdade toda, não têm? Pelo menos a tua mãezinha estava enganada quanto a o teu pai estar ainda vivo. Que ninho de víboras que isso teria aberto!

Tara fitou Queenie, ainda a mexer o chá com a colher.

– Claro, suponho que não sabias disso? – Queenie interpretou o silêncio de Tara como incompreensão. – ‘Tás a ver, a tua mãezinha meteu-se-lhe na ideia que o Bill tinha de estar envolvido, com aquela casa a ser um sítio aonde ele ia dantes. A polícia pediu ao George que fosse ver o tipo lá na morgue.

– Uma tolice, não foi? – atalhou George, a sua voz como uma sirene de nevoeiro na pequena sala. – Ele era tanto com’ó Bill como o nosso ‘Arry é com’ó príncipe Carlos. O Bill podia ‘tar um bocado estragado pela pinga, mas era um brutamontes bem parecido. Aquele Joe Spikes parecia saído dum

filme de terror. – George fez um sorriso rasgado, mas por fim baixou a voz e prosseguiu num murmúrio. – Mas eles já sabiam que não era ele. O Bill tinha um tordo azul pequenino tatuado no ombro, não tinha?

– Tinha – respondeu Tara nervosamente. – E o Joe?

– Tinha todo o tipo de tatuagens que se possa imaginar, a cobrirem-lhe o peito, as costas e os braços. Mas não havia nenhum tordo azul.

– Eu nunca suportei ver homens com tatuagens. – Queenie comprimiu os lábios com repugnância. – Mostra que um homem é esquisito, deixar que lhe espetem agulhas por prazer.

– Ele não era assim tão mau. – Defender Joe parecia essencial, embora Tara não compreendesse bem porquê. – Se ele não tivesse sido um pouco razoável, eu não tinha conseguido deitar a mão à arma dele. E no fim ele optou por dar um tiro ao Duke em vez de a mim.

– Encontraram milhares de libras no carro do Duke – disse Queenie, com os seus olhos azuis iluminados com riso. – Foi uma sorte não ter deixado o carro dele perto de casa. Tinha voltado para dar com ele sem rodas, quanto mais o dinheiro. Era do clube, claro! Ele ‘tava preparar-se para fugir dos outros, acha a polícia! Saiu do clube pouco depois do George telefonar ‘ó Needles, parece que é capaz de ter ouvido a conversa.

– Encontraram o Frank, o que fugiu? – perguntou Tara.

– Encontraram, prenderam-no quando ia por um caminho de aldeia a menos de um quilómetro da casa – disse George. – Tem estado a guinchar com um porco à porta do matadouro. Contou à polícia que já tinha havido seis trabalhinhos antes. Na maior parte dos casos o Duke vinha buscar o material. Depois no clube combinavam um jogo de póquer privado e os

traficantes de todo o país vinham comprar a droga. Ontem à noite a polícia ‘teve a vigiar o clube, na esperança de arranjar pistas sobre esses traficantes.

Tara tapou a boca com a mão.

– Tinha-me esquecido. Tenho uma lista de números de telefone que tirei do clube. Deixei-a na minha mochila no jardim da casa.

– Podes-lhes dizer isso daqui a um bocado – tranquilizou-a George, arranjando um espaço na mesa para o pequeno-almoço que a dona da pensão estava a trazer. – Agora come isso tudo, ‘tás muito magricela!

– A polícia prendeu o Josh? – perguntou ela em voz baixa, consciente agora de que os outros hóspedes estavam a prolongar o seu pequeno-almoço de propósito.

– Desapareceu. – George abanou a cabeça. – Pelo menos, foi o que eles disseram ontem à noite. Apareceu nas notícias ontem, o mais certo é os jornais só falarem disso hoje, portanto não vai demorar muito tempo até alguém o ver.

Tara comeu o pequeno-almoço com apetite. Ao longo de todo o dia anterior, embora as pessoas lhe tivessem oferecido comida, ela não conseguira comer. Mas agora, depois de oito horas de sono e de saber que Harry estava melhor, sentia-se como uma pessoa nova.

*

A enfermaria de recobro estava cheia de sol. Ele dançava no chão brilhante, iluminando as muitas jarras com flores.

Uma enfermeira tinha barbeado Harry. Ele fez um sorriso rasgado ao ver Tara entrar na enfermaria e tentou sentar-se na cama.

– Para baixo – disse ela, dando-lhe uma palmada no pulso. – Tiveste uma recuperação incrível! Ou só estavas a fazer-te de morto?

– Mantive os olhos fechados para ninguém me pregar um tiro e depois acabei por gostar de estar assim – disse ele na brincadeira. – Agora dá-me um beijo para eu ver se todas as partes de mim ainda estão a funcionar.

Tara apercebia-se de que os outros homens na enfermaria estavam a olhar, mas inclinou-se para o beijar, de qualquer maneira.

– Está a funcionar – segredou Harry. Estremeceu a reconhecer o teu toque.
– Mais um beijo e é capaz de se pôr de pé.

– Não estás assim tão mal como isso. – Tara riu-se e puxou uma cadeira. Tomou as mãos de Harry nas suas e olhou para ele. Era tão atraente que sentiu um friozinho na barriga. Até o pijama verde-claro do hospital com «Folkestone General» estampado no bolso do peito lhe dava um ar de herói ferido.

– Mas agora a sério, como é que está a tua perna? – perguntou Tara.

– Dói-me, mas não tanto quanto seria de esperar. – Sorriu. – Sonhei que me estavam a amputar porque estava com gangrena, portanto quando acordei e vi que ainda a tinha fiquei nas nuvens. Nem sequer me importo que tenham deixado o raio de um grande buraco.

– Julguei que ias morrer – admitiu ela em voz baixa. – Enquanto o Joe deu um tiro ao Duke e depois eu dei um tiro ao Joe, tu nunca te mexeste nem gemeste nem nada.

– Tu foste qualquer coisa – disse ele, com uma expressão maravilhada nos olhos. – Mantiveste a calma, assumiste o comando. Só queria ter estado completamente consciente durante todo o tempo, que história para contar aos nossos filhos!

Tara corou e soltou uma risadinha.

– Vê lá como me tratas daqui para a frente – disse. – Eu posso dar-te com uma frigideira na cabeça ou atropelar-te com um corta-relvas.

O sorriso de Harry desvaneceu-se e uma expressão pensativa ocupou o seu lugar.

– É como um novo começo. – Tomou a mão dela nas suas, a querer dizer-lhe o que estava no seu coração. – Quando me deram um tiro e me atiraram outra vez para a cave, soube que iam acabar por me matar. Isso de certa maneira desanuviou-me o cérebro, fez-me ver o que era importante. Fiz um acordo com Ele. – Harry revirou os olhos na direção do céu. – Prometi que se Ele encontrasse uma maneira de me salvar eu ia encarregar de vez. Uma vida limpa, em que faça o bem, não só dinheiro. Quando tu apareceste, pensei para comigo que a mensagem era «Desculpa lá, nada de acordos, mas aqui tens um consolo de última hora». Depois tu desapareceste com o Carl e eu pensei que te tinham matado. Quis morrer também, Tara. Já nem sequer tinha medo, porque sabia que a vida sem ti não valia nada.

– Oh, Harry. – Tara inclinou-se para a frente e acariciou o seu cabelo comprido, a afastar-lho do rosto. – Nada disso tem importância agora. Estamos em segurança. Podemos começar tudo de novo.

– Estava tudo meio esfumado, de algum modo, mas ainda consigo ver-te naquele corredor escuro, a ordenares-lhes que entrassem na cave. – Fez um sorriso trémulo. – Eu queria ajudar, mas não era capaz. Julguei que te iam agarrar, mas depois tu deste um tiro ao Carl. Foste incrível!

– Pões isso de lado, Harry? – pediu-lhe ela, ao ver como ele estava perturbado.

– Não, tu não compreendes. – Apertou-lhe a mão com força. – Interpretei aquilo como um sinal, Tara, o acordo estava feito. Disse para comigo que nunca mais ia voltar para o clube. Nunca mais.

– Vais ter de voltar, até o venderes.

Harry abanou a cabeça.

– O Tony e o Needles podem geri-lo por agora – disse. – Eu fico com o prédio, proponho a alguém o arrendamento do clube por uns anos. Todos aqueles terrenos à beira-rio vão valer uma fortuna daqui a um ou dois anos. Se eu esperar, nós vamos fazer fortuna.

– Nós?

– Não te esqueceste da nossa promessa, pois não? – disse ele, estendendo a mão e acariciando-lhe o rosto. – Temos de nos casar mal eu saia daqui. Vamos viver na quinta?

Tara ouviu as suas palavras e soube que era o que queria. Mas ele passara por um trauma terrível e talvez daí a umas duas semanas as coisas lhe parecessem diferentes.

– Falamos sobre isso quando voltares a ficar bom. O George e a Queenie querem entrar agora, vou buscá-los?

– Desde que não te sirva de desculpa para te pirares para algum sítio. – Harry sorriu. – Mais um beijo antes de os ires buscar?

*

Tara seguia em grandes passadas pela Pembridge Road com um enorme ramo de flores numa das mãos e um saco cheio de comida na outra.

No dia seguinte, Needles ia buscar Harry e trazê-lo para o apartamento dela. Amy e Greg queriam que ele fosse levado para o Somerset, Queenie e

George queriam-no com eles. Mas Tara e Harry estavam fartos de ter pessoas a fazerem perguntas e a afadigarem-se à sua volta. Queriam ficar sozinhos.

George e Queenie tinham regressado a Londres três dias antes com a intenção de venderem o negócio e se aposentarem. Tara regressara no dia anterior para fazer uma limpeza de fundo ao apartamento e reabastecer os armários da cozinha.

Depois de saber que Harry estava a melhorar, a estadia em Folkestone foi como umas férias. Deu passeios à beira-mar, apanhou banhos de sol na praia entre as visitas ao hospital e leu revistas.

Frank tinha sido transferido de Folkestone para um hospital prisional, mas de facto a sua ferida era só superficial. Carl estivera entre a vida e a morte, e demoraria algum tempo até ficar suficientemente recuperado para ir a julgamento. Mas Micky continuava em liberdade. Embora a polícia soubesse que houvera um quarto homem na casa, até àquele momento não tinha conseguido encontrá-lo. Josh também não fora encontrado, mas constava que fugira do país.

A cada dia passado em Folkestone, Tara esperava ouvir que a polícia descobrira que Joe Spikes era de facto Bill MacDonald. Sentiu-se repetidamente tentada a desabafar com Harry ou George, mas conseguiu de algum modo manter o silêncio. No entanto, à noite aquilo atormentava-a, ficava acordada a imaginar situações em que a polícia vinha falar com ela e lhe apresentava as impressões digitais do seu pai. O que é que ela faria? Fingiria que não sabia? Choraria e contar-lhes-ia como o seu pai fora um bruto?

Tara estacou junto ao seu apartamento e franziu a testa. As cortinas estavam fechadas, e ela tinha a certeza que as deixara abertas no dia em que

entrara a correr para mudar de roupa antes de ir para Hythe.

- Talvez eu as tenha aberto? – Franziu a testa, a esforçar-se por se lembrar.
- Deves ter feito isso. – Encolheu os ombros e tirou a chave da mala de mão.
- Também não te lembravas de ter dito à polícia onde deixaste a mochila, mas disseste.

Uma pilha de cartas estava à espera dela na mesa do átrio do prédio. Pegou nelas, abriu a porta do apartamento e entrou, fechando a porta atrás de si com o pé enquanto folheava o correio.

Pressentiu que estava alguém ali um segundo antes de o ver de facto. Um cheiro ténue a suor e cigarros pairava no ar.

- Quem está aqui? – Um calafrio percorreu-lhe a espinha e o seu coração começou a bater acelerado.

– Sou só eu!

Girando sobre os calcanhares ao ouvir a voz de Josh, viu-o enroscado no chão a tentar esconder-se no espaço entre uma cómoda grande e a janela. Sentiu ódio, mais do que medo.

- O que é que estás a fazer aqui? – Deu um salto para a frente e arrastou-o pelos ombros.

– Não me batas! – Cobriu a cabeça com as mãos e naquele segundo o ódio transformou-se em mera repulsa.

O seu rosto estava branco como a cal, o seu cabelo espetado e a sua expressão era de puro terror.

- Não tinha mais nenhum sítio para onde ir – disse ele em voz baixa. – Precisava de tempo para pensar bem nas coisas e tu tinhas deixado uma chave extra no trabalho.

Tara olhou para ele e abanou a cabeça lentamente. Durante todos aqueles anos, tinha-o admirado, pensara que ele era corajoso, esperto e muito especial. Mas agora ele era só um garoto assustado que sabia que merecia um castigo mas não tinha coragem suficiente para se apresentar e o aceitar.

– Estou espantada com o teu atrevimento – ripostou ela. – Conspiraste contra o Harry, não te importavas nada de me ver morta. Traíste-me de mil e uma maneiras, e depois vens para aqui! Vou telefonar imediatamente à polícia!

– Não, por favor, não faças isso – suplicou ele. – Mais tarde, talvez, depois de termos falado, mas ainda não.

– Dá-me uma boa razão para eu partilhar sequer o mesmo ar contigo.

– Eu nunca quis que te fizessem mal – disse ele, e os seus grandes olhos escuros ficaram líquidos. – Por favor, acredita nisso, Tara. Eu só investi uma quantia inicial num plano que parecia que me ia dar a ganhar um quarto de um milhão de libras. Precisava do dinheiro para voltar a encarregar o negócio.

– Não me mintas ainda por cima de tudo o resto – disse Tara com desprezo. Josh estava a tremer da cabeça aos pés, a sua roupa estava engelhada e tinha uma barba espessa no queixo. – Querias tirar do caminho o Harry, isso era tão importante quanto o dinheiro. Viste-me ficar de coração partido porque ele se tinha ido embora, levaste-me a sair e tentaste fazer amor comigo, e durante todo esse tempo sabias que ele ia ser morto!

A culpa de Josh revelava-se claramente nos seus olhos.

– Sinto tanta vergonha. – Apertou os braços com mais força à volta dos joelhos. – Mas eu amo-te, Tara. Queria manter-te ao meu lado.

– Não percebes nada, seu idiota? – explodiu ela. – Eu sempre gostei de ti. Houve alturas em que pensei que eras o tal para mim. Mesmo que tivesse casado com o Harry acho que ia continuar a trabalhar para ti. – Dirigiu-se ao telefone e levantou o auscultador.

– Por favor, Tara – segredou ele. – Deixas-me só explicar primeiro?

Ela hesitou, lançando-lhe um olhar por cima do ombro. Conseguia ver que ele não era perigoso, e talvez necessitasse de ouvir o seu lado da história.

– OK, despacha-te lá. Dou-te dez minutos.

– Tu não sabias. – Josh esfregou as mãos. – Estou metido em apertos há algum tempo. A única maneira como podia salvar o meu negócio era investindo neste gangue para poder arranjar dinheiro suficiente para renovar as lojas. Estava desesperado. Não fui eu que sugeri que usássemos o clube do Harry ou o raptássemos, isso foi tudo pensado pelo Duke e pelo Joe Spikes.

Só a menção daquele nome fazia Tara sentir-se inquieta. Josh estaria a par da verdadeira identidade de Joe?

– Olha, Josh. – Pousou as compras em cima da mesa. – Eu vou fazer um chá para nós mas não interpretes isso como um sinal de fraqueza. Não vou dar guarida a um homem procurado pela polícia.

– É justo que assim seja. – O rosto dele descontraiu-se um pouco.

– Por amor de Deus, vai tomar um banho – disse ela. – Esta sala cheira mal que se farta e a maior parte do cheiro vem de ti.

– Não me atrevi a mexer na água. – A sua expressão era a de um rapazinho a pedir desculpa, mas pegou num pequeno saco de viagem e esgueirou-se para a casa de banho.

Tara estremeceu ao ver a sua pequena cozinha. Voavam moscas à volta de pratos sujos, todas as canecas tinham sido usadas e deixadas por lavar. O caixote do lixo estava a transbordar com latas vazias e o fogão estava imundo. Encheu o lava-louça com água quente com detergente, meteu os pratos sujos lá dentro e depois foi abrir as cortinas e as janelas. Fez um bule de chá e estava a pousá-lo em cima da mesa quando Josh voltou para a sala a cheirar a sabonete Camay e barbeado, de novo bem arranjado com umas calças de bombazina fina cinzentas e uma camisa azul-clara.

– Assim está melhor – disse ela num tom de aprovação. – Acho sempre que uma pessoa pode aguentar qualquer coisa depois de tomar um banho e mudar de roupa.

*

– Então, dizes que a ideia de raptar o Harry não foi tua?

– Não. Bem, em parte. Quer dizer, eles já tinham tudo planeado, mas eu contei-lhes umas coisas para ajudar. Estás a ver, eu financiei a coisa, mas não pertencia ao gangue.

– Foi o Wainwright quem fez os telefonemas?

Ele acenou com a cabeça, a confirmar.

– Então tu fizeste um acordo com ele antes, quando aconteceu o outro assunto?

– Não exatamente. Só fiquei com um número para o contactar se precisasse. Ele não sabia o que se estava a passar. Eu só lhe dei a informação sobre o Harry e o que dizer. Era só um trabalho de ator e uma oportunidade de se vingar, no que lhe dizia respeito.

– Como é que pudeste? – Tara abanou a cabeça, totalmente perplexa.

– Dás-me algum tempo antes de me denunciares? – pediu ele, os seus olhos como os de um cão.

– Eu não te vou denunciar. – Fez-lhe sinal para que se sentasse no sofá em frente a ela. – Tu podes ir-te entregar ou continuar fugido, o que preferires. Desde que não voltes a aproximar-te de mim.

– Não consigo suportar a ideia da prisão – disse ele, e bebeu um gole de chá.

– Talvez não vás para a prisão.

– Só não vou se as galinhas tiverem dentes – disse ele, abatido.

– Não sejas tão medricas! – ralhou ela. – Entrega-te! Fala com um advogado e ele arranja-te maneira de saíres sob fiança. Depois podes resolver alguma coisa quanto ao negócio. Já te passou pela cabeça que as empregadas das lojas estão à espera de saber o que se está a passar? Deves-lhes isso, fazer um esforço.

– Para quê? Não tenho dinheiro para dar a volta, pouco falta para ir à falência. Portanto, de que vale?

– Não acredito que as coisas estejam assim tão mal. – Tara sentia vontade de lhe pregar uma bofetada ao vê-lo ser assim tão patético. – Tens ativos, a casa, os carros e o aluguer das lojas, já para não mencionar a mercadoria, que podias vender por atacado.

Ele fechou os olhos e recostou-se no sofá.

– Vou abrir o jogo contigo – disse em voz fraca. – Estou queimado, Tara. O pouco talento que tinha já o esgotei. Ando a consumir drogas há tanto tempo que a minha vida gira em torno delas. Ultimamente, quase não consigo barbear-me, quanto mais organizar um negócio.

Tara abriu a boca para protestar, mas de repente viu. Os olhos mortiços, a palidez da sua pele. Era óbvio. Inclinou-se para a frente, desapertou-lhe o punho da camisa e arregaçou-lhe a manga. Riscos vermelhos e roxos de uma seringa pontuavam as suas veias.

– Oh, Josh. – Ficou com os olhos cheios de lágrimas. – Porquê? Tu sabias quais eram os perigos!

– Foi só anfetaminas ao princípio – explicou ele. – Precisava de mais energia, simplesmente não havia horas suficientes no dia. Depois foi cocaína, e por vezes as duas. Só comecei a injetar heroína este ano. Pareceu-me a solução ao princípio, eu estava a olhar para o futuro, a planear e a ser criativo outra vez. Mas depois a heroína dominou-me, não conseguia pensar em mais nada a não ser na dose seguinte.

– Quem dera que me tivesses contado. – Tomou as mãos dele entre as suas e apertou-lhas. – Eu tinha-te feito parar de alguma maneira. Que desperdício tão horrível.

– Tens razão, claro. – Fez um esgar. – Por vezes, detesto-me tanto que é insuportável.

– Vai à polícia! – Tara ajoelhou-se em frente a ele. – É um passo enorme, eu sei, mas depois de o dares vai ser mais fácil. Eu faço o que puder para segurar as coisas até conseguirmos encontrar uma solução a longo prazo.

Ele não lhe respondeu imediatamente, limitou-se a fitá-la com os seus grandes e tristes olhos castanhos.

– Pensei que me ias rejeitar – disse. – Mas deste-me a coragem de que eu precisava. – Inclinou-se para a frente, tomou o rosto dela nas mãos e beijou-a delicadamente no nariz. – Eu vou sair da tua vida agora e deixar-te encontrar o tipo de paz e felicidade que mereces.

Ela ficou a vê-lo descer a rua e fazer sinal a um táxi, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces. O andar audaz a balouçar os braços que recordava tinha desaparecido. Ele ia com as mãos metidas nos bolsos e o rosto escondido por trás de óculos de sol, mantendo-se colado às paredes, de ombros descaídos.

– Que desperdício – soluçou Tara. – Que terrível desperdício!

*

– Bem-vindo a casa! – gritou Tara quando Harry saiu do carro, e correu pelas escadas abaixo com os braços abertos.

– Tem mais cuidados com ele, Tara – reprovou Needles ao vê-la encher o rosto dele de beijos. – O homem é um inválido!

– Inválido o tanas! – Harry fez um sorriso maroto. – A minha recuperação só fica completa quando a Tara me der uma dose do remédio especial dela.

– Não me demoro por aqui, então. – Needles entregou a Tara um saco das compras. – Há uma muda de roupa aí dentro. Telefona-me se ele precisar de alguma coisa mais.

– Não queres entrar para tomar uma bebida ou um café? – apressou-se Tara a dizer, esperando soar sincera. – Quero saber coisas sobre o clube e outras.

– Vocês não me querem aqui. – Needles soltou uma das suas gargalhadas atroadoras. – Vocês os dois têm muito tempo perdido para recuperar.

– Obrigado, Needles. – Harry deu uma palmada nas costas ao amigo. – Foste uma joia. Eu contacto-te daqui a um ou dois dias.

Tara pôs o braço à volta de Harry para o ajudar a subir as escadas. Ele ainda coxeava, mas a todos os outros respeitos parecia o Harry de sempre.

Ele ficou por um momento à porta, já dentro do apartamento, a olhar à sua volta. Via-se bem que Tara fizera uma limpeza a fundo para a sua chegada; todas as superfícies, todos os ornamentos e os vidros dos quadros brilhavam. Havia flores na mesa e na estante, e ele reparou que ela tinha colocado um pequeno banco almofadado ao lado do seu cadeirão favorito para ele apoiar a perna.

– Sinto-me diferente aqui – disse ele, sem compreender realmente os seus sentimentos. – Como se tivesse deixado o Harry dos esquemas lá em baixo na rua algures.

– Isso é bom. – Havia riso na voz dela, mas também compreensão. Fechou a porta atrás deles. – Estás com fome?

– A morrer de fome.

– O que é que te apetece, então? – Passou os braços à volta dele e enterrou o rosto no seu pescoço.

– Apeteciam-me uns cem beijos. Apetecia-me tirar-te as roupas lentamente enquanto mordisco cada pedacinho da tua pele, e depois ver como me sinto. – Inclinou o rosto dela para o seu.

Os seus lábios estavam esfomeados, devoravam os dela, ao mesmo tempo que a abraçava com tanta força que ela sentia que as suas costelas poderiam ser esmagadas com a pressão.

– Tive tanto medo de nunca mais poder voltar a fazer isto – disse ele por fim num tom ofegante, soltando-a o tempo suficiente para olhar maravilhado para o rosto dela. Arrastou-a então para a cama, com os dedos a procurarem o fecho, os lábios no pescoço, nos ombros, nos seios dela.

Harry fora um amante soberbo desde a primeira vez, mas agora havia uma ternura extra em cada carícia. Os seus lábios pareciam saborear a suavidade e

o perfume da pele dela, os seus dedos estavam empenhados em dar-lhe o máximo de prazer. Lentamente, despiu a roupa dela e a sua e deitaram-se na cama.

A pele dele recuperara o seu habitual brilho dourado por ter estado sentado no jardim do hospital numa cadeira de rodas. Para além da ligadura grossa à volta da coxa, não havia sinais de como estivera perto da morte. Estendeu o braço para Tara e puxou-a para cima de si.

– Vais ter de fazer o trabalho todo – segredou-lhe, passando os dedos pelo cabelo dela. – Ajoelhar-me está fora de questão.

Era maravilhoso abraçá-lo, provocá-lo deixando que a penetrasse e depois afastando-se um pouco. Baixou-se para lhe beijar o pescoço, as orelhas e o peito, a ouvir a respiração dele tornar-se mais forte e estrangulada. Ele rolou na cama com ela, a brincar, a acariciá-la, mas de cada vez puxava-a de novo para cima de si.

– Deixa-me entrar em ti – suplicou, agarrando-lhe as ancas e puxando-a com força para si.

A expressão no seu rosto era de adoração quando ergueu as mãos para as pôr em concha sobre os seios dela. Ver o seu prazer intensificou o dela e, quando se inclinou para a frente para o beijar, a paixão chispou como açúcar atirado ao lume.

– Amo-te tanto. – A voz de Harry estava rouca com a emoção, e Tara movia-se mais rapidamente em cima dele, com os lábios colados aos dele.

– Não consigo aguentar mais – ouviu-o dizer a arfar, e os dedos dele cravaram-se nas suas nádegas como se receasse que ela pudesse afastar-se. Porém, no mesmo momento em que ele disse aquilo, ela sentiu o seu orgasmo

entrar em erupção dentro de si, levando-a a gritar o nome dele e a agarrar-lhe os ombros enquanto uma sensação descontrolada e excitante a dominava.

– Oh, Tara – ouviu-o segredar contra o seu pescoço. – Foi tão lindo.

Ela inclinou-se um pouco para trás para olhar para ele e sentiu o coração inchado com amor.

– Não consigo acreditar que sou capaz de sentir tanto amor, tanta ternura. É como nascer de novo, toda limpa e brilhante.

Deitados nos braços um do outro, entravam vozes vindas da rua pelas janelas abertas.

– Espero que não nos tenham ouvido – murmurou Tara. – É tão decadente fazer amor ao meio-dia, devíamos ter vergonha de nós mesmos.

– Esta é a melhor sensação do mundo. – Harry virou o rosto para os seios dela e fechou os olhos. – Não tenho de ir trabalhar e tu também não. Temos o resto das nossas vidas para sermos felizes juntos.

– Não podemos ficar aqui dentro para sempre. – Tara riu-se. – Alguém tem de fazer as coisas triviais como ganhar dinheiro para pagar a renda, ir às compras e à lavandaria.

– Não sejas prática hoje – instou ele, encostando de novo o rosto aos seios dela. – Podemos desfrutar um do outro, não temos de usar roupa, podemos até telefonar a pedir comida.

– Isso soa-me bastante bem – segredou ela. – Oh, Harry, amo-te.

*

A campainha da porta acordou-os.

– Quem poderá ser? – perguntou Tara, olhando para o relógio. Eram quase cinco horas. Tinham comido sanduíches e bebido vinho, fizeram amor outra

vez e depois dormiram. Ela vestiu uma *t-shirt* e aproximou-se da janela para espreitar lá para fora.

– Oh, merda, Harry, é a polícia – segredou. – O que é que podem querer de nós agora? Fingimos que não estamos cá?

Harry estava encostado às almofadas, com o seu cabelo comprido despenteado e o rosto suavizado pelo sono.

– Eles vão voltar, de qualquer maneira. – Sorriu. – Além disso, não temos nada a esconder.

– Fala por ti! – Vestiu à pressa as calcinhas e enfiou as calças de ganga. – Vais ficar aí deitado?

Harry puxou a colcha para cima atirou umas almofadas para cima dela e depois foi até à casa de banho para se vestir. A campainha voltou a tocar quando Tara estava a sair para o *hall*, a enfiar a *t-shirt* nas calças.

– Miss Manning? – perguntou o mais velho dos dois homens.

– Sim. – Tara sentiu uma pontada de medo. – O que se passa?

– Podemos entrar para falar com a menina? – disse ele num tom delicado que ela sabia significar algo desagradável. – É sobre o Joshua Bergman.

Ela fitou-os com os olhos esbugalhados enquanto eles relatavam como um vizinho telefonara para a esquadra de Chelsea para comunicar que Josh voltara para a sua casa já tarde na noite passada.

– Fomos lá pouco depois, mas não tivemos resposta e de facto julgámos que o vizinho se tinha enganado – disse o mais jovem dos dois agentes. Era muito louro, com pestanas quase brancas e olhos azul-pálidos. O mais velho tinha cabelo ralo arruivado e sardas e faltava-lhe um dente da frente.

– Poupem-na ao relato de todos os pormenores – disse Harry, pondo um braço à volta dela e apertando-a com força. – Passa-se algo de errado?

– Conseguimos entrar às dez da manhã de hoje. – O arruivado pareciam vagamente irritado pela tentativa de Harry de apressar o relato. – Encontrámos o Bergman morto na cama. Tinha tomado uma dose excessiva fatal.

Tara ouvia o que estavam a dizer, mas não conseguia acreditar. As últimas palavras de Josh para ela tinham sido que ela lhe dera a coragem de que necessitava.

– Mas porquê? Nós falámos ontem. Ele ia entregar-se à polícia. Não compreendo.

Tara não contara a Harry que Josh estivera ali. Não porque quisesse esconder-lho, mas porque a presença dele lhe arredara da mente o que acontecera. Agora, sentiu que ele ficava abespinhado.

– Desculpa, Harry. Devia ter-te contado que ele veio cá quando eu voltei de Folkestone. Foi só que tínhamos outras coisas a ocupar-nos a mente.

– Não tem mal. – Harry abraçou-a. – Deixa os agentes explicarem.

– Pela carta que ele deixou, diria que já não conseguia aguentar mais nada – disse o homem mais velho.

– Ele deixou uma carta? O que dizia? – Tara sentia vontade de chorar, mas forçou-se a não ceder ao impulso.

– Vai poder lê-la mais tarde. – O agente louro parecia ligeiramente embaraçado agora. – Uma grande parte dela diz respeito ao que ele sentia em relação à menina e ao negócio. Sugiro que nos acompanhe à esquadra; precisamos da sua colaboração em alguns aspetos da nossa investigação.

Foram conduzidos para dentro de uma pequena sala no primeiro andar da esquadra da polícia de Chelsea. Cheirava a beatas de cigarros e as janelas eram de vidro fosco de modo que as pessoas interrogadas nem sequer se podiam distrair com a vista. Mas o sargento Baldwin mostrou-se bondoso. Relatou como Josh fora encontrado, não aparentou nenhuma surpresa ao saber que Josh estivera escondido no apartamento de Tara antes de ela regressar a Londres e ainda menos por Josh não se ter ido entregar à polícia.

– Provavelmente, sentia-se mais assustado com a perspectiva de ficar sem heroína do que com o processo legal em si – disse delicadamente.

– Eu devia ter-vos telefonado ontem à noite para ver se ele se tinha ido entregar – disse ela, numa voz entrecortada. – Nunca me passou pela cabeça que ele acabasse com a própria vida.

– Tara. – A voz do sargento Baldwin era firme. – Posso dizer-lhe agora que não teria feito a mínima diferença. Quando alguém tenciona pôr termo à própria vida, arranja sempre maneira. Talvez fosse pior para si se ele se tivesse atirado para debaixo de um autocarro quando chegámos para o prender ou se tivesse enforcado na cela. Pelo menos, desta maneira a menina sabe que morreu em paz, da maneira que tinha escolhido.

– Mas é um tal desperdício, ele tinha tanto talento.

Baldwin disparou-lhe um olhar que sugeria que não via real perda em mais um drogado morrer pelas suas próprias mãos, mas estendeu o braço por cima da mesa e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Não se preocupe com isto – insistiu. – A menina e Mr. Collins já sofreram quanto baste e, pelo que o Bergman diz na carta, suspeito que ele andava a explorar o seu talento há muito tempo. Quer lê-la agora?

Tara olhou para Harry. Ele mostrara o seu apoio em silêncio, a mão dele na sua, mas ela sentia algum receio de que as últimas palavras de Josh para ela pudessem magoá-lo.

– Vá lá – instou Harry. – Talvez te confirme que ele sabia o que estava a fazer.

O sargento Baldwin entregou-lhe a carta.

Só olhar para a letra desenhada linda de Josh fê-la sentir uns picos nos olhos. Recordava-se de ele lhe contar que lhe fora ensinada por um rabino depois das aulas, porque o seu pai dizia que se podia ver se um homem tinha estudos pela caligrafia. Quando Tara começou a ler a carta, não conseguiu conter as lágrimas por mais tempo. Ali estava o verdadeiro Josh, um homem que nunca pertencera realmente a lado nenhum.

Estava simplesmente endereçada a «A quem me encontrar».

Decidi pôr fim à minha vida porque não vejo mais nenhum propósito para ela. O meu negócio está perto da falência, dececionei os meus pais. Sou um criminoso e um viciado em heroína. Abri caminho a mentir, exagerar e dar-me ares, estiquei demasiado o meu pouco talento e usei as pessoas em vez de ser seu amigo.

Arrependo-me da maior parte dos golpes baixos que preguei às pessoas, de todos os negócios que deixaram os outros com um travo amargo na boca e de ter tratado tão mal todas aquelas mulheres. Sentado aqui, a necessitar tão terrivelmente de um amigo, não consigo pensar numa única pessoa que não tenha usado e descartado, e sei que mereço o que me vai acontecer.

Mas de todas as pessoas que usei e magoei, a Tara Manning é quem mais me preocupa. Quero que se saiba agora que ela foi sempre a força

criativa por trás das lojas Josh. Foi o seu talento como estilista que me permitiu fazer fortuna, e no entanto sufoquei-a, amordacei-a e vendi-a para que ela nunca se desse conta de como era uma estrela tão brilhante.

Porquê? Por simples inveja, é tudo. Eu tinha andado nas Belas-Artes, provinha do meio certo, mas não tinha aquela centelha que ela tem.

Não há muito tempo para a indemnizar, mas telefonei esta tarde ao meu advogado, Mr. William Bennett da firma Bennett and Legett em Chancery Lane, e fiz um testamento.

Quero pedir desculpa agora a todas as pessoas a quem fiz mal. Aos meus pais, que talvez nunca venham a compreender. Ao Harry Collins, que penso que talvez compreenda. Mas acima de tudo à Tara, que não só me deu o seu melhor, mas no fim me apontou a direção certa.

Não cantem canções tristes por mim.

Joshua Bergman

Harry limitou-se a abraçar Tara enquanto ela chorava, aguardando pacientemente que os soluços se dissipassem, dando-lhe um lenço e passando-lhe a mão pelo cabelo.

O sargento Baldwin pigarreou e mudou de posição um ou dois papéis na sua secretária, ligeiramente embaraçado.

– É claro que a firma de advogados a que o Bergman se referiu entrará em contacto consigo a seu devido tempo, mas com certeza gostaria de fazer já uma ideia do que consta do testamento?

Harry ergueu a cabeça rapidamente, com os olhos brilhantes com interesse.

– O senhor sabe?

– As linhas gerais – disse o sargento. – Só os contactámos para nos assegurarmos de que ele não tinha depositado quantias avultadas ou até mesmo droga à guarda dos advogados, e, claro, para descobrir em que estado de espírito o Bergman lhes parecia na altura. Seja como for, ele não depositou nada. E estava absolutamente normal a todos os respeitos. Disse a Mr. Bennett que vinha entregar-se à polícia, pediu-lhe que recomendasse um advogado e queria um testamento simples redigido antes de o fazer.

– Que triste – murmurou Tara. – Imagine-se pensar nisso tudo, tentar endireitar tudo.

– E eles disseram-lhe o que ele pôs no testamento? – perguntou Harry, com alguma surpresa.

– Sim, para o caso de poder ajudar-nos na nossa investigação. Aparentemente, o Bergman queria que os advogados dele publicitassem esta carta e o conteúdo do testamento para não haver objeções ou dúvidas quanto às suas intenções.

– Bem? – Harry inclinou-se para a frente com impaciência.

– Deixou todos os seus bens a si, Miss Manning.

*

Foi só quando já estavam de novo em casa que o impacto total a atingiu. Dor por ter perdido um homem que fora tão importante na sua vida adulta. Culpa porque talvez lhe tivesse falhado, e fúria porque ele depositara um fardo aos seus pés em que ela não se sentia suficientemente forte para pegar.

– Porquê deixar-me o negócio dele? – soluçou. – Como é que ele esperava que eu conseguisse tratar dele se ele não conseguiu?

– Suponho que partiu do princípio de que tu terias a sensatez suficiente para procurar conselhos profissionais – disse Harry, sentando-se na cama e

puxando-a para a aconchegar nos seus braços. – Mas tu não estás só nisto, *baby*, tens-me a mim para te ajudar. Vamos pedir um relatório sobre as lojas, descobrir quais são as que estão a dar prejuízo e quais as que dão lucro. Talvez tenhas de fechar um par delas, trespassá-las e usar o dinheiro para atualizar as restantes.

Tara ficou em silêncio por algum tempo. Estava enroscada contra o corpo de Harry, mergulhada em pensamentos. Ele não fez nenhuma tentativa de quebrar o silêncio, consciente de que ela estava a processar os acontecimentos desse dia.

– Sabes como lá no Somerset há a ideia de que todas as mulheres da nossa família são azaradas? – desabafou de repente. – É o que isto tudo é. Mais um azar do diabo.

Harry abanou a cabeça.

– Não é assim. Tu subestimaste o Josh, minha doçura. Calculo que ele sabia que tu eras capaz de dar a volta ao negócio. Ele era um jogador, mas afastou-se das mesas de jogo desta vez enquanto tinha uma boa mão. Nós vamos pegar nessa mão, *baby*, e vamos ganhar, não só para nós, mas também para o Josh.

CAPÍTULO 38

Agosto de 1970

— Não está linda? – Tara virou-se para Harry e Queenie com os olhos a brilhar quando Amy se dirigia para o altar pelo braço de George.

A igreja estava cheia de flores. Na ponta de cada banco havia um ramo com heras, calêndulas e gipsófilas, havia cestos com rosas à volta do púlpito e enormes arranjos de ranúnculos e cravos em todas as superfícies à vista. Mas Amy suplantava as flores, radiante num vestido de seda de um rosa muito pálido e com uma tiara de botões de rosa cor-de-rosa. O vestido comprido era simples, o seu cabelo solto sobre os ombros como o usava na maior parte do tempo, mas era o júbilo no seu rosto que a transformava em motivo de deslumbramento.

Quando Amy chegou ao banco da frente, olhou para o lado, para Tara, e sorriu. Greg virou-se da sua posição junto ao gradeamento do altar, com uma expressão beatífica no rosto.

Harry pegou discretamente na mão de Tara e apertou-lha, a recordar-lhe que em breve seriam eles no altar.

*

Contara com animosidade da parte dos pais de Josh, mas eles estavam demasiado destroçados com a morte do filho para quererem saber do seu negócio. O pai dele beijou-a em ambas as faces, desejou-lhe boa sorte e disse-lhe que fizesse o que fosse necessário.

Sob a orientação do contabilista de Josh, Tara analisou o potencial de lucro de cada uma das quatro lojas e concluiu que só poderia manter a loja da Church Street em Kensington. As outras três foram trespassadas e o pessoal indemnizado. O armazém em Fulham foi vendido em leilão, rendendo o

suficiente para pagar as dívidas de Josh. Por fim, ela deixou o seu apartamento e voltou a mudar-se para o espaço por cima da loja de Church Street.

Em tudo aquilo, não poderia ter-se desenvencilhado sem Harry. Ele não só ouvia pacientemente as suas preocupações, mas também era rápido a compreender os dados e astuto na avaliação do carácter das pessoas e sabia lidar com agentes imobiliários e potenciais compradores melhor do que alguém que ela alguma vez tivesse conhecido. Mas onde realmente revelou os seus verdadeiros dotes foi na renovação da loja de Church Street, não só poupando uma fortuna ao contratar homens para trabalharem sob a sua direção, mas também quando abordou um jornal de domingo para que publicasse um esboço da nova loja e o persuadiu a fazer um artigo sobre Tara.

Josh teria adorado a maneira como a imprensa andava à volta deles. Uma ironia trágica, talvez, que ele tivesse de ter morrido para obter aquele tipo de cobertura, mas por outro lado era ele quem pregava que se explorasse todas as oportunidades e mais alguma.

Ela e Harry estavam na berra, uma história que tinha tudo – raptos, contrabando de droga, homicídios. Tinha um herói jogador bem parecido, uma heroína linda, talentosa e corajosa. Eles sentiam ser seu dever dar um final verdadeiramente feliz à história, ultrapassando tudo o que Josh fizera.

Tudo era simplesmente perfeito, exceto a sensação de culpa!

Não fazia nenhuma diferença que dissesse a si mesma com frequência que estava a reter informações sobre o seu pai para proteger a sua mãe. Ela sabia a verdade. Não conseguia encarar o facto de que matara o seu pai.

A congregação pôs-se de pé para cantar o hino *Love Divine, All Love Excelling*. Chegara o momento de seguir Amy e Greg para a sacristia para testemunhar a assinatura do registo, juntamente com Reg Beamish, o padrinho, Harry, George e Queenie.

Um feixe de luz do sol dançava no cabelo louro de Amy quando se sentou à secretária.

– Permitam-me que seja o primeiro a congratular os dois. – O reverendo Williamson estendeu a mão, primeiro a Amy e depois a Greg.

Ele e Greg partilhavam um grande número de interesses, a pesca, os cães e o críquete. Contudo, ao passo que Greg tinha um rosto redondo, gorducho e jovial, o padre era alto e extremamente magro, usava óculos de aros dourados e tinha uns modos lúgubres.

– Desejo-vos amor e felicidade – prosseguiu, com um sorriso caloroso a iluminar o seu rosto comprido. – Este é todo um novo capítulo nas vossas vidas.

Harry viu Tara abraçar a mãe. Como sempre, maravilhou-se com a beleza das duas. Tara era mais alta e o seu cabelo louro arruivado e a sua pele de pêssago muito mais dramáticos do que os tons de rosa inglesa de Amy. O vestido comprido verde-claro de Tara complementava o vestido de um rosa-pálido de Amy, como duas flores num jardim.

Queenie avançou para beijar Amy. Também ela estava linda, mas como uma dália ao lado de primulas. Do chapéu de um cor-de-rosa vivo ao vestido e casaco cor-de-rosa às pintas brancas, parecia tão sofisticada como uma estrela de cinema. Harry sorriu à sua madrastra, a adorá-la pela felicidade que dera ao seu pai. George vestira-se comedidamente hoje, com um fato cinzento-claro e uma gravata discreta, mas mesmo com roupas que não

davam nas vistas o seu rosto corado e sorridente traía a sua verdadeira natureza.

– Sejam felizes – disse Harry ao beijar Amy. Estendeu a mão para apertar a de Greg, mas o gesto transformou-se num abraço. Harry sentia grande admiração por Greg. A sua força tranquila, a sua paciência, a sua bondade e o seu sentido de humor destacavam-no dos outros homens.

– Apressem-se a dar o nó. – Greg sorriu, com os seus olhos pálidos a brilharem com lágrimas contidas ao retribuir o abraço. – Posso recomendá-lo!

Foi quando Amy pôs o seu ramo na sepultura conjunta de Paul e Mabel que Harry se apercebeu de que Tara estava de novo melancólica.

Às seis da tarde ainda fazia calor e o enorme teixo lançava uma sombra comprida sobre o adro da igreja. Eles os quatro tinham ido a pé à igreja depois da festa do casamento no Crown e, apesar da natureza emotiva daquele passeio, tanto Amy como Tara estavam muito bem-dispostas.

Harry nunca estivera numa festa de casamento com um ambiente tão bom como o daquela. A comida era boa, o vinho jorrava tão livremente como a conversa e o riso, mas em várias ocasiões Harry reparou que Tara ficava ensimesmada.

Acontecera muitas vezes desde que ele tivera alta do hospital, e de cada vez ela riu-se a arredar a preocupação dele, insistindo que só estava a pensar na loja. Mas ele sabia que nesta ocasião ela deixara os negócios em Londres, pelo que parecia correto deduzir que a coisa que a estava a perturbar se encontrava aqui, relacionada com a sua mãe.

Ele e Greg sentaram-se ao sol nos degraus da velha cruz decepada do mercado, enquanto Tara e Amy se encontravam acoradas junto à sepultura.

– Há alguma coisa a preocupar a Tara – desabafou Harry sem pensar antes de falar.

Greg olhou para ele, o seu rosto bem-disposto sério por um momento.

– Eu sei. – Acenou com a cabeça. – A Amy reparou.

– Ela faz alguma ideia do motivo? – Harry inclinou-se para a frente e pousou os cotovelos nos joelhos. – Quer dizer, a Tara diz que só está a pensar nos negócios mas eu sei que não é isso.

Greg encolheu os ombros.

– Ela pensou que era a morte da Mabel, até ontem ao fim da tarde. Foram à quinta para ver o Stan e a Amy perguntou-lhe se tinha receio de voltar lá. Ao que parece, a Tara só se riu e disse: «Ele não vai voltar».

– Ele não vai voltar! – repetiu Harry. – O Paul? Ou o assassino?

– Não sei. – Greg abanou a cabeça. – A Amy tentou fazê-la continuar a falar, mas ela fechou-se em copas.

Harry e Greg afastaram-se um do outro nesse momento, quando Amy e Tara vieram juntar-se a eles.

– São horas de irmos indo. – Amy sorriu a Greg, com o seu cabelo louro a brilhar à luz do sol. – Caso contrário, não chegamos lá antes de ser noite.

*

– Apetece-te ir dar um passeio? – perguntou Harry a Tara.

Greg e Amy tinham partido para a sua lua-de-mel em Porlock há mais de uma hora, e Queenie e George estavam a cabecear nos seus cadeirões. Greg convidara-os a todos a ficarem em sua casa para umas férias. Harry e Tara não podiam ausentar-se mais do que um fim de semana, mas via-se bem que George e Queenie se sentiam em casa. *Winston* estava a aproveitar-se da

situação, estendido no sofá com um olho aberto, como se a desafiá-los a atreverem-se a enxotá-lo.

– Até onde? – perguntou Tara quando saíram para o *hall*. – Até lá abaixo ao lago?

– Pensei em irmos à quinta – lançou Harry por cima do ombro casualmente. – Só dar uma vista de olhos e ver como nos sentimos em relação a ela agora.

Tara encolheu os ombros. Mudarem-se para a quinta não fora mencionado por nenhum deles desde que Harry estivera no hospital. Andavam os dois demasiado ocupados a rematar as questões relativas ao negócio de Josh e a não pensarem mais para além do casamento.

– Não nos podemos livrar dela nem que queiramos!

– Tanto mais razão para ir lá vê-la, então. – Harry seguiu-a para fora de casa e fechou a porta atrás deles. – Devíamos fazer planos a longo prazo, não é justo para com o Greg e a tua mãe que os deixemos com toda a responsabilidade sem lhes dizer nada.

Tara não respondeu por um momento, limitando-se a enfiar a mão no braço dele ao atravessarem o caminho ensaibrado para a rua principal. Mudara de roupa desde a festa do casamento, para uma saia comprida indiana, um *top* de algodão enrugado e sandálias.

– A minha avó não ma devia ter deixado – disse de repente quando viraram para a estrada na direção da quinta. – A minha mãe merecia ter sido mais bem tratada.

– Acho que a tua avó era uma velhota esperta – respondeu Harry. – Ao obrigar-te a ficar com ela até fazeres trinta anos assegurou-se de que tu e a tua mãe tinham tempo para pensar em tudo. Da maneira como o preço dos

terrenos está a subir, vai ter aumentado de valor nessa altura, e entretanto continua a providenciar um rendimento e um sítio onde viver à Amy se ela precisar.

Tara parou na ponte pouco antes da quinta e pousou os braços no parapeito.

– Não se têm vistas como esta em Londres – disse Harry, parando ao seu lado.

O rio serpenteava pelo prado, a contornar as traseiras da quinta. Até onde a vista alcançava, campos e árvores estendiam-se até ao infinito.

– Dizem que cura verrugas – disse ela.

– O quê? – perguntou Harry.

– A água ali em baixo. – Tara apontou para um espaço escavado no pilar de pedra. – Não sei se resulta, nunca tive uma verruga para experimentar.

– E problemas secretos? – Harry inclinou-se, molhou um dedo na água acumulada ali e passou-lho na testa. – Curava esses?

Uma expressão reservada assomou aos olhos de Tara. Queria contar tudo a Harry, era um segredo demasiado grande para o guardar para si, mas algo a impedia sempre.

– Não faço ideia. Também não tenho desses – disse ela, demasiado facilmente.

– Não digas mentiras – disse Harry com um ar sério. – Conta-me o que te anda a preocupar.

Ela inclinou-se mais sobre a ponte, a olhar atentamente para a água.

– Eu sei que há alguma coisa – insistiu ele. – E não digas que são preocupações com o negócio, porque não vou acreditar.

Pôs-se atrás dela, pousou as mãos nos seus ombros e massajou-os delicadamente com os dedos.

– Bem?

Ela suspirou e endireitou-se, virando-se para olhar para ele.

– Se tivesses um segredo que poderia tornar as coisas más não só para ti, mas para todas as pessoas de quem gostas, contava-lo?

– Isso depende. – Harry sopesou a questão. – Se fosse algo como ter uma doença incurável, provavelmente ia querer guardar segredo. Mas isso seria justo? O George, a Queenie e tu poderiam ficar furiosos quando eu batesse a bota, porque não vos tinha dado todo o tempo para dizerem e fazerem as coisas que queriam.

– Vamos continuar a andar. – Ela virou-se para ele e pegou-lhe na mão. – Quero entrar na casa da quinta.

Parou ao passarem pelo muro onde Paul morrera. Alguns anos antes, Amy plantara algumas plantas resistentes para que crescessem no muro, metendo terra nas fendas. Era uma cascata de pequenas flores roxas misturadas com algumas vermelhas e cor-de-rosa que, de uma forma estranha, parecia um memorial a Paul.

– Está bonito. – Harry apercebeu-se de que não obteria nada dela fazendo-lhe perguntas diretas. – É espantoso como a Mãe Natureza consegue disfarçar sem esforço nenhum.

– Na altura, pensei que nunca mais me ia livrar daquela imagem – disse Tara em voz baixa. – De cada vez que fechava os olhos, via o corpinho dele naquela máquina. Mas já nunca penso nele dessa maneira. Só recordo os tempos felizes.

– De novo a Mãe Natureza. – Harry fez-lhe uma festa na face. – Suponho que um dia vou olhar para a cicatriz na minha perna e descobrir que não me consigo lembrar de como me doeu ou de como me senti assustado.

O terreiro estava com o mesmo aspeto de sempre. A porta do celeiro encontrava-se aberta e andavam por ali umas galinhas a entrar e a sair. O vento que vinha do prado trazia o cheiro de feno cortado de fresco, e os gerânios de Amy caíam em cascata sobre a beira de uma velha pia. Harry abriu a parte de cima da porta do estábulo e *Betsy* relinchou uma saudação.

– Ainda me lembro claramente de como o meu pai era mau para a mãe e para o Paul – desabafou Tara nas costas dele. – A passagem dos anos não me desvaneceu isso da memória. Fiquei contente quando a polícia veio cá e nos disse que ele tinha morrido, mesmo contente.

Harry virou-se da velha égua. Os olhos de Tara estavam a chispar com fogo e o seu cabelo a ficar vermelho à luz do pôr do sol.

– Isso é compreensível – disse ele a tranquilizá-la, preocupado com a expressão intensa dela. – Vamos entrar e fazer um chá.

Ela afastou-se dele em passos rápidos para a porta das traseiras, levantou o tijolo solto debaixo do qual se guardava a chave e pegou nela.

– A minha mãe não sentiu o mesmo encanto que eu – disse em voz baixa. – Nunca consegui compreender porquê, Harry. Ela chorou quando a polícia disse que ele estava morto. Sabia que ele tinha matado um padre, tinha-a magoado e ao Paul um sem-número de vezes, fez-nos sofrer a todos, mas mesmo assim chorou por ele.

– Bem, ela tinha-o amado. Talvez o amor não morra completamente, nem sequer depois de tudo o que ele fez.

– Ela fez-me sentir mal por ter ficado contente com a notícia. – Tara desandou a chave na fechadura e a porta abriu-se.

– «Contente» não é a palavra adequada. – Harry seguiu-a para dentro da casa. – Aliviada, talvez.

– É a mesma coisa – retorquiu Tara, erguendo o tampo do Aga com a força do hábito e baixando-o de novo quando se lembrou de que não era aceso há meses.

Harry abanou a cabeça, pegou na chaleira elétrica e encheu-a no lava-louça. Tara não voltou a falar durante algum tempo. Ocupou-se a abrir armários e gavetas, a tirar chávenas e a pô-las em cima da mesa, a passar os dedos pelas superfícies para ver se tinham pó.

Harry sentou-se à mesa. Estava quase escuro lá fora, o sol tão vermelho como uma bola de fogo por trás da torre da igreja. Sentia tão claramente a presença de Mabel na cozinha que juraria que ela estava sentada em frente a ele.

– Não julguei que a minha mãe fosse gostar de vir cá. – Havia uma ligeira tensão na voz de Tara. – Não achas estranho que ela mantenha a casa tão bem arranjada?

– Estranho, não. Agradável! – Harry olhou à sua volta, mais preocupado com o facto de Tara estar a parecer estranha do que com Amy. – Quer dizer que não se sente ameaçada, não tem medo. Isso é bom, não é?

Tara não respondeu, limitando-se a estender o braço para a prateleira por cima do Aga e pegar na lata do chá.

Ele sabia que era o movimento familiar, a recordação de todas aquelas vezes em que vira Mabel realizar a mesma rotina, mas por uma fração de segundo a rapariga diante dele estava com um vestido escuro à moda

vitoriana e tinha o cabelo em tranças grossas e brilhantes enroscadas de cada lado da cabeça.

– Harry! – A voz de Tara trespassou aquela visão. Mais uma vez a rapariga era Tara, a olhar para ele com uma expressão de estranheza.

– O que é que se passa? Ficaste todo esquisito!

Harry sorriu.

– Estava a pensar na tua avó – disse. – Dá a sensação de como se ela ainda estivesse aqui.

– Ela disse-me uma vez que sentia muitas vezes a presença da mãe dela aqui. – Tara pousou o bule em cima da mesa. – Disse que era reconfortante, mas nunca mais voltou a senti-la depois de a mãe, o Paul e eu nos mudarmos para cá.

Beberam o chá num silêncio agradável, com a cozinha a ficar mais escura à medida que o sol ia desaparecendo de vista.

Quando Tara se pôs de pé, Harry pensou que ia acender a luz, mas em vez disso ela pegou num velho castiçal do aparador, tirou uma vela da gaveta, encaixou-a no castiçal e depois acendeu-a.

– Abraça-me, Harry – murmurou, pousando o castiçal em cima da mesa.

Harry estendeu os braços e puxou-a para o seu colo.

– O que se passa? – perguntou com meiguice, a roçar os lábios no pescoço dela.

– Não sei – murmurou ela. – Tenho a sensação de que esta casa tem algumas respostas, alguma coisa tem de acontecer aqui. Não consigo explicar.

Harry sabia, embora não fosse capaz de o pôr em palavras.

Tara parecia etérea à luz da vela, o seu cabelo brilhante, os olhos cintilantes, os lábios cheios e húmidos.

– Eu quero-te – disse Harry, afastando-lhe a blusa do ombro e inclinando-se para a frente para beijar a sua pele brilhante. Ela cheirava a lilases, e ele ouviu o seu coração bater mais acelerado quando começou a desapertar os botões na frente da sua blusa. Ela inclinou-se para ele, ergueu-lhe a cabeça entre as mãos e aproximou os seus lábios, que sabiam ligeiramente a limão.

– Amo-te – disse ofegante, virando-se no seu regaço até ficar sentada a cavalo nele e pressionando o seu corpo com força contra o dele.

A sua blusa tombou no chão. Harry arredou-lhe a saia, puxou as calcinhas para um lado e enfiou os dedos com força dentro dela.

– Isso é tão bom. – Tara suspirou, arqueando as costas e inclinando-se para trás, a menear-se sobre os seus dedos. – Mais!

Os seus lábios estavam nos mamilos dela, uma mão a acariciá-la e a outra a segurá-la no seu regaço. O seu pénis estava tão duro que doía e por um momento ele pensou em deitá-la no chão da cozinha e penetrá-la ali.

Mas o perfume de lilases da sua pele, o seu cabelo sedoso no rosto dele e os seus lábios a saberem a limão recordaram-lhe todas as outras mulheres lindas que tinham vivido, amado e perdido nesta casa. Pôs-se de pé, apertando-a a si, com as pernas dela à volta da cintura dele.

– Lá em cima – disse em voz rouca, com os lábios ainda colados ao seu seio. – Segura a vela!

Foi para o antigo quarto de Mabel que se dirigiu, sem saber porquê, e quando levantou o trinco o aroma a laranja e cravo dos saquinhos que ela pendurava nos seus armários encheu-lhe as narinas.

– Porquê este quarto? – murmurou Tara com os lábios no seu pescoço e as coxas a apertá-lo com mais força ainda.

– Para arredar fantasmas! – murmurou Harry em resposta, e abriu a porta para trás.

A velha cama com entalhes, coberta com uma manta de retalhos colorida, parecia chamá-los. Harry pousou Tara e quando ela pôs o castiçal na mesa de cabeceira ele já tinha despido as roupas.

Ela parecia uma deusa quando se levantou para desapertar a saia – seios cheios e firmes parcialmente cobertos pelo cabelo, a pele a brilhar à luz da vela. Sorriu quando a saia tombou no chão. Harry recostou-se na almofada e ficou a vê-la enfiar os dedos no elástico das suas calcinhas brancas e puxá-las lentamente para baixo.

– Vem cá! – segredou. – Vou-te amar até tu gritares por misericórdia!

Já tinham feito amor de forma memorável muitas vezes, mas aquela vez eclipsou tudo. Harry conteve o seu desejo de a penetrar e usou a língua e os dedos para a levar à beira do orgasmo uma e outra vez. Beijou e acariciou cada centímetro da sua pele, inspirou profundamente o cheiro e o sabor dela, sabendo que mais nenhuma mulher alguma vez o faria sentir-se assim.

– Entra em mim agora! – gritou Tara, com a língua dele a penetrá-la bem fundo. Cravou os dedos no cabelo dele, arrastou-o por cima da barriga, com a respiração acelerada em golfadas quentes.

– Diz outra vez. – Harry ajoelhou-se entre as pernas dela. Ela contorcia-se, com a ponta da língua a tocar os seus lábios inchados e as mãos a estenderem-se desesperadamente para ele.

– Entra em mim agora! – repetiu, e os seus adoráveis olhos cor de âmbar brilhavam na penumbra.

Estava muito quente e húmida. Enroscou as pernas à volta das costas de Harry, a puxá-lo para si, unhas enterradas nas suas costas, e Harry sentiu que ela se vinha quase imediatamente.

– Amo-te – disse, a penetrá-la com mais força e mais fundo. – Vou-te amar para sempre.

*

Já era muito tarde quando uma friagem se insinuou no quarto e os fez tremer, deitados nos braços um do outro.

– Devíamos ir para casa – segredou Harry.

– Esta é a nossa casa – respondeu Tara num murmúrio. – Sinto-a a dar-nos as boas-vindas, a querer-me aqui.

Harry puxou a manta de retalhos a cobri-los e voltou a puxar Tara para os seus braços.

– Todas as respostas estão aqui – disse em voz baixa. Não sabia exatamente o que o levara a dizer aquilo ou até o que queria dizer exatamente.

– Eu sei. – Tara enterrou o rosto no seu ombro. – Até compreendo porque é que o meu pai pôs a avó na cama.

Harry sentiu que tinha de suspender a respiração até ela ter explicado aquela frase estranha.

– Ela fê-lo recordar-se de mim depois de a ter estrangulado, e não podia deixá-la amarrada aquela cadeira. Trouxe-a cá para cima tão ternamente como tu me trouxeste e meteu-a nesta cama.

A vela estava a chispar a chegar ao fim, deixando apenas luz suficiente para Harry ver o rosto de Tara brilhar com uma perceção misteriosa.

– Ele não veio cá para fazer mal a ninguém, pensou que podia entrar à socapa, descobrir onde nós estávamos e depois ir embora. Mas a minha avó ouviu-o e reconheceu-lhe a voz tal e qual como eu.

– Não compreendo – disse Harry, no momento em que a vela finalmente se apagou.

– O Joe Spikes era o meu pai, Harry. Foi por isso que nós pudemos ir em liberdade e que ele matou o Duke.

*

O sol estava a nascer, uma luz cor-de-rosa fraca a incidir no canto superior direito da janela como se estivesse a tentar espreitar para dentro.

Tara tinha contado a história verdadeira e depois tombara num sono profundo e tranquilo. Harry dormitara intermitentemente, mas a sua mente andava de tal modo às voltas com emoções em conflito que não conseguia relaxar completamente.

Estava espantado por ela ter guardado um tal segredo para si, sentia-se um pouco tonto por não lhe ter ocorrido a verdade antes, e magoado por ela não ter confiado o suficiente nele para o partilhar. Mas a honestidade era a única maneira de Tara sarar completamente. Daí a umas horas, levá-la-ia à esquadra e deixaria que eles decidissem como tratar do caso.

MacDonald era um homem manhoso, perverso e implacável, e Harry não tinha nenhuma dúvida de que se Tara não tivesse aparecido quando apareceu ele estaria agora morto. No entanto, havia esta única réstia de decência que o redimia. Preferira morrer a fazer mal à sua filha.

Uma ligeira brisa fez Harry virar-se na direção da porta, e sentiu uma presença. Estava a aproximar-se, um calor, uma doçura. Embora não conseguisse ver nada, sentiu uma mão na sua testa, tão leve como uma

penugem de dente-de-leão, tão terna como recordava o toque da mão da sua mãe quando era pequeno.

Percorreu-o uma sensação de calor, força e júbilo. Sabia que todas as mulheres desta casa estavam agora em paz. Poderia casar com Tara, viver aqui feliz com os filhos deles, nada de mau voltaria a acontecer. Tara também o sabia, por isso é que dormia tão profundamente.

Sorriu e depois adormeceu, um sono tão profundo quanto o de Tara.

*

Tara parou antes de atravessar Church Street e sorriu. A pintura verde-escura, as montras cintilantes e as letras douradas de «Tara Manning» davam-lhe vontade de soltar gritos de alegria.

Era o primeiro dia de novembro e as lojas já estavam com montras do Natal. A loja tinha reaberto por entre uma vaga de publicidade há duas semanas e agora era já claro que possuíam a fórmula do sucesso. Como ela insistira tantas vezes com Josh, as pessoas não se importavam de pagar pela qualidade; os seus modelos especiais de vestidos de noite estavam a vender-se extremamente bem.

Mas ela e Harry não iam ficar em Londres e brincar às lojas. Daí a três semanas, casar-se-iam e passariam a viver na quinta. Harry, apesar de todo o seu jeito para a organização, não queria passar a vida no mundo da moda feminina. Solly Bergman pusera-os em contacto com uma pequena fábrica ideal para produzir os modelos de Tara e o pessoal que ela herdara de Josh eram todos boas pessoas. Ela podia criar os modelos em casa e talvez umas duas vezes por mês ir a Londres ver como estavam as coisas.

Os seus filhos seriam criados com relva debaixo dos pés, com árvores para treparem, animais para se afeiçoarem e espaço para crescerem, juntamente

com o filho de que Amy e Greg estavam à espera com tanto júbilo.

Tara tinha feito aquilo a que se propusera, dera provas do seu valor, gravara o seu nome numa porção de Londres. Mas a sua vida e o seu coração pertenciam a Harry e à quinta.

Segurava a caixa com bolos com natas cuidadosamente enquanto atravessava a rua a evitar os carros. As empregadas tinham trabalhado no duro desde a abertura, e comprar uns bolos a uma sexta-feira à tarde parecia pouco para mostrar o seu apreço.

– Está cá um senhor para a ver. – Annabel, uma rapariga da alta sociedade, de Knightsbridge, que Tara contratar como gerente, aproximou-se rapidamente quando Tara entrou. – Mande-o entrar para o escritório. Espero ter feito bem?

Tara oferecera aquele posto a Angie, mas ela riu-se e insistiu que ela arranjasse alguém com classe. Miranda tinha por fim entrado no mundo das modelos; agora as empregadas eram todas rostos novos.

– Um vendedor? – perguntou Tara.

– Não me parece. – A testa lisa e bastante grande de Annabel franziu-se. – Acho que é polícia.

Tara lançou um olhar à volta da loja. Era linda, com o seu mobiliário de pinho polido e alcatifa verde-escura, espelhos e uma iluminação discreta. Por vezes, sentia uma vaga de nostalgia daqueles primeiros tempos com Josh, a música *soul* a tocar alta, raparigas de minissaia a clamar por entrarem nos provadores comuns. Mas esses tempos tinham desaparecido, afastados como o cheiro dos pauzinhos de incenso e de óleo de patchuli da antiga loja. Agora era *glam rock*, lantejoulas e cetim.

Josh teria gostado disso. Ter-se-ia pavoneado por ali com os seus sapatos de cunha e um casaco com lantejoulas a fazer de conta que tocava guitarra e a cantar o seu verso preferido dos The Who, «Hope I die before I get old»⁹.

«Bem, teve o que desejava,» disse ela para consigo quando se dirigia para as escadas. «Envelhecer não teria feito o seu género.»

*

– Espero que não sejam más notícias? – Tara estava ligeiramente ofegante por ter subido as escadas a correr. Tinham-se passado algumas semanas desde que ela e Harry haviam contado tudo ao inspetor Morris na esquadra de Bow Street, mas ela adivinhara pelas palavras de Annabel que tinha de ser ele.

Parecia um polícia de giro, embora a sua patente o tivesse retirado do serviço nas ruas há muitos anos. Era alto e encorpado e tinha um maxilar decidido, olhos como frestas e cabelo branco farto.

– Desculpe vir nas horas do expediente – disse ele num tom agradável. – Mas pensei que poderia ser menos intimidativo do que telefonar a marcar uma hora.

– Então não veio para me prender? – Tara tentou sorrir, mas estava nervosa.

– É claro que não. – Sorriu encorajador. – Há alguma hipótese de uma chávena de chá? Podemos falar mais à vontade assim.

Passaram dez minutos até as empregadas lá em baixo fazerem o chá e trazerem um tabuleiro com os bolos, e ela se sentar com o inspetor.

– Bem, o que decidiram? – perguntou, bebendo um gole de chá para ganhar coragem.

– Não tocar mais no assunto. – Em todos os seus anos de serviço, Ron Morris já vira e ouvira tanto que praticamente nada o surpreendia. Mas Tara Manning deixara-o estupefacto.

Conhecera MacDonald, como praticamente todos os agentes da polícia, e ser-lhe dito por esta rapariga linda e bem-falante que era filha dele era incrível. Tornou-se ainda mais incrível à medida que ela foi contando a história oculta sobre Joe Spikes. Mas enquanto desabafava com muita emoção, ele viu que o fardo ia lentamente saindo daqueles ombros finos, e compreendeu então que não iria agravar-lhe o trauma.

– Bem, Tara, olhe para isto do ponto de vista da polícia. Fomos nós que dissemos que a vítima do acidente era o MacDonald. Voltámos a investigar e pensamos que descobrimos a verdadeira identidade daquele corpo e, acredite em mim, não há ninguém por aí que chore a morte dele.

– Quer dizer que não vão fazer nada?

– O que há para fazer? – Encolheu os ombros. – Ir desenterrar uma prova de erro da polícia, para quê? Não vai trazer de volta o padre Glynn nem a sua avó. O MacDonald, ou o Joe Spikes, está morto e bem morto, e admitiu os crimes a si. Se divulgarmos tudo isto, as únicas pessoas que vão ser punidas serão a Tara e a sua mãe.

Invadiram-na alívio, felicidade e gratidão intensos.

– Tem a certeza? Não parece correto – murmurou, baixando um pouco a cabeça.

– Parecer-me-ia muito pior se fosse castigada depois da sua coragem ao vir ter connosco. – Morris abanou a cabeça.

– Mas aquela coisa da tatuagem continua a intrigar-me – disse ela em voz baixa. – É a única coisa que ainda não compreendo.

– Bem, essa é uma história bastante interessante. – Morris sorriu. – Descobri que todos os homens que o seu pai conduziu por aquela selva na Malásia tinham uma. Tinham passado pelo inferno juntos e, quando finalmente chegaram a porto seguro, os seis fizeram a mesma tatuagem, o tordo azul da felicidade, suponho. O homem que morreu no carro era um deles. Tal como o seu pai, virou-se para o crime quando não conseguiu encontrar um nicho apropriado na vida civil. Vai-lhe agradecer saber que os outros quatro se mantiveram na linha, todos homens de família.

– Então o Joe fez aquelas tatuagens todas para esconder essa?

Morris acenou com a cabeça.

– Acho que sim. Mas prefiro pensar que se sentiu culpado por o amigo ter morrido naquele carro. Está a ver, ele devia estar lá também e saltou a tempo. Ficou com as mãos queimadas e a perna e o lado direito do corpo. Provavelmente, foi também por isso que ficou com aquela cicatriz horrenda, porque caiu em cima de umas rochas, e por esse motivo não conseguimos obter as impressões digitais completas. Nunca saberemos pelo que ele passou depois daquele acidente, deve-se ter escondido algures, deve ter passado por um inferno com aqueles ferimentos terríveis. Suponho que foi também por isso que lhe caiu o cabelo.

– Então não vão fazer nada? – Tara sentia um sorriso a começar-lhe nos dedos dos pés e a alastrar-lhe pelo corpo.

– O caso está encerrado. – Retribuiu-lhe o sorriso e depois levou a chávena aos lábios e bebeu um gole. – O tal Wainwright não conhecia mais ninguém a não ser o Bergman, o motivo dele para se envolver no golpe foi puro despeito contra o Harry, e já o temos debaixo de olho. O Joe e o Duke estão mortos, os

outros homens a aguardar julgamento. Na minha opinião, a questão está praticamente encerrada.

– Quase desejo nunca ter confessado a verdade à minha mãe – disse Tara com um suspiro.

– Penso que teria sentido que essa informação cavaría um fosso entre as duas – disse Morris, compreensivo. – Assim, arredou os fantasmas de uma vez por todas. – Bebeu o resto do chá e pôs a chávena na mesa. – E agora vou-me, Tara. Desejo-lhe sorte e felicidade.

Tara pegou na mão que ele lhe estendia entre as suas e apertou-a com força.

– Muito obrigada.

– Digo-lhe uma coisa. – O inspetor sorriu, um pouco hesitante. – O maior castigo do MacDonald foi não a ver como está agora. Eu ficaria muito orgulhoso se fosse minha filha!

*

– Então é isso? Acabou? – Os olhos azuis brilhantes de Harry bailavam com encanto.

– Enterrado de vez. – Tara sorriu. – Caso encerrado.

Harry aproximou-se para a abraçar, fechou os olhos e embalou-a nos braços.

– Então vou ter de te contar a minha boa notícia agora – disse, depositando beijinhos no nariz e nas faces dela.

– Que boa notícia?

– Trespassei o clube, ou pelo menos por cinco anos. – Sorriu. – A maior parte do pessoal, incluindo o Needles e Tony, ficam com o novo dono. Ganhei uma boa maquia para modernizar a quinta. Daqui a uns anos

vendemos o prédio por uma pipa de massa e entretanto vou ter regularmente uma quantia razoável da renda. O que poderia ser melhor?

– Ser levada para a cama por ti com uma garrafa de champanhe fresquinho para celebrar? – Tara ergueu uma sobrancelha.

Num momento estava de pé, no seguinte ele tinha-a nos braços e estava a levá-la na direção da porta.

– Não tenho champanhe neste momento. – Riu-se enquanto se encaminhava para as escadas com ela nos braços. – Mas não preciso que me peças duas vezes para te levar para a cama!

⁹ Espero morrer antes de ficar velho. (*N. da T.*)

AGRADECIMENTOS

A Louise Moore, a minha editora, pelos seus inesgotáveis entusiasmo, sabedoria e encorajamentos.

A Darley Anderson, o meu agente, por acreditar em mim.

A Richard e Vivienne Flowers, com a esperança de que não se importem que eu tenha criado uma história inteiramente fictícia na quinta. A Margaret e Mike Barber pelas suas recordações de crescerem em Chew Magna.

Agradeço a Dennis Spear pelas suas reminiscências de um valor incalculável da vida numa aldeia. À biblioteca de Tower Hamlets pelo auxílio prestado à minha pesquisa, e à Westminster Training and Development Association por me permitir dar uma espreitadela aos seus escritórios em Paradise Row.

O meu pedido de desculpa a Port Lympne por vaguear pelos vossos terrenos quando estavam vazios e descurados. Um dia voltarei para ver os tigres e os gorilas.

Por último, mas não menos importante, agradeço a James Kellow e a Tony por me terem ensinado a jogar póquer.